capa_final-v2.pdf 16/07/2012 10:52:31

alfabetizar e conscientizar | PAULO FREIRE, 50 ANOS DE ANGICOS

alfabetizar e conscientizar

PAULO FREIRE, 50 ANOS DE ANGICOS

Instituto PauloFreire
Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura
Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura
Ed,L Editora e Livraria Instituto Paulo Freire
Ministério da Educação
GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

ORGANIZADOR **MOACIR GADOTTI**

alfabetizar e conscientizar

PAULO FREIRE, 50 ANOS DE ANGICOS

Ana Paula Rufino dos Santos, Anderson Fernandes de Alencar,
Carlos Alberto Torres, Carlos Rodrigues Brandão,
Cinara Ribeiro Damasceno Dantas, Éder Jofre Marinho Araújo,
Elisa Motta de Souza Siqueira, Fátima Freire Dowbor,
Francisco das Chagas Fernandes, Hailton Mangabeira, Jason Ferreira Mafra,
José Eustáquio Romão, Luís Alcoforado, Luiz Lobo,
Marcos Guerra, Maria das Graças da Cruz Barbosa,
Maria Elizete Guimarães Carvalho, ***Moacir Gadotti*** *(org.),*
Nilcéa Lemos Pelandré, Osmar Fávero,
Rita Diana de Freitas Gurgel, Sílvia Manfredi,
Sónia Mairos Ferreira, Vicente Vitoriano Marques Carvalho

Instituto PauloFreire
Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura
Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura
Ed,L Editora e Livraria Instituto Paulo Freire
Ministério da Educação
GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

miolo_vfinal.indd 1 16/07/2014 13:05:15

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Alfabetizar e conscientizar : Paulo Freire,
50 anos de Angicos / Moacir Gadotti, organizador.
1. ed. – São Paulo : Instituto Paulo Freire, 2014.

Bibliografia

ISBN: 978-85-60867-15-8

1. Alfabetização 2. Conscientização - Educação
3. Freire, Paulo, 1921-1997 4. Política educacional
I. Gadotti, Moacir.

14-07001 CDD-374.012

Índices para catálogo sistemático:
1. Método Paulo Freire : Alfabertização : Educação 374.012

Instituto Paulo Freire
Rua Cerro Corá, 550, 1º andar, sala 10
São Paulo - SP - Brasil
(11) 3021-5536
www.paulofreire.org
ipf@paulofreire.org

miolo_vfinal.indd 2 16/07/2014 12:38:47

Quando a educação não é libertadora,
o sonho do oprimido é ser o opressor.

Paulo Freire

miolo_vfinal.indd 3 16/07/2014 12:38:47

miolo_vfinal.indd 4 16/07/2014 12:38:51

Expediente

Ministério da Educação

José Henrique Paim Fernandes
Ministro de Estado da Educação

Luiz Cláudio Costa
Secretário Executivo

Francisco das Chagas Fernandes
Secretário Executivo Adjunto

Comissão *Paulo Freire – 50 anos de Angicos*, criada dia 6 de novembro de 2012, pelo Ministro da Educação Aloizio Mercadante, através da Portaria nº 1.319.
Francisco das Chagas Fernandes (Coordenador); Betania Leite Ramalho; Maria Eliete Santiago; José de Arimatea de Matos; José Eustáquio Romão; Mauro José da Silva; Moacir Gadotti; Timothy Ireland e Genuíno Bordignon (Secretário)
Membros da Comissão

Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura

Álvaro Marchesi
Secretário-Geral

Ivana de Siqueira
Diretora no Brasil

Instituto Paulo Freire

Paulo Freire
Patrono

Moacir Gadotti
Presidente de Honra

Alexandre Munck
Diretor Administrativo-Financeiro

Ângela Antunes, Francisca Pini
e Paulo Roberto Padilha
Diretores Pedagógicos

Alessandra Rodrigues
Coordenadora da Educação de Adultos

Janaina Abreu
Coordenadora Gráfico-Editorial

Ana Luísa Vieira
Preparadora de Textos

Sonia Couto
Revisora Pedagógica

Agnaldo Alves
Revisor Técnico

Isis Brandão
Identidade Visual, Projeto Gráfico,
Diagramação e Arte-Final

Emília Silva
Assistente de Produção Gráfico-Editorial

Camila Téo
Pesquisadora de Originais e Assessora Técnica

Sabrina Abbas
Pesquisadora de Texto e Imagem

Pablo Borges
Xilogravura da Capa e
Elementos do Projeto Gráfico

Cromosete
Impressão

Agência Brasil (ABr) e Arquivo IPF
Imagens

miolo_vfinal.indd 6 16/07/2014 12:38:51

Sumário

Apresentação 13
Brasil celebra os 50 anos de Angicos
Francisco das Chagas Fernandes

Introdução. 21
A década que queria mudar tudo no Brasil
José Eustáquio Romão

Parte 1
Dois de abril de 1963,
uma data para lembrar 37

1.1. *Discurso do governador Aluizio Alves* 39
1.2. *Discurso do alfabetizando Antônio Ferreira* 41
1.3. *Discurso do presidente João Goulart* 43
1.4. *Discurso de Paulo Freire* 47

Parte 2
Uma experiência revolucionária 61

2.1. *Roteiro das 40 horas de Angicos* 62
2.2. *Experiência de Angicos: esclarecimentos da direção executiva do SECERN* 66
2.3. *A hora e a vez de Angicos* | Luiz Lobo. 71

Parte 3
O Sistema Paulo Freire 81

3.1. *As 40 horas de Angicos: um legado* | Marcos Guerra 83
Os fatos • O contexto • Inovar, sistematizar e consolidar • Conclusões para uma política pública

3.2. *As fichas de cultura do Sistema de Alfabetização Paulo Freire: um "Ovo de Colombo"* | Osmar Fávero e Elisa Motta de Souza Siqueira. 91
Contrapondo as definições • A incorporação desses conceitos pelos movimentos de cultura e Educação Popular • O conceito antropológico de cultura • As fichas de cultura • Moral da história

3.3. *Alfabetização conscientizadora em Educação Popular* | Carlos Rodrigues Brandão. 113
A Educação Popular no Brasil • Ensinar aprendendo e aprender ensinando • Considerações finais

3.4. *Ensinar e aprender com Paulo Freire: 40 horas 40 anos depois* | Nilcéa Lemos Pelandré 123
O processo da leitura e da escrita • O que pudemos constatar? • A que se atribui o sucesso da Experiência de Angicos?

Parte 4
História e memória 145

4.1. *Memórias da educação: a alfabetização de jovens e adultos em 40 horas – Angicos (RN), 1963* | Maria Elizete Guimarães Carvalho e Maria das Graças da Cruz Barbosa 146
Articulação entre história e memória • Trilhando a história e as memórias das 40 horas de Angicos • Considerações finais

4.2. *Educação de Jovens e Adultos: caminhos e significados para a Experiência de 1963* | Ana Paula Rufino dos Santos 166
O caminho percorrido • *O resgate histórico: o que dizem os angicanos sobre Paulo Freire e seu trabalho* • *Costurando os achados*

4.3. *As imagens no Método Paulo Freire na Experiência de Angicos (RN), 1963* | Vicente Vitoriano Marques Carvalho 176

Parte 5
Angicos revisitado. 195

5.1. *1993, Paulo Freire em Angicos 30 anos depois* 196
Cidadão honorário de Angicos • *A lição foi aprendida* • *Um legado de luta e de esperança* • *"Nós queríamos formar para a cidadania"* • *Emoção marca encontro com ex-alunos de Paulo Freire*

5.2. *Angicos, 50 anos depois: 2 de abril de 2013* 222
Saudação do prefeito de Angicos | Júnior Batista • *Saudação de* Lutgardes Costa Freire • *As 40 horas de Angicos: vítimas da Guerra Fria?* | Marcos Guerra • *Cidadã Honorária Angicana* | Valquíria Felix da Silva • *Analfabetismo deve ser considerado como "pobreza extrema"* | Moacir Gadotti • *É preciso retomar Angicos* | José Eustáquio Romão • *Por que os movimentos progressistas portugueses escolheram Paulo Freire* | Luís Alcoforado • *"Eu estive lá"* | Fátima Bezerra • *Memorial Paulo Freire: Museu e Centro de Formação* | José de Arimatea de Matos • *Celebrar Angicos e firmar o Pacto pela EJA no RN* | Betania Leite Ramalho

5.3. *Experiência viva e celebrada* | Anderson Fernandes de Alencar. 254
Celebrações promovidas pela Comissão Paulo Freire – 50 anos de Angicos • *Celebrações promovidas por outras organizações e governos* • *Eventos nacionais e internacionais que contaram com o selo de Angicos*

Parte 6
Significado atual de Angicos 289

6.1. *Alfabetizar e politizar: Angicos, 50 anos depois* | Moacir Gadotti. 291
O que foi Angicos • O Sistema Paulo Freire • O Programa Nacional de Alfabetização • Significado político-pedagógico de Angicos • Melhor homenagem a Paulo Freire: eliminar o analfabetismo

6.2. *De Angicos para o outro lado do Atlântico: os apelos portugueses ao pensamento e à práxis de Paulo Freire na década de setenta do século 20* | Luís Alcoforado e Sónia Mairos Ferreira 328
Primeiras experiências de utilização do Método Paulo Freire em Portugal • Paulo Freire em tempos de revolução • Algumas notas conclusivas

6.3. *Cinquenta anos depois de Angicos: Paulo Freire, a Educação Popular e a luta pela possibilidade de um mundo melhor* | Carlos Alberto Torres 342
Paulo Freire e a Educação Popular • Minha última conversa com Paulo Freire • Um pouco mais de um ano atrás (Para Paulo Freire)

6.4. *Pedagogia do oprimido: do manuscrito à universidade popular* | Jason Ferreira Mafra 355
Angicos e a Pedagogia do oprimido • *Paulo Freire e a Educação Superior*

6.5. *De Angicos ao Programa Nacional de Alfabetização* | Sílvia Manfredi 361
Um objeto de estudo • O Programa Nacional de Alfabetização (PNA) de 1964 • Revisitando a experiência do PNA com os olhos no futuro da Educação de Jovens e Adultos no Brasil • Reinventando a proposta em função de novos contextos espaço-temporais

miolo_vfinal.indd 10 16/07/2014 12:38:51

Parte 7
A semente foi plantada.....383

7.1. *Paulo Freire, um precursor* | Fátima Freire Dowbor *385*

7.2. *Quarenta horas de Angicos: a causa continua, renova-se* | Cinara Ribeiro Damasceno Dantas 390

7.3. *A atualidade da pedagogia de Paulo Freire na transformação da educação no semiárido norte-rio-grandense* | Éder Jofre Marinho Araújo e Rita Diana de Freitas Gurgel 392

7.4. *O Jogo das Palavras-Semente: um jogo para jogar **so**mente com palavras... e com a **mente*** | Carlos Rodrigues Brandão 413

7.5. *Angicos 40 horas, 50 anos depois – Cordel nº 113* | Hailton Mangabeira 426

7.6. *Cinquenta anos de Angicos e do Programa Nacional de Alfabetização (cronologia)* | Moacir Gadotti 431

miolo_vfinal.indd 12 16/07/2014 12:38:55

Apresentação

Brasil celebra os 50 anos de Angicos

Francisco das Chagas Fernandes
Coordenador da Comissão Paulo Freire, 50 anos de Angicos – *Ministério da Educação*

Há 50 anos ocorria, em Angicos (RN), uma experiência educacional que notabilizou, nacional e internacionalmente, o educador Paulo Freire e sua proposta pedagógica. O projeto político-pedagógico deste grande educador brasileiro foi fundamentalmente um repensar da própria educação, em geral, e da educação pública, em particular, como uma contribuição para a constituição da democracia e da cidadania.

Ao se tornar o Patrono da Educação Brasileira pela Lei nº 12.612, de 13 de abril de 2012, sancionada pela presidenta da República Dilma Rousseff, o legado do educador pernambucano passou a ser o *ethos* de toda a educação brasileira.

Diário Oficial da Cid
quinta-feira, 7 de fevereiro de 2013
O SR. CARLOS ALBERTO MENDES DE LIMA
Reprodução

O *Diário Oficial da Cidade de São Paulo*, de 7 de fevereiro de 2013, divulga a 7ª edição do Prêmio Paulo Freire e relembra a Lei nº 12.612/2012, que declara Paulo Freire Patrono da Educação Brasileira

Angicos, além de símbolo da luta contra o analfabetismo no Brasil, é marco da universalização da educação em todos os graus, superando a visão elitista. Angicos foi um projeto de cultura popular que imaginou e concebeu uma política nacional de educação para uma sociedade democrática com justiça social.

A experiência de alfabetização de adultos de Angicos foi iniciada no dia 18 de janeiro de 1963, com a aula inaugural de Paulo Freire, na presença de Aluizio Alves, governador do estado do Rio Grande do Norte. A conclusão da 1ª turma ocorreu no dia 2 de abril de 1963, com a cerimônia de entrega de certificados aos que haviam se alfabetizado (cerca de 300 angicanos) na presença do presidente da República João Goulart e de vários governadores do Nordeste.

Considerando o seu significado histórico, em setembro de 2005, o presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva esteve em Angicos na cerimônia de entrega dos certificados de alfabetização de três mil alunos do Projeto MOVA-Brasil / Brasil Alfabetizado.

Dia 6 de novembro de 2012, o ministro da Educação Aloizio Mercadante, através da Portaria nº 1.319, criou a Comissão Organizadora do programa de comemorações *Paulo Freire – 50 anos de Angicos*, composta por: Francisco das Chagas Fernandes (Coordenador); Betania Leite Ramalho; Maria Eliete

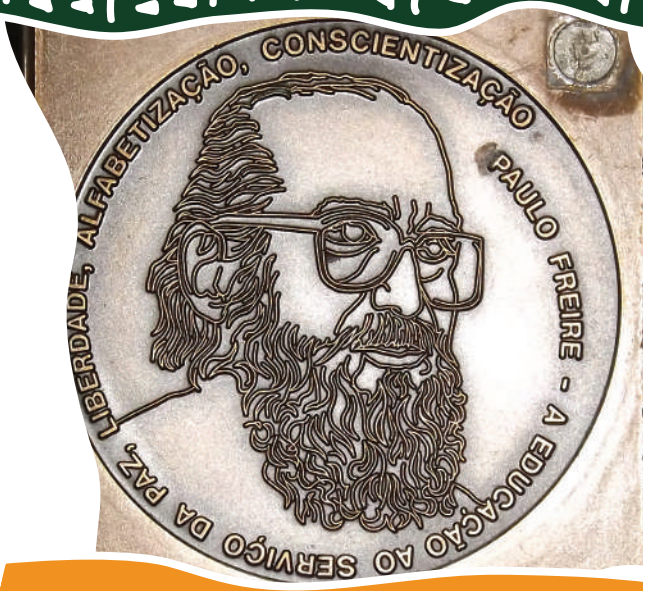
O então presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a formatura do Projeto MOVA-Brasil na cidade de Angicos (RN), em 3 de setembro de 2005

Foto: Agência Brasil (ABr)

Santiago; José de Arimatea de Matos; José Eustáquio Romão; Mauro José da Silva; Moacir Gadotti; Timothy Ireland. O professor Genuíno Bordignon foi indicado como Secretário desta Comissão, que tinha como principal objetivo "avançar nas políticas e ações de alfabetização, por meio do resgate do *ethos* freiriano da educação de adultos e que transcendam o caráter meramente comemorativo, ganhando conteúdo pedagógico para dar continuidade ao *ethos* freiriano na educação brasileira".

A agenda de celebrações propostas pela Comissão incluía, entre outras ações, a redefinição da política nacional de educação de jovens e adultos. Certamente, a melhor homenagem que poderíamos prestar a Paulo Freire, na passagem dos 50 anos de Angicos, sintetiza-se em um esforço nacional pela universalização da alfabetização no Brasil. Esse é o sentido maior das celebrações propostas pela Comissão. Como um dos componentes desta política, a Comissão propôs a criação de um Pacto pela Alfabetização de Jovens e Adultos, nos moldes do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.

Uma série de eventos foram propostos e realizados no ano de 2013. Entre esses eventos, podemos destacar o Encontro realizado em Angicos, nos dias 2 e 3 de abril de 2013, quando foram homenageados alfabetizadores e alunos alfabetizados por Paulo Freire em 1963, e foi realizado o lançamento do Memorial Paulo Freire: Museu e Centro de Formação, no campus da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa) e do Pacto Paulo Freire para a Educação de Jovens e Adultos do RN.



A Medalha Paulo Freire *(na foto, versão de setembro de 2013)* foi criada pelo Ministério da Educação para reconhecer e estimular personalidades e instituições que tenham ações educacionais voltadas à EJA no Brasil

Cerca de 440 pessoas participaram do XIII Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos (Eneja), entre os dias 10 e 13 de setembro de 2013, em Natal (RN). Na cerimônia de abertura, com a participação de aproximadamente 1.000 convidados, foi realizada atividade celebrativa dos 50 anos de Angicos, com a entrega da *Medalha Paulo Freire*, que tem por objetivo identificar e premiar experiências educacionais que promovam políticas,

miolo_vfinal.indd 15 16/07/2014 12:39:06

programas e projetos cujas contribuições sejam relevantes para a educação de jovens e adultos no Brasil. Os projetos inscritos foram analisados pelos membros da Comissão Nacional de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos (CNAEJA) e selecionados para receber a medalha, em 2013, projetos da Prefeitura Municipal de Piraúba, na Zona da Mata (MG), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (RO), da Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo (SP), da Secretaria Municipal de Maracanaú (CE) e da Prefeitura Municipal de Uberlândia (MG). A Secretaria Municipal de Educação de Manaus (AM) foi agraciada com uma menção honrosa. Ainda no contexto de comemoração, foi lançado pelos Correios, representado pelo diretor regional José Alberto Brito, o *selo* personalizado e o *carimbo* comemorativo alusivo aos 50 anos da experiência de Paulo Freire em Angicos *(veja página 255)*.

A Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em parceria com o Centro Paulo Freire, organizou um grande colóquio no campus Recife, no período 19 a 21 de setembro de 2013, semana do aniversário de Paulo Freire, que teve como tema central a *Educação como Prática da Liberdade: saberes, vivências e (re)leituras em Paulo Freire*. Foram previstas para o encontro participações de integrantes da América Latina, África e Europa, num montante de 1.200 inscritos, entre estudiosos do pensamento freiriano, educadores, profissionais de diferentes áreas do conhecimento, participantes de movimentos sociais, estudantes da graduação e pós-graduação e pessoas interessadas nas ideias de Paulo Freire, bem como em conhecer e trocar experiências sobre a prática freiriana na educação, o que resultou em uma ativa participação das massas. No evento, Paulo Freire também foi homenageado com a inauguração de um *busto*.

Em novembro de 2013, a Universidade Nove de Julho (Uninove), em São Paulo, sediou o *Encontro Paulo Freire e a Educação Superior*. Na ocasião, o ex-ministro da Agricultura de Salvador Allende, Jacques Chonchol, passou ao representante do ministro da Educação Aloizio Mercadante e presidente da Comissão, o professor Francisco Chagas, os manuscritos originais do livro *Pedagogia do oprimido,* que estavam em seu poder desde que Paulo Freire os entregou, a ele e a sua esposa, na primavera de 1968. Neste evento foi também lançado o livro comemorativo *Pedagogia do oprimido (o manuscrito)*, de Paulo Freire.

Um *site* criado pelo Instituto Paulo Freire, contendo também um *link* com o acervo digital da obra de Paulo Freire, traz toda a extensa programação das celebrações dos 50 anos de Angicos, identificadas por um selo comemorativo. O *site* dos 50

miolo_vfinal.indd 16 16/07/2014 12:39:06

anos de Angicos, e do Programa Nacional de Alfabetização (PNA), é um espaço virtual criado para visibilizar as atividades relacionadas à celebração da experiência emancipadora de alfabetização realizada em Angicos e o PNA. Ele relata as atividades de Angicos e sua relevância histórica, o programa de eventos e correlatos, faz a compilação de registros fotográficos, vídeos e textos referentes à experiência e a recepção de atividades autogestionadas por parte de pessoas e instituições em todo o mundo relacionadas à experiência inovadora de alfabetização.

Angicos foi um projeto de Educação Popular, uma política pública de Educação Popular, que reconhecia os diferentes saberes, respeitando a cultura popular e os direitos humanos. Com o diálogo e o protagonismo das pessoas na conquista do direito de dizer a sua palavra, possibilita-se a conscientização e a leitura crítica da realidade, para atuar nela como cidadãos ativos e transformá-la.

A ministra da Cultura Marta Suplicy recebe, em seu gabinete, José Eustáquio Romão (*à esq.*) e Eduardo Storópoli, reitor da Universidade Nove de Julho, que lhe entregaram um exemplar do livro *Pedagogia do oprimido (o manuscrito)*, em fevereiro de 2014

Foto: Elisabete Alves da Silva/ Ministério da Cultura

Paulo Freire percebeu que os jovens e adultos desistiam de cursos de alfabetização porque não se sentiam incluídos no seu processo de alfabetização. Para motivá-los a permanecer no curso, Freire despertava o seu interesse partindo do seu contexto, da sua práxis, das suas palavras geradoras, do que realmente lhes interessava.

Este livro divide-se em *sete partes*.

No início, reproduzimos os discursos proferidos no dia 2 de abril de 1963 pelo governador Aluizio Alves, pelo alfabetizando Antônio Ferreira, pelo presidente João Goulart e por Paulo Freire, na ocasião da formatura da primeira turma de Angicos.

Na segunda parte são apresentados os esclarecimentos da Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Norte, o roteiro das 40 horas de Angicos e a repercussão na imprensa, em artigo de Luiz Lobo.

A terceira parte trata do Sistema Paulo Freire nas análises de Marcos Guerra, Carlos Rodrigues Brandão, Nilcéa Lemos Pelandré, Osmar Fávero e Elisa Motta de Souza Siqueira, em que fica realçada a contribuição de Paulo Freire ao movimento de educação e Educação Popular.

Em três artigos que se completam, a quarta parte retoma a história e a memória das 40 horas de Angicos, analisando seu percurso e seu significado, nas apresentações de Maria Elizete Guimarães Carvalho, Maria das Graças da Cruz Barbosa, Ana Paula Rufino dos Santos e de Vicente Vitoriano Marques Carvalho.

Na quinta parte deste livro, revisitamos Angicos, primeiro com Paulo Freire, em 1993, trinta anos depois, em sua "visita sentimental", quando recebeu o título de cidadão honorário de Angicos e, depois, em 2013, cinquenta anos depois, com seu filho Lutgardes Freire, autoridades, especialistas e um numeroso grupo de educadores e membros da Comissão dos "50 anos de Angicos" em um memorável encontro dos coordenadores de Círculos de Cultura e alfabetizandos de 1963. A emoção marcou o encontro com ex-alunos de Paulo Freire. Esta parte é completada por uma visão geral das principais celebrações dos 50 anos de Angicos, conforme texto apresentado por Anderson Alencar.

A sexta parte foi dedicada à análise do significado atual de Angicos. Moacir Gadotti retoma Angicos sob seu principal objetivo: "alfabetizar e politizar". Luís Alcoforado e Sónia Mairos Ferreira mostram como a Experiência de Angicos repercutiu no outro lado do Atlântico, nas primeiras experiências de utilização do Método Paulo Freire em Portugal. Carlos Alberto Torres vê a Experiência de Angicos como uma contribuição para a Educação Popular e a construção de um mundo melhor. O texto de Jason Mafra, *Pedagogia do oprimido: do manuscrito à universidade popular*,

miolo_vfinal.indd 18 16/07/2014 12:39:06

sustenta que, a partir de Angicos, nasce também um conceito novo de educação superior. Sílvia Manfredi analisa a Experiência de Angicos como um projeto-piloto do Programa Nacional de Alfabetização criado por João Goulart em 1964.

A semente foi plantada. Fátima Freire Dowbor vê o "precursor" Paulo Freire em uma visão prospectiva. Cinara Ribeiro Damasceno Dantas retoma a valiosa contribuição histórica para a mobilização da população no combate ao analfabetismo e reafirmação da cidadania em Angicos. Éder Jofre Marinho Araújo e Rita Diana de Freitas Gurgel analisam a atualidade da pedagogia de Paulo Freire na transformação da educação no semiárido norte-rio-grandense, e Carlos Brandão retoma as "palavras-semente" de Paulo Freire em um jogo dirigido a todas as pessoas, de todas as idades. Já Hailton Mangabeira retoma a trajetória dos 50 anos de Angicos por meio de um cordel. Finalmente, o livro é encerrado com uma cronologia articulando Angicos com o Programa Nacional de Alfabetização.

Vivemos um momento novo e virtuoso na educação brasileira, com grandes realizações no acesso à Educação Infantil e ao Ensino Superior, na expansão do Ensino Técnico e da Educação Integral, na política de educação inclusiva e na melhoria da educação básica em busca de sua democratização. Angicos nos inspira a continuar nesse processo, ampliando a luta pelo fim do analfabetismo na vida de milhões de jovens e adultos brasileiros, como compromisso de um governo democrático e popular. Esta poderá ser uma marca fundamental de um "Brasil sem miséria", pois é sabido que o analfabetismo é fator e produto da miséria de um povo. A educação das classes trabalhadoras tem sido mais domesticadora do que emancipadora. Precisamos educar para a justiça social. O mundo precisa ser melhor, mais justo e solidário, e uma educação emancipadora pode ajudar a construir esse outro mundo possível.

miolo_vfinal.indd 19 16/07/2014 12:39:06

miolo_vfinal.indd 20 16/07/2014 12:39:10

Introdução

A década que queria mudar tudo no Brasil

José Eustáquio Romão
Professor e diretor do Programa de Doutorado e Mestrado em Educação da Universidade Nove de Julho (Uninove); membro do Conselho Nacional de Educação e diretor-fundador do Instituto Paulo Freire

Esta não é a primeira vez que tento contextualizar a elaboração de uma obra relacionada a Paulo Freire. Quando, ainda em vida, me autorizou, depois de muita insistência, a publicar *Educação e atualidade brasileira*, solicitou-me, "dada minha formação como historiador", reconstituir o contexto dos anos 60 do século 20, já que a escrevera no último ano da década de 50 do mesmo século e, certamente, a considerava como "obra datada". De fato, junto com *Educação como prática da liberdade* (1967), que é uma espécie de *Educação e atualidade brasileira* passada a limpo, este é o único livro de Paulo Freire que trata de um contexto específico da história do Brasil.

É bem verdade que, em *Cartas a Guiné-Bissau*, também abordou o contexto de um país africano que lutava pela independência em relação a Portugal. Mas, excetuando estes três textos, todas as demais obras do educador pernambucano não se referem a contextos específicos.

Quando o convenci sobre a conveniência da publicação da *Tese de concurso para a cadeira de História e Filosofia da Educação na Escola de Belas-Artes de Pernambuco* (1959)[1], com o título de *Educação e atualidade brasileira*, que escrevera em Recife, tive grande preocupação com o texto que produzi sobre o contexto brasileiro dos anos 60 do século 20, porque não

1. Editada artesanalmente pelo autor para apresentação ao concurso mencionado, serviu de base para a edição em livro, pela Cortez Editora, em 2001. A obra vem sendo reeditada com frequência e em grandes tiragens, tendo sido traduzida para o espanhol e publicada pela Editora Siglo XXI, no México, onde foi lançada na Feira Internacional do Livro, realizada em Guadalajara, em 2001.

miolo_vfinal.indd 21 16/07/2014 12:39:11

pude mostrá-la a Paulo Freire, para que o aprovasse, porque só consegui concluí-lo depois do falecimento dele em 1997. Para ter um quadro contextual o mais fiel possível aos desejos que eu imaginara serem os de Paulo Freire, quando se convenceu de que era oportuno publicar a *Educação e atualidade brasileira*, resolvi incorporar outros contextos em que a elaboração da obra se dera. Recorri aos filhos de Paulo Freire e pedi-lhes que analisassem o contexto familiar da época em que ele escrevera a "Tese...". Recorri também a um amigo de Paulo Freire, Paulo Rosas, para que descrevesse analiticamente o contexto da Cidade de Recife, já que ambos os Paulos foram contemporâneos em suas preocupações políticas e educacionais na época da formulação da obra por Paulo Freire. Assim, munido das análises dos contextos familiar e municipal, reelaborei minhas abordagens sobre o contexto nacional da primeira metade da década de 1960 e, com o conjunto dos três contextos, construí a introdução à edição póstuma de *Educação e atualidade brasileira.*

Agora, devo retornar ao mesmo contexto, para aí situar o trabalho que Paulo Freire, com um grupo de estudantes, realizou em Angicos, nos inícios dos anos 60 do século 20, antes de escrever e publicar *Educação como prática da liberdade* (1967), que é uma espécie de passagem a limpo de *Educação e atualidade brasileira* (1959) e do trabalho que realizara no sertão do Rio Grande do Norte. E ambas atualizações podem ser facilmente detectadas em *Educação como prática da liberdade*: nos três primeiros capítulos do livro (FREIRE, 1994, p. 47 e segs.), ele retoma as reflexões sobre o Brasil "em transição", com sua "inexperiência democrática", confrontando-se com a emergência popular na política; já no último capítulo e no apêndice do livro, relaciona de forma definitiva

José Eustáquio Romão *(à esq.),* Paulo Freire e Moacir Gadotti na inauguração dos *Arquivos Paulo Freire,* no IPF, em 1996

educação e conscientização[2], aprimorando os princípios, as metodologias, os procedimentos e os passos para o desenvolvimento de um trabalho objetivo de educação com adultos, certamente calcado na experiência consolidada em Angicos. Depois de dedicar quase dois terços do capítulo 4 para demonstrar os princípios de uma Educação Popular, baseada no diálogo, no reconhecimento das vantagens epistemológicas dos(as) analfabetos(as) e no processo de conscientização, aperfeiçoa o que chama de "execução prática" dos Círculos de Cultura. O apêndice é constituído pelas dez "situações existenciais que possibilitam a apreensão do conceito de cultura" (*id.*, *ib.*, p. 131) criadas por Paulo Freire, acompanhadas das ilustrações a bico de pena[3]. Não resta a menor dúvida de que a maturidade com que trata o que se poderia denominar Método Paulo Freire, em *Educação como prática da liberdade*, constitui uma sistematização do que desenvolvera em Angicos.

Foi preciso esperar o exílio para que Paulo Freire tivesse tempo para atualizar os, certamente, apressados registros de reflexões destinadas a uma prova de concurso, que se objetivou em *Educação e atualidade brasileira*, bem como para sistematizar as experiências que desenvolvera no Brasil e no Chile sobre Educação Popular.

Vamos dar a palavra ao prefaciador de *Educação como prática da liberdade*, Francisco C. Weffort, para compreender melhor esta transformação de Paulo Freire em escritor:

> Este ensaio de Paulo Freire nos propõe as linhas mestras de sua visão pedagógica e de seu método de ensino. Contudo convém ter presente desde o início que não se trata apenas da exposição de mais uma teoria educacional. O autor não é um mero espectador na história de seu povo, de modo que as ideias aqui apresentadas trazem, claras e explícitas, as marcas da experiência vivida pelo Brasil nestas últimas décadas. Paulo Freire soube reconhecer com clareza as prioridades da prática nesta etapa crucial assinalada pela emergência política das classes populares e pela crise das elites dominantes. Assim, até a elaboração do presente livro – escrito, depois

2. Esta é a razão, a nosso juízo, de diferenciar alfabetização de letramento, já que ela significa uso social da língua em que se foi alfabetizado, porque ela implica conscientização. Em outro trabalho, a ser proximamente publicado, trato da questão com mais detalhes.

3. O próprio Paulo Freire, neste texto, explica: "Por nos terem tomado os originais do pintor Francisco Brennand, que expressavam as situações existenciais para a discussão do conceito de cultura, solicitamos a Vicente de Abreu, outro pintor brasileiro, hoje também no exílio, que as refizesse. Seus quadros não são uma cópia de Brennand, ainda que haja necessariamente repetido a temática".

miolo_vfinal.indd 23 16/07/2014 12:39:12

> da queda do governo Goulart, nos intervalos das prisões e concluído no exílio – suas ideias alcançaram projeção em todo o Brasil, menos através de textos de estilo acadêmico que das conferências ao grande público e das polêmicas com os adversários do movimento de educação popular que criou e dirigiu nos últimos anos anteriores ao golpe de Estado de 1964. A urgência dos problemas de organização e de coordenação deste movimento de democratização da cultura deixou ao autor menos tempo do que ele teria desejado para a elaboração teórica. Havia que aproveitar as possibilidades institucionais abertas à mobilização popular para atacar de frente a meta da alfabetização. A teoria teve de esperar que o exílio do autor lhe permitisse um esforço de sistematização. (WEFFORT, 1994, p. 11).

As reflexões de Weffort, que seriam desdobradas em obras posteriores (1978 e 1979), constituem uma das melhores análises do contexto do final da primeira metade da década de 1960, quando a maioria dos intelectuais brasileiros progressistas teve de se exilar. E um dos caminhos mais procurados era o do Chile, por causa do regime democrata-cristão instalado naquele país. Ninguém poderia imaginar que, logo em seguida, também o Chile entraria no torvelinho das ditaduras militares latino-americanas.

1. A década das ditaduras na América Latina

Na "Década que mudou tudo", conforme trombeteava uma revista brasileira da época (VEJA, 1969), que tentava analisar os avanços democráticos dos anos 60 do século 20, a América Latina afundava-se na escuridão das ditaduras militares.

É bem verdade que os movimentos contra o Estado de Direito já vinham se insinuando no subcontinente desde a década de 50 do mesmo século, porque toda a movimentação militar de que resultaram os golpes e a implantação de ditaduras nos vários países latino-americanos decorriam de um mesmo fator: a intervenção norte-americana no subcontinente, dada a disputa interimperialista entre as potências que emergiram no pós-guerra e desencadearam a chamada "Guerra Fria".

Para doutrinar seus potenciais aliados, os Estados Unidos mantiveram, de 1946 a 1984, a "Escola das Américas", localizada no Panamá, nela buscando formar lideranças militares, das quais emergiram alguns dos futuros ditadores da América Latina, como, por exemplo, Leopoldo Galtieri da Argentina.

miolo_vfinal.indd 24 16/07/2014 12:39:12

Com o "esquentamento" da Guerra Fria na Coreia e temendo que o mesmo acontecesse no subcontinente latino-americano, os Estados Unidos requentaram a Doutrina Monroe[4], agora para aplicá-la contra uma potencial infiltração da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) na América Latina, para manter seus países orbitando a "Cortina de Dólar", expostos à sua própria sanha neocolonizadora, numa fase mais avançada da acumulação capitalista.

Embora tenha apoiado golpes de Estado em vários países desde meados da década de 50 do século passado, após a vitória da Revolução Cubana, em 1959, os Estados Unidos radicalizaram sua presença no subcontinente, certamente com receio de que ocorresse uma escalada de "Sierras Maestras" na América Latina. Uma das expressões dessa radicalização foi a formulação e a instalação da Aliança para o Progresso, em 1961, pelo presidente John Kennedy, no sentido de abrandar as tensões econômicas e sociais que poderiam levar os países do subcontinente para os braços da "Cortina de Ferro". Ainda que o fracasso da Aliança para o Progresso não tivesse atirado os países latino-americanos para os braços do bloco soviético, Nixon extinguiu o programa em 1969, mesmo porque as ditaduras estavam firmemente consolidadas no subcontinente.

Em pouco mais de duas décadas (1954-1976), praticamente toda a América Latina fora mergulhada em ditaduras militares: Alfredo Stroessner, no Paraguai (1954); Carlos Castillos Armas, na Guatemala (1954); Leopoldo Galtieri, na Argentina (1962); Humberto de Alencar Castelo Branco, no Brasil (1964); Juan Velasco Alvarado, no Peru (1968); Hugo Banzer Suárez, na Bolívia (1971); Augusto Pinochet, no Chile (1973); Juan María Bordaberry, no Uruguai (1973).

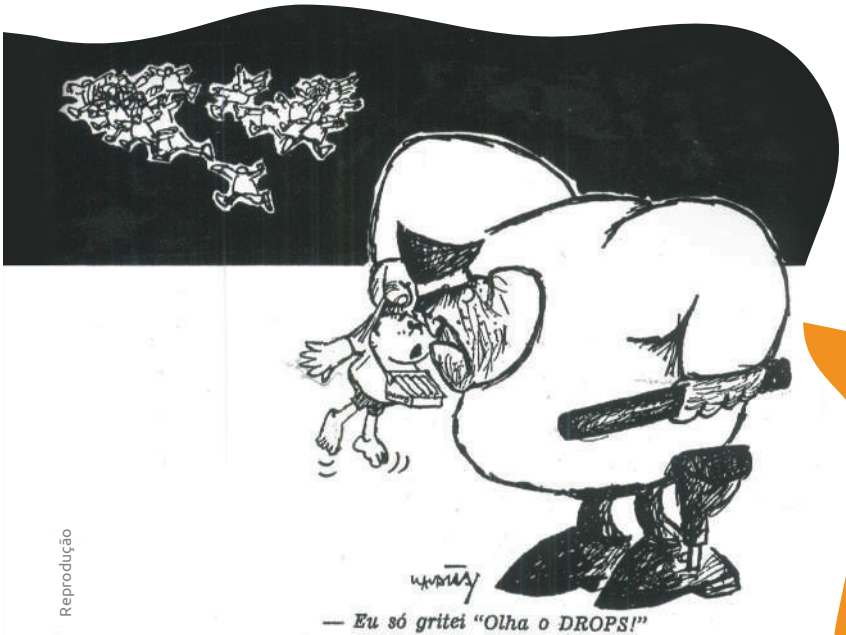
Uma contradição aflora no contexto das relações entre os Estados Unidos e as ditaduras latino-americanas: ao longo da década de 1970 e seguintes, os norte-americanos e os russos vinham "degelando" as fronteiras ideológicas da Guerra Fria, certamente pelo temor de um confronto direto entre as duas potencias atômicas, particularmente por causa do quase "esquentamento" do conflito entre elas no incidente de Cuba[5]

4. Desenvolvida pelo presidente James Monroe (1817-1825), a chamada "Doutrina Monroe", ou "Monroísmo", foi explicitada na mensagem ao Congresso norte-americano em 2 de dezembro de 1823. Com o álibi da defesa do continente americano contra o colonialismo europeu, o mandatário dos Estados Unidos defendia o lema "América para os americanos", que sintetiza sua doutrina, contrapondo-se à tese de Simón Bolívar ("Bolivarismo"), que queria a união da América Latina, rejeitando o pan-americanismo.

5. Conhecido como a "Crise dos Mísseis de Cuba" (*Cuban Missile Crisis*) pelos norte-americanos e como a "Crise Caribenha" ("Карибский кризис") pelos russos, o episódio ocorrido em outubro de 1962 foi um dos momentos de maior tensão da Guerra Fria. A ameaça de instalação de mísseis em Cuba por Nikita Kruchov teve como resposta de John Fitzgerald Kennedy, presidente dos Estados Unidos, a mobilização de esquadra militar, levando o mundo à beira de uma guerra nuclear. Na verdade, o primeiro-ministro soviético apenas respondia à potência rival que instalara mísseis na Turquia, Grã-Bretanha e Itália, além de tentar invadir Cuba, no frustrado desembarque de tropas estadunidenses na Baía dos Porcos (17 de abril 1961). O recuo soviético com a retirada dos mísseis de Cuba, que distendeu o suspense vivido pelo mundo durante treze dias, se deu depois que o líder soviético obteve secretamente a promessa da retirada dos mísseis norte-americanos da Turquia.

miolo_vfinal.indd 25 16/07/2014 12:39:12

e, ao mesmo tempo, o governo norte-americano estimulava a interiorização da Guerra Fria nos países-satélites. No caso brasileiro, a "guerra ideológica interna" não combinava com a tentativa de "desideologização" nas relações EEUU/URSS. Entretanto, encarada no contexto da bipolaridade mundial, a "guerra ideológica" tinha de ser internalizada nos aliados de cada lado, no sentido de não permitir a "subversão" e a busca do caminho para o "outro lado". Ora, a América Latina pendia realmente para regimes políticos com coloração socialista, para a então denominada "esquerda", seja por causa do fracasso das políticas da "Cortina de Dólar" para seus aliados, como foi o caso da Aliança para o Progresso, seja por causa da vitória da Revolução Cubana e de sua consolidação com apoio soviético. Desse modo, qualquer tentação, mesmo que superficialmente socializante, já despertava desconfianças no centro do poder hegemônico ocidental, e não somente era desencadeado um verdadeiro bombardeio ideológico contra o "comunismo" na região "afetada", como as próprias baterias da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) eram assestadas para o país causa. Foi o que aconteceu no Brasil.



Reprodução

Trabalho gráfico de Claudius Ceccon, disponível no catálogo da exposição *Quixote do Humor*, que aconteceu no Sesc Santo Amaro (SP), em 2014

2. O otimismo democrático populista e o golpe militar de 1964

O Brasil conheceu uma das mais longevas ditaduras militares do subcontinente latino-americano, uma vez que, instalada em 1º de abril de 1964, ela se estendeu por mais de duas décadas. Mas por que ela durou tanto – o que denuncia uma relativa consolidação – e por que ela foi tão facilmente implantada, com o aplauso da maioria da população, se no período imediatamente anterior parecia que a sociedade brasileira caminhava a passos largos para um regime mais progressista? Houve um erro de cálculo das "esquerdas" brasileiras, como ocorreu no período entreguerras na Europa, na qual se levantou apenas uma voz mais lúcida, como a de Wilhelm Reich com a *Psicologia de massas do fascismo* (1988)? De novo as esquerdas brasileiras erraram o cálculo analítico histórico-sociológico, como em 1935, que resultou no fracasso da Intentona?

Hoje, as análises sobre o Populismo enquanto fenômeno político que se manifestou (e se manifesta) em várias partes do mundo, e mais especialmente na América Latina, estão ampla e profundamente estudadas[6]. Por isso, neste texto, o fenômeno será retomado de modo sintético, apenas para tentar dar respostas às questões colocadas no parágrafo anterior.

Em primeiro lugar, no Populismo, quaisquer que sejam suas características específicas, ocorre a emergência do povo na arena política, estabelecendo-se uma relação de sinergia com lideranças carismáticas. Muitas vezes, exatamente por causa desta emergência popular em um campo no qual, em geral no Estado Burguês, apenas circulam as elites, o Populismo foi encarado como um tipo de "anomalia ou mesmo de subdesenvolvimento irracional da democracia representativa" (LOPES; MENDONÇA, 2013, p. 11). Para Laclau (2013), o Populismo é um processo de construção de identidades coletivas que abrem espaço para o protagonismo popular no campo da política. Usando a precisa expressão de Gramsci (1978) "bloco de poder", que não se reduz ao poder instalado no aparato estatal, o Populismo é, na maioria das vezes, uma alternativa antagônica a esse "bloco",

6. Mais recentemente, Laclau (2013) desenvolveu uma interessante análise sobre o Populismo que pode ser aplicada a qualquer manifestação deste fenômeno político. Entre nós, Barros (1994), Benevides (1981), Boito (1982), Ianni (1988), Toledo (1982) e Weffort (1978) produziram excelentes reflexões sobre o Populismo no Brasil. Para uma aproximação entre os intelectuais, principalmente os pensadores da educação, e sua relação com o regime, ver Bomeny (2001).

miolo_vfinal.indd 27 16/07/2014 12:39:15

disputando o espaço político por meio da aproximação com o Estado personificado. Por isso, como afirma o próprio Laclau (*id.*, *ib.*, p. 22), "cada mobilização mobilização e cada regime representam uma combinação, em proporções variáveis, de populismo e institucionalismo". E completa:

> É aqui que nos deparamos, talvez, com o traço mais original dos regimes nacional-populares latino-americanos: uma dosagem difícil, mas no conjunto bem-sucedida, do que denominamos a dimensão horizontal da *autonomia* e a dimensão vertical da *hegemonia*. (LACLAU, 2013, p. 22).

Poder-se-ia resumir que, enquanto regime transitório, o Populismo manifestou-se, no Brasil, como em alguns países do subcontinente latino-americano, dialeticamente, como uma expressão tardia do Estado Burguês e, ao mesmo tempo, como potencialização de sua superação, por meio do que se poderia denominar "democracia nacional-desenvolvimentista popular".

A emergência do povo na arena política, mas como "parceiro-fantasma" no processo de tomada de decisão, segundo Weffort (1978, *passim*), combinada com o surgimento de lideranças carismáticas como suas galvanizadoras porta-vozes e, ao mesmo tempo, como capazes de atendimento às suas demandas mais imediatas[7], acabou formatando um regime que poderia ser entendido como uma autocracia incompleta e, ao mesmo tempo, como uma democracia mutilada. A autocracia se manifesta na expressão carismática do líder que perdeu sua base burguesa de sustentação política e que é obrigado a lançar pontes para outras classes sociais. No entanto, ao fazer isso, provoca a emergência popular na arena política, mas subtrai-lhe, carismaticamente, o protagonismo no processo decisório, transformando-o em mera base de legitimação de decisões tomadas previamente. Por isso, o "carisma" não é apenas um estilo, mas a estratégia fundamental do regime populista, por parte da liderança. E o carisma é forçosamente construído por meio de um discurso galvanizador e sobre um programa de atendimento às demandas populares.

7. "Mais imediatas", porque as mais estruturantes significariam, certamente, a morte do próprio regime e sua substituição pelo Estado Socialista.

miolo_vfinal.indd 28 16/07/2014 12:39:15

Por este último aspecto, o Populismo é interpretado como uma ameaça pelos grupos hegemônicos do bloco de poder. É por isso que, mesmo nos regimes populistas em que não foram propostas senão políticas aderentes ao processo de acumulação capitalista e que elas não ameaçavam transformar-se em avanços que pudessem potencializar a própria substituição do Estado Burguês, houve tanta resistência do bloco de poder, chegando mesmo às raias da histeria "anticomunista"[8].

A "horizontalidade" a que se refere Laclau não é total, mas ela é contrariada pela verticalidade da liderança instituída. Por isso, é uma ditadura incompleta: como vimos, o líder populista certamente deseja o fortalecimento e a longevidade de seu poder. Entretanto, sua incompletude é imposta por uma espécie de democracia mutilada: além de admitir a ocupação do campo político pelo povo – o que é uma ameaça potencial ao poder personificado –, é obrigado a fazer concessões à sua nova base social de sustentação política, tendo de ameaçar ultrapassar, algumas vezes, as fronteiras do Estado Burguês, com "reformas de base", como foi o caso de João Goulart, em 1963. Mas é uma democracia mutilada, porque amputada em seus membros que se poderiam estender para o processo de tomada de decisões, com o protagonismo político popular. Talvez esteja aí a maior fragilidade do Populismo, porque não aprofunda as

8. Esta histeria se manifestou no Brasil, a ponto de os Estados Unidos, com a conivência do bloco de poder brasileiro, mobilizarem sua frota de guerra para o Atlântico Sul, na operação "Brother Sam", por época do golpe militar de 1964.

Solenidade de formatura da primeira turma de alfabetizandos da Experiência de Angicos, em 1963. Na mesa, entre jornalistas e representantes políticos, estão o presidente João Goulart, o marechal Castelo Branco e os governadores Miguel Arraes e Aluizio Alves

Foto: Carlos Lyra

raízes populares, mas as mantém na superfície das demandas coletivas que, uma vez atendidas, acabam por ter uma força desmobilizadora até mesmo na sua realização. Talvez, também, seja aí que possamos encontrar as razões da transitoriedade dos governos populistas, fáceis vítimas das reações conservadoras e cujos líderes assistem surpresos e atônitos à queda do que consideravam sólidos regimes.

No caso brasileiro, estas características ficaram patentes quando foi desfechado o golpe militar. A euforia dos discursos públicos, aplaudidos por multidões, como foi o caso da assinatura dos documentos das "reformas de base" na Central do Brasil, no Rio de Janeiro, jamais permitiria imaginar que o general Muricy, um dos conspiradores contra o Estado de Direito instituído, teria razão ao afirmar que o Governo Goulart cairia como um castelo de cartas, e que as mesmas multidões que aplaudiam o governo populista, aplaudiriam, pouco depois, os desfiles das tropas e dos tanques golpistas (depoimento no filme *Jango*, de 1984, dirigido por Sílvio Tendler). É evidente que não foram as "mesmas multidões", mas o sentido é o de que havia multidões maiores para aplaudir o golpe.

Penso que as questões propostas mais acima foram respondidas. O Populismo é um regime transitório, porque não é possível servir a dois senhores. Ele é uma manifestação do Estado Burguês que, ao buscar bases populares de sustentação política, acaba contrariando as elites e por elas pode ser derrubado, por um lado. Por outro lado, se fortalece em demasia a nova base social de sustentação política, no que diz respeito ao protagonismo político, pode desencadear um movimento que o superará também, dando lugar a um Estado com hegemonia popular. Assim, pode-se dizer que o Populismo carrega consigo uma contradição estrutural: se funcionar bem, com sua nova base social de sustentação política, ele corre o risco de ser superado por um governo popular; se não funciona, porque somente superficialmente admite o protagonismo popular, é derrubado por seus adversários.

miolo_vfinal.indd 30 16/07/2014 12:39:16

3. Paulo Freire e o golpe militar

Paulo Freire, embora não fosse reconhecido ainda ao final da década de 1950 como um importante intelectual – os mais reconhecidos estavam no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) –, ele parece ter sido o único que percebeu a contradição do Nacional-Desenvolvimentismo-Popular na obra *Educação e atualidade brasileira*, que tive a honra de organizar e publicar postumamente:

> A antinomia fundamental de que a atualidade brasileira vem se nutrindo e de que se ramificam outros termos antinômicos é a que se manifesta no jogo de dois polos – de um lado, a "*inexperiência democrática*", formada e desenvolvida nas linhas típicas de nossa colonização e, de outro, a "*emersão do povo na vida pública nacional*", provocada pela industrialização do país. (FREIRE, 2001, p. 26).

Como se pode observar, Paulo Freire tinha a clara noção de que ocorria a emergência do povo na arena política, mas sabia, também, que nossa imaturidade, nossa "inexperiência" política, cobraria algo além do otimismo dos intelectuais da época, que acreditavam ser a consciência crítica popular um produto da mera industrialização (desenvolvimento da infraestrutura), com potencialidades revolucionárias para o dia seguinte. Daí, a longa nota 14 dessa obra de Paulo Freire (*id.*, *ib.*, p. 32-33), na qual ele tenta demonstrar que a consciência transitivo-crítica:

> [...] implica a apropriação crescente pelo homem de sua posição no contexto. Implica a libertação do homem de suas limitações e indigências, não – o que de resto seria impossível – pela extinção dessas limitações e dessa indigência, mas pela consciência delas. Não será, por isso mesmo, algo apenas resultante de simples promoção ou de alteração da infraestrutura, por grandes e importantes que sejam estas alterações na explicação da evolução da consciência do

miolo_vfinal.indd 31 16/07/2014 12:39:16

> homem brasileiro. [...]. A consciência transitivo-crítica há de resultar de trabalho formador, apoiado em condições históricas propícias. (FREIRE, 2001, p. 33).

Como se pode perceber, Paulo Freire tinha a exata noção das condições transformadoras favoráveis, mas sabia também, mesmo discordando de seus mestres – ele assim os denomina na mesma nota, Álvaro Vieira Pinto, Guerreiro Ramos e Roland Corbisier, todos isebianos[9], diga-se de passagem –, que sem um processo educacional libertador não seria possível transformar a consciência transitivo-ingênua em consciência transitivo-crítica. E a oposição aos intelectuais de maior expressão na época é explícita: "À sua posição [de Guerreiro Ramos], idêntica à daqueles outros mestres citados, nos opomos, na verdade, em parte" (*id.*, *ib.*, p. 32). "Em parte" porque concordava com eles quanto ao contexto potencialmente favorável.

Em suma, Paulo Freire tinha a exata noção de que o momento era extremamente favorável para a transformação social, mas que ela não ocorreria apenas como uma decorrência da conjuntura. A conscientização, a libertação e a transformação social estavam potencializadas, mas dependiam ainda de um "trabalho formador", como ele mesmo escreve ao final da famosa nota 14, para que a potencialidade se transformasse em realidade.

A "assepsia ideológica" da consciência real do povo brasileiro, eivada de traços espúrios da consciência das classes dominantes, passaria pela "tomada de consciência" (ainda transitivo-ingênua) para desembocar na consciência possível[10] ou transitivo-crítica (das classes dominadas).

Portanto os atribuem a Paulo Freire, nos primeiros livros de sua relativa longa obra, a reprodução dos ideais do "nacional-desenvolvimentismo", revelando, também, os limites do Populismo dos anos 1960, como Vanilda Paiva (2000), é porque não leem com cuidado as notas de rodapé.

A história do pensamento político brasileiro – e há um, como demonstrou Raymundo Faoro (1994) – precisa incorporar esta análise de Paulo Freire como uma das mais preciosas

9. A importância do ISEB e a atuação dos intelectuais que dele participaram estão exaustivamente estudadas por Toledo (1997), e sua leitura deve ser complementada pela de Pécaut (1990), que trata dos antecedentes do ISEB.

10. Os conceitos de "consciência real" e "consciência possível" são de Lucien Goldmann (1978, 1980), a quem Paulo Freire remeteria em *Pedagogia do oprimido* (1970), como leitura obrigatória.

miolo_vfinal.indd 32 16/07/2014 12:39:16

reflexões sobre o contexto dos anos 60 do século passado, no sentido de superar as interpretações mecanicistas economicistas que em nada colaboram para o entendimento da "determinação econômica em última instância", quando se estudam fenômenos da superestrutura jurídico-política.

Certamente munido dessa convicção, há 50 anos, Paulo Freire partiu com um grupo de estudantes para o Rio Grande do Norte, mais precisamente para Angicos, para desenvolver um ensaio, um laboratório, uma experiência sobre o "trabalho formador" a que se referiu na famosa nota 14 de *Educação e atualidade brasileira* (2001) já citada e, com iniciativas semelhantes, valer-se do Populismo para superá-lo rumo à construção de uma sociedade libertadora.

O grito do povo nas ruas, em 1984, exigindo eleições diretas e o fim da ditadura militar

Foto: Arquivo Agência Brasil (ABr)

Referências[11]

BARROS, Edgard Luiz de. *O Brasil de 1945 a 1964*: o populismo e a democracia liberal. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *O governo Jânio Quadros*. São Paulo: Brasiliense, 1981 ("Tudo é História", v. 30).

BOITO JR., Armando. *O Golpe de 1954*: a burguesia contra o populismo. São Paulo: Brasiliense, 1982 ("Tudo é História", v. 55).

BOMENY, Helena. *Os intelectuais da educação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FAORO, Raymundo. *Existe um pensamento político brasileiro?* São Paulo: Ática, 1994.

FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 22. reimpr., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

_____. *Educação e atualidade brasileira*. São Paulo: Cortez; IPF, 2001 (Org., notas e contextualização por José Eustáquio Romão).

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. 11. ed., 1ª reimpr. São Paulo: Ed. Nacional, 1972.

GOLDMANN, Lucien. *Épistémologie et philosophie politique*. Paris: Denoël/Gonthier, 1978.

_____. *Recherches dialectiques*. Paris: Gallimard, 1980.

GRAMSCI, Antonio. *Obras escolhidas*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

IANNI, Octavio. *O colapso do populismo no Brasil*. 4. ed. rev. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

LACLAU, Ernesto. *A razão populista*. Tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

LOPES, Alice Casimiro; MENDONÇA, Daniel de. Apresentação. In: LACLAU, Ernesto. *A razão populista*. Tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

PAIVA, Vanilda. *Paulo Freire e o nacionalismo-desenvolvimentista*. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

11. Nota da revisão: neste livro, construído com a contribuição de muitos autores, respeitamos não só a íntegra dos textos, mas, também, a forma de citação das referências bibliográficas.

miolo_vfinal.indd 34 16/07/2014 12:39:17

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil*. São Paulo: Ática, 1990.

REICH, Wilhelm. *Psicologia de massas do fascismo*. 2. ed. Tradução Maria da Graça M. de Macedo. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

RODRIGUES, Marly. *A década de 50*: populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil. São Paulo: Ática, 1992 (Série "Princípios").

SAES, Décio. *A formação do Estado Burguês no Brasil (1888-1891)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

TOLEDO, Caio Navarro de. *O governo Goulart e o golpe de 64*. São Paulo: Brasiliense, 1982 ("Tudo é História", v. 48).

_____. *ISEB*: Fábrica de ideologias. 2. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997.

VEJA. *Os anos 60*: A década que mudou tudo. São Paulo: Abril Cultural, 1969 (encarte da revista *Veja*, coordenado por Zuenir Ventura).

WEFFORT, Francisco. *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. O populismo na política brasileira. In: FURTADO, Celso (org.). *Brasil*: tempos modernos. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 49-75.

_____. Educação e política: reflexões sociológicas sobre uma pedagogia da liberdade. In: FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 22. reimpr. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994, p. 9-34.

miolo_vfinal.indd 35 16/07/2014 12:39:17

miolo_vfinal.indd 36 16/07/2014 12:39:20

Parte 1
Dois de abril de 1963, uma data para lembrar

O projeto de Angicos foi lançado no dia 18 de janeiro de 1963, com a aula inaugural de Paulo Freire, na presença de Aluizio Alves, governador do Estado do Rio Grande do Norte. A conclusão da 1ª turma ocorreu no dia 2 de abril de 1963, com a cerimônia de entrega de 300 certificados aos que haviam se alfabetizado. Na ocasião, o presidente da República João Goulart e vários governadores do Nordeste participaram do evento. A comitiva incluía os governadores Miguel Arraes, de Pernambuco; Virgílio Távora, do Ceará; Seixas Dória, de Sergipe; e Aluizio Alves, do Rio Grande do Norte. Também estavam presentes: Celso Furtado, ministro do Planejamento; Teotônio Monteiro de Barros, da Educação; e Eliezer Batista, das Minas e Energia.

Nesta primeira parte, destacamos as falas do governador do Rio Grande do Norte, Aluizio Alves, do alfabetizando Antônio Ferreira, do presidente da República, João Goulart, e de Paulo Freire, nesta data memorável de 2 de abril de 1963.

Mais do que uma experiência bem-sucedida de alfabetização de adultos, Angicos formava para a cidadania ativa, pensando numa mudança radical da sociedade brasileira, transformando "massa" amorfa em "povo" participante. É isso que nos revela um trecho da fala do aluno alfabetizado Antônio Ferreira, quebrando o protocolo, no encerramento do curso de alfabetização em Angicos, dirigindo-se ao presidente da República João Goulart:

miolo_vfinal.indd 37 16/07/2014 12:39:20

> Naquele momento anterior veio o presidente Getúlio Vargas matar a fome do pessoal, a fome da barriga que é uma fome fácil de curar. Agora, na época atual, veio o nosso Presidente João Goulart matar a precisão da cabeça que o pessoal todo tem necessidade de aprender. Temos muita necessidade das coisas que nós não sabia, e que hoje estou sabendo. Em outra hora nós era massa, hoje não somos massa, estamos sendo povo.

João Goulart, ao constatar as potencialidades da Experiência de Angicos para tirar milhões de brasileiros da miséria e incluí-los na cidadania, afirmou em seu discurso:

> Desejo que centenas destes cursos se espalhem pelo território brasileiro, para que, num futuro próximo, todos os nossos patrícios, todas as nossas patrícias e, especialmente os que estão mais à margem da civilização, aqueles que vivem mais longe e são mais pobres, possam também receber este benefício mínimo, que é o direito também de participar e de se integrar na vida da Nação (...). Este povo, quando tomar conhecimento das letras e depois delas das leis da nossa Pátria, há de se integrar ao País, na luta extraordinária que todos juntos devemos realizar pela emancipação econômica da nossa Pátria, para que se assista espetáculos de tanto contraste social e de tanta miséria em tantas regiões da nossa Pátria. (João Goulart. In: SECERN, *A Experiência de Angicos*, 1963, p. 19-20).

A Experiência de Angicos tornar-se-ia uma experiência-piloto do Programa Nacional de Alfabetização, que foi lançado em janeiro de 1964.

Círculo de Cultura dos educandos da Experiência de Angicos (RN). Entre eles, merece destaque a dona Maria Hermínia, a mais idosa da turma, em 1963

1.1. Discurso do governador Aluizio Alves

Exmo. Sr. Presidente João Goulart; Senhores Ministros de Estado; Sr. Superintendente da Sudene; senhores governadores de Pernambuco, Ceará e Sergipe; altas autoridades federais, estaduais e municipais; alunos e professores do Curso de Alfabetização de Adultos de Angicos.

Conjugados, através de um Programa de Educação que se realiza sob os melhores auspícios, realizaram uma experiência de alfabetização em massa, cuja característica principal é a de ser feita no espaço de 40 horas.

Mais de 400 analfabetos, homens e mulheres de 20 a 70 anos, durante 40 horas passaram a escrever, a ler e a conhecer os problemas atuais, os problemas da nossa época, pelas aulas de politização que eram dadas simultaneamente com as aulas de alfabetização. Desta experiência, cuja execução foi da responsabilidade da Secretaria de Educação do Estado, participaram universitários e secundaristas de Natal que, renunciando às suas férias, para aqui vieram e durante todos estes dias, nas condições desconfortáveis que a cidade pobre poderia oferecer a eles, conviveram com o povo e dão hoje, ao Brasil, o fruto desta experiência cem por cento vitoriosa.

Todos os que se matricularam e que tiveram menos de 40 horas de aula aprenderam a ler e a escrever. Leem jornais, leem revistas, leem alguns livros, escrevem suas cartas.

miolo_vfinal.indd 39 16/07/2014 12:39:21

Foto: Carlos Lyra

Aluizio Alves faz discurso na formatura da Experiência das 40 horas de Angicos (RN), em 1963. Ao lado dele, o presidente João Goulart e o marechal Humberto Castelo Branco

O método será exposto a V. Ex.a pelo professor Paulo Freire, que é o seu autor, o seu inspirador e o responsável pela sua execução técnica. Mas, como o professor Paulo Freire não se encontra ainda no recinto, pelo atraso do avião em que viaja, e como sei que V. Ex.a tem o tempo limitado na programação de hoje, peço a V. Ex.a para inverter o programa e que a exposição do professor Paulo Freire, que deveria ser feita ao começo, seja feita ao fim desta cerimônia, cabendo a V. Ex.a dar a 40ª aula deste curso, dentro de alguns minutos.

Nesta oportunidade e presentes aqui o Senhor Ministro da Educação, o Senhor Superintendente da Sudene, representantes da Aliança para o Progresso, quero dar o testemunho do nosso agradecimento pela colaboração e pelo apoio dados a esta experiência e a alegria de dizer que ela está vitoriosa e, por isto mesmo, a partir do mês de maio, nós vamos estendê-la a mais dez cidades do Estado e à capital do Rio Grande do Norte, com a esperança de que se ela continuar dando pleno êxito, em vez de 100 mil adultos, possamos, no espaço de 3 anos, dado o êxito desta experiência, possamos alfabetizar cerca de 200 mil adultos.

Com esta breve explicação, peço a V.Ex.a para dar a 40ª aula do Curso de Alfabetização.

miolo_vfinal.indd 40 16/07/2014 12:39:24

1.2. Discurso do alfabetizando Antônio Ferreira

Senhor Presidente da República, Senhor Governador Aluizio Alves e todos, autoridades que estão presentes; meus professores e minhas professoras e todos colegas.

Em outra hora, há poucos dias, ninguém não sabia ler, não sabia de letras algumas, como eu era um que não sabia; só sabia o que era o "O", que era que nem a boca da panela, ou o "A" que era que nem um ganchinho de pau. E hoje em dia, graças a Deus e os meus professores, já assino o meu nome e leio algumas coisas, graças a Deus.

Tanto que fiquei bastante satisfeito com o alfabetismo que fez a nós aprendermos. Eu, já com a idade avançada, com 51 anos, mas graças a Deus tenho a inteligência e já vou escrevendo qualquer coisa. Hoje mesmo, já fiz uma cartinha pra o Sr. Presidente da República, dizendo algumas coisas.

E do mais que peço a sua majestade que é a pessoa maior que nos enxergamos no Brasil, é o Presidente da República, quarqué coisa, ouviu, peço que continue o curso de aula para nós todos, não tão somente no Rio Grande do Norte como em todos os lugares por aí que tem necessidade, de milhares e milhares que não sabem as primeiras letras do alfabeto; são

Foto: Carlos Lyra

O educando Antônio Ferreira *(em pé, de camisa branca)* tomando a palavra durante o encontro com o presidente João Goulart, na solenidade de formatura da Experiência das 40 horas de Angicos (RN), em 1963

pessoas que têm necessidade, para melhorar a situação do Brasil, para mais tarde servir mesmo para o Senhor Presidente da República, para o Governador do Estado e para nós todos.

Tanto que eu fiquei muito satisfeito e mais satisfeito ficarei continuando, a escola. Naquele tempo anterior veio o Presidente Getúlio Vargas, matar a fome do pessoal, a fome da barriga – que é uma doença fácil de curar. Agora, na época atual, veio o nosso Presidente João Goulart matar a precisão da cabeça que o pessoal todo tem necessidade de aprender.

Temos muita necessidade das coisas que nós não sabia, e que hoje estamos sabendo.

Em outra hora nós era massa, hoje já não somos massa, estamos sendo povo. Nós todos, alunos, uns 300 e tantos ou 400, já sabemos escrever qualquer coisa, e lê outras coisas. Com a continuação, amanhã ou depois, sabemos escrever as cartinhas do Presidente da República, sabemos fazer qualquer coisa em favor do Brasil, em favor do Estado.

Tanto que estamos bastante satisfeitos com estas aulas e devemos continuar. Aqui eu faço pausa. Está me faltando uma música; e desculpe e todos agradecido, ouviu?

Logo após o discurso de Antônio Ferreira, a aluna mais idosa da turma, Dona Maria Hermínia *(foto)*, fez a entrega de cartas escritas pelos participantes do curso, dirigidas ao presidente e recolhidas no local. Carlos Lyra, em seu livro *As quarenta horas de Angicos* (São Paulo: Cortez, 1996, p. 116), apresenta uma dessas cartas:

Foto: Carlos Lyra

Senho Presidenti,

E neste momento que pego no meu lapis para lhi comunicar as minhas nesesidade. Agora mesmo não sou maça sou povo e posso esigi meus direito. Senho présidenti a gente tem percisão de muita coisa como: reforma agária Escola e que o senho bote as leis da constituição pra fora. Tenho duas filas pra edocar e não tenho recuso poriço peço ao senho bouça di estudo pra que elas não cresam como eu cresi.

Francisca de Andrade

1.3. Discurso do presidente João Goulart

Exmo. Sr. Governador do Estado do Rio Grande do Norte; Senhores Governadores de Pernambuco, Ceará, Sergipe; Senhores Ministros; altas autoridades federais, estaduais, municipais; meus senhores; alunos da Campanha de Alfabetização de Adultos, na cidade de Angicos; alunos jovens e alunos velhos.

Não poderia ter sido maior a homenagem que presta Angicos, que presta o Rio Grande do Norte ao Presidente da República, do que este magnífico espetáculo que assisto hoje nesta Cidade, ao lado de altas autoridades da República, dentro deste prédio simples, numa cidade simples, de alunos que num prazo tão curto se preparam para romper as barreiras do analfabetismo.

Vejo aqui homens humildes do Rio Grande do Norte, vejo mães, vejo filhas, uma população adulta que, pela primeira vez depois de tantos anos, tem oportunidade, através deste curso que lhe é proporcionado, de aprenderem as primeiras letras, de aprenderem, enfim, a ler, não só a sua cartilha, de ler a sua cartilha para amanhã poder assim se integrar definitivamente na vida do país, na vida do seu Estado, prestando serviços à nação.

Fico emocionado com este espetáculo e quero congratular-me com o jovem e dinâmico Governador desse Estado por iniciativa tão feliz; congratular-me com o eminente criador deste curso, idealizador deste curso rápido de alfabetização, o eminente professor Paulo Freire, e congratular-me também com os jovens universitários que, durante o seu período de férias, abandonaram a Capital para vir aqui, nesta cidade longínqua do Rio Grande do Norte e emprestar, com seu idealismo e com seu patriotismo, a colaboração que vêm prestando nesta extraordinária campanha de alfabetização.

Hoje, alunos; hoje, meus senhores e minhas senhoras, nestas classes, aprende a população pobre e analfabeta de Angicos as primeiras letras. Amanhã, estarão capacitados para ler jornais, para ler revistas, como ainda há pouco dizia o Governador, mas, acima de tudo, alunos, alunas, jovens e adultos, todos estarão capacitados para ler, também, a grande cartilha da República: a Constituição da nossa Pátria, que lhes fez cidadãos e que tem o dever de lhes proporcionar este mínimo de alfabetização que o Governo do Estado, em tão boa hora, está lhes proporcionando. Hoje são as primeiras letras do ABC; mas amanhã serão as leis que serão lidas pelas mulheres e pelos homens jovens e adultos que terminaram este curso e aprendendo a ler, aprenderam, acima de tudo, a defendê-las. Hoje talvez não tenham ideia – os que aqui estão cursando esta aula de emergência, este curso

miolo_vfinal.indd 43 16/07/2014 12:39:28

Foto: Carlos Lyra

O presidente João Goulart discursa durante a formatura da primeira turma de alfabetizandos em Angicos (RN), em 1963

rápido – do extraordinário papel que desempenham na formação futura do nosso país. Amanhã, estarão os senhores defendendo as nossas leis e a nossa Pátria, estarão reivindicando os seus direitos escritos nas leis, escritos na Constituição, e estarão ao lado do Governo, cobrando dos poderes públicos, para que estas leis sejam praticadas especialmente em benefício dos mais pobres, dos mais humildes, daqueles que constituem também força viva da Nação, da nossa Pátria.

Quero congratular-me, portanto, com todas aquelas autoridades e com todos os Poderes que colaboraram para que se transformasse em realidade este sonho que é de todos os brasileiros, de ver a nossa gente, de ver o nosso povo, de ver a nação, enfim, toda alfabetizada. E, através de um processo de ensino tão rápido, possivelmente chegaremos à grande revolução da nossa Pátria, que é a revolução pelo ensino, a revolução pela alfabetização do povo brasileiro. Congratulo-me nesta oportunidade com o Governador do Estado e com os outros órgãos, nacionais e internacionais, que também se juntaram à iniciativa extraordinária de professores e governo e de universitários, para a criação deste curso.

Desejo que centenas destes cursos se espalhem pelo território brasileiro, para que, num futuro próximo, todos os nossos patrícios, todas as nossas patrícias e, especialmente, os que estão mais à margem da civilização, aqueles que vivem mais longe e

miolo_vfinal.indd 44 16/07/2014 12:39:28

são mais pobres, possam também receber de seu país este benefício mínimo, que é o direito, também, de participar e de se integrar na vida da nação. Espero que esses cursos se estendam por todo o território, não somente do Rio Grande do Norte, mas de outros Estados da Federação, onde entristecidos assistimos este mesmo espetáculo de milhões de brasileiros que ainda não conhecem as primeiras letras do nosso alfabeto. Congratulo-me com a Sudene, com o Senhor Ministro de Educação, que se encontra conosco nesta hora e que tenho certeza, com o apoio integral do Presidente da República, há de proporcionar a este e a outros Estados, através do Plano de Educação, os meios necessários, os recursos e os elementos indispensáveis para que cursos como esse se multipliquem na vastidão do nosso território. Vejo aqui, com profunda emoção, senhoras e senhores que a tantos e tantos anos vêm lutando, passando toda a sorte do trabalho e de privações na luta diária de sol a sol, e que somente agora têm oportunidade de conhecer as primeiras letras e de se prepararem para se integrarem na vida do país.

Tenho certeza de que estes cursos se espalhando pelo território hão de proporcionar, através dos ensinamentos, melhores condições de vida para o povo que necessita, que pede e que clama por educação, e este povo, quando tomar conhecimento das letras e depois das leis da nossa Pátria, há de se integrar ao país, na luta extraordinária que todos juntos devemos realizar pela emancipação econômica da nossa Pátria, para que não se assistam espetáculos de tanto constaste social e de tanta miséria em tantas regiões da nossa Pátria, e para que o povo, enfim, possa sentir que ele também é dono de seu país, mas que é dono não apenas porque lê nas leis, ou porque lê nas cartilhas, mas porque se sinta dono, sentindo-se integrado na vida da nação e especialmente participando das riquezas nacionais; estas riquezas que não podem ser privilégios de poucos, contra o interesse de milhões de patrícios nossos e das riquezas que devem pertencer a todos para somente assim termos para todos nós um país rico, um país livre e um país respeitado.

Aos alunos, às almas, aos jovens, aos velhos e às senhoras, nesta 40ª aula, as minhas homenagens e que Deus nos ajude e nos inspire, povo de Angicos e do Rio Grande do Norte, para podermos prosseguir nesta luta extraordinária, que constitui uma obrigação para todos nós, a luta a favor do alfabetismo, a luta a favor de melhores condições de vida para o nosso povo e de melhores condições de vida para a nossa Pátria. Agradecendo ao Governador receberei, dentro de alguns instantes – já me foi anunciado –, cartas mal traçadas, mas já escritas,

miolo_vfinal.indd 45 16/07/2014 12:39:28

e escritas por gente que tem apenas 39 horas de preparo. Receberei cartas e mensagens que o povo brasileiro, que aqueles que ainda há poucos dias eram analfabetos, dirigem, agora, como alfabetizados, ao Presidente da República. Receberei sensibilizado estas mensagens e, em resposta, poderia dizer a este povo simples, a este povo bom e trabalhador que deseja apenas amparo e que lhes proporcione os meios de que necessitam para se alfabetizarem. Direi, apenas, nesta oportunidade, muito obrigado aos alunos do Curso de Alfabetização de Angicos e direi, também, como Presidente, que estejam certos de que, assim como estão hoje fazendo um enorme esforço para aprender as primeiras letras e para romper as cortinas do analfabetismo, assim também o Presidente da República tudo há de fazer para honrar e dignificar o esforço de todos aqueles que colaboraram para a instituição deste curso, e tudo há de fazer para ser digno também do esforço extraordinário daqueles que há três ou quatro dias eram analfabetos e que hoje se apresentam frente ao Presidente da República para dizer: "Presentes, Presidente, aqui estamos já alfabetizados".

Que Deus nos ajude para que esta alfabetização possa lhes proporcionar, no futuro, não somente o conhecimento mais amplo da nossa Pátria, das nossas leis, mas, acima de tudo, que possa uni-los nas reivindicações constantes dos pobres, dos humildes, dos alfabetizados e dos analfabetos na luta constante pelas suas reivindicações por um clima de paz, por um clima de justiça social e por um Brasil emancipado.

"Agora, cada aluno escreverá a sua carta, se ainda já não o fez, e os professores farão recolher estas cartas à mesa, para serem entregues ao Sr. Presidente da República. A aluna mais velha, de 71 anos de idade, fará entrega das cartas. Tendo chegado o professor Paulo Freire, eu pediria a S. Senhoria para, no menor prazo possível, fazer, perante o Senhor Presidente da República, o Senhor Ministro da Educação, o Senhor Superintendente da Sudene, e outras autoridades aqui presentes, perante os Senhores Governadores, eu pediria para o professor Paulo Freire fazer uma breve exposição do seu Método de Ensino. Eu pediria, portanto, para saírem desta posição, para que o professor pudesse usar a tela na sua explicação".

Governador Aluizio Alves

1.4. Discurso de Paulo Freire

Senhor Presidente, Senhores Governadores.

É com muita satisfação e também com humildade, sobretudo humildade, que dirigimos nossas palavras, tentando numa síntese fundamentar o Sistema de educação em que está contido o método eclético, com que estamos conseguindo quase resultados mágicos, mas que, na verdade, não são mágicos, porque fundamentados em princípios de ordem científica, filosófica.

Esta satisfação, sobretudo, resulta de que este trabalho feito em Angicos, feito em Natal, feito em João Pessoa, feito no Recife, é um trabalho que traz a este sertão do Rio Grande do Norte a Universidade do Recife. A Universidade do Recife, consciente da sua tarefa a cumprir, renuncia ao saber esotérico e alienado, que caracteriza ainda as Universidades brasileiras, e volta-se para o povo, que é a fonte, realmente, onde temos que beber a autenticidade da nossa sabedoria universitária. Já não é possível neste país fazermos educação tímida, educação de "deixa como está para ver como fica", porque temos um povo que existe hoje, Senhor Presidente. Um povo que decide, um povo que se levantou, um povo que começa a tomar a consciência de seu destino e começa a interferir no processo histórico brasileiro irreversivelmente. E a educação que se há de dar a este país, há de ser uma educação da coragem, uma educação que ajude este povo que emergiu, a inserir-se no seu processo, o que vale dizer, uma educação que conscientize o povo brasileiro, para que ele faça realmente com os homens públicos, as reformas inadiáveis de que este país precisa. Esta, então, é uma contribuição que a Universidade do Recife traz ao país, com a consciência da humildade que ela deve ter nos seus trabalhos. Traz ao país para que outros educadores, partindo do ponto a que chegamos, tragam as suas contribuições.

Em linhas gerais, este sistema se fundamenta em alguns poucos postulados. Um deles está exatamente em que todos nós sabemos que normalmente o homem se põe diante de sua

miolo_vfinal.indd 47 16/07/2014 12:39:29

Foto: Carlos Lyra

Na cerimônia de formatura, Paulo Freire *(em pé, de óculos)* explica sua pedagogia do oprimido. Sentados (*da esq. para a dir.*), Miguel Arraes, Clóvis Mota, Seixas Dória, Virgílio Távora, Aluizio Alves e João Goulart

realidade externa, respondendo aos desafios desta realidade externa e, quando ele trava com ela uma relação de sujeito para objeto, ele faz uma relação de conhecimento. Esta relação tanto faz um professor universitário, como faz um analfabeto. A diferença é que o professor universitário apanharia "via crítica" o objeto do conhecimento, e o homem analfabeto seria impressionado sensivelmente, e daí a compreensão que este homem haverá de ter de sua realidade externa é uma compreensão predominantemente mágica e predominantemente emocional. O que importa, então, na educação, é propiciar a este homem uma via crítica de saber, através de que ele transforme um saber puramente opinativo e existencial num saber reflexivo, e isto ele faz rapidamente, desde que nós tenhamos um método ativo de educação, que o leve a organizar o seu pensamento e o fazer crítico, portanto, a poder decidir e a seguir a poder optar. Um outro dado é exatamente o da relação que há de existir entre educação e cultura, uma relação que é dialética, realmente.

miolo_vfinal.indd 48 16/07/2014 12:39:30

Ao mesmo tempo em que a educação responde ao desafio do contexto, ela também interfere no contexto, e não há educação que seja instrumental, que seja eficiente, se esta educação não trava esta relação. Por isto mesmo é que, no método de alfabetização, partindo das palavras chamadas geradoras, deflagramos o processo de combinações fonêmicas, com que faríamos o aprendizado da leitura e da escrita. Nós partimos de um levantamento do universo vocabular do grupo de alfabetizandos da área que vai alfabetizar-se. Escolhemos, então, os elementos básicos que devem ser postos como palavras geradoras e criamos situações sociológicas típicas, da área que vai ser alfabetizada e, daí em diante, começamos o trabalho, que é, sobretudo, ativo, no qual o homem é chamado ao diálogo e à análise das situações postas diante deles, como situações desafiadoras. O primeiro debate que nós deveríamos travar com o grupo de homens analfabetos, para que motivássemos este grupo a ter uma apetência maior, sobretudo o de áreas rurais, haveria de ser com debate, depois do qual se pudesse situar o homem criticamente na sua realidade contextual, e depois de que se pudesse superar um certo pessimismo, uma certa descrença, um certo fatalismo do homem analfabeto, que é um homem fora do seu tempo, e só assim pudéssemos inseri-lo, incorporá-lo a/ao seu tempo, fazendo-o sujeito do seu tempo e não objeto deste tempo. O primeiro debate, então, seria e será e vem sendo e continuará a ser um debate em que podemos dar o conceito antropológico de cultura a um homem analfabeto. E, desta forma, nós já começamos a pôr abaixo certas afirmações de certos tabus de uma universidade descrente do povo, que se põe numa torre de marfim e que desenvolve uma sabedoria esotérica que já não tem sentido num país como este. Eu vou projetar apenas um *slide* porque o tempo não permite dar sentido e mostrar a Vossa Excelência e aos presentes. Aqui nós temos um *slide* representando o homem típico de Angicos, com a sua cara de sertanejo, e em torno do homem uma série de seres ou de objetos ligados a ele por uma seta. A intenção nossa com

miolo_vfinal.indd 49 16/07/2014 12:39:30

uma proteção/projeção desta não é propriamente a de fazermos uma descrição do que aqui está, mas desafiarmos os grupos que estão conosco, em torno desta situação, que é uma situação que pode ser muito bem apreendida e provocar um debate através do qual nós vamos arrancando quase socraticamente o que este grupo percebe do que está aqui. Então, numa primeira etapa, a reação é sempre descritiva e não há mal nenhum, e é até bom, porque a primeira fase assim de uma tentativa de organização de pensamento seria exatamente delimitar uma situação dada, descrevê-la, defini-la buscar as explicações que há nela.

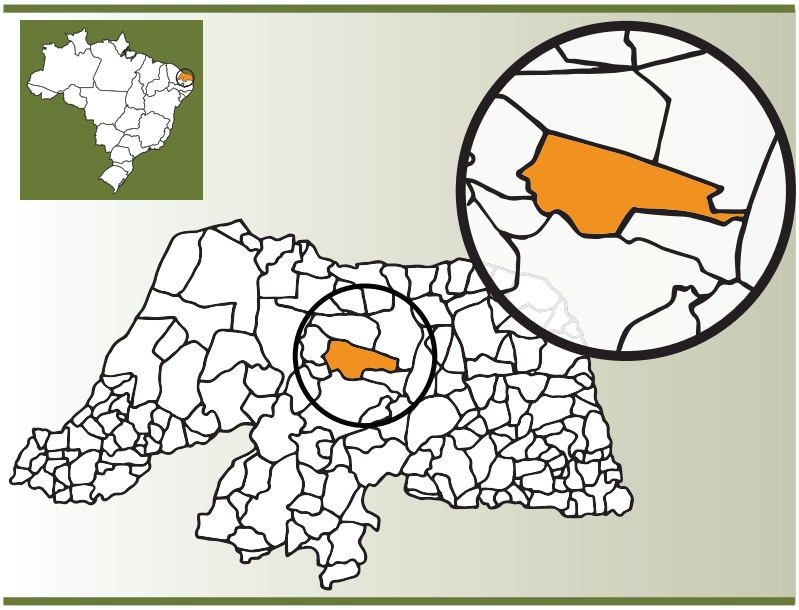
A intenção nossa quando formulamos essa primeira situação era exatamente levar pelo debate o grupo a perceber que o homem é na verdade um ser de relações, é um ser que trava relações com a sua realidade exterior, que existe mesmo e diante da qual ele está, mas sobretudo com a qual ele está. Esta proposição, como eu faço questão de enfatizar, sugere exatamente este traço que há e que o homem tem, que todos temos com a realidade exterior que existe e de que resulta um acrescentamento que o homem faz ao mundo da natureza ou a esta realidade exterior que está distante dele e ele não vê. Será exatamente este outro mundo que o homem faz, a partir das relações que ele trava com a realidade exterior, que vai constituir o domínio da cultura, não há dúvida nenhuma. Por outro lado, estas setas sugeririam também o que numa linguagem um tanto acadêmica eu diria a autoconsciência e a consciência disto. Pois bem, meus senhores, perguntando-se de modo geral ao grupo de analfabetos o que significam estas setas, eles têm respondido sistematicamente que estas setas significam o juízo ou a ciência do homem, e eu desafiaria a qualquer filósofo que me provasse que, com esta formulação de ciência e juízo do homem, o homem comum não estaria dando a nós uma tradução da nossa formulação acadêmica consciente, autoconsciente, inconsciente etc. Na verdade, é isto mesmo. O que falta apenas é o homem comum perceber depois que isto é na verdade o conhecimento próprio que o homem tem depois do

miolo_vfinal.indd 50 16/07/2014 12:39:30

conhecimento que o homem tem com o mundo que está em torno dele. E a partir destas análises das relações que o homem trava com a realidade exterior, nós levamos então o homem a descobrir que nesta realidade exterior há "n" coisas que ele não fez, e há "n" coisas que ele fez e os seus antepassados fizeram e ele vem refazendo a reconstituição. E aí insistimos já no papel criador do homem, no papel recriador do homem na possibilidade de interferência, neste contexto que ele fez, mas que ele altera através da tecnologia, através da ciência, através da sua capacidade de criar. Depois que se debate isto, eles descrevem aqui com muita facilidade, porque está muito óbvio que aqui o homem fez a casa e a cacimba. Não fez a árvore, não fez o homem, não fez o pássaro, não fez o porco. A partir daí, então começamos a

Angicos em 1963

Conheça o cenário da cidade que recebeu o projeto de Paulo Freire



194 km de Natal

Número de habitantes
9.542
- 25% urbana
- 75% rural

Religião
- 99% católicos

Raça
- 55% brancos
- 25% pardos
- 20% negros

Principal atividade
- cultivo do algodão

Mortalidade infantil
- 292 para cada 1 mil nascidos vivos

Educação
- dois grupos escolares públicos, uma escola pública e quatro particulares

Energia elétrica
- 300 ligações elétricas

Dados do Recenseamento 1960 (IBGE).
Mapa reproduzido do jornal *Tribuna do Norte*, publicado em 31 de março de 2013

miolo_vfinal.indd 51 16/07/2014 12:39:31

definir os dois mundos: o mundo da natureza e o mundo da cultura – e o homem então se integra pouco a pouco nos debates, como um ser realmente capaz de criar. Por isso é que aqui em Angicos, como em Recife também, como em João Pessoa, temos ouvido afirmações como esta que vou dar daqui, de um homem de Angicos. Ao debater o *slide* sobre conceito de cultura, ele afirmou: "Faço sapato e tenho o mesmo valor do doutor que faz livros". E é mesmo, não há dúvida nenhuma de que é. O homem sente-se então capaz, um ser que participa do seu processo. Podemos através da educação apanhá-lo num estado que eu chamaria a imersão do povo no processo histórico de que ele estava imerso, até pouco tempo atrás, quando não havia povo no sentido sociológico e nós éramos sobretudo sociedade fechada. O que se está podendo conseguir fazer com uma educação desta é apanhar este povo que está emerso, este povo que existe hoje, este povo que faz greve, este povo que dá posse a um Presidente da República, este povo que derruba um governo e põe outro no poder, este povo que é sujeito de sua história. O que nós estamos podendo fazer com uma educação desta, corajosa, uma educação que não é tímida, porque não é possível timidez num país que está em trânsito como está o Brasil hoje. O que esta educação está podendo fazer é apanhar este povo emerso e inseri-lo no processo histórico. Inseri-lo quer dizer propiciar a ele oportunidade em que ele se faça agente da sua história, em que ele se faça sujeito da sua história. Seguem-se outros *slides* que evidentemente não focalizarei aqui porque Vossa Excelência não está aqui para ouvir uma aula sobre conceito de cultura. Projetado este *slide*, já dizem aqui – o que é uma coisa impressionante para mim – formidável, impressionante é que eles descrevem já o que é natureza, o que é cultura, e afirmam com absoluta paz que aqui a natureza representa pelo homem, pelo pássaro e pelo resto que o circunda e a cultura se representa no arco e na flecha, e na vestimenta do índio. Em Natal, num dos Círculos de Cultura, realizado lá pelo prefeito Djalma Maranhão, eu tive oportunidade de ver um jovem perguntando a um

miolo_vfinal.indd 52 16/07/2014 12:39:31

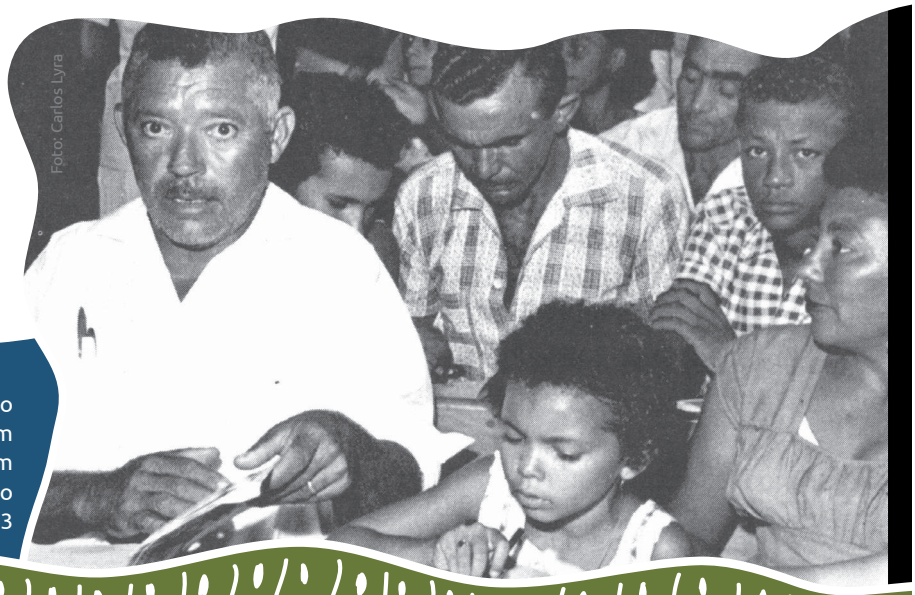
homem qual a diferença entre as penas de índio e as penas de pássaro, e ele responder: "As penas do pássaro são da natureza; as penas do índio são da cultura; o índio matou o pássaro, tirou as penas do pássaro, juntou uma contra outra, amarrou no cinto, vestiu-se com ela, trabalhou, criou, fez cultura". Isto foi dito, talvez não com a ênfase que eu estou dizendo, mas com uma paz, uma paz de quem já sabe. A intenção nossa, se Vossa Excelência me permite projetar ainda um outro *slide*... A intenção nossa, após aquele primeiro *slide*, em que o índio aparecia e logo depois este caçador, ambos caçadores, mas, agora, o que interessava a nós era mostrar já uma diferença que eu chamaria de fasiológica entre os dois caçadores, e preparar uma diferença que eu chamaria aqui, numa linguagem também acadêmica, de ontológica, entre estes dois e o terceiro, que surgirá, que é um gato. Mas aqui já entra, então, quando eles caracterizam o que é objeto de cultura e falam na espingarda, aqui já entra no debate da presença da tecnologia. O que se pode fazer? Já se discute, por exemplo, que o homem pode dominar a sua ambiência, que o homem pode dominar esta realidade, às vezes, agressiva, com a qual ele está e na qual ele está. Já se fala em Sudene, por exemplo. É preciso interpretar, que o Ministro Celso Furtado me ouça, é preciso que se interprete, e a este Nordeste a tarefa de planejamento que a Sudene vem desenvolvendo neste país, e que mesmo que ela apresente os seus pecados, mesmo que ela apresente as suas falhas, só o planejar já sugere uma posição e uma atitude diferente, uma atitude na verdade progressista, de que este país precisa e sem a qual este país fenece. Mas como este país não vai fenecer, nós temos que fazer exatamente planejamentos e aqui, através disto, nós podemos e temos levado, temos conseguido o debate, até falar numa atitude de planejamento, se discutir um pouco de Sudene, com relação a isto que aqui está. Houve aqui uma crítica interessante de um dos homens de Angicos que eu nunca esqueço. Projetada esta situação, ele disse que este homem não tinha muita cultura. E perguntou-se por que e ele disse: "Eu nunca vi matar porco de

miolo_vfinal.indd 53 16/07/2014 12:39:31

espingarda". Foi um defeito um cochilo do artista, mas aqui eles confirmam o que eles aprenderam já sobre cultura e natureza. Falam no chapéu, na vestimenta do homem, no bornal, na faca, na espingarda, como objeto de cultura, mas sobretudo eles estão absolutamente certos de que a cultura é resultante do seu trabalho, de que todos temos cultura, de que é tão cultura esta espingarda, de que é tão cultura aquele arco; como é cultura um quadro de Portinari, como é cultura algo que Beethoven entoou, como é cultura um poema de Bandeira. Aí a diferença apenas é numa gradação estética da criação, mas o poder criador, este existe no homem que fez o tacape, como existe no artista que fez uma obra de arte. E assim, Senhor Presidente, sucessivamente se passam mais uns cinco *slides* no máximo e com o debate, e é preciso que se afirme bem que neste sistema nós não fazemos discurso, não fazemos aula, porque inclusive o que estamos conseguindo é uma espécie de subversões legítimas. Nós superamos a escola pelo que chamamos Círculos de Cultura, superamos o professor pelo que chamamos de coordenador de debates, superamos o aluno pelo que chamamos de participantes de grupos, superamos a aula pelo diálogo, superamos o programa acadêmico por situações sociológicas desafiadoras que pomos diante dos grupos com quem provocamos e arrancamos uma sabedoria que existe, e que é esta sabedoria opinativa e existencial do povo. Depois que discutimos este conceito antropológico de cultura, então concluímos dizendo ao povo que cultura não é só o que o homem faz espiritual ou materialmente, mas cultura também é a soma que fazemos todos nós, sistematicamente de uma experiência humana, e aí caímos na democratização da cultura, que é absolutamente inadiável, porque é uma dimensão do processo geral de democratização fundamental em que este país está inserido, queiram ou não queiram os donos do mundo. O país está inserido num processo de democratização fundamental, de que a cultural, de que a econômica, de que a política, de que a social são dimensões componentes do conceito geral e democratização fundamental. E aí partimos,

miolo_vfinal.indd 54 16/07/2014 12:39:32

então, para o conceito de democratização cultural e dizemos que democratizar a cultura será sobretudo espalhar a todos os brasileiros os instrumentos com que eles possam fazer isto, com que eles possam adquirir uma sabedoria sistematizada. E a partir do outro encontro começaremos, então, a fase de alfabetização mesma, que parte de uma realidade contextual,que parte de algo que o povo existe. Esta, por exemplo, é a primeira palavra, a palavra geradora com que deflagramos o processo de alfabetização de Angicos, a palavra *belota*. A palavra belota deve ser uma corruptela ou não é, o que importa é que esta palavra é funcional no universo de Angicos. E belota é enfeite de rede, como é este aqui, enfeite de chibata, que eles fabricam. A primeira situação sociológica é típica de Angicos, em que um homem, um sertanejo montado no seu jumento, passa por dentro de uma das ruas de Angicos. Não se fala com a projeção deste *slide*. Não se fala em belota, em coisa nenhuma e deixa-se que o povo, seguindo a mesma orientação do método, debata o que aqui está e aqui se discute desde tração animal, a motor, depois se discute Nordeste, se discute defasagem Centro-Sul, desproporção entre Centro-Sul e Nordeste brasileiro; se discute planejamento; se discute Sudene; se discute



O educando Antônio Ferreira durante um Círculo de Cultura em Angicos (RN), no ano de 1963

miolo_vfinal.indd 55 16/07/2014 12:39:32

participação do povo no trabalho dele; respeito que se há de ter a este trabalho criador do povo; justiça a este trabalho. Até que se chega à fixação e à visualização da palavra *belota*. Visualizada a palavra belota, que eles, nos debates, já citaram várias vezes, porque, inclusive, ela está aqui, ela é um conceito que existe para eles. Passa-se, então, para outro *slide* em que a palavra belota aparece sozinha, depois se decompõe a palavra "belota" nos seus fonemas básicos, se passa então a falar nas famílias fonêmicas, surgem então as famílias ba, be, bi, bo, bu; la, le, li, lo, lu; ta, te, ti, to, tu. Com isto, se vai levar o homem a uma descoberta altamente importante para uma língua silábica como a língua portuguesa. É a de que o mecanismo de composição das línguas silábicas é o de combinações fonêmicas. E não precisa que nós digamos estes nomes a eles evidentemente. Eles vão descobrir depois que estudam todas as famílias do b – ba, be, bi, bo, bu; do l – la, le, li, lo, lu; do t – ta, te, ti, to, tu etc., e que nós pomos aqui então noutro *slide*, completas. Então, eles descobrem que é juntando um fonema deste, com outro fonema, deste com outro fonema, que eles vão criando vocábulos dentro da sua língua. Então eles descobrem o que podem fazer. Aqui eles, aliás, constroem "belota" na primeira aula, aliás, no primeiro debate eles constroem bala, bata etc., vão construindo "n" vocábulos que eles sabem, porque, como dizia o senhor Gilson Amado, quando me entrevistava o mês passado no Rio, não há analfabetismo oral realmente. Parece muito óbvio isto, mas é uma obviedade fundamental. O homem que sabe dizer "problema", no dia em que mesmo que não tenha estudado ainda os fonemas complexos, ele descobre que juntando um fonema com outro ele criou a palavra "belota", ele que pronuncia "poblema" escreve "problema". E isto nós temos provado aqui. Quer dizer, não é adivinhação, nem nós estamos falando de hipótese, estamos fazendo um relatório. Isto existe. Estamos conseguindo botar abaixo uma série de tabus metodológicos, uma série deles. E aqui começam um jogo intelectual muito interessante, que é o de criar palavras. Concluindo, eu apenas gostaria de

miolo_vfinal.indd 56 16/07/2014 12:39:32

citar duas coisas daqui de Angicos. É que quando os homens começam a criar palavras, eles criam, às vezes, palavras que são apenas vocábulos, mas que não são conceitos; ora são conceitos do seu universo, não são do nosso. Eles chamam a estas palavras que não existem e que eles criaram, e depois descobrem que não têm uma existência funcional, eles chamam de palavras mortas e chamam as palavras que existem de palavras de pensamento. No que há, aliás, uma coisa até certo sentido poética, e, daí em diante, Senhor Presidente, apenas onze situações sociológicas foram necessárias para deixarmos estes 300 homens de Angicos, não apenas podendo fazer uma carta a V. Excelência, mas, sobretudo, podendo dizer conscientemente que, de hoje em diante, estes homens vão votar não nos homens que lhes peçam um voto; vão votar não nos padrinhos, vão votar não nos políticos que somente porque sejam políticos se apoderaram do seu destino; vão votar não somente nos coronéis ou porque coronéis, mas vão votar precisamente na medida em que estes candidatos revelem uma possibilidade de realmente, e de lealmente, servir ao povo e servir a ele mesmo.

"Eu considero encerrada a 40ª aula, com as minhas expressivas congratulações ao nosso eminente professor Paulo Freire, depois da sua brilhante aula. A todos, os agradecimentos do Presidente da República e os meus parabéns, por ver que os conhecimentos do grande mestre e de todos os professores foram transmitidos em grande parte a 300 homens e mulheres que hoje já podem ser considerados, e se consideraram, de fato alfabetizados. Muito obrigado".

João Goulart

miolo_vfinal.indd 57 16/07/2014 12:39:33

Canção para os fonemas da alegria

Thiago de Mello

(Santiago do Chile, Verão de 1964)

Peço licença para algumas coisas.
Primeiramente para desfraldar
este canto de amor publicamente.

Sucede que só sei dizer amor
quando reparto o ramo azul de estrelas
que em meu peito floresce de menino.

Peço licença para soletrar,
no alfabeto do sol pernambucano
a palavra ti-jo-lo, por exemplo,

e poder ver que dentro dela vivem
paredes, aconchegos e janelas,
e descobrir que todos os fonemas

são mágicos sinais que vão se abrindo
constelação de girassóis gerando
em círculos de amor que de repente
estalam como flor no chão da casa.

Foto: Agnaldo Rocha

Lutgardes Costa Freire entrega livros comemorativos sobre seu pai ao poeta amazonense Thiago de Mello, em São Paulo, no dia 20 de março de 2014

Às vezes nem há casa: é só o chão.
Mas sobre o chão quem reina agora é um homem
diferente, que acaba de nascer:

porque unindo pedaços de palavras
aos poucos vai unindo argila e orvalho,
tristeza e pão, cambão e beija-flor,

e acaba por unir a própria vida
no seu peito partida e repartida
quando afinal descobre num clarão
que o mundo é seu também,
que o seu trabalho
não é a pena paga por ser homem,
mas o modo de amar – e de ajudar

o mundo a ser melhor. Peço licença
para avisar que, ao gosto de Jesus,
este homem renascido é um homem novo:

ele atravessa os campos espalhando
a boa-nova, e chama os companheiros
a pelejar no limpo, fronte a fronte

contra o bicho de quatrocentos anos,
mas cujo fel espesso não resiste
a quarenta horas de total ternura.

Peço licença para terminar
soletrando a canção de rebeldia
que existe nos fonemas da alegria:

canção de amor geral que eu vi crescer
nos olhos do homem que aprendeu a ler.

Fonte: **Thiago de Mello**, *Faz escuro mas eu canto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965. Publicado também no livro de Paulo Freire, *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967, p. 27-28

miolo_vfinal.indd 59 16/07/2014 12:39:38

miolo_vfinal.indd 60 16/07/2014 12:39:42

Parte 2
Uma experiência revolucionária

"Isso ainda é uma experiência". Assim Paulo Freire definiu o que jovens alunos universitários estavam fazendo em Angicos, segundo registrou Luiz Lobo, enviado especial do jornal *Tribuna da Imprensa* (Rio de Janeiro). Uma experiência capaz de chamar a atenção de jornalistas do Brasil e do mundo inteiro, e descrita por Lobo como uma "experiência revolucionária".

Neste capítulo, também apresentamos o *Roteiro das 40 horas de Angicos* (1963), que reforça a importância de um planejamento criado em conjunto, compartilhado; incluímos, ainda, os esclarecimentos da direção executiva do Serviço Cooperativo de Educação do Rio Grande do Norte (SECERN), indicando seus objetivos e argumentando a necessidade da experiência que atenderia a urgência daquela cidade. Por isso, destacamos outro documento da direção executiva do SECERN: trata-se de uma descrição da situação do município de Angicos em 1963.

Como afirmam Calazans Fernandes e Antônia Terra em seu livro *40 horas de esperança: o Método Paulo Freire – política e pedagogia na Experiência de Angicos* (São Paulo: Ática, 1994, quarta capa), "de 1962 a 1963, Angicos foi palco da primeira aplicação em grande escala do Método Paulo Freire. A experiência foi tão bem-sucedida que logo se difundiu por todo o país, incomodando as forças políticas mais retrógradas e sendo liquidada pelo golpe de 64".

miolo_vfinal.indd 61 16/07/2014 12:39:42

2.1. Roteiro das 40 horas de Angicos

Primeira hora – Aula de Cultura: conceito antropológico de cultura. Distinção entre objeto de natureza e objeto de cultura. Cultura material, cultura imaterial e padrão de comportamento.

Segunda hora – Aplicação do teste psicológico de Inteligência Não Verbal (Pierre Weil) para aquilatar o nível intelectual da turma.

Terceira hora – Primeira hora de alfabetização. Belota. A, E, I, O, U. Os alunos já começam a escrever, isto é, a reproduzir a palavra belota.

Quarta hora – Ainda belota. Ba, be, bi, bo, bu; la, le, li, lo, lu; ta, te, ti, to, tu. Formação de palavras.

Quinta hora – Projeção da ficha com a palavra sapato. Conhecimento das "famílias" do esse e do pê. Politização. Reconhecimento de sapato como objeto de cultura e debate sobre a sua importância. (Frase de um aluno: "O Governador é uma figura muito importante, mas se deixar de usar sapato perde a importância".)

Sexta hora – Sapato. Exercício. Formação de palavras. Leitura coletiva e individual. (Algumas das palavras formadas e escritas pelos alunos nessa aula: pote, papel, papai, pelo, Papa, Lobato.)

Sétima hora – Voto e povo. Politização e alfabetização. (Uma das monitoras, Dilma Ferreira Lima, descobre "o tijolinho", isto é, um modo de explicar aos alunos como é que são formadas as palavras.)

Oitava hora – Voto e povo. Recapitulação. Formação de palavras, leitura coletiva e individual. Início da disputa entre os Círculos de Cultura para ver quem formava a maior palavra. Palavras formadas: patativa, topa, lata, sopa, passo (significando pássaro), título. (Esta aula foi em uma segunda-feira, depois de uma interrupção, a primeira, de sábado e domingo. Sentiu-se uma certa deficiência de retenção, por falta de hábito.)

Slides apresentados por Paulo Freire durante a Experiência das 40 horas de Angicos

Nona hora – Ficha de salina. Politização e alfabetização. Início de formação de frases. Através de data ("Angicos, 5 de fevereiro de 1963") ensinou-se a "família do dê". Frases que os alunos formaram: "Salete vai a salina", "Noel viu o sal da salina", "Luiz vai ao sal". A maior palavra: penisilina (escrita com s porque ainda não conheciam a letra c).

Décima hora – Salina. Recapitulação, com todas as "famílias".

Décima primeira – Milho e feira. Alfabetização e politização. Formação de frases. (Exemplo: "Na feira, quando o sol esquenta, pega a baixar o preço"). A partir de então se descobriu a pós-confecção de *slides*, com a vantagem de se poder projetar na parede palavras escritas por alunos. A turma, já com letras de menor tamanho, está capaz de escrever dentro de um quadrado de *slide*.

Décima segunda – Recapitulação. A partir daí, ditados de palavras já conhecidas.

Décima terceira – Recapitulação. Ainda milho e feira. Foram aparecendo os acentos no universo vocabular dos alunos. Foi atendida a apetência deles.

Décima quarta – Ditados, leitura coletiva e individual. Lh, r e rr.

Décima quinta – Goleiro. Alfabetização e politização. Diferença entre o g e o j.

Décima sexta – Ditado. Leitura coletiva e individual. Formação de palavras e frases.

Décima sétima – Cozinha, jarra, fogão e tigela. Alfabetização e politização.

Décima oitava – Ditado. Formação de palavras.

Décima nona – Particularização do z e nh. Formação de palavras e frases. Leitura individual e coletiva.

Vigésima hora – Particularização do ão e do j. Diferenciação do am, an e ão. Formação de palavras.

Vigésima primeira – Chibanca. Politização e alfabetização. (Primeiro texto mimeografado para a turma ler. Grande dificuldade.)

Vigésima segunda – Ainda chibanca. Leitura individual e coletiva, formação de palavras e frases. Noções de plural e singular, masculino e feminino.

Vigésima terceira – Recapitulação. (Primeira aula depois do carnaval.)

Vigésima quarta – Xiquexique. Alfabetização e politização.

Vigésima quinta – Ainda xiquexique. Formação de palavras e frases como: "O xiquexique escapa muita gente"; "Quando se come xiquexique não se pode ir na casa dos outros".

Vigésima sexta – Recapitulação de todas as palavras. Leitura etc.

Vigésima sétima – Expresso. Alfabetização e politização. Formação de palavras e frases.

Vigésima oitava – Ainda expresso. Ênfase no x. (Na parte de politização saiu uma frase assim: "A gente constrói a entrada, mas só come poeira".)

miolo_vfinal.indd 63 16/07/2014 12:39:45

Vigésima nona – As sílabas complexas: pra, pre, pri, pro, pru, tra, vra, cha, nha, lha etc.

Trigésima hora – Bilro e almofada. Alfabetização e politização. Formação de palavras e frases. Foi distribuído um jornal mimeografado, *O Pau de Arara*, lido individual e coletivamente.

Trigésima primeira – Bilro e almofada. Ditado. Leitura coletiva e individual.

Trigésima segunda – O l intercalado, o s intercalado, o r intercalado. (Falta, susto, curto.) Recapitulação, com bilro e almofada.

Trigésima terceira – Recapitulação total de alfabetização e de politização.

Trigésima quarta – Atenção às dificuldades particulares de cada turma, em matéria de alfabetização.

Trigésima quinta – Aplicação dos testes de alfabetização e politização.

Trigésima sexta – Aplicação dos testes de alfabetização e politização.

Trigésima sétima – Formação de frases. Recapitulação de aglutinação de frases, formando composições.

Trigésima oitava – Composição, para o teste final de alfabetização. Atenção ainda a algumas dificuldades das turmas.

Trigésima nona – Aula de despedida, com recapitulação. (Houve choro entre alunos e monitores.)

Quadragésima hora – O presidente da República dá a aula de encerramento.

Observações

1. Contadas só as horas de alfabetização, essas atingem apenas 30 horas. Nas 40 horas estão incluídas também as horas gastas com aulas de cultura (que é básico), testes, verificação e avaliação.
2. O roteiro até a 13ª hora reflete a média de índices alcançados na maioria das classes. Da 13ª em diante verificaram-se desníveis de aproveitamento, obrigando os monitores a insistir na recapitulação de aulas e na projeção mais demorada da mesma ficha. Esse desnível foi aos poucos sendo superado, de modo a se fechar a última hora com o aproveitamento igualado em todas as classes.
3. Na segunda semana de aulas, justamente na faixa da 13ª hora, uma motivação muito maior, a chuva, obrigou a alguns alunos, os melhores, por sinal, a abandonar as classes por força da necessidade de trabalho na pequena agricultura. Todos lamentaram a ausência, manifestando a preocupação de não terem outra chance de aprender a ler e escrever.
4. Quando se atingiu a 22ª hora, o inverno havia "pegado" definitivamente. Coincidiu este fato com o início de obras públicas (grupos escolares, estradas, açudes) na região, oferecendo mercado de trabalho mediante pagamentos superiores

miolo_vfinal.indd 64 16/07/2014 12:39:45

aos até então pagos na sede do município, para fazer face à concorrência estabelecida pela agricultura. Francisco de Andrade Araújo, um homem de 45 anos, que foi trabalhar na construção de um grupo escolar em Macau, interrompeu a frequência por duas semanas. Mas, em seu lugar, deixou a filha de 9 anos, que anotava as aulas e as transmitia ao pai nos fins de semana.

5. Todos esses episódios confirmaram a necessidade de se ajustar o ano escolar ao ano de trabalho. No setor de alfabetização de adultos mais ainda, pois o homem está sujeito às condições de mercado de trabalho para sobreviver.

Como era organizado o trabalho

"Éramos organizados em uma equipe de coordenação central, uma equipe de supervisão e os coordenadores dos Círculos de Cultura. A equipe de coordenação central tinha três pessoas: um coordenador didático (eu mesmo, porque era formado e tinha didática), um coordenador para contatos políticos (Marcos Guerra) e um coordenador da parte de conscientização. Houve muito apoio à experiência e pudemos nos organizar muito bem. Íamos, inclusive, pessoalmente, participar dos trabalhos nos Círculos de Cultura, acompanhando de perto o que acontecia. A experiência foi sendo modificada em outros lugares em que foi aplicada, como Angicos, Mossoró, Caicó e Quintas. É difícil que se repita da mesma forma. Aliás, Paulo Freire me disse que talvez a experiência mais fiel ao Método tenha sido a de Angicos. O que foi feito em outros estados do Brasil e em outros países fugiu bastante à proposta inicial e foi recriada muita coisa. Ao final do trabalho, acreditávamos já que se poderia alfabetizar em 20 horas e com 12 palavras".

Carlos Lyra

Fonte: Carlos Lyra. In: Tânia Fischer, *Entrevista com Carlos Lyra.* São Paulo: FEUSP, 1979, p. 3. Disponível em <www.dhnet.org.br/educar/40horas/a_pdf/40_horas_carlos_lyra_entrevista.pdf>. Acesso em 3 abr. 2014

miolo_vfinal.indd 65 16/07/2014 12:39:47

2.2. Experiência de Angicos: esclarecimentos da direção executiva do SECERN

O índice de analfabetismo da população adulta do Rio Grande do Norte é de 70%, oficialmente. Entre os 30% restantes, no entanto, temos ainda cerca de 10% de semianalfabetos, a maioria capaz apenas de assinar seu nome *(dados de 1963)*.

Este é, sem dúvida, o maior problema do Estado. O sistema de ensino do Rio Grande do Norte vinha sendo o verdadeiro obstáculo ao desenvolvimento econômico e social do Estado. Por força de suas condições estruturais, que se perpetuavam em padrões superados, impedia, cada vez mais, a solução dos problemas regionais.

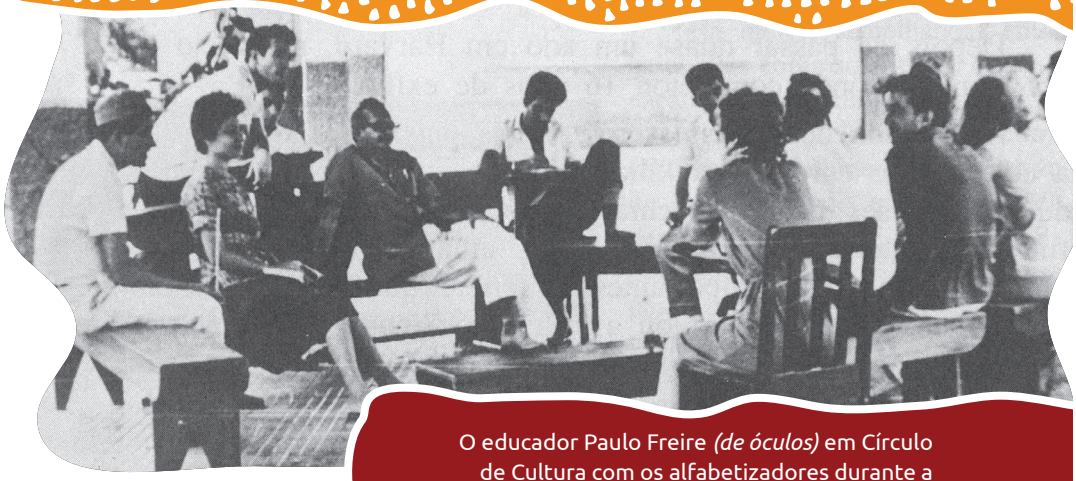
Hoje tentamos a revolução necessária.

A Campanha de Alfabetização de Adultos pretende alfabetizar 12 mil homens e mulheres no próximo trimestre, 100 mil adultos e adolescentes até 1965.

Nossos objetivos, com esta campanha, não se restringem à simples alfabetização. O programa prevê:

1. dar ao adulto o domínio das habilidades fundamentais em linguagem, leitura e aritmética;
2. promover o renascimento ou a criação de ideais e padrões elevados de vida;
3. formar no homem a convicção de sua responsabilidade (e da responsabilidade do Estado) em dar educação aos seus filhos;
4. habilitá-lo ao exercício da cidadania, como eleitor, como membro de uma nação livre e como participante ativo do regime democrático;
5. promover a elevação do seu nível de vida em casa, do ponto de vista da higiene, do conforto e da alimentação;
6. habilitá-lo à administração equilibrada dos seus recursos financeiros e da direção de sua própria vida;
7. despertar nele a noção de que ele, sua mulher, seus filhos, têm direito a uma vida melhor.

miolo_vfinal.indd 66 16/07/2014 12:39:47



O educador Paulo Freire *(de óculos)* em Círculo de Cultura com os alfabetizadores durante a Experiência das 40 horas de Angicos, em 1963

Convocamos voluntários e eles se apresentaram: estudantes universitários e ginasianos, que se dispuseram a testar um novo método de alfabetização de adultos. Organizamos a chamada Experiência de Angicos. Hoje encerramos essa experiência pioneira, com resultados que devem despertar a atenção de todo o Brasil: aproveitamento de 70%. Agora não é mais possível ficar indiferente ao problema do analfabeto, acomodado com a dificuldade que antes representava a solução do problema.

Hoje nós provamos que é possível alfabetizar um homem em apenas 40 horas de aula.

O método que empregamos, em caráter experimental, também está ainda em fase de experiência. Seu autor é o professor Paulo Freire, da Universidade do Recife.

Este método dispensa o uso da cartilha. Começa com uma pesquisa junto ao grupo que se pretende alfabetizar, quando é feita a coleta de um universo vocabular que corresponda a situações sociológicas existenciais do grupo. Esse universo tem em média 400 palavras.

A coleta é feita através de conversas informais, explicando aos futuros alunos que assim eles estão ajudando a fazer o programa das aulas, dando a eles um sentido de participação ativa. São anotadas também algumas frases mais expressivas, importantes para o grupo.

É feito um trabalho de separação das palavras dissílabas ou trissílabas, separando-se também os fonemas simples dos complexos. (Fita, por exemplo, é um fonema simples. Filtra é complexo.)

Um conjunto de palavras simples é escolhido: são palavras geradoras, com fonemas básicos.

Como o método é audiovisual, fazemos fichas coloridas, para projetar, contendo situações de trabalho próprias ao grupo e com as palavras-chave. Esta projeção pode ser feita por epidiascópio, retroprojetor, projetor

miolo_vfinal.indd 67 16/07/2014 12:39:48

opaco, projetor de diafilme (a querosene), ou por qualquer outro tipo de projetor, mesmo caseiro. (A importância da projeção é muito grande. É a melhor maneira de fazer gravar uma palavra, principalmente quando a projeção é feita no escuro. Se escrevermos uma palavra no quadro-negro e projetamos outra, a projetada será gravada pelo aluno em um terço do tempo necessário para gravar a outra.)

Durante a confecção das fichas, fazemos um teste de figuras com o grupo, para determinar a capacidade de observação e intelectual dos alunos e para melhor dividi-los em classes.

Organizada a classe, a primeira aula traz ao aluno o conhecimento da diferenciação entre objeto de cultura e objeto de natureza. É da ideia de cultura que partimos para a alfabetização. A segunda aula começa com uma explicação que procura dar aos alunos uma base para a compreensão da sua situação dentro da realidade brasileira. A isto chamamos politização. Já nesta aula, com a projeção da ficha, está projetada a primeira palavra geradora (que, no caso de Angicos, foi a palavra "belota", a ponta das redes ou enfeite do cabo da chibata). Ainda nesta aula os alunos são chamados ao quadro, para escrever (isto é, reproduzir) a palavra "belota". Há sempre um aluno, mesmo mais de um, capaz de escrever.

Os alunos são então informados de que aquela palavra tem três famílias: do b, do l e do t. Aprendem o ba, be, bi, bo, bu, o la, le, li, lo, lu.

A terceira aula é de revisão. Insistência nas três famílias de "belota". Em seguida, os alunos são chamados a formar palavras, juntando fonemas. Há sempre quem forme palavras: belo, lata, bola, bala...

Daí em diante, o método se desenvolve mais ou menos da mesma forma. Na metade do curso são introduzidos os fonemas complexos (bra, bre, bri, bro, bru), os grupos nh, lh, ch, as letras dobradas.

Os monitores, em Angicos, chamavam as sílabas de tijolos, explicando que "para construir uma parede ou uma palavra é preciso juntar os tijolos numa determinada ordem". Esta concepção de tijolo permitiu explicar que "às vezes a gente pode

miolo_vfinal.indd 68 16/07/2014 12:39:48

usar só um meio tijolo que está faltando", facilitando a todos os alunos a compreensão das consoantes intercaladas (o l da palavra falta, por exemplo).

As outras palavras geradoras em Angicos: voto, povo, sapato, chibanca, milho, feira, expresso, xiquexique, salina, goleiro, tigela, cozinha, jarra, fogão, bilro, almofada.

Na pesquisa de Angicos, 66 adultos informaram que iam aprender a ler e escrever "para melhorar a vida"; 26 "para ser motorista"; 23 para "ler jornal"; 20 "para ser professora"; outras 20 "para ser boa costureira"; 18 "para ficar sabendo"; 17 "para fazer cartas"; 15 "para ajudar os outros"; 11 "para ser comerciante"; 10 "para votar"; 7 "para dirigir-se"; 4 "para ser músico" e 4 "para ler a Bíblia".

Apresentaram-se 159 casados, 130 solteiros, 5 viúvos, 3 amasiados. Eram 94 domésticas, 46 operários, 38 agricultores, 24 artesãos, 18 serventes de pedreiro, 15 pedreiros, comerciantes, motoristas, carpinteiros, lavadeiras, bordadeiras, funcionárias, parteiras, mecânicos, vaqueiros, soldados, 33 profissões diversas, inclusive 1 prostituta e 5 desocupados.

284 católicos, 9 protestantes, 6 ateus.

A pesquisa revelou uma população acomodada, conformada, indiferente, fatalista, descrente da experiência, subnutrida e precocemente envelhecida.

Os voluntários para monitor tiveram 10 aulas, num curso de formação dado pelo Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife. As aulas: Atualidade Brasileira (professor Paulo Freire), Economia Brasileira (professor Roberto Cavalcanti de Albuquerque), Cultura Brasileira (professor Luiz Costa Lima), Planificação do Desenvolvimento (professor Roberto Cavalcanti de Albuquerque), Processo de Desalienação (professor Luiz Costa Lima), Deficiência e Inorganicidade da Educação no Brasil (professor Paulo Freire), Considerações Gerais Sobre o Método, análise e síntese (professora Aurenice Cardoso Costa); Elaboração do Material Audiovisual: pesquisa vocabular, seleção das palavras geradoras e preparo das fichas (professor Paulo Freire), Prática e Metodologia do Ensino (professores Paulo Freire e Aurenice Cardoso Costa). (Fonte: SECERN, RN, 1963)

miolo_vfinal.indd 69 16/07/2014 12:39:48

Angicos, Rio Grande do Norte (1963)

Angicos (de *angico*, árvore de grande porte). O município está localizado na zona do sertão, centro-norte do Estado. A cidade, com 109 metros de altitude, à margem esquerda do rio Pataxó ou Angicos, dista, em linha reta, 156 quilômetros da capital estadual. A área municipal mede 1.072 quilômetros quadrados. O clima é ameno e salubre, apresentando, em graus centígrados, as seguintes temperaturas: média das máximas 33º; média das mínimas 25º; média compensada 29º.

Habitavam primitivamente a região os índios da tribo pataxó, pertencente à nação gê ou tapuia. Acredita-se que as primeiras penetrações no território ocorreram em 1760 e que o fundador do povoado é o Tenente Antônio Lopes Viegas, descendente da família Dias Machado. Consta que em 1785, quando foi criada a Vila Nova das Princesas (hoje cidade do Açu), abrangendo os municípios de Açu, Angicos, Macau e Santana de Matos, já se localizavam no território de Angicos diversas fazendas de criar. Em 1833, o Conselho Provincial de Natal propôs ao Governo-Geral a fundação de diversas vilas, inclusive a de Angicos. A 11 de abril de 1833, o Presidente da Província, Manuel Lobo Miranda Henriques, desmembrava Angicos do território Açuense, concedendo-lhe assim a autonomia. A vila foi suprimida, revertendo ao município de Açu, pela Lei nº 26, de 28 de março de 1835, mas em 13 de outubro de 1836 o Presidente da Província, João José Ferreira de Aguiar, restaurou o Município (Resolução nº 9). A Lei nº 20, de 24 de outubro de 1936, concedeu à sede foros da cidade. Segundo a divisão administrativa vigente, o município compõe-se de dois distritos: Angicos e Fernando Pedrosa.

Segundo dados preliminares do Recenseamento Geral de 1960, registrou-se uma população de 9.542 habitantes. Localizam-se no quadro urbano 25%, estando os 75% restantes distribuídos pela zona rural. A cidade de Angicos e a Vila de Fernando Pedrosa contam, respectivamente, com 1.551 e 790 habitantes. A porcentagem de católicos eleva-se a 99%. Quanto à cor, 55% são brancos, 25% pardos e 20% pretos.

Cerca de 80% da população economicamente ativa dedica-se à agropecuária. A cultura e o beneficiamento de algodão constituem a principal fonte de renda do município. Ali se produz um dos melhores algodões do Estado, cultivando-se preferencialmente a espécie "mocó". Em 1959, a cultura do algodão ocupou uma área de 18.000h, tendo alcançado uma produção de 1.800 toneladas. Esse volume representou 91% da produção agrícola municipal naquele ano.

Na pecuária, o principal rebanho é o caprino, com 16.000 cabeças, vindo em seguida o ovino, com 15.000, e o bovino com 7.200.

A indústria é representada pelo beneficiamento do algodão (incluindo a produção de óleo) e pela fabricação de linha de costura. Os estabelecimentos ocupam aproximadamente 70 operários.

Um total de 194 quilômetros separam Angicos de Natal, pela antiga Estrada de Ferro Sampaio Correia, e 202 quilômetros pela rodovia. Localização: 5º39'46" de latitude sul e 36º36'18" de longitude oeste, de Greenwich.

O coeficiente de mortalidade infantil por 1.000 nascidos vivos foi, para 1960, de 600. Em 1961, de 292. O coeficiente de natalidade é 75. Exercem a profissão 1 médico e 1 farmacêutico.

O município possui dois grupos escolares, um em cada distrito, uma escola isolada e quatro particulares.

O orçamento municipal para 1960 previu despesa e receita de CR$ 2.516.000,00.

A cidade tem 300 ligações elétricas. Dois hotéis e duas pensões. Um cinema. Uma quadra de esportes, uma igreja, um mercado municipal, dois açudes municipais e um campo de pouso de terra batida. Tem linha telefônica em Açu.

Entre 10 e 19 de março, é celebrada a Festa de São José, padroeiro da cidade. Outra tradição local é o "terço da cruz": nos primeiros meses do ano, as mulheres reúnem-se em torno da imagem do Cristo, à frente da igreja, implorando chuva. (Fonte: SECERN, 1963)

miolo_vfinal.indd 70 16/07/2014 12:39:48

2.3. A hora e a vez de Angicos

Luiz Lobo[12]
Enviado especial do jornal Tribuna da Imprensa
(Rio de Janeiro, 1963)

Angicos, Rio Grande do Norte. Uma experiência inédita está chamando a atenção dos jornalistas do Brasil inteiro. Estão a caminho de lá repórteres do Time *e do* Le Monde. *Já disseram que é a revolução feita com o dinheiro da Aliança para o Progresso. Luiz Lobo, nosso enviado especial, informa: "é uma experiência; uma experiência revolucionária". Esta é sua história.*

Acontece em Angicos, cidadezinha no centro do Rio Grande do Norte: vinte e cinco estudantes acamparam por lá e estão fazendo a mais importante experiência em matéria de educação na História do Brasil. Estão tentando, em 40 horas, alfabetizar toda uma cidade.

Não acredita? Nós também não. E, no entanto, é verdade.

Angicos, tecnicamente, é uma vila na beirada da estrada de ferro do Nordeste. Uma igreja, uma estaçãozinha, um açude, a cadeia, o cemitério, um colégio dos padres, a pracinha defronte à igreja, um mercadinho municipal, coletoria, agência do Correio, a rua principal (calçada) e mais meia dúzia de ruazinhas.

Nem angicos tem mais. Os pés eram cinco, dizem, onde está hoje a igreja.

O prefeito anda sempre de paletó e gravata, mas às 10 horas da noite a luz elétrica é desligada.

Cinema, não tem. Campo de futebol, não tem.

Quem vem de Natal, tem de atravessar a zona do litoral e o agreste, entrando firme pelo centro norte, 200 quilômetros, 155 na poeira, até Angicos.

Em Angicos, diziam as estatísticas, havia 35% de analfabetos em idade adulta. E a conta era simples: um número de habitantes adultos, menos o número de eleitores, tanto. E era? Era nada. A grande maioria dos eleitores nem sabe ao menos ler o seu próprio nome. O máximo que faz, a mando do patrão,

12. **Luiz Lobo**, jornalista com origem no jornal *Tribuna da Imprensa* do Rio de Janeiro, de propriedade de Carlos Lacerda (que havia feito campanha contra a posse de João Goulart). Convidado por Calazans Fernandes, secretário de Educação do Estado do Rio Grande do Norte, acompanhou de perto a Experiência de Angicos, produziu para a Secretaria de Educação do RN o primeiro documentário sobre as "40 horas de Angicos". Foi assessor do Unicef para a América Latina e o Caribe e da Unesco para a área de Educação. Recebeu o título de Jornalista Amigo da Criança, concedido pela Abrinq, e dirigiu o Grupo de Jornalistas para a Divulgação da Ciência.

miolo_vfinal.indd 71 16/07/2014 12:39:48

é saber ferrar o nome para poder votar. (Poder, não, que eles são obrigados.)

A população adulta e analfabeta de Angicos é, na verdade, de mais de 70%.

Outro dia, chega lá um bando de moças e rapazes, universitários e ginasianos. E vão, de porta em porta, de conversa, querendo saber:

– O senhor sabe ler?

E vão avisando:

– Nós vamos ensinar todo mundo a ler. E as aulas não demoram muitos dias. O senhor quer aprender?

– Então não quero, moço?

– Pra que o senhor quer aprender a ler?

– Pra me livrar.

Não é literatura não. Um homem respondeu mesmo "pra me livrar". Como a maioria respondeu que queria "pra melhorar de vida". E houve quem respondesse que é para "não ser mais enganado".

Para isso, para aquilo, pra ganhar mais dinheiro, para escrever cartas, ler jornal, escrever romance, apareceram 400 adultos dispostos a sacrificar um pouco do seu descanso. À noite, depois de trabalhar o dia inteiro, vem gente de léguas, lápis e caderno na mão, aprender. (E vêm segurando o lápis e o caderno como quem vem para a luta, com firmeza e orgulho.) Tinha gente de não ler um O:

– Seu Cosme, que letra é essa que parece uma roda de caminhão?

– É xis?

– Não, seu Cosme, é um O.

– Então é um O, não é?

Seu Cosme já tem 70 anos e não estava acompanhando a turma. Procurou o professor.

– Eu tenho uma qualquer coisinha; o senhor me dá umas aulas, que eu aprendo e pago ao senhor.

Seu Cosme vem de longe. Quando a turma sai, agora, ele ainda fica:

– Seu Cosme, que letra é essa?

miolo_vfinal.indd 72 16/07/2014 12:39:49

– É um O?

– Eu que estou perguntando...

– Então é um O.

– E essa palavra?

– E essa aí é belota.

Marcos é um moço, o líder da turma. Marcos Guerra, terceiranista de Direito, gosta de tirar os sapatos, sempre que pode. Marcos tira os sapatos para dar aula.

No outro dia, o Marcos não chegou a tempo para a aula. Seu Geraldo falou:

– Seu Marcos vem amanhã?

– Vem, seu Geraldo. Ele não veio hoje porque foi ao dentista.

– Porque ele tem muita paciência com a gente e até tira o sapato para dar aula a gente.

Marcos dá aula na cadeia. Três presos, a mulher de um deles, a cunhada do soldado de polícia. O soldado não quis continuar:

– Eu sou muito suturno.

Suturno. Toda a gente na cidade se dizia suturna. Na quarta hora de aula já estava escrevendo uma porção de palavras.

Alguns desistiram. Como o soldado, que não queria perder a autoridade. E esse levou a mulher. Mas a cunhada não foi, ficou. Já está escrevendo.

– Dona Francisca, que palavra é essa?

– É belota.

– O que é belota?

– Belota é o enfeite da chibata. (É também aquele pendurucalho que enfeita as redes).

– Quantas famílias têm em belota, seu Toureiro?

– Tem três. A família do be, a família do lo e a família do ta.

– Como é a família do ta?

– Ta, te, ti, to, tu.

– Vai dizendo aí, seu Toureiro, que eu aponto.

– Ta, tu, ta, te, to.

– O senhor é capaz de escrever uma palavra usando dois tijolinhos da família do ta?

– Tenho pra mim que posso, sim senhor.

Toureiro escreve: tatu.

miolo_vfinal.indd 73 16/07/2014 12:39:49

– O que é tatu, seu Toureiro?

– É um bicho muito gostoso.

– O senhor pode escrever uma palavra usando as famílias de sapato?

Toureiro escreve topo.

– O que é topo, seu Toureiro?

– Assim, na minha profissão, quando o touro vem a gente topa. Eu topo.

Toureiro, na quinta aula, já escrevia também baile. Toureiro foi preso num baile. Ele pediu para tocarem um xote. Outro pediu para tocarem marcha. Tocaram o xote, o outro reclamou, tomou satisfações com o Toureiro. Acabou na porta de uma peixeira de nove polegadas.

Toureiro está estudando. Quer escrever, ele mesmo, uma petição ao Tribunal. 25 anos são muita coisa. A Moreninha tímida estava com dificuldades. A turma não vinha formando palavras, não tirava uma sílaba daqui e outra de lá para escrever uma palavra nova.

Inventou o tijolinho.

A palavra sapato tem três tijolinhos: sa, pa, to. Salina também tem três: sa, li, na. Como é que a gente faz um muro? Vai botando os tijolinhos, um ao lado do outro.

Vamos fazer umas palavras usando um tijolinho daqui e outro de lá.

Reprodução

O vídeo *As 40 horas de Angicos* conta a história do grupo de universitários voluntários no Programa de Alfabetização em 1963. Está disponível na Internet com o título *Alfabetização de adultos – Angicos*, em: www.forumeja.org.br/videos.angicos. À direita, o projetor elétrico usado durante a Experiência de Angicos

Sala, pano, nata, taoi.

– Taoi, seu Francisco? O que é taoi?

– E tem coisa com nome de taoi?

– Ainda não inventaram uma coisa com esse nome, seu Francisco. Mas a palavra existe; se o senhor escreveu, é porque ela existe.

Nina. O homem escreveu Nina. O que é Nina? Nina é o nome da minha mulher. O homem, orgulhoso, já sabe escrever Nina. Como já sabe escrever voto e povo.

Povo é povo, massa é outra coisa. O senhor já sabe o que é massa?

– Massa vai na onda...

Eu voto. O voto. Vota com fé e orgulho. Salve lindo voto. O voto é a arma do povo.

Tem aula de politização também. Mas, de vez em quando, o professor fica sem saber o que dizer. Como no dia seguinte, quando o homem chegou para o professor e disse:

– Fiquei pensando da nossa conversa de ontem; tá tudo certo, mas depois que a gente vota nele, não tem quem derrube se ele não presta.

– Derruba sim.

– Derruba nada. As formiguinhas, todas juntas, levam a barata muito maior pro formigueiro. Mas barata é barata, gente é gente.

Em Angicos a noite é uma beleza. Já era, sempre foi. Mas agora a noite em Angicos está muito mais bonita. Os projetores de *slides* iluminam a parede da casa pobre.

– Belota, salina, voto, povo, sa, se, si, só, su, la, le, li, lo, lu, na, ne, ni, no, nu, ta, te, ti, to, tu, va, ve, vi, vo, vu. Viva.

Onde não há eletricidade, projetor de querosene. O Carlos inventou um, com uma lâmpada cheia dágua e uma caixa de sapatos:

– Ação, ação.

Todo o mundo dormindo, no dormitório do colégio dos padres. Quem acorda primeiro, grita:

– Olha a alvorada!

Grito antipático. Olha a alvorada! O remédio é pular da cama e ir para o banho frio. Olha a hora do café.

As moças também tomam banho frio.

miolo_vfinal.indd 75 16/07/2014 12:39:52

Menina, como é que seu pai deixou você vir para cá sozinha, passar esse tempo todo trabalhando junto com os rapazes?

– Porque ele tem confiança em mim.

– Ah, Nordeste da peste!

As moças se revezam na cozinha: ação, ação. De manhã é a hora de estudar, quem está em segunda época... Depois, vamos preparar as aulas. A aula, como foi a aula de ontem? Todos fazem relatório, discutem, combinam a solução das dificuldades. Hoje a aula vai ser assim.

– Ontem eu misturei as famílias e eles formaram muito mais palavras.

– Eles aprendem muito mais depressa com a palavra projetada no escuro do que escrevendo no quadro. Então eu fiz um *slide*, escrevendo com nanquim em papel-vegetal...

– Minha turma prefere fazer frases do que escrever palavras soltas.

– O pessoal lá quer mais conversa de política...

Paulo Freire, Paulo Freire.

– O professor Paulo Freire vem aí.

O professor Paulo Freire veio, chegou do Recife para ver como vai a Experiência de Angicos. Há um ano ele estuda seu método de alfabetizar em 40 horas de aula. Já fez algumas experiências pequenas, com domésticas. E deu certo. Esta é a primeira grande experiência, nas piores condições possíveis.

– Vocês jornalistas são perigosos, vocês falam demais, fazem propaganda. Isso ainda é uma experiência.

– Mas professor, toda gente está vendo dar uma experiência, uma experiência.

O professor quer que se diga: é uma experiência, certo.

– É uma experiência.

A Experiência de Angicos, que não é só isso. Que começou no Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife, na teoria. Que alfabetizou domésticas no Recife e em João Pessoa. Que pretende fazer de Angicos a primeira cidade brasileira sem analfabetos. Que tirou de casa e das férias uma

miolo_vfinal.indd 76 16/07/2014 12:39:53

porção de estudantes. Que os levou para o interior e para o desconforto. Que está ensinando a eles também uma porção de coisas. E a nós.

– É uma experiência, viu?

– É.

Escreva uma palavra com as letras da família de belota.

– Belo.

É uma velhinha, 70 anos também, quem escreve.

– E o que é belo?

– Belo é uma coisa quase bonita.

Como a Experiência de Angicos, que tem uma segunda parte depois das 40 horas. (Por enquanto ficamos nessa notícia, que o professor Paulo Freire não quer publicidade.)

No pequeno e humilde cemitério de Angicos, há uma capelinha, quatro sepulturas grandes. Algumas lajes no chão. O mais são montinhos de terra com uma cruz de pau plantada. Não há alinhamento nessas sepulturas pobres. Com o tempo e as chuvas os montinhos vão desaparecendo, as cruzes caem, ninguém mais pode saber que ali embaixo é uma sepultura.

Eu pisava com cuidado, evitando as sepulturas. O coveiro disse:

– Não se cuide não, doutor, qualquer lugar que o senhor pise, está pisando no fim de alguém.

De alguém analfabeto, pode crer.

Quando acabar a Experiência de Angicos, é bem possível que nunca mais seja enterrado ali um analfabeto.

É uma experiência, ainda, e já é uma revolução.

Charge do cartunista Ronaldo, divulgada no dia do falecimento de Paulo Freire (2 de maio de 1997)

miolo_vfinal.indd 77 16/07/2014 12:39:54

Se fosse analfabeto, morria

Fui a Angicos só para dar uma olhada no que estava sendo feito lá em matéria de alfabetização de adultos. Participara, como assessor do governador Aluizio Alves, de conversas com o prefeito de Natal, adversário político, comunista, mas meu companheiro de copo. O objetivo da conversa era convencê-lo a participar da experiência. Sua campanha de alfabetização de adultos, *De pé no chão também se aprende a ler*, tinha o apoio entusiasmado dos jovens, mas usava métodos antigos e que não tinham a velocidade necessária para fazer deslanchar um projeto ambicioso. O projeto de Paulo Freire, ao contrário, era mágico, funcionava e tinha o apoio financeiro da Aliança para o Progresso. Era isso, principalmente, que incomodava o prefeito. E o dedão do Aluizio, símbolo das ações de seu governo.

Argumentei que Aluizio não fazia questão de mostrar seu símbolo (tinha autorização dele, evidentemente). E que seria muito interessante usar "o dinheiro dos gringos" para uma causa que conscientizaria a população.

Ele disse que os estudantes que quisessem estavam liberados e que ele não apoiaria publicamente, mas não faria oposição ao projeto.

Em Angicos fui recebido com toda a desconfiança, por ter sido identificado como jornalista da *Tribuna da Imprensa*, jornal de Carlos Lacerda. Minhas relações com a esquerda da Igreja não foram suficientes para vencer os olhares enviesados e a dificuldade de diálogo.

Dois, três dias, não foram suficientes para fazer uma boa ideia do projeto. Fui ficando, frequentando as aulas e pude entender muito bem o que Paulo Freire afirmava e enfatizava: os monitores têm muito o que aprender com os analfabetos, porque eles não sabem ler nem escrever, mas têm cultura. Na primeira aula em que as pessoas começam a formar palavras, alguém sugeriu a palavra potó. Ela foi escrita no quadro, mas o monitor disse que era uma palavra, mas que não ia valer porque não havia nada chamado potó, então seria uma palavra sem uso. O autor da sugestão riu. Todos na sala riram, e pude notar certa malícia no riso, até que ele explicou: "Quando o senhor for nadar na represa e o potó entrar no seu rabo, o Senhor vai saber se existe, porque começa uma coceira muito da grande".

Resolvi escrever sobre Angicos porque a experiência pareceu mesmo ser uma revolução. E porque aqueles jovens estavam fazendo uma boa revolução, alimentando a fome da cabeça.

Se as forças reacionárias não estivessem unidas e trabalhando muito contra aquela experiência, o Brasil, hoje, não seria mais um país de analfabetos. Disso tenho certeza absoluta porque eu vi, participei.

miolo_vfinal.indd 78 16/07/2014 12:39:54

Depois, veio uma greve, a primeira, logo em Angicos, cidade natal de Aluizio e cujo prefeito era seu irmão. Fui mandado para ver o que estava acontecendo. E acontecia que o pessoal das obras contra a seca não estava sendo pago. Ou melhor, estava, mas com grande atraso. E mais: o prefeito dizia que pagava do bolso dele e que, depois, deveria receber o dele de volta. O secretário da Fazenda negou atraso na remessa do dinheiro. E descobriu-se que o prefeito estava emprestando ao povo das obras com o dinheiro destinado a pagá-los. A greve era o resultado da conscientização que havia chegado junto com a alfabetização. Acabou a crise com a regularização dos pagamentos.

Não me lembro mais do nome do homem, mas sei que ele prestara um serviço para um fazendeiro e não recebia sua paga. O homem mandou que ele levasse uma carta a um fazendeiro vizinho na Paraíba, onde ia ser pago. Pegou a carta para levar, mas desconfiou. Abriu o envelope e leu a ordem para matá-lo. Se fosse analfabeto, morria.

Por Luiz Lobo
(depoimento exclusivo, escrito em maio de 2014)

Luiz Lobo em Natal (RN), no ano de 1964. À esquerda, sua primeira Carteira de Identidade, tirada em 1951, ano em que começou a trabalhar no jornal *Tribuna da Imprensa*

Foto: Arquivo pessoal (cedidas pela ABI)

miolo_vfinal.indd 80 16/07/2014 12:40:01

Parte 3
O Sistema Paulo Freire

O Sistema Paulo Freire possibilitava a alfabetização em um curto espaço de tempo (40 horas), trabalhando também a conscientização dos alfabetizandos em sua realidade, mas seu objetivo ia além desses propósitos. Os políticos reconheciam apenas a possibilidade de ampliar suas bases eleitorais, mas Paulo Freire e sua equipe viam muito mais longe: a alfabetização conscientizadora era apenas a primeira etapa de um sistema de educação, era o primeiro passo para uma educação ao longo da vida. Paulo Freire pensava já num Programa Nacional de Alfabetização como resultado das primeiras experiências do seu método revolucionário, estendendo para todo o país o que estava começando em Angicos, adotando a Educação Popular como uma política pública.

Os fundamentos político-pedagógicos do Sistema Paulo Freire foram expostos pelos seus criadores na *Estudos Universitários*, Revista de Cultura da Universidade do Recife (número 4, abril-junho de 1963). Em um dos artigos deste número (p. 26), Jarbas Maciel afirma que a alfabetização:

> Deveria ser – e é – um elo de uma cadeia extensa de etapas, não mais de um método para alfabetizar, mas de um sistema de educação integral e fundamental. Vimos surgir, assim, ao lado do *Método Paulo Freire de Alfabetização de Adultos*, o *Sistema Paulo Freire de Educação*, cujas sucessivas etapas – com exceção da atual etapa de alfabetização de adultos – começam já agora a ser formuladas e, algumas delas, aplicadas experimentalmente, desembocando com toda a tranquilidade numa autêntica e coerente Universidade Popular.

miolo_vfinal.indd 81 16/07/2014 12:40:01

Segundo Carlos Rodrigues Brandão, em Pernambuco, este Sistema previa as seguintes etapas:

1. alfabetização infantil;
2. alfabetização de adultos;
3. ciclo primário rápido;
4. extensão universitária (universidade popular);
5. Instituto de Ciências do Homem (pensado para ser criado na Universidade do Recife);
6. Centro de Estudos Internacionais (com foco sobre questões do Terceiro Mundo).

Dedicamos esta parte à análise do Sistema Paulo Freire a partir do contexto histórico apontado por Marcos Guerra, em seu texto "As quarenta horas de Angicos: um legado". A seguir, Osmar Fávero e Elisa Motta de Souza Siqueira, da Universidade Federal Fluminense (UFF), em seu texto "As fichas de cultura do Sistema de Alfabetização Paulo Freire: um 'Ovo de Colombo'", apresentam o significado político-pedagógico das "fichas de cultura", o "conceito antropológico de cultura" e como eles foram incorporados pelo movimento de cultura e Educação Popular. Carlos Rodrigues Brandão situa Angicos no contexto da Educação Popular conscientizadora, apontando-o como berço de experiências recentes no Brasil, "embrião de uma proposta de criar-se nesse país, aquele que deveria ter se iniciado há muitos anos, uma educação vivida como alguma coisa que nós construímos, que nós criamos, que é nossa, como direito, mas também como dever".

Esta parte é finalizada pelo artigo de Nilcéa Lemos Pelandré, no qual mostra que as 40 horas de aplicação do Método Paulo Freire foram suficientes para os alfabetizandos poderem ler textos simples e escrever palavras isoladas e frases curtas, mesmo que com muita dificuldade. Mas, de todos os ganhos, o maior deles foi a elevação de sua autoestima e a consciência de que poderiam participar de um mundo que lhes era negado, o mundo alfabetizado, letrado. Angicos apostou na capacidade das pessoas e elas deixaram a condição de excluídas.

miolo_vfinal.indd 82 16/07/2014 12:40:02

3.1. As 40 horas de Angicos: um legado

Marcos Guerra

Foi secretário da Educação do RN (1991-1994) e presidente do CONSED (1994), Coordenador do Setor de Educação e Alfabetização de Jovens e Adultos do SECERN (1962-1964) e monitor em um dos Círculos de Cultura das 40 horas de Angicos

As 40 horas de Angicos resultaram em nova maneira de conceber e aplicar programas e políticas públicas de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Para os analfabetos, o exercício dos direitos inerentes à cidadania torna-se muitas vezes difícil ou impossível. Angicos provou que pode ser rápido e barato instituir políticas que viabilizem a inclusão e combater na prática uma das principais causas da exclusão social, política e econômica de 15 a 45 milhões de brasileiros com mais de 15 anos de idade.

Poucos negam o legado de Angicos, conhecimentos e resultados que representam um marco histórico para a educação brasileira. As 40 horas representam rico manancial que influenciou também gerações e políticas de educação em dezenas de países de cinco continentes.

Paulo Freire e Marcos Guerra durante a formação dos monitores da Experiência de Angicos (RN), em 1963

Foto: Carlos Lyra

Aqui tentaremos identificar os principais resultados, além de situar alguns dos fatos mais significativos e o contexto em que se desenvolveu a conhecida Experiência de Angicos, realizada sob orientação direta do professor Paulo Freire, no início de 1963.

Os fatos

- Experiência-piloto de um programa educativo do Governo Aluizio Alves, com três eixos: alfabetização de 100 mil adultos, construção de mil novas salas de aula e formação de todos os professores da rede estadual.
- Na época, os analfabetos não votavam. Angicos tinha 1.551 habitantes na cidade, e 70% de analfabetos.
- Na maioria dos estados do Nordeste, o número de eleitores dobraria, segundo análise realizada anos depois por Almino Afonso, ex-ministro do Trabalho e Previdência Social em 1963. (Em 2014, ele lançou o livro *1964: Na Visão do Ministro do Trabalho de João Goulart*).
- Um total de 300 adultos se matricularam para participar das 40 horas de Angicos.
- Os cursos ocorreram de 18 de janeiro a16 de março 1963.
- Participaram 19 coordenadores, estudantes em Natal, sendo 17 universitários e 2 secundaristas.
- Foram utilizadas 17 palavras geradoras.
- O presidente João Goulart participou do encerramento, em 2 de abril de 1963, junto com governadores do Nordeste, Celso Furtado (Sudene) e Castelo Branco (IV Exército).
- Após a solenidade, Calazans Fernandes, secretário da Educação do RN, foi abordado por Jango e pelo general.
- Jango perguntou: "Como fazer 6 milhões de eleitores, para que possamos realizar a reforma agrária?".
- Castelo Branco confidenciou: "Meu jovem, você está engordando cascavéis nesses sertões".
- Depois de Angicos, a ação se desenvolveu em Mossoró, Natal (Quintas), Macau e Caicó.
- A brusca interrupção devida ao golpe de 1964 desconcertou os participantes, gerou medo e deixou marcas inclusive nos alunos.

miolo_vfinal.indd 84 16/07/2014 12:40:02

O contexto

- Mesmo sendo original e específica, a experiência-piloto ocorreu num contexto altamente favorável, não sendo algo isolado.
- Ao mesmo tempo, existiam no RN ações como a campanha *De pé no chão também se aprende a ler*, da Prefeitura de Natal (Djalma Maranhão), e o Movimento de Educação de Base (MEB), criado por d. Eugênio Sales. Em Recife, o Movimento de Cultura Popular (MCP) da Prefeitura, dirigida por Miguel Arraes, e em João Pessoa, a Campanha de Educação Popular da Paraíba (Ceplar), dentre outros.
- Através das Uniões Estaduais Estudantis (UEEs), a União Nacional dos Estudantes (UNE) mobilizava os estudantes universitários para participar de atividades de cultura popular e de Educação Popular, em particular através do Centro Popular de Cultura (CPC) berço do cinema novo brasileiro.
- Diversos movimentos sociais mobilizavam-se para realizar reformas de base, por ocasião do Governo Jânio-Jango.
- Nas Américas, o Governo Kennedy tentava instalar reformas por meio de um programa chamado Aliança para o Progresso.

Relação nominal dos coordenadores: universitários e secundaristas

Carlos Augusto Lyra Martins (Filosofia), Dilma Ferreira Lima (Farmácia), Edilson Dias Araújo (Científico), Gizelda Gomes Salles (Filosofia), José Ribamar de Aguiar (Direito), Lenira Leite (Filosofia), Marcos José de Castro Guerra (Direito), Margarida (Margot) Magalhães (Odontologia), Pedro Neves Cavalcanti (Direito), Rosali Liberato (Filosofia), Talvani Guedes (Ginasial 4º ano), Valdenice Correia Lima (Filosofia), Valquíria Felix (Direito). Coordenadores que participaram com menor número de aulas, de acordo com as disponibilidades: Marlene Vasconcelos (Filosofia), Maria do Carmo (Carminha) Correia de Lima (Serviço Social), Maria Madalena Freire (Pedagogia), Evanuel Elpídio da Silva (Medicina), Maria Laly Carneiro (Medicina), Geniberto Campos (Medicina), Maria José Monteiro (Serviço Social), Ilma Melo (Filosofia).

Fonte: Carlos Lyra. *As quarenta horas de Angicos.* São Paulo: Cortez, 1996, p. 118

miolo_vfinal.indd 85 16/07/2014 12:40:03

Inovar, sistematizar e consolidar

1. Terreno privilegiado para sistematizar e consolidar conhecimentos relativos à educação de jovens e adultos, as 40 horas de Angicos permitiram uma sadia interação entre teorias e práticas.
2. Houve uma grande mobilização na cidade, com visita a todas as casas para matricular os analfabetos. Uma mobilização permanente levava até a visitar no dia seguinte alguém que faltava uma noite para trazê-lo de volta.
3. O Governo Aluizio Alves realizou esta atividade em convênio com a Aliança para o Progresso, com recursos repassados através da Sudene.
4. Paulo Freire obteve que a coordenação das ações fosse confiada à liderança universitária do RN, com plena autonomia quanto ao método e ao conteúdo do trabalho. Foi elaborado um convênio entre o Governo e o Serviço de Extensão Cultural da UFPE (SEC-UFPE).
5. Ao vivo, graças à humildade e espírito científico do Paulo Freire, tornava-se evidente e quase corriqueira a reelaboração e enriquecimento de teorias que mais tarde foram publicadas em suas principais obras, desde a *Educação como prática da liberdade* até à *Pedagogia da esperança*, passando pela *Pedagogia do oprimido* e tantos outros escritos.
6. A grande abertura de Paulo Freire e de sua equipe do SEC-UFPE permitia questionar a teoria a partir da prática, de questões postas, problemas e soluções surgidos nas aulas noturnas, que eram analisados nos seminários realizados a cada manhã.
7. Além da formação inicial dos coordenadores, da qual participou o próprio Paulo Freire, estes seminários foram um momento privilegiado de formação continuada com a equipe do SEC-UFPE e Paulo Freire.
8. Angicos sistematizou as diferentes fases que possibilitam identificar e selecionar palavras e Temas Geradores, codificar situações vividas pelos próprios analfabetos e demais exigências metodológicas que permitiriam em seguida ampliar a ação educativa para outras cidades do RN.
9. As salas de aula foram substituídas pelos Círculos de Cultura. O diálogo em torno dos Temas Geradores criava ao mesmo tempo novos conhecimentos, aprendizagem de leitura e escrita, e suscitava reflexões que progressivamente construíam um nível de consciência crítica. Difundiu-se a ideia da "conscientização" através da ação educativa.

miolo_vfinal.indd 86 16/07/2014 12:40:03

10. Convencidos de que não trabalhávamos com "analfabetos orais", os debates partiam da experiência de vida e do saber de todos os participantes. Muitas vezes no calor de um debate, alguns alunos diziam não ter aprendido nada de novo, mas somente 'refrescado a memória' sobre coisas que já sabiam.
11. O diálogo permitia vislumbrar ações concretas para modificar o mundo, até mesmo porque desde as horas iniciais conhecimentos de antropologia cultural haviam evidenciado o papel de cada um na transformação da natureza e sua contribuição para a cultura e o desenvolvimento.
12. Os 19 coordenadores constituíam de fato uma equipe interdisciplinar, sendo na maioria estudantes de Pedagogia e Letras (6), Direito (4) e Medicina (3). De outras áreas, com 1 coordenador cada, vieram estudantes de Odontologia, Farmácia, Serviço Social e Jornalismo, além de dois secundaristas.
13. Voluntários em Angicos, a maioria dos coordenadores continuou seu trabalho na estrutura específica da Secretaria da Educação do RN.
14. Nos últimos meses de 1963, alguns foram convidados por Paulo Freire para integrar ao mesmo tempo a equipe do Programa Nacional de Alfabetização do MEC, que preparou a implementação do referido programa em Sergipe.
15. Na prática, as 40 horas serviram como um ensaio geral, preparando para a difusão em massa do Sistema de Educação elaborado pelo professor Paulo Freire. Quase todos os conceitos básicos depois desenvolvidos em suas obras estavam presentes e foram confrontados com a prática e enriquecidos com os novos conhecimentos gerados.
16. Poucos estudos científicos ou acadêmicos foram desenvolvidos especificamente sobre as 40 horas de Angicos. Destaca-se uma avaliação sobre resultados de aprendizagem 40 anos depois, pela professora Nilcéa Lemos Pelandré (UFSC), que identifica "Três segredos da eficácia de Angicos – promoção humana, professores preparados e motivados, e imersão intensiva" e conclui que "a

miolo_vfinal.indd 87 16/07/2014 12:40:04

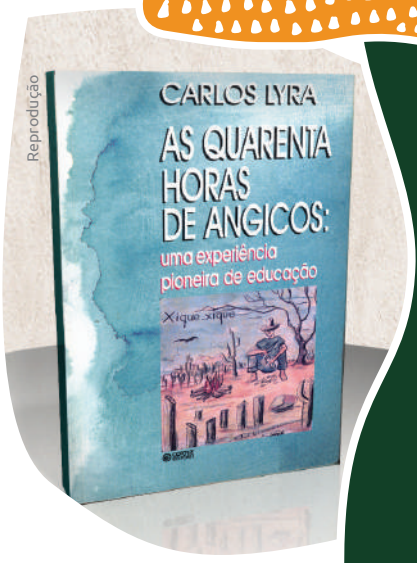
experiência foi realmente extraordinária, face ao quanto de leitura e escrita as pessoas que dela participaram conseguiram aprender e reter" (p. 218).

17. Finalmente, a História Oficial revela mutismo e esquecimento. Até esta data, Angicos não recebeu uma manifestação concreta do interesse do MEC ou do Governo Federal que indique a intenção de resgatar ou valorizar a rica experiência de que foi celeiro.
18. Enquanto isso, a professora Nilcéa Lemos Pelandré em seu trabalho identificou traumas e marcas positivas que justificariam um posicionamento de incentivo e reconhecimento que poderia ser pronunciado por ocasião do próximo evento de diplomação de nova turma de alfabetizandos em Angicos: "Os sujeitos de Angicos retiveram os conteúdos apreendidos, guardam lembranças que os deixam felizes, porém trazem a marca de quem viveu se escondendo, sem ter tido tempo de entender o porquê dos acontecimentos, uma vez que participaram de um projeto que só lhes trouxe alegria, prazer e confiança em si e num futuro melhor." E mais adiante: "As lembranças estão registradas apenas na memória, pois as provas materiais, os bens escolares, as apostilas, os cadernos, os bilhetes, as cartas foram destruídos para que não fossem presos ou traíssem aqueles que os conduziram a uma liberdade por muitos nem sonhada. Porém, o despertar das consciências e os conhecimentos adquiridos, as habilidades de leitura e escrita continuam vivos, e não houve repressão capaz de apagá-los". (Fonte: Nilcéa Lemos Pelandré, *Ensinar e aprender com Paulo Freire:* 40 horas 40 anos depois. São Paulo: Cortez, 2002, p. 213).

Conclusões para uma política pública

1. Metodologias, prazos e custos das 40 horas de Angicos permitem concluir pela total viabilidade de realizar Programas de Alfabetização de Jovens e Adultos que resolvam de vez esta questão no Brasil.
2. Valorizar os saberes e a cultura dos analfabetos explica em grande parte o sucesso de Angicos e ações similares.
3. Associar a aprendizagem da leitura e escrita com situações da vida real, numa troca de ideias que viabiliza análise, reflexão e pistas de ação transformadora do mundo, explica em grande parte a permanência do que foi adquirido.

miolo_vfinal.indd 88 16/07/2014 12:40:04



O livro *As quarenta horas de Angicos: uma experiência pioneira de educação* (São Paulo: Cortez, 1996) constitui uma preciosa fonte de pesquisa do que aconteceu no dia a dia de Angicos. O trabalho de preparação, o universo vocabular, as palavras geradoras, o desenrolar das "aulas", os impasses vividos pelo grupo de estudantes, a alfabetização, a politização. Nesse particular, merece atenção o fato de existirem testes, não somente de alfabetização, mas também de politização, cujas médias obtidas pelos "alunos" nestes últimos alcançaram índices mais elevados do que as referentes à alfabetização. O aludido livro reproduz, outrossim, modelos dos testes utilizados no transcorrer da experiência, ao mesmo tempo em que identifica os sujeitos que participaram dos Círculos de Cultura e quais motivos os levavam a querer aprender a ler e a escrever. Lá estavam presentes os subalternos – domésticas, operários, trabalhadores rurais, pedreiros, serventes, artesãos, lavadeiras, motoristas, carpinteiros etc. – que responderam majoritariamente que desejavam aprender a ler e a escrever "para melhorar de vida". Pela sua dimensão documental, portanto, o livro de Carlos Lyra constitui uma contribuição extremamente significativa ao conhecimento dos acontecimentos de Angicos e do lançamento de uma das pedras fundamentais da obra do mestre recentemente desaparecido.

José Willington Germano, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Fonte: Revista *Educação & Sociedade*, vol. 18, nº 59, Campinas (SP), agosto de 1997

Ações de alfabetização usando outras metodologias levam na maioria das vezes ao esquecimento ou "analfabetismo regressivo".

4. Parece vital e insubstituível associar aprendizagem e conscientização, em particular quando se pretende estimular ações de transformação do mundo, inclusão social-econômica e profissional, pleno exercício da cidadania e atitudes de responsabilidade social com vistas ao desenvolvimento sustentável.
5. Seria impossível repetir as 40 horas de Angicos como resposta aos novos desafios da inclusão social, política, econômica e profissional deste início do século 21. Mas os conceitos

miolo_vfinal.indd 89 16/07/2014 12:40:04

básicos de Paulo Freire, as metodologias aplicadas, a experiência adquirida, sua clareza sobre como responder aos novos desafios e identificar novos objetivos permitem, sem dúvida inspirar a todos quantos receberam seu legado, e dizem mais uma vez: PRESENTES!

O Sistema Paulo Freire de Alfabetização

O método de alfabetização de Paulo Freire começa pela busca do universo de palavras. Isso se faz de maneira muito simples, através de conversas. Esse primeiro momento é fundamental, porque fornece o grau de conscientização existente na comunidade. Ao mesmo tempo, daqui surgem as palavras que, sendo aquelas que indicam as situações existenciais fundamentais da vida comunitária, serão escolhidas como as palavras geradoras que devem funcionar audiovisualmente no processo de alfabetização.

Aqui começa a se definir a filosofia do sistema empregado: trabalhar com o próprio material fornecido pela comunidade. É o momento indicado para que o coordenador dos debates intervenha e que se estabeleça o diálogo. A chave do sistema a ser empregado se encontra, portanto, no trabalho sobre as palavras geradoras, que são as palavras-chave cuja decomposição em fonemas possibilita o surgimento de novas combinações. No universo de vocábulos obtidos, escolhem-se os vocábulos cujas dificuldades fonêmicas deverão ser dominadas pelo analfabeto.

Depois de colocar em fichas (*slides)*, a palavra geradora, pela representação visual, se associa seja ao objeto que ela representa, seja à situação mesma representada por toda a ficha. Seguem então as atividades dos Círculos de Cultura. Discute-se a partir do *insight* da situação existencial da comunidade. A partir de objetivos da natureza e da cultura, os participantes, debatendo o conceito antropológico de cultura, descobrem que a cultura se apresenta como uma resposta do homem às necessidades vitais de sobrevivência.

As fichas seguintes insistem sobre a disfunção entre mundo da natureza e mundo da cultura, para mostrar onde, no interior do universo cultural, se insere a educação. As fichas apresentam então uma importância decisiva com as duas etapas da vida humana (através de um índio que caça e um caçador atual). Por meio dessas fichas, eles distinguem: a diferença de fase existente entre elas, e chegam a discutir o papel da tecnologia em si e no desenvolvimento.

As fichas seguintes oferecem a motivação para a discussão sobre o problema do instinto e da razão, sobre a função do trabalho e do homem criador. Depois disso se discute a diversidade de padrões que formam as diferentes comunidades nacionais (por exemplo, do gaúcho do Sul em relação ao "vaqueiro" do Nordeste). A última ficha sintetiza toda a discussão anterior e coloca o problema da democratização da cultura. As investigações e a prática levaram o prof. Paulo Freire a elaborar não só um método ativo, mas um sistema de educação de adultos que leva os analfabetos não só a se alfabetizar, mas a ganhar a consciência de sua responsabilidade social e política. O sistema proporciona ao homem muito mais que o simples alfabetizar, pois através da discussão de problemas locais, regionais e nacionais torna-o mais crítico e o leva posteriormente a se conscientizar e a se politizar.

Aurenice Cardoso

Fonte: *Estudos Universitários*, nº 4. Universidade do Recife, 1963

miolo_vfinal.indd 90 16/07/2014 12:40:05

3.2. As fichas de cultura do Sistema de Alfabetização Paulo Freire: um "Ovo de Colombo"[13]

Osmar Fávero
Professor titular aposentado da Universidade Federal Fluminense (UFF), vinculado como colaborador permanente ao Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma universidade
Elisa Motta de Souza Siqueira
Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), mestranda no programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ)

Conta-se que, em uma ocasião, Cristóvão Colombo foi convidado para um banquete no qual lhe haviam designado um posto de honra. Um dos convidados era um cortesão muito enciumado do grande descobridor. Quando teve a oportunidade, dirigiu-se a ele e lhe perguntou de uma forma um tanto impertinente: – *Se você não tivesse descoberto a América, por acaso não existiriam outros homens na Espanha que poderiam fazê-lo*? Colombo preferiu não responder diretamente. Levantou-se, pegou um ovo de galinha e convidou todos os presentes para tentar colocá-lo de forma que se mantivesse em pé sobre um de seus extremos. Quase todos os presentes tentaram, um após o outro, ante o olhar atento dos demais, uns com mais, outros com menos convicção. Mas passava o tempo e ninguém conseguia descobrir uma maneira do ovo ficar em equilíbrio. Finalmente Colombo pôs-se em pé, com ar solene, aproximou-se, pegou o ovo e bateu-o levemente contra a superfície da mesa, até que quebrou um pouco da casca de uma das pontas e, graças a este pequeno achatamento, o ovo se manteve na posição vertical. – *Claro que desta maneira qualquer um pode fazê-lo!* – objetou, um pouco alterado, o cortesão. Respondeu Colombo: – *Sim, qualquer um, mas qualquer um a que se lhe tivesse ocorrido fazê-lo.* (Fonte: www.metaforas.com).

13. Artigo originalmente publicado na *Revista Linhas Críticas*, v. 18, n. 37, set./dez. 2012. Agradecemos às editoras da Revista a autorização para reproduzi-lo neste livro.

miolo_vfinal.indd 91 16/07/2014 12:40:05

No início dos anos de 1960, quando foram criados os movimentos e aos quais se subordinavam a Educação Popular, todos partiam praticamente do mesmo conceito de cultura. Com expressões mais ou menos elaboradas, todos entendiam a cultura como a transformação dialética do mundo natural, previamente dado, em um mundo humano, historicamente construído.

As primeiras formulações foram feitas, do lado do grupo marxista, por Carlos Estevam, um dos criadores e o primeiro presidente do Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE), no livro *A questão da cultura popular,* de 1963. Do lado do grupo católico, elas tiveram origem nos seminários realizados, no período, pelo padre jesuíta Henrique de Lima Vaz, para os militantes da Juventude Universitária Católica (JUC) e assumidos pela Ação Popular (AP), criada em 1962, após a crise da JUC com a hierarquia eclesiástica. Vejamos o essencial dessas duas formulações.

A perspectiva de luta pela libertação nacional, à qual a cultura popular se liga intimamente, é posta em termos concretos por Carlos Estevam (1963). Por sua formação marxista, é o que melhor explicita a relação entre cultura e revolução. Para ele: "A cultura popular é uma forma legítima de trabalho revolucionário, na medida em que tem por objetivo acelerar a velocidade com que se transformam os suportes materiais da sociedade" (ESTEVAM, 1963, p. 4). Citando Guevara – o qual, perguntado como se fazia uma reforma agrária, respondeu: "É muito simples. Primeiro, toma-se o poder. Depois, faz-se a reforma agrária" —, Estevam afirma: "Por mais que se faça, no essencial, a cultura permanece intacta enquanto não se toma o poder" (1963, p. 5). E esclarece: "Cultura popular não é mais que uma forma mediadora entre cultura e revolução" (1963, p. 6). Acrescenta que "não é mais que uma reforma, mas uma reforma no sentido revolucionário, porque sabe unir dialeticamente a possibilidade imediata ao objetivo final e porque assume como objetivo final a transformação material da sociedade" (ESTEVAM, 1963, p. 7).

É importante apresentar o que Estevam entende por cultura popular, principalmente porque representa uma das

miolo_vfinal.indd 92 16/07/2014 12:40:05

fontes de elaboração e divulgação desse conceito, por meio do CPC da UNE, incorporado, em parte ou totalmente, por várias organizações locais[14].

Para definir cultura popular, Estevam parte de um conceito amplo de cultura: "tudo o que não é exclusivamente natureza", o que para ele compreende, no mundo moderno, uma infinita variedade de bens, utensílios e instrumentos, de atividades de produção, reprodução, manutenção e administração, de normas, preceitos e símbolos, de ideias, crenças e sentimentos, de costumes, técnicas e organizações que constituem, enfim, todo um complexo universo criado pelo trabalho e que tem por finalidade garantir, em um nível cada vez mais integral, a realização do ser do homem no mundo (ESTEVAM, 1963, p. 8).

Dessa visão de cultura, por ser demais ampla, Estevam distingue os elementos materiais dos espirituais e estabelece uma primeira restrição: "A cultura entendida assim nessa acepção mais corrente se resume às atividades e aos produtos que têm seu destino na consciência", ou seja, as ciências, as artes, o direito, a religião, a filosofia, as atitudes, os símbolos, as crenças, os projetos, a linguagem e os valores (ESTEVAM, 1963, p. 9). O conteúdo do termo "popular", aposto a este conceito restrito de cultura, estabelece uma segunda restrição:

> A cultura popular, essencialmente, diz respeito a uma forma particularíssima de consciência, a consciência que imediatamente deságua na ação política. Ainda assim, não a ação política em geral, mas a ação política do povo. Ela é o conjunto teórico-prático que codetermina, juntamente com a totalidade das condições materiais objetivas, o movimento ascensional das massas em direção à conquista do poder na sociedade de classes. (ESTEVAM, 1963, p. 29-30).

Para Estevam, essa finalidade constituía a própria razão de existir da cultura popular: "[...] ela só existe se se comporta como uma força de caráter cultural que age com o objetivo de tornar consciente para as massas o sentido de sua situação histórica" (1963, p. 30). Dessa forma, pode-se dizer que são

14. Posteriormente, Ferreira Gullar (1963), terceiro e último presidente do CPC da UNE, em *Cultura posta em questão*, apresenta uma concepção de cultura popular distinta e bastante mais aberta que a de Carlos Estevam. No entanto, a concepção do primeiro foi a mais difundida, no período em estudo.

miolo_vfinal.indd 93 16/07/2014 12:40:05

atividades de cultura popular todas aquelas "relativas à formação da consciência política ativa das massas" (*idem)*.

Por sua vez, ao lado dos temas consciência e ideologia, o tema cultura é fundamental na reflexão de Pe. Vaz.[15] Ele a considera a forma concreta da consciência histórica numa determinada época, não somente enquanto criação dos homens nesse tempo, mas também enquanto compreendida e vivida por esses mesmos homens. Pela consciência histórica, o homem reconhece o mundo humano; pela cultura o constrói, afirmando-se nele como homem. Do ponto de vista filosófico-antropológico, a natureza exprime o que é dado ao homem; a cultura, o que é por ele feito. O mundo de cultura é, assim, o mundo propriamente humano.

Considera Pe. Vaz que a consciência contém dois planos que se interceptam:

a) o plano da intenção, que, voltada para alguma coisa, quando tem sempre algo a enfrentar, está sempre em luta; e

b) o plano da expressão, que se constitui na recriação, é a forma nova que o homem dá ao objeto do qual ele tem consciência para comunicar aos outros homens.

Em correspondência, a cultura tem dois aspectos:

a) o subjetivo, que exprime a cultura como desenvolvimento do sujeito que edifica o mundo cultural, seja o indivíduo, sejam grupos sociais mais amplos, seja a humanidade, que tende a constituir um sujeito cultural universal;

b) o objetivo, que exprime a cultura como processo de desenvolvimento do mundo a ser transformado pelo homem, ou seja, as obras culturais, que são formas de cultura.

Do mesmo modo que a consciência é sempre intenção-expressão, também a cultura conjuga dialeticamente dois momentos análogos, em um processo que é o próprio processo histórico: realização do homem e do mundo humano; personalização e socialização. O aspecto subjetivo, por sua vez, desdobrar-se-ia em duas dimensões, cuja origem é a mesma e única, ou seja, o ato de transformação dialética do mundo: a dimensão de consciência que engloba ideias, valores, projetos; e a dimensão do agir, que compreende os instrumentos e as técnicas de transformação do mundo.

15. As considerações de Pe. Vaz foram feitas, inicialmente, no Curso sobre Consciência Histórica e Cristianismo, durante o 3º Seminário Nacional de Estudos da JUC (Aracaju, fev. 1963), e assumidas pela Ação Popular (AP) neste mesmo ano, no documento normativo *Cultura Popular*, utilizado como fonte para este texto (FÁVERO, 1983, p. 15-31). São também encontradas nos textos propostos pelo Movimento de Educação de Base (MEB) como *fundamentação* dos livros de leitura *Saber para viver* e *Viver e lutar*, em 1964, e do Programa Didático para 1965 (1ª parte - Estudos sociais: cultura).

miolo_vfinal.indd 94 16/07/2014 12:40:05

Com base nesses elementos, Pe. Vaz propõe uma definição de cultura que passa a ser reproduzida e utilizada largamente pela Ação Popular, da qual se desdobram suas propriedades:

> Cultura é o processo histórico (e, portanto, de natureza dialética) pelo qual o homem, em relação ativa (conhecimento e ação) com o mundo e com os outros homens, transforma a natureza e se transforma a si mesmo, constituindo um mundo qualitativamente novo de significações, valores e obras humanas, e realizando-se como homem neste mundo humano. (FÁVERO, 1983, p. 16-18).

Em decorrência dessa definição, são fixadas as propriedades da cultura:

- **A cultura é histórica**, pois a iniciativa humana que cria a história é precisamente a cultura. A história não é mais que o desenvolvimento do processo pelo qual se opera a passagem dialética da natureza em cultura, ou seja, do mundo natural em mundo humano.

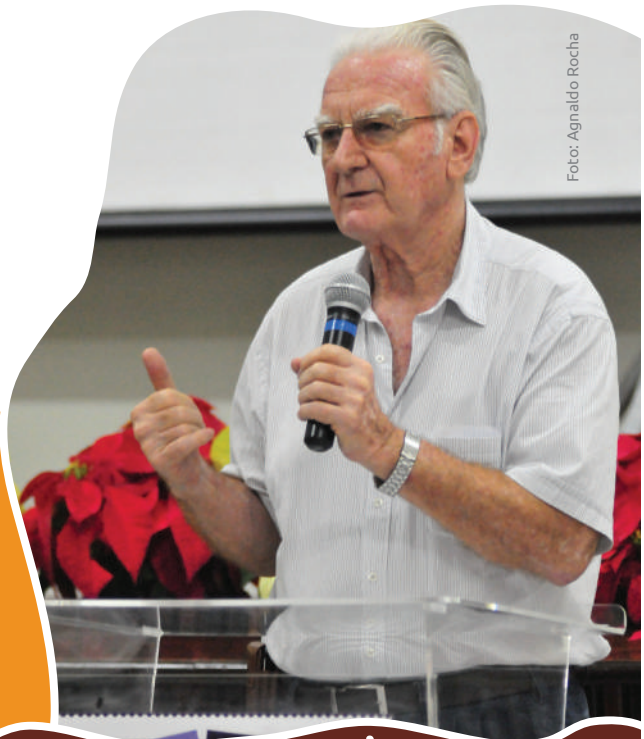


Foto: Agnaldo Rocha

Osmar Fávero no evento que celebrou os 20 anos do Instituto Paulo Freire (IPF) em São Paulo, no dia 12 de abril de 2011

- **A cultura é social**, pois só tem sentido e validez enquanto processo de comunicação das consciências. O mundo cultural, como mundo humanizado, sendo mundo-para-mim é mundo-para-o-outro.
- **A cultura é pessoal**, pois é por excelência iniciativa de liberdade, enquanto supera o determinismo da natureza. Logo, a comunicação das consciências [...] só pode ser entendida na forma de livre apelo à realização da pessoa, ou seja, à aceitação ativa e livremente consentida das significações e ideias do mundo natural em que o indivíduo se inscreve. Só enquanto pessoal a cultura é mediadora de libertação, isto é, de aprofundamento da consciência-de-si, de passagem do homem "coisa e objeto" (natureza) para o homem "sujeito e pessoa" (história).
- **A cultura é universal**. Pelo conteúdo humano de suas significações (aspecto subjetivo) e pela destinação humana de suas obras (aspecto objetivo), o processo cultural tende a constituir-se em elemento de mediação entre todos os homens. Essa universalidade é concreta, pois historicamente encarnada. E é como intencionalmente universal que a cultura deve ser dita popular e também nacional: enquanto integra as consciências dentro da nação no plano de sua realização humana e as situa na linha do movimento histórico essencial de universalização efetiva e de criação de uma cultura para todos os homens.

A tarefa de criação cultural teria, então, ainda segundo Pe. Vaz, duas direções: transformação da natureza e comunicação com os outros homens. A primeira direção sintetiza o aspecto da cultura como luta; é tarefa concreta em relação à natureza e ao trabalho propriamente dito. A segunda identifica-se com esta afirmação: toda obra de cultura é uma palavra dirigida ao outro.

Em outro plano, de acordo com Pe. Vaz, a polarização ideológica, característica da cultura contemporânea, manifesta-se particularmente na oposição entre cultura popular e cultura de elite. Esta última, entendida como a cultura aristocrática ideologizada, embora se declare destinada a todos, serve aos

miolo_vfinal.indd 96 16/07/2014 12:40:09

interesses de uma classe, afirmando como universais valores que são apenas dessa classe. Por sua vez, a significação mais profunda da cultura popular não é a descoberta de valores culturais "autênticos" no meio do povo, nem a valorização do folclore; é precisamente entrar em tensão ideológica contra a cultura de uma classe. Só assim se explica o aparecimento de movimentos de cultura popular no mundo todo, com diferentes expressões, mas que apenas na esfera política encontram seu sentido último.

1. Contrapondo as definições

Dois pontos da exposição de Carlos Estevam (1963), muito fortes no anteprojeto do *Manifesto do Centro Popular de Cultura*,[16] merecem destaque, em contraponto com as posições de Pe. Vaz, assumidas pelo grupo cristão. Em primeiro lugar, a afirmação de que os artistas e intelectuais do CPC da UNE distinguiam-se "dos demais grupos e movimentos existentes no país" pela "clara compreensão de que toda e qualquer manifestação cultural só pode ser adequadamente compreendida quando colocada à luz de suas relações com a base material sobre a qual se erigem os processos culturais de superestrutura" (ESTEVAM, 1963, p. 81). Mas a esta afirmação conjuga-se o reconhecimento da autonomia relativa do cultural, ou de que "cada setor da superestrutura pode reagir dialeticamente sobre a base econômica e manter em relação a esta base certa independência de movimentos" (*idem,* p. 82). A própria condição de existência do CPC é dada, pois, pela possibilidade de a consciência "adiantar-se em relação ao ser social e converter-se, dentro de certa medida, em uma força modificadora do ser social" (*idem*). Pode-se ver claramente, então, que o CPC da UNE não trabalha com o conceito de consciência-reflexa, várias vezes criticado por Pe. Vaz. Nem mesmo trabalha apenas com os conceitos de consciência-produto ou consciência-instrumento, "concepções materialistas" que são rejeitadas pelo grupo cristão por anularem a especificidade da consciência e, em última análise, anularem no homem sua condição de pessoa.

16. O anteprojeto do *Manifesto* foi publicado em Estevam (1963, p. 79-109) De acordo com o próprio (1963, p. 77), foi escrito em março de 1962 e discutido durante todo esse ano, quando da formação dos CPC estaduais, por ocasião da UNE-Volante. Marilena Chaui (1983) faz uma crítica bastante radical às posturas desse *Manifesto* e dos *Cadernos do povo brasileiro.*

miolo_vfinal.indd 97 16/07/2014 12:40:09

Em segundo lugar, ainda de acordo com Estevam (1963, p. 88), os intelectuais e artistas do CPC da UNE assumem a posição explícita de vanguarda: "Os membros do CPC optaram por ser povo, destacamento do seu exército no *front* cultural". Essa é uma diferença essencial com o grupo cristão, como afirma Marilena Chaui (1983, p. 85): "Os artistas do CPC não optaram por aquilo que outros, cristãos, costumam chamar de 'comunidade de destino', isto é, a partilha da existência em comum. [...] Optaram por ser a vanguarda do povo, condutores, dirigentes, educadores". E talvez se possa aplicar ao CPC da UNE a mesma conclusão que ela tira para os *Cadernos do povo*: essa postura condiciona o estilo pedagógico do CPC: "[...] antes persuasão que discussão e esclarecimento" (*Idem*, p. 83).

2. A incorporação desses conceitos pelos movimentos de cultura e Educação Popular

Ao final de 1963, está bastante claro para todas as organizações que a cultura popular não é apenas uma atitude visando à democratização da cultura, mas um movimento que quer a transformação da realidade para a libertação das classes dominadas. O conjunto de relatórios e comunicações apresentado

Foto: NUHMEJA-RN

Em Natal (RN), a campanha *De pé no chão também se aprende a ler* promoveu a valorização da cultura popular com uma proposta alfabetizadora

pelos participantes no 1º Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular, realizado no Recife, em setembro de 1963, sob o patrocínio do MEC e com apoio local do Movimento de Cultura Popular (MCP), permite verificar o nível de incorporação dos conceitos de cultura e cultura popular pelos movimentos estaduais e locais (SOARES; FÁVERO, 2009). Vários movimentos assumem a crítica à dominação cultural dos centros hegemônicos. Por exemplo, lê-se no relatório da campanha *De pé no chão também se aprende a ler*, de Natal:

> O significado do termo Cultura Popular assume para nós forma definida a partir da compreensão mais profunda da situação de dominação externa a que está submetido o Brasil, desde o seu descobrimento, até os dias atuais. Dominação que tem sofrido, historicamente, mudanças que ora explicitam ou atenuam seu caráter, mas que fundamentalmente persiste, envolvendo todo o complexo político-econômico e cultural brasileiro. Começa então o povo brasileiro a assumir um tipo de cultura que não é elaborada aqui e que tem a função precípua de manter nosso povo preso a um esquema de pensamento e atitudes que devem traduzir-se na aceitação passiva da dominação externa e no respeito e admiração do povo dominador. Há, portanto, um entrelaçamento dialético entre cultura popular e libertação nacional, socialismo e luta anti-imperialista. Por conseguinte, embora pareça em princípio paradoxal, a cultura popular tem papel de instrumento de revolução econômico-social, mas, em última instância, a afirmação e a vitória desta revolução é que irá possibilitar o surgimento das mais autênticas criações populares, livres das alienações que se processam no plano político e econômico. Fica claro, portanto, o mais profundo sentido dialético da revolução popular, que não é um fim, mas um meio de conseguir a libertação total do povo, fazendo-o construtor do seu destino. Nenhum povo é dono do seu destino se antes não for dono de sua cultura. (FÁVERO, 1983, p. 71-75; ou SOARES; FÁVERO, 2009, p. 135-139).

miolo_vfinal.indd 99 16/07/2014 12:40:12

Também o CPC de Belo Horizonte (FÁVERO, 1983, p. 84-85; ou SOARES; FÁVERO, 2009, p. 170-171) apresenta formulação equivalente, marcando ainda mais o caráter seletivo da cultura e da educação, em função das classes sociais. Após recolocar os conceitos usuais do homem como criador da cultura, e a cultura como mediadora da comunicação entre os homens, exprime os condicionamentos da "cultura brasileira" (aspeada no texto) sob dois aspectos:

- A "cultura brasileira" como privilégio de uma classe culturalmente dominante. Os meios formais de educação estão voltados para a elite e seus interesses. O povo não tem acesso a esses meios.
- A "cultura brasileira" é uma cultura de reflexão, na medida em que caracteriza uma imposição por parte dos grupos culturalmente dominantes. E o mais agravante é que esta cultura imposta é sempre uma cultura importada.

Afirma, em consequência, que o movimento de cultura popular surge no Brasil como reivindicação, opondo-se à cultura que serve apenas à classe dominante, devendo ser, ao mesmo tempo, um movimento que elabore com o povo (e não para o povo) uma cultura autêntica e livre. Para isso, deveria ter como objetivos: a curto prazo, conscientização e organização do povo; e, a longo prazo, a tomada do poder, enquanto processo de libertação e instrumento de transformação.

O Movimento de Educação de Base (MEB), por sua vez, assumiu integralmente essa perspectiva e, tal como fez com o conceito de educação de base, relacionou o significado da cultura popular à conscientização, tendo em vista a opção por um projeto histórico de transformação:

> Como a integração de todos os homens na mesma cultura vincula-se a uma transformação dos padrões econômicos, políticos e sociais, a cultura popular está também vinculada à realização de um projeto histórico que pretende aquelas transformações. Um projeto histórico condizente

miolo_vfinal.indd 100 16/07/2014 12:40:12

com uma cultura elaborada e participada por todos. Um projeto que possibilite a todo o povo assumir o seu papel de criador e sujeito de cultura da sociedade em que vive. Sendo assim, pode-se dizer que cultura popular não é um fenômeno neutro, indiferente. Ao contrário, nasce de um conflito e nele desemboca, pois ela existe e se apresenta sempre em termos de libertação, de promoção humana, no sentido mais amplo. Donde se conclui que não é possível um trabalho de cultura popular desligado do processo de conscientização. E, por estar ligada a este processo, é que ela deve levar sempre a uma opção. Deve dar possibilidades de opção ao povo, embora não possa impor essa opção, porque ela deve ser encontrada pelo próprio povo. Esta opção decorre da plena consciência que o homem adquire das diferenças e desníveis entre os grupos que formam a sociedade e da necessidade de uma transformação dos padrões culturais, políticos, sociais e econômicos que os determinam. (MEB, 1965, p. 9).

O MCP é o que melhor expressou este tema, naquela oportunidade:

> Um movimento de cultura popular só surge quando o balanço das relações de poder começa a ser favorável aos setores populares da comunidade e desfavorável aos seus setores de elite. Esta nova situação caracteriza, de modo genérico, o quadro atual da vida brasileira. [...] O movimento popular gera o movimento de cultura popular. O movimento popular, ao atingir determinada etapa de seu processo de desenvolvimento, experimenta a necessidade de liquidar certos entraves de ordem cultural que se apresentam como barreiras características daquela etapa, obstaculizando a passagem para a etapa seguinte. A superação de tais dificuldades se apresenta como condição para o prosseguimento do processo. O movimento popular não gera um movimento cultural qualquer. Gera, precisamente, um movimento de cultura popular. Os interesses

miolo_vfinal.indd 101 16/07/2014 12:40:12

culturais do movimento popular têm, portanto, um caráter específico: exprimem a necessidade de uma produção cultural, a um só tempo voltada para as massas e destinada a elevar o nível de consciência social das forças que integram, ou podem vir a integrar, o movimento popular. A demanda por uma consciência popular adequada ao real e possuída pelo projeto de transformá-lo é característica do movimento popular porque este se assenta nas três seguintes pressuposições: a) só o povo pode resolver os problemas populares; b) tais problemas se apresentam como uma totalidade de efeitos que só pode ser corrigida pela supressão de suas causas, radicadas nas estruturas sociais vigentes; c) o instrumento que efetua a transformação projetada é a luta política guiada por ideias que representam adequadamente a realidade objetiva. (FÁVERO, 1983, p. 90-91; ou SOARES; FÁVERO, 2009, p. 60-62).

3. O conceito antropológico de cultura

A proposta de educação de adultos de Paulo Freire foi elaborada no bojo deste "caldo ideológico". Além da produção de Pe. Vaz, assumida pela Ação Popular (AP) e pelo MEB como orientação para os militantes e agentes, a fundamentação teórica do Sistema Paulo Freire foi divulgada intensamente por todo o país, por ele próprio e sua equipe do Serviço de Extensão Cultural da então Universidade do Recife, no segundo semestre de 1963 e nos primeiros meses de 1964.

As matrizes teóricas dessas formulações são praticamente as mesmas e, de uma maneira ou de outra, os elementos fundamentais do conceito filosófico-antropológico de cultura delas derivados foram assumidos pelos grupos, sobretudo de AP, que se encarregaram da implantação do Sistema de Alfabetização nos vários estados. Acredita-se que a elaboração foi simultânea, em Pe. Vaz e Paulo Freire, embora cada formulação guarde sua especificidade. É preciso ter presente que, sobretudo a partir de 1963, foi muito grande a interpenetração dos vários movimentos. Era comum a colaboração e

miolo_vfinal.indd 102 16/07/2014 12:40:12

a participação de estudantes e voluntários em várias frentes, simultaneamente, assim como a troca de experiências entre eles. Mais ainda, vivia-se um mesmo clima desenvolvimentista e contestatório e procurava-se, ao mesmo tempo, explicitar a ideologia por todos vivenciada. Era muito grande a circulação das mesmas ideias, certas ou erradas, nos vários grupos. As descobertas eram rapidamente conhecidas, divulgadas, criticadas, assimiladas, aplicadas. Os movimentos tinham reservas e preconceitos mútuos; mas os agentes, de um modo ou de outro, circulavam por todos eles.

No sistema de alfabetização proposto por Paulo Freire, cuja primeira experiência de repercussão nacional foi feita em Angicos, no Rio Grande do Norte, no primeiro semestre de 1963, o trabalho educativo com adultos, com base no diálogo, tem início com uma discussão sobre o conceito antropológico de cultura, motivado por uma série de dez fichas de cultura. O próprio Paulo Freire (1967, p. 108-109, grifos do autor) justifica esta opção:

> E pareceu-nos que a primeira dimensão deste novo conteúdo com que ajudaríamos o analfabeto, antes mesmo de iniciar sua alfabetização, na superação de sua compreensão mágica como ingênua e no desenvolvimento de crescentemente crítica, seria o conceito antropológico de cultura. A distinção entre dois mundos: o da natureza e o da cultura. O papel ativo do homem *em* sua e *com* sua realidade. O sentido de mediação que tem a natureza para as relações e comunicação dos homens. A cultura como o acrescentamento que o homem faz ao mundo que não fez. A cultura como resultado de seu trabalho. Do seu esforço criador e recriador. O sentido transcendental de suas relações. A dimensão humanista da cultura. A cultura como aquisição sistemática da experiência humana. Como uma incorporação, por isto crítica e criadora, e não como uma justaposição de informes ou prescrições "doadas". A democratização da cultura – dimensão da democratização fundamental. O aprendizado da escrita e da leitura como

miolo_vfinal.indd 103 16/07/2014 12:40:12

> uma chave com que o analfabeto iniciaria a sua introdução no mundo da comunicação escrita. O homem, afinal, *no* e *com* o mundo. O seu papel de sujeito e não de mero e permanente objeto.

Este é certamente o aspecto mais genial do sistema de alfabetização de adultos criado no início dos anos de 1960. No entanto, não se encontra na obra de Paulo Freire, ou nos textos que fundamentam o sistema de alfabetização, a origem dela. Pela proximidade do próprio Paulo Freire e também de participantes de sua equipe com o grupo católico coordenado pela AP, e pelo fato de militantes da AP terem sido responsáveis pela implantação desse sistema em muitos estados, pode-se supor que a elaboração de Pe. Vaz sobre o conceito de cultura e sua sistematização pela AP tenha sido determinante. Isto, no entanto, em nada diminui o mérito de Paulo Freire. Como teria dito Colombo: "Sim, qualquer um poderia fazê-lo, mas qualquer um a que se lhe tivesse ocorrido fazê-lo".

4. As fichas de cultura

Segundo Antonia Terra (1994, p. 156), os desenhos das fichas de cultura e das situações de aprendizagem que introduziam as palavras geradoras para a Experiência de Angicos "foram feitos por um desenhista de Natal, e os *slides* compostos pela equipe de Gastão Roberto Coaracy, do Rio de Janeiro". Esses desenhos eram bastante simples e o conjunto deles era, de certa forma, ainda incompleto, mas sabe-se terem sido enriquecidos durante as discussões nos Círculos de Cultura e revistos após a experiência. Recomendou-se, por exemplo, que, no caso das palavras geradoras, cada diapositivo apresentasse apenas uma imagem, à qual deveria associar-se apenas uma palavra.

Uma segunda série foi produzida pelo próprio MEC e editada pelo Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), em 1963, para a experiência de Brasília. Os desenhos receberam mais cuidados, adaptados à realidade local e incorporaram a revisão feita após a Experiência de Angicos[17].

17. Sabe-se que existe outra série, preparada no início de 1964 pelo CPC de Goiânia, mas até hoje não se conseguiu acesso ao único original disponível. Recentemente, o Instituto Paulo Freire divulgou uma adaptação feita pela União Catarinense de Estudantes para o PNA, em Santa Catarina.

miolo_vfinal.indd 104 16/07/2014 12:40:12

A série mais original é a terceira, com desenhos de Francisco Brennand, famoso pintor e ceramista do Recife, feita em meados de 1963 para o Programa Nacional de Alfabetização (PNA)[18].

Neste período, no MEC, em Brasília, um grande grupo de coordenadores de centros e movimentos de cultura e Educação Popular aguardava uma reunião com o ministro Paulo de Tarso. Paulo Freire mostrou aos mais próximos uma série de desenhos em aquarela, explicando: "Vejam o que ganhei do Brennand. Ele me disse: 'Você vai levar aqueles desenhos feios para o ministro? Deixa que faço outros melhores'", Recentemente, Brennand afirmou que produziu as referidas fichas pela intervenção de um amigo comum, Ariano Suassuna. Esta série original foi "requisitada" pelos militares, em um dos inquéritos a que foi submetido Paulo Freire, e nunca mais localizada.

Os desenhos eram reproduzidos em diapositivos, abrindo o "filminho" que seria usado nos Círculos de Cultura do Programa Nacional de Alfabetização, criado pelo MEC, no final de 1963. Coordenado por Paulo Freire, este programa pretendia alfabetizar 5 milhões de pessoas em dois anos. A experiência inicial, feita no antigo Estado do Rio de Janeiro, em áreas da Baixada Fluminense, a partir de janeiro de 1964, foi interrompida imediatamente após o golpe militar de 31 de março. Alguns poucos exemplares do "filminho" foram preservados. O que conseguimos obter ficou guardado durante 30 anos em uma geladeira, em Natal[19].

Nas fichas desenhadas por Francisco Brennand, percebem-se características estéticas que remetem à arte popular. A simplicidade nos traços, a frontalidade, a escolha de motivos recorrentes na produção artística do povo: flores, frutas, rendas. Nenhum trabalho de alfabetização conhecido anteriormente teve tal preocupação estética. As imagens remetem à coloração do barro, apesar de, infelizmente, não se perceber, nos diapositivos, qual seja a cor original dos desenhos. São desenhos simples, com contornos bem marcados. Não há noção de profundidade nas imagens. É uma obra de arte que recupera o modo tradicional de representação regional, na forma de xilogravura.

18. Lima (2011) analisa o conceito antropológico de cultura assumido por Paulo Freire e expresso nas fichas de cultura desenhadas por Brennand.

19. Este "filminho", devidamente recuperado, mas com as marcas do tempo e de sua má conservação, está disponível em <www.forumeja.org.br/edupopular/Paulo Freire/PNA>. Alguns protótipos dos desenhos originais estão guardados no Museu Brennand, no Recife. O "filminho" usado na experiência de Brasília, por sua vez, foi encontrado recentemente, após ficar mais de 40 anos guardado em um armário. Está no mesmo portal, juntamente com a série de Angicos e do PNA.

miolo_vfinal.indd 105 16/07/2014 12:40:12

Ficha 1: O homem diante da natureza e com a realidade

Ficha 2: A natureza – mediadora da comunicação entre o homem e o mundo da cultura

Nas fichas 1 e 2, o homem e a mulher estão com os pés descalços, representando a identidade rural, que valoriza a relação com a natureza e, sobretudo, com a terra. Na primeira situação, o homem está no centro, com uma enxada na mão e um livro na outra. É um homem do povo que lê, cria cultura por meio do trabalho, para suprir suas necessidades. Na segunda, persiste a visão antropocêntrica: o homem domina a natureza, domestica animais, sendo apresentado como elo de comunicação entre o mundo da cultura e o mundo da natureza.

Ao apresentar, nas fichas 3, 4 e 5, a diferença ontológica entre os homens (índio e caçador) e o gato, que não realiza cultura ao caçar o rato, introduzindo a noção de cultura como produto de relações sociais, o *Manual para os animadores*, preparado em 1962 pela equipe de Paulo Freire no Serviço de Extensão Cultural da então Universidade do Recife, ainda insiste em uma ideia evolucionista de estágios, já bastante criticada na época pela produção antropológica. Afirma que o caçador está no "estágio de civilização", comparando-o com o índio. Estabelece, dessa forma, uma classificação hierárquica das diferenças, marcada pelo etnocentrismo.

Ficha 6: Homens trabalhando o barro

miolo_vfinal.indd 106 16/07/2014 12:40:18

Ficha 3:
O caçador iletrado

Ficha 4:
O caçador civilizado

Ficha 5:
O gato caçador

No apêndice do livro *Educação como prática da liberdade*, elaborado após as experiências da década de 1960[20], Paulo Freire apresenta a discussão ocorrida em Círculos de Cultura a partir das fichas e não nega a existência de cultura e de educação nas sociedades indígenas. Diz que o caçador e o índio estão em "fases histórico-culturais" distintas, ou seja, o homem iletrado vive oprimido; com a alfabetização, o homem passa a pertencer a uma cultura letrada e poderá deixar de ser oprimido, tornando-se sujeito de sua história.

Nas fichas 6, 7 e 8, a criação popular, representada na primeira por dois homens em uma olaria fabricando utensílios de barro, e na segunda por um arranjo de flores e uma poesia de cordel, a cultura é apresentada por meio de produtos culturais.

20. A primeira edição deste livro, feita pela Editora Paz e Terra, é de 1967.

Ficha 7:
O jarro de barro

Ficha 8:
O livro e a poesia

O *gaúcho* e o *vaqueiro* da imagem 9 são apresentados como produtos de manifestações culturais distintas, definidas por padrões de comportamento, também diferentes, que não se prestam a generalizações. É um modo de abordar o fenômeno social, em que se pretende descobrir as atitudes funcionais mais do que as relações fundamentais de cada aspecto cultural particular. No entanto, sabe-se que a análise dessa situação nos Círculos de Cultura sempre foi muito rica, dando origem a discussões baseadas nos aspectos da caracterização dos padrões de comportamento como manifestação cultural.

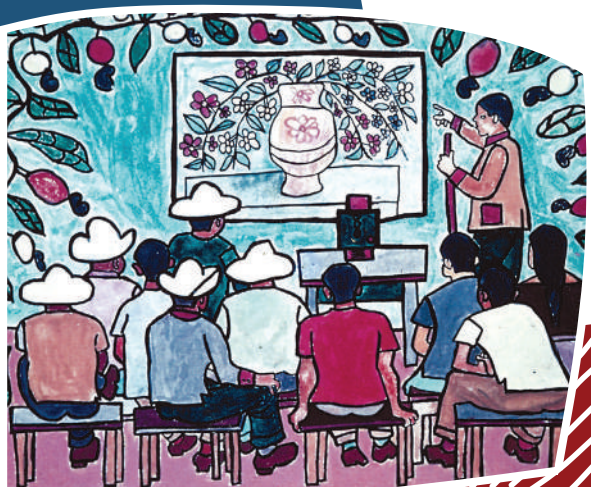
Suas representações remetem às descrições literárias de José de Alencar e Euclides da Cunha, reforçando os tipos humanos criados a partir da relação com o cenário da paisagem cultural, solenizadas na iconografia de Percy Lau[21] e nos objetos colecionados do Museu Nacional, no Rio de Janeiro. O *gaúcho* e o *vaqueiro*, segundo as fontes literárias e iconográficas, diferenciam-se pela combinação étnica, pelo caráter e pela própria vestimenta, e principalmente pelas habilidades e técnicas utilizadas em face do imperativo do meio físico. Essas diferenciações são também apresentadas na ficha 9, tornando possível estabelecer relações de convergência de representações, suas similaridades e detectar matrizes ou imagens paradigmáticas.

Nesta última situação, está presente a valorização da cultura letrada para a emancipação do povo que, através da comunicação, baseada no diálogo, é educada e simultaneamente educa.

21. Ilustrações feitas para a *Revista Brasileira de Geografia*, reproduzidas na obra *Tipos e aspectos do Brasil*. 7ª edição comemorativa da I Semana de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE/Conselho Nacional de Geografia, 1963.

Ficha 9:
O gaúcho e o vaqueiro

Ficha 10:
O Círculo de Cultura



A identidade nacional, portanto, segue o pensamento otimista da educação. A democratização da cultura é um instrumento que permitirá a todos compreender o contexto histórico em que estão inseridos. Essa visão era recorrente durante a década de 1960, marcada pela efervescência política, social e cultural. Foi um momento no qual se questionava o modo de ser brasileiro, de viver e participar na história política e cultural do país. O objetivo principal era transformar a cultura brasileira e, através dela, pelas mãos do povo, transformar a ordem das relações de poder e a própria vida do país – projeto, como se sabe, foi interrompido bruscamente após o golpe militar de 31 de março de 1964.

5. Moral da história

No processo de divulgação e assimilação do conceito de cultura e cultura popular, no início dos anos de 1960, muito contribuiu a sistematização proposta por Paulo Freire nas fichas de cultura. É o que estou chamando de Ovo de Colombo: assumíamos os mesmos conceitos e participávamos das mesmas aspirações, mas não sabíamos como aplicá-los e como realizá-las. Seguramente, as fichas de cultura foram responsáveis pela vulgarização daqueles elementos fundamentais, e o mérito cabe a Paulo Freire.

Os conceitos de cultura e cultura popular foram sendo definidos durante o ano de 1962, e sua incorporação pelos movimentos de cultura e Educação Popular ocorreu durante o ano de 1963, sobretudo na "escalada" da implementação do Sistema Paulo Freire em muitos estados, mesmo antes da criação do Programa Nacional de Alfabetização. Entre o grupo formado pelos militantes da AP que trabalhava com alfabetização, e também pelo grupo do MEB, tornou-se lugar-comum discutir cultura e cultura popular a partir das fichas de cultura. Mesmo quando a hegemonia da AP na coordenação das ações de alfabetização foi quebrada pelo grupo marxista, na elaboração do PNA, na curta gestão de Júlio Sambaqui como ministro da Educação, prevaleceu a utilização do Sistema de Alfabetização Paulo Freire, iniciado com a discussão das fichas de cultura. Segundo Vanilda Paiva (1973, p. 255-256; 2003, p. 283-284),

> Neste momento, após a realização do I Encontro de Alfabetização e Cultura Popular, buscava-se a formação de uma frente ampla em relação ao problema da educação dos adultos e isto determinou concessões entre os diversos grupos interessados no problema. Embora a nova mobilização fosse dirigida pelo coordenador do MPA [Movimento Popular de Alfabetização] da UNE, favorável à utilização de cartilhas, os

miolo_final.indd 109 16/07/2014 12:40:28

entendimentos com os grupos católicos, bem como o prestígio pessoal do educador pernambucano, determinaram a aceitação do Método Paulo Freire como instrumento do PNA.

Posteriormente, no entanto, as sucessivas adaptações do sistema de alfabetização foram progressivamente abandonando a discussão das fichas de cultura em sua fase inicial.

O homem inserido no mundo

Como existe hoje em dia em Pernambuco uma bela exaltação revolucionária, fala-se menos em dar voto ao analfabeto do que em alfabetizá-lo para que conquiste seu voto contra um País e uma Constituição esnobe. Numa aula dada pelo Sistema Paulo Freire, um lavrador juntou pela primeira vez duas sílabas, ti e to, e bradou:

– Tito é nome de gente e o papel que a gente vota!

Tinha pescado ao mesmo tempo, do meio do letrume, um ser humano e sua carta de alforria na mão. Um retrato do Brasil possível, futuro.

O Sistema Paulo Freire já tem provas suficientes de que alfabetiza adultos em 40 horas, ou mês e meio a dois meses de instrução. O analfabeto, ao contrário da criança, tem montada em si uma complexa máquina de pensar. Em grande parte inútil, rodando no escuro, apanhando noções ao acaso. Mas quando entra ali, pela leitura, o pensamento concatenado, o moinho está pronto a moer. O homem é pegado já adulto, como Jeová pegou Adão, e inserido igualmente num mundo formado. Em parte, formado contra ele, antes mesmo de qualquer pecado, porque ele não sabe ler.

Outra frase iluminada que anotei quando ouvia histórias dos educandos de Paulo Freire foi a do camponês que, ao invés de juntar sílabas para formar uma palavra, deixou as sílabas independentes e formou a frase:

– Tu já lê.

Como se o tu fosse ele próprio, ou melhor, seu ser novo, alfabetizado. Descartes ficaria deleitado de ver tanto homem cogitando e sendo diante das palavras projetadas em cartões.

O Sistema Paulo Freire é um Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife, com algum apoio federal, mas não muito. Está em pleno desenvolvimento, e, quando tiver uma equipe suficientemente grande de professores, pode modificar dentro de algum tempo o panorama cultural do Brasil.

Tudo é novo em Pernambuco, e o Sistema Paulo Freire começou há uns dois anos, no Movimento de Cultura Popular do Recife, que estudava os meios de fazer Educação de Adultos mediante um Círculo de Cultura, que instituiu debates entre analfabetos adultos. Em se tratando de Pernambuco, houve agitação de ideias que estão no ar e nos jornais, e não nos livros. Para grande alegria dos professores, os temas que logo interessaram aos educandos eram desse tipo: nacionalismo, remessa de lucros, política brasileira, desenvolvimento, voto do analfabeto, socialismo e comunismo, direitismo, Ligas Camponesas, etc. Com a ajuda de explicações de uma e outra projeção cinematográfica, o Círculo de Cultura fez todo o grupo de Educação de Adultos indagar de si mesmo se não haveria um meio de alfabetizar assim, mediante um método ativo e dialogal.

Depoimento do escritor Antonio Callado no seu livro *Tempo de Arraes: a revolução sem violência*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 150-152

miolo_vfinal.indd 110 16/07/2014 12:40:29

Referências

AÇÃO POPULAR. Educação popular. In: FÁVERO, Osmar. *Cultura popular e educação popular;* memória dos anos 60. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

CHAUI, Marilena. *Seminários:* o nacional e o popular na cultura brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ESTEVAM, Carlos. *Cultura popular posta em questão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963; republicado por José Olympio, em 2002.

FÁVERO, Osmar. *Cultura popular e educação popular;* memória dos anos 60. Rio de Janeiro, Graal, 1983.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GULLAR, Ferreira. *Cultura posta em questão*. Rio de Janeiro: Ed. da UNE, 1963; republicado em 1965 pela Civilização Brasileira e reproduzido em *Arte em Revista* n. 3, março 1980. Na nova edição publicada pela José Olympio, em 2002: *Cultura posta em questão; Vanguarda e subdesenvolvimento*: ensaios sobre arte, o texto é precedido de um prefácio esclarecedor.

LIMA, Venício A. de. *Comunicação e cultura*: as ideias de Paulo Freire. 2ª ed. rev. Brasília: Ed. Universidade de Brasília; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011.

MEB – Movimento de Educação de Base. *Fundamentação do programa para 1965 – 1ª parte: estudos sociais*; *1.1 - cultura*. Rio de Janeiro, 1965. 9 p., mimeo.

PAIVA, Vanilda Pereira. *Educação popular e educação de adultos*; contribuição à história da educação brasileira. São Paulo Loyola, 1973; ou *História da educação popular no Brasil*; educação popular e educação de adultos. São Paulo: Loyola, 2003.

SOARES, Leôncio ; FÁVERO, Osmar (Orgs.). *I Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular*. Brasília: UNESCO/MEC, 2009. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/dados/livros/cultura/01_encontro_nacional_alfabetizacao.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2014.

miolo_vfinal.indd 111 16/07/2014 12:40:30

SOUZA, Elisa Motta Moreira de. *Tipos nacionais do Brasil*: interpretações literárias e olhares iconográficos. Trabalho (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2009. Disponível em: <http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/monoelisa.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2014.

TERRA, Antonia. Antes da hora. In: FERNANDES, Calazans; TERRA, Antonia. *40 horas de esperança*. O Método Paulo Freire: política e pedagogia na Experiência de Angicos. São Paulo: Ática, 1994.

Paulo Alves de Souza, 70 anos, educando da Experiência das 40 horas de Angicos, conta, emocionado: "Naquela época aqui era só mato. Depois do trabalho a gente seguia para a aula com o caderninho debaixo do braço. Aquilo mudou a minha vida, porque quando a gente não sabe ler a gente não participa de nada, a gente não é ninguém". (Trecho publicado em 3 de abril de 2013, em reportagem do portal G1)

Foto: Fernanda Zauli/G1

3.3. Alfabetização conscientizadora em Educação Popular

Carlos Rodrigues Brandão
Professor colaborador da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e da Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Não vou mais lembrar o ano. Mas foi há muito tempo. Paulo Freire havia retornado ao Brasil e deveria voltar ao Nordeste para abrir uma Semana de Estudos de Filosofia em Mossoró, no Rio Grande do Norte.

Um dos momentos mais esperados e relevantes seria um encontro em Mossoró, em plena "semana", entre Paulo Freire e alfabetizandos remanescentes das "40 horas de Angicos". Um começo de labirintite que viria acompanhar Paulo Freire pela vida afora impediu-o de ir ao Nordeste. Assim, os homens e as mulheres de Angicos também não foram.

Foi com pesar que lamentamos – e éramos mais de 800 pessoas lá – a não realização deste encontro tão esperado.

Durante quatro dias eu apresentei a um grupo grande de estudantes e professores, reunidos em um cinema da cidade, as ideias de base e alguns princípios de operação do Método Paulo Freire.

Era, como agora, em 2012/2013, um tempo de longa e intensa seca no Nordeste. Fomos em uma tarde conhecer e conviver por alguns minutos com famílias de pequenos agricultores das imediações de Mossoró.

De todas as cenas, uma me ficou gravada para sempre. Eu conversava com um homem, pai de muitas filhas e filhos, no terreiro de sua casa. Sobre uma mesa rústica ele picava com um facão um cacto, depois de haver tirado de sua palma a casca e os espinhos. Sobrou uma geleia quase cristalina e de aspecto muito pouco agradável ao paladar.

E em um momento ele me olhou e disse: "Moço, isso aqui é alimento que a gente só da pra criação (animais de pena, porcos, bodes e vacas) quando não tem mais o que dar. Pois neste ano sou eu e a minha família quem está comendo disto aqui".

miolo_vfinal.indd 113 16/07/2014 12:40:30

Passaram-se os anos e uma outra seca assola o Nordeste. Creio que em alguma coisa algo terá melhorado "por lá". Mas não o essencial.

Estive na região de Angicos em 2012, junto com Paulo Padilha do Instituto Paulo Freire. Foi uma esperançosa alegria no reencontro com homens e mulheres vindos das 40 horas de Angicos, seus parentes, seus filhos. Soubemos que há bem mais crianças e jovens nas escolas do que nos anos 1960. Sabemos que há bem menos analfabetos hoje do que havia então. Mas sabemos, e as pessoas de lá também, que tudo o que foi iniciado um dia a partir de ideias e ideais de Paulo Freire está ainda apenas no começo.

Como gosto de dizer muitas vezes: fizemos e fizeram muito. Mas falta quase tudo ainda.

O artigo que segue abaixo foi escrito há alguns anos. Foi reduzido e reescrito para este momento de memória das "40 Horas de Angicos".

1. A Educação Popular no Brasil

A Educação Popular possui uma história longa, fecunda, polêmica e bastante diversificada. Não se realizou como uma experiência única, como um acontecimento situado e datado, caracterizado por um esforço de ampliação do sentido do trabalho pedagógico a novas dimensões culturais, e a um vínculo entre a ação cultural e a prática política. A Educação Popular foi e prossegue sendo a sequência de ideias e de propostas de um estilo de educação em que tais vínculos são restabelecidos em diferentes momentos da história, tendo como o foco de sua vocação um compromisso de ida e volta nas relações pedagógicas de teor político, realizado através de um trabalho cultural estendido a sujeitos das classes populares, compreendidos não como beneficiários tardios de um "serviço", mas como protagonistas emergentes de um "processo".

A Educação Popular surge, num primeiro esboço, a partir de iniciativas de grupos de igreja em fazer uma educação dirigida às pessoas do povo, da cidade e do campo. Eram iniciativas de alguns colégios católicos, salas de aula abertas gratuitamente às pessoas pobres, em locais ou em horários em que não estivessem presentes os filhos dos ricos.

Há um segundo momento da Educação Popular no Brasil, depois da Independência, com o processo de industrialização e a chegada de imigrantes vindos de outros países, principalmente da Itália e da Espanha. Muitos desses operários eram anarquistas, fugidos inclusive do governo de seus países. Surgiram, então, em bairros operários de São Paulo, do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul projetos de educação realizados através de pequenas escolas de trabalhadores destinadas

miolo_vfinal.indd 114 16/07/2014 12:40:30

a operários adultos e a filhos de operários. Escolas de vocação anarquista e, em menor escala, comunista foram sendo criadas em bairros à volta das fábricas. Essas primeiras escolas, criadas por sindicatos ou por grêmios de operários, associados como uma classe em estado de militância, pretendiam acrescentar ao ensino regular das coisas-que-todo-mundo-deve-saber uma espécie de saber-de-classe, com uma forte marca ideológica.

Em outro momento, a partir dos anos de 1920, surgem e se ramificam alguns movimentos dirigidos a uma democratização do ensino e da cultura laica e religiosa. É o momento da luta pela escola pública no Brasil e pela quebra da hegemonia confessional católica na educação. Um grupo de educadores começa, então, a defender a proposta de que, tal como já acontecia em alguns países da América Latina, a educação deveria ser uma só, dirigida a todas as pessoas e de todas as classes sociais. Uma educação de qualidade, laica (não religiosamente confessional) e pública. Uma obrigação do Estado em devolver, como direito à população, este que veio ficar na nossa Constituição: uma educação pública, universal, laica, gratuita e de qualidade.

Um trabalho social em prol da criação de escolas públicas, gratuitas e laicas envolveu educadores anônimos e embriões do que viriam a ser mais tarde os nossos movimentos sociais.

Paulo Roberto Padilha e Carlos Rodrigues Brandão durante o passeio cultural do I Encontro de Educação de Jovens e Adultos e de Educação Popular, no campus da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa), em Angicos (RN), em setembro de 2012

Foto: Josileide S. de Oliveira

E aí vem um quarto momento, aquele em que surge a experiência que chamamos originalmente de cultura popular nos anos 1960. Éramos estudantes da PUC do Rio de Janeiro, fazíamos psicologia e militávamos em cultura popular. Eis o tempo de Paulo Freire, início dos anos 1960. Foi quando um grupo muito heterogêneo de intelectuais, não apenas de educadores (havia poucos), começou a levantar uma série de bandeiras.

Primeiro, a ideia da construção de um país consciente de si mesmo. Passar dessa cultura colonizada, colonialista, do lado de lá, que refletia para nós os valores existentes na Europa e nos Estados Unidos, para uma cultura crítica que pense no Brasil e o mundo a partir de si mesmo. Em segundo lugar, aquela ideia paulo-freiriana que foi sustentada por todos nós, a ideia de que as diferenças entre as várias culturas (o que se aprende numa faculdade de medicina, o que uma parteira sabe, ou o que um curandeiro sabe) são diferenças de qualidade de saber e não desigualdades.

Nós nos acostumamos a pensar, por um lado, tal como um saber de elite erudita, universitária, legítima, oficial; e, por outro, como um saber popular ou um saber desqualificado. De repente começamos a inverter esse olhar que diferencia os nossos vários saberes, o que diferencia o saber de um médico, de uma faxineira, de uma cozinheira, ou de um estudante, não é um saber legítimo, e sim, que há diferenças nos modos de conhecimento.

Este momento teve em Paulo Freire o seu principal idealizador. As propostas e iniciativas concretas não se originaram de uma fonte social única: o Estado ou a sociedade civil. Ao contrário, o seu espaço de germinação é o de uma ampla frente polissêmica de ideias e de ações, nunca tão política ou ideologicamente centralizada. Foi ali o lugar em que propostas e experiências de um também trabalho pedagógico, mas quase nunca formalmente escolar, dirigido de maneira especial a pessoas adultas excluídas da escola quando crianças ou a jovens, no campo e na cidade, tomou corpo em grêmios estudantis, em agências da Igreja Católica, junto a sindicatos e embriões de movimentos populares.

A crítica feita à educação era a de que ela nunca fora neutra, e menos ainda o era na sociedade industrial e no modo de produção capitalista. De um modo ou de outro, ela servia a interesses de classe em um duplo sentido: na seleção social de seus incluídos e excluídos e, entre os primeiros, na trajetória desigual de carreiras de estudo e de destinos de estudantes e na escolha motivada dos conteúdos dos ensinos.

A proposta consequente seria inverter o sentido político inerente a toda a teoria e a toda prática pedagógica. Que a educação se abra a

miolo_vfinal.indd 116 16/07/2014 12:40:34

todos, a começar pela inclusão dos até então sistematicamente deixados ao longo de suas margens. Que ela seja pensada, proposta e praticada a partir da condição das classes subalternas e de uma visão de mundo das classes populares.

Em um quarto momento, entre os anos 1970 e 1980, ao longo dos governos militares e da abertura política, houve toda uma intensa associação entre a Educação Popular e os Movimentos Sociais.

Há também uma quinta etapa na Educação Popular, que resulta de movimentos de cunho popular (como é o MST, por exemplo). Esses movimentos, por ser um lugar onde as pessoas se encontram, trocam ideias, discutem seus problemas, de ser negro, de ser índio, de ser mulher, de ser menino de rua, de ser catador de papel, são momentos fortíssimos, pois se unem a outros movimentos, se mobilizam e fazem alguma coisa. Esses movimentos, ainda que não sejam escolares, nem estejam alfabetizando ninguém, são profundamente educativos, as pessoas estão se educando através de uma prática social refletida, criticamente refletida. Essa é uma dimensão autêntica de Educação Popular, aquela que se vive dentro dos próprios movimentos populares.

E finalmente há uma última experiência, num momento em que a Educação Popular já havia tomado forma e que se deparou com o grande desafio do período da ditadura militar no Brasil. Durante todo esse tempo, a Educação Popular se constituiu como uma experiência alternativa, como uma educação oposta à educação produzida pelo governo, em todos os âmbitos. Depois da abertura, depois da redemocratização do Brasil, aconteceu, timidamente primeiro e de uma maneira mais motivada depois, governos e administradores populares começaram a desenvolver seus programas de educação na rede pública, da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio. Tanto programas de Educação de Jovens e de Adultos, programas de alfabetização, como programas de Educação Popular.

Agora, os programas de Educação Popular são bancados por secretarias de educação. Não é mais um movimento popular, um grupo anarquista lá do passado, nem um movimento de igreja de esquerda, era uma própria secretaria de educação estadual, como o que aconteceu durante um período do governo do PT no Rio Grande do Sul, no estado como um todo e em algumas prefeituras, um programa de Educação Popular de iniciativa do poder público. É o Estado voltado para aquela ideia de que a educação do povo deve ser assumida pelo Estado e que seja distribuída a todos por direito e não como uma dádiva.

miolo_vfinal.indd 117 16/07/2014 12:40:34

Lançamento da política educacional da gestão de Paulo Freire na cidade de São Paulo, em 1989

2. Ensinar aprendendo e aprender ensinando

Há um conceito elitista em chamar de educadores somente pessoas graduadas e pós-graduadas com títulos universitários. Educadores somos todos nós que de alguma maneira educamos, seja qual o nível, qual a região que ministra a educação, o educador que está com giz na mão, transmitindo conhecimento, independente do seu título (ou que nem tenha), passam suas ideias de reconhecer no outro, quem quer que seja, uma fonte de sabedoria. Há uma troca de saberes, de estar trocando o saber de quem sabe, passar para aquele que não sabe, uma troca. "Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo" (FREIRE, 2014, p. 95).

É importante lembrar que, seja qual for o nível, passam a experiência de saberes. Não se ensina a quem não sabe, mas troca-se o saber de quem sabe com o saber de outra pessoa que sabe. Todos nós educamos de forma a aprender uns com os outros, alunos e professores. Ensinam enquanto aprendem e aprendem enquanto ensinam. Essa é a verdadeira matriz da Educação Popular.

Baseados no contexto freiriano, deve-se pensar em alfabetizar pessoas, educar pessoas, não apenas para ler e escrever bem, mas educar e alfabetizar para questões e conteúdos mais críticos e criativos, questões que levem as pessoas a não serem encaradas apenas como alunos alfabetizados, mas como reconhecedores

miolo_vfinal.indd 118 16/07/2014 12:40:35

dos valores à cidadania, com aspectos críticos, construtivos e racionais ao fazer suas escolhas, sua política. Devem ser capazes de ler bem, escrever bem, com senso crítico, ser capaz de interpretar aquilo que escrevem e leem. Além disso, devemos pensar numa alfabetização conscientizadora de Paulo Freire, aquela em que a pessoa não aprende apenas a ler palavras, mas aprende a ler o seu mundo, aprende a ver o seu mundo, aprende a ver criticamente por conta própria, a refletir com sua cabeça, a fazer seus juízos, suas escolhas, suas políticas eleitorais, a se sentir um cidadão que exige seus direitos, não apenas que critique políticas, mas que reconheça e exerça os seus deveres e que compreenda plenamente que se é uma pessoa cidadã quando se vive numa sociedade onde a experiência democrática dos seus direitos não é dada, não é outorgada pelo governo, mas quando se participa da construção da própria sociedade. É o que chamamos de democracia ativa.

Quantas e quantas pessoas neste país estão aquém, até mesmo de um primórdio desta educação conscientizadora, desse "se preparar", não apenas para saber ler e escrever, mas para saber ler o seu mundo, saber escrever as suas próprias ideias, e de fazer-se uma pessoa participativa, construindo seu mundo, sua sociedade, participando e integrando, seja de qual for os movimentos, reuniões, grupos, trabalhos beneficentes, interagindo com diferentes "tribos", raças, fazendo-se uma pessoa ativa e presente no seu mundo. Construindo um mundo que depois se autoriza a dizer quais são os seus direitos, não por se valer como um ser humano, não por ser um sujeito de direito, mas por se afirmar na participação e na execução de fazer algo em prol de sua sociedade, frente ao seu mundo.

Uma ideia que foi se tornando uma força para nós, como um sustentáculo da Educação Popular, é aquela ideia de que, ainda no trabalho de alfabetização, haja um monitor, um facilitador, um educador, seja qual for o nome que venhamos a dar. Essa pessoa não está acima de seus alunos, como na "educação bancária" de que falava Paulo Freire. Quem sabe ensina quem não sabe, e o saber é algo que você possui como o dinheiro na conta corrente, e então você vende essa ideia para outros. Essa ideia ganhou uma relação horizontalizada. Assim como nós vimos a cultura de formas diferente, mas não desiguais, cada uma mantendo seu valor em si mesmo, assim nós víamos as pessoas. Cada uma que chega a um ciclo de alfabetização, a uma turma de Educação de Jovens e Adultos, ou de uma universidade, é uma fonte original do saber, tem um valor em si mesmo que não pode ser comparado com outros

miolo_vfinal.indd 119 16/07/2014 12:40:35

valores. Eu não sei o que a cozinheira, que faz a comida, sabe. Eu não poderia morar numa casa se não fosse o pedreiro que soube construí-la, o saber dele é um saber popular, mas não vale menos que o meu, que é um saber de doutor. Eles têm qualidades diferentes. Talvez ele viva sem mim, mas eu não viveria sem ele. Talvez seja essa a diferença fundamental.

Quando nós lemos, por exemplo, o Método Paulo Freire, ele em grande parte é construído dessa maneira, porque ele parte desses fundamentos não apenas teóricos, mas humanos: a convicção de que eu não sou uma pessoa que sabe mais e que vai ensinar a quem não sabe. Eu vou interagir os saberes, valores, emoções com outras pessoas, e a partir daí constituiremos uma comunidade de aprendentes, um conjunto de pessoas que vão aprender por uma vivência de trocas.

3. Considerações finais

Quando, desde as pioneiras experiências das 40 horas de Angicos, nós nos lembramos da Escola Sagarana, da Escola Plural, da Escola Candanga, da Escola Cidadã, e quantas outras escolas que nos dias de hoje surgem e estão esparramadas por Belo Horizonte ou lá no Acre, ou em Belém do Pará, ou no RS, em Blumenau ou em Santa Catarina, nós encontramos por toda parte várias experiências de um projeto de educação como um direito popular, inclusive dirigida a uma população que deve se mobilizar não apenas para receber escola, mas para assumir a escola.

Vemos também o embrião de uma proposta de criar-se nesse país aquele que deveria ter se iniciado há muitos anos, uma educação vivida como alguma coisa que nós construímos, que nós criamos, que é nossa, como direito, mas também como dever.

Que estas breves palavras sejam concluídas com um pensar sobre o valor da educação e sobre o real sentido da vocação de quem educa, da alfabetizadora que dedica partes de suas noites a trabalhar com um grupo de oito pessoas em uma comunidade de periferia de nossas cidades, à que forma na universidade novas e novos educadores.

Algo se faz ao se educar alguém. Eu gosto sempre de repetir que acredito pouco em milagres. Mas creio em alguns. E quando me pedem um exemplo, gosto de responder assim: “Milagre real e acreditável é, por exemplo, uma alfabetizadora começar em janeiro a trabalhar com uma turma de doze pessoas analfabetas... e chegar ao final de ano com um grupo de doze pessoas que sabem ler, escrever e pensar de maneira crítica e criativa sobre o que escrevem e leem”.

Mas há mais. Lembro que todo o saber que a humanidade criou e continua criando, todo o saber dos físicos,

miolo_vfinal.indd 120 16/07/2014 12:40:35

dos químicos, dos filósofos, teólogos, dos poetas, dos gramáticos, dos geógrafos, dos antropólogos, quando estão produzindo e colocando nos livros, ele se transforma, quando guardado em uma estante de biblioteca, aquilo que Marx chamaria de "trabalho morto". Feito, impresso e guardado, o saber de um livro está ali congelado, está dado ao tempo ou às traças.

Muito bem. Mas de uma cartilha a um livro de filosofia, o saber da humanidade apenas volta a ser "trabalho vivo", como alguma coisa que tem sentido como cultura, quando alguém o toma entre as mãos e começa a ler.

O livro lido e, mais ainda, partilhado, torna-se de novo algo vivo. Uma porção de saber do presente ou do passado retorna ao mundo da "cultura viva". Como um fogo quase apagado que se reacende. Volta a ser partilha e diálogo o que foi e é parte do saber, da sabedoria acumulada pela humanidade. De repente, ali, nas mãos de quem ensina e aprende, nas mãos e sob os olhos da pessoa que aprendeu a ler, o livro e o seu saber voltam de "cultura morta" a "cultura viva".

Quem ensina a ler ensina alguém a recender a chama daquilo que, criado, escrito e guardado, volta a ser aceso e vivo sob os olhos de quem lê.

Quando realizamos este pequeno imenso milagre, diante de uma turma de alunos, dialogando com eles, mais ainda este acontecer do ensinar e aprender ganha uma dimensão maior, porque agora coletiva, partilhada entre vários.

Palavra geradora "salário"

Em Angicos, a palavra geradora "Salário" era assim apresentada pelo *Manual do Monitor* do Método Paulo Freire, um documento mimeografado a álcool apresentado aos Círculos de Cultura: a) ideias para discussão: a valorização do trabalho e a recompensa; finalidade do salário: manutenção do trabalhador e de sua família; o horário do trabalho segundo a lei; o salário mínimo e o salário justo; repouso semanas – férias – décimo terceiro mês. b) finalidades da conversa: levar o grupo a discutir sobre a situação do salário dos camponeses; discutir o porquê dessa situação; discutir com o pessoal sobre o valor e a recompensa do trabalho; despertar no grupo o interesse de conhecer as leis do salário; levar o grupo a descobrir o dever que cada um tem de exigir o salário justo. c) encaminhamento da conversa: o que é que vocês estão vendo neste quadro? Como é que está a situação do salário dos camponeses? Por quê? O que é o salário; como deve ser o salário? Por quê? O que é que a gente sabe das leis sobre o salário? O que podemos fazer pra conseguir um salário justo?" (BRANDÃO, 2013, p. 54-55).

miolo_vfinal.indd 121 16/07/2014 12:40:36

Referências

BARREIRO, Júlio. *Educação popular e conscientização.* Petrópolis: Vozes, 1982.

BEZERRA NETO, Luiz. *Sem-Terra aprende e ensina* – Estudo sobre as práticas educativas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. São Paulo: Autores Associados, 1999.

BOFF, Clodovis. *Como trabalhar com o povo.* Petrópolis: Vozes, 1996.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Educação Popular na Escola Cidadã.* Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *De Angicos a ausentes* – 40 anos de Educação Popular. Porto Alegre: Corag, 2001.

_____. *O que é Método Paulo Freire.* 34 reimpr. São Paulo: Brasiliense, 2013. (Coleção Primeiros Passos)

COSTA, Beatriz. *Para avaliar uma prática em educação popular.* Petrópolis: Vozes/Nova, 1987 (Cadernos de Educação Popular).

ESTEVA, Joaquim. *Educación popular ambiental en América Latina.* Pátzcuaro, México: Ceaal/Reed, 1990.

FÁVERO, Osmar. *Cultura popular e educação popular* – Memória dos anos sessenta. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido.* 56 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

_____. *A importância do ato de ler:* em três artigos que se completam. 51 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SPÓSITO, Marília. *A ilusão fecunda* – A luta pela educação nos movimentos. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

miolo_vfinal.indd 122 16/07/2014 12:40:36

3.4. Ensinar e aprender com Paulo Freire: 40 horas 40 anos depois

Nilcéa Lemos Pelandré

Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e professora aposentada do Centro de Ciências da Educação da mesma universidade

Em princípios de 1963, na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte, foi desenvolvida a primeira experiência sistematizada de alfabetização de adultos com base nas concepções epistemológicas, filosóficas e educacionais de Paulo Freire, e sob sua orientação, como já relatado no início deste livro.

Essa experiência transcorreu em 40 horas e, a partir dela, a teoria de Freire tornou-se conhecida internacionalmente, embora, no Brasil, à época, sua difusão tenha sido abafada por razões de ordem político-ideológica. O movimento golpista que eclodiu no ano seguinte, em 1964, silenciou as vozes em torno da experiência, obrigando a destruição de documentos, inclusive materiais didáticos e textos de aula produzidos pelos alunos e professores.

Em janeiro de 1997, saímos do sul, Santa Catarina, em direção àquela cidade, movidos pela curiosidade epistemológica, como nos incentivava o mestre, para saber o que ficou naquele grupo pioneiro de alfabetizados, em 1963, das 40 horas de Angicos; que mudanças ocorreram na vida dessas pessoas, a partir desse seu aprendizado; quais motivações levam pessoas adultas, que tiveram esse seu direito negado, a querer aprender a ler e a escrever e qual o tempo necessário para alfabetizar e consolidar o processo, quando dados oficiais mostravam e continuam mostrando número crescente de egressos das escolas sem o domínio da leitura e da escrita.

A busca pelas respostas a essas tantas indagações exigiu quatro anos de dedicação intensa, porém nos ofereceu a oportunidade ímpar de fazer uma imersão nesse processo inaugural de alfabetização de adultos, procurando verificar *in loco* o alcance efetivo do "método" Paulo Freire, uma vez que a literatura sobre o ocorrido, embora enfatizasse os resultados positivos, não

miolo_vfinal.indd 123 16/07/2014 12:40:36

Livro *Ensinar e Aprender com Paulo Freire: 40 horas 40 anos depois*, de Nilcéa Lemos Pelandré

especificava o desenvolvimento de letramento atingido, nem os conhecimentos que têm sido úteis no dia a dia dessas pessoas.

Realizamos, então, uma pesquisa (PELANDRÉ, 2009) do tipo domiciliar (*household surveys,* SOARES, 1992), que consiste na obtenção de dados por meio do contato direto do pesquisador com a população a ser pesquisada e de instrumentos que possibilitam a compreensão da realidade de forma contextualizada, com vistas a obter as respostas às questões que se nos apresentavam para entender melhor o "método" Paulo Freire que, segundo suas próprias palavras em entrevista que nos concedeu anteriormente à pesquisa, não era um método de ensinar:

> Eu preferiria dizer que não tenho método. O que eu tinha, quando muito jovem, há 30 anos ou 40 anos, não importa o tempo, era a curiosidade de um lado e o compromisso político do outro, em face dos renegados, dos negados, dos proibidos de ler a palavra, relendo o mundo. O que eu tentei fazer, e continuo fazendo hoje, foi ter uma compreensão que eu chamaria de crítica ou de dialética da prática educativa, dentro da qual, necessariamente, há uma certa metodologia, um certo método, que eu prefiro dizer que é um método de conhecer e não um método de ensinar. (FREIRE, 1993).

miolo_vfinal.indd 124 16/07/2014 12:40:37

1. O processo da leitura e da escrita

Nessa entrevista, Paulo Freire nos disse também que seu trabalho foi uma arquitetura e que à época da Experiência de Angicos ele não dispunha das grandes fontes indispensáveis ao conhecimento do processo de alfabetização que se tem hoje, o que nos levou a buscar auxílio em aportes teóricos contemporâneos sobre processamento da leitura e escrita, concepções de letramento, para a análise da leitura e escrita dos sujeitos de Angicos.

As fortes evidências da necessidade de letramento na vida diária, no trabalho, nas situações de locomoção de um lugar para o outro, no ir às compras, enfim, no exercício pleno da cidadania, tornaram imperiosa a consideração dos conhecimentos e habilidades de leitura e escrita em sua dimensão social, fazendo com que os conceitos de letramento, nos quais nos pautamos, nessa dimensão, baseiem-se também em seu valor pragmático, isto é, na necessidade de funcionar em sociedade para transformar relações sociais e suas consequentes práticas, o que se contempla no objetivo de todo o processo educacional, na teoria de Freire. Por isso, quer se adote um conceito mais amplo de letramento ou um mais restrito, os conhecimentos de leitura e escrita estarão sempre associados, ou pelo menos a eles se fará referência toda vez que se fizer menção à cultura.

Muitos têm sido os estudos desenvolvidos sobre o que corresponde ao letramento, dado que ele é, inexoravelmente, parte constitutiva das sociedades contemporâneas interferindo, ao mesmo tempo, no seu desenvolvimento. A preocupação de países desenvolvidos, bem como de países em desenvolvimento, em medir os índices de letramento de seus cidadãos comprova que qualificações de desenvolvimento são realizadas, levando em conta, entre vários indicadores, o domínio da leitura e escrita. Segundo Wagner (1990, p. 116), desde a Segunda Guerra Mundial, talvez o argumento mais forte para o desenvolvimento de recursos humanos seja o de que o letramento e a escolaridade favorecem o crescimento

miolo_vfinal.indd 125 16/07/2014 12:40:37

econômico dos países que investem o suficiente em educação. Dessa forma, os índices de letramento e de mortalidade infantil se situam dentre aqueles que podem refletir o grau de desenvolvimento econômico e social na maioria dos países, havendo uma alta correlação com o desenvolvimento econômico e social. Adicionam-se então à questão os imperativos de ordem moral, que fazem com que políticos e governantes incluam sempre em suas plataformas de campanha a destinação de recursos para a educação.

Freire, no entanto, sem fazer uso do termo letramento, já avançara nas discussões sobre concepções de leitura e escrita, uma vez que o ler e o escrever, para ele, significavam não apenas o domínio do processo de codificação e decodificação de palavras e frases, mas, sim, as possibilidades de o sujeito, consciente do ser produto e produtor de cultura, fazer uso dessa tecnologia (ler e escrever) para agir no e sobre o mundo.

Soares (1992), em estudo realizado para a Unesco, faz um levantamento das mais diversas definições de letramento, procurando chegar a uma que possa ser utilizada como parâmetro de medida para as estatísticas, visando a uma maior confiabilidade nos resultados obtidos. Tratando-se de um dado cultural, a concepção que dele se possa ter tende a mudar com o transcorrer do tempo e em espaços diferentes. Esta autora agrupa as definições de letramento em torno de duas dimensões da existência humana: a individual, referindo-se aos atributos de ordem pessoal, e a social, que compreende os fenômenos de ordem cultural.

A dimensão individual do letramento compreende os processos fundamentais de leitura e escrita que, embora considerados em muitas pesquisas como processos únicos, guardam diferenças básicas entre as habilidades e os conhecimentos que são empregados na leitura e aqueles que são empregados na escrita. Sendo assim, a atividade de ler, na perspectiva dessa dimensão, *ler como uma tecnologia,* é um processo de relacionar símbolos escritos com unidades sonoras (fonemas), associado a um processo de construção de sentido, o que chamamos de alfabetização.

Inclui, portanto, uma variedade grande de conhecimentos, tais como decodificação de símbolos escritos, obtenção de significados, interpretação de sequências de ideias ou eventos, estabelecimento de analogias, de comparações, de inferências, de uso de linguagem figurada, de anáforas, e desenvolvimento de raciocínio cognitivo, aplicáveis a uma diversidade enorme de materiais que podem variar de tabelas de horários de ônibus ou de preços de supermercados a textos literários.

miolo_vfinal.indd 126 16/07/2014 12:40:37

O processo de escrita também envolve uma multiplicidade de habilidades linguísticas e psicológicas. Os conhecimentos de escrita vão desde transcrever unidades acústicas à capacidade de transmitir significado adequadamente a um leitor potencial. Escrever engloba desde saber transcrever discurso, via ditado, ao raciocínio metacognitivo. Inclui estabelecimento de objetivos para a escrita e decisão sobre a melhor forma de abordar a tarefa, identificação da audiência pretendida e adequação do estilo, organização de ideias e estabelecimento de relações entre elas, expressando-as adequadamente, uso apropriado de pontuação e habilidades motoras (manuscrever, digitar) e de soletração.

Há outros conhecimentos envolvidos na competência para a escrita, não assinalados por Soares (1992), tais como os morfossintáticos e textuais de complexidade crescente que dizem respeito à recuperação de referências e que aparecem nos pronomes relativos e interrogativos e nos pronomes que têm função anafórica; domínio das regras morfofonêmicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas e de disposição gráfica do texto no espaço.

Os conhecimentos de escrita aplicam-se, portanto, à imensa variedade de materiais, desde escrever o próprio nome, a lista de supermercados, até teses de doutorado, o que faz com que o processo de letramento constitua-se num *continuum*, e não possa ser analisado como uma variável dicotômica, iletrado/letrado. Embora diferentes, os processos de leitura e escrita são complementares e centrais à compreensão do conceito de letramento.

Na dimensão social, quando então consideramos o conceito de letramento na perspectiva de Kleiman (1995, p. 19), "conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para fins específicos", são fundamentais as práticas de leitura e de escrita necessárias aos indivíduos num determinado contexto social. Essas práticas estão associadas ao que uma pessoa faz com as capacidades e os conhecimentos de leitura e escrita dos quais se apropriou nas múltiplas situações em que o letramento é requerido.

miolo_vfinal.indd 127 16/07/2014 12:40:37

É nas situações sociais que vamos encontrar as definições nas quais o letramento é mais do que saber ler e escrever, haja vista que, nesta dimensão, os conhecimentos de leitura e escrita são utilizados com funções específicas, determinadas pelo contexto, valores e práticas sociais, o que vem ao encontro dos princípios teóricos de Freire: alfabetizar a partir dos conhecimentos de mundo dos educandos, conscientizá-los da sua condição de sujeitos de sua prática, possuidores de conhecimentos indispensáveis à construção de novos conhecimentos e ao desenvolvimento de novas estruturas de pensamento.

Soares (1998) diz que Freire foi um dos primeiros educadores a realçar o poder revolucionário do letramento, ao afirmar que ser alfabetizado é tornar-se capaz de usar a leitura e a escrita como um meio de tomar consciência da realidade e de transformá-la.

Para ele, a alfabetização, um ato criador, pode ser fator de "libertação" do homem ou de sua "domesticação", dependendo do contexto ideológico em que ela ocorre. Ele alerta igualmente para a natureza inerentemente política de toda prática educativa.

Para o desenvolvimento das práticas educativas voltadas à alfabetização, Freire pesquisava, visando ao uso social dos conhecimentos adquiridos, o universo vocabular (o discurso da cotidianidade, repetindo suas palavras) de cada comunidade onde se desenvolveria o projeto de alfabetização para a organização dos conteúdos a serem trabalhados com os educandos. Verifica-se, portanto, uma grande aproximação das concepções freirianas com as definições de letramento que o relacionam às estruturas culturais e de poder que o contexto de aquisição da escrita na escola representa (KLEIMAN, 1995).

As estatísticas realizadas pelo IBGE no Brasil, no entanto, continuam utilizando uma definição bastante restrita, limitando-se a considerar letrada a pessoa que sabe ler e escrever uma mensagem simples na própria língua, desconsiderando os avanços que se vem realizando nas áreas da educação e do ensino da língua materna.

A Unesco, segundo Soares (1992), considera que: "uma pessoa é funcionalmente letrada quando consegue envolver-se em todas as atividades nas quais o letramento é requerido para o funcionamento efetivo do grupo ou da comunidade e, também, quando é capaz de usar a leitura, a escrita e o raciocínio numérico para o seu desenvolvimento e o de sua comunidade". Tal definição se aproxima à de Kirsch e Jungeblut (1990, p. I-8), em estudo sobre o letramento de jovens norte-americanos, para as Nações Unidas, ao definirem letramento como sendo "o uso da informação escrita e impressa para agir na sociedade, atingir objetivos, e

miolo_vfinal.indd 128 16/07/2014 12:40:37

A Escola Estadual José Rufino, na cidade de Angicos (RN), homenageia Paulo Freire, em 1993

desenvolver o seu conhecimento e potencial" (trad. da autora). Essas definições, denominadas de "versões fracas" de letramento (SOARES, 1998), por sua vez, podem ser interpretadas como constitutivas de um letramento autônomo, opondo-se ao letramento ideológico, uma vez que consideram os conhecimentos de leitura e escrita necessários apenas para o "funcionamento" na sociedade. Certamente, pesquisas realizadas nessa perspectiva poderão mostrar o grau em que esse direito de acesso à língua escrita está distribuído e em que níveis ele é alcançado, porém desconsideram as circunstâncias de vida (políticas, sociais, culturais) em que se inserem as pessoas. Acrescem-se às definições apresentadas a de Miller (1990), em que o letramento é compreendido como uma forma de participação cultural, extrapolando as competências para a leitura e escrita e admitindo todas as demais formas de comunicação, mesmo que não através da linguagem verbal, o que constitui polêmica em se tratando de sociedades altamente letradas.

Freire, então, numa visão progressista, contrapõe-se às políticas de educação da época (1960/70), compreendendo a alfabetização como um processo de conscientização, ou seja, de aprendizagem dos conhecimentos de leitura e escrita como

miolo_vfinal.indd 129 16/07/2014 12:40:39

uma forma de apropriação e recriação consciente da cultura, através da crítica à própria existência. Portanto, sua teoria se mantém atualizada e, hoje, pode ser mais bem compreendida a partir de categorias como as que se referem ao fenômeno do letramento na perspectiva ideológica.

Com tal compreensão de letramento, que extrapola o simples domínio de conhecimentos de leitura e escrita e considera seus usos sociais, avaliamos, 37 anos depois, os efeitos da experiência de alfabetização em Angicos.

2. O que pudemos constatar?

Os dados de pesquisa foram gerados por diferentes instrumentos. Iniciamos pela realização de uma entrevista sociopsicolinguística cujas informações dela decorrentes puderam ser cotejadas com os dados dos testes de leitura e escrita aplicados, no sentido de verificar a interferência ou não de experiências do cotidiano no processo de aprendizagem da linguagem escrita, na motivação das pessoas para o aprender e no estabelecimento de relações entre aspectos socioculturais daquela comunidade e o letramento desenvolvido.

Os resultados do aprendizado da leitura e da escrita serão aqui apresentados pela voz dos alfabetizados.

Seu Severino disse que aprender a ler e a escrever quando adulto foi melhor porque já sabia o que queria da vida e tinha consciência das suas necessidades. A situação melhorou muito, pois passou a ser comerciante e aprendeu a usar o transporte coletivo sem precisar do auxílio de outras pessoas para identificar o ônibus que deveria pegar. Depois da escola, aventurou-se a ir a Natal fazer compras. Escrever, para ele, é mais difícil, porém consegue fazer anotações sobre as vendas que faz, controlando, assim, os negócios que realiza.

Dona Francisca conscientizou-se de direitos que tem como cidadã. Antes, nem sabia que a prefeitura poderia ajudá-los em muita coisa. *Abriu as ideias* e virou costureira. Participa de reuniões na igreja, da organização de festas da escola e também auxilia o marido fazendo lanches para vender no

miolo_vfinal.indd 130 16/07/2014 12:40:39

colégio. Sabe que *uma andorinha só não faz verão.*

Muitas coisas mudaram na vida de dona Luzia, sobretudo pelo fato de poder pegar um papel escrito e saber se ali há alguma coisa importante. Hoje sabe fazer um nome e até escrever uma carta. *A gente é que sabe botá o segredo que qué.* Escreve para os filhos que moram longe sempre que tem notícias importantes para dar a eles.

Dona Maria Miranda não lê, nem escreve muito, porém não se sente ***cega de tudo.*** Achava bonito saber ler e escrever e conseguiu aprender o que não sabia. Depois que assistiu às aulas, chegou a escrever carta; hoje o filho assumiu essa função, pois apenas lê os bilhetinhos. O que aprendeu não lhe propiciou arrumar emprego, nem mudar sua situação econômica, porém lê qualquer nome e *serviu para a vida pessoal.*

Seu Francisco ainda lembra tudo que aprendeu na escola. Embora tenha permanecido na profissão de agricultor, o que aprendeu tem servido para o trabalho cotidiano, porque também não se sente *cego de tudo.* Tem uma consciência crítica bastante desenvolvida e mostra-se revoltado com a situação político-econômica do país. Também se refere com muita revolta ao fato de ter tido que destruir a caixa com todo o material que havia guardado das aulas. Indignou-se, profundamente, com o não cumprimento da promessa, por parte de políticos, de darem óculos a todos os egressos do curso de Paulo Freire, quando da solenidade de outorga de título de Cidadão Angicano a Freire, em 28 de agosto de 1993. Um dos problemas que mais os aflige é a perda progressiva da visão em decorrência da idade.

Deixar de ser analfabeta, poder ler e escrever, assinar documentos foram aprendizados importantes para dona Valdice. Hoje lê jornais, revistas, as prestações que chegam em sua casa para pagar. Depois das aulas, frequentou cursos de tricô, crochê e costura. Porém, deixou tudo para auxiliar o marido na agricultura. Considera que, ao aprender a ler e a escrever, ganhou muita coisa. Pode assinar documentos e não há mais necessidade de usar o dedo (para a impressão digital). Pode escrever a amigos sem precisar de auxílio e diz que aquilo que aprendeu não esqueceu mais.

Dona Francisca de França havia estado na escola quando criança, não lembra se por um ou dois anos, porém se sentia muito atrasada e quis aprender mais, o que, para ela, realmente aconteceu. Depois da alfabetização, fez curso de auxiliar de enfermagem, trabalhou como atendente na maternidade de Angicos, que fechou logo em seguida (1974), e trabalhou ainda como funcionária na prefeitura. As atividades posteriores ao curso foram reforços positivos à fixação da

miolo_vfinal.indd 131 16/07/2014 12:40:39

Educanda do Projeto MOVA-Brasil participa da formatura no Amazonas, em dezembro de 2013

aprendizagem e ao desenvolvimento das habilidades adquiridas.

Dona Maria Luzia, após alfabetizar-se, cursou até a terceira série da escola primária, mas diz que já foi sabendo. Aprender a ler e a escrever não lhe trouxe ganhos financeiros, porém foi importante porque não se sente tão ignorante. Por problema de falta de visão, está conseguindo ler somente o que estiver impresso com letras maiores.

Dona Zélia já sabia escrever seu nome quando começou a frequentar o curso, porém queria aprender mais. Aprendeu outras coisas e a ler todo o nome que via. Aprendeu a escrever o nome da cidade, o nome do bairro e os nomes dos amigos. Trabalha na confecção de vassouras e esteiras e consegue anotar o nome de seus fregueses.

Tudo mudou na vida de dona Amélia. Diz que consegue ler tudo o que chega às suas mãos. Sabe escrever o nome de todos os filhos, dos netos, fazer bilhetes e escrever cartas. Costuma mandar notícias para um irmão que mora longe. Um dos netos (criança) interrompeu para confirmar que ela havia escrito uma carta para o seu tio, recentemente.

É interessante observar que o maior benefício para as pessoas foi o de melhorar a autoestima. Poder escrever o próprio nome, não precisar solicitar ajuda para usar condução, entender, de alguma forma, o mundo letrado que cerca a todos faz os indivíduos sentirem-se integrados à sociedade que valoriza a cultura impressa. Ao deixarem de ser cegos às letras, assumem outra posição perante a vida, pois ler e escrever permite o acesso a conhecimentos antes nem sequer imaginados. Como afirmou Freire, na entrevista para a pesquisa, o homem

miolo_vfinal.indd 132 16/07/2014 12:40:40

é *epistemologicamente curioso*, tem uma compulsão ao saber, ao conhecer. Sente-se mutilado se não consegue ter acesso às condições básicas para compreender-se e compreender o ambiente em que está inserido.

O estágio a que chegaram esses alfabetizados de Angicos não permitiu ascensão social a todos ou prosperidade econômica, embora alguns tenham procurado outras possibilidades de trabalho, porém despertou a consciência para a valorização pessoal, e isso se comprova não somente pelas manifestações de cada um, mas pelo fato de que os seus filhos foram todos para a escola. Apesar das dificuldades financeiras, alguns chegaram a concluir o segundo grau.

Eneide, criança à época, e que frequentou a escola junto com os pais, é professora, fez o curso de magistério e, além de dar aulas na rede de ensino municipal e estadual, dirige um educandário, aberto por ela, que leva o nome de Paulo Freire. Uma de suas filhas também concluiu o curso de magistério. Outros filhos desses angicanos concluíram os cursos de técnico em contabilidade e magistério, opções de estudo existentes na cidade quando de nossa pesquisa.

A falta de uma política social mais bem definida no país, no entanto, traz poucas perspectivas de sucesso a esses jovens. Por falta de emprego na sua região, alguns retornam ao trabalho na agricultura e outros passam ao trabalho informal, são vendedores ambulantes, trabalham em feiras-livres ou saem para cidades maiores em busca de alternativas melhores.

Duas das filhas de dona Valdice terminaram o curso de contabilidade e magistério. Fizeram concurso para a prefeitura da cidade, foram aprovadas e estavam, há algum tempo, aguardando serem chamadas. Os dois filhos abandonaram a escola, após o curso primário, porque precisavam trabalhar com o pai na agricultura e na compra e venda de produtos para feiras-livres.

O problema educacional brasileiro é bem mais complexo do que se possa imaginar. Ainda que hoje estejam em desenvolvimento diferentes programas que visem melhorar as condições econômicas das famílias de baixa renda e que busquem a melhoria da qualidade do ensino, isso por si só não é suficiente. Não basta a criação de cursos visando diminuir taxas de analfabetismo e evasão escolar. É preciso criar motivação às pessoas, possibilitar alternativas de trabalho, dar condições à continuidade dos estudos e propiciar aos trabalhadores salários dignos para que as famílias mantenham as crianças e os jovens na escola. Fazem-se necessárias políticas públicas mais consistentes que criem possibilidades efetivas de desenvolvimento.

miolo_vfinal.indd 133 16/07/2014 12:40:40

O senhor Francisco teve percepção clara dessa situação. E o relato que faz das condições político-econômicas da época em que foram realizados os Círculos de Cultura confirma a percepção de que a educação, por si só, não traz as mudanças de desenvolvimento desejadas. Segundo ele, à noite todos iam para a escola. Havia escola em todos os bairros. Com a escola, vieram projetos de moradia. "Veio casa para o povo." Receberam tijolos, madeira, telhas para substituírem as casas em que moravam que eram feitas de taipa e cobertas com palha de carnaúba. O clima era de prosperidade e, consequentemente, à vista de mudanças, todos se sentiam entusiasmados. "Iam fazer até um colégio, até começaram, mas depois veio essa revolução, aí foi tudo abaixo, caiu tudo". Refere-se à revolução de 1964, quando o golpe militar interrompeu o governo de João Goulart, a quem haviam recebido, em festa, para o encerramento das aulas de alfabetização. "Desde 1963, ninguém estudou mais. Com a revolução, acabou tudo."

Os sujeitos de Angicos tiveram que dar fim em todo o material que possuíam, para não serem presos como subversivos. A expressão de seu Francisco resume a frustração do momento: "Deu até raiva. Eu ainda queria hoje ter *(o material das aulas)*, eu guardava tudo direitinho". Além disso, também se viram impossibilitados de matricularem-se em outras escolas, pois eram considerados comunistas. "Tinha gente que guardava o material embaixo do colchão, vinha a polícia, vasculhava e levava tudo." Todos ficaram com muito medo.

Senhor Severino ficou tão inconformado com o término das escolas que chegou a ir a Natal procurar a professora. Retornou decepcionado, pois além de não a encontrar, não pôde sequer mencionar seu nome.

A relação afetiva com os professores foi, sem dúvida alguma, um interveniente forte no sucesso da experiência. Comparando-se os relatos sobre a atitude desses professores com a atitude de alguns professores em situações de escola padrão, verifica-se que a relação professor-aluno era bem mais humana, mais respeitosa e comprometida com uma prática libertadora e criativa, do que tem sido recorrente em nossas escolas ainda hoje.

Esses ex-analfabetos referiam-se aos professores da seguinte forma: "Valquíria tinha todas as qualidades boas. Era esforçada pelos alunos e queria bem a todos como se fossem seus filhos. A gente tinha até vergonha de desobedecer a ela." "Era aquela paciência de ensinar. Ela dizia três, quatro vezes e voltava a ensinar, e se a gente perguntava, ela tornava a dizer outra vez." "Dilma era ótima professora. Só não aprendeu quem não tinha de aprender. Ensinava bem.

miolo_vfinal.indd 134 16/07/2014 12:40:40

Não tinha aborrecimento. Tudo era bom para ela. Ensinava com gosto." "A professora era muito educada, não ficava brava, então dava interesse de ir para a aula."

A escola não causava pânico, nem reforçava sentimentos de inferioridade. O tratamento respeitoso era um incentivo à aprendizagem, à busca do saber pelo respeito e pela valorização das possibilidades de cada um.

Os professores eram prestativos, respeitosos e tratavam os alunos de forma carinhosa. Eram pacientes e interessavam-se pelo sucesso de cada um. Freire tinha muita clareza da importância de estabelecer um processo de empatia entre todos. Para ele, "quanto mais o educador estivesse cultural e socialmente molhado das águas do educando, tanto mais acessível ficaria para este o conhecimento". O educando, ao descobrir-se possuidor de conhecimentos que eram considerados, sentia-se estimulado a ir além do que já sabia. Todos os professores são lembrados saudosamente por seus alunos.

As observações a respeito das atitudes dos professores visam conduzir a uma reflexão sobre a importância da valorização também do professor. Torna-se claro que não se está referindo a uma função missionária no sentido da abnegação franciscana. Entende-se que a questão está na concepção que subjaz à formação desses profissionais. A profissão de ensinar/educar requer mais do que domínio de conteúdos. É preciso uma compreensão das razões da prática educativa e dos objetivos de sua realização. Quem não consegue ter clareza sobre a importância do trabalho que realiza, sobretudo quando a tarefa tem uma natureza bastante complexa, como é o caso da alfabetização, realiza-o de forma mecânica, como se fora um simples treinamento e, além de frustrar-se, impossibilita o aprendizado porque suas manifestações passam a ser agressivas e desrespeitosas. A ignorância sobre as formas de desenvolvimento mais adequadas do trabalho a ser realizado, e sobre o sentido da prática educativa e os objetivos sociais e políticos do projeto de sociedade no qual estão inseridos, embrutece os professores, situação que se agrava, dadas as condições de trabalho e os baixos salários, questões

miolo_vfinal.indd 135 16/07/2014 12:40:40

que continuam à margem das prioridades governamentais.

Na concepção de Freire, a formação dos professores é peça-chave do processo educacional. Ela deve ser constante. Não uma formação apenas técnica e conteudística, porém a que desenvolva uma atitude de reflexão crítica permanente da prática em desenvolvimento. Uma formação capaz de permitir que, refletindo sobre a sua prática, o educador possa, servindo-se da fundamentação teórica que possui e dos conhecimentos técnicos, construir as metodologias que lhe permitirão a consecução dos objetivos almejados. A capacitação ideológica, científica e técnica é fundamental.

Outro fato que marcou a experiência e que certamente muito contribuiu para a retenção dos conteúdos foi a presença constante dos professores na comunidade. Como o curso aconteceu em período de férias escolares e os professores eram estudantes universitários, durante aquele período residiram na comunidade. Participavam das festas, dos jogos de futebol, do trabalho, faziam refeições com as famílias e iam aos forrós, que era a forma de lazer preferida de todos. *A convivência era dia e noite*, como relata seu Francisco. E Carlos Lyra, coordenador pedagógico da experiência, confirma que essa convivência diária permitiu um relacionamento mais próximo, um conhecimento mais efetivo de cada aluno e a solução, muitas vezes antecipada, de problemas ou dificuldades que fossem surgindo.

Os recursos didáticos, bastante avançados à época, deixaram boas lembranças entre os alunos e cumpriram bem a função de meios auxiliares ao processo, pois que os professores tinham domínio e consciência de seu uso.

A primeira lembrança que têm das aulas é a dos professores que foram pacientes, amigos, prestativos, carinhosos e muito interessados no seu processo de crescimento; a segunda provém das próprias aulas que eram animadas, alegres e apresentavam a grande novidade do projetor de *slides*, pois não conheciam cinema e a televisão ainda não havia chegado à cidade.

Referindo-se às aulas, assim se manifestavam: "Tinha muitas coisas boas. Tinha um projetor que eles botavam e filmavam em uma telazinha com o nome de *belota, tijolo*, diversos nomes. Por aqueles filmezinhos, a gente ia aprendendo. E dava certo. E ela (a professora) ensinava no quadro. Quando botava na tela, a gente já sabia o que era. – Ah! A senhora botou *tijolo*. Ah, não! A senhora botou *belota*. E ela botava fingindo enganar, mas a gente já estava sabendo." "Quando a gente via aqueles filmes, a gente achava muita graça."

O ambiente acolhedor e o respeito às condições de cada um, além da

miolo_vfinal.indd 136 16/07/2014 12:40:41

valorização da cultura local, resultaram numa motivação crescente para o aprendizado, associada aos princípios fundamentais do método, cujos resultados para o tempo em que foi aplicada a experiência foram muito positivos.

Dona Luzia manifestou bem o nível de satisfação desses sujeitos: "À noite, a gente se reunia tudo. Era bom demais! Pedia a Deus pra acabá o dia, que chegasse de noite só pra i pra escola."

Falas que dão a pensar

No livro *As quarenta horas de Angicos: uma experiência pioneira de educação,* o autor Carlos Lyra, um dos primeiros colaboradores de Paulo Freire, relata uma das experiências mais importantes de alfabetização sob o Método Paulo Freire em Angicos, em 1963. Experiência a partir da qual se criou o Programa Nacional de Alfabetização implantado no governo de presidente João Goulart. Ao descrever o trabalho realizado nos Círculos de Cultura, Carlos Lyra mostra-nos a beleza da poesia existente quando homens e mulheres, "farrapos do mundo", encontram-se com a leitura da sua realidade e da palavra. Pelo relato de Carlos Lyra somos capazes de imaginar o sorriso estampado nos rostos magros e sulcados pelas rugas criadas sob o sol escaldante, somos capazes de nos iluminar com a alegria e o brilho dos olhos daqueles que se descobrem capazes de ver além das aparências. Em alguns momentos, a descrição é tão minuciosa que temos a impressão de que fizemos parte das reuniões, de que estivemos com os alfabetizandos e com eles participamos das discussões. Transcrevemos aqui algumas falas dos alunos ditas durante os debates suscitados pelas palavras geradoras e registradas por Carlos Lyra:

"Para formar o diminutivo é só agradar as palavras".

"Guardo na memória as imagens da agonia silenciosa de mulheres com olhos secos de lágrimas, que não podiam chorar".

"O açude da cidade está sangrando".

"A gente constrói a estrada, mas só come poeira".

"Só a terra não resolve, só se vier com assistência médica, sementes, dinheiro, arame para cercar a terra, o arado etc.".

"Voto e arma para se defender e não para vender".

"Massa, o que é enrolado. Povo é o que tem consciência do que vai fazer, sabe se dirigir e sabe os candidatos em quem vai votar".

"Teve chuva de imendá as goteiras".

"Esse pessoal aqui tem o sentido salteado".

"Foi muito pouco tempo, mas hoje já sei ler. Não uso mais o dedo, agora escrevo o meu nome. Como é que devo provar? É lendo".

3. A que se atribui o sucesso da Experiência de Angicos?

Podemos apontar como fatores determinantes ao sucesso das 40 horas de Angicos: a promoção humana, os professores preparados e motivados e a imersão intensiva àquele processo de letramento.

Apesar do pouco uso da leitura e da escrita, essas pessoas continuavam retendo os conhecimentos dos quais se apropriaram em um curso de apenas quarenta horas de alfabetização, dado o significado da experiência em suas vidas e as possibilidades de lerem o mundo a partir de perspectivas até então impensadas. Não foi um simples curso de alfabetização, foram momentos de descobertas pessoais, de construção de sentido para suas existências, de sentirem-se donos de suas experiências e poderem compreender-se sujeitos construtores e transformadores de cultura.

Contribuíram certamente para esse resultado positivo a filosofia que embasava toda a metodologia do processo de ensino-aprendizagem e a atitude dos professores. Estes não se sentiam obrigados ao trabalho e, tampouco, explorados ou não valorizados. Acreditavam no que estavam fazendo, agiam coerentemente de acordo com o que pregavam, estimulavam os alunos a ponto de irem a suas casas buscá-los para as aulas. O tempo cronológico foi curto, porém o convívio intenso!

Freire considera a alfabetização um ato criador, ou seja, um conhecimento que o próprio aprendiz constrói a partir de instruções que contemplam conteúdos já internalizados. Para ele, a *linguagem não se ensina*, ela é uma produção social e é socialmente adquirida. Quando chega à escola, o sujeito já adquiriu uma linguagem, pois tem domínio da oralidade, tem uma competência linguística em desenvolvimento. Falta-lhe, então, o conhecimento daquilo que precisa ser sistematizado, pois que é fruto de uma construção também social, de códigos convencionados, conhecimento que deve dar conta do registro da produção cultural e da comunicação entre comunidades num sentido bem mais amplo. Na escola são ensinadas

miolo_vfinal.indd 138 16/07/2014 12:40:43

técnicas de escrever e ler, simultaneamente ao desenvolvimento da oralidade, para o domínio da variedade linguística considerada, pelos grupos que detêm poder político e social, como a mais correta.

Além dessa compreensão, Freire enfatiza a necessidade do respeito às circunstâncias de vida do alfabetizando. A alfabetização obrigatoriamente deve partir do universo vocabular de domínio do grupo e do discurso resultante da *leitura do mundo que precede a leitura da palavra*. Ele afirma, então, que mesmo o analfabeto possui conhecimentos provenientes do seu observar, sentir, experimentar, vivenciar o cotidiano, e que tais conhecimentos lhe são imprescindíveis à compreensão da linguagem escrita. A alfabetização, portanto, é resultante da leitura, ou seja, da compreensão do indivíduo sobre o mundo que o cerca. Reafirma a tese de que o ensinar a linguagem escrita não pode acontecer independentemente da Leitura do Mundo de quem aprende a ler, pois o indivíduo consciente de seu saber é estimulado a querer aprender mais e a fazer a crítica do seu próprio conhecimento na busca da superação de limitações que julga ter.

A postura de valorização pessoal e de promoção do ser humano foi fortemente sentida em Angicos, criando um ambiente de aceitação e receptividade à descoberta de novos conhecimentos.

A escola que não reprimia, em que professores e alunos compartilhavam conhecimentos, e que valorizava a participação de todos, considerando-os sempre capazes de se desenvolverem, e que utilizava como recurso material instrumentos modernos para a época, como projetores e *slides*, propiciou aprendizagem sólida do pouco que ensinou, apesar da escassez de tempo e das circunstâncias políticas daquele momento histórico.

Os professores eram pacientes e o convívio diário e ininterrupto lhes permitia conhecer melhor cada uma das pessoas, interagindo de forma a poder responder aos interesses pessoais e aos do grupo. Criou-se um ambiente de imersão, partilhavam não apenas o convívio de sala de aula, mas também os momentos de lazer, de trabalho, de refeições, de atividades em família. Desenvolveram uma autoestima bastante alta, haja vista o grau de envolvimento afetivo pela amizade de professores e coordenadores. O contexto sociopolítico auxiliava na manutenção do clima de entusiasmo, pois, juntamente com o projeto de educação, desenvolviam-se projetos de moradia e atendimento à saúde. Um conjunto de fatores, aliado a uma decisão política de não apenas ensinar para reduzir índices estatísticos, mas de dar voz às pessoas, considerando-as cidadãs capazes de intervir no curso do desenvolvimento a que

miolo_vfinal.indd 139 16/07/2014 12:40:43

estavam sendo submetidas, tornou o aprendizado significativo, reforçando o seu valor no decorrer do tempo, apesar de terem sido, essas pessoas, prisioneiras da própria experiência durante o período da ditadura militar.

Os alfabetizandos conseguiram *sair do cá para chegar lá*, alfabetizados funcionalmente, embora o caminho percorrido tenha sido curto. Porém, cartas e até discurso ao presidente da República foram produzidos. Este último fato está muito presente na história de cada homem e mulher, que se sente feliz por ter participado ativamente daquele acontecimento para eles inesquecível. As letras deixaram de ser incógnitas para aquelas pessoas.

Angicos continua a nos ensinar. As lições dele tiradas aplicam-se aos nossos dias, embora passados 50 anos. Quaisquer que sejam os programas educacionais, eles fazem parte de uma política maior de desenvolvimento, de uma ideologia, cujos resultados a serem alcançados deverão ser compatíveis com a filosofia a ser seguida. A experiência de Paulo Freire seguia uma direção contrária ao projeto político que se instalava no Brasil à época. Estava inserida em um contexto político que se constituía em uma ameaça ao modelo de desenvolvimento apoiado pelas forças armadas, razão pela qual foi abortado porque levaria a um caminho não desejado pelo poder econômico hegemônico (latifundiários, grandes empresários e organismos internacionais). Os resultados certamente seriam outros, se não tivesse havido a interrupção do projeto político-ideológico em desenvolvimento, como bem expressou um dos ex-analfabetos: "Naquele tempo veio até o presidente aqui... Aí teve uma tal de revolução social e tiveram que dá fim em tudo e acabou."

Eis um dos motivos pelos quais a prioridade à educação permanece sendo discurso, ou é escamoteada através de práticas que mantêm a situação vigente imposta pelo modelo de sociedade que se tem hoje, pois uma prática efetiva, comprometida com o desenvolvimento consciente do cidadão, ou seja, com o resgate dos direitos de cidadania de forma justa e igualitária para toda a população resultaria, sem dúvida alguma, na transformação do projeto político-social em curso que subordina o homem às leis de mercado.

miolo_vinalindd 140 16/07/2014 12:40:43

Embora persista essa situação, há de se ressaltar iniciativas governamentais e de instituições e grupos que vêm de forma laboriosa realizando experiências de alfabetização de jovens e adultos visando que esses excluídos conquistem efetivamente seus direitos de cidadania. A Experiência de Angicos bem demonstra o quanto pode render um sapato, dependendo do valor político-pedagógico que se possa atribuir a ele. Freire, em sua proposta de ensino, valia-se de palavras retiradas do vocabulário ativo dos alfabetizandos, dentre elas "sapato".

Retomando a questão do desenvolvimento do letramento dos ex-analfabetos de Freire, verificou-se que os conhecimentos de leitura e escrita dos quais se apropriaram estão relacionados aos processos que são de mais fácil domínio, mas que, no entanto, constituem estágio importante para propiciar o desenvolvimento de conhecimentos em nível de complexidade mais elevada. Quarenta horas de alfabetização foram suficientes para conscientizá-los de como funciona o sistema de escrita da língua portuguesa e introduzi-los no aprendizado de regras básicas de correspondência fonológico-grafêmica e grafêmico-fonológica, conhecimentos esses comprovados na realização dos testes de leitura e escrita e seus usos sociais, os quais foram aplicados na pesquisa.

Cabe destacar a atitude de não se inibirem diante das tarefas solicitadas, sobretudo a de escrever, demonstrando que o processo de escolarização também se deu com base na valorização do seu potencial criador, ou seja, de que foram tratados como seres capazes de construírem o próprio conhecimento. A prática pedagógica a que foram submetidos baseava-se, como nos disse Paulo Freire, num "método de conhecer e não num método de ensinar", numa compreensão que ele chamava "de crítica ou de dialética da prática educativa...". (Paulo Freire, na entrevista para a pesquisa.)

Freire continua atual, e a universalidade de seus princípios pode ser enriquecida, como ele mesmo o considerava, por conhecimentos científicos novos, desde que não sejam violados os princípios da democracia e do respeito à individualidade do ser humano.

miolo_vfinal.indd 141 16/07/2014 12:40:43

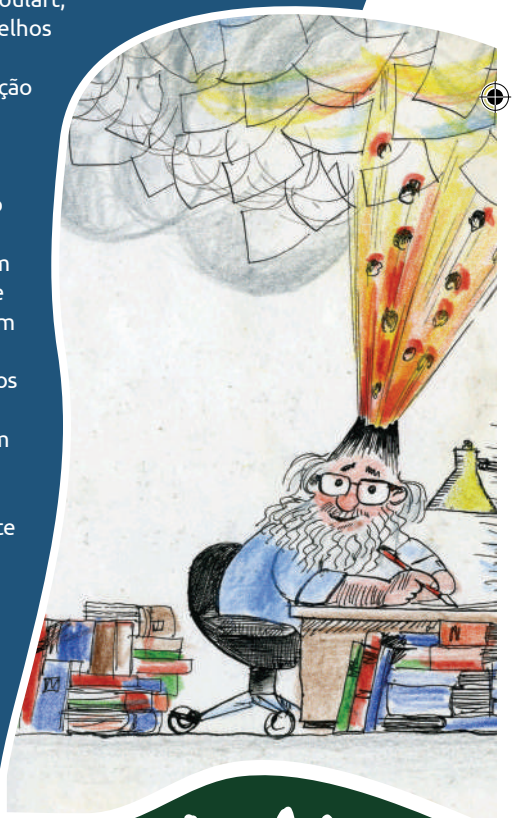
A quem interessava o Sistema Paulo Freire

O sistema proposto pelo professor Paulo Freire, por suas características, permitia a alfabetização em tempo recorde e, principalmente, possibilitava a discussão crítica dos problemas sociais, políticos e econômicos vividos pelos alfabetizandos, satisfazendo simultaneamente às expectativas das organizações estudantis, sindicais e religiosas e líderes políticos. Para os primeiros, configurou-se como instrumento de aproximação com as classes trabalhadoras, fossem suas pretensões reformistas ou revolucionárias. Para os segundos, taticamente interessados em ampliar o contingente de eleitores, constituiu-se num método que garantia a alfabetização a curto prazo de um grande número de adultos e iletrados, aparecendo como um investimento altamente compensador, já que a manutenção no poder de tais líderes dependia do apoio popular. Este fato justificaria o total apoio financeiro e institucional concedido por alguns destes líderes, durante o Governo de Goulart, aos grupos que vinham atuando em campanhas de alfabetização, mesmo que não houvesse uma convergência de interesses políticos.

Assim, ainda que as campanhas em prol da Educação Popular, no período de 1960 a 1963, tenham se originado fora dos quadros institucionais do Estado, sempre mantiveram certo nível de dependência em relação à política populista, na medida em que sua legitimidade e possibilidades de expansão dependiam das condições gerais de mobilização, incentivadas ou toleradas pelos líderes populistas que detinham o poder do Estado.

Sob esse prisma, a promulgação do Programa Nacional de Alfabetização parece ter resultado de uma tentativa de coordenação institucional das atividades que vinham sendo desenvolvidas desde 1960, na área da Educação Popular, por algumas facções políticas integrantes do grupo que detinha o poder durante o Governo de Goulart, visando à obtenção do controle de alguns setores dentro dos Aparelhos Ideológicos de Estado, notadamente no Aparelho Educacional.

Dentro desse quadro, a adoção do Sistema Paulo Freire de Educação não nos parece de forma alguma acidental. Em primeiro lugar porque, do ponto de vista de sua orientação ideológica, as proposições de Freire coadunavam-se com a orientação decorrente da adoção do modelo nacional-desenvolvimentista, então predominante ao nível do Estado. E, em segundo lugar, como já dissemos, porque satisfazia aos interesses daqueles que atuam em diferentes áreas de atividades, com vistas a promover uma mobilização em prol das reformas estruturais e de uma maior democratização social e política, que na época apareciam como metas decorrentes do próprio modelo de desenvolvimento econômico-social em curso. Os possíveis desvios em termos ideológicos da orientação predominante ao nível do Estado, no que diz respeito à atuação de certos grupos participantes das diferentes experiências em que se adotou o Método Paulo Freire, explicar-se-iam em virtude da própria evolução, naquela conjuntura, da participação cada vez mais ativa das "classes populares" no processo político (independentemente da ingerência "populista"). Tal participação poderia estar vinculada a um engajamento partidário ou não, podendo depender da orientação política emprestada pelas diferentes organizações de esquerda a sua situação junto àquelas classes



Sílvia Maria Manfredi, professora da Faculdade de Educação da Universidade de Campinas. In: *Política: Educação Popular*, 1978, p. 158-159

Referências

FREIRE, P. *Entrevista concedida a Nilcéa Lemos Pelandré*. São Paulo, 14 out. 1993, In: PELANDRÉ, N. L. *Ensinar e aprender com Paulo Freire*: 40 horas 40 anos depois. 3. ed. rev. Florianópolis: Editora da UFSC; São Paulo: Cortez, 2009.

KIRSCH, I. S.; JUNGEBLUT, A. Literacy: profiles of America's young adults. *Final report of the National Assessment for Educational Progress.* New Jersey: Educational Testing Service, 1990.

KLEIMAN, A. (Org.) *Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.* Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

MIILER, L. The roles of language and learning in the development of literacy. *Topics in Language Disorders,* v. 10, n. 2, p. 1-24, 1990.

PELANDRÉ, N. L. *Ensinar e aprender com Paulo Freire*: 40 horas 40 anos depois. 3. ed. rev. Florianópolis: Editora da UFSC; São Paulo: Cortez, 2009.

SOARES, M. *Literacy assessment and its implications for statistical measurement*. Paris: Unesco, 1992.

_____. *Letramento:* um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

WAGNER, D. Literacy assessment in the third world: an overview and proposed schema for survey use. *Comparative Education Review*, v. 34, n. 1, p. 112-138, 1990.

Paulo Freire em ilustração do amigo Claudius Ceccon

miolo_vinal.indd 143 16/07/2014 12:40:44

miolo_vfinal.indd 144 16/07/2014 12:40:49

Parte 4
História e memória

Costuma-se dizer que um país que não tem memória não tem futuro. Neste livro, não poderia faltar uma parte que retomasse os acontecimentos de 1963 e construísse significados para o presente e o futuro. Registrar significa agir para que a memória não seja apagada e o passado, como acontecimento no tempo, continue fazendo parte de nossa história como ensinamento para o presente e para a constituição do futuro.

Maria Elizete Guimarães Carvalho e Maria das Graças da Cruz Barbosa, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no texto *Memórias da educação: a alfabetização de jovens e adultos em 40 horas – Angicos (RN), 1963*, refletem sobre as memórias do projeto de Angicos como uma experiência de Educação Popular, caracterizada pelos seus aspectos de "transformação e de conservação", recolhendo vivências, vestígios, reminiscências e eventos, presentes nas lembranças, nos silêncios e nos esquecimentos dos seus participantes.

Já Ana Paula Rufino dos Santos, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em seu texto *Educação de Jovens e Adultos: caminhos e significados para a experiência de 1963*, investiga a memória da Experiência de Angicos partindo de 40 relatos de entrevistas, buscando a sua significação para a história dos angicanos e a relação dos adultos com a modalidade escrita da língua.

No texto *As imagens no Método Paulo Freire na Experiência de Angicos (RN), 1963,* Vicente Vitoriano Marques Carvalho, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), analisa a formulação de imagens visuais nas "fichas" com desenhos das "palavras geradoras," tendo em vista as relações entre desenho e palavra e entre estes e as expectativas de sua eficácia no processo ensino-aprendizagem da leitura e da escrita.

miolo_vfinal.indd 145 16/07/2014 12:40:49

4.1. Memórias da educação: a alfabetização de jovens e adultos em 40 horas – Angicos (RN), 1963

Maria Elizete Guimarães Carvalho
Professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
Maria das Graças da Cruz Barbosa
Mestranda em Educação (PPGE) e em Direitos Humanos (PPGDH) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)[22]

Refletir sobre as memórias da educação implica a apropriação de reminiscências e de trajetórias pessoais e documentais, a compreensão de muitas formas de representação da vida e da realidade, que possibilitam leituras e interpretações do fato educacional, em um trabalho de captação e reconstrução de sentidos e de significações.

No trabalho de mobilização da memória, o historiador recolhe os artefatos do passado, como aquele que "escova a história a contrapelo" (BENJAMIN, 1994, p. 225), ou como aquele que mergulha sob as ondas (BURKE, 1991), trazendo para o contexto da pesquisa educacional discursos, registros, cartas, biografias, diários, imagens, testemunhos, enfim, tudo que contenha "a possibilidade de vislumbrar a ação humana" (KARNAL; TATSCH, 2009, p. 15) no campo educativo e de compreendê-la. São reminiscências, centelhas de um passado, de um acontecimento, que se entregam para apropriação/interpretação.

Nesse sentido, não se conhece o passado como ele de fato foi. As memórias, os documentos são tratados pelo olhar, pela abordagem do historiador, para o que contribuem história de vida, formação, crenças e os pressupostos da investigação científica, valendo lembrar que tais reminiscências, incluindo os testemunhos orais, já passaram pela seleção da memória, pelas opções do colecionador ou de quem as preservou. "[...] o passado nunca permanece uno e idêntico a si, mas é constantemente selecionado, filtrado e reestruturado por questões e necessidades do presente, tanto no nível individual como no social" (JEDLOWSKI, 2005, p. 87). Nesse contexto, não existe abismo,

22. Este trabalho foi publicado na *Revista HISTEDBR On-line*. Campinas: Editora da Unicamp, n.43, p. 66-77, set. 2011. ISSN: 1676-2584 – Disponível em: <www.fae.unicamp.br/revista/index.php/histedbr/issue/current>. Acesso em: 8 abr. 2014.

miolo_vfinal.indd 146 16/07/2014 12:40:49

lacuna entre história e memória, mesmo que a memória trate o objeto de estudo em uma perspectiva interior e a história o investigue de uma perspectiva externa, ou como entendeu Agnes Heller: a história "trata do que acontece visto de fora, e as memórias tratam do que acontece visto de dentro" (HELLER, apud HOBSBAWM, 2002, p. 12).

Na esteira dessa reflexão, não se tem a pretensão de conhecer o acontecimento educacional *40 horas de Angicos* como ele de fato aconteceu, mas pretende-se compreendê-lo como é percebido no atual momento histórico, 50 anos depois, por aqueles que o vivenciaram, verificando em que fase da memória individual e coletiva ele se encontra, se em extinção ou em transbordamento. A apropriação das reminiscências toma os testemunhos orais como matéria da história e da memória.

É nessa configuração que o movimento de Educação Popular, ocorrido no início dos anos 1960, está sendo tratado: como história e como memória. Mas por que investigar as memórias desse movimento? Primeiro, porque a primeira versão foi escrita faz algum tempo, cerca de 15 anos, e nesse espaço temporal, tanto a memória individual como a coletiva sofreram transformações, pela própria natureza da memória, que é preservação e transformação. Segundo, porque a história dos participantes ainda está por escrever. E terceiro, porque é necessário reconstituir a memória para livrá-la do esquecimento.

Somando-se a essas razões, está um conjunto de memórias acadêmicas, lembranças acumuladas durante a tese de doutoramento, em que o foco da pesquisa era a campanha *De pé no chão também se aprende a ler*. Inserida em um cenário de lutas e movimentos sociais pela educação, tanto o aporte teórico trabalhado como o metodológico (falando em Educação Popular, história oral, colaboradores/entrevistados) abordavam o tema em debate, as 40 horas de Angicos.

Assim, no processo de investigação das memórias de pessoas que vivenciaram ativamente esse momento histórico, o início dos anos 1960, como estudantes universitários, organizadores, monitores e alunos, registraram-se depoimentos como os de Vasconcelos (2000), professor aposentado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), que na época era líder estudantil e participava engajadamente das mobilizações em Natal. Em conversa informal, o professor observou que a origem das 40 horas de Angicos podia ser buscada, também, na campanha *De pé no chão...*, pois foi o seu sucesso na educação municipal de Natal que orientou o governador do Estado, sr. Aluizio Alves, a procurar o professor Paulo Freire, em Recife, e convidá-lo para orientar e organizar esse projeto educacional, que teria

miolo_vfinal.indd 147 16/07/2014 12:40:49

como local de testagem a cidade de Angicos. Tratava-se de uma proposta avançada de educação de base que previa a alfabetização de 100 mil adultos, por um período de três anos, durante a gestão do governador Aluizio Alves (CARVALHO, 2000).

Nesse sentido, vale explicar, que o passado não é apenas o momento anterior ao presente, mas sua fonte. O que fomos e o que somos estão desde sempre imbricados, conectados. O conhecimento do presente – fatos, acontecimentos, processos, teorias, estruturas – permitem compreender e avaliar acontecimentos passados. Ou tomando de empréstimo a compreensão de Bergson (1990) sobre a temática, ao referir que é só pelo passado que se pode conhecer o presente e o futuro. E, ainda, a afirmação de Soares (2001, p. 22), ao explicar o ato acadêmico que está praticando a partir da analogia marxiana:

> […] A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco. E explica: "Nas espécies animais inferiores, só se podem compreender os signos denunciadores de uma forma superior quando essa forma superior é já conhecida." A analogia serve a Marx para demonstrar como a compreensão da sociedade burguesa, organização social mais complexa e desenvolvida, permite compreender as estruturas sociais que a antecedem. Tomo emprestada a analogia para dizer que a compreensão do ato acadêmico que agora pratico [...] é chave para a compreensão do passado, que só pode ser avaliado a partir de seus efeitos.

Em pressupostos como esses encontra fundamento a preocupação do historiador da educação, que compreende ser imprescindível a construção de uma ponte entre presente e passado para interpretação e resolução das questões atuais (e vice-versa) que marcam o trabalho educativo, para projeção do futuro, com mais segurança e possibilidade de acertos. Cabe então afirmar a necessidade de investigação do passado, de sua reelaboração, contribuindo para o intercâmbio de experiências entre presente e pretérito, fato que se registra como fundamental na sociedade contemporânea, por presenciar-se o crescimento de gerações em uma espécie de presente contínuo.

Nesse sentido, é preciso lutar contra o esquecimento, recriando fatos e acontecimentos, enfrentando o tempo que destrói a matéria histórica, lutando contra o declínio da história e da memória. O alerta de Hobsbawm (1995, p. 13) tem esse significado.

miolo_vfinal.indd 148 16/07/2014 12:40:49

> A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à de gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem.

A reflexão sobre esta assertiva e experiências do cotidiano docente têm orientado para investigações na área de História da Educação, tomando a memória como objeto de estudo para a reconstituição histórica[23].

É nesse sentido o propósito do presente trabalho: refletir sobre as memórias do projeto educacional 40 horas de Angicos, em um processo de reconstituição mnemônica, que considera esse espaço investigativo um campo privilegiado, tanto no plano histórico como no plano pedagógico, revelando práticas de naturezas diversas – humanas, culturais e profissionais – do fazer educativo, e ao mesmo tempo, sentimentos, dores, lembranças, desejos, anseios modelados no contexto temporal.

23. O atual trabalho tem como fonte o projeto de iniciação científica que estamos desenvolvendo na UFPB (2010-2011), nomeado *Educação de Jovens e Adultos em 40 Horas: Angicos/RN – 1963* (História e Memórias).

Paulo Freire – Memória e Presença

Com o objetivo de preservar e democratizar o acesso à obra de Paulo Freire, inclusive para as pessoas com deficiência visual, o Instituto Paulo Freire disponibiliza grande parte de sua obra num repositório digital.
Acesse: acervo.paulofreire.org
Veja ainda a biblioteca do educador em:
biblioteca.paulofreire.org

1. Articulação entre história e memória

Quando se opta pela memória como testemunha, tem-se a consciência de que ela trabalha com a seleção dos eventos, não sendo capaz de restituir/reconstituir o passado por inteiro. Acredita-se no trabalho da historiografia que se abre para a memória, que aposta no vivido, em que os fatos da memória enriquecem os acontecimentos da história, o que nos permite afirmar que não há como separar os fatos de sua interpretação. A História não é mais importante que a Memória. A função do historiador pode ser comparada ao catador de trapos de Walter Benjamin. Não há que selecionar os cacos do passado, os mais valiosos dos aparentemente sem valor. "[...] a felicidade do catador-colecionador advém de sua capacidade de reordenação salvadora desses materiais abandonados pela humanidade carregada pelo 'progresso' no seu caminhar cego" (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 77). Nessa compreensão, todos os vestígios do passado devem ser recolhidos, orientando para um trabalho conjunto entre história e memória, o que enriquecerá o campo epistemológico da História da Educação.

Nessa configuração de reconstituição da memória e reconstrução histórica, saberes e práticas se articulam e se completam, constituindo-se um conjunto qualitativo de conhecimentos, resultante de acontecimentos que já se concretizaram como história, ou de elaborações guardadas/transformadas pela memória. Porque não se sabe ainda o tempo de vida das lembranças, sabe-se, no entanto, que elas passam por processos de transformação, recriação e seleção, implicando que as memórias são representações/interpretações dos acontecimentos. A explicação de Hobsbawm contribui para a compreensão: "[...] Não sei quando se inicia a vida da memória, mas a maior parte dela não recua à idade de dois anos" (HOBSBAWM, 2002, p. 17).

No contexto do vivido e do representado, o historiador da Educação não deve fazer escolhas. Seu ponto de partida é a preocupação com o presente. Um presente que demanda explicações e interpretações, sentidos para os acontecimentos. Tem origem então a necessidade de revisitar o passado, de traçar seu mapa, para seguir seus caminhos, suas paisagens, cenários, compreender seus motivos e momentos, retraçando um roteiro investigativo. Tal passado, no plano da memória, é lembrança e esquecimento. São recordações de ações, sentimentos, imagens, conhecimentos selecionados a partir de interesses, anseios e desejos ancorados no tempo presente. É como ensina Hobsbawm (2002, p. 21):

miolo_vfinal.indd 150 16/07/2014 12:40:53

> O passado é um outro país, mas deixou sua marca nos que o habitaram. Marcou também os que eram demasiadamente jovens para havê-lo conhecido a não ser por ouvir dizer, ou mesmo numa civilização estruturada de maneira a-histórica, para tratá-lo como coisa banal, como no jogo trivial *pursuit*, que teve passageira fama no final do século XX.

A abordagem mnemônica configura-se como um trabalho que permite reavaliar toda a análise historiográfica anterior, considerando os acontecimentos históricos e os fatos da memória, incluindo o seu sentido hermenêutico, construindo de forma estruturada acontecimentos da História da Educação, constituída de ideias, práticas e cultura escolar. Ora, são diversas as trilhas da memória, assim como são muitas as suas faces.

A história trata dos acontecimentos vistos de fora, em uma visão externa do tempo, da realidade. O tempo histórico não é o tempo vivido. A história escrita, documentada, distingue-se do acontecido; é uma representação. É nesse sentido a afirmação de Montenegro (1996, p. 19):

> Com a história, a dimensão do fato, do acontecido, do acontecimento opera sempre em sintonia com o que é estabelecido no momento em que o fato ocorreu. A forma como o acontecido operou ou atuou no imaginário ou no próprio comportamento social não se constitui em elemento fundante.

Desse modo, a história trabalha com o que se torna público ou vem à tona na sociedade, em determinado momento e lugar. É uma representação do real, que se refaz e se reformula a partir de novos questionamentos do historiador, ou através das descobertas de novos documentos ou fontes.

Na investigação em desenvolvimento, a história está sendo considerada a partir desses pressupostos, como representação do real, de acontecimentos passados/presentes que ocuparam/ocupam o maior espaço na memória da humanidade. Já a memória está sendo compreendida como experiência vivida, como conservação e transformação.

miolo_vfinal.indd 151 16/07/2014 12:40:53

Ora, na história escrita existem muitas lacunas que precisam ser preenchidas para a (re)significação de uma antiga visão/concepção, o que pode ser feito pela reconstituição da memória coletiva/individual.

Considerando esse pressuposto, o que foi transformado e o que foi preservado na memória dos participantes das 40 horas de Angicos?

2. Trilhando a história e as memórias das 40 horas de Angicos

Surgido no cenário das lutas e movimentos sociais por reformas de base do início dos anos 1960, o projeto de alfabetização 40 horas de Angicos apresenta características peculiares que o diferenciam das campanhas e movimentos de Educação Popular originados na época, apesar de o espírito ser o mesmo. Trata-se de um experimento localizado, dentro das previsões do Plano Estadual de Educação, tendo como núcleo experimental a cidade de Angicos. Foi estruturado "por iniciativa do governo estadual do Rio Grande do Norte, em convênio com a Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) e United States Agency for International Development (USAID)" (GERMANO; PAIVA, 2006, p. 12).

Neste estudo, pretendeu-se promover um encontro entre história e memória, revisitando a história[24] e reconstituindo as memórias dos participantes da experiência educacional com jovens e adultos, 40 horas de Angicos. Também foram examinadas algumas práticas educativas desenvolvidas e as possíveis contribuições para o trabalho educacional com a modalidade Jovens e Adultos atualmente, promovendo um diálogo entre experiências passadas e presentes, mediante o resgate de lembranças desse acontecimento histórico, viabilizando um encontro com as memórias individual e coletiva. Em face desses propósitos, investigaram-se as representações que os participantes têm dessa experiência educacional, as marcas deixadas em sua memória, as contribuições das práticas educacionais e sociais desenvolvidas para Educação de Jovens e

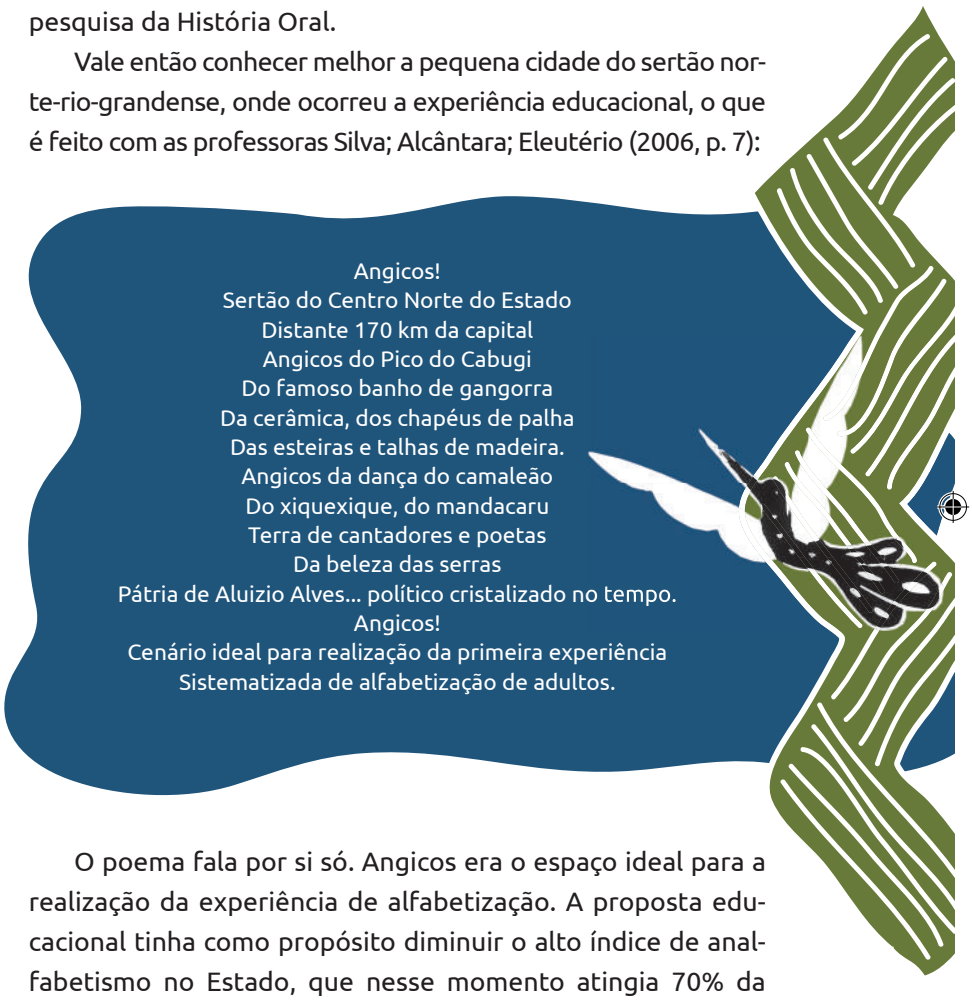
24. Para ver a história escrita dessa experiência, vale consultar: LYRA, Carlos. *As quarenta horas de Angicos:* uma experiência pioneira de educação. São Paulo: Cortez, 1996.

miolo_vfinal.indd 152 16/07/2014 12:40:53

Adultos no presente, os cruzamentos entre História e Memória nas narrativas dos participantes.

No processo de pesquisa, foram criadas estratégias de investigação, proporcionando aos participantes representarem suas experiências e aquisições intelectuais, considerando o trabalho com fontes escritas e o processo metodológico de pesquisa da História Oral.

Vale então conhecer melhor a pequena cidade do sertão norte-rio-grandense, onde ocorreu a experiência educacional, o que é feito com as professoras Silva; Alcântara; Eleutério (2006, p. 7):



O poema fala por si só. Angicos era o espaço ideal para a realização da experiência de alfabetização. A proposta educacional tinha como propósito diminuir o alto índice de analfabetismo no Estado, que nesse momento atingia 70% da população adulta, ficando sob a responsabilidade do Serviço Cooperativo da Educação do Rio Grande do Norte (SECERN), tendo como orientação pedagógica o sistema de alfabetização de adultos elaborado por Paulo Freire, em Recife, que já estava apresentando resultados positivos, embora não tivesse sido utilizado em grande escala.

miolo_vfinal.indd 153 16/07/2014 12:40:54

> A escolha da equipe de coordenadores ficou sob a responsabilidade de Paulo Freire e era composta, em sua maioria, por estudantes universitários de Natal, treinados em Recife. Freire teve em sua formação, inicialmente, marcada influência "isebiana" e pelo ideário nacional-desenvolvimentista. O nacionalismo e a educação foram tomados como formas de resistência cultural, salvadoras do atraso e subdesenvolvimento. (GERMANO; PAIVA, 2006, p. 13).

Essa equipe de trabalho, além dos coordenadores, contava com monitores, também estudantes universitários de Natal, da recém-fundada Universidade Federal do Rio Grande do Norte, estudantes dos cursos de Direito, de Serviço Social, de Engenharia, entre outros, filhos, em sua maioria, de famílias tradicionais do Estado. Esses jovens, imbuídos das ideias que se veiculavam na época, foram para Angicos, nas férias do início do ano de 1963, para desenvolverem o projeto-piloto de alfabetização de adultos em 40 horas.

Distante cerca de 170 km da capital do Estado, Angicos, terra natal do então governador, situa-se na messoregião central, apresentando, na época, um percentual elevado de analfabetos. Ora, o colégio eleitoral não atingia nem 600 eleitores e só os alfabetizados podiam votar. Tendo em vista essa grave situação, entre outras questões, a cidade foi escolhida para a testagem da experiência-piloto do projeto.

Assessorado por Paulo Freire, o professor Marcos Guerra, então estudante de Direito e líder estudantil, efetivou a capacitação da equipe pedagógica com a realização do Seminário de Formação de Professores, ocorrido na Faculdade de Direito. Durante o processo, os participantes eram orientados/assessorados por Paulo Freire, duas vezes por mês.

Seguindo as orientações e metodologia do trabalho desenvolvido por Freire na capital pernambucana, Marcos Guerra e sua equipe instalaram-se em Angicos e deram início à experiência educacional que marcaria não só a população angicana, mas o Nordeste e o Brasil.

Assim, iniciaram a experiência pela investigação da realidade linguística dos alfabetizandos para escolha do universo vocabular a ser trabalhado. Desse universo foram retiradas as palavras e Temas Geradores, originadores do debate, que seriam empregados no processo de alfabetização, sendo a escolha realizada de acordo com a relevância e significado social para o grupo envolvido. Assim explicou Guerra em entrevista ao jornal *Tribuna do Norte* (GUERRA apud MADRUGA, 2005, p. 1): "Nós, como monitores, fazíamos uma pesquisa investigando

miolo_vfinal.indd 154 16/07/2014 12:40:54

a vida das pessoas. Não adianta ensiná-los palavras da cartilha do Ministério de Educação, se não faziam parte do universo vocabular de cada um. Não haveria utilidade".

Conforme assinalam Germano e Paiva (2006, p. 13), as palavras que mais significavam àquela realidade, prestando-se a uma leitura de mundo do cotidiano angicano, foram as seguintes: "'belota' (corruptela de borla ou bolota), voto, povo, salina, feira, milho, goleiro, cozinha e tigela, todas escolhidas no levantamento do universo vocabular dos alunos".

A partir dessas palavras geradoras, todo material didático era preparado, como fichas de leitura, *slides*, entre outros. Silva, Alcântara e Eleutério (2006, p. 8) explicam o funcionamento das aulas:

> As aulas eram desenvolvidas através de situações-problema, estimulando a participação e o posicionamento crítico do educando, de modo que o adulto se educava mediante a discussão de suas experiências de vida com outros indivíduos que participavam das mesmas experiências, num processo em que o homem "aprende a si mesmo e aos outros sob a mediação do mundo". Assim se dava a leitura da palavra, passando pelo reconhecimento dos fonemas e das sílabas até a leitura de frases que traduzem as relações com o mundo.

Coordenadoras de Círculo de Cultura em Angicos (RN). Entre elas, Madalena Freire (*segunda da dir. para a esq.*), com 17 anos

Pelo visto, era uma metodologia diferente, inovadora ou alternativa para o desenvolvimento do trabalho pedagógico com jovens e adultos. As propostas de alfabetização contidas no Sistema Paulo Freire não fazem da cartilha instrumento principal do processo ensino-aprendizagem, mas dos "Círculos de Cultura", que em substituição às tradicionais salas de aula, constituíam-se os espaços onde se desenvolviam os debates que davam origem ao processo de alfabetização e conscientização. Em Angicos, os alunos discutiam. Aprenderam a questionar, modificar, renovar e corrigir a realidade. Também produziam frases que expressam a formação de uma conscientização política em elaboração. Essas frases constam do jornal mimeografado e organizado pela equipe responsável pela experiência (GERMANO; PAIVA, 2006, p. 13):

> Quero aprender a ler para: melhorar de vida; ter outra vida; pra servir a mim e a quem precisar; e votar em quem merecer; o trabalho é cultura; o trabalho é que dá honradez ao homem; o povo precisa de igualdade, justiça, trabalho, alimento; o povo quer melhorar de vida, deixar de ser massa.

Assim, esse povo começava a construir sua resistência e emancipação a anos de dominação, através da assimilação de práticas educativas e sociais. Em Angicos, os participantes (alunos) desse projeto eram pessoas de baixa renda ou sem renda alguma, agricultores, lavadeiras, donas de casa, pedreiros e até mesmo os presos receberam autorização para frequentar as aulas, o que faziam acompanhados de policiais. Ao final da experiência, os que conseguiram se "formar", escreveram ao presidente João Goulart, pedindo indulto, que foi concedido.

É interessante observar as palavras de Melo (2011, p. 2), ao lembrar a experiência de alfabetização vivenciada. Ela era criança, com apenas 6 anos de idade e acompanhava os pais, estudando junto com eles, o que foi muito proveitoso para ela: "De acompanhar meus pais, acabei me alfabetizando antes deles".

Em outra entrevista, em que Melo (2007, p. 2) relatou suas lembranças dessa experiência educacional, observou que não guardara documento algum, tudo estava marcado na memória, pois seus pais queimaram tudo, inclusive seus cadernos que guardava embaixo do colchão da cama; teveram medo! Achavam que eram comunistas! Lembrou que aprendeu a ler sem que a professora percebesse. Era tão pequena que para escrever no quadro precisava de um tamborete. Suas lembranças são involuntárias e vêm à tona à medida que os temas são colocados,

miolo_vfinal.indd 156 16/07/2014 12:40:55

sem esforço de memória. Assim, fala da metodologia utilizada pelo projeto: a palavra geradora, que era conhecida por todos ("todos sabiam o que ela representava", ou "coisas da natureza ou da cultura"), era colocada no quadro. A depoente recorda como foi trabalhada a letra "i", das comparações feitas com a realidade. A professora dizia: "O jeito de parar o burro"[25]. Depois era passado filme, *slides*, de acordo com o tema que estava sendo trabalhado. Se fosse a palavra "tijolo", passaria a construção. Relembra ainda que na última aula foi premiada pelo presidente da República, sr. João Goulart, que veio a Angicos para diplomar os formandos. Ele mandou que lesse o jornal, ele próprio apontando com sua caneta. Após a leitura, o presidente falou que podia escolher um presente: "Eu escolhi uma bolsa para levar os livros para a escola". Sabe, no entanto, que o presidente deu um valor maior, pois seu pai comprou brinquedos, entre outras coisas.

Essas são reminiscências que não se tornaram públicas, mas que são conhecidas por um pequeno grupo. Passados 50 anos da experiência, essas memórias já sofreram várias transformações, foram desmontadas, organizadas, junto com as imagens que foram redesenhadas a partir de novas subjetividades que se configuraram em momentos e contextos determinados. Porém, o núcleo do rememorado permanece o mesmo.

No que se refere às contribuições da Experiência de Angicos para a Educação de Jovens e Adultos hoje, a sra. Maria Eneide de Araújo Melo, que é professora do Projeto Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA-Brasil), diz que, respeitando as diferenças do momento atual, tudo é válido ainda hoje. É feita a pesquisa de campo, "escolho o bairro ou mesmo a cidade, e pelas falas percebe-se o que querem. Daí se tira as palavras geradoras, observando-se as potencialidades e as necessidades" (MELO, 2011, p. 5). A depoente ainda relata que quando pequena queria ser como Valquíria Felix, estudante de Direito, sua professora na época do projeto, mas na verdade, hoje, refletindo sobre isso, ela entende que queria mesmo era ser professora, e Valquíria era o modelo.

25. Nessa época, o burro era o meio de transporte mais utilizado pelas populações interioranas, sendo utilizada a expressão "aí", que com o tempo transformou-se em "i", significando que aquele era o lugar de parada.

miolo_vfinal.indd 157 16/07/2014 12:40:55

Seu pai, sr. Severino Araújo, que no início dos anos 1960 tinha mais ou menos 30 anos, e ia para o Círculo de Cultura junto com a esposa, Francisca de Andrade de Araújo, e a filha, lamenta a repressão militar que impediu a continuidade do projeto:

> Foi uma época muito boa. O pouco que aprendi, me serviu para a vida toda. Foi péssimo ter acabado. Poderia ter aprendido muito mais. Foi péssimo porque eu queria ter continuado a aprender. E depois fui obrigado a queimar todo o material. (ARAÚJO, 2006, p. 1).

Essas lembranças deixaram o sr. Francisco Araújo bastante triste. Percebe-se em suas palavras a crença na educação, resquícios das ideias que permeavam o início dos anos 60 do século 20. O ato de rememorar é constituído de memória e esquecimento. As realizações que poderiam ter ocorrido na vida do sr. Francisco foram impedidas pelo violento término do projeto, embora sua filha, cinco anos depois, afirme que a vida de todos modificou-se para melhor com a participação na experiência.

> [...] o instante do rememorar implica o lembrar e o imaginar, pois apenas traços destas experiências podem ser resgatados; elas nunca serão representadas – trazidas para o presente de novo – tais como ocorreram no passado. Além disso, por mais que se possa resgatar do passado, há sempre lacunas de lembranças: a memória do esquecimento. (LE VEN; FARIA; MOTTA, 1997, p. 215).

Reunião dos monitores das 40 horas de Angicos (RN), em 1963

miolo_vfinal.indd 158 16/07/2014 12:40:56

O ato de lembrar tem suas especificidades. A memória remete a um tempo próprio, peculiar, que não é nem cronológico nem linear. Mas apesar desse tempo ambíguo, descontínuo, é impossível separar os fatos de sua interpretação. Nas lembranças do ex-aluno ocorre uma fusão imperceptível entre Memória e História. Elas se cruzam, se enriquecem e não mais se separam, tornando-se um só tecido. A memória enriquece a perspectiva da História, assim como certos registros da História podem passar para a memória.

Outra aluna, Idália Marrocos da Silva, que na época do projeto tinha 34 anos, "dona de casa", relembra o debate realizado no Círculo de Cultura, o que lhe causava prazer: "Eu gostava das perguntas que a professora fazia. Uma vez ela me perguntou o que o rico fazia ao pobre. Eu respondi que o rico era uma muriçoca que pegava a pessoa dormindo e sugava seu sangue". Interessante observar a representação da ex-aluna. Angicos é uma cidade que sofre anualmente, sem trégua, o ataque de muriçocas. Ela também relembra que foi procurada, após o término das aulas, por vários homens que não sabe quem eram. Mas afirma que, além de nunca ter tido medo de nada, nunca queimou coisa alguma (SILVA, 2011).

Pelos depoimentos, percebe-se que não existe um conflito entre memórias coletivas. Elas se completam. O elemento fragmentário da temporalidade, típico do registro pessoal ou coletivo, é preservado. As lembranças surgem marcadas por fragmentos do passado e pela configuração do presente. Elas são apresentadas enquanto construção a partir do presente.

> A lembrança, afirma Halbwachs, é em larga medida uma reconstrução do passado com ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora se manifestou já bem alterada. (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 70).

A experiência educacional vivenciada em Angicos faz parte da História e da Memória. Ambas são chamadas para dar seu testemunho. Daí a importância de um trabalho conjunto entre História e Memória.

miolo_vfinal.indd 159 16/07/2014 12:40:56

> Às vezes nos limitamos a observar que nosso passado compreende dois tipos de elementos: os que podemos evocar quando desejamos e os que, ao contrário, não atendem ao nosso apelo, se bem que tão logo os procuramos no passado nossa vontade parece bater num obstáculo. Na verdade, dos primeiros podemos dizer que estão no terreno comum, no sentido de que o que nos é assim familiar ou facilmente acessível, é igualmente familiar ou acessível para os outros. (HALBWACHS, 2006, p. 66).

Os encontros aconteciam à noite em vários Círculos de Cultura. Eram salas pequenas, iluminadas por um candeeiro a querosene, em que avós e netos muitas vezes conviviam no mesmo clima de descobertas e aprendizagem. As discussões se desenvolviam nos Círculos de Cultura, que eram espaços de alfabetização e de conscientização. Tome-se como exemplo o trabalho com a palavra geradora tijolo. Essa era estudada analiticamente com suas respectivas famílias (ex.: ta - te - ti - to - tu; ja - je - ji - jo - ju; la - le - li - lo - lu), que depois se transformavam em palavras, frases, parágrafos, textos. Todas as etapas eram alternadas e/ou acompanhadas pela discussão da realidade.

Esses espaços que funcionaram como Círculos de Cultura, em sua maioria, não existem mais, somente persistindo nas memórias dos participantes, que tentam situar os locais: "Era na Fazenda chamada de Chico Guilherme, era o filho de Chico Guilherme, mas era uma casa velha que tinha na fazenda; aí ele colocou lá umas pessoas..." (COSTA, 2011, p. 1). Outro situava-se onde atualmente é o parque de vaquejada, outro, ainda, estava caindo, e foi derrubado.

Ao final da experiência, 300 trabalhadores rurais foram alfabetizados em 40 horas de aula e em apenas 45 dias. O sucesso dessa experiência valeu ao professor Paulo Freire o convite para repensar a alfabetização de adultos em âmbito nacional. Porém, a Campanha Nacional de Alfabetização do governo João Goulart não chegou a ser posta em prática. O golpe militar puniu severamente essas experiências e muitos dos seus participantes.

miolo_vfinal.indd 160 16/07/2014 12:40:56

Em Angicos, as pessoas tiveram muito medo. Queimaram toda a documentação. Houve um tempo em que não falavam sobre o assunto. Atualmente, a memória coletiva dessa experiência educacional luta para continuar existindo, em um processo de articulação entre presente e passado, interferindo na formação das representações presentes e misturando-se com as percepções imediatas. Acredita-se que em muito pouco tempo não existirão mais memórias individuais, mas apenas a memória coletiva, transformada em história.

3. Considerações finais

A experiência educacional com jovens e adultos desenvolvida em Angicos, em 1963, sob a orientação do Sistema Paulo Freire de Alfabetização, dispunha de potencialidades para transformar em muitos aspectos a realidade daquela pequena cidade, tendo em vista o conjunto de práticas sociais que estavam sendo exercitadas e assimiladas pela comunidade, que começava a assumir iniciativas que visavam seus próprios interesses.

Alguns depoentes testemunharam que suas vidas se modificaram com a experiência de alfabetização.

> E as pessoas também que participaram mudaram de vida, melhoraram de vida; eu digo pela nossa. Papai trabalhava em agricultura e quando ele faltava eu aprendia e quando ele chegava eu ensinava, que era pra ele num ficar atrasado, mas ele depois mudou de vida, ele foi ser pedreiro, melhorou. Minha mãe entrou em aula de corte, foi costurar, quer dizer ela foi pra aula de corte porque ela já sabia ler; ela vendia lanche pras escolas, tudo isso ela desenvolveu depois que ela aprendeu, ela foi politizada, ela viu o que é ser cidadã, é participar. Eu acho que ela conseguiu. Meu pai depois de pedreiro foi comerciante, depois que teve comércio ele aprendeu a viajar sozinho, porque ele disse que lia nos ônibus. Ele fazia tudo sem saber de nada, ele já fazia; e depois [foi] que ele aprendeu. E sempre quiseram botar nós na escola porque tem pais que nem tem interesse, diz assim, eu num aprendi e

miolo_vfinal.indd 161 16/07/2014 12:40:56

> to vivendo, mas os nossos pais não eles quiseram. Minha mãe fez uma carta naquele tempo *(tem no livro de Carlos Lyra)* ela pedindo bolsa de estudo pras filhas, e o que eu acho bonito é o começo que ela diz: eu agora não sou massa, sou povo. Bem conscientizada. (MELO, 2011, p. 6).

As práticas desenvolvidas, apesar de efetivadas em um contexto diverso, podem servir como referência ao trabalho com jovens e adultos. Suas representações refletem "formas específicas de resistência simbólica", que transformam a experiência vivida. A depoente fala da importância da metodologia para o trabalho na EJA: "A metodologia, a grande contribuição é essa metodologia. Os projetos de Educação Popular aqui, quase todos lidam com a metodologia de Paulo Freire, agora umas distorcidas [...]" (MELO, 2011, p. 7).

O trabalho com a memória trouxe para o presente lembranças do passado, refeitas e transformadas a partir das elaborações e interesses atuais, orientando para a articulação entre História e Memória, cruzamento enriquecedor para ambas. Também apontou para a necessidade e urgência em sua efetivação, para evitar que se percam informações importantes para preservação da memória coletiva, pois vale salientar que alguns dos participantes mais velhos já não se encontram em condições de testemunhar, ou já tiveram seus óbitos registrados, outros, ainda, foram embora da cidade.

O processo de (re)significação das lembranças ocorre pela atividade reflexiva, pelo próprio dinamismo peculiar à memória, que a faz modificar, transformar, construir e reconstruir reminiscência para atribuir um sentido satisfatório à vida e para que exista correspondência entre identidades passadas e presentes.

Em Angicos, os participantes lembram e esquecem. Há lembranças que marcaram a experiência coletiva que fazem parte da história pública. Há também lembranças que pertencem a cada um, que tiveram significado em um grupo social mais restrito como a família, os amigos. Na maioria dos testemunhos, é a memória pessoal que se encontra em evidência.

miolo_vfinal.indd 162 16/07/2014 12:40:56

O direito à memória

O I Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular, realizado em setembro de 1963, no Recife, foi um marco na história dos movimentos de cultura e Educação Popular no Brasil. Legitimou uma nova compreensão do conceito e da importância da Educação de Jovens e Adultos, que passou a ser vista como precondição para a participação plena de todos os indivíduos na vida nacional. Tendo a cultura como alicerce, o modelo de Educação de Jovens e Adultos defendido pelo Movimento de Cultura Popular de Pernambuco, criado em 1960, serviu de pauta para os grupos e atores sociais e passou a ser reconhecido como um elemento de ação política. Com seu compromisso explícito em favor das classes populares rurais e urbanas, essa pauta representou, sem dúvida, um avanço em relação às campanhas de erradicação do analfabetismo e de educação de adultos até então propostas pelo poder público nas décadas de 1940 e 1950. O discurso e a prática que uniram cultura e Educação Popular com a participação política floresceram em um Brasil recém-confrontado com a abertura democrática promovida pelo governo de Juscelino Kubitschek (1956-1960), que teve como meta o desenvolvimento econômico acelerado, marcado pelo populismo. Nesse cenário, o I Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular foi culminância do grande processo de mobilização da sociedade civil brasileira. Reuniu 200 delegados representantes de mais de 70 instituições e movimentos de alfabetização, cultura e Educação Popular criados, entre 1960 e 1963, em todos os estados do país. Este encontro não só colaborou para a definição e implantação da Comissão Nacional de Cultura Popular, oficializada por meio de uma portaria do ministro da Educação e Cultura em 1964, como influenciou as diretrizes do Plano Nacional de Alfabetização, elaborado no final de 1963 e lançado no início de 1964. Tendo em vista a alfabetização de cinco milhões de alunos em dois anos, este plano comprometia-se com a promoção da cultura popular e propunha utilizar o sistema de alfabetização criado pelo educador Paulo Freire, experimentado com sucesso em Angicos, no Rio Grande do Norte. Para recordar um evento tão significativo na história dos movimentos sociais brasileiros, este livro publica os documentos produzidos para e no I Encontro, apresentados por um histórico detalhado, preparado com base na documentação e em entrevistas feitas com participantes, e complementados por notícias de jornais publicados à época. Para a UNESCO, é uma oportunidade ímpar apoiar uma publicação que ajuda a preservar a memória de um movimento que semeou ideias que visavam à construção de um Brasil com mais igualdade e justiça social para todos os seus cidadãos.

Vincent Defourny. Representante da UNESCO no Brasil

Fonte: *Primeiro Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular.* Brasília: SECADI/MEC e Unesco, 2009, p. 11-12

Referências

ARAÚJO, Francisco. *As 40 horas de Angicos*. Angicos, RN, 2006. Mimeo.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política:* ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas, v. 1).

BERGSON, Henri. *Matéria e memória:* ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BURKE, Peter. *A Revolução Francesa da historiografia:* a Escola dos Annales, 1929-1989. Tradução Nilo Odália. 3. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1991.

CARVALHO, Maria Elizete Guimarães. *Memórias da "Campanha de Pé no Chão"*: 1961-1964 (o testemunho dos participantes). 2000. 442 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2000.

COSTA, Valdice I. *As 40 horas de Angicos*. Angicos, RN, 2011. Mimeo.

GERMANO, José W.; PAIVA, M. *Educação popular no Rio Grande do Norte*: 1958-1960. Secretaria de Estado da Educação da Cultura e dos Desportos, Subcoordenadoria de Educação de Jovens e Adultos, Natal, n. 2, p. 3-16, 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 2006.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Tempos interessantes:* uma vida no século XX. Tradução S. Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

JEDLOWSKI, Paolo. Memória e mídia: uma perspectiva sociológica. In: SÁ, Celso Pereira de (Org.). *Imaginário e representações sociais*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005

KARNAL, Leandro; TATSCH, Flávia Galli. Documento e história: a memória evanescente. In: PINSKY, Carla B.; LUCA, Tânia Regina de. (Orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

miolo_vfinal.indd 164 16/07/2014 12:40:59

LE VEN, Michel M.; FARIA, Érica de; MOTTA, Miriam H. de Sá. História oral de vida: o instante da entrevista. In: VON SIMSON, Olga R. de Morais (Org.). *Os desafios contemporâneos da história oral*. Campinas: CMU Publicações, 1997.

LYRA, Carlos. *As quarenta horas de Angicos:* uma experiência pioneira de educação. São Paulo: Cortez, 1996.

MADRUGA, W. Paulo Freire: educação e desinformação. *Tribuna do Norte*, Natal, 21 ago. 2005.

MELO, Maria Eneide de Araújo. *As 40 horas de Angicos*. Angicos, RN, 2007. Mimeo.

_____. *As 40 horas de Angicos*. Angicos, RN, 2011. Mimeo.

SELIGMANN-SILVA, Márcio Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento. In: _____. (Org.). *História, memória e literatura:* o testemunho na era das catástrofes. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2003.

MONTENEGRO, Antônio Torres. *História oral e memória:* a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 1996.

SILVA, Dicla N; ALCÂNTARA, Vitória C; ELEUTÉRIO, Paula F. da S. *A educação de jovens e adultos e sua trajetória na SECD*. Secretaria de Estado da Educação da Cultura e dos Desportos, Subcoordenadoria de Educação de Jovens e Adultos, Natal, n. 10, p. 6-12, 2006.

SILVA, Idália M. *As 40 horas de Angicos*. Angicos, RN, 2011. Mimeo.

SOARES, Magda. *Metamemórias-memórias:* travessia de uma educadora. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

VASCONCELOS, H. *A Campanha De Pé no Chão*. Natal, RN, 2000. Mimeo.

miolo_vfinal.indd 165 16/07/2014 12:40:59

4.2. Educação de Jovens e Adultos: caminhos e significados para a Experiência de 1963

Ana Paula Rufino dos Santos

Professora de disciplinas pedagógicas na Faculdade Europeia de Administração e Marketing - FEPAM/ISEAD e professora substituta da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Pedagoga e Mestre em Educação [26]

Compreendendo que refletir sobre a memória discursiva da alfabetização de adultos no Brasil sob uma perspectiva sócio-histórica da educação constitui-se num importante campo de investigação da pedagogia em direção ao tratamento dado à educação de adultos ao longo da história deste país, neste primeiro momento nos propomos situar esta temática no tempo e no espaço para possibilitar a investigação deste fenômeno, com vistas a fazer uma leitura das diferentes formas de compreender a alfabetização na década de 1960 e dos relatos da população angicana a respeito da experiência de Paulo Freire com base na teoria da análise de discurso, na tentativa de perceber a presença de elementos linguísticos que nos possibilitem reconhecer a recorrência deste fato ao longo das quatro décadas seguintes e sua influência na história local.

A presente pesquisa foi realizada como etapa prévia da implantação do Centro de Referência em Educação de Jovens e Adultos do Nordeste (Cereja). A escolha pela cidade de Angicos se deu pelo fato de ter sido sede da primeira experiência de alfabetização de adultos em larga escala no Brasil, divulgada e influenciadora de outras sob uma perspectiva dialógica de ensino, como relatam Fernandes e Terra (1994):

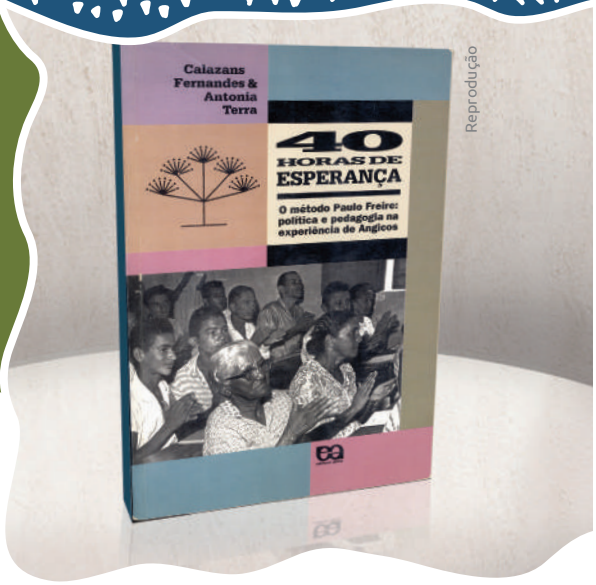
> Angicos, (...) e muitas outras localidades do Brasil, em que jovens ginasianos e universitários, os monitores das 40 horas, dos Círculos de Cultura, se engajaram para dialogar com os adultos que até então não tinham voz, são até hoje símbolos de que a educação tem que ser revolucionária. (FERNANDES; TERRA, 1994, p. 9).

26. Estudo publicado na revista *Participação*. Brasília, Editora da UnB, n. 16, p. 49-53. 2009.

miolo_vfinal.indd 166 16/07/2014 12:40:59

"40 horas de esperança resgata um capítulo empolgante da educação brasileira, um período que, apesar dos reveses, deixou um legado de entusiasmo e confiança no futuro."

Calazans Fernandes e **Antonia Terra**, no livro *40 horas de esperança - o Método Paulo Freire: política e pedagogia na experiência de Angicos.* São Paulo: Ática, 1994



Reprodução

Ao recorrermos a uma investigação das ideias em torno da Educação de Adultos no Brasil, percebemos que estas acompanham, na realidade, a história da educação mediada pelos modelos econômicos, interesses políticos e ideologias que, por sua vez, orientam os procedimentos metodológicos ao longo das épocas.

Moura (1999) afirma que dessa forma a conceituação, caracterização e definição dos objetivos para a alfabetização de adultos, e até o campo de funcionamento e atuação pedagógica, variam de acordo com os interesses dos grupos formuladores das políticas e das propostas e executores das práticas em determinado período e contexto histórico.

Nesta perspectiva, lançamos olhar para um marco nas proposições e práticas da Educação de Adultos que daria início a uma nova concepção de alfabetização "(...) como um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo como um ato criador. Enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo de alfabetização tem no alfabetizando o seu sujeito" (FREIRE, 2011). É após as ideias e proposições de Paulo Freire que as reflexões e práticas nesta área começam a ter um referencial próprio que passou a nortear a proposta pedagógica dos grupos progressistas nas décadas posteriores.

Entre os anos 1950 e 1960 acontecem, no campo da educação de adultos, vários debates sobre alfabetização, primeiro por iniciativa dos movimentos populares e da sociedade civil organizada, no sentido de uma proposta educacional que estimulasse a colaboração, a decisão, a participação e a resposta social e política. A alfabetização seria concebida como um ato político, de conhecimento, de criação, em que o alfabetizando é sujeito ativo do processo, como está posto anteriormente. Giroux (1992) afirma que, historicamente, Paulo Freire proporcionou

miolo_vfinal.indd 167 16/07/2014 12:41:00

um dos poucos modelos práticos e emancipadores sobre o qual se pode desenvolver uma filosofia radical de alfabetização e da pedagogia. Freire se constituiu, então, como o único referencial próprio para a área, definido conceitualmente como alfabetização de adultos de forma contextualizada, fugindo da configuração de um ensino adaptado dos materiais e metodologias do meio urbano ou semelhante aos desenvolvidos com as crianças.

Recorremos à pesquisa do tipo etnográfica, por se caracterizar fundamentalmente em um contato direto do pesquisador com a situação pesquisada, permitindo reconstruir os processos e as relações que configuram a experiência:

> Por meio de técnicas etnográficas de observação participante e de entrevistas, é possível documentar o não-documentado, isto é, desvelar os encontros e desencontros que permeiam o dia a dia. (...) permite, pois, que se chegue bem perto do contexto para tentar como operam no seu dia a dia: os mecanismos de dominação e de resistência, de opressão e de contestação ao mesmo tempo em que são veiculados e reelaborados conhecimentos, atitudes, valores, crenças, modos de ver e de sentir a realidade e o mundo. (ANDRÉ, 1995, p. 14).

O objetivo neste caso era analisar a relação da população com a língua escrita e perceber a memória histórica da população angicana a respeito do trabalho de alfabetização de 1963, pelo educador Paulo Freire:

> A iniciativa faz parte do programa Casa Brasil, promovido pelo Ministério da Educação (MEC). O objetivo é elevar a escolaridade, promover a inclusão digital e levar a cultura e lazer para as comunidades de baixa renda. (...) Angicos foi a primeira cidade onde Paulo Freire fez uma experiência de alfabetização em larga escala. (SOUZA, 2006, p. 6).

miolo_vfinal.indd 168 16/07/2014 12:41:00

1. O caminho percorrido

A cidade de Angicos localiza-se na microrregião do estado do Rio Grande do Norte. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no ano de 2004, sua população era estimada em 11.626 habitantes, e o número de analfabetos com mais de 15 anos era de 32,86% (registro do censo de 2000). Tem área territorial de 806 km^2 e sua distância até a capital, Natal, é de 171 km.

Após nos situarmos no tempo e no espaço da referida pesquisa, consideramos relevante apresentar, além do quantitativo das informações obtidas, as impressões deixadas pela experiência vivenciada a partir de uma análise das informações coletadas e das narrativas registradas.

A coleta de dados foi feita por amostragem, com a abordagem de uma a cada três casas da cidade, sob forma de questionário, percorrendo o meio urbano e o meio rural do município. Para a busca de informações iniciais, tanto a respeito do ensino para adultos no município, quanto ao que buscávamos investigar do conhecimento que os angicanos têm sobre Paulo Freire e sua relevância sócio-histórica e em especial para Angicos, foi estruturado um questionário com seis perguntas iniciais direcionadas para este objetivo, as quais, com a permissão do entrevistado, tiveram suas respostas gravadas.

Logo no primeiro momento, percebemos ser necessário adaptar a linguagem e alguns termos contidos no questionário, bem como no teste de leitura e escrita, para aproximar o entrevistador e seus instrumentos de pesquisa dos entrevistados, por exemplo, *Título do texto* substituído por *Nome da história*; *Autor* por *Quem escreveu*; *EJA* por *Educação de Jovens e Adultos à noite*; além de descrever e enumerar elementos contidos nos termos: *subsídio – ritos de iniciação – revistas por tipos*, tais como, *folhetos; orientações sobre saúde; panfletos; estampas religiosas; livros*, o que nos pareceu um tanto quanto óbvio, tendo em vista o caráter da pesquisa.

Além de questões de caráter instrumental, durante as primeiras abordagens ficou evidente que havia certa reserva por parte de alguns moradores do meio rural em dar informações, o que, apesar disso, não os impedia de colaborar.

Aos poucos foi possível entender os motivos que os levaram a esse desconforto e logo a situação foi contornada. Segundo informações de um dos moradores do meio rural, o fato é que agricultores de alguns sítios haviam sido vítimas de pessoas não idôneas que, ao colherem informações pessoais, os prejudicaram.

Outro dado relevante nessa experiência de investigação foi a presença e atuação do motorista responsável

miolo_vfinal.indd 169 16/07/2014 12:41:00

por conduzir a equipe pelos sítios e fazendas do meio rural de Angicos, sr. Adilson, fundamental neste momento, tanto por conhecer geograficamente a região como, principalmente, por contar com a simpatia dos moradores. Nesse processo de coleta de informações, esse fato minimizou a dificuldade inicial encontrada.

Percebemos, na prática, que a coleta das informações e seu registro foram muito importantes na construção dos indicadores somados aos relatos dos moradores gravados, fundamentando e dando credibilidade à pesquisa.

Percorremos aproximadamente 400 quilômetros em três dos cinco dias de trabalho no meio rural, em meio à caatinga e porteiras, sítios, fazendas e alguns assentamentos. Visitamos dez localidades: Volta, Riacho do Prato, Rio de Poeira, Rio Velho, Bom Fim, Bom Futuro, Marimbondo, Riacho do Meio, Fazenda Pedro Sinal e Fazenda Alegria, sendo recebidos pelas famílias que participavam com todos os membros presentes da entrevista, com sorrisos, suas histórias, sonhos e desabafos, oferecendo-nos ora um cafezinho, uma água, convidando-nos para participar de alguma refeição ou até mesmo presenteando-nos com algo de sua plantação.

Foto: Fernanda Zauli/G1

A educanda Idália Marrocos da Silva, com 83 anos, lembra-se de que, em 1963, muita gente tinha medo de ir às aulas porque na época diziam que Paulo Freire era comunista e que os alunos do curso seriam perseguidos. "Minha mãe não queria que eu fosse, mas essas aulas mobilizaram a cidade inteira. Foi quase uma revolução e eu queria fazer parte", conta. (Trecho de reportagem publicada em 3 de abril de 2013, no portal G1)

2. O resgate histórico: o que dizem os angicanos sobre Paulo Freire e seu trabalho

Os dados mostraram que, apesar de Angicos ter sediado uma experiência desta proporção na história da alfabetização de adultos, após 43 anos a memória da população a respeito desse trabalho aparece de forma fragmentada a partir da tradição oral, pois não encontramos nos relatos um conjunto de elementos linguísticos que nos possibilitasse reconhecer a recorrência deste fato no discurso dos entrevistados.

Para desenvolver esta análise, utilizamos um *corpus* formado por 40 transcrições das gravações dos relatos, obtidos através de pesquisa etnográfica realizada no mês de março de 2006. Durante este período foram entrevistados 16 adultos do meio rural e 24 no meio urbano, e desse total aparecem seis relatos de adultos residentes no meio urbano da cidade, os quais foram utilizados para perceber a memória dos angicanos sobre Paulo Freire, por apresentarem alguns aspectos semelhantes entre si, tanto na explicitação das palavras quanto no que não é dito a respeito do que estava sendo investigado. A seguir, a transcrição dos relatos que formaram o *corpus* deste trabalho:

"Soube através da escola desse projeto dele, sempre os professores falavam pra mim como é que era, como começou e fui aprendendo através da escola. Inclusive a minha mãe, ela teve a oportunidade de participar desse projeto. Minha avó quando veio pra cá, morava no sítio, há muitos anos atrás, e participou desse projeto também."

"Eu não participei não, mas minha mãe quando era viva ainda, ela sempre me falava sobre ele, e minha mãe quando tinha a 4ª série, eu lembro que ela estudou com Paulo Freire e valia pela 8ª série hoje, porque naquela época era muito difícil. Ele tinha interesse que as pessoas aprendessem alguma coisa, ele era ótimo. Quando minha mãe me ensinou a ler, ela relatava muito sobre isso, sabe, e eu aprendi com a maior facilidade."

miolo_vfinal.indd 171 16/07/2014 12:41:01

"Já, ele fez aqui dentro de Angicos, trabalhou o método do tijolo, né? [...] Já li também, tem vários livros e folhetos que falam sobre o trabalho feito aqui."

Nos três relatos nos foi possível perceber a recorrência dos mesmos enunciados em ambos, quando fazem referência à experiência de familiares ou ao acesso de informações sobre o acontecimento e sua importância através de algum registro por meio da escola. Assinalando assim que a relação entre a relevância daquele episódio e a memória histórica da população não está presente no discurso da população.

Ao trabalharmos com os postulados da Análise do Discurso, lançamos mão do conceito de memória discursiva, que diz respeito à recorrência de enunciados na medida em que separa e elege os elementos que, realmente, dentro de um momento histórico específico, pode surgir sendo atualizado no discurso ou rejeitado, dependendo do contexto discursivo, e produzir efeitos específicos.

No entanto, nos relatos que seguem os indícios relativos à memória do projeto coordenado por Paulo Freire em Angicos, aparecem de maneira ainda mais diluída:

"Já, não sei, mas... já ouvi falar nesse nome. Não sei se ele era professor.
Parece. (...) Até porque eu não morava aqui ainda não."

"(...), ela pensa que é Augusto Freire. Ele não era alguma coisa da educação?
Eu li sobre ele, é que eu não me lembro, mas eu tenho um texto sobre ele guardado. Faz cinco anos que eu terminei."

"Já ensinei no programa Alfabetização Solidária em 2004. Ele foi quem fundou, né? Essa parte de Educação de Jovens e Adultos."

Nos relatos analisados, foi possível perceber o deslocamento dos sentidos, já que nesta perspectiva um discurso é sustentado

miolo_vfinal.indd 172 16/07/2014 12:41:01

por outros discursos e os sentidos são produzidos a partir de posições.

À medida que os entrevistados constroem seus relatos vão aparecendo elementos de descontinuidade no texto, mostrando assim a inconsistência, a presença de sentenças interrogativas e o reportar-se a outras falas ou algum registro de maneira vaga na construção do discurso. Mostra também inconsistência nas respostas, ou seja, ao responder às perguntas da entrevista a respeito do educador e do evento de alfabetização ocorrido na cidade, os seis relatos destacados de um *locus* de quarenta não conseguem apresentar dados consistentes sobre o fato. Consideramos como mais um elemento importante encontrado nesta análise o fato de que, além do baixo percentual de conhecimento sobre o evento, as falas que trazem algum tipo de indícios da época são de moradores do meio urbano, contrariando a ideia de Paulo Freire ter se proposto a realizar sua experiência no meio rural.

Sobre esse aspecto, Foucault (2006) diz que as coisas não são a mesma depois de ditas, as coisas têm uma existência frágil, dispersa. O discurso está em constante transformação por circular nos vários espaços, os quais por sua vez não são sempre os mesmos. Em outras palavras, ele nasce de colocações de caráter ideológico, fazendo com que as palavras mudem de acordo com as posições em que são enunciadas no exterior do discurso.

Na Análise do Discurso, o texto é tocado e abordado num contexto bastante amplo, incluindo todos os interlocutores e suas respectivas bagagens: a história pessoal, a situação da produção textual e a própria ideologia dos sujeitos.

Nesta compreensão, Ferreira (2001) defende que a memória discursiva faz parte de um processo histórico resultante de uma disputa de interpretações para os acontecimentos presentes ou já ocorridos, no qual a linguagem e os processos discursivos são responsáveis pelo surgimento de uma memória coletiva.

3. Costurando os achados

Ao investigar a memória discursiva dos moradores da cidade de Angicos numa tentativa de perceber em que medida o trabalho de alfabetização de adultos proposto por Paulo Freire em 1963 tem alguma relação com a experiência de alfabetização da população angicana com a cultura escrita, esta pesquisa nos fez observar o que estava sendo dito, como dizia, e ainda perceber o que não fora dito. É fato que vivenciamos situações muito especiais, pois, na medida em que estávamos desenvolvendo a pesquisa, estávamos também dialogando, relacionando-nos com os moradores e, de alguma maneira, com a sua história. No entanto, o discurso é também entendido como um instrumento social

miolo_vfinal.indd 173 16/07/2014 12:41:01

que, ao nos depararmos com a insuficiência de elementos que constituam relatos consistentes de um fato que diz respeito à própria história daquela cidade, nos reportamos à necessária relação entre discurso e texto como elementos discursivos para a construção de uma memória coletiva.

Nesse sentido, percebemos a impossibilidade de fazer uma articulação entre o trabalho de alfabetização de Paulo Freire no meio rural da década de 1960 e a realidade educacional dos angicanos, e sua relação com este evento. O que pode significar a possibilidade de novas incursões investigativas de aprofundamento nesta direção.

O projeto *Paulo Freire: educar para transformar* foi desenvolvido em 2005, numa parceira entre o Instituto Paulo Freire, a Fundação Banco do Brasil e a Petrobras, na nona edição do Projeto Memória, que objetiva resgatar, difundir e preservar a memória de fatos e de personalidades que, nas mais diversas áreas, tenham contribuído para formar a identidade cultural do país. Ele se constitui de um livro fotobiográfico e videodocumentário – distribuído para mais de 5 mil bibliotecas públicas – de um kit pedagógico para uso em salas de aula de 18 mil escolas do ensino fundamental da rede pública. O projeto conta ainda com uma exposição itinerante que circulou em 800 municípios e um website específico sobre Paulo Freire: www.projetomemoria.art.br

miolo_vfinal.indd 174 16/07/2014 12:41:09

Referências

ANDRÉ, Marli Eliza. *Etnografia da prática escolar.* Campinas: Papirus, 1995.

BRASIL. Informações geográficas e históricas. Disponível em: <www.wikipedia.org/wiki/angicos>. Acesso em: 15 maio 2006.

_____. Informações do estado do Rio Grande do Norte e seus municípios. Disponível em: <www.nataltrip.com>. Acesso em: 17 maio 2006.

FERNANDES, Calazans; TERRA, Antonia. *40 horas de Esperança, o Método Paulo Freire:* política e pedagogia na experiência de Angicos. São Paulo: Ática, 1994.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro (org.). *Glossário de termos do discurso.* Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS, 2001.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso.* Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido.* 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. 51 ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção Questões da Nossa Época, v. 22).

GIROUX, Henry. *Escola crítica e política cultural.* 3 ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1992. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo).

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa:* planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MOURA, Tânia Maria de Melo. *A prática pedagógica dos alfabetizadores de jovens e adultos*: contribuições de Freire, Ferreiro e Vygotsky. Maceió: Edufal, 1999.

SOUZA, João Francisco. Nupep/UFPE. *Fênix Notícias* n. 39, p. 3, jan./fev. 2006.

miolo_vfinal.indd 175 16/07/2014 12:41:09

4.3. As imagens no Método Paulo Freire na Experiência de Angicos (RN), 1963

Vicente Vitoriano Marques Carvalho
Professor do Departamento de Arte da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)[27]

Parte dos resultados do projeto de pesquisa *Políticas para a Educação e a Cultura do governo Aluizio Alves – 1961-1964*, o seguinte ensaio trata dos recursos visuais utilizados nas chamadas 40 horas de Angicos, experiência de alfabetização realizada naquela cidade do Rio Grande do Norte, em 1963. A presente versão busca estender algumas considerações sobre o aporte pedagógico de Paulo Freire, assim como sobre as aplicações do seu "método" em Angicos, em 1964. As alterações visam uma maior proximidade com os objetivos da pesquisa, que se propõem a detectar, descrever e analisar as relações entre ideias pedagógicas inovadoras e políticas públicas voltadas para a implementação de projetos educacionais, no período proposto, no Rio Grande do Norte. Em específico, a pesquisa focaliza aspectos relacionados ao ensino e ao emprego da arte e de elementos da cultura local, no que também se inclui o uso de imagens.

O conteúdo deste ensaio alarga os interesses da pesquisa, que esteve se detendo na discussão dos propósitos políticos gerais da campanha eleitoral levada a cabo por Aluizio Alves, e também de sua administração, uma discussão que analisa o seu ideário social-desenvolvimentista, este também escrutinado nos primeiros discursos proferidos pelo governador, inclusive no de sua posse em 1º de fevereiro de 1961. Para este estudo anterior – sistematizado em comunicação apresentada ao V Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, ocorrido em Évora, Portugal, em abril de 2004 –, usaram-se como fontes alguns discursos e "avisos", em que se apreenderam algumas proposições em torno de um projeto de política cultural sugerido pelo jornalista Afonso Laurentino Ramos, em julho de 1961. De todo modo, mantém-se aqui um olhar

27. Versão revista e ampliada do artigo "Recursos visuais na experiência piloto do método Paulo Freire em Angicos – RN", apresentado ao III Congresso Brasileiro de História da Educação e publicado na revista *Educação em Questão*, Natal, EDUFRN, v. 21, n. 7, p. 98-115, set./dez. 2004.

miolo_vfinal.indd 176 16/07/2014 12:41:09

sobre movimentos de inovação, associados ao tema da modernidade pedagógica. Aliás, o tema da modernidade constituía palavra de ordem no contexto discursivo de alto teor populista alardeado por Aluizio Alves.

No caso deste ensaio, as fontes me levaram a privilegiar um evento que ficou registrado na história da educação brasileira como a Experiência de Angicos, que pôs em prática o projeto pedagógico de alfabetização de adultos proposto por Paulo Freire, na época – janeiro de 1963 – ainda denominado timidamente de "Método Paulo Freire".

Na análise elaborada, examinam-se dispositivos visuais e imagens, algumas inéditas, de acordo com um método de base iconológica em que concorrem contribuições analíticas de Panofsky (1979) e de Tardy (1976). Destas últimas, consideradas no momento da redação, aproprio-me do conceito de "pedagogia pela imagem", que caracteriza o Método Paulo Freire. Nesse sentido, a análise das imagens transcende os aspectos estritamente artísticos, para escrutinar sua funcionalidade pedagógica, tanto em termos do ensino da escrita e da leitura como no que se refere às intenções de conscientização política implícita no "Método Paulo Freire," o que implicam anotações a respeito dos procedimentos de leitura das imagens por parte dos professores, conforme descritos por Lyra (1996). A noção proposta por Tardy (1976) também implica considerar as circunstâncias de apresentação das imagens, tanto no que diz respeito aos materiais e técnicas envolvidos em sua elaboração quanto às circunstâncias de sua apresentação na prática pedagógica.

As imagens analisadas foram obtidas nos arquivos do fotógrafo e fotojornalista norte-rio-grandense Carlos Lyra, um dos coordenadores dos Círculos de Cultura, como assim eram designadas as classes formadas em Angicos. As anotações diárias feitas por Carlos Lyra durante as "40 horas de Angicos" foram publicadas à época (1963) pelo Serviço Cooperativo de Educação do Rio Grande do Norte (SECERN), como referencia Beisiegel (1982). Em 1996, estas anotações foram compiladas e comentadas em livro pelo próprio jornalista, livro que funcionou como suporte fundamental para este estudo, ao lado da contribuição pessoal do autor em me apresentar documentos imagéticos e outras informações historiográficas.

O momento histórico captado na análise apreende o governador Aluizio Alves em plena ação administrativa, às voltas com os vieses políticos desenhados pela acirrada disputa entre esquerda e direita que se dava em níveis nacional e internacional. O governador procurava equilibrar-se entre o seu apregoado nacionalismo, ao mesmo tempo em que não queria sobejar a ajuda dos Estados Unidos

miolo_vfinal.indd 177 16/07/2014 12:41:09

na forma de financiamentos oriundos da Aliança para o Progresso, ou mais precisamente da Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID). Para ele, conforme se pronunciou em Mensagem à Assembleia Legislativa, em junho de 1961, valiam os riscos se, ao final, estivesse cumprido o "[...] compromisso inalienável de promover educação para todos" (ALVES, 1961, p. 1).

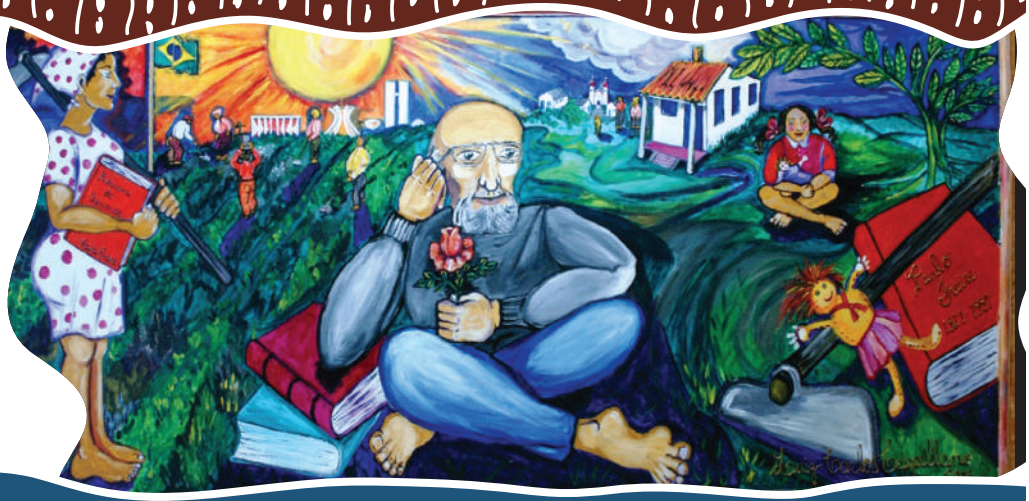
O posicionamento ambíguo do governador do Rio Grande do Norte incorporava, por um lado, os "campos de poder" articulados por políticas públicas conservadoras, e, por outro, ideias pedagógicas progressistas, num conflito que se pretende abordar, na pesquisa como um todo, desde proposições analíticas de Bourdieu (1998) e proposições historiográficas de Certeau (1982), referências teóricas adotadas. A atitude do governador Aluizio Alves rendia severa instabilidade no que diz respeito ao apoio dado pelas divididas bancadas de deputados estaduais, à parte a instabilidade também reinante nas relações com a Prefeitura de Natal, notadamente de esquerda com o prefeito Djalma Maranhão. Mas os compromissos de campanha eram imperativos, mormente os que implicavam, no amplo âmbito do comportamento político-administrativo, de viés populista, a prioridade dada às populações ditas desassistidas, à "gentinha desamparada", como eram referidas nos discursos em oposição aos que compunham as oligarquias agrárias.

No que tange a uma ação no campo educacional, a Prefeitura de Natal se adiantara com um programa de alfabetização popular chamado *De pé no chão também se aprende a ler*, em 1961. Nesse período, o prefeito Djalma Maranhão ainda compunha a Cruzada da Esperança, nome dado à coligação que elegeu Aluizio Alves para o governo do estado. Programa semelhante deveria se estender a todo o Rio Grande do Norte, começando pela cidade de Angicos.

De acordo com Fernandes e Terra (1994, p. 72), "[...] a escolha da cidade foi fundamentada na justificativa de que, naquele município, com aquelas dificuldades, a um calor de 40 graus, no centro do estado, se a experiência tivesse êxito, tinha grandes chances de dar certo em outras partes". Tal justificativa, de aparente base antropológica, soa antes como de caráter mesmo político, se considerado o fato de que Angicos é a cidade natal de Aluizio Alves. Considere-se também que, pelo relato de Fernandes e Terra, o governador estivera presente à reunião na casa do educador Paulo Freire, em Recife, onde a decisão foi tomada.

Para levar à frente a Experiência de Angicos, que seria a primeira ação governamental derivada do projeto para a política educacional do Estado, Aluizio

miolo_vfinal.indd 178 16/07/2014 12:41:09



Painel em homenagem a Paulo Freire, feito por Luiz Carlos Camppellano, em dezembro de 2008. Paulo Freire transita entre os mundos do trabalho, do lirismo infantil e da erudição. Sem sapatos, diante de uma representação do Brasil multicolorido e multifacetado, simbolizando a diversidade cultural e étnica do país. O painel está no *Centro de Formação, Tecnologia e Pesquisa (Cefortepe) Milton Santos*, da Secretaria Municipal de Educação de Campinas (SP)

Alves contou com a ajuda de seu secretário da Educação, o jornalista Calazans Fernandes, que assumiu a secretaria em junho de 1962. Em 3 de dezembro, Fernandes havia completado o projeto, do qual já obtivera aprovação e financiamento mediante o convênio celebrado entre o Estado do Rio Grande do Norte, o Ministério da Educação e Cultura (MEC), a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) e a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID).

Com o fim de concretizar o acordo, de projeto em mãos, Fernandes desenvolveu uma verdadeira maratona, que se iniciou em outubro no gabinete de Anísio Teixeira, então Diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), "[...] o espírito santo dos educadores brasileiros", que "[...] de seu pequeno gabinete no edifício do MEC, pensava a educação com a visão iluminada dos apóstolos" (FERNANDES; TERRA, 1994, p. 84).

Segundo Fernandes e Terra (1994), a intervenção de Anísio Teixeira teria catapultado o projeto educacional do Rio Grande do Norte, do sexto para o primeiro lugar, numa lista de prioridades da Sudene. Em seguida, o projeto seria apresentado por Darcy Ribeiro, então ministro da Educação, a Celso Furtado, ministro do Planejamento e superintendente da Sudene. Na viagem de volta a Natal, passando por Recife, Fernandes ainda apresentou seu projeto na Sudene e a Phillip Schwab, diretor da Divisão de Educação da USAID.

O projeto educacional do Rio Grande do Norte, sob a direção de Calazans Fernandes, incorporava os preceitos da Carta de Punta Del Este para a América Latina, a qual propunha, a

miolo_vfinal.indd 179 16/07/2014 12:41:11

partir da Conferência da Organização dos Estados Americanos (OEA), em agosto de 1962, "[...] eliminação do analfabetismo entre adultos no hemisfério até 1979" (FERNANDES; TERRA, 1994, p. 34).

A formulação do projeto também levava em conta as recomendações contidas no relatório da missão de estudos enviada pelos Estados Unidos ao Nordeste brasileiro, em 1961. Tal consideração se tornara como que obrigatória, dada à associação da Aliança para o Progresso aos programas de governo dos estados nordestinos, o Rio Grande do Norte em particular. Como relatam Fernandes e Terra (1994), Aluizio Alves estivera no início de 1962 procurando adiantar os convênios, tendo ido pessoalmente a Washington (EUA) para falar com o presidente John Kennedy. No Brasil, o governador ainda obtivera autorização do governo federal para negociar diretamente com a USAID.

Celebrado o Convênio, o então criado Serviço Cooperativo de Educação do Rio Grande do Norte (SECERN) deveria colocar em prática um Método que se apresentasse eficiente e implicasse poucos recursos financeiros. A escolha incidiu sobre o revolucionário método que alfabetizava em curto espaço de tempo e que vinha sendo experimentado em Recife, no Centro de Cultura Dona Olegarinha, pelo sociólogo e educador Paulo Freire. As experiências de Paulo Freire davam-se como programas do Movimento de Cultura Popular (MCP), organizado desde maio de 1960, como parte da administração do então prefeito Miguel Arraes. A propósito, o próprio Paulo Freire, em entrevista de 1970 à revista suíça *Risk* (TORRES, 1979), afirmava com números as vantagens econômicas de seu Método em relação aos custos reais de alfabetização por aluno nas escolas formais. Para a escolha, também concorreu a confiança que se depositava na pessoa de Paulo Freire e no seu sucesso em alfabetizar empregadas domésticas e tiradores de areia do Recife, baseado em um experimento franco-africano publicado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) (FERNANDES; TERRA, 1994).

Ainda em setembro de 1961, Calazans Fernandes foi a Recife convidar Paulo Freire para orientar a experiência de alfabetização que seria praticada na cidade de Angicos. A princípio, Paulo Freire mostrou-se relutante, tendo em vista sua ligação funcional com o governo pernambucano e a ligação do projeto com a Aliança para o Progresso. Posterior autorização de Miguel Arraes, que era avesso à inclinação esquerdista das propostas freirianas, e a associação do projeto com a Igreja Católica permitiram a aceitação de Paulo Freire. Fernandes e Terra (1994, p. 70) acrescentam que o empresário e também

miolo_vfinal.indd 180 16/07/2014 12:41:11

político norte-rio-grandense Odilon Ribeiro Coutinho "[...] foi de extrema valia no convencimento do tímido professor Paulo Freire a aceitar o desafio de Angicos". Acompanhado de uma equipe do MCP, Paulo Freire foi então a Natal para treinar os alfabetizadores que atuariam em Angicos. No Rio Grande do Norte, ele teria "[...] os recursos e o apoio que lhe eram negados em Pernambuco" para testar "suas ideias em larga escala" (LYRA, 1996, p. 15).

A equipe natalense, formada pelos "meninos do SECERN", teve como coordenador o estudante de direito Marcos José de Castro Guerra, presidente da União Estadual de Estudantes (UEE), seção local da União Nacional de Estudantes (UNE). Como era membro da Juventude Universitária Católica (JUC), a sua escolha teve também importância no convencimento da vinda de Paulo Freire ao Rio Grande do Norte.

O Método Paulo Freire empregado nas 40 horas de Angicos caracteriza-se por uma base conceitual construtivista em que a aprendizagem da leitura e da escrita se dá mediante a participação direta do aluno, a partir da utilização de "palavras geradoras" colhidas no universo vocabular desse aluno e pesquisadas previamente pelo professor. Isto é, considera o conhecimento prévio do aluno, tido como oralmente alfabetizado. No caso das 40 horas de Angicos, a pesquisa do vocabulário foi empreendida pela estudante de Serviço Social, em Recife, Maria José Monteiro.

O conjunto de palavras como um todo, em particular aquele composto pelas palavras escolhidas para o processo de alfabetização, deveria constituir, como preconizado pelo Método Paulo Freire, uma representação da realidade elaborada pelos pesquisados, representação esta formada por via perceptual e impregnada de "contornos mágicos". Ao fim do processo de alfabetização, tal compreensão mágica da realidade deveria ter sido substituída por um pensar crítico, ao mesmo tempo em que a mera alfabetização verbal, atribuída ao aluno no início do processo, estaria enriquecida pela alfabetização gráfica, conforme teorizado por Jarbas Maciel (FERNANDES; TERRA, 1994). Como queria Paulo Freire (1981, p. 75),

miolo_vfinal.indd 181 16/07/2014 12:41:11

o debate em torno das "situações-problema," suscitados pelas imagens e palavras geradoras, levaria os grupos "a se conscientizarem para que, ao mesmo tempo, se alfabetizem".

O método da alfabetização gráfica constitui uma síntese das metodologias sintética (aprendizagem do abecedário, silabação, palavração, fraseado) e analítica (fraseado, palavração etc.). Uma atenção maior à abordagem analítica responde ao princípio gestaltista de que a percepção ocorre de forma globalizada, assim como a compreensão da leitura como processo ideovisual.

Nesse sentido, a utilização de imagens associadas aos temas discutidos ou às palavras geradoras cumpre a função de principiar uma cadeia de analogias, semelhanças e continuidades de significado (ECO, 1999), desde estas imagens até sua representação gráfica verbal, cadeia esta ligada por confiáveis elos mnemônicos. Sendo as imagens representações de coisas familiares no universo cultural do alfabetizando, elas assumem um nível suficientemente "extremo" de significação ou de concretude, capaz de levar de modo eficiente aos símbolos fonéticos gráficos e à consequente concretização destes. O pensamento empregado no processo torna-se também concreto no sentido proposto por Dewey (1979), já que implica a função da aprendizagem da escrita, assim como da "conscientização" político-cultural (pensamento crítico) pretendida pelo Método.

Cabe aqui comentar a experiência levada a cabo, em 1969, por uma equipe de alfabetizadores mexicanos que, apropriando-se do Método Paulo Freire, modificou-o ao reordenar as etapas do processo. Nas palavras de Freire, em entrevista a Carlos Alberto Torres.

> [...] em vez de fazer uma pesquisa para descobrir as palavras com as pessoas (antes do processo de alfabetização), eles começaram com o processo sem a investigação. Como? Eles colocaram desenhos diante dos analfabetos. [...] Através da discussão em torno do primeiro desenho, que foi gravada, eles colheram a primeira palavra gerada pelas pessoas. (TORRES, 1979, p. 34 e 35).

miolo_vfinal.indd 182 16/07/2014 12:41:11

Imagem: Carlos Lyra

Figura 1.
Imagem utilizada para a discussão do conceito antropológico de cultura

A experiência dos jovens mexicanos demonstrou para Paulo Freire a eficácia do uso de desenhos como "imagens geradoras" de palavras geradoras. Na Experiência de Angicos, porém, nota-se que na primeira sessão de aula, em que se discute o conceito antropológico de cultura, o processo é semelhante quando um desenho projetado (Figura 1) motiva a discussão, ao mesmo tempo em que é seu ponto de partida.

Digressões em outros níveis foram praticadas em relação ao Método de Paulo Freire. Por exemplo, como afirmam Fernandes e Terra (1994, p. 136): "[...] as fichas com as palavras-chave da Experiência de Angicos, tiradas de contexto sociológico completamente diferente, haviam se espalhado pelo Brasil, como fonte milagrosa alimentadora do prodígio". Diante desta afirmação, é de se considerar que o cerne pedagógico do Método, no que diz respeito à sua eficácia alfabetizadora, pode estar justamente na relação do professor "com" o aluno, como ele enfatiza, e na situação dialógica que se estabelece entre eles, geradora de diálogos capazes de não só fazer surgir palavras-chave pertinentes à circunstância, como também de propiciar o almejado processo de conscientização.

miolo_vfinal.indd 183 16/07/2014 12:41:13

O caráter "audiovisual" da metodologia empregada mostra-se como tendo uma importância básica para os envolvidos na Experiência de Angicos, o que é compreensível vista a participação de meios visuais no tempo integral da aula (Figura 2). Isto fica claro nas anotações de Lyra (1996) e no ensaio de Fernandes e Terra (1994, p. 158), no qual se registra que "[...] a primeira etapa de cada aula é a projeção da ficha. Essa projeção será a motivação da aula".

Carlos Lyra, juntamente com Marcos Guerra, estivera responsável pelo transporte dos equipamentos que incluíam os projetores, os *slides* e os quadros de giz. Devido ao atraso no envio dos projetores do Rio de Janeiro e da Escola Parque Anísio Teixeira, de Salvador, os equipamentos chegaram a Angicos numa quarta-feira, 23 de janeiro de 1963, motivando que o início dos cursos de alfabetização acontecesse apenas no dia 24, embora as aulas já tivessem sido formalmente inauguradas no dia 18, com a presença do governador Aluizio Alves e do secretário da Educação Calazans Fernandes.

A princípio sem sucesso, os projetores foram solicitados à embaixada francesa, pois, como relata Calazans Fernandes, ele havia visto um sofisticado equipamento demonstrado por um

Figura 2. Carlos Lyra analisa *slides* com um grupo de coordenadores dos Círculos de Cultura

Foto: Carlos Lyra

miolo_vinal.indd 184 16/07/2014 12:41:14

engenheiro francês, "[...] administrador das obras do terminal salineiro teleférico de Areia Branca", de quem não recorda o nome. Na verdade, terminou-se por "[...] caminhar com as soluções locais, até que surgisse melhor alternativa" (FERNANDES; TERRA, 1994, p. 74), utilizando-se projetores vindos do Rio de Janeiro e de Salvador, que poderiam ser os projetores elétricos de fabricação polonesa, dos quais "[...] o Governo havia importado 35.000", como afirma Paulo Freire (1981, p. 79).

Já depois de completada a Experiência de Angicos, Calazans Fernandes solicitou à USAID, na pessoa de Phillip Schwab, o envio de mil projetores para o Rio Grande do Norte, o que viria ocorrer apenas em fins de 1963. Estes projetores, "de recreação da garotada americana", custavam "o ínfimo preço de um dólar" nos Estados Unidos e, tendo em vista seu formato próximo ao de uma pistola, inclusive sendo acionado por uma espécie de gatilho, recebeu o apelido de "raio da morte". Funcionavam com duas baterias (pilhas de lanterna), o que significava poderem ser usados em quaisquer circunstância, independentes de energia elétrica, sendo "[...] tudo que se podia esperar para alargar a Experiência de Angicos por milhares de núcleos nos sertões" (FERNANDES; TERRA, 1994, p. 106-107). A este propósito, Carlos Lyra (1996, p. 22) faz referência ao uso de projetores "movidos a querosene", alternativos aos elétricos, e que foram empregados nos Círculos de Cultura coordenados por Dilma (Ferreira Lima) e Valquíria (Felix), quando faltou energia elétrica nas casas em que trabalhavam.

Numa primeira análise, a ênfase dada ao projetor pode levar à compreensão de que o Método Paulo Freire na Experiência de Angicos incorporava características tecnicistas, tendência pedagógica que teria seu apogeu nos anos 1970, quando o conhecimento e a utilização de novas tecnologias do ensino, especialmente os recursos audiovisuais, tornaram-se prioritários entre as competências do professor e solidamente integrados aos processos de ensino-aprendizagem.

Sob a perspectiva de hoje, a procura de metodologias de baixo custo, incluindo a preferência pelo uso de artefatos importados, mesmo subvencionados e baratos, parece

miolo_vfinal.indd 185 16/07/2014 12:41:14

corresponder à tendência referida que, já em meados dos anos 1950, tomava corpo nos programas de intercâmbio técnico-financeiro entre o Brasil e os Estados Unidos. Estes programas cobriam "[...] todo o espectro da educação nacional, isto é, os ensinos primário, médio e superior, a articulação entre os diversos níveis, o treinamento de professores e a produção e veiculação de livros didáticos" (CUNHA; GÓES, 1989, p. 33).

A esse propósito, ainda se deve considerar a preocupação com a eficiência, palavra-chave do tecnicismo pedagógico, eficiência não apenas em alfabetizar, mas em alfabetizar para o voto, mesmo que, dentro do âmbito do populismo, fosse um voto "consciente" que se pretendia. Mas, evidentemente, não era o caso. Os recursos visuais, como já dito, faziam parte de uma estratégia de ensino-aprendizagem, e esta inserção não lhes conferia preponderância. Em termos do Método Paulo Freire, a alfabetização se propunha fundamentalmente dialógica, na qual se efetivava a participação das figuras do professor e do aluno, ambas equiparadas, um "com" o outro, ambas dotadas de saberes culturais próprios e intercambiáveis. Nesta relação de base é que se acreditava estar a raiz da eficiência, estando as imagens e os aparatos para a sua exibição funcionando apenas como suportes auxiliares.

É inegável, porém, esse "encantamento" provocado pelos projetores e *slides*. Mais ainda para os habitantes de Angicos, que os associavam ao cinema, raro naquele ambiente em que a televisão ainda não havia chegado. É sintomática a anotação de Lyra (1996, p. 24) de que "[...] no momento em que é iniciada a projeção, cessam os ruídos. Todos se concentram totalmente na imagem projetada". Também é significativa a afirmação de Fernandes e Terra (1994, p. 180) de que, em uma reunião ainda nos primeiros dias de fevereiro, "[...] foi decidido também que se devia deixar, ao longo de toda a aula, o projetor ligado, mesmo que não estivesse sendo usado".

As projeções atraíam pessoas, especialmente as crianças, que, deslumbradas, se debruçavam nas janelas, pelo lado de fora, para ver o "filme". Até que se avisasse que "hoje, o cineminha é só isto" (LYRA, 1996, p. 45). Para além do cineminha: uma aura de magia impregnava as projeções luminosas, um sucedâneo da imanência também mágica do universo cultural daquelas pessoas, cultura em que, por exemplo, as chuvas que começaram a cair no período do curso estavam "ligadas" à presença dos coordenadores na cidade, estes que também se encantavam com a babugem, as ervas que brotam com as primeiras chuvas, resfriando de verde a paisagem cáustica de Angicos (LYRA, 1996).

miolo_vfinal.indd 186 16/07/2014 12:41:14

Para os alunos, o projetor e as projeções ganharam valor especial quando Carlos Lyra, na noite de 7 de fevereiro, teve a ideia de confeccionar *slides* de papel-vegetal, cuja transparência próxima do acetato de celuloide permitia seu uso para projetar palavras escritas por eles mesmos. Lyra (1996, p. 54) relata que "[...] a primeira palavra projetada foi panela, pois a maior parte da turma era de mulheres. Projetei, depois, o nome de uma participante (Eliete França) que, emocionada, reconheceu: 'Meu nome!'" Recurso criativo e também relativamente econômico, naquele momento de implantação do Método, os *slides* de papel-vegetal foram comentados, neste sentido de sua economia, por Paulo Freire em entrevista a Sérgio Guimarães (FREIRE; GUIMARÃES, 1984).

A constatação da presença intermitente do projetor durante o processo da aula remete ao pensamento de Marshall McLuhan (1971) e à sua máxima de que "o meio é a mensagem", mas não é possível afirmar que os "meninos da SECERN" tivessem conhecimento das teorias deste filósofo da comunicação. O mesmo vale sobre Paulo Freire, principalmente considerando que *Os meios de comunicação como extensão do homem*, obra fundamental deste filósofo da comunicação, foi publicada no Brasil apenas em 1966, dois anos após sua primeira edição e três anos depois da Experiência de Angicos. No entanto, podemos ler a presença dos projetores, inclusive na relação metonímica que se estabeleceu com o cinema naquele contexto, como a presença estrangeira, norte-americana em sentido estrito, exibindo uma mensagem-significado de modernidade e poder, expressa ainda no contraste com a ambiência tosca, talvez como um ideal a ser alcançado, uma metáfora da alfabetização.

A elaboração das imagens utilizadas na Experiência de Angicos foi realizada tomando-se as palavras geradoras e as situações contextualizadas como temas. Este procedimento atende à necessidade de que "[...] para ser didaticamente eficaz, a imagem implica um conhecimento direto e prévio da realidade" (TARDY, 1976, p. 64). O trabalho gráfico na confecção das imagens ficou a cargo do desenhista natalense Uran

miolo_vfinal.indd 187 16/07/2014 12:41:14

França, cuja assinatura é possível identificar em uma cópia de desenho fornecido por Carlos Lyra (Figura 3). Posteriormente, os desenhos foram encaminhados para o Rio de Janeiro, onde foram transformados em *slides* por um laboratório dirigido por Gastão Roberto Coaracy.

Os suportes para os originais das imagens podiam ter o formato quadrado ou retangular. O original ao qual tive acesso (Figura 3) é quadrado e mede em torno de quinze centímetros de lado, estando inclusive com os vértices arredondados, repetindo o contorno da borda interna da moldura dos *slides*, certamente para orientar o artista na antecipação visual da peça projetada.

A qualidade gráfica das representações realizadas por Uran França tende a uma aproximação com o estilo expressionista, embora o estudo visto (Figura 3) esteja acabado segundo um modo naturalista, de maior aproximação especular com os objetos representados. Posso aventar que a passagem de um estilo para o outro obedeceu a uma intenção de promover uma contiguidade entre a imagem e a ambiência rústica dos alunos, tendo em vista aquela aproximação num sentido mais cultural do que própria e estritamente visual. De todo modo, as imagens observadas em geral mantêm um nível de estilização em relação às coisas representadas ou, na acepção de Tardy (1976), uma derivação ou alteração própria das imagens, mas que permite o "reconhecimento" de tais coisas pelo observador.

Na verdade, a representação de objetos reais nas imagens mostrou-se imprecisa em alguns casos, o que ocasionou a demonstração de que os alunos possuíam aguçados senso crítico e exigência quanto às representações gráficas mostradas. Por exemplo, exibida a imagem do caçador indígena

Imagens: Carlos Lyra

Figura 3. Estudo para o *slide* mostrando o caçador nordestino. Ao lado, o *slide* final

Imagens: Carlos Lyra

Figuras 4 e 5. Estudo das imagens que retratam tecnologias diferentes para a caça

(Figura 4), esta foi lida também como a de uma índia, diante do que Lyra (1996, p. 25) admitiu que se tratava de uma "ficha mal desenhada". Diante da imagem de uma salina, em que a água dos tanques estava representada na cor azul, eles corrigiram, reclamando que a água deveria ser "avermelhada". Em relação à imagem do caçador nordestino (Figura 5), foi identificado por um aluno que o caçador estava "precisando de cultura para acertar o porco", pois não tinha a "caça em perfeita mira". Outro aluno, de intensa curiosidade perceptual, pediu que este *slide* fosse virado para que pudesse ver o rosto do caçador, numa ingênua crítica metalinguística. Vendo que a inversão não resultou satisfatória para seus propósitos, afirmou que "o cinema está muito sem cultura", isto é, atrasado ou pouco desenvolvido, "[...] pois ninguém pode ver do outro lado do retrato" (LYRA, 1996, p. 27).

Ainda quanto ao *slide* do caçador nordestino (Figura 5), o objeto da caça foi ambiguamente reconhecido: inicialmente como um preá e depois como um "poico" (porco). Concordando que "de fato, havia uma certa semelhança" com um porco, Lyra (1996, p. 26) não esclarece que espécie de animal estava sendo caçada, mas anota uma criativa discussão em torno da inadequada caça a um porco, em geral, um animal domesticado que não se abate a tiros. A justificativa que surgiu foi a de que se tratava de um porco-do-mato.

A esse propósito, a viva imaginação e o nível de inteligência dos alunos participantes dos Círculos de Cultura foi motivo de admiração generalizada entre os coordenadores. Observaram-se interpretações muito ricas, particularmente, conforme Lyra (1996), em torno do conceito antropológico de cultura apresentado e discutido na

miolo_vfinal.indd 189 16/07/2014 12:41:17

primeira sessão de aula. O primeiro *slide* exibido mostrava as relações entre o homem e objetos naturais e culturais, representadas por linhas que ligavam a imagem do homem às daqueles objetos. Perguntados sobre o que eram aquelas linhas, os alunos responderam que eram o juízo ou a "ciença" (ciência) do homem, ou ainda "o caminho do homem para o mundo". Lyra (1996) anotou que, para Paulo Freire, estas seriam "respostas altamente inteligentes" e que demonstravam a capacidade perceptual do homem. Pode-se dizer, ainda, que revelam um alto poder de abstração, possível, a princípio acadêmico, em inteligências privilegiadas ou cultas, capazes de estabelecer relações ou produzir interpretações muito complexas.

Conforme observo, o modo heurístico como os coordenadores encaminhavam essas leituras de imagens se estruturava dentro de parâmetros de análise iconográfica e iconológica, conforme se entende a partir de Panofsky (1979), mesmo que estas imagens não fossem tomadas como arte e o objetivo de sua leitura não fosse o prazer estético, mas o de atingir uma compreensão de suas relações com a realidade existencial dos alunos e facilitar a aprendizagem da leitura e da escritura verbal. A leitura das imagens então principiava por um escrutínio das representações, operando o reconhecimento dos objetos representados e verificando os limites da forma enquanto representação naturalista. Em seguida, ou ao mesmo tempo, avançava para interpretações em que se pontuavam as relações entre estes objetos na própria imagem e para as relações entre esta e a realidade.

Em nível iconográfico, as respostas dos alunos correspondiam a sentenças descritivas ou a palavras, entre as quais se esperava encontrar a palavra geradora para que dela se desdobrassem os debates nos que se inseriam as interpretações iconológicas.

No processo da leitura iconológica, a transcodificação de significados, desde as imagens visuais para os sinais gráficos, organizados inicialmente em palavras, possibilitava uma atenuação do impasse entre o caráter de representação "realista" das imagens e a condição abstrata dos signos verbais escritos. Próximas de seus referenciais reais, as imagens visuais cumpriam sua função de eficiente artifício mnemônico no sentido da ligação com suas representações verbais gráficas, ainda mais quando estavam cultural e afetivamente associadas ao universo vivencial dos alunos. Um processo inverso também poderia ocorrer quando a forma gráfica de uma letra era associada a um objeto real, como a letra "a" correspondendo à canga das cabras, a letra "o" à boca da panela ou a letra "s" ao gancho de armar rede.

miolo_vfinal.indd 190 16/07/2014 12:41:17

A continuidade deste exercício, marcado pela indissolubilidade dos liames entre a realidade, suas imagens visuais e suas representações alfabéticas, mesmo no curto espaço de tempo de 40 horas, levava a uma satisfatória aprendizagem da leitura e da escrita. E as fichas com imagens e palavras usadas na Experiência de Angicos espalharam-se pelo Brasil, mesmo descontextualizadas, "[...] como fonte milagrosa alimentadora do prodígio" (FERNANDES; TERRA, p. 136).

Paulo Freire e a USAID

Em 1962 e 1963, a USAID e a Sudene estabeleceram um convênio para financiar um programa de educação de adultos e expansão do ensino fundamental. Mais de 37 milhões de dólares foram investidos nesse programa. O secretário da Educação do Estado do Rio Grande do Norte pediu a Paulo Freire para desenvolver o programa de educação de adultos como parte do programa de educação USAID/Sudene. Freire insistiu em duas condições: que o Estado fizesse um acordo com a Universidade do Recife em vez de fazer com ele, e que os estudantes da Universidade do Rio Grande do Norte participassem do projeto. Em 1963 e no começo de 1964, a técnica de Freire foi utilizada em dois estados: Alagoas e Rio Grande do Norte. Aproximadamente 4 mil pessoas se matricularam. A missão USAID em Recife, entretanto, apontou duas deficiências no programa. Primeira, Freire falhou na produção de materiais escritos para complementar a parte verbal do programa.

A missão USAID sentiu que qualquer que fosse o ganho através de 40 horas de curso, tinha uma tendência a ser perdido mais tarde. Freire argumentou que nos estágios iniciais era mais importante sustentar o entusiasmo e o ímpeto e que a racionalização viria mais tarde. Segundo, o programa foi se tornando cada vez mais político. Os conflitos entre os fazendeiros e os trabalhadores foram se tornando mais intensos. As discussões que eram tão vitais para o método Paulo Freire inevitavelmente lidavam com esses conflitos. Muitos desses estudantes tinham visões políticas marxistas. Freire (um devoto católico romano) foi acusado de fomentar com seu programa a inquietação de inspiração comunista.

O programa de Paulo Freire foi realmente subversivo na base técnica de provocação deliberada e na proposta de desenvolvimento da consciência crítica, criando um senso de capacidade e responsabilidade moral do indivíduo para mudar sua vida e o mundo ao seu redor. Numa hierárquica e paternalista sociedade onde a palavra do coronel é a lei, essa ênfase no desenvolvimento do pensamento crítico e na ação individual e comunitária foi destrutiva para os valores tradicionais. O programa de Freire era revolucionário no mais profundo sentido do termo. Em janeiro de 1964, a insatisfação com o método pedagógico de Freire e a preocupação com o conteúdo político do programa levaram os responsáveis pela missão USAID a encerrar o apoio financeiro ao programa (justamente três meses antes do golpe contra Goulart).

Jerome Levinson e Juan de Onís. In: *The Alliance That Lost Its Way: critical report on the alliance for progress.* Chicago, Quadrangle Books, 1970, p. 289-291

miolo_vfinal.indd 191 16/07/2014 12:41:18

Referências

ALVES, Aluizio. Mensagem do Governador Aluizio Alves à Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Norte. *Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 71, n. 309, p. 1-2, 13 jun. 1961.

BEISIEGEL, Celso de Rui. *Política e educação popular:* a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil. São Paulo: Ática, 1982.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico.* 2. ed. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CARVALHO, Vicente Vitoriano Marques. Primeiras aproximações sobre os projetos educacionais e culturais do Governo Aluizio Alves no Rio Grande do Norte (1961). In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5., 2004, Évora: Universidade de Évora. Trabalho apresentado na Universidade de Évora, em 2004.

_____. Recursos visuais na experiência piloto do método Paulo Freire em Angicos – RN. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 3., 2004, Curitiba. *Anais...* Curitiba: Sociedade Brasileira de História da Educação, 2004. (CD-ROM)

CERTEAU, Michel. *A escrita da história.* Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DEWEY, John. *Como pensamos.* 4. ed. Tradução Haydée Camargo Campos. São Paulo: Nacional, 1979.

CUNHA, Luiz Antônio; GÓES, Moacyr de. *O golpe na educação.* 6 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

ECO, Umberto. *Os limites da interpretação.* Tradução Pérola Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1999.

FERNANDES, Calazans; TERRA, Antonia. *40 horas de esperança:* o método Paulo Freire: política e pedagogia na experiência de Angicos. São Paulo: Ática, 1994.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança.* 3 ed. Tradução Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martins. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. *Sobre educação:* diálogos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. (v. 2).

LYRA, Carlos. *As quarenta horas de Angicos:* uma experiência pioneira de educação. São Paulo: Cortez, 1996.

MCLUHAN, Marshal. *Os meios de comunicação como extensões do homem.* Tradução Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1971.

PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais.* 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1979.

TARDY. Michel. *O professor e as imagens.* Tradução Frederico Pessoa de Barros. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1976.

TORRES, Carlos Alberto (Org.). *Diálogo com Paulo Freire.* São Paulo: Loyola, 1979.

miolo_vfinal.indd 193 16/07/2014 12:41:18

miolo_vfinal.indd 194 16/07/2014 12:41:24

Parte 5
Angicos revisitado

Desde a memorável "quadragésima hora" da experiência de Paulo Freire, dia 2 de abril de 1963, alguns momentos marcaram a relação entre Paulo Freire e Angicos: a visita dele à cidade após 30 anos, em 1993, a ida do presidente Lula, em 2005 e, as celebrações dos 50 anos da experiência, em 2 de abril de 2013.

Primeiramente, vamos acompanhar a visita de Paulo Freire, na qual ele recebeu o título de Cidadão Angicano, 30 anos depois, e, mais tarde, a passagem de Lula, até a preparação dos 50 anos em conversa entre Moacir Gadotti e Marcos Guerra.

Destacamos, também, alguns pronunciamentos no dia em que foram celebrados os 50 anos de Angicos, em 2013, entre eles, do prefeito de Angicos, Júnior Batista; de Lutgardes Costa Freire, cientista social, coordenador dos Arquivos Paulo Freire; do professor da Universidade de Coimbra, Luís Alcoforado; do diretor do Instituto Paulo Freire e membro do Conselho Nacional de Educação, José Eustáquio Romão; da deputada federal Fátima Bezerra; do reitor da Ufersa, José de Arimatea de Matos, apresentando o Memorial Paulo Freire: Museu e Centro de Formação; e da secretária de Educação do estado do Rio Grande do Norte, Betania Leite Ramalho, apresentando o Pacto Paulo Freire pela Educação de Jovens e Adultos.

A melhor homenagem que podemos prestar a Paulo Freire é, certamente, um Brasil sem analfabetos. Este sempre foi seu sonho e sua causa. Nesse sentido, as celebrações relembram a necessidade de um "pacto" pelo fim do analfabetismo de jovens e adultos e de uma nova política nacional de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Finalizamos esta parte com uma análise das celebrações realizadas ao longo do ano de 2013 em torno dos 50 anos de Angicos, no Brasil e no exterior, de autoria do educador do Instituto Paulo Freire, Anderson Alencar.

miolo_vfinal.indd 195 16/07/2014 12:41:24

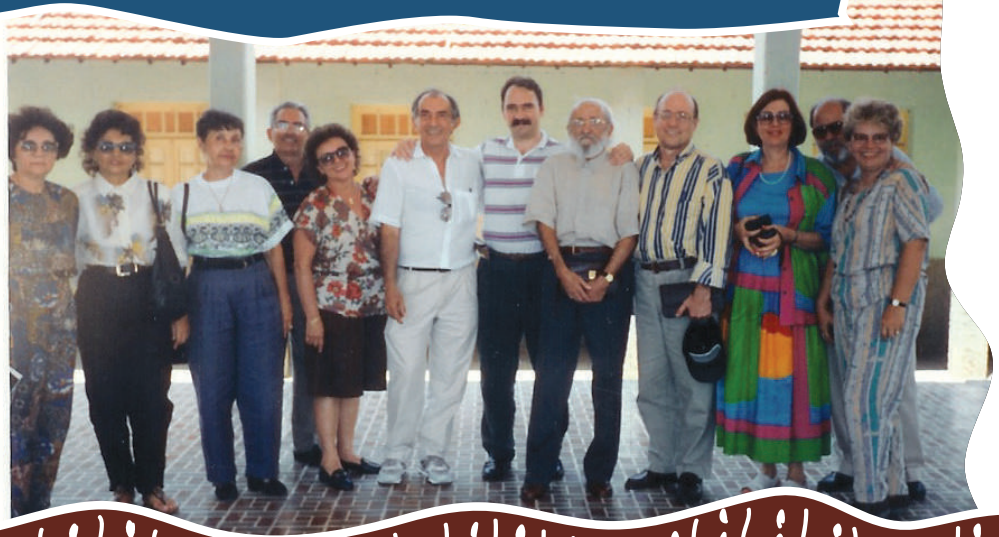
5.1. 1993, Paulo Freire em Angicos 30 anos depois

Paulo Freire demorou 30 anos para rever Angicos. Era um desejo que ele só realizou quando Marcos Guerra foi nomeado secretário estadual de Educação do Rio Grande do Norte, em 1991, ficando no cargo até 1994. Havia também outra coincidência importante: uma de suas alunas, Ana Maria do Vale, havia sido nomeada secretária municipal de Educação de Natal. Os dois organizaram a viagem e uma programação em Natal e em Angicos no dia 28 de agosto de 1993, 30 anos depois. Paulo Freire foi a Angicos, onde, além de reencontrar ex-alunos e ex-monitores de sua experiência, recebeu o título de Cidadão Angicano.

Paulo estava acompanhado pela esposa, Nita Freire, por Moacir Gadotti e Carlos Alberto Torres. Ele estava muito feliz, apesar da saúde abalada. Dizia que nunca havia se emocionado do tanto. Visitou o local onde ele, por várias vezes, se reunia com seus colaboradores. Rever antigos alunos e monitores do seu projeto de alfabetização de adultos o emocionou muito.

Na Escola José Rufino, ele disse a Marcos Guerra: "Eu soube que houve aqui uma greve dos trabalhadores da construção. Não sei se vocês lembram-se disso. Vocês estavam

Trinta anos depois, em agosto de 1993, Paulo Freire, acompanhado pela esposa, Ana Maria Araújo Freire *(terceira da dir. para a esq.)*, e amigos, reencontram-se no mesmo lugar do curso de formação de alfabetizadores com alguns monitores da Experiência em Angicos (RN)



O ano de 1993 marcou para os potiguares a volta do educador Paulo Freire a Angicos. A experiência de alfabetização idealizada e implementada pelo educador (com o fundamental apoio de jovens universitários monitores) o havia projetado para o Brasil e para o mundo. Naquele ano, inclusive encorajada pelo mestre Paulo Freire, assumi a Secretaria Municipal de Educação de Natal. Em meio ao grande desafio e à dimensão da responsabilidade que se mostrava assustadora, a convicção de que era possível ajudar a construir uma escola pública popular no município de Natal impulsionava-me a perseguir essa utopia.

Sete anos antes, em 1987, quando preparava uma dissertação – depois publicada com o título *Educação popular na escola pública* –, entrevistei longamente Paulo Freire. Uma das questões era a possibilidade de construirmos uma Educação Popular na escola pública. Ele, peremptoriamente, respondeu-me: "Você defende uma tese que eu aceito (eu sempre aceitei, mas hoje mais ainda) de que é possível se fazer Educação Popular na escola pública e não só é possível, mas deve-se".

Naquele ano de 1993, mergulhada em suas lições e ideais político-pedagógicos, convidamos Paulo Freire para revisitar Natal e Angicos. Grande foi a mobilização e o empenho dos parceiros que se juntaram à nossa iniciativa e viabilizaram sua vinda ao estado. A ida para Angicos foi marcada por grande emoção. A cidade parou para recebê-lo. O Decreto Legislativo nº 031/93, da Câmara Municipal, o consagrara como o mais novo cidadão honorário de Angicos. Foi um reencontro inesquecível, marcando a história da educação do nosso estado.

Uma enorme comitiva acompanhara Paulo Freire a *Angicos, 30 anos depois,* vivenciando, com ele, aquele momento histórico. Aquela seria a última ida de Paulo Freire à cidade de Angicos – berço de uma experiência revolucionária de alfabetização de adultos. Faixas na cidade, homenagens, manifestações populares espontâneas, encontros com ex-alunos marcaram aquela manhã de um sábado ensolarado e efervescente de emoções. Emoções manifestadas, sobretudo, pelos que participaram efetivamente da experiência de alfabetização vivida três décadas antes. Paulo Freire sentiu profundamente a força daqueles momentos. Ao receber a homenagem na Câmara Municipal e ao reencontrar ex-alunos e monitores na sala de aula, suas palavras estavam encharcadas de sentimentos e emoções. "Dificilmente eu tive tanta alegria e fiz tanta coisa certa como aqui neste salão", afirmou ao final.

Ana Maria do Vale, pedagoga, doutora em educação, ex-professora da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte e ex-secretária de Educação de Natal

estudando e houve a primeira greve dos trabalhadores de construção". Um dos presentes, Severino de Araújo, disse que participou daquela greve e que, por causa disso, veio a repressão, foi chamado de comunista e, com medo, queimou o material recebido do projeto. Em seguida disse: "Ainda fui a Natal, na casa de Valquíria *(monitora nas 40 horas do projeto)*

miolo_vfinal.indd 197 16/07/2014 12:41:25

uma vez, à procura dela, e ela disse: 'Não fale nem nisso; deixe isso pra lá'. Aí eu vim embora no mesmo dia, não dormi nem na capital, vim me embora logo. Fui a Natal porque eu queria uma explicação. O que foi que aconteceu que eu não sei? Tô a fim disso, saber isso, uma explicação".

Nesse momento, Moacir Gadotti ensaiou uma explicação: "Aqui, em 1963, estava acontecendo alguma coisa que ia mudar o País. Mas aqueles que estavam com o poder econômico e político, que queriam que tudo ficasse como estava, se sentiram ameaçados e impediram essa mudança. Perseguiram os monitores do projeto e ele foi interrompido". Severino retrucou: "É sempre assim. Quem trabalha pra pobre sempre fica na cadeia ou morre".

Moacir Gadotti disse que Paulo Freire estava aí com a esperança de que os ideais do projeto fossem retomados e acabasse o analfabetismo no Brasil. Paulo Freire estava aí para isso. Marcos Guerra concordou e explicou: "Paulo Freire continuou fazendo esse trabalho fora do Brasil e agora ele voltou para o Brasil para continuar a fazer esse trabalho aqui".

Em seguida, Paulo Freire começou a falar e fez-se silêncio num recinto apertado e cheio de gente: "Eu me lembro de que aqui tivemos a formação dos monitores[28], uma formação que se iniciou antes da experiência. Se fosse hoje, eu teria feito a formação simultaneamente com a aplicação já, com a prática. Mas, antes, a gente fez como era de costume, a gente passou 15 dias, não sei quantos, 10 dias, expondo os pontos teóricos fundamentais básicos. Depois eles partiram para o campo, aprenderam a fazer investigação temática, investigação da palavra, da frase e partiram. Então, quando vinha cá, a cada 15 dias eu vinha aqui, aí eu reunia a todos eles, passávamos a manhã inteira discutindo o que eles tinham feito durante a minha ausência, entre a minha última visita e aquela. E aí a gente ia aprofundando a teoria que a gente tinha discutido".

E Marcos Guerra retrucou: "O que está certo? A teoria ou a prática? E a gente discutia e reelaborava a teoria e isso modificava a prática, às vezes com algumas decisões operacionais. Por exemplo, se fulano está faltando, por quê? Hoje à tarde ir à casa

28. Segundo Marcos Guerra, a formação inicial a qual se refere aconteceu em dezembro do ano anterior, em Natal, na Faculdade de Direito, conforme é relatado mais adiante neste mesmo texto.

miolo_vfinal.indd 198 16/07/2014 12:41:25

dele, dialogar, saber o que está acontecendo etc. Você lembra? Você nos deu as melhores lições de humildade, integração teoria e prática. E foi nessa sala aqui". "Foi nessa sala", lembrou Paulo Freire. "Nós vivemos aqui uma experiência formidável de acreditar que a prática primeiro gera saber. Segundo, que o saber que a prática gera não basta, porque precisa saber-se. Entende? E pra saber-se o saber da prática exige um outro saber que seja capaz de – como é que eu diria? – de aplainar".

Em seguida, Paulo Freire dirigiu-se à casa de uma antiga aluna e foi apresentado por Marcos Guerra: "Esse aqui é o professor Paulo Freire". Era a ex-aluna da monitora Valquíria, Francisca de Brito. "Eu aprendi com o seu método", disse ela. E continuou: "Ainda escrevo, aliás, eu ainda escrevo várias cartas, escrevo pros meus parentes. Quando eu quero escrever, eu mesma escrevo o que eu quero e o que eu sinto. Ainda fiz até a oitava série, aí deixei no primeiro bimestre da oitava série. Não consegui concluir. Por doença por parte dos meus pais, né? A minha mãe também adoeceu, aí eu não pude deixar ela em abandono, eu sou quem cuido dela". E Paulo Freire perguntou a ela: "Quer dizer que pra ti aquela experiência de 30 anos atrás valeu alguma coisa?". Francisca retrucou: "Valeu. Valeu bastante. Eu acho que pra mim e pra várias pessoas". "Para nós também aquilo valeu muito", disse Paulo Freire.

Angicanos recebem Paulo Freire
após 30 anos, em agosto de 1993

Cidadão honorário de Angicos

A jornada de Paulo Freire por Angicos foi completada na Câmara Municipal, onde o então prefeito de Angicos lhe concedeu o título de cidadão honorário da cidade. Numa fala embargada pela emoção, Paulo Freire agradeceu com essas palavras:

Eu tenho recebido títulos de cidadão de outras cidades brasileiras, algumas cidades são imensas. Sou cidadão do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Belo Horizonte, de Porto Alegre e de uma série de outras cidades de tamanho médio. Mas estava faltando, a mim, ser cidadão desta cidade.

A data de hoje tem grande importância na minha vida pessoal, também na minha vida profissional, na minha vida de educador. A importância deste título é maior do que a de todas as outras cidades brasileiras, com exceção apenas do Recife. No entanto, quase chega a igualar-se, em importância, ao da cidade do Recife.

A cidade do Recife ganha de Angicos apenas porque foi lá que nasci mesmo, foi lá que aprendi a andar, a falar, aprendi a começar a sofrer. Lá também comecei a aprender e a saber que havia alguma coisa errada no mundo.

Angicos foi o contexto de um grande desafio à minha formação científica. Hoje mesmo, antes de vir aqui, quero pedir perdão, ou melhor, quero pedir desculpas a vocês pelo atraso. É que estive andarilhando pelos velhos sítios onde 30 anos atrás estivemos trabalhando. E no penúltimo sítio, na penúltima visita que fiz antes de vir para cá, não me lembro exatamente, vi a sala onde costumava me reunir com os jovens, naquela época, moços e moças, para discutir o andamento do processo de trabalho. Aquelas reuniões me formaram, me tornaram melhor, e significaram uma evolução fantástica na minha capacidade de compreender a realidade social, política, a dor dos outros.

Nunca me esqueço, por exemplo, de que uma filha minha, a mais velha, a Madalena, esteve aqui na Experiência de Angicos quando tinha 17 anos, coordenando um dos Círculos. Em uma noite, ela me contou que foi convidada por uma das alunas dela para cear, para jantar na casa da aluna. Ela foi e a aluna serviu a ela própria e a minha filha um prato de água quente, que ela chamava de sopa de peixe, mas o peixe teria passado há quilômetros de distância, o que era típico da vida de quem não comia. E Madalena tomou aquela sopa, veja que era até uma postura idealista, já que o peixe estava só na cabeça. Tomou, agradeceu e elogiou a sopa, que era uma invenção criadora da necessidade.

Nós estamos querendo transformar este país, mudar este país e fazer uma sopa também, mas uma sopa diferente, uma sopa de verdade e que todos nós possamos tomar.

Então, para mim, voltar a essa cidade hoje não como um demônio, mas como um filho dela, é enormemente emocionante. Eu agradeço a esta casa, agradeço ao poder municipal de Angicos e agradeço a seu povo pelo direito que me acabam de dar, que é o direito de poder dizer no mundo, lá fora, que sou também filho de Angicos. Muito obrigado!

miolo_vfinal.indd 200 16/07/2014 12:41:27

Paulo Freire na Câmara Municipal da cidade de Angicos (RN), recebendo o título de Cidadão Angicano, em agosto de 1993

Sobre essa viagem, o jornalista Gérson de Castro escreveu, numa crônica no jornal *Diário de Natal* (em 31 de agosto de 1993): "Em pouco menos de quatro horas, Angicos proporcionou ao educador Paulo Freire, trinta anos depois da abrupta interrupção da mais significativa experiência de alfabetização de adultos do país, emoções fortes, próprias de uma viagem sentimental, a que ele se propôs, recepcionado por ex-alunos, ex-companheiros de trabalho e aplaudido de pé por jovens que sequer haviam nascido quando da experiência que o levou à prisão e ao exílio onde construiu uma carreira internacional, Paulo Freire não pôde falar, a voz embargada pela emoção".

A lição foi aprendida

Vilma Guimarães, amiga de Paulo Freire de longa data, da Fundação Roberto Marinho, acompanhou a visita de Paulo Freire a Angicos com uma equipe de TV que, posteriormente, produziu um *Globo Ciência* sobre essa memorável visita. Na ocasião, ela entrevistou a Moacir Gadotti:

miolo_vfinal.indd 201 16/07/2014 12:41:30

Vilma Guimarães *– Como você vê essa experiência?*

Moacir Gadotti – Em primeiro lugar, é preciso ver que a Experiência de Angicos foi realmente revolucionária. Essa experiência deu-se num momento histórico fantástico, em que havia uma população toda envolvida em mudanças. Ela foi feita no padrão melhor que tinha na época, o padrão mais avançado de como se faz uma experiência educacional, isto é, vai-se ao local, fez-se a pesquisa das palavras geradoras a partir do método científico, o Método Paulo Freire, que tinha uma lógica, que tinha toda uma construção teórica, mas que também tinha preocupação com a relevância social. A lição que tiro hoje, aqui, em Angicos, é que devemos retomar experiências como esta pelo seu caráter inovador. A inovação é realmente onde a gente pode tentar mudar as coisas. Tentando, buscando e fazendo inovações como essa que foi feita de Angicos.

Vilma Guimarães *– Por que essa experiência acabou?*

Moacir Gadotti – Essa foi, exatamente, uma das perguntas dramáticas feitas por um dos ex-alfabetizandos na época, e que está hoje posta aqui. Um educando fez essa pergunta há 30 anos e hoje ele disse novamente: "me expliquem". Agora, ele está perguntando para nós, educadores: "Por que acabou?" Uma coisa que era assumida por todos, que ainda o pessoal se lembra como uma coisa fantástica que ocorreu na vida deles, cheios de emoção. Hoje, expressam-se ainda em relação ao que aconteceu naquela época. Então, a pergunta "Por que acabou?" é quase como uma pergunta nostálgica, não só histórica, uma pergunta até triste. A gente notou isso nos alfabetizandos da época que estão aqui hoje. Essa pergunta é de grande importância para nós, educadores. Nós temos o dever de dar essa explicação, de esclarecer o que aconteceu, historicizar o que aconteceu.

Vilma Guimarães *– Você lembra quem fez essa pergunta hoje de manhã?*

Moacir Gadotti – Eu me lembro, sim. Foi o educando Severino de Araújo e, diante do silêncio de todos, tentei dar uma explicação. Senti-me na obrigação de fazer isso, de forma muito espontânea, e disse mais ou menos isso: é porque não queriam que essa experiência fosse pra frente, porque ela era transformadora. Ela tinha um poder transformador para a educação brasileira e não foi possível prosseguir. Porque as forças conservadoras desse país – que existem ainda hoje – não permitiram. Na época, como hoje ainda, não levam a educação a sério, ainda não entenderam que qualquer desenvolvimento nesse país se faz com um trabalhador qualificado. Então, é

miolo_vfinal.indd 202 16/07/2014 12:41:30

preciso hoje trabalhar muito com a categoria de produtividade, profissionalização, trabalhar com isso. E a escola também precisa trabalhar com isso. Temos muito a aprender com a categoria trabalho na educação.

Vilma Guimarães *– Por que você deu tanta importância a essa pergunta do educando Severino?*

Moacir Gadotti – Na verdade, enquanto Paulo Freire estava em Angicos, estava-se tramando já o golpe de 1964. Em Angicos, no dia 2 de abril de 1963, resumiam-se dois projetos de sociedade, dois projetos de história. Havia dois projetos se confrontando. Um projeto democrático, um projeto de desenvolvimento "autônomo", como se dizia na época, representado no presidente João Goulart e, do outro lado, um projeto "entreguista", que se confrontava com esse projeto, representado pela presença do marechal Castelo Branco, também em Angicos, ao lado de João Goulart. Venceu o segundo, venceu o autoritarismo, venceu uma sociedade com pouca esperança ou quase nenhuma esperança. Instalou-se no Brasil o que foi chamado de "regime de exceção". Foi só um momento, mas um momento doloroso, no qual muita gente pereceu, muita gente morreu, mas o projeto democrático não morreu, porque, 25 anos depois, ele ressurgiu. Em 1985, o povo brasileiro conseguiu responder a essa pergunta, "Por que acabou?". Acabou por causa de um projeto de sociedade que nasceu também no bojo de uma sociedade contraditória como a nossa. Mas, finalmente, o primeiro projeto de desenvolvimento com autonomia, com democracia, voltou e hoje estamos nesse novo tempo.

"Por que acabou?". Paulo Freire comenta a pergunta que lhe foi feita em Angicos (RN), em 1993

Vilma Guimarães *– Quais lições podemos tirar de Angicos e da visita que estamos fazendo hoje, 30 anos depois?*

Moacir Gadotti – Revisitando Angicos, hoje, constatamos que, sob muitos aspectos, Angicos está pior do que na época. Um aspecto, porém, ficou patente para mim: a lição foi aprendida, isto é, o essencial ficou. Não só na lembrança. É que o método surtiu um efeito que se vê até hoje, o método diz o seguinte: não só devemos aprender a ler e escrever, não só devemos saber que a "Eva viu a uva". Nós temos que saber quem é que produziu a uva, quem é esta Eva e em que sociedade ela vive. Isso era dito, era trabalhado na época. Parece-me que hoje ficou essa mensagem essencial do Método Paulo Freire. Então, no fundo, toda essa parafernália que eventualmente os ministérios montam, todas essas estruturas que as secretarias montam, só tem uma finalidade: garantir que a relação professor-aluno seja eficaz, que ambos "aprendam em comunhão", como diz Paulo Freire. O que essa experiência está mostrando hoje é que, realmente, só isso é que conta: o monitor e seu alfabetizando. Isso fica. As paredes vão. Os métodos até ficam, ultrapassam o tempo, mas o que fica de fundamental é isso: a relação, a comunicação. Então, o grande investimento para dar uma arrancada na educação brasileira hoje é realmente investir na capacitação do professor e também na capacitação da demanda, não só na oferta de um ensino bom, mas também tentar atrair os pais, os alunos, as comunidades, para que todos eles, juntos, possam reconstruir a educação brasileira, com melhor qualidade social e cultural.

miolo_vfinal.indd 204 16/07/2014 12:41:31

Educando Antônio Ferreira, em 1993 (à época, com 65 anos), dando seu testemunho em Angicos (RN)

A volta a Angicos, 30 anos depois

Estavam quase todos lá: ex-alunos, ex-monitores, educadores e autoridades. Dia 28 de agosto de 1993, após 30 anos de solidão imposta, Angicos recebia a visita de Paulo Freire. Na mesma sala onde todos se reuniram em 1963 com o presidente João Goulart – para a formatura de 300 alunos alfabetizados em 40 dias por seu revolucionário método de ensino –, o mestre pôde conversar com muitos dos ex-alunos, vários já aposentados, alguns bem idosos. Durante a visita, ele declarou à cidade – que lhe concedeu o título de cidadão honorário: "Em nenhum lugar do mundo onde estive fiquei mais tocado do que aqui e agora".

Paulo Freire voltou a Angicos para um percurso sentimental pelos principais lugares onde aconteciam as aulas e reuniões do movimento de alfabetização. Estavam presentes 8 dos 21 monitores de 1963 – entre os quais, o então secretário de Educação do estado do Rio Grande do Norte, Marcos Guerra. Alguns contaram que foram presos e passaram por outras dificuldades depois da Experiência de Angicos, considerada subversiva e, mais tarde, cancelada.

Muitos ex-alunos também deram seu testemunho, como Manuel Bezerra, hoje com 65 anos, que se lembrou do dia em que o governador Aluizio Alves e dois ordenanças foram assistir a uma aula. Ou como seu Antônio, que, em 1963, ficou famoso porque fez um discurso ao presidente João Goulart. Aos 81 anos, ele contou que só aprendeu a assinar o nome – não pôde continuar estudando ocupado com a agricultura. Mas disse que depois das "19 bocas de noite" com a professora Valdinece, de Natal (na época estudante de Letras, hoje professora da Escola Técnica e presente à visita do mestre), sua vida mudou: passou a fazer contas no papel e já pôde votar nas eleições posteriores. Também contaram histórias, como Severino e sua filha Neide, 36 anos, professora da escola pública que, aos 6 anos, foi alfabetizada junto com os pais, aos quais ajudava a estudar quando os três chegavam em casa. Neide disse que a experiência influenciou sua escolha profissional e, aos 16 anos, já dava aula no Mobral.

Numa das últimas etapas do passeio pela cidade, na Escola José Rufino, local da famosa aula de João Goulart, alguns ex-alunos quiseram saber por que a experiência não continuou. "Por que o senhor foi preso?", perguntou a Paulo Freire a ex-aluna Idália Marrocos. A verdade é que os alunos nunca tinham entendido a interrupção dos contatos com os monitores, pouco tempo depois do fim do curso. Seu Severino contou que até foi a Natal procurar sua professora, Valquíria, para perguntar o que estava acontecendo. Mas voltou para casa no mesmo dia, depois que ela respondeu: "Não fale mais no assunto, esqueça isso".

Eliane Sonderman, jornalista da Fundação Roberto Marinho

In: Moacir Gadotti (Org.). *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez/Unesco/ Instituto Paulo Freire, 1996, p. 71

miolo_vfinal.indd 205 16/07/2014 12:41:32

Divulgação

Registros do I Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire, sediado em São Paulo/Brasil, no ano de 1998 (*esq.*), e do II Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire, em Bolonha/Itália, em 2000 *(dir.)*

Um legado de luta e de esperança

Pouco mais de três anos depois de sua visita a Angicos, Paulo Freire faleceria (2 de maio de 1997), vítima de um enfarte do miocárdio, mas a sua obra continua viva e renovada em livros póstumos publicados por sua esposa, Ana Maria Araújo Freire, entre eles: *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos* (São Paulo: UNESP, 2000); *Pedagogia dos sonhos possíveis* (São Paulo: UNESP, 2001) e *Pedagogia da tolerância* (São Paulo: UNESP, 2005) e, principalmente, nas práticas de Educação Popular, como é o caso do Projeto MOVA-Brasil.

Seu legado vem sendo discutido em muitas cátedras, seminários, simpósios, congressos e, particularmente, no **Fórum Paulo Freire**, que se reúne de dois em dois anos, desde 1998.

O I Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire foi realizado nos dias 28, 29 e 30 de abril de 1998, em São Paulo, no Instituto Pio XI, centrado no tema: *O Legado de Paulo Freire*, cerca de um ano após a morte de Paulo Freire. A *Carta de São Paulo* constituiu-se no documento final desse encontro.

O II Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire, intitulado *O Método Paulo Freire e as Novas Tecnologias*, realizou-se em março do ano 2000, na Universidade de Bologna (Itália). Naquele encontro, a *Carta de Bologna* lançou o Movimento *Pró-Universitas Paulo Freire*. A escolha de Bolonha fora intencional para se resgatar, metaforicamente – na primeira universidade do Ocidente

miolo_vfinal.indd 206 16/07/2014 12:41:32

e que surgira de uma iniciativa discente, ao contrário de suas congêneres, que nasceram como corporações de intelectuais – o sentido do compromisso social da Universitas Paulo Freire (UniFreire). Foi aí que nasceu a UniFreire, como concretização articulada da rede dinâmica formada pela comunidade freiriana mundial.

Entre 19 e 21 de setembro de 2002, ocorreu o III Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire, na cidade de Los Angeles (EUA), na Universidade da Califórnia, local em que se discutiu a *Educação: o sonho possível*. Na ocasião, foi redigido e aprovado o manifesto *Eleições Planetárias*. Duas noções centrais da ontologia freiriana compuseram o tema proposto às atividades do Fórum: sonho e possibilidade, categorias fundadoras da *Pedagogia da esperança*, um dos principais trabalhos do legado de Paulo Freire.

O IV Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire foi acolhido pela Cidade do Porto, na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, no Parque Biológico de Vila Nova de Gaia, em Portugal, entre os dias 19 e 22 de setembro de 2004. *Caminhando para uma Cidadania Multicultural* tornou-se o foco central daquele evento, sistematizado em um documento intitulado *Carta do Porto*, com a intenção de dialogar sobre a possibilidade de uma sociedade sem exclusão, de espaços de intervenção socioeducativa no mundo atual, de políticas de educação para a construção dessa ideia de cidadania multicultural e sobre as potencialidades da informação, do conhecimento e da sociedade em rede.

Materiais de divulgação do III Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire, em Los Angeles/Estados Unidos, no ano de 2002 (*esq.*), e do IV Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire, na cidade do Porto/Portugal, em 2004 (*dir.*)

Divulgação

Entre 12 e 15 de setembro de 2006 ocorreu em Valência (Espanha) o V Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire, *Sendas de Freire: opresiones, resistencias y emancipaciones en un nuevo paradigma de vida*. O encontro dialogou sobre o fato de que sempre novas perguntas são colocadas pelos e para os homens, em um processo de cooperação e criação social, entregando-se à realização de práticas e experiências a partir das quais desenvolve a sua liberdade. Avançou-se nesse Fórum também no que consta à organização institucional da comunidade freiriana, com a criação do *Conselho Mundial dos Institutos Paulo Freire*.

O Instituto Paulo Freire e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) convidaram a comunidade freiriana para o VI Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire, que aconteceu entre 16 e 20 de setembro de 2008, no campus da PUC, com o tema *Globalização, Educação e Movimentos Sociais: 40 anos da Pedagogia do Oprimido*. Nesse ano, completa-se uma década do primeiro encontro do Fórum e 40 anos da *Pedagogia do oprimido*. Escrita em 1968, no Chile, foi traduzida para dezenas de idiomas e tornou-se uma das mais respeitadas e conhecidas obras do autor e a principal referência mundial para um entendimento da pedagogia enquanto prática para a liberdade, incursionando pela conscientização, revolução e diálogo.

Divulgação

Imagens do V Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire, Valência/Espanha, em 2006 (*esq.*), e do VI Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire, São Paulo/ Brasil, no ano de 2008 (*dir.*)

Divulgação

Painéis do VII Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire, Praia/Cabo Verde, em 2010 (*esq.*); do VIII Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire, Los Angeles/Estados Unidos, no ano de 2012 (*abaixo*) e do IX Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire, Turim/Itália, em 2014 (*dir.*)

Entre os dias 12 e 19 de setembro de 2010, ocorreu em Praia (Cabo Verde) o primeiro encontro do fórum realizado no continente africano: o VII Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire. Teve por tema *Paulo Freire e Amílcar Cabral: por uma releitura da Educação e da Cidadania Planetária*. À luz desse tema, foram debatidas em mesas-redondas e grupos temáticos problemáticas que giraram em torno de contextos e políticas educativas, relações entre Paulo Freire, Amílcar Cabral e experiências de intervenção, práticas e projetos em Educação (incluindo contextos educativos e currículos), bem como relações entre Educação e Diversidade (inclusão/exclusão) e Cidadania Multicultural.

Sob a organização do Paulo Freire Institute, da Universidade de Los Angeles, Califórnia (UCLA), em parceria com o Instituto Paulo Freire de Londres, o VIII Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire foi realizado entre os dias 19 e 22 de setembro de 2012, com o objetivo de pensar novas possibilidades de uma educação orientada para a transformação e para a justiça social. Os temas desse encontro foram três: *O Papel dos Intelectuais na Educação*, *Gênero e Educação* e *Ecopedagogia*.

Em 2014 acontecerá o IX Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire em Turim (Itália), entre os dias 17 e 20 de setembro, em torno da temática *A pedagogia de Freire e os desafios de um mundo globalizado que recria desigualdades e exclusões*.

Paulo Freire deixou um grande legado que hoje atravessa, cruza e rompe fronteiras. Gerações de educadores e educadoras se inspiraram nele. Como um plantador do futuro, ele sempre será lembrado porque nos deixou raízes, asas e sonhos como herança. Ele nos deixou um legado de luta e de esperança. Ao lado do amor e da esperança, ele também nos deixou um legado de indignação diante da injustiça. Diante dela, dizia que não podemos "adocicar" nossas palavras. A melhor maneira de homenageá-lo é reinventá-lo, como ele mesmo dizia. Esta tarefa ele deixou a todos e todas que sonham com "outro mundo possível".

miolo_vfinal.indd 209 16/07/2014 12:41:36

Angicos, símbolo de ousadia

É difícil explicar em poucas palavras – que estão no campo do pensamento simbólico – a emoção que senti, em setembro de 2012, ao conhecer a cidade de Angicos, ao representar o Instituto Paulo Freire na palestra de abertura do *I Encontro de Educação de Jovens e Adultos e de Educação Popular de Angicos: Contribuição e Apropriação da Pedagogia de Paulo Freire no Combate Hodierno ao Analfabetismo*, na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa), Campus de Angicos, contribuindo para a efetivação de uma agenda nacional em prol do fim do analfabetismo em Angicos e em nível nacional, que coincidiu também com os esforços daquele campus pela criação e constituição do Memorial Paulo Freire.

A emoção nasce, especialmente, no campo do pensamento sensível, que é "essencial para a libertação dos oprimidos", como sustenta Augusto Boal, e produz arte e cultura, imagens e sons. E para mim, educador que pesquisa e teve a oportunidade histórica de conviver com Paulo Freire de 1994 a 1997 no IPF, Angicos é, antes de tudo, símbolo de ousadia, de inovação político-pedagógica e referência de transformação educacional. Foi assim que, ao pisar pela primeira vez o chão daquela cidade, a imagem que aqui registro é a de lágrimas escorrendo nos rostos. O som, de vozes embargadas, mas intensas e comprometidas; e a aprendizagem maior, somando imagem, som e pronunciamentos, a certeza de que estamos no caminho certo ao comemorarmos os 50 anos de Angicos como chamamento à retomada de um movimento pela superação do analfabetismo.

Foi inesquecível abraçar ex-alunos e alunas de Freire, fazê-lo ao lado de Carlos Rodrigues Brandão, autor do livro *O que é o método Paulo Freire*, querido amigo, educador popular, escritor e poeta, cuja companhia me honra, me alegra e me inspira; escutar Marcos Guerra, que foi convidado por Paulo Freire a colaborar na coordenação do processo de alfabetização nas 40 horas de Angicos; ter a oportunidade de dialogar com educadores(as), alunos(as), artistas e comunidade presentes na Ufersa e, depois, em praça pública, ser acolhido pelo maravilhoso povo de Angicos e com ele dialogar por meio de palavras, músicas, gestos, abraços e registros daquele encontro.

As surpresas foram muitas: infelizmente, o baixo desenvolvimento social e econômico daquela cidade, que chama a atenção a olho nu, e, principalmente, a manutenção dos mesmos índices de analfabetismo, depois de 50 anos da experiência de alfabetização de 300 pessoas em 40 horas, promovida por Freire e seus colaboradores. Por outro lado, a boa surpresa da presença no campus da Ufersa de trabalhadores em educação e de discentes que incentivam, com diferentes iniciativas, o compromisso da comunidade local, do Estado e da sociedade civil, com a superação do analfabetismo e a criação, por exemplo, do curso de Pedagogia, na perspectiva freiriana.

Como nos disse o professor Moacir Gadotti, "a melhor maneira de celebrar Angicos é eliminar o analfabetismo". Portanto, aqui ressurge a esperança de que, a partir das citadas recentes experiências, seguimos unidos não só acreditando, mas criando e trabalhando juntos.

Paulo Roberto Padilha
Diretor pedagógico do Instituto Paulo Freire

O então presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, prestigia exposição na formatura de educandos do Projeto MOVA-Brasil, realizada em Angicos (RN), no ano de 2005

Foto: Agência Brasil (ABr)

"Nós queríamos formar para a cidadania"

No dia 3 de setembro de 2005, o presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva esteve na cerimônia de comemoração do 2º aniversário do Programa Fome Zero e entrega de certificados de alfabetização a 3 mil alunos do Projeto MOVA-Brasil. Na ocasião, Lula afirmou:

"É por isso que nós todos aqui, do mais velho ao mais novo, precisamos render as nossas homenagens ao mais importante educador brasileiro, o nosso querido companheiro Paulo Freire. Paulo Freire que, certamente, pela bondade que carregava no coração, deve estar lá no céu olhando para todos nós e dizendo assim: 'Finalmente os meus meninos tomaram juízo, finalmente os meus meninos acreditaram que investir na educação é a solução para o Brasil e para o mundo'. E que não há hipótese alguma de qualquer país do planeta chegar a se transformar num país desenvolvido sem que antes a gente invista maciçamente na educação brasileira, com educação de plena qualidade" .

miolo_vfinal.indd 211 16/07/2014 12:41:41

O **Projeto MOVA-Brasil** é uma parceria entre o Instituto Paulo Freire (IPF), a Federação Única dos Petroleiros (FUP) e a Petrobras, trabalhando pela eliminação do analfabetismo no País e para a inclusão de milhares de brasileiros e brasileiras no mundo do trabalho, numa perspectiva socioambiental. A junção desses três atores possibilitou a criação deste que é o maior projeto social da Petrobras, que, ao longo de seus dez anos de existência, fez parte de dois grandes programas da empresa: o Programa Petrobras Fome Zero (2003-2007) e o Programa Petrobras Desenvolvimento & Cidadania (2008-2012). Assinado em 2003, no dia em que foi lançado o Programa Fome Zero do governo federal, ele reflete uma mudança histórica no Brasil para enfrentar o analfabetismo, que é uma das questões sociais mais urgentes ainda por ser resolvida em nosso País. Com atuação em 11 estados, o MOVA-Brasil, que alfabetiza e forma alfabetizadores, vem fortalecendo a política pública da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Tem como diferencial a concepção teórica e metodológica freiriana, ao inverter a lógica da exclusão e promover a autodeterminação de sujeitos e comunidades. Em dez anos de atuação, alfabetizou mais de 200 mil brasileiros e brasileiras, formou mais de 10 mil alfabetizadores e alfabetizadoras e estabeleceu mais de 5 mil parcerias locais.

Em 2012, a Comissão do MEC *Paulo Freire – 50 anos de Angicos* indicou que se realizasse um evento especial em Angicos. A preparação desse evento exigiu a criação de uma comissão específica no estado do Rio Grande do Norte, com a participação da Secretaria de Educação do Município de Angicos, a Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Norte, a Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa), a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e outras entidades e movimentos.

Foto: Letícia Verdi/MEC

Comissão do MEC *Paulo Freire - 50 anos de Angicos*, reunida com o então ministro da Educação, Aloizio Mercadante, em janeiro de 2013

Em uma das reuniões dessa Comissão, na Secretaria Estadual de Educação, Marcos Guerra, sendo entrevistado por Moacir Gadotti, oferece importantes dados, informações e análises do que estava ocorrendo há 50 anos.

Moacir Gadotti *– Vamos começar pelo começo. Em que contexto surgiu a Experiência de Angicos?*
Marcos Guerra – O trabalho de Angicos não foi um trabalho isolado. Ele foi fruto de um momento político e social, e os atores presentes éramos nós, estudantes mobilizados pela UNE, que atuamos no MEB, que começou um pouco antes, na campanha municipal de Natal chamada *De pé no chão também se aprende a ler*, e na Secretaria Estadual de Educação. O projeto começou em Angicos e depois foi para outras cidades. Estou feliz porque existe, com as celebrações que vamos fazer, a possibilidade de reatar com essas pessoas que estiveram naquela prática. Nós, outro dia, fizemos em Natal uma reunião dos que estamos vivos, e que estivemos em Angicos, como coordenadores. Foi uma reunião linda, muito emotiva, um pouco difícil. Todos estamos mobilizados e disponíveis para celebrar esses 50 anos da experiência e Angicos.

Moacir Gadotti *– Marcos, como vocês situavam a Experiência de Angicos dentro da conjuntura política da época?*
Marcos Guerra – Paulo Freire foi questionado pelo grupo da esquerda, Djalma Maranhão, prefeito de Natal, e pela UNE. Djalma disse: "Paulo, você não está percebendo o que você está fazendo. Você está criando condições para que Aluizio Alves cresça como um líder alternativo no Nordeste, quando nós queremos que o líder alternativo do nordeste seja Miguel Arraes. Você não está vendo que você está prejudicando esse grande projeto político?". Paulo disse: "Temos que confiar nas massas. Eu confio nas massas e eu aceito trabalhar com a Aliança para o Progresso, com Aluizio Alves, se a meta for alfabetizar 100 mil pessoas neste estado".

miolo_vfinal.indd 213 16/07/2014 12:41:42

Moacir Gadotti *– Como surgiu a ideia de 40 horas? Por que 40? Por que não 20 ou 80?*

Marcos Guerra – Paulo não é um deus, não é um papa. Ninguém era obrigado a segui-lo. Ele também foi questionado, mais tarde, sobre o método das 40 horas. Ele teve um diálogo muito difícil com Ivan Illich sobre essa questão, em 1974. Então, eu acho que é preciso reinventar a metodologia, sim, mas o mais importante é a meta: acesso universal à alfabetização. O direito constitucional é universal. Quanto às 40 horas, a gente não precisava de 40. Bastavam vinte e poucas. Quarenta, numa língua como o português ou o espanhol, é mais do que o suficiente. O importante é garantir a meta inicial e, depois, a continuidade dos estudos. Na época, Jango estava querendo eleitores. Porque era a regra do jogo: para ganhar a eleição, precisava ser votado. Na época, só votava alfabetizado. Mas nós queríamos mais: formar para a cidadania, que passa pela integração econômica, profissional e acesso a serviços públicos.

Moacir Gadotti *– Vocês tinham clareza política, na época, sobre o que estava acontecendo? Alunos de Angicos foram a Natal para pedir explicações por que o programa havia sido interrompido e, no Serviço Cooperativo de Educação do Rio Grande do Norte (SECERN), eles ouviram que não deveriam mais falar sobre esse assunto. O que aconteceu depois?*

Marcos Guerra – Há um livro de um norte-americano *(Andrew Kirkendall)* que fez uma bela pesquisa sobre isso. Chama-se *Paulo Freire e a política de alfabetização da Guerra Fria*. Esse livro mostra, com muita clareza, o que aconteceu depois. Ele nos mostra um pano de fundo bem maior: os falcões da direita norte-americana que queriam impedir uma segunda Cuba no Nordeste brasileiro. O programa da Aliança para o Progresso fazia parte dessa estratégia. Então, acho que essa contextualização é muito importante para esclarecer por que fomos os primeiros a sermos presos, os primeiros a levar porrada, o primeiro programa a ser desmontado. Alguns viam Paulo Freire como um subversivo atirando de metralhadora e denunciando, e outros achavam que ele estava se vendendo ao imperialismo. Então, havia alguma coisa confusa, que alguns tiveram dificuldades para entender.

Moacir Gadotti *– Daí a importância do resgate da memória. As Comissões da Verdade, que hoje estão sendo criadas em muitos lugares devem ajudar a elucidar ainda melhor esse momento da história brasileira. Resgatar a memória e o sonho desses brasileiros de 50 anos atrás. Eu fico pensando, às vezes, Marcos, vocês estudantes, jovens aí na*

miolo_vfinal.indd 214 16/07/2014 12:41:42

universidade, e me pergunto se os estudantes de hoje não poderiam fazer o mesmo, envolver-se num grande projeto nacional pela eliminação do analfabetismo no Brasil. Fale um pouco mais sobe o que aconteceu depois: o que aconteceu a partir do dia 2 de abril de 1964?

Marcos Guerra – A partir do dia 2 de abril aconteceu uma repressão tão brutal que parece inexplicada, inexplicável, mas se a gente tem essa visão de conjunto, entende. Muito poucos questionaram, no início, a repressão. Alguns até a justificaram. Nossos ex-alunos tiveram medo, muito medo, a maioria queimou, destruiu o material. E, olha, destruiu o seu livro porque não havia cartilha, cada um escreveu o seu livro e cada livro era pessoal e totalmente diferente. Imagine o que é destruir aquilo que foi a sua chave para acesso a um tipo de conhecimento. Foram dramas pessoais. E calados, reprimidos. Aquelas fogueiras de livros que fizeram com o material da Prefeitura de Natal e que fizeram com coisas arrancadas da residência do meu pai, dos meus arquivos pessoais que foram duas vezes pegar etc. Então, o que aconteceu a partir do dia 2? Aconteceu essa sanha ensandecida que pra gente era ridícula. Eu tinha servido o Exército em 1960, como soldado. Eu vi colegas soldados analfabetos e via chegar à minha biblioteca o capitão daqui, "de família", dizendo: "Olha esse livro, você aí". O soldado analfabeto olhava para o dorso do livro e não sabia de nada. E o capitão continuava: "Você aí, pega o livro comunista, a gente vai tirar, vai queimar". Para vários de nós, seguiram-se as prisões e o exílio.

Moacir Gadotti *– Marcos, como podemos aproveitar esse momento em que celebramos os 50 anos de Angicos para prestar um serviço para essa população que ainda continua analfabeta? Não é uma questão só da política educacional da secretaria. É uma questão que tem a ver com todos nós, é responsabilidade da sociedade civil, das entidades que têm alguma trajetória, que já fizeram algum trabalho ou que estão fazendo mobilização e politização, seguindo a*

miolo_vfinal.indd 215 16/07/2014 12:41:42

orientação de Paulo Freire. A gente insiste muito na alfabetização libertadora e na organização popular também, como no nosso Projeto MOVA-Brasil. Eu não sei como será daqui para frente, mas precisamos de uma nova política nacional de Educação de Jovens e Adultos, uma política nacional de Educação Popular, para dar conta do sonho de Paulo Freire de 50 anos atrás. Essas celebrações têm esse sentido profundo que é mudar a educação brasileira, mudar para melhor. O contexto hoje é favorável se a gente se mobilizar, se o Nordeste se mobilizar.

Marcos Guerra – Paulo Freire estava muito preocupado com a metodologia, porque sabia que a motivação dos alfabetizandos era essencial para eles continuarem no programa. O que pode mobilizar os analfabetos? Eles não são ignorantes. Daí nós pensamos nas palavras geradoras que poderiam mobilizá-los. O que hoje pode mobilizar os analfabetos para que prossigam na sua alfabetização e educação? Essa é a questão hoje. O que faria com que procurassem programas de Educação de Jovens e Adultos? Essa era a preocupação de Paulo. Aí Paulo Freire responde: "Quais são os Temas Geradores que vão motivá-los?" "Quais são as palavras geradoras que vão permitir não somente motivá-los, mas que eles nunca mais esqueçam?" Porque eles estão adquirindo uma ferramenta que é apenas uma ferramenta a mais para o seu mundo e, quando estou trabalhando o meu mundo, não esqueço, porque no meu mundo eu renovo todo dia aquela ferramenta. Uma das razões do analfabetismo regressivo no Brasil é que aquela ferramenta deixou de ser usada. Deixando de ser usada, ela enferruja, qualquer ferramenta enferruja, fica cega e enferruja. Nós temos que ajudá-los a ir além, a querer ir mais longe.

miolo_vfinal.indd 216 16/07/2014 12:41:43

Alfabetizada pelo Método Paulo Freire é professora em Angicos

O município de Angicos, no sertão do Rio Grande do Norte, vive dias movimentados à espera da formatura de 3 mil alfabetizandos com a presença do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, e do ministro da Educação, Fernando Haddad, marcada para este sábado, 3, às 9 horas, no campo de futebol local. Os formandos representam 20 municípios do estado e fazem parte das turmas do MOVA-Brasil, programa mantido pela Petrobras.

Entre os que esperam a festa está a pedagoga Eneide Pires. Alfabetizada em turma de jovens e adultos aos sete anos, ela participou da histórica ação do educador Paulo Freire, em Angicos, em 1963. Seus pais, à época com 30 anos, se alfabetizaram. "Meu pai queria melhorar de vida", conta Eneide. Dona Francisca e o marido Severino, porém, não continuaram os estudos. A filha Eneide começou a frequentar a escola. Tomou gosto, e não só concluiu o ensino médio como resolveu estudar para ser professora.

Eneide formou-se e trabalha nas redes municipal e estadual, dando aulas para crianças na educação infantil e para adolescentes no ensino médio. Não satisfeita, a professora, hoje, usa o modelo de Paulo Freire para alfabetizar jovens e adultos. "O analfabetismo aqui é muito grande", afirma.

Formada em Pedagogia e com especialização em educação inclusiva, Eneide espera falar com Lula. Em 1963, recém-alfabetizada, ela conheceu o então presidente, João Goulart. "Quero ver se o Lula me pergunta o que eu quero", afirma a professora. A resposta é um segredo muito bem guardado, mas ela dá uma pista: "Não é uma coisa para mim, é para a educação".

Para o secretário de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do MEC, Ricardo Henriques, exemplos como o de Eneide mostram como a educação pode ser determinante na vida de uma família. "A alfabetização dos pais trouxe a família para a escola e para a cidadania", disse.

Texto da repórter **Iara Bentes**, em matéria publicada no site do MEC em 2 de setembro de 2005

Matéria disponível em:
http://goo.gl/Mrh5v6
Acesso em: 9 abr. 2014

miolo_vfinal.indd 217 16/07/2014 12:41:44

Emoção marca encontro com ex-alunos de Paulo Freire

No dia 23 de fevereiro de 2013, a Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa), campus Angicos, realizou uma roda de conversa e um simpósio internacional para celebrar o Cinquentenário da Experiência de Paulo Freire na cidade, reunindo pesquisadores de algumas partes do Brasil e exterior e também alguns educandos que participaram dos Círculos de Cultura realizados em 1963. A matéria, reproduzida abaixo, foi publicada em 25 de fevereiro de 2013, no site da universidade.

Há 50 anos, agricultores de Angicos participaram de experiência pioneira com o educador Paulo Freire. Denominada 40 horas de Angicos, a experiência trouxe a proposta de alfabetizar jovens e adultos. Neste sábado, 23, os participantes da pedagogia freiriana, hoje com uma média de idade acima de 70 anos, se encontraram com pesquisadores brasileiros e estrangeiros participantes do I Seminário Internacional "Diálogos com Paulo Freire", realizado na quinta e sexta-feira em Natal. A ideia foi promover uma roda de conversa entre os ex-alunos e os pesquisadores.

O encontro, marcado pela emoção, proporcionou aos pesquisadores conhecer a cidade e os principais atores da primeira experiência freiriana. "É um imenso prazer poder receber essa importante comitiva, proporcionando, dessa forma, esse encontro que é de grande importância para quem se interessa pela obra do educador Paulo Freire", ressaltou a professora da Ufersa Angicos e coordenadora do Grupo de Estudos Paulo Freire: Gnoseologia, Realidade e Educação, Dra. Rita Diana Gurgel.

Na ocasião, os professores e pesquisadores da área de Educação Popular Alba Pereyra Lanzillotto, da Argentina; Cármem das Dores de Jesus Cavaco, de Portugal, e Mariano Alberto Isla Guerra, de Cuba, além dos pesquisadores brasileiros do Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco e Natal (UFRN), participaram de uma roda de conversa com os ex-alunos das 40 horas de Angicos.

miolo_vfinal.indd 218 16/07/2014 12:41:44

Durante o encontro, os pesquisadores quiseram saber sobre a experiência com o educador há 50 anos. Puxando pela memória, os ex-alunos relataram como aconteciam as aulas, o ambiente e a importância do projeto que possibilitou a alfabetização dos agricultores. O projeto representou a única oportunidade de aprendizagem escolar dos idosos. Para a maioria dos ex-alunos, ter aprendido a assinar o nome foi a maior conquista.

Segundo os idosos, as dificuldades vivenciadas naquela época, 1963, eram obstáculo para o aprendizado. "Trabalhava o dia todo no sol e à noite ia assistir as aulas, numa sala iluminada por um lampião", revelou um dos ex-alunos. Outra lembrou que o educador, além de ensinar a ler e escrever, mostrava o sentido dela. "Tijolo é feito de barro, de onde vem o barro, pra que serve a casa, temos casa para morar?". Essas eram algumas perguntas em sala de aula, revelou, ficando constatada a formação da consciência crítica proporcionada pela pedagogia freiriana.

Além de propor a alfabetação dos agricultores, o projeto também proporcionava ensinamentos sobre política. "Na aula a gente ficou sabendo que faz o vereador, o prefeito, o deputado e o presidente", afirmou Maria Pureza da Silva, que aprendeu a escrever o nome e revelou a importância do voto. "Ainda hoje faço questão de votar", reforçou.

O encontro com os ex-alunos de Paulo Freire também foi acompanho pela Deputada Federal Fátima Bezerra e pelo Deputado Estadual Fernando Mineiro, ambos professores e filiados ao Partido dos Trabalhadores. "As experiências e as ideias de Paulo Freire não podem se perder no tempo. São fundamentos para a luta em defesa da educação e da democracia", ressaltou.

Para a deputada Fátima Bezerra, no ano em que comemoramos meio século das 40 horas de Angicos, a

Foto: Eduardo Mendonça

O educando Manuel Bezerra, entrevistado por Rita Diana de Freitas Gurgel, durante o I Seminário Internacional Diálogos com Paulo Freire, no dia 25 de fevereiro de 2013

Foto: Eduardo Mendonça

Educandos da Experiência de Angicos no I Seminário Internacional Diálogos com Paulo Freire, em Angicos (RN), em 2013

educação do país tem em jogo importantes decisões na área da educação, citando, por exemplo, a aprovação do Plano Nacional da Educação, o debate sobre os royalties e a consolidação dos Institutos Federais de Educação e das novas universidades, inclusive, a Ufersa. A deputada revelou a satisfação de estar em Angicos. "O sonho da Ufersa é exemplo da luta em defesa da educação, uma luta que continua para fortalecer a expansão do ensino superior e da formação profissional."

Ainda, segundo a deputada, o Rio Grande do Norte foi o estado, proporcionalmente, mais beneficiado com a expansão, pulando de 2 para 16 Institutos Federais. "Lages e Parelhas deverão ser inaugurados ainda nesse ano", revelou. No dia 2 de abril se comemora os 50 anos das 40 horas de Angicos e, nesse dia, a ideia é lançar a pedra fundamental do Memorial Paulo Freire, a ser construído nas dependências da Ufersa Angicos.

Para o deputado estadual Fernando Mineiro, a ideia do Memorial é uma forma de discutir meio século de história, com a construção de um centro de educação. "Devemos lançar o nosso compromisso de analfabetismo zero como meta para os próximos 10 anos." "A maior homenagem nos 60 anos das 40 horas de Angicos seria alcançar essa meta", reforçou.

miolo_vfinal.indd 220 16/07/2014 12:41:45

Aproveitando a presença de tantos adeptos da pedagogia freiriana nas dependências da Ufersa Angicos, o Grupo de Estudos Paulo Freire promoveu, após a roda de conversa, o Simpósio Internacional *Múltiplas Visões de Paulo Freire na Contemporaneidade*, com a participação dos professores estrangeiros, onde colocaram as experiências de Educação Popular em seus países, tendo como eixo norteador a obra do pedagogo brasileiro. "Reconstruir a memória é um pouco alfabetizar. Nesse momento, Paulo Freire não se faz presente apenas na teoria, representa possibilidade de conhecimento e transformação, para a promoção e a difusão do pensamento de Paulo Freire", afirmou a professora argentina Alba Pereyra.

Após a explanação da professora, também explanaram suas experiências a professora portuguesa Cármem Cavaco, que ressaltou a importância da educação com ações coletivas e afirmativas. "A crítica em si só não tem valor, devemos partir para a ação numa mobilização coletiva", frisou.

Já o professor cubano Mariano Guerra lamentou o alto índice de pessoas analfabetas nos países latinos. Segundo o professor, Cuba foi o primeiro país a se livrar no analfabetismo, em 1963.

O Simpósio contou também com a participação de professores da diretoria do Sindicato dos Trabalhadores em Educação e da Confederação Nacional de Educação, do IFRN e da Prefeitura e da Câmara Municipal de Angicos.

Confira mais imagens do evento no endereço eletrônico facebook.com/ufersa.assecom. **Matéria disponível em:** http://goo.gl/NDk0pM – **Acesso em:** 8 abr. 2014.

Reunião dos integrantes do I Seminário Internacional Diálogos com Paulo Freire

Foto: Eduardo Mendonça

5.2. Angicos, 50 anos depois: 2 de abril de 2013

Finalmente, chegou o dia 2 de abril de 2013. A programação da celebração do Cinquentenário das 40 horas de Angicos foi realizada nos dias 2 e 3 de abril de 2013, no Campus de Angicos da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa) e na Escola Estadual José Rufino, que teve o apoio e a presença da governadora do Estado do Rio Grande do Norte, Rosalba Ciarlini.

Saudação do prefeito de Angicos

Júnior Batista

Excelentíssima secretária de Educação do Estado do Rio Grande do Norte, professora Betania Leite Ramalho, representando na ocasião a senhora governadora Rosalba Ciarlini, em nome de quem saúdo as demais autoridades presentes. Magnífico reitor da Ufersa, professor doutor José de Arimatea de Matos, em nome de quem saúdo as demais autoridades acadêmicas. Doutor Marcos José de Castro Guerra, ex-coordenador de Círculo de Cultura das 40 horas em Angicos, em nome de quem saúdo os demais atores dessa desbravadora experiência de alfabetização de jovens e adultos. Meus senhores, minhas senhoras.

Faz exatamente vinte anos que pisava no solo de Angicos para receber o título honorário de cidadão angicano o professor Paulo Freire.

Foto: Guanabaratejo/Carlos Fernando Teixeira de Macedo

O prefeito de Angicos, Júnior Batista, assegura: "É hora de união, de lutar para colocar em prática nossos ideais"

Tive naquele momento a grata satisfação de estar gestor desta municipalidade e, ao lado dos vereadores angicanos, prestar essa homenagem a esse que é um dos maiores educadores do nosso país, e por que não dizer, um cidadão do mundo.

Meus senhores e minhas senhoras, quis o destino que, vinte anos depois, o meu povo, pelo exercício da democracia e pela graça de Deus, me fizesse prefeito novamente, para poder presenciar mais um feito na história de nossa cidade e da educação brasileira.

Por isso é que, com grande emoção, tomo emprestado as sábias palavras do grande educador para dizer que "em nenhum momento e em nenhum lugar onde estive, estou mais tocado", estou mais feliz, do que aqui e agora.

Da implantação pioneira do Método Paulo Freire se passaram 50 anos, e se naquela época eram chamadas de tijolos as sílabas que ajudavam a construir as palavras, que ajudavam a construir não somente o saber, mas sobretudo, preocupavam-se com a politização dos sujeitos, é possível constatar que ainda hoje precisamos desses tijolos.

Precisamos de tijolos para continuar construindo sonhos e oportunizando aos cidadãos brasileiros a esperança de uma sociedade em que todos possam ter acesso à educação, e de qualidade.

Uma educação que inclua e que liberte nosso povo das amarras das sombras, que impediram o nosso mestre Paulo Freire de continuar o seu projeto, em virtude do golpe militar de 64, que ceifou a liberdade no Brasil.

É possível que os tijolos de hoje não sejam os mesmos de 50 anos passados, que sejam tijolos como a chegada do campus da Ufersa em Angicos, a implantação do Memorial Paulo Freire e que, juntamente com as demais redes de ensino, possamos contribuir para num futuro próximo comemorar números menores de analfabetismo, melhorar a valorização do magistério e da educação como um todo.

No que compete à municipalidade, não estamos medindo esforços para alcançar estes e outros objetivos. Para isso, apoiamos as boas propostas de ensino, proporcionamos aos nossos alunos ambientes adequados para uma aprendizagem que possa contribuir para a construção de cidadãos livres e conscientes dos seus direitos na sociedade.

É hora de união, de lutar para colocar em prática nossos ideais, para colocar em todos os nossos propósitos referentes à educação do nosso povo, pois como diria Paulo Freire "a teoria sem a prática vira 'verbalismo', assim como a prática sem teoria vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria, tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade".

miolo_vfinal.indd 223 16/07/2014 12:41:49

Que possamos juntos transformar a realidade.

Sintam-se todos acolhidos, desejo bom evento para todos e muito obrigado pela atenção.

Saudação de Lutgardes Costa Freire

Queridos amigos, queridas amigas,

Vocês não imaginam minha alegria por participar desse evento que celebra os 50 anos de Angicos. Quando tudo aconteceu, eu tinha menos de 5 anos, mas percebia no ambiente familiar uma dose enorme de alegria dos meus pais e das minhas irmãs, mais velhas do que eu. Uma alegria "menina", como dizia o meu pai.

Eu nunca tinha vindo antes a Angicos. Tinha me encontrado com vocês, os alfabetizandos, em Natal, quando recebi da Prefeitura um prêmio em comemoração de cidadão de Natal. Foi lá que os vi pela primeira vez, e hoje vos "revejo", cheio de alegria de representar um pouco o meu querido pai, com quem vocês se alfabetizaram e se conscientizaram, juntamente com monitores aqui presentes, como Marcos Guerra.

Estar aqui em Angicos hoje é ver que foi daqui que tudo partiu, é saber que foi aqui que tudo começou para o meu pai, para vocês, para um país que teria se desenvolvido mais e melhor, não fosse o golpe civil-militar que interrompeu a plena vivência da democracia e a liberdade de expressão.

Foi com vocês, com a palavra "belota", que tudo começou, que tudo começou a germinar, a brotar, a crescer. Foi com vocês que o presidente João Goulart assistiu a última aula de alfabetização, e aprovou o método do meu pai para todo o país. Criava-se então o Programa Nacional de Alfabetização. Mas após o golpe, foi o primeiro, senão um dos primeiros decretos, que o governo militar fez questão de revogar, dando lugar a aulas vigiadas, por parte dos "militares" à paisana, e ao medo de se reunir, de falar, de escrever.

Quando o golpe chegou, a primeira coisa que vocês fizeram foi enterrar os projetores, os cadernos, enfim, tudo que pudesse lembrar aquela Experiência de Angicos, tão bonita, singela e transformadora. Tiveram então que viver sem meu pai, sem as aulas, sem a curiosidade, porque até isso era perigoso.

Não falo de tudo isso como alguém que se queixa, mas para dizer que não foram só os estudantes, os professores, os padres, os intelectuais, os artistas que foram presos. Foram também os camponeses, os operários, os pobres, enfim, o povo oprimido desse país.

Toda esta história nos leva a reconhecer que é preciso construir um novo país! Um país verdadeiramente

miolo_vfinal.indd 224 16/07/2014 12:41:49

"Toda esta história nos leva a reconhecer que é preciso construir um novo país!", afirma Lutgardes Costa Freire

Foto: Guanabaratejo/Carlos Fernando Teixeira de Macedo

democrático, humano, justo, onde não exista a relação perversa de opressores e oprimidos e, principalmente, onde não haja o medo de amar. Obrigado.

As 40 horas de Angicos: vítimas da Guerra Fria?

Marcos Guerra

No dia 2 de abril, a programação foi aberta com uma apresentação cultural do cordelista Hailton Mangabeira e teve a assinatura da Ordem de Serviço para construção do Memorial Paulo Freire: Museu e Centro de Formação, pelo reitor da Ufersa, José de Arimatea de Matos; o lançamento do Pacto Paulo Freire pela Educação de Jovens e Adultos, pela secretária de Educação do Estado do RN, a professora Betania Leite Ramalho; e a conferência de Marcos José de Castro Guerra com o tema As 40 horas de Angicos: vítimas da Guerra Fria?

***Marcos Guerra** insistiu em um tema que gosta muito de tratar: o da relação entre teoria e prática. "Aprendemos com a teoria do Paulo, mas também a nossa prática questionou a teoria do Paulo, a nossa prática aperfeiçoou a teoria do Paulo, a nossa prática obrigou Paulo a rever alguns itens, não só Paulo, mas*

miolo_vfinal.indd 225 16/07/2014 12:41:53

toda a equipe do SEC. Se Paulo estivesse aqui hoje – eu acredito que está, feliz –, ele diria que a semente germinou numa terra árida. E quando ela germina numa terra árida, ela se multiplica. Cabe a nós, que estamos aqui, permitir que ela não se atrofie. Que ela realmente continue a se multiplicar".

Eis alguns trechos da fala de Marcos Guerra:

Como a teoria de Paulo, não fazíamos diferença entre os saberes. Nenhum valia mais do que o outro. Todos tinham igual valor. E a gente aprendia todo dia, aprendia conceitos, visão de mundo, aprendia também palavras novas. Nós, universitários, aprendíamos palavras novas. Paulo tinha uma teoria, mas, como todos nós, ele aprendia com a reflexão crítica sobre sua própria prática. É preciso, também, aprender com as práticas. São elas que vão nos permitir enfrentar e vencer ou perder, no concreto, quando se implanta uma nova política pública. Vencer ou perder. Nós perdemos durante uma fase, nós perdemos para a ditadura, nós perdemos para bem mais que a ditadura.

O pessoal vinha para aprender as letras, mas, durante as duas primeiras noites, não foi apresentada nenhuma letra. Foram aulas de cultura. Ainda assim, a sala não esvaziava, a janela enchia – e a porta também. Havia gente olhando do lado de fora da janela, curiosos, querendo aprender. Trezentos e oitenta se inscreveram, embora houvesse mais analfabetos, mas só concluíram 300. A primeira vez que a gente chegou a Angicos (deve ter sido em outubro, novembro de 1962, subimos na torre da igreja, desenhamos um mapa tosco das ruas e a equipe foi visitar rua por rua, fazer um levantamento preciso e completo se havia analfabeto ali. Contar o que nós iríamos fazer, e realizar uma pré-inscrição.

O projeto resultou numa mobilização imensa da cidade. Em algumas ruas não havia como abrigar uma sala de aula, muito menos no Círculo de Cultura, que é muito dinâmico. Ninguém fica passivo lá dentro. Mais da metade dos Círculos de Cultura foi em casas privadas, e as carteiras invadiram as salas dessas casas privadas durante perto de 90 dias, inclusive nos fins de semana. Mudou a rotina cotidiana ao longo

miolo_vfinal.indd 226 16/07/2014 12:41:53

de um período grande, em sacrifício e ao mesmo tempo investimento. E a comunidade agradeceu em cada bairro, quem acolheu aquela situação. Em poucos lugares as aulas aconteceram em salas de aula, em escola ou em organizações não governamentais, como se diria hoje, em associações.

Nós, os estudantes, que aqui exercemos a função de coordenadores, tínhamos feito parte de uma formação na Faculdade de Direito, em Natal, com Paulo Freire e sua equipe do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife (SEC). Em novembro, fizemos esse pré-levantamento e, em dezembro, o levantamento do universo vocabular, que palavras esses analfabetos conheciam, qual é o vocabulário deles. A partir do universo vocabular, nós discutíamos com a equipe do SEC. Fazíamos análises, desvendando aquele mundo. Paulo Freire nos dizia: "Não temos analfabetos orais, as pessoas sabem pronunciar o seu mundo, sabem descrever". E acrescentava: "Mas não sabem desvendar; é preciso tirar a venda nessa descrição". Para esse papel, a aula de cultura era essencial.

A primeira palavra foi *belota*. Logo depois, seguem-se outras palavras, dia por dia. E lá foram 40 noites, até 16 de março, quando tivemos a aula final e anunciamos a aula de encerramento com o presidente da República, que seria em 22 de março e acabou acontecendo dia 2 de abril.

O material da Experiência de Angicos, em grande parte foi destruído. Em casa de meus pais, que não tinham nada que ver com a coisa, entraram na casa deles procurando um filho porque seria comunista e destruíram a biblioteca, a minha. Felizmente não foi a deles, a

Foto: Guanabaratejo/Carlos Fernando Teixeira de Macedo

"Angicos foi realmente um nascedouro, um laboratório", declara Marcos Guerra

minha era numa garagem, mas isso foi destruído três vezes por pessoas fardadas com a farda do Exército brasileiro, manipuladas evidentemente.

O material de Angicos partia de desenhos simples. Era um *slide* projetado numa sala escura e a gente simplesmente pedia que se descrevesse o que se via. Não temos analfabetos orais. Descobrimos que havia um ou outro que precisava de óculos, mas isso era outra coisa, que se resolvia. Esse é um problema que aparece na alfabetização. E as pessoas começavam a falar, a descrever o que viam. Então, nós, pouco a pouco, identificávamos que havia aí objetos que a antropologia cultural chama "objetos da natureza" e objetos que chama de "objetos da cultura", ou seja, são fruto do trabalho humano que transformou a natureza. Nós recebemos um mundo posto, dado, mas nesse mundo, nosso papel é aperfeiçoar esse mundo inacabado, que precisa da nossa práxis, do nosso trabalho.

O nosso objetivo com a aula de cultura era começar a identificar o papel do homem no mundo. Por que isso é importante? Porque a maioria dos que se sentaram ali se situou no mundo num papel secundário ou bem mais que secundário. Subordinado, dominado, oprimido, porque foi assim que lhes foi explicado. Porque foi assim que lhes foi dado. E era preciso que a pessoa se redescobrisse, que descobrisse que seu trabalho era importante, que mesmo um pedreiro que faz cacimba, tem tecnologia, tem invenção, tem criatividade. Descobrir que cada um tem uma história que pode aperfeiçoar, que nos cabe transformar.

Angicos foi realmente um nascedouro, um laboratório. E temos de nos orgulhar do que fizemos. Acho que o que poderíamos chamar de o Ovo de Colombo de Paulo Freire foi começar com a aula de cultura. Osmar Fávero chamou de Ovo de Colombo, porque todo mundo poderia ter feito, mas ninguém tinha feito antes. Estava disponível para todo mundo, mas foi Paulo quem primeiro teve a lucidez de perceber que era fundamental como ponto de partida para mudar atitudes, para mudar conformismos, para mudar subserviências, para mudar a pedagogia e a educação.

Paulo Freire trabalhou muito a ideia de que o importante para nós, coordenadores, não era sabermos ensinar. Dizia que isso é uma coisa que não é o mais importante. Mais importante é saber como o aluno aprende. E ele dizia, aliás: "Eu não faço alfabetização, eu trabalho". Quando ele aceitou conversar sobre o método, ele dizia que era um método de aprendizagem ou um método de conhecimento – e não um método de alfabetização.

Honrar o legado de Paulo Freire é dar prioridade à alfabetização como direito universal, eu não vejo outra saída.

miolo_vfinal.indd 228 16/07/2014 12:41:56

Foto: Guanabaratejo/
Carlos Fernando Teixeira de Macedo

Círculo de Cultura coordenado pelo professor Marcos Guerra com os educandos da Experiência de Angicos, 50 anos depois

Podem existir projetos de três ou cinco anos, mas Paulo preferiu dar prioridade ao direito humano de ter esse acesso à alfabetização, em curto espaço de tempo, mas que não iria limitar-se a esse tempo. Paulo se negou a fazer uma coisa mais prolongada que ele chamava de "elitista", porque ele disse ao ministro da Educação: "Eu posso fazer para menos pessoas uma alfabetização inteiramente completa que dura cinco anos, mas vai ser para menos pessoas. Nós estamos falando de alfabetização universal a curto prazo para todo mundo como um direito".

Com isso, não estou fazendo nenhum discurso contra as ações melhores do que as que a gente fez. São coisas diferentes. Uma coisa é todo o trabalho complementar a partir da parte inicial da Educação de Jovens e Adultos, que é fundamental. Ninguém deve começar uma política para condenar pessoas a ficarem apenas no primeiro estágio. O que eu defendo (não estou acusando ninguém de estar fazendo errado) são políticas complementares. Hoje, o Brasil tem capacidade de fazê-las – na época, a gente não tinha. Era o começo, mas um começo pleno. As pessoas saíam integralmente alfabetizadas.

miolo_vfinal.indd 229 16/07/2014 12:42:00

Foto: Guanabarateio/Carlos Fernando Teixeira de Macedo

Valquíria Felix da Silva, uma das monitoras na Experiência de Angicos

Cidadã Honorária Angicana

Valquíria Felix da Silva

No dia 3 de abril de 2013, **Valquíria Felix da Silva**, representando os monitores da Experiência de Angicos, recebeu o Título de Cidadã Honorária Angicana, concedido pela Câmara de Vereadores. Reproduzimos aqui alguns trechos de seu discurso de agradecimento.

Eram ações baseadas numa atitude missionária, revolucionária, porque libertadora, para levar uma mensagem nova, de despertar consciências. Mais que isso, no dizer do mestre Paulo Freire, de desvelamento, de reconhecimento do valor de cada um, como ser humano, como ser social e político, e de suas possibilidades e necessidades de participação ativa na vida. Sim, porque para o nosso querido e saudoso Mestre da Esperança, como foi cognominado, a pedagogia que iríamos implantar fazia a diferença entre alfabetizar e letrar, entre desenvolver consciências e ensinar riscos e rabiscos, pensamento e ação, ideias novas que notabilizaram, nacional e internacionalmente, o seu criador.

Éramos jovens universitários, de diversas formações (Filosofia, Direito, Pedagogia, Farmácia, Serviço Social, Medicina, Jornalismo, Odontologia, Letras etc.) e dois secundaristas de escola pública, movidos por um forte idealismo que se revestia não só de boa vontade ou de teoria, mas, sobretudo, de capacidade para gerar ações conscientes, instigadoras e consequentes, apressados que éramos pelo muito que se tinha para ser, pensar e fazer.

É certo que vivíamos um tempo diferente, como diferente são todos os tempos que se sucedem ininterruptamente. Mas, aquele, era

miolo_vfinal.indd 230 16/07/2014 12:42:03

particularmente distinto, uma época de ebulição, pois buscávamos um desenvolvimento que não se traduzisse somente nos moldes do crescimento econômico, para constarem de gráficos estatísticos, mas, sim, que se refletisse, prioritariamente, no desenvolvimento humano, compreendido nas suas várias dimensões: material, emocional, psíquica, espiritual, ética, social e política.

Havia uma ânsia por mudanças, não ditadas e decididas de cima para baixo. Acreditávamos ter atingido maioridade e, por isso, lutávamos para que traduzissem nossas reais necessidades e possibilidades, capazes de concretizar profundas transformações. Planejávamos, elegíamos objetivos e iniciávamos a viagem para atingir metas traçadas.

E foi graças à mensagem que levávamos, através de conversas intermináveis, afagos, demonstração de apreço e seriedade, que conseguimos fazer uma pesquisa sociológica (novembro/dezembro de 1962), da qual colhemos palavras e assuntos mais repetidos, a eles mais familiares. Registramos dessa forma o que chamávamos de "universo vocabular", necessário para a seleção das palavras-chave, denominadas geradoras, que se constituiriam no material didático: *slides*, desenhos, fichas com famílias de sílabas, base do processo global de aprendizado. Identificamos cerca de 410 palavras, mais ou menos, em torno das quais se desenharam situações projetadas num cineminha motivador, que os animava a falar e a se abrir para o Círculo e para a vida. E foi através de imagens agrupadas em sequência, que se denominou "aula de cultura", fichas ainda sem palavras escritas, que se sentiram mobilizados e descontraídos, criando-se um clima favorável a se descobrirem como seres pensantes, como sendo senhores de suas histórias, seus sentimentos, crenças e pensamentos, enfim, descobrirem-se no seu contexto e assim poderem adquirir a capacidade de analisar, avaliar e buscar caminhos.

Nesse percurso, reconheceram que não só tinham fome de comida, mas, também, de um outro tipo de fome que eles denominaram de "fome da cabeça", fome de justiça.

miolo_vfinal.indd 231 16/07/2014 12:42:03

Analfabetismo deve ser considerado como "pobreza extrema"

Moacir Gadotti

O dia 3 de abril de 2013 começou com o lançamento da *Revista de Informação do Semiárido* (RISA) – Edição Especial sobre os 50 anos de Angicos depois do trabalho pioneiro de Paulo Freire nas 40 horas – e prosseguiu com a mesa-redonda *As 40 horas de Angicos, Paulo Freire e sua influência nas práticas de Educação de Adultos no Brasil e em Portugal,* com a participação de Moacir Gadotti (Instituto Paulo Freire/Brasil), Luís Alcoforado (Universidade de Coimbra/Portugal) e a mediação da professora Rita Diana de Freitas Gurgel, da Ufersa, seguindo-se um Círculo de Cultura com *Relatos das experiências dos ex-Coordenadores dos Círculos de Cultura e ex-educandos das 40 horas.* No enceramento, à tarde, foi concedido o Título de Cidadão Angicano aos ex-coordenadores dos Círculos de Cultura.

Moacir Gadotti, em sua fala, relembrou, inicialmente, que havia estado em Angicos com Paulo Freire em 1993, numa viagem que Paulo Freire chamou de "viagem sentimental", pela emoção de reencontrar amigos 30 anos depois de sua experiência. Gadotti enfatizou o que defendia há tempo: que o Projeto Político-Pedagógico de Paulo Freire em Angicos era um repensar da própria educação, da educação em geral, e da educação pública e popular em particular, como uma contribuição para a constituição da democracia e da cidadania. Por isso se fala em Sistema Paulo Freire de Educação, no qual o Método Paulo Freire era apenas o começo. Angicos representava uma experiência-piloto para algo muito maior que era o Programa Nacional de Alfabetização. Foi considerando esse significado histórico maior que, em setembro de 2005, o então presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva esteve em Angicos, na cerimônia de entrega dos certificados de alfabetização de 3 mil alunos do Projeto MOVA-Brasil/Brasil Alfabetizado.

Eis alguns trechos da fala de Moacir Gadotti.

miolo_vfinal.indd 232 16/07/2014 12:42:03

Foto: Guanabaratejo/Carlos Fernando Teixeira de Macedo

Moacir Gadotti, presidente de honra do Instituto Paulo Freire, compartilha as histórias de quando, após 30 anos (em 1993), voltou a Angicos com Paulo Freire

Angicos, além de um símbolo da luta contra o analfabetismo no Brasil, é marco pela universalização da educação em todos os graus, superando a visão elitista. Angicos foi um projeto de cultura popular que imaginou e concebeu um projeto nacional de educação para uma sociedade democrática com justiça social. No discurso que Paulo Freire fez aqui, no dia 2 de abril de 1963, enfatizou os princípios científicos e filosóficos do seu método, propondo uma educação que "conscientize o povo brasileiro" e supere a "compreensão predominantemente mágica", por uma "visão crítica do saber". Explicou aos presentes os passos de sua metodologia que impulsionava os alfabetizandos a serem "sujeitos da sua própria história".

Vivemos um momento novo e virtuoso na educação brasileira, com grandes realizações no acesso à Educação Infantil e ao Ensino Superior, na expansão do Ensino Técnico, na política de educação inclusiva e na melhoria da Educação Básica em busca de sua universalização. Angicos nos inspira a continuar nesse processo, ampliando a luta pelo fim do analfabetismo da vida de milhões de jovens e adultos brasileiros, como compromisso de um governo democrático e popular. Esta poderá ser uma marca fundamental de um "Brasil sem miséria", pois é sabido que o analfabetismo é fator e produto da miséria de um povo.

Assim como estamos fazendo uma "busca ativa" pela miséria invisível, que esconde a pobreza extrema (que não está no Cadastro Único do Bolsa-Família), devemos prosseguir numa busca ativa por todos os analfabetos brasileiros e universalizar a alfabetização e Educação de Jovens e Adultos.

miolo_vfinal.indd 233 16/07/2014 12:42:07

Analfabetismo deve ser considerado como "pobreza extrema". Educar para um país sem miséria é, sobretudo, educar os que mais necessitam da educação, que tiveram seu direito à educação duplamente negado: primeiro quando não puderam como crianças frequentar a escola, e depois, como adultos, que veem novamente que a escola não lhes é acessível.

Hoje não estamos aqui apenas para celebrar, mas para retomar o projeto freiriano que representa muito mais do que um projeto de alfabetização de adultos. Representa, sobretudo, um projeto de nação, um projeto de nação alfabetizada. É a retomada de uma filosofia e de uma política.

O analfabetismo adulto é um grande muro que separa os que sabem ler dos que não sabem. Trata-se de um verdadeiro *apartheid* social que ainda existe entre nós. E não se trata só do analfabetismo em relação às letras, mas de um analfabetismo político.

Os analfabetos têm urgência. "Quem tem fome, tem pressa", dizia o sociólogo Herbert de Souza, o Betinho (1935-1997). Os analfabetos não podem esperar. Com isso, não se quer dizer que devamos fazer as coisas apressadamente, de qualquer jeito. Precisamos de qualidade. Precisamos de uma política nacional de EJA que o País ainda está devendo, uma política de Estado e não apenas programas transitórios, conjunturais.

Por que o número de analfabetos é aproximadamente o mesmo de quando Paulo Freire aqui realizou essa notável experiência, há exatamente 50 anos? Por vários motivos: a) porque a escola ainda não está dando conta: muitos saem da escola analfabetos; b) porque a escola não recebe os alunos jovens e adultos que conseguem se alfabetizar e eles acabam regredindo ao analfabetismo. Acabam matriculando-se em outros cursos de alfabetização.

Há uma continuidade trágica na história do analfabetismo no Brasil: muitas das famílias que eram analfabetas há 50 anos continuam analfabetas hoje. Analfabetismo produz analfabetismo. Descendentes de analfabetos de ontem continuam analfabetos hoje.

Há ainda um grande equívoco metodológico em muitos programas de EJA e que afugenta muitos adultos interessados em se alfabetizar: trata-se de um currículo que não interessa ao analfabeto adulto. Paulo Freire, há 50 anos, já alertava para esse equívoco dizendo que era humilhante para o analfabeto ter o mesmo currículo, os mesmos conteúdos e a mesa metodologia que era utilizada para as crianças. Por isso, ele revolucionou a Educação de Adultos criando um método que o notabilizou no mundo: as 40 horas de Angicos.

Mas hoje isso é ainda muito mais grave: com o desenvolvimento das

miolo_vfinal.indd 234 16/07/2014 12:42:07

novas linguagens e novas tecnologias (celular, computador, TV, vídeos, as diversas mídias...) há uma nova cultura popular de uso intensivo da comunicação. Os alunos se sentem desconfortáveis com um currículo centrado no domínio da cultura letrada, não levando em consideração o quanto o domínio da comunicação e das novas tecnologias são necessários não só na vida diária (pagar uma conta, usar um caixa eletrônico...), mas para qualquer forma de trabalho, emprego e renda. Hoje até o jogo do bicho não se faz mais por meio de bilhetes: o jogo hoje usa maquininhas iguais às do cartão de crédito – os números saem impressos como qualquer conta. E mais: você pode pagar o jogo do bicho com cartão de crédito!

O que Paulo Freire nos ensinou é vigente hoje. É válido: nós precisamos valorizar mais a cultura popular, os saberes populares. Partir do que a experiência já ensinou a tantos analfabetos que, sob muitos aspectos, sabem muito mais do que os alfabetizadores. Nossos cursos e nossas escolas deveriam valorizar mais seus saberes, certificar esses saberes. Muitas vezes, o que eles procuram em nossos cursos é a possibilidade de creditar seus saberes, reconhecer seus saberes e valorizá-los, para que eles possam, a partir do que conhecem, conhecer melhor o que já conhecem e poder conhecer o que não conhecem – e continuar aprendendo ao longo de toda a vida.

Por tudo isso, quero dizer hoje que a semente que Paulo Freire plantou aqui, em 1963, ainda não germinou. A causa de Paulo Freire precisa ser completada por todos e todas nós. Ela só será completada quando o Brasil estiver livre do analfabetismo.

Um total de 36 milhões de brasileiros já superaram a pobreza. Foi dada prioridade às crianças e jovens considerados como o futuro do Brasil. Mas para essas crianças e jovens terem futuro, precisam do apoio da família, da educação dos pais e familiares, precisam da EJA. As crianças e jovens não vão sair da miséria sozinhos. Precisam dos adultos. É a família como um todo que precisa sair da miséria, e a miséria está associada ao analfabetismo. É irmã gêmea do analfabetismo. Por isso, não podemos nem devemos separar a educação de crianças e jovens da Educação de Adultos. Seria um grave equívoco, comprometendo a construção do País que queremos: justo, produtivo e sustentável.

miolo_vfinal.indd 235 16/07/2014 12:42:08

Foto: Guanabaratejo/Carlos Fernando Teixeira de Macedo

Pedagoga Eneide Pires, ao lado de Lutgardes Costa Freire (*à esq.*), José Eustáquio Romão e Vilma Guimarães. Eneide, em 1963, com 7 anos, acompanhava seus pais, Francisca e Severino, alfabetizandos da Experiência de Angicos (RN)

É preciso retomar Angicos

José Eustáquio Romão

Na ocasião, o diretor do Instituto Paulo Freire, **José Eustáquio Romão**, membro do Conselho Nacional de Educação e da Comissão Nacional Paulo Freire, 50 anos de Angicos, falou da importância de retomar Angicos "para descobrir o caminho possível para a universalização da alfabetização e da educação de adultos no Brasil".

Foi preciso vir a Angicos, tanto tempo depois da experiência vitoriosa de alfabetização coordenada por Paulo Freire, para descobrir por que não conseguimos universalizar a alfabetização, nem muito menos a Educação de Adultos no Brasil.

Aqui, neste sertão nordestino, há 50 anos, o criador da *Pedagogia do oprimido* (1970) – que, portanto, ainda não estava publicada, nem provavelmente escrita –, com um grupo de jovens estudantes, iniciou e concluiu uma experiência de Educação de Adultos que começou com um número pequeno de alfabetizandos e alfabetizandas e terminou com um número maior do que quando começara.

Por que, ao contrário de Paulo Freire, sempre que se abrem turmas de Educação de Adultos com um número expressivo de alunos, em geral termina-se com poucos em cada uma delas, perdendo-se, ao longo do processo, a maior parte

miolo_vfinal.indd 236 16/07/2014 12:42:11

deles? Qual o segredo, qual a mágica, qual o mecanismo, qual o instrumento, enfim, qual o "aparato pedagógico" de que lançou mão Paulo Freire e seus colegas de trabalho em Angicos, há meio século, para que os estudantes não se "evadissem", mas, ao contrário, atraíssem outros(as) alfabetizandos(as), fazendo com que as turmas terminassem com uma matrícula final maior do que a inicial?

Retomo, aqui, um termo de que não gosto muito, porque "evasão" é sinônimo de fuga e de abandono. "Fuga" não se aplica bem aos discentes que deixam a escola, porque a maioria que nela esteve em geral a deixa depois de reiteradas reprovações e teimosas rematrículas, até que desanimam de vez. "Ah! Eu não tenho jeito para os estudos", exclamam muitas vezes, incorporando a inapetência e a incompetência que o sistema educacional meritocrático e discriminatório lhe debita na conta pessoal.

A maioria dos que buscam a escola na idade adulta é constituída pelos que nela já estiveram antes, na idade própria para a escolarização básica e, por razões fora de seu controle, dela foram, na verdade, expulsos. A ela retornam, já fora da idade própria, certamente motivados por razões mais fortes ainda do que as que a primeira entrada nela. Se são expulsos de novo, certamente jamais se motivarão para novo retorno aos bancos escolares.

Voltemos à questão mais importante: Por que Paulo Freire e seus companheiros de jornada – ele não era pedagogo e estava cercado de um grupo de estudantes que tampouco estudavam Pedagogia –, nos idos de 1963, tiveram tanto sucesso na alfabetização de adultos em Angicos, a ponto de chamar a atenção do governo federal, cujo presidente da República fez questão de estar presente na "formatura dos alfabetizados"? O que chamou tanto a atenção do mandatário máximo do país constatou na solenidade, em que certamente alfabetizados e alfabetizadas deram provas de sua nova condição de pessoas capazes da lecto-escrita da língua materna? O que o impressionou de tal modo que pediu a Paulo Freire que coordenasse um movimento nacional de alfabetização de adultos, usando a mesma metodologia aplicara em Angicos?

E o movimento só não prosperou porque o golpe militar de 1964 interrompeu as propostas democráticas do Estado Nacional-Populista, inclusive a de universalização da alfabetização com o Método Paulo Freire. Nessa altura, nem mesmo seu autor conseguiria evitar a expressão "Método Paulo Freire", por mais que, ao longo da vida, tentasse explicar que sua obra não se limitava a uma metodologia de alfabetização e Educação de Adultos.

Todos nós que estamos aqui em Angicos, 50 anos depois, pudemos

miolo_vfinal.indd 237 16/07/2014 12:42:11

constatar, nestes dois dias de seminário, com os maravilhosos depoimentos de testemunhos da época, que, se o que aqui fizeram há meio século fosse retomado *ipsis litteris* na alfabetização e educação de adultos de nosso país, certamente já teríamos universalizado os benefícios do mundo grafocêntrico para todos os brasileiros.

Assim, fica incompreensível constatar que haja mais analfabetos em Angicos, hoje, 50 anos depois, do que na época em que Paulo Freire aqui esteve. Esta perplexidade só pode ser explicada pelo abandono, pela não utilização do que aqui foi feito tanto tempo atrás, por mais que tenhamos evoluído nos fundamentos, nas metodologias e nos procedimentos pedagógicos para a Educação de Adultos.

O esforço que os alfabetizadores e educadores de adultos estão despendendo na atualidade merece todos os elogios e todos os louvores, mas os resultados precisam ser analisados criticamente, não com o intuito de desqualificar as intenções e o compromisso de quem aqui continua trabalhando no campo da EJA, mas no de verificar, construtivamente, por que os resultados não são proporcionais ao que contemporaneamente se investe em recursos materiais e humanos.

Não há segredo, não há mágica; a solução está na simplicidade das técnicas (Círculos de Cultura) que aqui aplicaram e que acabaram ficando conhecidas como Método Paulo Freire. Constituíram, na verdade, uma inovação freiriana no campo da Educação de Adultos, mas que, certamente, foram abandonadas posteriormente, seja pela força da inércia que impera na educação, seja pelos "modernismos" pedagógicos que não conseguem (ou não querem) reinventar Paulo Freire no século 21.

A aula de história sobre a aplicação do projeto de Paulo Freire de 50 anos atrás, dada por Marcos Guerra, pode ser o primeiro passo para uma jornada de sucesso na Educação de Adultos em Angicos e no Brasil. Precisamos retomar o que impressionou o presidente João Goulart à época, a ponto de ele ter convidado, pessoalmente, Paulo Freire para que ele se encarregasse da alfabetização de todos os brasileiros e brasileiras analfabetos.

Não existe história do "se", mas se não tivesse ocorrido o golpe militar de 1964, ou se ele tivesse sido retardado um pouco mais, certamente a história do Brasil teria sido outra, nas mais de duas décadas de regime militar, na medida em que a implantação e consolidação dos milhares de Círculos de Cultura teriam conferido aos brasileiros uma maior capacidade de reação.

Não foi por acaso que, desferido o golpe e implantado o Estado Autoritário, o "Estado de Não Direito", Paulo Freire foi um dos primeiros a serem presos. Mesmo que não fosse liderança de partido de esquerda, nem sequer

miolo_vfinal.indd 238 16/07/2014 12:42:11

fosse filiado, sua obra pedagógica, ameaçava mais as intenções dos golpistas do que qualquer outra iniciativa "subversiva". Este adjetivo passou a qualificar toda e qualquer pessoa contraria ao regime e toda e qualquer iniciativa que não se coadunasse com os desígnios do Estado Autoritário.

Concluindo, é preciso retornar a Angicos para descobrir o caminho possível para a universalização da alfabetização e da educação de adultos no Brasil.

Por que os movimentos progressistas portugueses escolheram Paulo Freire

Luís Alcoforado

Em sua fala, **Luís Alcoforado** enfatizou que os movimentos mais progressistas, que haviam sido proibidos durante o regime de Salazar, em Portugal, se apegaram às ideias da Paulo Freire durante o período de resistência e adotaram seu método de ação social na construção da democracia. "Por que escolheram Paulo Freire?" Luís Alcoforado responde: primeiro, pela eficácia do método. Esses movimentos progressistas tinham ouvido relatos de Angicos de que, em 40 horas, as pessoas aprendiam a ler e escrever. Segundo, porque, além de se alfabetizarem, elas também se conscientizavam, adquiriam uma visão crítica. Eis alguns trechos da fala de **Luís Alcoforado:**

Foto: Guanabarateio/Carlos Fernando Teixeira de Macedo

Luís Alcoforado, professor da Universidade de Coimbra, conta como foram adotadas as ideias de Paulo Freire em Portugal

Na primeira conferência da Unesco de Educação de Adultos, que ocorreu em Elsinore, na Dinamarca, o debate mais interessante foi entre os países nórdicos e a França. Os países nórdicos diziam o seguinte: "a Educação de Adultos não pode ser entregue ao Estado, porque se é verdade que a aposta na escola é uma educação pró-futuro, para mudar a sociedade no futuro, a aposta da Educação de Adultos tem que ser para mudar a sociedade de imediato, para mudar já, para mudar as pessoas e mudar as comunidades e a sociedade, e isso é perigoso". E os amigos suecos e dinamarqueses tinham o exemplo de baixo, da Alemanha, do que se tinha passado com o nazismo, que, por força de uma forte educação das comunidades, conseguiram chegar ao poder e, depois, exercê-lo. E também tinham outros exemplos, mais a leste, e, portanto, o que eles diziam é: "a Educação de Adultos deve ser da responsabilidade das ONGs, que com sua ética não lucrativa e seu saber fazer devem ter a principal responsabilidade nesta mudança". A França dizia o contrário: "não há educação sem ser pública". No sentido do que vinha da República Francesa, toda a educação tem que ser pública.

Claro que, como diz o professor Gadotti, nós poderíamos ter uma política pública que inclua as ONGs e todos os parceiros sociais, que é isso o que hoje defendemos. Portanto, a educação é uma responsabilidade do Estado, é uma responsabilidade pública, mas que pode, obviamente, envolver toda a sociedade.

Paulo Freire queria também promover a inclusão e a justiça social através da conscientização. Foi a leitura que esses movimentos, em Portugal, fizeram de Paulo Freire e do seu método, associando educação, cultura e política. Eles não tinham medo de dizer que queriam politizar. Portanto, são dados daquilo que estava nos documentos da preparação para a ação social em Portugal. Uma das constatações das práticas pedagógicas Paulo Freire é que toda ação cultural coloca desafios ao homem, objetivando a sua situação existencial, e na medida em que o homem responda aos desafios, ele produz a sua cultura, entendida como ação humana que transforma o mundo.

A alfabetização, no sentido de Paulo Freire, é um ato de conhecimento e um ato político. Foi assim que esses movimentos, em Portugal, compreenderam de Paulo Freire a educação como prática da liberdade. Foi aí que esse grupo se baseou: a alfabetização é um ato constitutivo da liberdade, tanto cívica quanto política, portanto, é por isso um ato criador de um homem novo e de uma sociedade nova. Este projeto que nasceu aqui, em Angicos, para construir um Angicos novo, um Brasil novo e um mundo novo, que este grupo também quis reinventar em Portugal.

miolo_vfinal.indd 240 16/07/2014 12:42:15

Paulo esteve na Europa e meus colegas trabalhavam com ele diferentes formas de conscientização. Eles sentiam que era necessário fazer um trabalho social. E é por isso que eles foram buscar Paulo Freire: para ajudar a conscientizar e promover uma mudança social a partir das pessoas. Em Coimbra, no final dos anos 1960, estudantes confrontaram a ditadura, o que levou muitos deles a irem para a guerra colonial, reivindicando democratização do ensino, um ensino para todos, uma universidade aberta a toda gente, uma universidade em sintonia com as necessidades da sociedade e numa tentativa de se aproximar da população, do povo, de semear distribuindo flores às pessoas. São esses estudantes que vão assumir esta vontade política de trabalhar com as pessoas. Uma das grandes constatações do grupo era que, estando naquela universidade, que foi durante séculos a única universidade do mundo português, devia ser uma universidade culturalmente incluída na região. Muito próximo da universidade existiam pessoas analfabetas e muitas outras que tinham problemas em termos de participação social.

Portanto, tivemos um processo de alfabetização emancipadora muito parecido com o que o professor Marcos Guerra descreveu: não há muita diferença, só apenas quanto aos números, 8 animadores para 8 grupos, 10 pessoas em cada grupo na alfabetização. Como vamos ver, o projeto não era só um projeto da alfabetização, era um projeto de alfabetização, pós-alfabetização e animação social. E a convicção do grupo era que o Método Paulo Freire se aplicava de igual maneira a esses três tipos de intervenção: alfabetização, pós-alfabetização e animação social. Era importante que as pessoas continuassem a sua escolarização e, assim, ter as mesmas oportunidades do resto da população.

Depois da fala do professor Marcos Guerra, posso afirmar, com certeza, que, em Portugal, também, o Método Paulo Freire foi vítima da Guerra Fria três anos depois. A União dos Estudantes Portugueses desejava usar o Método Paulo Freire para uma grande campanha da alfabetização do país todo, até porque o povo ainda era movido por referenciais fascistas.

miolo_vfinal.indd 241 16/07/2014 12:42:15

Na década de 1980 e 1990, e mais ainda depois, os educadores perceberam que, para trabalhar com os adultos, precisavam do pensamento do Paulo Freire. É por isso que digo que Paulo Freire passou a ser uma referência e uma inspiração para os educadores portugueses. Hoje, a Universidade de Coimbra tem disciplinas dedicadas a Paulo Freire, tem teses de mestrado produzidas sobre o pensamento de Paulo Freire. Temos na Universidade do Porto o Instituto Paulo Freire de Portugal.

Há um poeta português, Miguel Torga, que dizia: "o que nós temos que fazer é desafiar o futuro que queremos construir, o amanhã que todos os dias nós desejamos". Acho que é isto que eu estou a fazer aqui hoje. Pois bem, foi por tudo isso que vim até Angicos, porque vim aprender, porque vim sentir esta cidade, por ter oportunidade de falar convosco. Para terminar, eu quero deixar aqui o meu muito obrigado.

"Eu estive lá"

Em uma roda de conversa, ouvi depoimentos de alguns ex-alunos do mestre Paulo Freire. Reavivamos dentro de nós, cada vez mais, a chama da esperança de que um dia, assim como sonhou o Patrono da Educação Brasileira, Paulo Freire, nós vamos vencer a guerra contra o analfabetismo no país.

Foi assim que nos dias 2 e 3 de abril de 2013 vivenciei um dos momentos muito comoventes da minha vida, quando na condição de representante da Comissão de Educação da Câmara dos Deputados estive na cidade de Angicos, participando de intensa programação alusiva aos 50 anos da experiência pioneira de Educação de Jovens e Adultos experienciada por Paulo Freire em 1963, no governo Aluizio Alves. Ocasião em que autoridades no plano federal, estadual e municipais e representantes das instituições da sociedade civil formalizaram o lançamento do Pacto pela Educação de Jovens e Adultos, assinatura da ordem de serviço do Memorial Paulo Freire: Museu e Centro de Formação.

O método de alfabetização tinha um objetivo ousado: fazer com que os participantes aprendessem a ler e escrever e, ainda por cima, se politizassem em 40 horas. Essa experiência denominada *As 40 horas de Angicos* representou na concretude alcançada pelas proposições contidas da obra de Paulo Freire a inequívoca confirmação do seu compromisso político com os oprimidos. Nesse caso, com a efetiva aplicação de um método que tornou possível àqueles 300

miolo_vfinal.indd 242 16/07/2014 12:42:17

trabalhadores rurais desenvolver suas capacidades de aprender a ler o mundo criticamente, e dizer a sua palavra firmando sua cidadania. Daí porque, mais que um método, Paulo Freire deixou um legado extraordinário, sua concepção de alfabetização ia além da decodificação dos códigos linguísticos. Para ele, não basta aprender a ler e escrever, mais do que isso: a alfabetização acontece quando o sujeito é capaz de fazer uso social e político do conhecimento no seu cotidiano.

Ao criar uma proposta autêntica e revolucionária, a experiência teve grande repercussão no Brasil e no mundo. O educador brasileiro, reconhecido mundialmente, é autor de 40 obras que influenciaram e influenciam o pensamento e a prática de educadores mundo afora. Seu trabalho pioneiro rendeu-lhe homenagens de 41 universidades – as quais conferiram a Paulo Freire o título de Doutor Honoris Causa.

Na aridez de Angicos naquele 1963, também se cristalizou uma perspectiva pedagógica impregnada de sentido político, de uma educação emancipadora enquanto prática da liberdade. E essa foi a razão pela qual aqueles que urdiram o golpe militar de Estado em 1964, interrompendo o processo democrático, voltaram seus ódios para aquelas 40 horas. As palavras do marechal Castelo Branco, ao afirmar que "ali estão engordando cascavéis", ao referir-se a essa experiência, nos dão a exata noção do significado histórico e de natureza política daquele trabalho de alfabetização.

Certamente, se não tivesse sido interrompida, a experiência teria se expandido e atualmente não exibiríamos o índice de analfabetismo em torno de 8,6% no país, 16,9% no Nordeste e, em Angicos, em média 26%. A dimensão da grandeza do que ali foi experienciado, atestado pelo amplo reconhecimento social, notadamente nos meios acadêmicos nacional e internacional, faz jus à edificação do Memorial e do Centro de Formação, luta essa na qual nosso mandato foi parceiro, e que estão sendo erguidos em Angicos pelo Ministério da Educação. Sinal desses tempos de avanços da democracia brasileira que inverteu o papel do Estado – o antes algoz promotor da repressão e perseguições que impuseram a Paulo Freire o exílio, agora rende homenagens e constrói um espaço no qual a memória do feito será atualizada, possibilitando ao povo brasileiro situá-la valorosamente entre as nossas mais belas construções para fazer emergir plenamente nosso destino. Uma nação justa e solidária, uma sociedade de mulheres e homens emancipados, livre de todas as formas de opressão. Que assim seja! Que a sensação de justiça e o entusiasmo que nos envolvem, em face da grandeza desse gesto político de reconhecimento, nos impulsione no desafio de enfrentar e superar o analfabetismo existente, infelizmente, no nosso país ainda.

Viva Paulo Freire! Viva o povo brasileiro!

Fátima Bezerra
Professora e
Deputada Federal

Foto: Guanabaratejo/
Carlos Fernando Teixeira de Macedo

"Certamente, se não tivesse sido interrompida, a Experiência teria se expandido e atualmente não exibiríamos o índice de analfabetismo em torno de 8,6% no país, 16,9% no Nordeste e, em Angicos, em média 26%", afirma Fátima Bezerra

Foto: Guanabaratejo/Carlos Fernando Teixeira de Macedo

(*Da esq. para a dir.*): José de Arimatea de Matos; Francisco das Chagas Fernandes, Fátima Bezerra, Betania Leite Ramalho e Júnior Batista

Destacamos, a seguir, duas importantes falas das celebrações do Cinquentenário de Angicos, dia 2 de abril de 2013. A primeira de José de Arimatea de Matos, que lançou a criação do Memorial Paulo Freire: Museu e Centro de Formação, no campus de Angicos da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa), e a segunda de Betania Leite Ramalho, professora da UFRN e secretária da Educação do Rio Grande do Norte, que lançou o Pacto Paulo Freire pela Educação de Jovens e Adultos.

Memorial Paulo Freire: Museu e Centro de Formação

José de Arimatea de Matos

Reitor da Ufersa

Dada à riqueza do que foi a experiência de Paulo Freire para a educação em Angicos, para o Rio Grande do Norte, para o Brasil e para o mundo, a Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa), por meio do seu primeiro campus de expansão, vem mobilizando-se no sentido de contribuir para que a memória da experiência de Freire em Angicos, conhecida com as 40 horas, não se torne letra morta.

Consciente do papel de Freire no plano da pedagogia nacional e internacional, desde 2011, o Grupo de Pesquisa intitulado Paulo Freire: Gnoseologia, Realidade e Educação realiza

miolo_vfinal.indd 244 16/07/2014 12:42:25

estudos interdisciplinarmente com a finalidade de preservar e difundir o que perdura até hoje da experiência do educador nesta cidade, como forma de disponibilizar às gerações futuras o legado de Freire, para manter viva a memória de sua experiência de alfabetização de adultos.

O grupo empreendeu a elaboração de um projeto memorial que viesse a se tornar um marco referencial a Freire, no interior do campus. Nesse sentido, o Memorial Paulo Freire: Museu e Centro de Formação significará um marco histórico para a cidade de Angicos. Consistirá em um empenho e comprometimento da Ufersa, via financiamento do Ministério da Educação (MEC), no tocante à sua responsabilidade social, à preservação da memória histórica, de fomento à cultura e de melhoria dos indicadores sociais da região do semiárido norte-rio-grandense. Isto porque a localização do Memorial integra um importante eixo geográfico-cultural do Rio Grande do Norte, por se situar no Sertão Central (cidade de Angicos), o qual poderá, a partir da sua instalação, ser um marco de integração de um circuito educacional e cultural, bem como de visitação e de aprendizado. O ensino, a pesquisa e a extensão serão contemplados com essa ação, por meio de atividades (culturais e educacionais). O Memorial responderá às necessidades do povo dessa região, bem como as demandas de educadores, gestores e educandos da educação básica, notadamente da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), de estudantes de graduação e pós-graduação e de pesquisadores (do estado do Rio Grande do Norte, do país e até de outros países), que realizarão seus estudos e suas pesquisas.

O Memorial Paulo Freire: Museu e Centro de Formação constituir-se-á em espaço de registro e difusão dos bens da cultura material e imaterial produzidos por Paulo Freire e do povo que abriga a região semiárida (homens e mulheres), por meio da oferta de exposições permanentes, de exposições temáticas periódicas, apresentações culturais e pela oferta de formação de professores de Educação Básica alinhada à Pedagogia de Freire.

Eventos em parceria com outras instituições, no intuito de contribuir para a construção de um sentimento de identificação e pertença da população da região semiárida com a ação de Paulo Freire, também vêm sendo promovidos. Em setembro de 2012, foi realizado o *I Encontro de Educação de Jovens e Adultos e Educação Popular de Angicos: Contribuição e Apropriação da Pedagogia de Paulo Freire no Combate Hodierno ao Analfabetismo*. Esse evento foi o pontapé inicial para a criação de uma agenda nacional alusiva às comemorações do Cinquentenário das 40 horas de Angicos. Mais recentemente, para darmos

miolo_vfinal.indd 245 16/07/2014 12:42:25

início às atividades em 2013, no dia 23 de fevereiro, foi realizado o *Simpósio Internacional Múltiplas Visões de Paulo Freire na Contemporaneidade*, com o objetivo de começar a agenda de comemorações, no âmbito da Ufersa, dos 50 anos da exitosa experiência de alfabetização de adultos.

Um curso de Licenciatura em Pedagogia com área de aprofundamento em EJA está em fase de elaboração do projeto, por meio de uma comissão constituída, com o objetivo fundamental de formar profissionais com competências e aptidões compostas por uma pluralidade de conhecimentos teóricos e práticos que possibilitem a atuação crítica, reflexiva, contextualizada e inovadora, na educação básica.

É assim, com ações concretas, que a Ufersa participa das celebrações do Cinquentenário das 40 horas de Angicos. Sempre a serviço de Angicos, da educação e da cultura. Sempre perto dos princípios e das ideias freirianas, da integração dialética entre teoria e prática, da valorização dos saberes que emanam das experiências, da prática de ensino como exercício de aprender e aprender na diversidade, e da concepção de educação como ato político e de prática para a liberdade. (Fonte: MATOS, José de Arimatea de. "Palavra do Reitor". In: *Cinquentenário 40 horas de Angicos*. Angicos, Ufersa, 2013, p. 9-10).

Celebrar Angicos e firmar o Pacto pela EJA no RN

Betania Leite Ramalho
Professora da UFRN e Secretária da Educação do Rio Grande do Norte

Neste cenário de celebrações dos 50 anos da experiência freiriana aqui em Angicos (RN), inicio minhas palavras em nome de todos e todas que fazem a Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Norte. Na condição de representante da governadora Rosalba Ciarlini, evoco as belas palavras de um amigo freiriano que traduz a grandeza, a sensibilidade e a forte expressão do que representou e representa Angicos 50 anos depois. Refiro-me a Carlos Alberto Torres, diretor do Instituto Paulo Freire, da Universidade de Los Angeles (UCLA), Califórnia.

No momento de sua estada em Natal e aqui em Angicos, em 31 de março de 2012, em que tomávamos a decisão, junto com a governadora, de celebrar este Cinquentenário, conversávamos sobre Paulo Freire, seus sonhos, utopias e sobre nós, educadores engajados e comprometidos com as mudanças da sociedade por meio da educação. Ele, tão saudoso da convivência com Paulo Freire e tão inspirado, bem justificava: *Por que celebrar os 50 anos de Angicos?* Afirmava, com entusiasmo:

miolo_vfinal.indd 246 16/07/2014 12:42:25

"Não podemos suportar mais os elevados índices de fracasso escolar que atormentam a escola pública", declara Betania Leite Ramalho

Foto: Guanabaratejo/Carlos Fernando Teixeira de Macedo

"Angicos não pode ser simplesmente celebrado como o passado, senão como um farol que ilumina o futuro. Um farol onde se insiste na criação de um Sistema Nacional de Educação. Um farol onde se gesta a defesa da educação pública de pertinência e relevância, não somente de qualidade, senão de excelência no contexto de um Estado democrático. Um farol que postula a reinvenção da gestão pública em um Estado eficiente, honesto, e, sobretudo, que contribui ao bem comum do cidadão, construindo, ao mesmo tempo, a cidadania".

Com esta convicção e com a certeza, também, de que o legado de Angicos é patrimônio não apenas norte-rio-grandense, mas nordestino, brasileiro e para além do nosso país, me dirijo a todos e a todas que aqui vivenciaram, em 1963, as 40 horas e que aqui tanto aprenderam e tanto ensinaram e ainda ensinam os princípios e fundamentos da teoria freiriana pautada numa educação pública libertadora, emancipadora, democrática e cidadã para o nosso povo.

O nosso compromisso à frente da SEEC/RN está sendo o de redefinir o rumo do sistema estadual de educação iluminado pela teoria do conhecimento de Paulo Freire. Isto pressupõe reestruturar, no âmbito do projeto de educação do

miolo_vfinal.indd 247 16/07/2014 12:42:28

Estado, as bases e fundamentos de uma nova política de Educação de Jovens e Adultos em nosso Estado e, notadamente, em Angicos, em razão da persistente taxa de analfabetismo que insiste em continuar ainda tão elevada (acima dos 20%).

Com efeito, desde 2011, a Secretaria de Educação do Estado vem edificando um *Novo Projeto de Educação para o RN*, voltado para repensar a educação pública como indutora da formação democrática e da cidadania. Trata-se de conceber a Educação Básica como um projeto da sociedade, uma política de qualidade comprometida com a retomada do prestígio da escola pública, uma vez que está na educação o futuro de nossa sociedade e que aproximadamente 80% da população escolar é beneficiária deste sistema.

A tão propagada deficiência da escola pública é fruto do fracasso da sociedade, e o que mostra a realidade das escolas nada mais é que a ponta do *iceberg* do que está se passando nas famílias e na sociedade. Não podemos suportar mais os elevados índices de fracasso escolar que atormentam a escola pública, em razão da ingerência política partidária promotora de descontinuidades administrativas. Nosso projeto pauta-se, portanto, no compromisso, no diálogo, no planejamento de metas, ações e resultados a serem construídos e alcançados com o protagonismo dos professores, dos gestores, dos demais profissionais da educação e, principalmente, da família. Pressupõe que o desenvolvimento integral dos alunos como cidadãos seja equacionado com a promoção da qualidade pedagógica e social da escola e com um projeto de valorização pedagógica e profissional do magistério, já em curso. Nesse sentido, temos de esclarecer que o esforço para levar a cabo um trabalho exitoso e que prepare todos para um futuro exige sacrifício, comprometimento, persistência. Exige educar para além das ideologias, e tudo isso nos aproxima do pensamento freiriano!

Apoiados nesses princípios, consideramos que a melhor homenagem que poderíamos prestar a Paulo Freire, na passagem dos 50 anos de Angicos, seria fortalecer a articulação e o compromisso da Secretaria de Educação, em conjunto com o MEC, as Universidades, Centros e Cátedras

miolo_vfinal.indd 248 16/07/2014 12:42:28

de EJA, os Fóruns, a Undime, o MOVA-Brasil e as diversas entidades que atuam na área da EJA. Para tanto, foi criado o Pacto Paulo Freire para a Educação de Jovens e Adultos, nos moldes do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa ou como extensão desse pacto, entendendo-se que toda idade é certa quando se trata de um direito humano como a alfabetização e a educação ao longo da vida.

O Pacto da EJA tem como objetivo geral envidar esforços coletivos para a reformulação das políticas públicas e das práticas pedagógicas de EJA. Configura-se como um instrumento de governança entre poder público e sociedade civil no âmbito de cada uma das instituições pactuadas; enseja um olhar renovado e esperançosopara o futuro da EJA.

Apesar dos esforços e das iniciativas públicas, a EJA demonstra sinais de crise e de fracasso pela insuficiência na garantia do direito à educação e pelos expressivos níveis de abandono e evasão. A EJA carece, assim, não apenas em Angicos, mas em todo o RN e no país, de reestruturação conceitual condizente com as demandas da sociedade, do campo laboral e, principalmente, do ponto de vista pedagógico, curricular, que permita a edificação de processos educacionais e formativos mais expressivos e mais acorde à realidade e às necessidades deste segmento social.

Foto: Guanabaratejo/Carlos Fernando Teixeira de Macedo

Os educandos Manuel Bezerra e Maria Pequena no reencontro do Cinquentenário das 40 horas de Angicos (RN)

Visto por este prisma, a experiência pedagógica freiriana de Angicos há de ser vivida para além de uma celebração do passado, mas como inspiradora de um novo futuro para a EJA no RN e no Brasil. O estudo e a atualização da experiência freiriana por professores, gestores e pesquisadores se constitui, sem dúvida, no farol do conhecimento que nos guiará como o caminho a ser trilhado para a construção de uma nova Educação de Jovens e Adultos.

Tal perspectiva há de materializar-se por meio de uma concepção de EJA entendida como um *continuum* ao longo da vida, não limitada ao processo alfabetizador, entendida como um elemento formativo e cultural e não apenas meramente escolar, mas considerada, principalmente, como um direito articulador de um conjunto de outros direitos: ao trabalho, à moradia, à saúde, à cultura, às tecnologias, entre outros; nesse sentido, indutor de um conjunto de políticas públicas tratadas de modo intersetorial como projeto de cidadania libertadora tão apregoada pela teoria freiriana.

Esse é o sentido maior das celebrações que estaremos realizando ao longo deste ano, norteados pelo Decreto do Governo do Estado que instituiu "2013, Ano Paulo Freire da Educação do Rio Grande do Norte" (Decreto nº 23.323, de 27 de março de 2013). Com este decreto, queremos oferecer subsídios para, mais uma vez, registrar a história das 40 horas de Angicos e refletir os seus significados 50 anos depois, remarcando a atualidade da experiência e ressignificando a utopia em face de uma sociedade mais justa.

Agradecemos a todos os que se envolveram com nesta celebração: à governadora Rosalba Ciarlini, entusiasta maior de uma educação transformadora, ao MEC, à SECADI/MEC, aos professores e técnicos da SEEC/RN, da UFRN, da UFPB, da Ufersa, da UERN, da UFPE, do Instituto Kennedy, da Cátedra Unesco da EJA e do Centro Paulo Freire de Estudos e Pesquisas, do Fórum Potiguar de EJA, do Instituto Paulo Freire, do MOVA-Brasil e da Petrobras, à Fetarn, entre outros parceiros. Um agradecimento especial ao Prof. Dr. Moacir Gadotti e ao Prof. Dr. José Eustáquio Romão, do

miolo_vfinal.indd 250 16/07/2014 12:42:32

Moacir Gadotti e Valquíria Felix ao lado de uma das educandas da Experiência de Angicos

Instituto Paulo Freire de São Paulo, por se disporem a engajar-se na rede que formará o Pacto pela EJA.

Um agradecimento especialíssimo ao Dr. Marcos Guerra, que não mediu esforços para acompanhar todo o engendramento desta ação celebrativa, colocando a sua experiência, o seu saber, o seu entusiasmo, a serviço deste projeto, assim como a todos os protagonistas da experiência em Angicos, os coordenadores e monitores, os alunos alfabetizandos, a sociedade angicana. Um reconhecimento, também, à Comissão Regional e à Comissão Nacional *Paulo Freire – 50 anos de Angicos*.

A presença de tantas autoridades acadêmicas, políticas, um elevado número de estudantes, professores, gestores escolares e dos sistemas municipais e de personagens remanescentes da Experiência de Angicos, além da população em geral, toda essa mobilização em Angicos, nesses dois dias, renovará as esperanças e o compromisso do governo do RN com a luta contra o analfabetismo e com a educação que promova a justiça social.

miolo_vfinal.indd 251 16/07/2014 12:42:34

Pacto Paulo Freire pela Educação de Jovens e Adultos

Inspirados pelo valor simbólico do Cinquentenário da Experiência pioneira de alfabetização de adultos realizada pelo grande educador brasileiro Paulo Freire na cidade de Angicos (RN), conhecida como as 40 horas de Angicos; considerando a necessidade e a urgência de fortalecer as politicas de alfabetização e educação de jovens, adultos e idosos, de modo a universalizar o acesso à educação; e, também, considerando a atualidade do pensamento freiriano como alicerce de uma nova política pública educacional que contribua para o desenvolvimento socioeconômico como justiça social, para a democracia e para a cidadania, assim como a necessidade de promover práticas pedagógicas renovadas que assegurem de modo mais efetivo as aprendizagens escolares; as entidades abaixo relacionadas firmam o Pacto Paulo Freire pela Educação de Jovens e Adultos.

O Pacto tem como objetivo geral envidar esforços coletivos para a reformulação das políticas públicas e das práticas pedagógicas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) no âmbito de ação de cada Instituição, de modo que melhor favoreçam a garantia desta modalidade de ensino como um direito humano e social, já assegurado na Constituição Federal de 1988, na perspectiva de aprendizagem ao longo da vida.

O Pacto se configura como um instrumento de governança entre poder público e sociedade civil, entre Secretarias, Universidades, Cátedras e Institutos, Fórum EJA e UNDIME, incluindo empresas privadas, contando com o apoio do MEC para analisar a realidade da alfabetização e Educação de Jovens e Adultos e propor ações voltadas para o seu fortalecimento.

O Pacto enseja um olhar renovado e esperançoso de cara ao presente e ao futuro da EJA nos nossos estados, no Nordeste e no nosso país, e se constitui em uma resposta ao chamado da VI Confintea, realizada em Belém do Pará, no ano de 2009, de passar da retórica à ação.

Especificamente, este *Pacto* propõe:

1. Mobilizar a construção de *Planos Estaduais de EJA*, partindo de diagnósticos da EJA que assegurem a elaboração de objetivos, metas e estratégias, em consonância com a nova política de EJA. Um Plano Municipal de EJA para Angicos também deve estar previsto, de forma prioritária, de modo que, num futuro breve, a população angicana possa ter assegurada, de fato e de forma plena, o sonho interrompido de Freire de uma cidade sem analfabetos.
2. Organizar processos conjuntos de *formação de professores e gestores de EJA em nível de pós-graduação*, podendo ser adotada a metodologia da educação a distância e articulada à construção de proposta curricular inovadora de EJA que integre educação, saúde, trabalho, cultura, tecnologia, meio ambiente, direitos humanos e cidadania. Concursos e premiações podem ser realizados como forma de estímulo ao estudo, à pesquisa e à sistematização de práticas pedagógicas assentadas no pensamento e na prática freiriana.

miolo_vfinal.indd 252 16/07/2014 12:42:35

3. Criar um *observatório de EJA*, caracterizado como um banco de dados integrador de informações sobre as políticas públicas de EJA nos estados do RN e da PB, em primeira instância.
4. Realizar *Festivais de Aprendizagem*, no RN e na PB, com o objetivo de conferir visibilidade às aprendizagens formais e não formais dos sujeitos jovens e adultos e, ao mesmo tempo, buscar incidir sobre as políticas públicas de EJA, na formação de professores e na concepção de aprendizagem dos jovens e adultos, na perspectiva de aprendizagem ao longo da vida.
5. Fortalecer o Memorial Paulo Freire: Museu e Centro de Formação, a ser construído em Angicos, pela Ufersa, por meio da disponibilização dos materiais e das produções acadêmicas de nossas Instituições, ou que venham a ser produzidos, a exemplo de livros, teses e dissertações, fotos e vídeos, mídia eletrônica, entre outros, sobre a Experiência de Angicos e a obra de Paulo Freire.
6. Organizar, em conjunto, *publicações* dirigidas aos estudantes, professores e gestores de EJA, de modo a disseminar o *ethos* freiriano.

Por esses motivos e com base nas ações acima, firmamos o Pacto Paulo Freire pela Educação de Jovens e Adultos.

Angicos (RN), 2 de abril de 2013.

Assinam: Rosalba Ciarlini – Governadora do Estado do Rio Grande do Norte; Betania Leite Ramalho – Secretária da Educação do Rio Grande do Norte; José de Arimatea de Matos – Reitor da Ufersa; Mauro José da Silva – Ministério da Educação – Diretor da SECADI; Francisco das Chagas Fernandes – Comissão Nacional *Paulo Freire – 50 anos de Angicos*; Expedito Edilson Chimbinha Júnior – Prefeito Municipal de Angicos; Ângela Maria Paiva Cruz – Reitora da UFRN; Milton Marques de Medeiros – Reitor da UERN; Margareth de Fátima F. M. Diniz – Reitora da UFPB; Márcia de F. Lucena Lira – Secretária da Educação da Paraíba; Maria Edineide de A. Batista – Fórum Potiguar de EJA e UNDIME-RN; Timothy Denis Ireland – Coordenador da Cátedra Unesco de EJA; Maria Eliete Santiago – Coordenadora do Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas; Moacir Gadotti – Instituto Paulo Freire/SP; Jailson Melo Morais – Projeto MOVA-Brasil.

Moacir Gadotti assinando o Pacto Paulo Freire pela Educação de Jovens e Adultos

Foto: Guanabaratejo/ Carlos Fernando Teixeira de Macedo

5.3. Experiência viva e celebrada

Anderson Fernandes de Alencar
Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) e membro do Instituto Paulo Freire e da Universitas Paulo Freire - UniFreire

A Experiência de Angicos foi simbólica por uma série de razões, e não somente pelas 40 horas em que 300 moradores foram alfabetizados. Ela revelou a efetividade do que veio a ser conhecido por Método Paulo Freire; confirmou a necessidade de respeitar-se a cultura e os saberes prévios dos educandos, foi pioneira na utilização de tecnologias de comunicação no processo educacional (projetores de *slides*), experimentou a educação como ato político, de formação para o sujeito que reflete, que lê a sua realidade e nela intervém, entre muitas outras. Contudo, celebrar "Angicos" não é somente reportar-se ao passado. É refletir "Angicos". É transformar a realidade, buscando realizar os sonhos de homens e mulheres, por um Brasil livre do analfabetismo funcional e político.

É nesta perspectiva que, no contexto dos 50 anos da experiência de alfabetização em Angicos e do Programa Nacional de Alfabetização, que a Comissão *Paulo Freire – 50 anos de Angicos* estimulou a realização, animou e validou, por meio da cessão de um selo comemorativo, encontros e atividades inspiradas pelo tema da educação emancipadora e da alfabetização.

As celebrações tinham por objetivo "avançar nas políticas e ações de alfabetização, por meio do resgate do *ethos* freiriano da Educação de Adultos. As ações devem transcender o caráter meramente comemorativo, ganhando conteúdo pedagógico para dar continuidade ao *ethos* freiriano na educação brasileira".

miolo_vfinal.indd 254 16/07/2014 12:42:41

Nesta direção, contamos com dois grupos de celebrações: aquelas promovidas pela Comissão *Paulo Freire – 50 anos de Angicos* e as realizadas espontaneamente por entidades, universidades, movimentos populares ou governos.

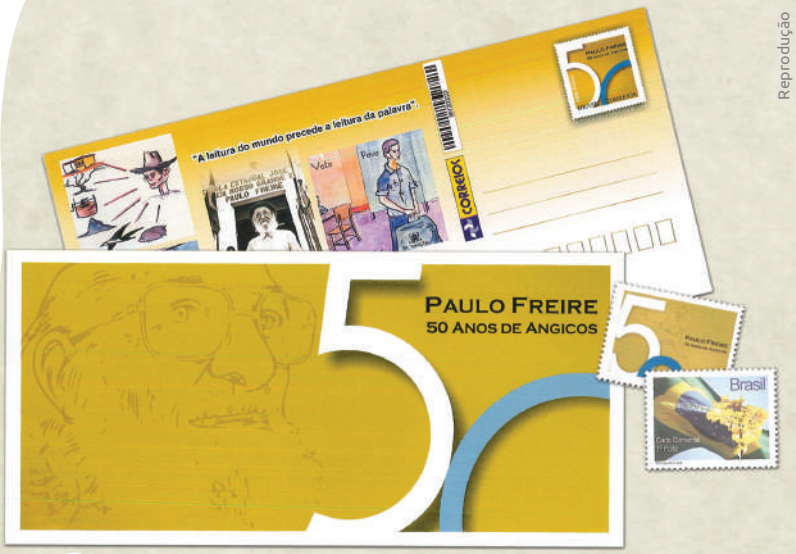
Foram muitas e de diversas naturezas: seminários, colóquios, homenagens, lançamentos, jornadas de estudo, simpósios etc. Todas elas inspiradas e refletindo a vida e a obra de Paulo Freire, bem como sua atualidade.

Para o registro e divulgação das celebrações, foi desenvolvido um site (angicos50anos.paulofreire.org), que acolheu uma série de atividades propostas e que vieram a receber e utilizar o selo dos 50 anos de Angicos.

A seguir apresentamos algumas destas celebrações e suas contribuições, cientes de que no Brasil, de escala continental, ocorreram outras atividades não registradas ou divulgadas.

Carimbo, cartão-postal e selo em homenagem ao Cinquentenário da Experiência das 40 horas de Angicos (RN), produzidos pelos Correios, em 2013

Foto: Fernando Leonel Henrique Simões de Paula



Reprodução

Foto: Letícia Verdi/MEC

Comissão *Paulo Freire - 50 anos de Angicos*, durante reunião, em 2013, com o ministro da Educação, Aloizio Mercadante, em Brasília

Comissão organizadora do programa de comemorações *Paulo Freire – 50 anos de Angicos*

Idealizada por Paulo Freire, iniciando sua luta pela erradicação do analfabetismo, e realizada com sua equipe de colaboradores entre 18 de janeiro e 2 de abril de 1963, a histórica experiência de Educação de Adultos em Angicos constitui até hoje marco referencial do desenvolvimento das teorias e práticas de educação conscientizadora e emancipadora do ser humano. O exitoso resultado dessa iniciativa levou o MEC a criar, no mesmo ano, o Programa Nacional de Alfabetização, coordenado por seu inspirador Paulo Freire. Considerando sua relevância histórica, o Ministro de Estado da Educação, Aloizio Mercadante, em 6 de novembro de 2012, nomeou uma Comissão Especial para organizar as comemorações dos 50 anos da experiência de Paulo Freire em Angicos, composta pelos educadores:

- Francisco das Chagas Fernandes – Secretário da Secretaria Executiva Adjunta do MEC (Coordenador).
- Betania Leite Ramalho – Secretária de Educação do RN.
- José de Arimatea de Matos – Reitor da Universidade Federal do Semi-Árido (Ufersa).
- José Eustáquio Romão – Conselho Nacional de Educação / Instituto Paulo Freire (CNE/IPF).
- Maria Eliete Santiago – Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas da UFPE.
- Mauro José da Silva – Coordenação de Educação de Jovens e Adultos da SECADI/MEC.
- Moacir Gadotti – Instituto Paulo Freire.
- Timothy Denis Ireland – Cátedra Unesco Paulo Freire da UFPB.

miolo_vfinal.indd 256 16/07/2014 12:42:45

Em sua primeira reunião, no dia 21 de novembro de 2012, a Comissão deliberou que as comemorações deveriam, transcendendo o caráter meramente comemorativo, ter forte conteúdo pedagógico por meio do resgate do *ethos* freiriano de Educação de Adultos, de modo a contribuir para o avanço nas políticas e ações de alfabetização. Com este objetivo, definiu as seguintes ações a serem realizadas no contexto das comemorações dos 50 anos da experiência de Paulo Freire em Angicos:

1. **Redefinição da Política Nacional de Educação de Jovens e Adultos:** promovendo um esforço nacional pela universalização da alfabetização no Brasil (Coordenada pela SECADI/MEC).
2. **Criação do Memorial Paulo Freire: Museu e Centro de Formação, abrigando:** Memorial da Alfabetização no Brasil (físico e virtual); Centro de Formação de Educadores de Jovens e Adultos e Curso de Pedagogia, na perspectiva freiriana de Educação Popular (Coordenado pela Ufersa, em seu campus de Angicos).
3. **Realização de eventos (mais de duas dezenas), destacando-se:** em Angicos, lançamento das comemorações em 2 de abril (data da formatura dos 300 adultos alfabetizados); em Natal, o Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos (Eneja) ; em Recife, II Seminário de Educação como Prática da Liberdade, pela Cátedra Unesco e VIII Colóquio Internacional Paulo Freire, pelo Centro Paulo Freire da UFPE; em João Pessoa, realização de seminários de formação de professores de EJA e festivais de aprendizagem, pela Cátedra Unesco Paulo Freire da UFPB; em São Paulo, Encontro Paulo Freire de Educação Superior e lançamento do "*fac símile*" dos manuscritos do livro *Pedagogia do oprimido* e do livro *Paulo Freire e a Educação Superior*.
4. **Concessão de medalhas:** Paulo Freire Patrono da Educação Brasileira e *Paulo Freire 50 anos de Angicos*, às personalidades e instituições que ofereceram contribuições relevantes à alfabetização e Educação de Jovens e Adultos e Medalha Internacional da Educação como Prática da Liberdade para a Presidenta Dilma Rousseff, concedida pela Universidade da Califórnia (UCLA).
5. **Produção de sites e vídeos:** acervo digital de Paulo Freire (IPF), Paulo Freire 50 Anos de Angicos (Ufersa), Videodocumentário de testemunhos sobre Paulo Freire; Vídeo da programação das comemorações.
6. **Criação dos selos:** Programa das Comemorações (do MEC) e Comemorativo de *Paulo Freire – 50 anos de Angicos* (dos Correios).
7. **Publicação do presente livro** (além de: *Pedagogia do Oprimido – o manuscrito* e *Paulo Freire e a Educação Superior*).

Além dessas ações propostas pela Comissão, centenas de outras foram realizadas no Brasil e no exterior como homenagem a Paulo Freire pela sua luta histórica na promoção da Educação Popular e da Educação de Adultos, utopias e ideário que, após 50 anos, continuam plenos de significado e relevância para o Brasil atual, razão de sua consagração como Patrono da Educação Brasileira, pela Lei nº 12.612, de 13 de abril de 2012.

Genuíno Bordignon
Secretário *ad hoc* da Comissão

miolo_vfinal.indd 257 16/07/2014 12:42:45

1. Celebrações promovidas pela Comissão *Paulo Freire – 50 anos de Angicos*

As celebrações promovidas pela Comissão foram divulgadas neste endereço: angicos50anos.paulofreire.org/agenda-celebracoes. Foram elas:

- Lançamento das comemorações Paulo Freire em Angicos (Cinquentenário das 40 horas de Angicos);
- II Seminário Educação como Prática da Liberdade;
- VIII Colóquio Internacional Paulo Freire e
- Encontro *Paulo Freire e a Educação Superior*.

1.

O evento de lançamento das comemorações, promovido pela Comissão *Paulo Freire – 50 anos de Angicos*, pelo Governo do Rio Grande do Norte, Secretaria de Estado da Educação e Cultura, Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa) e pela Secretaria Municipal de Educação de Angicos ocorreu nos dias 2 e 3 de abril de 2013, na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa), campus de Angicos, e na Escola Estadual José Rufino.

O dia 2 é significativamente simbólico para a comunidade e para o legado freiriano, porque em 2 de abril de 1963 aconteceu a 40ª hora (aula), dada pelo presidente da República João Goulart, com a presença de vários governadores do Nordeste e de representantes da Aliança para o Progresso *(Alianza para el progreso foi um programa de desenvolvimento econômico para a América Latina encabeçado pelos EUA para livrá-la dos perigos do comunismo*), na qual também falaram Aluizio Alves (então governador), Paulo Freire e o alfabetizando Antônio Ferreira. A aluna mais idosa, Maria Hermínia, entregou cartas escritas pelos participantes do curso ao presidente. E assim se formava a primeira turma de Angicos. Nessa ocasião, ainda foi notada a presença do marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, fardado, comandante da Região Militar no Recife, que, ao final da aula, teria dito a Calazans Fernandes

miolo_vfinal.indd 258 16/07/2014 12:42:46

Foto: Guanabaratejo/
Carlos Fernando Teixeira de Macedo

Membros da Comissão em Angicos (*da esq. para a dir.*): Timothy Ireland, Mauro José da Silva, Eliete Santiago, Moacir Gadotti, José de Arimatea de Matos, Betania Leite Ramalho, Francisco das Chagas Fernandes e José Eustáquio Romão

(secretário nacional de Educação): "Meu jovem, você está engordando cascavéis nesses sertões" (FERNANDES; TERRA, 1994, p. 18).

A abertura do evento aconteceu às 14h30, no auditório do campus da Ufersa e na Escola José Rufino, no município de Angicos, com a mesa composta pelo Instituto Paulo Freire (IPF), MEC/RN, SEEC/RN (Secretaria de Estado da Educação e da Cultura), Ufersa, UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte), UFPE, UFPB, UERN (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte), Secretaria Municipal de Educação de Angicos, Fórum Potiguar de EJA, UNDIME/RN (União dos Dirigentes Municipais de Educação), SEEC/PB, Cátedra Unesco de EJA e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas/PE.

Ainda no primeiro dia do evento, a governadora do Rio Grande do Norte, Rosalba Ciarlini, assinou o Pacto Paulo Freire pela Educação de Jovens e Adultos, reconhecendo a importância do educador e dos seus estudos para o estado. A assinatura ocorreu em frente à Escola Estadual José Rufino (que se chamava Grupo Escolar José Rufino, onde uma de suas salas de aula foi o primeiro espaço a sediar a experiência de alfabetização coletiva de Freire) e faz referência ao decreto publicado no Diário Oficial do Estado no dia 28 de março, que instituiu 2013 como o Ano Paulo Freire da Educação do RN. No dia 3 de abril, inclusive, um ato administrativo foi publicado, no mesmo Diário, criando a Comissão Executiva que se encarregará de cumprir as metas estabelecidas nesse decreto.

O Pacto Paulo Freire é voltado para a erradicação do analfabetismo (que ainda hoje atinge mais de 12,9 milhões de pessoas, ou seja, 8,6% da população brasileira acima de 15 anos de idade) e, além da universalização do acesso à Educação de Jovens e Adultos (EJA), o Pacto prevê mobilizar a construção de planos estaduais de

miolo_vfinal.indd 259 16/07/2014 12:42:49

EJA, partindo de diagnósticos, metas e estratégias; plano nacional de EJA para Angicos; organização de processos de formação e coordenação de EJA em pós-graduação; promoção de festivais de aprendizagens, dentre outras atividades.

O decreto que nomeia a Comissão determina ainda a disseminação do pensamento freiriano por meio de práticas de formação, produção de livros e materiais didáticos, estudos e pesquisas; e institui premiações para experiências exitosas de alfabetização e de Educação de Jovens e Adultos realizadas por professores e gestores de EJA de escolas públicas norte-rio-grandenses, bem como para a criação de políticas públicas pelas prefeituras que visem à universalização da educação para este segmento social.

O evento na Ufersa continuou com a proposição *As 40 horas de Angicos: vítimas da Guerra Fria?*, mediada pelo ex-coordenador de Círculo de Cultura, professor Marcos Guerra. Em 1962, Marcos Guerra era estudante de Direito e presidente da União Estadual dos Estudantes e, a pedido de Paulo Freire, formou a equipe de alfabetizadores – monitores – da experiência. "Podemos dizer que Paulo Freire, de forma simples, descobriu o 'Ovo de Colombo'", disse o professor ao apresentar gravuras retratando o cotidiano dos agricultores que foram utilizadas para alfabetizá-los, e justificou essa expressão nominal com uma sentença: "Em dois meses, 300 angicanos foram alfabetizados num universo de 800 eleitores".

Guerra ainda enfatizou Angicos como uma experiência pautada por muitas dificuldades e resistências, mesmo com o apoio explícito do Governo Aluizio Alves: para além do custo institucional por aluno de 40 dólares, o que aconteceu em Angicos só era explicável por um contexto bem maior, nacional e internacional: "No cenário político nacional, tínhamos Jânio, Jango e o parlamentarismo e, no internacional, Guerra Fria, Cuba e o Muro de Berlim". Angicos, portanto, foi a fermentação de um processo de mudança pedagógica mais profunda, além de anunciar a possibilidade de mudanças políticas e sociais: na turbulência social da época, em que a alfabetização de adultos aparecia como precondição para o desenvolvimento social, político e econômico, Angicos foi a voz dos nordestinos, clamando por justiça social, por solidariedade, por democracia.

Na mesa-redonda que sucedeu Marcos Guerra, *As 40 horas de Angicos – Paulo Freire e sua influência nas práticas de Educação de Adultos no Brasil e em Portugal*, participaram o professor Moacir Gadotti (Instituto Paulo Freire) e, da Universidade de Coimbra (Portugal), o professor Luís Alcoforado, com a mediação da professora Rita Diana de Freitas Gurgel, da Ufersa.

miolo_vfinal.indd 260 16/07/2014 12:42:49

No mesmo dia 3, a Ufersa Angicos apresentou uma publicação. Com o título *RISA – Revista de Informação do Semiárido* –, a Ufersa lançou a primeira edição, que traz como tema *Paulo Freire – Cinquentenário das 40 horas de Angicos*. A publicação tem uma proposta interdisciplinar e é de natureza acadêmica.

Foi também no fim do primeiro dia do evento que os alfabetizados em Angicos, que foram localizados, receberam seus certificados.

Emocionado, o filho do educador Paulo Freire, Lutgardes Freire, representou a família na abertura das comemorações do Cinquentenário das 40 horas. "Emociona-me relembrar o pensamento do meu pai que, como educador, sempre se manteve coerente com o que fazia e vivia", ressaltou ao expressar a alegria em participar das comemorações em Angicos.

A reitora da UFRN, professora Ângela Paiva, também expressou alegria: "Aprofundar e praticar a metodologia freiriana significa preservar e imortalizá-lo. Parabéns a todos os professores e pesquisadores que mantêm Paulo Freire vivo".

Para a deputada Fátima Bezerra, da Comissão de Educação na Câmara Federal, celebrar Paulo Freire tem tudo a ver com os avanços conquistados na última década na área da educação. "Muito ainda há de ser feito, a exemplo dessa Universidade e do Pacto assinado hoje, temos que avançar ainda nas políticas voltadas para o livro e a leitura". **Programação disponível no site:** is.gd/FOd15r

Plateia composta pelos educandos das 40 horas de Angicos (RN), em 2013

Foto: Guanabaratejo/ Carlos Fernando Teixeira de Macedo

Reprodução

Material de divulgação do III Seminário Paulo Freire, realizado em maio de 2013

2.

O III Seminário Paulo Freire, realizado pela Cátedra Paulo Freire, com apoio do Laboratório de Artes Cênicas (LAC) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre História da Educação e Ensino de História em Pernambuco (NEPHEPE/CE/UFPE), ocorreu nos dias 2 e 3 de maio de 2013, trazendo como temática a *Educação como prática da liberdade* que discutiu a gênese da experiência freiriana, sua ampliação e atualidade.

O tema perpassou todo o Seminário, mas teve sua culminância no primeiro dia do evento, em três momentos-chave: a **instalação,** que teve o tema do evento; a **mesa institucional** *Educação como Prática da Liberdade: Paulo Freire em Recife, Angicos e no mundo*; e a **mesa de diálogos:** *Educação como Prática da Liberdade – (Re)eituras do texto e práticas educativas.*

No segundo dia, realizou-se o **I Encontro de Cátedras, Núcleos, Grupos de Estudo e Centros Paulo Freire,** que reuniu uma série de pessoas e instituições em torno da reflexão acerca das contribuições destas instituições na reinvenção do legado freiriano, entre elas: Pró-Reitoria de Extensão da UFPE, Cátedra Paulo Freire (PUC/SP), Cátedra Paulo Freire (UFPE), Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas, Grupo de Pesquisa "O lugar da interdisciplinaridade no discurso de Paulo Freire" (UFRPE/UPE/FSH), Grupo de Estudo Paulo Freire (UFCG), Núcleo Paulo Freire: Estudo, Pesquisa e Extensão (Faculdade Santa Catarina) e Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens e Adultos e em Educação Popular (NUPEP/UFPE).

Ao final, o Seminário contou com três atividades que destacamos: **lançamento** da disciplina Pedagogia Paulo Freire na UFPE; **mesa de diálogos** – *Paulo Freire: Leitura do Mundo – Leitura da Palavra: contribuições para alfabetização, letramento e linguagens;* e o **encerramento:** *Atualidade do Pensamento Paulo Freire*, com a professora Ana Maria Saul. **Programação disponível no site:** http://is.gd/rOw6On.

miolo_vfinal.indd 262 16/07/2014 12:42:54

3.

Marco Ano Cultural Paulo Freire na Paraíba. A solenidade do Marco Ano Cultural Paulo Freire e a Campanha de Educação Popular (Ceplar) na Paraíba ocorreu no dia 19 de setembro de 2013, no auditório da reitoria da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), organizado pelo Governo do Estado da Paraíba, por meio da Secretaria de Estado da Educação, em parceria com a Cátedra da Unesco de EJA/UFPB.

A abertura foi realizada pela reitora da UFPB, Margareth Diniz, e pelo vice-governador da Paraíba, Rômulo Gouveia. A mesa foi composta pela reitora, vice-governador, secretária de Educação do Estado da Paraíba, Márcia Lucena, secretária de Educação do Estado do Rio Grande do Norte, Betania Leite Ramalho e o representante da Cátedra Unesco na Educação de Jovens e Adultos (EJA), Timothy Denis Ireland, que assinaram um termo de convênio para a criação de um observatório da EJA.

Na continuidade, realizaram-se três atividades: um vídeo com memórias da Campanha de Educação Popular (Ceplar), com o depoimento da professora e integrante da Ceplar, Dorinha de Oliveira Porto; a conferência do professor Marcos Guerra com o tema *As 40 horas de Angicos: vítimas da Guerra Fria?*; e a mesa *Da Ceplar e as 40 horas de Angicos aos dias atuais*, com a participação da professora Márcia Lucena – secretária de Educação do Estado da Paraíba, da Profa. Dra. Betania Leite Ramalho – secretária de Educação do Estado do RN, do Prof. Dr. Luís Alcoforado – Universidade de Coimbra (Portugal) e do Prof. Dan Baron – Arte-educador popular, pedagogo e gestor cultural galês, da ONG Instituto Transformance: Cultura & Educação, em Cabelo Seco, de Marabá (Pará).

Solenidade do Marco do Ano Cultural Paulo Freire e a Campanha de Educação Popular (Ceplar), realizados na Paraíba, em setembro de 2013

Fotos: SECOM/PB

4.

O XIII Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos (Eneja) ocorreu entre 10 e 13 de setembro de 2013, na cidade de Natal (RN), com o tema *Políticas Públicas em EJA: conquistas, comprometimentos e esquecimentos*, organizado pelo **Fórum Potiguar de EJA** e contando com o apoio do Ministério da Educação, Secretaria Estadual de Educação, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (RN) e do SESC-RN. Foi a primeira edição do encontro em Natal.

A cerimônia de abertura ocorreu na Escola de Governo, com a presença de aproximadamente mil convidados, grande parte delegados dos 26 estados e do Distrito Federal. Os participantes foram recepcionados pela secretária de Estado da Educação, professora Betania Ramalho, e pela presidente do Fórum Potiguar de EJA, Maria Erineide de Almeida.

A professora Betania lembrou que, por decreto da governadora Rosalba Ciarlini, o Rio Grande do Norte vivencia o "Ano Paulo Freire da Educação", e no último mês de abril, um pacto foi firmado pela Educação de Jovens e Adultos, com instituições de ensino superior, secretarias de Estado do Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, e iniciamos a reformulação das políticas de EJA do Rio Grande do Norte.

Na sequência, o secretário executivo adjunto do MEC, Francisco das Chagas Fernandes, presidente do Fórum Nacional de Educação, lembrou que a presidenta Dilma Rousseff sancionou a lei dos do petróleo para a Educação e agora os debates nacionais voltam-se para o Plano Nacional de Educação.

Também na abertura do evento, houve o lançamento do *Selo* personalizado e *Carimbo* comemorativo, alusivo aos 50 anos da experiência do educador Paulo Freire em Angicos (RN), e a entrega da Medalha Paulo Freire a escolas com experiências exitosas em EJA.

Além da solenidade de abertura, o evento reuniu atividades culturais, conferências, rodas de prosa, painéis, exposição de materiais, mesas temáticas, socialização dos saberes e sabores, 14 grupos de trabalho e plenária final.

Equipe do Instituto Paulo Freire com educandas do Projeto MOVA-Brasil no XIII Eneja, realizado em Natal (RN), em setembro de 2013

Foto: Marcelo Sabbatini

Círculo de Cultura durante o VIII Colóquio Internacional Paulo Freire, em Recife, no mês de setembro de 2013

5.

O Colóquio Internacional Paulo Freire é uma das principais atividades do Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas, uma sociedade civil sem fins lucrativos, com finalidade educativa e cultural que se propõe a perenizar a memória de Paulo Freire, recriando e/ou mantendo vivas suas ideias. O Centro foi fundado em 29 de maio de 1998, tendo sido seu estatuto oficializado em novembro desse mesmo ano. Funciona provisoriamente no Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O Conselho Administrativo desta universidade, contudo, cedeu recentemente um terreno em seu campus para a construção da sede definitiva do Centro, processo de construção que está em andamento.

A UFPE, por sua vez, é uma universidade que, de acordo com algumas palavras da sua missão institucional, "busca construir um conhecimento que contribua para a sustentabilidade da sociedade, através do ensino, pesquisa, extensão e gestão, cultivando em todas as áreas do conhecimento puro e aplicado à realização de pesquisa e estímulo a atividades criadoras, sempre estendendo o ensino e a pesquisa à comunidade, mediante cursos ou serviços especiais, focados na realidade brasileira para dessa forma poder colaborar para o desenvolvimento do país e do Nordeste em particular".

Nesse sentido, resultado da articulação do *ethos* freiriano do Centro e do ímpeto para a extensão na UFPE, o Colóquio tem por intenção funcionar como um instrumento de diálogo entre a gênese do pensamento de Paulo Freire e sua

miolo_vfinal.indd 265 16/07/2014 12:43:03

atualidade, bem como projeções ou manifestações dessa atualidade nas dimensões local e global. O Colóquio é uma atividade-síntese do Centro que vem permitindo incorporar, de forma crescente, todas as ações que o estruturam, visto constituir-se em um momento-espaço no qual vem sendo possível apresentar os resultados dos estudos, pesquisas e relatos de experiências educativas desenvolvidas tanto na escola como fora dela.

A história dos Colóquios se confunde com a história do Centro Paulo Freire: sua primeira edição, em 1998, ocorreu no mesmo ano da implantação do Centro. A edição presente do evento, da mesma forma, traz uma conjunção temporal inédita também. Trata-se do ano comemorativo dos 50 anos da Experiência de Angicos, que vem rememorando uma densa e relevante história da alfabetização de adultos no Brasil pelo educador Paulo Freire. E, nesse ano de comemorações, o **VIII Colóquio** foi oficialmente inscrito como uma das atividades voltadas às comemorações realizadas ao longo de todo o ano de 2013.

O Colóquio aconteceu no campus da UFPE em Recife, de **19 a 21 de setembro de 2013**, aniversário de Paulo Freire, e teve por tema *Educação como Prática da Liberdade: saberes, vivências e (re)leituras em Paulo Freire*. Previu-se para o encontro a participação de integrantes da América Latina, África e Europa, num montante de 1.200 inscritos, entre estudiosos do pensamento freiriano, educadores, profissionais de diferentes áreas do conhecimento, participantes de movimentos sociais, estudantes da graduação e pós-graduação e qualquer pessoa interessada em educação e nas ideias de Paulo Freire.

Os últimos três Colóquios tiveram mais de 1.500 inscritos e mais de 500 trabalhos apresentados. Foram admitidas inscrições de trabalhos em inglês, espanhol ou francês, para as modalidades Mesas de Diálogo ou Comunicações Orais.

O tema do Colóquio foi desdobrado em eixos para subsidiar e agrupar os trabalhos e as discussões: Educação e Cultura; Educação Popular e Movimentos Sociais; Educação de Jovens e Adultos e Educação do Campo; Educação e Trabalho; Educação e Sustentabilidade; Direitos Humanos e Cultura da Paz; Formação Docente e Ensino Superior; Relações de Gênero e Sexualidade; Relações Étnico-Raciais; Currículo e Formação de Professores na Educação Básica.

No Colóquio, para a apresentação dos trabalhos, cada expositor teve até 20 (vinte) minutos para apresentação de suas contribuições, reservados 50 (cinquenta) minutos para os debates, sob a forma de Círculos de Cultura.

Os Círculos de Cultura são um procedimento metodológico proposto

miolo_vfinal.indd 266 16/07/2014 12:43:03

por Paulo Freire que visa promover autonomia e (des)opressão ao/do processo de ensino e aprendizagem. Realizado no interior de um debate sobre questões centrais do cotidiano como trabalho, cidadania, alimentação, saúde, organização das pessoas, liberdade, felicidade, valores éticos, política, oprimido, economia, direitos sociais, religiosidade, cultura, entre outros, nele os grupos/indivíduos são consultados e chamados à ação pedagógica e sugerem um tema a ser debatido a partir de uma autoleitura do mundo em que vivem.

> [...] Os Círculos de Cultura eram espaços em que dialogicamente se ensinava e se aprendia. Em que se conhecia em lugar de se fazer transferência de conhecimento. Em que se produzia conhecimento em lugar da justaposição ou da superposição de conhecimento feitas pelo educador(a) ou sobre o educando. Em que se construíam novas hipóteses de leitura do mundo. (FREIRE, 1994, p. 155).

Aliás, no livro de 1983 que deu título e tema ao Colóquio, *Educação como prática da liberdade*, Paulo Freire define ainda melhor, apesar de muito anterior à citação retirada da obra *post mortem* de 1994, a ideia de Círculo de Cultura:

> Em lugar de escola, que nos parece um conceito, entre nós, demasiado carregado de passividade, em face de nossa própria formação (mesmo quando se lhe dá o atributo de ativa), contradizendo a dinâmica fase de transição, lançamos o Círculo de Cultura. Em lugar do professor, com tradições fortemente doadoras, o Coordenador de Debates. Em lugar de aula discursiva, o diálogo. Em lugar de aluno, com tradições passivas, o participante de grupo. Em lugar dos pontos e de programas alienados, programação compacta, reduzida e codificada em unidades de aprendizado. (FREIRE, 1983, p. 103).

Em parceria com a organização do **II Encontro do Movimento Pedagógico Latino-Americano**, realizado nos dias

miolo_vfinal.indd 267 16/07/2014 12:43:03

Foto: Marcelo Sabbatini

Homenagem dos educadores da América Latina a Paulo Freire, inaugurada no II Encontro do Movimento Pedagógico Latino-Americano, no campus da UFPE, em setembro de 2013

19, 20 e 21 de setembro de 2013, organizado pela **Internacional de la Educación para América Latina**, e contando com a participação de mais de 700 educadores de diversos países, realizou-se a **Cerimônia de Descerramento da Escultura de Paulo Freire**, no dia 19, em frente ao Colégio de Aplicação no campus da UFPE, com um ato político e shows de frevo, maracatu e do grupo Quinteto Violado. A escultura é de autoria de Abelardo da Hora.

Durante o VIII Colóquio funcionou ainda um espaço chamado ÁGORA, que, a exemplo da Ágora grega – que significa um lugar de reunião, o espaço público por excelência da cultura e da política na vida social dos gregos –, funcionará no terreno onde será construída a sede do Centro Paulo Freire. Pretende ser um ponto de encontro, discussão, divertimento, lançamento, exposição e venda de livros, de artesanato, de obras de arte, de alimentação e de apresentação de grupos artísticos. **Site:** http://coloquio.paulofreire.org.br

6.

O Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho (PPGE-Uninove) realizou o **I Seminário Internacional de Educação, Teorias e Políticas**, de 17 a 19 de novembro de 2003 e, mesmo sendo um programa de pós-graduação novo e apenas com o curso de mestrado, inseriu-o, com expressão, nas agendas nacional e internacional da área de educação. Além de contar com a participação de pesquisadores de renome no país, o evento também teve uma presença ativa de pensadores que são referências nas ciências sociais da contemporaneidade, como Atilio Borón, à época diretor do Conselho do Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO), e António Nóvoa, da Universidade de Lisboa. O Seminário foi abrilhantado ainda com a participação de centenas de pesquisadores, de todas as regiões brasileiras, que inscreveram trabalhos e pôsteres.

A segunda edição do Seminário Internacional de Educação, realizado de 8 a 10 de novembro de 2006, teve como tema "Pesquisas e Políticas". Articulando-se com o Instituto Paulo Freire (IPF), o PPGE-Uninove abrigou, no evento, a reunião internacional do projeto Supporting International Networking and Cooperation in Educational Research (S.I.N.C.E.Re.), que, coordenado pela rede Menon, de Bruxelas, congregava vários países da Europa (Bélgica, Espanha, Finlândia, Grécia, Hungria, Inglaterra e Itália), da Ásia (Malásia) e da América Latina (Brasil e Colômbia). O Brasil foi representado nesta Rede por uma equipe interinstitucional de pesquisadores do IPF e do PPGE-Uninove. Como um dos objetivos dessa edição do evento era confrontar pesquisadores, formuladores (*policy makers*), especialmente os gestores de agências de fomento da pesquisa educacional, e os protagonistas dessas políticas na ponta dos sistemas educacionais (*stakeholders*), os resultados foram os mais significativos possíveis, no sentido da articulação orgânica do financiamento da pesquisa na área de educação e da capitalização de seus resultados pelos formuladores e implementadores de políticas educacionais.

Na terceira edição do Seminário Internacional, buscou-se a culminância do processo de reflexão iniciado no primeiro, que confrontou *Teorias e Políticas Educacionais*, passando pelo segundo, que pôs frente a frente pesquisadores e responsáveis pelas agências de fomento, na tentativa de responder a questões que estavam, cada vez mais, incomodando os protagonistas da pesquisa em educação, mormente os responsáveis por programas de pós-graduação *stricto sensu* na área:

miolo_vfinal.indd 269 16/07/2014 12:43:08

a. As teorias educacionais resultantes das pesquisas realizadas nos diversos países, especialmente aquelas que contam com a maior parte do "bolo" dos recursos públicos, orientam as políticas educacionais formuladas e implementadas por este mesmo poder público financiador das primeiras?
b. As pesquisas de maior prestígio – que passam pelos rigorosos critérios de avaliação das agências de fomento – são as que mais influenciam os poderes públicos na formulação e concretização de políticas educacionais?

Na tentativa de dar resposta a esta questão, a terceira edição do Seminário Internacional elegeu o tema *Pesquisas em Educação: no Brasil e no Mundo*.

O **IV Seminário Internacional de Educação, Teorias e Pesquisas** ocorreu entre os dias 5 e 7 e novembro de 2013, e teve como tema *Paulo Freire e a Educação Superior*, sendo promovido pela Comissão Angicos 50 Anos e pela Universidade Nove de Julho – (Uninove).

Paulo Freire ficou mundialmente conhecido não apenas por suas reflexões, mas também por suas intervenções no campo da Educação de Adultos (EDA). Suas obras, como *Educação como prática da liberdade* (1967), *Pedagogia do oprimido* (1968), *Pedagogia da esperança* (1992) e *Pedagogia da autonomia* (1997) foram traduzidas em vários idiomas, mas em nenhuma delas aparecem referências muito explícitas sobre as questões da Educação Superior. Contudo, em 1994, por iniciativa de Miguel Escobar Guerrero, Alfredo L. Fernández D. e Gilberto Guevara-Niebla, realizou-se na Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM) um seminário em que Paulo Freire debateu, com muitos pesquisadores da educação e das ciências sociais em geral que estavam presentes, as questões relativas à universidade, à Educação Superior e ao papel dos intelectuais, explicitando conceitos, categorias e posições inéditas sobre temas que não são muito comuns no conjunto de seu legado.

Para melhor concretizar suas finalidades, a edição do Seminário Internacional objetivou:

- identificar Instituições de Educação Superior (IES) alternativas e nichos de pesquisa e de intervenção congêneres nas IES tradicionais;
- estimular o desenvolvimento de massa crítica sobre ciência pública popular, isto é, sobre conhecimento voltado para os interesses da maioria da população das diversas formações sociais participantes do evento;
- desenvolver a democracia cognitiva omnilateral, identificando, dando visibilidade e disseminando os conhecimentos desenvolvidos

miolo_vfinal.indd 270 16/07/2014 12:43:09

Foto: Fernando Leonel Henrique Simões de Paula

Mesa de abertura do IV Seminário Internacional de Educação, Teorias e Pesquisas. Evento realizado em São Paulo, em novembro de 2013

fora dos muros das universidades e das bancadas dos centros de pesquisa consagrados pela comunidade científica;

- dar visibilidade à produção científica e aos projetos de intervenção das IES e dos nichos mencionados no objetivo I;
- identificar e coletar referenciais teóricos, de políticas e de práticas educacionais, elaborados por Paulo Freire e por membros da comunidade freiriana espalhados pelo mundo;
- promover a confraternização dos representantes da educação dos países em que Paulo Freire atuou;
- editar e divulgar os manuscritos fac-similados da *Pedagogia do oprimido*, de Paulo Freire, para que possa servir de matriz para as futuras edições da obra;
- divulgar as ideias de Paulo Freire sobre Educação Superior, a partir da preparação da edição de obra que contém suas alocuções nos seminários realizado em 1994 na Universidade Autônoma do México. **Site:** http://www4.uninove.br/seminariointernacional

A abertura oficial do *IV Seminário* foi realizada pelo reitor da Uninove, Prof. Dr. Eduardo Storópoli, e pela pró-reitora acadêmica, Profa. Dra. Maria Cristina Barbosa Storópoli.

Na solenidade, coordenada pela ,Comissão Nacional do Projeto *Paulo Freire: 50 anos de Angicos*, foram entregues ao Brasil os manuscritos do livro *Pedagogia do oprimido*, escrito pelo educador Paulo Freire entre 1967 e 1968, durante o período de exílio em que viveu no Chile.

A seguir, foi ministrada a Conferência Magna sobre o tema *A Reforma Agrária no Chile e a Educação dos Camponeses*, pelo ministro da Agricultura do Chile (no governo de Salvador Allende – 1970-1973), Jacques Chonchol.

Nos dias seguintes, realizaram-se mesas, comunicações e pôsteres.

miolo_vfinal.indd 271 16/07/2014 12:43:12

Destacamos duas mesas que trouxeram importantes contribuições para reflexão sobre Paulo Freire e a Universidade: as mesas I e III.

A **Mesa I** sobre "Paulo Freire e a Universidade Popular" contou com a coordenação de Jason Ferreira Mafra (Uninove – Brasil) e a participação de José Eustáquio Romão (Uninove – Brasil), Carlos Alberto Torres (UCLA – EUA), Moacir Gadotti (IPF-USP – Brasil) e Walter Esteves Garcia (CNPq – Brasil).

A **Mesa III** sobre *Educação Popular e Universidade* teve a coordenação de Antônio Joaquim Severino (Uninove – Brasil) e a participação de Ana Maria Saul (PUC/SP – Brasil), Celso de Rui Beisiegel (USP – Brasil), Sofia Lerche Vieira (UFC/UNILAB – Brasil), Marcos Guerra (UFRN – Brasil).

O IV Seminário teve por finalidade apontar e disseminar as concepções e as práticas de Paulo Freire sobre a Educação Superior, com o intuito de identificar matrizes institucionais alternativas ao modelo clássico de universidade ocidental (napoleônico e humboldtiano) e às formas acadêmicas tradicionais de formulação, comunicação e aplicação do conhecimento, de modo a colaborar para a construção dos conceitos de "ciência pública" e de "democracia cognitiva omnilateral".

O evento marcou ainda a primeira ação do projeto *Instalação Pedagógica Paulo Freire e a Educação*, que visa a desenvolver a cultura do uso da Internet e das redes sociais para a propagação de conteúdos e práticas educacionais. Essa iniciativa permitiu a participação de pessoas de diversas partes do mundo nos debates anteriormente apresentados, de maneira interativa. Os resultados dessa ação e das ações posteriores estão registrados na página: pedagogiadavirtualidade.wordpress.com

Foto: Fernando Leonel Henrique Simões de Paula

Jacques Chonchol entrega os manuscritos da *Pedagogia do oprimido* a Lutgardes Costa Freire. Ao fundo, José Eustáquio Romão

miolo_vfinal.indd 272 16/07/2014 12:43:15

Fotos: SECOM/PB

Festival de aprendizagem da Paraíba, em novembro de 2013

7.

Festival de aprendizagem da Paraíba. O festival de aprendizagem da Paraíba ocorreu nos dias 20, 21 e 22 de novembro de 2013, organizado pela Secretaria de Estado da Educação (SEE), por meio da Gerência Executiva de Educação de Jovens e Adultos (Geeja) e realizado em vários espaços (tanto da cidade de João Pessoa quanto em Santa Rita e em Cajazeiras). O festival teve por objetivo

> [...] mostrar as boas práticas realizadas na EJA, desenvolvidas por meio da concepção do educador Paulo Freire. Na ocasião foram apresentados projetos, experiências de aprendizagens e práticas pedagógicas exitosas dos professores da Educação de Jovens e Adultos da Paraíba. São projetos e experiências de aprendizagens, individual ou em grupo, com comunidades, de práticas pedagógicas exitosas realizadas por professores da EJA do ensino presencial, semipresencial e em prisões. (PARAÍBA, 2014).

miolo_vfinal.indd 273 16/07/2014 12:43:18

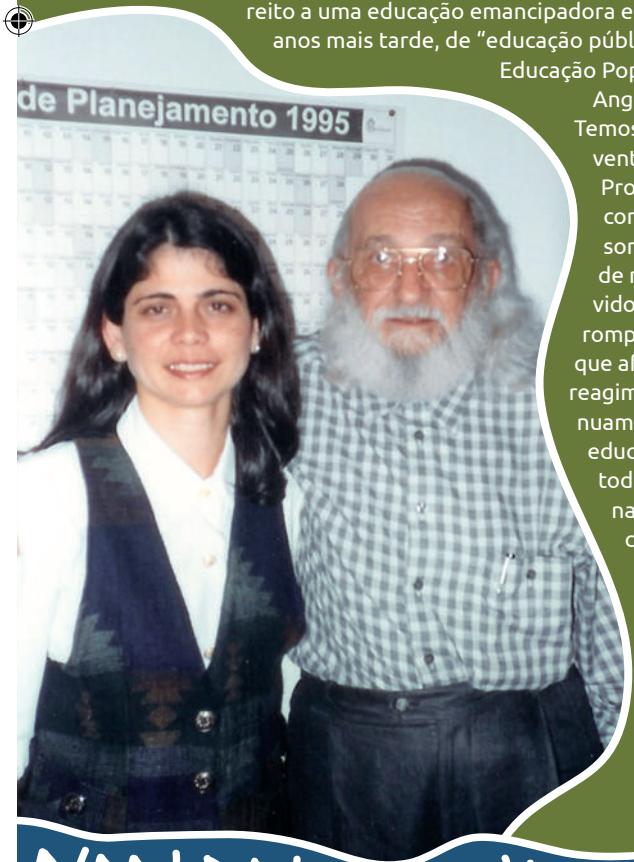
Angicos, espaço-símbolo da educação de qualidade sociocultural

Nunca estive em Angicos, mas como todos que, de alguma forma, estão ligados à Educação Popular e Educação de Adultos, já li e ouvi falar tantas vezes dessa cidade, que me ficou muito familiar, muito próxima, provocando-me a sensação de já ter estado lá inúmeras vezes. Em minha memória, desde o início, não pensei no tamanho territorial ou no número de habitantes dessa pequena cidade. Desde que soube da experiência de Paulo Freire, Angicos cresceu aos meus olhos. Em meu pensamento, ela se tornou uma cidade do tamanho do significado que foi a experiência de alfabetização que ela acolheu na década de 1960. Angicos é, para mim, o espaço-símbolo da educação de qualidade sociocultural, de que tanto falamos hoje, e Paulo Freire antecipou há tantos anos, mostrando-nos como acolher e tratar com dignidade domésticas, operários, trabalhadores rurais, pedreiros, serventes, artesãos, lavadeiras, motoristas, carpinteiros, trabalhadores em geral nas salas de aula de jovens e adultos. Em seus Círculos de Cultura, reconheceu os saberes de experiência feitos, valorizou o contexto dos educandos e, com eles, iniciou a construção de uma Teoria do Conhecimento por meio da qual se tornou conhecido no Brasil e no mundo.

Lembro-me de 1993, quando, nos primeiros passos do Instituto Paulo Freire (IPF), Paulo Freire e Moacir Gadotti estavam organizando a viagem que fariam a Angicos, retornando a esta cidade para reencontrar educandos da década de 1960, celebrar e reafirmar a concepção de educação que alimentou aquele sonho inicial.

Para Paulo Freire, Angicos foi uma experiência extraordinária, que influenciou toda a sua vida e sua obra. Foi o berço de sua mais importante obra: *Pedagogia do oprimido*; o início da construção da metodologia, que construía sentidos e significados coletivos no processo de alfabetização, que seria a base de seu Programa Nacional de Alfabetização.

Para a história da educação no Brasil, Angicos representa um marco na defesa do direito a uma educação emancipadora e problematizadora, que Paulo Freire chamaria, anos mais tarde, de "educação pública popular", de "escola cidadã", defendendo a Educação Popular como política pública.



Angicos vem de "angico": uma árvore de grande porte. Temos grandes causas a celebrar, a continuar a reinventar. Em 2014, celebramos os 50 anos do primeiro Programa Nacional de Alfabetização, que nasceu num contexto de grande efervescência política, em que se sonhava com outros mundos possíveis; era um tempo de muita esperança, dias vividos intensamente, movidos pelo desejo de um país mais justo. Fomos interrompidos pela presença do golpe civil-militar de 1964 que afetou drasticamente a educação de nosso país. Mas reagimos ao silêncio imposto a toda uma nação e continuamos na luta pelo fim do analfabetismo, pelo direito à educação de qualidade sociocultural e socioambiental a todos(as) cidadãos(ãs) do Brasil. Angicos é símbolo do nascimento de uma educação emancipadora, democrática, pública, popular, profundamente vinculada à vida das pessoas, à sua história, impregnando de sentido a vida daqueles que dela fazem, e comprometida com a transformação social, com a construção de realidades mais justas e sustentáveis.

Ângela Antunes
Diretora pedagógica do Instituto Paulo Freire

miolo_vfinal.indd 274 16/07/2014 12:43:21

Reprodução

Capa e convite do lançamento do documentário *40 horas na memória: resgate da experiência dos alunos de Paulo Freire em Angicos (RN)*

2. Celebrações promovidas por outras organizações e governos

1.

Há exatamente 50 anos, o sertão central do Rio Grande do Norte vivenciava experiência pioneira na alfabetização de jovens e adultos, com o Projeto 40 horas de Angicos, do educador Paulo Freire, realizado em 1963. Para resgatar essa experiência, a Assessoria de Comunicação da Ufersa produziu o **documentário** *40 horas na Memória: Resgate da Experiência dos Alunos de Paulo Freire em Angicos (RN)*, tendo como protagonistas 19 ex-alunos dessa experiência, hoje idosos com idade acima de 70 anos. Filmado durante os meses de fevereiro e março, o documentário é ambientado nas residências de cada um dos participantes.

O documentário será a primeira peça audiovisual produzida pela Universidade para o acervo do Memorial Paulo Freire, que está sendo construído nas dependências da Ufersa Angicos. Além dos ex-alunos freirianos, o filme tem participação especial do poeta cordelista Hailton Mangabeira, na apresentação, e do músico Carlos Zens, assinando a trilha sonora. Com mais de 7 horas de gravação captadas, o documentário, com duração aproximada de 30 minutos, mostra o recorte histórico de como aconteceu e o que representou o projeto na vida dos ex-alunos. "O roteiro abrange cinco temáticas: o cotidiano de Angicos à época; as aulas e o que foi estudado; como era Paulo Freire; o que mais marcou essa experiência e, por último, qual o legado das 40 horas", explica a roteirista do documentário, a jornalista Renata Jaguaribe.

O documentário tem direção de fotografia de Eduardo Mendonça, edição de Diego Farias, produção de Amanda Freitas, assistentes de produção Higo Lima, Vanessa d'Oliviêr, Valéria Dantas e Cinara Ribeiro.

O lançamento ocorreu em 1º de agosto de 2013, no Auditório do Centro de Convivência (Ufersa Campus Angicos). O *trailer* está disponível em: youtu.be/YdtgTMb6h_M

miolo_vfinal.indd 275 16/07/2014 12:43:25

2.

Na **Câmara dos Deputados e no Senado**. No dia **2 de abril de 2013**, o deputado Fernando Mineiro (PT) lembra a Experiência de Angicos no plenário. O parlamentar aproveitou a oportunidade para criticar a interrupção do projeto pelos militares. Com o golpe de 1964, Paulo Freire e outros colaboradores foram presos e exilados: "Se este projeto não tivesse sido interrompido, não teríamos essa situação hoje no Brasil, com um grande número de analfabetos", disse.

Também no dia 2 de abril, o senador Eduardo Suplicy (PT) discursou em plenária para lembrar os 50 anos da primeira turma de alfabetizados. Suplicy traçou um perfil sociocultural dos alfabetizandos, sintetizou metodologicamente o experimento e descreveu o evento que, por coincidência, estava ocorrendo em Angicos nesse mesmo horário em que ele estava se pronunciando. E finalizou: "A melhor homenagem que podemos prestar a Paulo Freire será perseguirmos nessa luta multiplicando os esforços em todos os níveis de governo para erradicarmos do Brasil o analfabetismo no mais breve espaço de tempo possível". **Íntegra da homenagem do senador disponível em:** youtu.be/7U_XuX61p4U

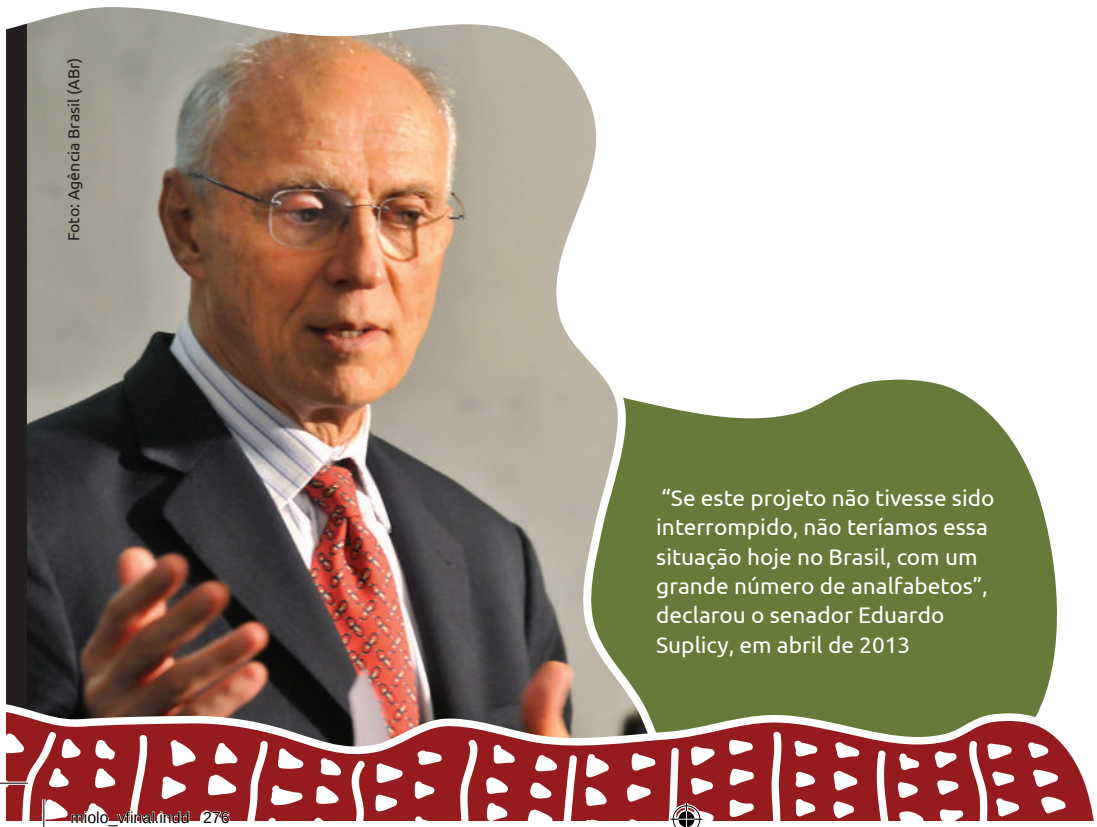


Foto: Agência Brasil (ABr)

"Se este projeto não tivesse sido interrompido, não teríamos essa situação hoje no Brasil, com um grande número de analfabetos", declarou o senador Eduardo Suplicy, em abril de 2013

Foto: Fundação Roberto Marinho

J. Borges, Cacá Diegues e Moacir Gadotti no Seminário *O prazer de aprender com a vida*, dedicado aos 50 anos de Angicos, organizado pela Fundação Roberto Marinho

3.

No dia 27 de maio de 2013, no Rio de Janeiro, data em que foram comemorados os 35 anos do Telecurso da Fundação Roberto Marinho, o painel temático *50 anos das 40 horas de Angicos* no Seminário sobre **O prazer de aprender com a vida** foi dedicado aos 50 anos de Angicos. O evento reuniu professores, representantes das secretarias de Educação estaduais e municipais e instituições parceiras do Telecurso. O primeiro painel tratou exclusivamente do Cinquentenário das 40 horas de experiência freiriana em Angicos (RN). O professor Marcos Guerra, um dos jovens alfabetizadores dos Círculos de Cultura realizados em 1963, analisou o legado de Paulo Freire e a Experiência de Angicos, e o professor Moacir Gadotti, junto com o cineasta Cacá Diegues, o artista cordelista J. Borges e o professor Luís Alcoforado discutiram a construção das condições para crianças, jovens e adultos aprenderem com prazer. Ana Jurema, professora da UFPE e consultora do Banco Mundial, mediou o debate. **Fonte:** www.paulofreire.org/o-prazer-de-aprender-com-a-vida

miolo_vfinal.indd 277 16/07/2014 12:43:28

4.

O **I Encontro de Educação de Jovens e Adultos e de Educação Popular: contribuição e apropriação da pedagogia de Paulo Freire no combate hodierno ao analfabetismo** foi realizado no campus da Ufersa Angicos, nos dias **19 e 20 de setembro de 2012**, promovido pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, Projeto MOVA-Brasil, Instituto Paulo Freire, 8ª Diretoria Regional de Educação, Cultura e Desportos, Secretaria Municipal de Educação de Angicos e Campus de Angicos.

O reitor da Ufersa, professor José de Arimatea de Matos abriu o Encontro – que teve a participação da secretária de Educação do Estado, professora Betania Leite Ramalho, e de um grupo de idosos que foram educandos de Paulo Freire.

A conferência *Paulo Freire e seu legado pelo mundo*, ministrada pelo Prof. Dr. Carlos Rodrigues Brandão, encerrou o evento, abordando a importância da obra do pedagogo para a educação no cenário local, nacional e mundial. **Sites:** is.gd/vHCWIq e is.gd/zknnmO

Foto: Eduardo Mendonça

Autoridades, professores e pesquisadores da metodologia freiriana debatem a Experiência de Angicos no *I Encontro de Educação de Jovens e Adultos e de Educação Popular: contribuição e apropriação da pedagogia de Paulo Freire no combate hodierno ao analfabetismo*

Audiência na Câmara dos Deputados, em Brasília, homenageando Paulo Freire, em 1º de outubro de 2013

5.

Homenagem ao Professor Paulo Freire, Patrono da Educação Brasileira, pelos 50 anos de trabalho pioneiro de alfabetização de jovens e adultos. No dia **1º de outubro de 2013**, foi realizada uma **Audiência** na Câmara dos Deputados, em Brasília (DF), em homenagem ao educador Paulo Freire, pelos "50 anos do trabalho pioneiro de alfabetização de jovens e adultos, realizado em Angicos (RN), em 1963". Para receber esta homenagem, foram convidados Lutgardes Costa Freire, filho caçula do educador, a professora Ana Maria Araújo Freire, segunda esposa e viúva do educador, a professora Francisca Pini, diretora pedagógica do Instituto Paulo Freire (IPF), e o professor Marcos Guerra, educador da equipe de Paulo Freire, em 1963.

Lutgardes Costa Freire afirmou que a homenagem a Paulo Freire nesta audiência pública se estendia ao conjunto de educadores populares que continuam trabalhando em prol da educação emancipadora, no Instituto Paulo Freire e em vários movimentos sociais e sindicais desse país. O legado de Paulo Freire continua a serviço dos "esfarrapados do mundo", disse ele. Por isso, a melhor homenagem a seu pai, segundo Lutgardes, deve ser a construção de uma Política Nacional de Educação de Adultos que tenha como meta a eliminação do analfabetismo.

miolo_vfinal.indd 279 16/07/2014 12:43:31

Na mesma direção, **Francisca Pini** afirmou que os princípios teóricos e filosóficos do educador Paulo Freire continuam atuais, pois alimentam a luta por uma educação socialmente referenciada e implicada efetivamente com homens e mulheres que historicamente tiveram seus direitos violados. "Temos de contribuir com o Ministério da Educação na elaboração de uma Política Nacional de Educação de Adultos", concluiu ela.

A audiência também contou a com a presença de: Macaé Maria Evaristo dos Santos Secretária de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI); José Castilho Marques Neto – secretário executivo do Plano Nacional do Livro e Leitura – MinC; André Magri – professor; Josileide Silveira de Oliveira – coordenadora do Projeto MOVA-Brasil – RN; Jailson Morais – Projeto MOVA-Brasil – RN; Inez Helena Muniz Garcia – professora; Maria Eneide de Araújo Melo – aluna de Angicos; Luzia de Andrade – aluna de Angicos; Hailton Mangabeira – músico cordelista. **Sites para consulta:** goo.gl/6oin8s e goo.gl/ixh1f9

Foto: Willian Sant'ana

A diretora pedagógica do Instituto Paulo Freire, Francisca Pini, discursa em audiência na Câmara dos Deputados, em Brasília, no dia 1º de outubro de 2013

miolo_vfinal.indd 280 16/07/2014 12:43:32

Materiais de divulgação de encontros realizados em Santo André (SP) e em Buenos Aires (Argentina)

Divulgação

3. Eventos nacionais e internacionais que contaram com o selo de Angicos

1.

A Secretaria de Educação do Município de **Santo André (SP)** realizou, no dia 9 de novembro de 2013, um evento em *comemoração aos 50 anos da Experiência de Angicos: A contribuição de Paulo Freire na Educação Brasileira*, com palestras da Prof. Ana Maria Araújo Freire, educadora que foi esposa de Paulo Freire; do jornalista José Passos Júnior, assessor de imprensa da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa), com campus em Mossoró e Angicos (RN), e do professor Marcos José de Castro Guerra, integrante do grupo de educadores que atuou com Paulo Freire em Angicos (RN), na década de 1960. Houve também a exibição do documentário *40 horas na Memória: Resgate da Experiência dos Alunos de Paulo Freire em Angicos (RN)*, que traz entrevistas com 19 pessoas que foram alfabetizadas na ocasião (hoje, idosos com mais de 70 anos).

2.

Nos dias 24 e 25 de abril de 2013, em **Buenos Aires** (Argentina), organizações sindicais comprometidas com o movimento de trabalhadores "Nuestra América", a Federação Latino-Americana de Trabalhadores em Educação e Cultura (FLATEC) e o Sindicato Argentino de Docentes Privados (SADOP) organizaram um seminário celebrando os 50 anos de Angicos, fazendo um breve balanço desses mais de 50 anos de vigência da pedagogia de Freire no continente. Os organizadores afirmam: "Sua proposta foi transformadora, principalmente se a colocamos no contexto do final dos anos 1980 e início dos anos 1990 (queda do socialismo real, a ascensão do neoliberalismo, da globalização unipolar). Hoje, vivemos em um mundo globalizado e em crise do capitalismo, que tem vindo a transformar e reestruturar o campo popular de forma muito original. A chamada modernização educacional nos confronta com a necessidade de um relançamento da Educação Popular para ser capaz de reconstruir o que esta globalização unipolar desfragmentou

miolo_vfinal.indd 281 16/07/2014 12:43:35

e ampliar sua transformação ética e política da opção pela luta contra as injustiças sociais. Isto implica que o nosso povo é o tema central deste processo histórico, assumindo o multiculturalismo e a preeminência ética dos marginalizados da terra. E é o que seguiremos questionando". **Site do Sindicato Argentino de Docentes Privados:** www.sadop.net

3.

Na cidade do **Crato (CE)**, nos dias 14 a 21 de setembro de 2013, foi realizada a **3ª Semana Freiriana do Cariri.** Em 2011, a Semana teve como tema central os 90 anos de nascimento de Paulo Freire, e a de 2013 elegeu-se como tema central os 50 anos da Experiência de Angicos. **Site:** www.semanafreirianа.wix.com/campanhasfc2013

4.

Mamanguape (PB) realizou, em 13 de junho de 2013, a **4ª Jornada de Estudos Freirianos,** tendo recebido o aporte reflexivo na história, trajetória e legado do mestre Paulo Freire. A Jornada foi composta por conferências dialogadas, mediadas por professores do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Etnias e Economia Solidária (GEPeeeS) e com colaboração de professores da UFPB, UFRN, IFRN e Ufersa. As jornadas têm como público prioritário: estudantes universitários das licenciaturas de Pedagogia, Ciência da Computação, Ciência da Informação, Matemática e outras; alunos de mestrado, professores universitários e professores da rede pública. **Site:** www.ccae.ufpb.br/gepeeees

Divulgação

Cartaz da 3ª Semana Freiriana do Cariri, em 2011 (*à esq.*), e convite da 4ª Jornada de Estudos Freirianos, em Mamanguape (PB), 13 de junho de 2013 (*à dir.*)

Material de divulgação do II Colóquio Paulo Freire, em Florianópolis (SC), em agosto de 2013 (*à esq.*), e cartaz do Simpósio Paulo Freire, na cidade de Presidente Prudente (SP), também no mesmo período

Divulgação

5.

A Universidade do Estado de Santa Catarina realizou, de 5 a 7 de agosto de 2013, em **Florianópolis (SC)** o seu **II Colóquio Paulo Freire: Diálogos Freirianos**. O evento ocorreu nas dependências do Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (FAED-UDESC), aberto à comunidade universitária e aos profissionais da Educação Básica. Este colóquio foi organizado com ênfase em quatro momentos/vivências: 1) Conferências; 2) Círculos de Cultura – espaço para relatos de experiências referentes a vivências de práticas freirianas e construção/reconstrução de saberes e conhecimento coletivo; 3) Círculos Gnosiológicos – espaço para diálogos de saberes já constituídos e que se desafiam novos saberes (nos moldes de roda de conversa); e 4) Atividades Culturais. **Site da Universidade do Estado de Santa Catarina:** www.udesc.br

6.

No campus de **Presidente Prudente (SP)**, da FCT UNESP, realizou-se no dia 7 de agosto de 2013 o **Simpósio Paulo Freire: a atualidade do pensamento de Paulo Freire frente aos desafios do século XXI**, organizado pela UNESP e pela Secretaria Municipal de Educação de Presidente Prudente. **Site da universidade:** www.unesp.br

miolo_vfinal.indd 283 16/07/2014 12:43:44

7.

Sob a coordenação de Hailton Mangabeira, foi realizado, nos dias 17 e 18 de outubro de 2013, na Secretaria Municipal de Educação de **Macaíba (RN)**, o **I Seminário Paulo Freire: Memórias e Experiências**, com palestras, minicursos, apresentações culturais, de cartazes e pôsteres, exposição do Projeto Memória Paulo Freire, exibição do documentário *40 horas na Memória*, Estante da editora Paulinas com obras de Paulo Freire. **Site do cordelista Hailton Mangabeira:** hailtonmangabeira.blogspot.com

8.

De 29 a 31 de outubro de 2013, foi realizado, sob a coordenação de Paulo Roberto Palhano, o **III Seminário de Práticas Educativas da Educação do Campo** (III SECAMPO), no Campus Mamanguape da Universidade Federal da Paraíba. O III SECAMPO teve a temática *Educação, Cultura e Diversidade* e o homenageado Paulo Freire, reunindo estudantes, professores e pesquisadores universitários, professores e gestores da rede pública, além da articulação no interior da UFPB e da articulação que vem sendo construída entre GEPeeeS-UFPB, UFRN, IFRN e Ufersa. **Site do Seminário de Práticas de Educação do Campo no Vale do Mamanguape (PB):** www.ccae.ufpb.br/secampo/

Cartaz do I Seminário Paulo Freire, em Macaíba (RN), em outubro de 2013 (*à esq.*), e Convite do III Seminário de Práticas Educativas da Educação do Campo, no mesmo período

Divulgação

Foto: Hudson Fonseca/Aleam

Sessão especial da Assembleia Legislativa do estado do Amazonas em homenagem aos 50 anos de Angicos (RN), presidida pelo deputado Sidney Leite, com participação de Ana Maria Araújo Freire, em 3 de dezembro de 2013

9.

A Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas realizou, em **Manaus**, sob a coordenação do professor Ademir Ramos, uma **Sessão Especial** em homenagem aos 50 anos da experiência que Paulo Freire empreendeu na cidade de Angicos (RN). Este evento ocorreu no dia 3 de dezembro de 2013 (terça-feira), das 15h às 20h, "atiçando as lembranças da pedagogia freiriana na perspectiva de se promover profunda reflexão relativa às políticas públicas educacionais no estado, repensando suas práticas e assegurando a construção de novos instrumentos participativos que possibilitem aos educadores e aos agentes públicos aprender a aprender no processo dialógico pautado na autonomia cidadã, bem como na soberania popular".

Referências

CÁTEDRA DA UNESCO DE JOVENS E ADULTOS. *Solenidade Marco Ano Cultural de Paulo Freire*. Disponível em: <http://www.catedraunescoeja.org/noticia-532-solenidade-marco-ano-cultural-de-paulo-freire.html>. Acesso em: 1º mar. 2014.

CENTRO PAULO FREIRE. *VIII Colóquio Internacional Paulo Freire*. Disponível em: <http://coloquio.paulofreire.org.br>. Acesso em: 31 jan. 2014.

FERNANDES, Calazans ; Antonia Terra. *40 horas de esperança:* o método Paulo Freire, política e pedagogia na experiência de Angicos. São Paulo: Ática, 1994.

FREIRE, Paulo. *Cartas a Cristina:* reflexões sobre minha vida e minha práxis. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

miolo_vfinal.indd 285 16/07/2014 12:43:48

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

INSTITUTO PAULO FREIRE; UNIFREIRE. *O Cinquentenário da Experiência em Angicos*. Disponível em: <http://boletim.unifreire.org/edicao01/2013/04/29/o-cinquentenario-da-experiencia-em-angicos>. Acesso em: 31 jan. 2014.

INSTITUTO PAULO FREIRE; UNIFREIRE. *VIII Colóquio Internacional Paulo Freire – Educação como Prática da Liberdade: saberes, vivências e (re)leituras em Paulo Freire*. Disponível em: <http://boletim.unifreire.org/edicao02/2013/09/09/viii-coloquio-internacional-paulo-freire-educacao-como-pratica-da-liberdade-saberes-vivencias-e-releituras-em-paulo-freire>. Acesso em: 31 jan. 2014.

INSTITUTO PAULO FREIRE. *Documentário tem como protagonistas 19 ex-alunos do educador Paulo Freire em Angicos (RN)*. Disponível em: <http://www.paulofreire.org/40-horas-na-memoria-documentario-tem-como-protagonistas-19-ex-alunos-do-educador-paulo-freire-em-angicos-rn>. Acesso em: 31 jan. 2014.

INSTITUTO PAULO FREIRE. *Homenagem a Paulo Freire na Câmara dos Deputados*. Disponível em: <http://www.paulofreire.org/homenagem-a-paulo-freire-na-camara-dos-deputados>. Acesso em: 31 jan. 2014.

INSTITUTO PAULO FREIRE. *Senado lembra o cinquentenário da experiência em Angicos (RN)*. Disponível em: <http://www.paulofreire.org/senado-lembra-o-cinquentenario-da-experiencia-em-angicos-rn>. Acesso em: 31 jan. 2014.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO; INSTITUTO PAULO FREIRE. *50 anos de Angicos e do Programa Nacional de Alfabetização: 50 anos da revolução freiriana na educação*. Disponível em: <http://angicos50anos.paulofreire.org>. Acesso em: 31 jan. 2014.

PARAÍBA. Governo do Estado. *Festival de Aprendizagem da Educação de Jovens e Adultos reúne grande público em João*

miolo_vfinal.indd 286 16/07/2014 12:43:48

Pessoa. Disponível em: <http://is.gd/GL2O3N>. Acesso em: 1 mar. 2014.

REDE FREIRIANA DE PESQUISADORES. *III Seminário Paulo Freire em Recife*. Disponível em: <http://redefreireana.com.br/portal/iii-seminario-paulo-freire-em-recife>. Acesso em: 31 jan. 2014.

RIAPIE. *IV Seminário Internacional de Educação, Paulo Freire e a Educação Superior*. Disponível em: <http://www.riaipe-alfa.eu/index.php/pt/atividades/1840-iv-seminario-internacional-de-educacao-paulo-freire-e-a-educacao-superior-5-7112013>. Acesso em: 31 jan. 2014.

UFPB. *Reitora e Vice-Governador abrem o Marco Ano Cultural Paulo Freire*. Disponível em: <http://www.ufpb.br/content/reitora-e-vice-governador-abrem-o-marco-ano-cultural-paulo-freire>. Acesso em: 1 mar. 2014.

UNINOVE. *IV Seminário Internacional de Educação*. Disponível em: <http://www4.uninove.br/seminariointernacional>. Acesso em: 31 jan. 2014.

miolo_vfinal.indd 287 16/07/2014 12:43:49

miolo_vfinal.indd 288 16/07/2014 12:43:53

Parte 6
Significado atual de Angicos

Celebramos Angicos na passagem dos seus 50 anos, mas queremos ir além das celebrações e evidenciar o seu significado atual. Moacir Gadotti, em seu texto, nos fala dos antecedentes de Angicos e retoma o foco central da experiência que era "alfabetizar e politizar", destacando a importância do Sistema Paulo Freire e do Programa Nacional de Alfabetização (PNA) como seu resultado mais imediato.

Do outro lado do Atlântico, Luís Alcoforado e Sónia Mairos Ferreira apresentam as primeiras experiências de alfabetização e o movimento freiriano em Portugal. Dizem eles: "os ecos de Angicos e as posteriores 'andarilhanças' americanas e europeias de Paulo Freire tiveram uma forte repercussão nas iniciativas de educação de adultos em Portugal na década de setenta".

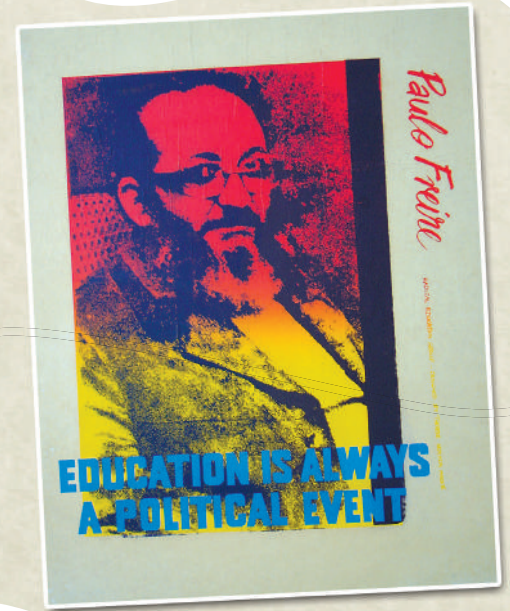
Para Carlos Alberto Torres, a Experiência de Angicos precisa ser lembrada e celebrada. Lembrada não só como uma experiência bem-sucedida de alfabetização, mas também como uma tentativa de expandir a noção de "público" e de educação pública, melhorando a esfera pública. Angicos precisa ser celebrada, pois constituiu um marco no processo de transformação social do Brasil, da criação de uma esfera pública cidadã. Em seu texto, Torres sustenta que a experiência original de Paulo Freire, em Angicos, com o chamado Sistema Paulo Freire, desafiava a educação e a pedagogia bancária, obsoletas e dominantes na época (por que não, até hoje), e antecipava um grande projeto de transformação social, estabelecendo a "cultura popular" como projeto

miolo_vfinal.indd 289 16/07/2014 12:43:53

contra-hegemônico, e de transformação do sistema educacional, colocando a "Educação Popular" como pedra fundamental desse sistema, que, mais tarde, ele chamaria de "escola pública popular" e de "escola cidadã".

O significado de Angicos não se esgota nele. Para Jason Ferreira Mafra, o livro *Pedagogia do oprimido* é, em grande medida, resultante da análise crítica de três grandes momentos da trajetória intelectual e educadora de Paulo Freire no percurso de duas décadas: o contexto pré-Angicos (1947-1959), o trabalho de alfabetização de adultos no Nordeste (1960-1964) e a experiência no Chile (1964-1969). A partir de Angicos, pode-se dizer que nasce também um conceito novo de educação superior: o ponto de partida do projeto pedagógico de Paulo Freire foi a alfabetização; o ponto de chegada seria a Universidade Popular.

Por fim, Sílvia Manfredi apresenta seu estudo sobre Angicos como experiência-piloto do Programa Nacional de Alfabetização (PNA). Ela nos fala das origens do PNA, seu desenvolvimento, sua efêmera duração e os bastidores da resistência, apontando a necessidade de reinventar a proposta em função de novos contextos espaço-temporais.



Reprodução

"A Educação é sempre um ato político", cartaz disponível nos *Arquivos Paulo Freire*

6.1. Alfabetizar e politizar: Angicos, 50 anos depois

Moacir Gadotti

Presidente de Honra do Instituto Paulo Freire e professor aposentado da Universidade de São Paulo (USP)

Em 1993, dia 28 de agosto, acompanhei Paulo Freire a Angicos (RN), 30 anos depois de ele realizar a experiência que o notabilizou no mundo. Ele dizia que aquela era uma viagem sentimental. De fato, Paulo estava muito debilitado naquele ano e, emocionalmente, estava reencontrando sonhos, pessoas, lugares de um grande projeto que marcou sua vida. Rever antigos alunos e monitores do seu projeto de alfabetização de adultos o emocionou.

Compareceram ex-alunos, 8 dos 21 monitores – entre eles Marcos Guerra e Carlos Lyra –, educadores e autoridades, na mesma sala onde eles se reuniram, em 1963, com o presidente João Goulart, para a formatura de 300 alunos alfabetizados, na Escola José Rufino. Naquela data, ao receber o título de cidadão de Angicos, declarou: "Em nenhum lugar do mundo onde estive fiquei mais tocado do que aqui e agora". Lá estava Antônio Ferreira, com 81 anos, que, em 1963, ficou famoso porque fez um discurso ao presidente João Goulart. Ele falou que não pôde continuar estudando porque trabalhava na roça. Lembrou-se da sua monitora Valdenice, de Natal, na época estudante de Letras, e de como o curso havia mudado sua vida. Outro ex-aluno, Severino, contou que sua filha Neide, de 6 anos, havia se alfabetizado junto como ele, e hoje, com 36 anos, era professora de escola pública.

Neste **reencontro,** alguns ex-alunos perguntaram por que Paulo Freire foi preso e por que a experiência não continuou. Ele explicou que aquele processo de democratização do país havia sido interrompido por um golpe militar em que muitos, como ele, haviam perdido sua liberdade, que precisou partir para o **exílio** e não pôde dar continuidade a seu Programa Nacional de Alfabetização. Ex-alunos disseram que haviam ido a Natal procurar seus professores e que, na Secretaria, disseram para "não falar mais naquele assunto".

miolo_vfinal.indd 291 16/07/2014 12:43:57

Um dos grandes intérpretes da obra de Freire, Carlos Alberto Torres, também nos acompanhou a Angicos. Ele foi o primeiro crítico das obras de Paulo Freire (TORRES, 1975). Em 2012, ele procurou o Instituto Paulo Freire, em São Paulo, chamando a atenção para a importância de celebrar os 50 anos daquela significativa experiência. Argumentou que o projeto político-pedagógico de Paulo Freire fora fundamentalmente um repensar sobre a missão do "público" e da educação pública como uma contribuição para a constituição da democracia e da cidadania. Carlos Alberto Torres foi enfático ao afirmar que a proposta freiriana torna-se hoje ainda mais importante diante do embate do neoliberalismo e de seu esforço para transformar a educação de direito em serviço, chegando ao limite da mercantilização da educação pública (TORRES, 2012). Angicos não é apenas um símbolo da luta contra o analfabetismo no Brasil; é um marco em favor da universalização da educação em todos os graus, superando a visão elitista.

Considerando, dentre tantas outras razões, os tempos em que vivemos: de ameaça mundial à educação como direito; de, em nosso país, ser urgente e necessário resgatar a história e tornar públicas as violações de direitos humanos na época da ditadura (que não se restringiram a prisões, tortura, morte e exílio de muitas pessoas, mas significaram negação de muitos outros direitos à população brasileira); e considerando, ainda, a nova história que se constrói no Norte e Nordeste de nosso país e, também, que em 2012 Paulo Freire foi declarado **Patrono da Educação Brasileira**[29], enfim, por tudo que significou Angicos e pelo que vive atualmente nosso país, tão bem apreendido e destacado pelo sociólogo Carlos Alberto Torres, aquele projeto não pode ser esquecido.

29. Paulo Freire tornou-se Patrono da Educação Brasileira pela Lei nº 12.612, de 13 de abril de 2012, sancionada pela presidenta Dilma Rousseff, a partir de proposta da deputada Luiza Erundina que, na Prefeitura de São Paulo, teve Paulo Freire como Secretário Municipal de Educação. O legado do educador pernambucano passa a ser o *ethos* de toda a educação brasileira.

1. O que foi Angicos

A história de Angicos tem importantes **antecedentes**. Já nos anos 50 do século passado, Paulo Freire percebeu que os métodos empregados na alfabetização de adultos eram os mesmos utilizados para alfabetizar crianças. Com a experiência que já havia tido, trabalhando no Sesi, em Recife, via que isso era pedagogicamente inadequado, além de humilhar os alfabetizandos.

miolo_vfinal.indd 292 16/07/2014 12:43:58

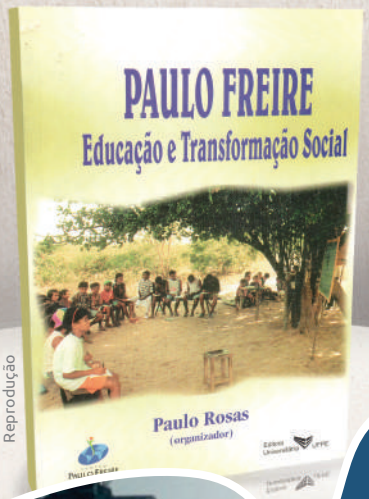
Em julho de 1958, Paulo Freire apresentava as bases teóricas de seu sistema de alfabetização de adultos no II Congresso Nacional de Educação de Adultos, realizado no Rio de Janeiro, como coordenador do relatório do grupo de trabalho sobre "A educação de adultos e as populações marginais: o problema dos mocambos". Este relatório, segundo Ana Maria Araújo Freire (2006, p. 126): "é o germe de toda a literatura ético-político-crítica de Paulo da educação para a transformação". Essas ideias seriam retomadas no ano seguinte, quando apresentou sua tese de concurso para a cadeira de História e Filosofia da Educação na Escola de Belas-Artes de Pernambuco, com o título *Educação e atualidade brasileira*. Trata-se da "primeira elaboração sistemática" do seu pensamento cujos "eixos e categorias iriam perpassar toda a sua obra" (ROMÃO, 2001, p. 13).

Os anos que precederam a Experiência de Angicos foram muito favoráveis à sua realização. Havia um contexto de mobilização popular em todo o Nordeste brasileiro. Em 1960, na gestão do recém-empossado prefeito Miguel Arraes, foi criado o Movimento de Cultura Popular (MCP), em Recife, com 90 sócios-fundadores, tendo Germano Coelho como um dos seus idealizadores e Paulo Freire como um de seus membros mais atuantes. Os ideais do MCP espalharam-se rapidamente por diversos estados do Nordeste. O MCP associava a cultura popular à luta política, conscientizando as massas e alfabetizando por meio de Círculos de Cultura. O MCP de Recife sediou a primeira experiência do Sistema Paulo Freire, no Centro Dona Olegarinha, em 1962, e o I Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular, promovido pelo MEC, em 1963[30]: "Eram tempos em que Educação Popular e ação política passaram a estar indissoluvelmente associadas nos corações e mentes dos que adquiriram consciência política no período" (PAIVA, 2003, p. 8). Como diria, mais tarde, um dos monitores de Angicos, Marcos Guerra, numa entrevista ao educador italiano Paolo Vittoria (Natal, dezembro de 2005):

30. Esse encontro foi um marco na história dos movimentos de cultura e Educação Popular, legitimando "uma nova compreensão do conceito e importância da Educação de Jovens e Adultos, que passou a ser vista como pré-condição para a participação plena de todos os indivíduos na vida nacional" (Vincent Defourny. In: SOARES; FÁVERO, 2009, p. 11). Esse encontro influenciou as diretrizes do Programa Nacional de Alfabetização elaborado por Paulo Freire em 1963 e lançado em janeiro de 1964.

miolo_vfinal.indd 293 16/07/2014 12:43:58

Havia um clima de mudanças, uma discussão nacional sobre mudanças políticas, mudanças estruturais tipo reforma agrária. Na universidade, nós discutimos reforma universitária, se discutia reforma política. Me parece muito importante entender que esse trabalho revolucionário do Paulo Freire não era uma coisa isolada, era um clima geral no Brasil de que nós podemos mudar e a hora é agora". (Fonte: <www.dhnet.org.br/verdade/rn/videos/marcosguerra.htm>. Acesso em: 7 jan. 2014).



Reprodução

O livro *Paulo Freire: educação e transformação social* reúne estudos e depoimentos referentes ao Movimento de Cultura Popular, à Campanha *De pé no chão também se aprende a ler,* ao Movimento de Educação de Base, à Campanha de Educação Popular da Paraíba (Ceplar), esforços deliberados de ação que foram nos anos 1960, antes do golpe militar – ou civil-militar, em todo caso, de direita –, de alcançar, pela educação, a transformação da realidade social. Todos sabíamos, com Paulo Freire, que a educação, sozinha, não pode alavancar a transformação social. Mas sabíamos, também com Paulo Freire, que sem a educação não ocorrerá a transformação social. Germano Coelho, Moacyr de Góes, Osmar Fávero e Afonso Celso Scocuglia são os autores desses estudos e depoimentos. Carlos Rodrigues Brandão nos inicia e inicia o livro com uma reflexão sobre "Paulo Freire e todos nós".

Paulo Rosas, organizador do livro.

Paulo Freire e Paulo Rosas em Jaboatão dos Guararapes (PE), em janeiro de 1995

No ano seguinte, 1961, **várias iniciativas** faziam parte deste contexto favorável a uma alfabetização de adultos cidadã. Em primeiro lugar, o lançamento, pelo secretário da Educação de Natal (RN), Moacyr de Góes, da Campanha *De pé no chão também se aprende a ler*, na gestão do prefeito Djalma Maranhão, entendendo a educação e a cultura como instrumentos de libertação. Neste mesmo ano, a Igreja Católica funda o *Movimento de Educação de Base* (MEB), uma parceria entre o Governo Federal (Decreto nº 50.370/61) e a Conferência Nacional de Bispos do Brasil (CNBB) para contribuir no processo de alfabetização de adultos, utilizando a rede de emissoras católicas, promovendo a valorização do ser humano e o desenvolvimento das comunidades. Ainda em 1961, a União Nacional dos Estudantes (UNE) cria o Centro Popular de Cultura (CPC), abrindo caminho para a politização das questões sociais. Seu objetivo era criar e divulgar uma arte popular revolucionária, defendendo o engajamento político do artista para superar a alienação e a consciência ingênua das massas. Para isso, promovia a encenação de peças de teatro críticas em portas de fábricas, nas ruas e em sindicatos.

Um ano antes de Angicos, em 1962, Paulo Freire e a equipe do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife (SEC/UR) assessoram a Campanha de Educação Popular da Paraíba (Ceplar), criada em João Pessoa por estudantes universitários e profissionais recém-formados para a alfabetização de adultos. Em Angicos, Paulo Freire manteve essa proposta de utilizar estudantes universitários como alfabetizadores.

A Experiência de Angicos nasce de um convite feito, em 1962, por Calazans Fernandes, secretário de Educação do Estado do Rio Grande do Norte e coordenador do Serviço Cooperativo de Educação do Rio Grande do Norte (SECERN). Calazans Fernandes e Maria José Monteiro, ex-aluna de Pedagogia de Paulo Freire, reuniram-se com ele no Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife para falar sobre o projeto de Angicos. Paulo Freire aceitou o convite com **duas condições**: autonomia para contratar os coordenadores e alfabetizadores e não interferência político-pedagógica e ideológica (Paulo Freire temia que o fato de os recursos virem da Aliança para o Progresso pudesse interferir no seu trabalho).

Paulo convidou Marcos Guerra, estudante de Direito e presidente da União Estadual dos Estudantes (UEE), para formar a primeira equipe de alfabetizadores (monitores) para o **Programa de Alfabetização de Angicos**, uma parceria entre o SECERN e o SEC/UR, do qual Paulo Freire era diretor. O trabalho se iniciou em dezembro

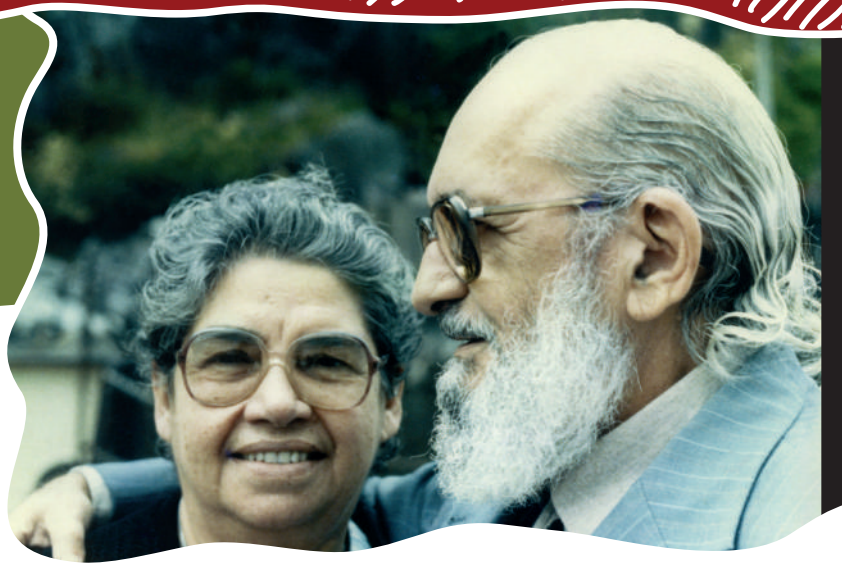
miolo_vfinal.indd 295 16/07/2014 12:43:59

daquele ano, com o levantamento do número de analfabetos de Angicos e com a pesquisa do "universo vocabular" (palavras e Temas Geradores). Com a colaboração da educadora Elza Freire (1916-1986), esposa de Paulo Freire, foram selecionados 21 coordenadores (alfabetizadores) dos Círculos de Cultura, entre eles Madalena Freire, filha de Paulo Freire, então com 17 anos, e os coordenadores Marcos Guerra e Carlos Lyra. Segundo Marcos Guerra,

> a grande mobilização social e política em curso gerou um ambiente geral favorável ao nosso trabalho, que se traduzia pelo apoio de toda natureza, vindo da comunidade, de entidades locais, das Igrejas. Em Angicos, moradores chegaram a ceder suas salas para que nelas fossem instaladas as carteiras escolares, que ali ficaram de meados de janeiro até fins de março de 1963. Na mesma cidade, o vigário recebeu-nos nas instalações da paróquia. Como coincidia com as férias escolares, cedeu as instalações do internato de dois colégios. Os homens foram acolhidos num dormitório do colégio masculino e as mulheres, no colégio feminino, no qual, aliás, fazíamos as refeições e todas as reuniões pedagógicas, que chamávamos seminários, sobre os quais escreverei adiante. (GUERRA, 2013, p. 27).

A intenção da Direção Executiva do Serviço Cooperativo de Educação do Rio Grande do Norte (SECERN) era alfabetizar, até 1965, "100 mil adultos e adolescentes" (SECERN, 1963a, p. 1). Carlos Lyra, em entrevista a Tânia Fischer (1979, p. 2), perguntado sobre as origens do movimento de alfabetização de Angicos, responde: "Existiam outros movimentos de alfabetização no Nordeste, como o do MEB e o de Djalma Maranhão, mas não cederiam os materiais de que tinham propriedade para outra campanha de interesse político. A cartilha tradicional já era considerada ineficaz. Como havia a ideia de Paulo Freire que sintetizava todos os recursos metodológicos até então existentes no campo da alfabetização, incluindo o aspecto da conscientização, o governo resolveu apoiar a

miolo_vfinal.indd 296 16/07/2014 12:43:59



A professora Elza Freire colaborou na seleção dos coordenadores dos Círculos de Cultura em Angicos (RN)

experiência. Por meio de Calazans Fernandes, Secretário de Educação, houve contato com a UNE e esta assumiu o trabalho convocando os estudantes".

O curso foi iniciado dia **18 de janeiro de 1963**, com a aula inaugural de Paulo Freire, na presença de Aluizio Alves, governador do Estado. Um total de 380 moradores de Angicos começam a sua alfabetização. No dia 24 de janeiro foi dada a primeira aula regular do projeto sobre o tema "Conceito antropológico de cultura", iniciando a primeira das "Quarenta horas de Angicos". Segundo Luiz Lobo (2013, p. 126), "o objetivo da primeira hora era conquistar o aluno, elevando sua autoimagem. Era exibido um slide, colorido, com desenho bem ajustado à cultura popular, mostrando uma paisagem do sertão. Tudo ali era facilmente reconhecível por todos os alunos, o que transmitia a eles a ideia de que sabiam mais do que imaginavam". Na primeira aula de alfabetização foi utilizada a palavra geradora "belota"[31]. As aulas eram dadas ao mesmo tempo em que aconteciam as reuniões de formação continuada dos coordenadores dos Círculos de Cultura, refletindo sobre a sua prática.

O primeiro **curso de formação** dos monitores de Angicos, oferecido pelo Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife, incluiu 10 aulas com os seguintes temas e respectivos professores (FERNANDES; TERRA, 1994, p. 151-152):

31. Belota era "uma corruptela local da palavra borlota e designava um enfeite usado em redes e nos rebenques de couro, muito comuns na região" (BEISIEGEL, 2010, p. 51).

miolo_vfinal.indd 297 16/07/2014 12:44:01

Atualidade brasileira (Paulo Freire); *Economia brasileira* (Roberto Cavalcanti de Albuquerque); *Cultura brasileira* (Luiz Costa Lima); *Planificação de desenvolvimento* (Roberto Cavalcanti de Albuquerque); *Processo de desalienação* (Luiz Costa Lima); *Deficiência e inorganicidade da educação no Brasil* (Paulo Freire); *Considerações gerais sobre o método, análise e síntese* (Aurenice Cardoso Costa); *Elaboração do material audiovisual: pesquisa vocabular, seleção das palavras geradores e preparo de fichas* (Paulo Freire); *Prática e metodologia de ensino* (Paulo Freire e Aurenice Cardoso Costa).

Paulo Freire, em suas aulas preparatórias, insistia que o sistema educacional brasileiro precisava ser mais "orgânico", isto é, que não só funcionasse bem com ele mesmo, mas que travasse uma relação estreita entre este sistema e a realidade. Ele insistia que essa organicidade se traduzia pela Leitura do Mundo, isto é, pela maior sensibilidade em relação aos problemas da vida cotidiana. Numa fala gravada dessas aulas, Paulo Freire, em Natal, em janeiro de 1963, durante o curso de formação de coordenadores de Angicos, afirma que:

> Está provado que as pessoas aprendem a ler e escrever com mais facilidade, na medida em que o seu aprendizado se fundamenta na sua própria experiência existencial. Nesse sentido, aliás, há um trabalho, hoje já comprovado, realizado por educadores franceses na África[32], que está sendo feito também em Pernambuco, que é alfabetizar-se através da experiência profissional do grupo analfabeto. No trabalho que nós estamos realizando, eu ampliei um pouco, logo depois que tomei conhecimento dessa experiência francesa. No nosso caso, estamos aproveitando, tanto quanto possível, uma faixa grande da experiência existencial do grupo que vai ser alfabetizado. (Paulo Freire. In: FERNANDES; TERRA, 1994, p. 5).

32. Paulo Freire referia-se aqui a uma experiência de alfabetização de adultos com ajuda audiovisual realizada por um padre haitiano na África e difundida em revista da Unesco (FERNANDES; TERRA, 1994, p. 70).

A primeira turma da Experiência de Angicos concluiu o curso no dia **2 de abril de 1963** com a cerimônia de entrega de certificados aos que haviam se alfabetizado (300)[33], com a presença do presidente da República João Goulart, de vários

33. Dos 380 inscritos no início, 300 participantes foram considerados alfabetizados, com 70% de aproveitamento no "Teste de Alfabetização" e 87% no "Teste de Politização" (LYRA, 1996, p. 171).

miolo_vfinal.indd 298 16/07/2014 12:44:01

governadores do Nordeste e de representantes da Aliança para o Progresso, na qual também falou Aluizio Alves, Paulo Freire e o aluno alfabetizado Antônio Ferreira. A aluna mais idosa, Maria Hermínia, entregou cartas escritas pelos participantes do curso ao presidente. Assim se formava a primeira turma de Angicos. No discurso que Paulo Freire fez, enfatizou os princípios científicos e filosóficos do seu método, propondo uma educação que "conscientize o povo brasileiro" (FREIRE, 1963, p. 1) e "supere a compreensão predominantemente mágica", por uma "visão crítica do saber" (Idem, p. 2). Explicou aos presentes, referindo-se vários vezes ao presidente João Goulart, os passos de sua metodologia que impulsionava os alfabetizandos a serem "sujeitos da sua própria história" (idem, p. 4)[34].

Mais do que uma experiência bem-sucedida de alfabetização de adultos, Angicos formava para a cidadania ativa, pensando numa mudança radical da sociedade brasileira, transformando "massa" amorfa em "povo" participante. É isso que nos revela um trecho da fala do aluno alfabetizado Antônio Ferreira, representando a turma no encerramento do curso de alfabetização em Angicos, dirigindo-se ao presidente da República João Goulart: "naquele momento anterior veio o presidente Getúlio Vargas matar a fome do pessoal, a fome da barriga, que é uma fome fácil de curar. Agora, na época atual, veio o nosso presidente João Goulart matar a precisão da cabeça que o pessoal todo tem necessidade de aprender. Temos muita necessidade das coisas que nós não sabia, e que hoje estou sabendo. Em outra hora nós era massa, hoje não somos massa, estamos sendo povo". Sobre essa fala de Antônio Ferreira, escreveu Paulo Freire na época:

> Quando um ex-analfabeto de Angicos, discursando diante do Sr. Presidente da República, Dr. João Goulart e de sua comitiva, afirmou que já não era massa e sim povo, disse mais do que uma frase: afirmou-se conscientemente numa opção. Escolheu a participação decisória que só o povo tem e renunciou à demissão emocional da massa. Politizou-se. (FREIRE, 1963, p. 18-19).

34. Nessa ocasião, foi notada a presença do marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, fardado, comandante da Região Militar no Recife, que, ao final da aula, teria dito a Calazans Fernandes: "Meu jovem, você está engordando cascavéis nesses sertões" (FERNANDES; TERRA, 1994, p. 18).

miolo_vfinal.indd 299 16/07/2014 12:44:01

O presidente da República João Goulart apontou o caminho a seguir quando afirmou:

> Desejo que centenas destes cursos se espalhem pelo território brasileiro, para que, num futuro próximo, todos os nossos patrícios, todas as nossas patrícias e, especialmente, os que estão mais à margem da civilização, aqueles que vivem mais longe e são mais pobres, possam também receber este benefício mínimo, que é o direito, também, de participar e de se integrar na vida da Nação (…). Este povo, quando tomar conhecimento das letras e depois delas das leis da nossa Pátria, há de se integrar ao país, na luta extraordinária que todos juntos devemos realizar pela emancipação econômica da nossa Pátria, para que não se assista espetáculos de tanto contraste social e de tanta miséria em tantas regiões da nossa Pátria. (João Goulart. In: SECERN, 1963, p. 19-20).

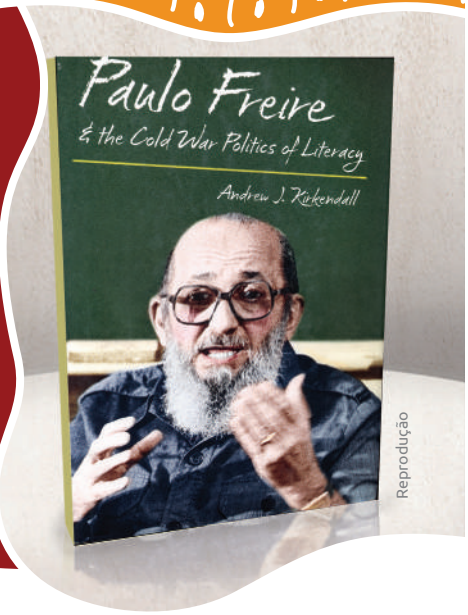
A Experiência de Angicos **repercutiu** nacional e internacionalmente. Para Angicos, deslocaram-se representantes de vários jornais, tais como: *Time Magazine, Herald Tribune, Sunday Times, United* e *Associated Press* e *Le Monde*. O jornal *The New York Times* deu destaque à Experiência de Angicos com uma longa reportagem. Ao término da experiência, Luiz Lobo lançou o filme *As 40 horas de Angicos*, uma produção do SECERN, mostrando a Experiência de Angicos como uma "primeira fase" do programa de alfabetização, por meio de um "método simples, claro e eficiente" que, "matando a fome da cabeça" e "transformando Angicos numa comunidade forte, consciente e empreendedora", forma pessoas para "contribuir com as magnas decisões da Pátria"[35].

Muitos anos depois, o educador norte-americano Andrew Kirkendall (2010) diria que, naquela época, a eliminação do analfabetismo era uma questão política central do período da Guerra Fria no chamado "Terceiro Mundo". Paulo Freire desempenhou um papel político importante neste contexto, percebido logo pelos militares que assumiram o poder pelo

35. Documentos sobre a experiência de Paulo Freire em Angicos podem ser encontrados no acervo do Centro de Referência Paulo Freire (acervo.paulofreire.org) e no site dos 50 anos de Angicos (http://angicos50anos.paulofreire.org/)

miolo_vfinal.indd 300 16/07/2014 12:44:01

A tese do livro *Paulo Freire and the Cold War Politics of Literacy*, de Andrew J. Kirkendall, é a de que a eliminação do analfabetismo era uma questão política central no período da Guerra Fria no chamado "Terceiro Mundo". Paulo Freire desempenhou um papel político importante neste contexto, percebido logo pelos militares que assumiram o poder por meio de um golpe, em 1º de abril de 1964. Paulo Freire politizava a alfabetização transformando o analfabeto em cidadão, capaz de votar conscientemente e escolher seus governantes. O livro traz uma nova visão do papel da educação na Guerra Fria em uma análise abrangente da trajetória internacional de Paulo Freire, por meio de um estudo meticuloso e de uma extensa documentação.



Reprodução

golpe de 1964. Ele politizava a alfabetização, transformando o analfabeto em cidadão, capaz de votar e escolher melhor seus governantes. Paulo Freire tinha clareza de que não bastava transformar o analfabeto em eleitor para construir a democracia. Para ele, "uma educação deve preparar, ao mesmo tempo, para um juízo crítico das alternativas propostas pela elite, e dar possibilidades de escolher o próprio caminho" (FREIRE, 1980, p. 20). Em síntese, o livro de Andrew Kirkendall sustenta que Paulo Freire foi mais uma vítima da Guerra Fria.

2. O Sistema Paulo Freire

Os fundamentos político-pedagógicos do Sistema Paulo Freire foram expostos pelos seus criadores na revista *Estudos Universitários*, Revista de Cultura da Universidade do Recife (número 4, abril-junho de 1963). Neste número encontramos os seguintes artigos relacionados com o Sistema Paulo Freire: *Conscientização e alfabetização: uma nova visão do processo*, de Paulo Freire (p. 5-23); *A fundamentação teórica do Sistema Paulo Freire de educação*, de Jarbas Maciel (p. 25-59); *Educação de Adultos e unificação da cultura*, Jomard Muniz de Brito (p. 61-70); *Conscientização e Alfabetização: uma visão*

miolo_vfinal.indd 301 16/07/2014 12:44:02

prática do Sistema Paulo Freire, de Aurenice Cardoso (p. 71-80); *Introdução à análise sociológica*, de Abdias Moura (p. 81-101) e *Alfabetização e cultura popular na politização do nordeste brasileiro*, de Pierre Furter (p. 103-114).

No número 5 (jul./set. 1963), Paulo Gaspar Meneses apresenta *Uma sugestão para a segunda etapa do sistema Paulo Freire* (p. 3-8). Em seu artigo, Paulo Freire deixa clara sua "nova visão do processo" de alfabetização quando afirma que, "na alfabetização de adultos o que temos de fazer é levá-los a conscientizarem-se para que se alfabetizem" (FREIRE, 1963, p. 18).

Em seu artigo, Jarbas Maciel afirma que

> A alfabetização "deveria ser – e é – um elo de uma cadeira extensa de etapas, não mais de um método para alfabetizar mas de um sistema de educação integral e fundamental. Vimos surgir, assim, ao lado do *Método Paulo Freire de Alfabetização de Adultos*, o *Sistema Paulo Freire de Educação*, cujas sucessivas etapas – com exceção da atual etapa de alfabetização de adultos – começam já agora a ser formuladas e, algumas delas, aplicadas experimentalmente, desembocando com toda a tranquilidade numa autêntica e coerente Universidade Popular. (MACIEL, 1963, p. 26).

Este número da revista *Estudos Universitários* é particularmente emblemático, porque é aí que aparecem as primeiras ideias sistematizadas do que foi chamado de "Método Paulo Freire", parte deste Sistema. Segundo Carlos Rodrigues Brandão (2003, p. 83-84):

> Na cabeça dos seus primeiros idealizadores, o *método de alfabetização* de adultos era a menor parte de um sistema de educação, do mesmo modo como o trabalho de *alfabetizar* era só o momento do começo da aventura de *educar*, criando entre as pessoas sistemas novos de trocas de gestos, símbolos e significados, cujo resultado é a transformação de todos através do diálogo de que cada

miolo_vfinal.indd 302 16/07/2014 12:44:02

> um aprende. Assim, o método foi a matriz construída e testada de um sistema de educação do homem do povo (e de todas as pessoas, por extensão) que imaginou poder inverter a direção e as regras da educação tradicional, para que os seus sujeitos, conscientes, participantes, fossem parte do trabalho de mudarem as suas vidas e a sociedade que, pelo menos em parte, as determinava. Em Pernambuco, este Sistema previa as seguintes etapas: 1ª) alfabetização infantil; 2ª) alfabetização de adultos; 3ª) ciclo primário rápido; 4ª) extensão universitária (universidade popular); 5ª) Instituto de Ciências do Homem (pensado para ser criado na Universidade do Recife); 6ª) Centro de Estudos Internacionais (com foco sobre questões do Terceiro Mundo).

No artigo de Jarbas Maciel, da revista *Estudos Universitários* (acima citada), ele expõe as *finalidades* e as *etapas* do Sistema Paulo Freire de Educação tal qual fora concebido pela equipe do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife, baseado nos seguintes "postulados fundamentais": a) igualdade ontológica de todos os homens; b) a acessibilidade ilimitada do conhecimento e da cultura; c) a comunicabilidade ilimitada do conhecimento e da cultura (MACIEL, 1963, p. 30-31). O projeto da equipe de Paulo Freire era ambicioso:

> Creio ser este o grande significado social do Sistema Paulo Freire de Educação. É, ele mesmo, uma fase do processo histórico brasileiro. Daí a sua capacidade impressionante de empolgar as pessoas que têm travado contato com o trabalho do SEC da Universidade do Recife. (MACIEL, 1963, p. 36-37).

O *diálogo* era o principal fundamento do Método e do Sistema Paulo Freire. Ele se confundia com o próprio processo da educação. Como afirma Aurenice Cardoso (1963, p. 73): "é convicção nossa que dialogando com os analfabetos seus problemas, possam eles se tornarem mais críticos. Por isso é o diálogo a técnica fundamental do Sistema Paulo Freire, o qual coloca os analfabetos como participantes". Jarbas Maciel não é menos enfático quando fala do papel do diálogo na motivação dos educandos:

> No Sistema Paulo Freire de Educação a motivação é despertada no recipiente através da participação ativa, como sujeito criador e, por isso, está

miolo_vfinal.indd 303 16/07/2014 12:44:02

> intimamente ligada à utilização da pragmática existencial-social transitiva das palavras para a alfabetização e dos conceitos, interpretações, teorias e sistemas filosóficos utilizados para a extensão cultural em todos os níveis popular, secundário, médio e universitário. (MACIEL, 1963, p. 57).

Isso tem muito sentido quando se analisam os dois pilares do projeto de Angicos: *alfabetização* e *politização*[36]. Um não pode estar separado do outro. Um sustenta o outro. Na hierarquia do projeto, o segundo vem antes do primeiro. Como sustenta Aurenice Cardoso (1963, p. 76):

> A alfabetização no Sistema Paulo Freire é uma consequência da conscientização. Uma vez introduzido no 'Círculo de Cultura' e iniciado nas atividades pela discussão do que é cultura e mais adiante dialogando a respeito de problemas vitais e sociais, sente-se o analfabeto além de profundamente motivado, desinibido, inclusive pela dimensão nova que adquire de ser capaz de criar. Torna-se autoconfiante e comporta-se já, diferentemente.

36. Osmar Fávero, num artigo publicado no site DHNET (www.dhnet.org.br/educar/40horas/favero_paulo_freire_primeiros_tempos.pdf. Acesso em: 7 jan. 2013) com o título "Paulo Freire: primeiros tempos", na nota 16, faz a seguinte observação sobre o conceito de 'politização': "Aproveito para observar que o termo *politização*, também usado naquela época, tinha conotações distintas. Entendendo-se *conscientização* como um processo educativo destinado a firmar no homem a consciência histórica a partir da consciência crítica da realidade, como processo seria dinâmico e deveria favorecer engajamentos que visaram a transformação dessa realidade. *Politização seria exatamente essa dimensão prática, expressamente política, de organizar grupos para a ação".*

3. O Programa Nacional de Alfabetização

O presidente João Goulart viu, na Experiência de Angicos, a possibilidade de tirar milhões de brasileiros da miséria e incluí-los na cidadania. Em junho de 1963, Paulo de Tarso Santos assume o Ministério da Educação. Darcy Ribeiro, seu antecessor, recomenda chamar a Brasília Paulo Freire para conceber um programa nacional de alfabetização baseado no experimento de Angicos. Em 16 de julho, a Portaria Ministerial 195 instituiu, no Gabinete do Ministro da Educação, a *Comissão de Cultura Popular,* "com o objetivo de implantar, em âmbito nacional, novos sistemas educacionais de cunho eminentemente popular, de modo a abranger áreas ainda não atingidas pelos benefícios da educação". Paulo Freire é nomeado presidente desta Comissão, que era composta ainda por Herbert

miolo_vfinal.indd 304 16/07/2014 12:44:02

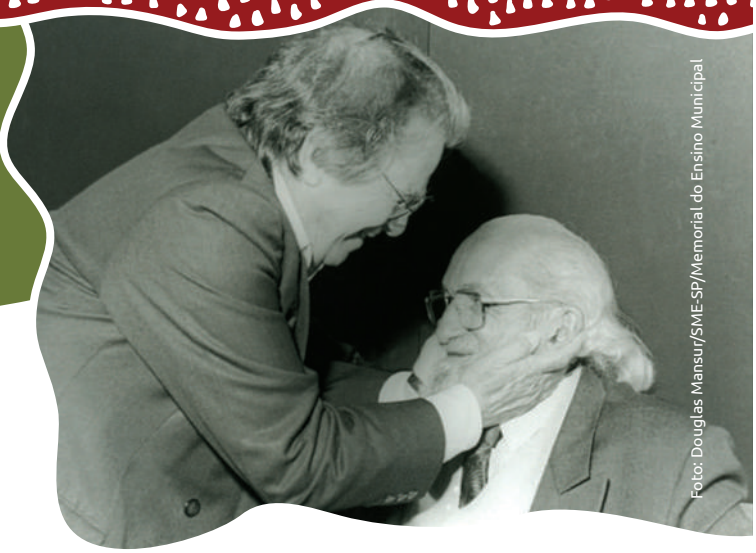


Foto: Douglas Mansur/SME-SP/Memorial do Ensino Municipal

Darcy Ribeiro se despede de Paulo Freire, quando Freire deixa o cargo de secretário da Educação da cidade de São Paulo, em 1991

José de Souza (Betinho), Lauro Bueno de Azevedo, Júlio Furquim Sambaqui e Roberto Saturnino Braga. Sua primeira tarefa foi fazer um levantamento nacional do número de analfabetos para subsidiar o futuro Programa Nacional de Alfabetização. O número de analfabetos de 15 a 45 anos, em setembro de 1963, era de 20.442.000.

Celso de Rui Beisiegel, docente do Centro Regional de Pesquisas Educacionais (CRPE) de São Paulo, visitou a experiência de alfabetização de adultos de Angicos, para observar o funcionamento dos Círculos de Cultura e realizar experiência com o mesmo método no município paulista de Osasco. A visita de Celso Beisiegel a Angicos, junto com Walter Esteves Garcia e Luiz Pereira, foi para conhecer de perto o trabalho que estava sendo realizado. A experiência de Vila Helena Maria (Osasco) foi uma iniciativa dos estudantes da Ação Popular (AP), que lideravam a União Estadual de Estudantes (UEE), e contataram diretamente Paulo Freire (BEISIEGEL, 1974, p. 171-172).

A Experiência de Angicos foi levada também para outras cidades: Quintas, Mossoró, Caicó, Macau, Osasco, Belo Horizonte, Goiânia, Brasília, Aracaju, Porto Alegre etc., como "projeto-piloto" do Programa Nacional de Alfabetização (PNA). Ana Maria Araújo Freire (2006, p. 146-150) destaca três documentos sobre o PNA, "em sua fase anterior de implantação prática": a) "Comissão Nacional de Cultura Popular. Programa de Trabalho para Janeiro – Fevereiro – Março de 1964"; b) "Fatores básicos e fundamentais à execução do Plano Nacional de Alfabetização de adultos, pelo Método Paulo Freire, pela Diretoria do Ensino Básico", assinado por Marcílio Augusto Veloso, presidente da Comissão Regional de Cultura Popular de

miolo_vfinal.indd 305 16/07/2014 12:44:03

Brasília; c) "Recursos de 1963 – Janeiro – Fevereiro – Março Cr$ 674.400.000,00", assinado por Antonio Carlos Dias Ferreira, secretário executivo. Em nota, Ana Maria Araújo Freire esclarece sobre esse último documento: "Certamente, o ano seria 1964, e não 1963". Esses documentos opõem o Sistema Paulo Freire, com resultados rapidamente alcançados e a baixo custo, ao "Sistema Tradicional" (obsoleto e ineficiente):

> No Sistema Paulo Freire a utilização de todos os canais possíveis de comunicação conduz a uma série de fatos novos. O professor tradicional é substituído por um 'Coordenador' de debates cuja função é, pelo diálogo franco, informal e sincero, retirar das situações sociológicas compactamente programas nos 'Slides' ou 'Strip-films', todo um complexo de informações ligado, através de reduções a vocabulários mínimos, ora à Antropologia Cultural, ora à Sociologia ora à Geografia Humana. (*apud* FREIRE, 2006, p. 147).[37]

37. Esta passagem encontra-se no primeiro documento: "Comissão Nacional de Cultura Popular. Programa de Trabalho para Janeiro – Fevereiro – Março de 1964".

O documento *Fatores básicos e fundamentais à execução do Plano Nacional de Alfabetização de adultos, pelo Método Paulo Freire, pela Diretoria do Ensino Básico* trata mais de questões operacionais, tais como os recursos humanos e financeiros necessários, o papel do MEC e da sociedade civil no processo, a base jurídica e administrativa necessárias etc., mas sem esquecer os "fatores técnico-metodológicos", associando o administrativo e o pedagógico, como a formação de coordenadores e supervisores.

O Programa (também chamado de "Plano" em alguns documentos) era nacional e buscava, segundo Vanilda Paiva (2003, p. 278), "recentralizar as atividades de educação de adultos no MEC", mas a sua execução ainda era descentralizada, com planos regionais e estaduais (muitos deles se perderam). Para não perder a unidade do Programa, eram previstos encontros e seminários nacionais de alfabetização e cultura popular. Chama muito a atenção a preocupações dos idealizadores do PNA com a *cultura regional*. No item 10 deste último documento – "Fator cultural regional" – afirma-se:

miolo_vfinal.indd 306 16/07/2014 12:44:03

> Tem que se levar em conta e consideração: a) as peculiaridades regionais; b) os usos, costumes, normas, os valores sociais de cada subcultura (região brasileira) por diferir, enormemente, uma da outra, pela conotação de características várias; as características próprias de cada região, e mesmo, de cada estado desta, quando da pesquisa das palavras geradoras. (*apud* FREIRE, 2006, p. 148-149).

Em 1963, Paulo Freire percorreu o país estruturando o Programa Nacional de Alfabetização, que seria iniciado oficialmente na Baixada Fluminense, no antigo Estado da Guanabara e, em Sergipe, no início de 1964. Antes mesmo do decreto de criação do PNA, ainda em 1963, o Sistema Paulo Freire de Alfabetização já estava sendo aplicado em várias capitais, em Brasília, no Rio de Janeiro e na zona rural de Alagoas, pela Campanha de Educação Popular da Paraíba (Ceplar). Como diz Cecília Maria Bouças Coimbra (2000, p. 14):

> De um modo geral, em quase todas essas experiências, um clima de 'urgência' ocorria, 'como se pairasse uma ameaça no ar'. Os programas eram desenvolvidos em 'ritmo de campanha', acelerado, quase febril, apontando para uma 'atuação de massa', onde a mobilização se fazia fundamental. O slogan dessas experiências era que, através da alfabetização, iríamos 'conscientizar, politizar e organizar' o povo.

A coordenação estadual do PNA no Rio de Janeiro era dividida em três seções: *Alfabetização*, *Administração* e *Mobilização*. A mobilização tinha um papel importante, pois o Programa era concebido e partir da participação e cooperação de estudantes, operários, associações sindicais e desportivas, associações de bairros, entidades religiosas, empresas privadas e outros.

> A divisão de Alfabetização era a responsável pela pesquisa e levantamento do universo vocabular na região do Rio de Janeiro, de sua seleção, do treinamento de novos alfabetizadores. Para isso, Paulo Freire trouxe alguns de

miolo_vfinal.indd 307 16/07/2014 12:44:03

> sua equipe do Recife, e os primeiros coordenadores dos futuros Círculos de Cultura em solo fluminense foram treinados pelo grupo que já possuía experiência desde o MCP de Pernambuco. A divisão de Mobilização era a responsável pelo trabalho de propaganda e mobilização dos 150 mil adultos que se pretendia alfabetizar no estado do Rio de Janeiro (...). Ajudariam nesta mobilização dezenas de convênios que o Ministério da Educação pretendia fazer com os sindicatos para que, a partir deles, a campanha de alfabetização se difundisse mais amplamente entre os trabalhadores. (COIMBRA, 2000, p. 12).

Essa movimentação não passou despercebida. A oposição política ao governo popular de João Goulart se confundia com as críticas a Paulo Freire e ao seu método:

> As críticas ao método de Paulo Freire e ao Programa Nacional de Alfabetização foram particularmente acentuadas no Estado da Guanabara. Vários fatores contribuíram para que isto ocorresse: aí se confrontavam diretamente posições extremas no espectro das lutas políticas no campo da educação, bem representadas, num dos polos, pelo governo Lacerda e, no outro, pela direção nacional da UNE. (BEISIEGEL, 1982, p. 249).

A passagem de Paulo Freire por São Paulo também não ficou sem reação de seus opositores. O jornal *O Estado de S. Paulo*, no dia 8 de dezembro de 1963, publicou um editorial com o título *Alfabetizar ou politizar?*, em que ataca o Plano Nacional de Alfabetização. Em outro editorial, de 21 de dezembro, este jornal ataca diretamente Paulo Freire, com um título que diz tudo: *Método nazista*[38].

Em meio a essas críticas, João Goulart, por meio do Decreto nº 53.465, de 21 de janeiro de 1964, instituiu o Programa Nacional de Alfabetização, consagrando o "Sistema Paulo Freire para alfabetização em tempo rápido"[39]. O Programa Nacional de Alfabetização previa a "cooperação e os serviços"

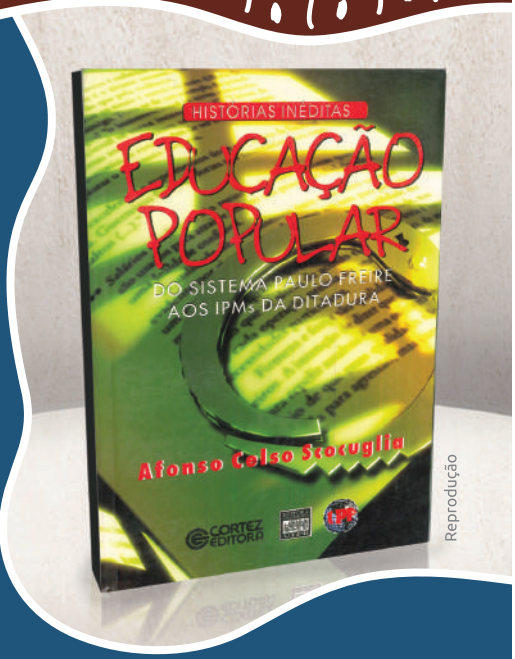
38. Esses editoriais do jornal *O Estado de S. Paulo* não tiveram resposta na época. Cinquenta anos depois, talvez, possamos responder. Sim, **é preciso alfabetizar e politizar**, formar para a cidadania. Paulo Freire afirmava frequentemente: "sou educador para ser substantivamente político". Hoje se fala muito pouco de política nas escolas: virou tabu, heresia pedagógica. Muitas escolas até sabem o que querem, mas não são escutadas. Por isso, muitas delas não se perguntam por que educar; não sabem que país querem e não sabem de que educação precisam para o país que desejam. São escolas que, na sua maioria, não formam para a cidadania ativa. Tinha razão Paulo Freire (1991, p. 16): "não devemos chamar o povo à escola para receber instruções, postulados, receitas, ameaças, repreensões e punições, mas para participar coletivamente da construção de um saber que vai além do saber de pura experiência feito, que leve em conta as suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe transformar-se em sujeito de sua própria história. [...] A escola deve ser também um centro irradiador da cultura popular, à disposição da comunidade [...] um centro de debate de ideias, soluções, reflexões, onde a organização popular vai sistematizando sua própria experiência. A escola não é só um espaço físico. É um clima de trabalho, uma postura, um modo de ser".

39. Segundo Vanilda Paiva (2003, p. 475, nota 147), "o mesmo decreto havia sido assinado no final do ano anterior, sendo extraviado antes da publicação. Foi necessário um novo decreto, assinado e publicado em finais de janeiro de 64, quando a implementação do PNA já havia sido iniciada".

miolo_vfinal.indd 308 16/07/2014 12:44:03

Na Paraíba dos anos 1960, ocorreram três importantes movimentos de alfabetização de jovens e adultos, todos pioneiros, cada um a seu modo, da alfabetização pelo rádio (Sirepa – Sistema Rádio-Educativo da Paraíba); da aplicação do maior programa de reação (pós-abril de 1964), liderado por missionários protestantes e técnicos norte-americanos (Cruzada ABC – Cruzada de Ação Básica Cristã). No início de 1964, no auge dos conflitos sociais, atuavam, simultaneamente, o Sirepa, com centenas de escolas radiofônicas; a Ceplar, com 135 Círculos de Cultura, e o que seria o embrião da Cruzada ABC preparava 700 monitores para combater a Ceplar e seu projeto político-pedagógico. Embora a pesquisa ampliada tenha contemplado as três campanhas paraibanas, este trabalho concentra-se na reconstrução da história da Ceplar e da correspondente aplicação pioneira (em larga escala) do Método Paulo Freire na Paraíba (Nordeste do Brasil) na década de 1960, incluindo as reações ao seu legado. Essa história, que começa no final de 1961, é bruscamente interrompida pelos militares e seus aliados em abril de 1964, terminando em 1969, quando dez dirigentes da Ceplar são absolvidos (da acusação de subversão e comunismo) no IPM do Exército a que foram submetidos.

Afonso Celso Scocuglia, professor da Universidade Federal da Paraíba, no livro *Educação Popular – Do Sistema Paulo Freire aos IPMs da Ditadura*



Reprodução

de "agremiações estudantis e profissionais, associações esportivas, sociedades de bairro e municipalistas, entidades religiosas, organizações governamentais, civis e militares, associações patronais, empresas privadas, órgãos de difusão, o magistério e todos os setores mobilizáveis"[40].

Desde o início, em seus primeiros escritos e na sua práxis político-pedagógica, Paulo Freire preconizava a necessidade da participação popular na luta contra o analfabetismo. O programa previa a criação de 60.870 Círculos de Cultura, cada um com a duração de três meses, em todas as unidades da federação, para alfabetizar, em 1964, 1.834.200 analfabetos na faixa de 15 a 45 anos. A sua implantação efetivar-se-ia por meio de projetos-piloto na região Sul, Sudeste e Nordeste. O PNA representava não só um salto qualitativo em relação às campanhas de alfabetização

40. "O PNA, embora prevendo a mobilização de grupos de estudantes e entidades sindicais, não entregava a elas a execução do programa, incumbindo-se dela o próprio Ministério. Tal como antes, previa-se a alfabetização de 5 milhões de adultos num prazo de 2 anos" (PAIVA, 2003, p. 284).

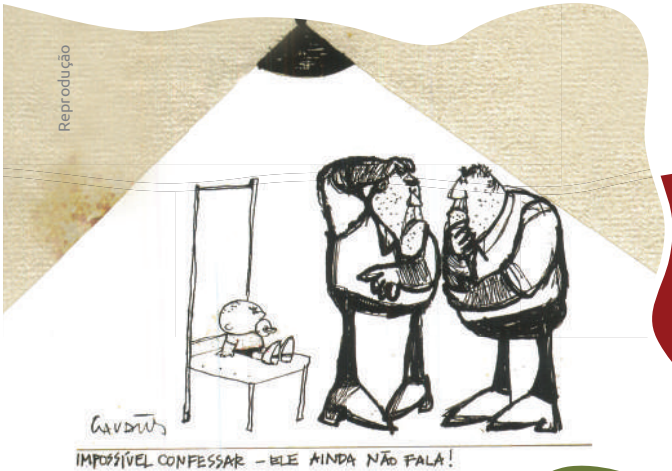
miolo_vfinal.indd 309 16/07/2014 12:44:04

anteriores, mas um momento do processo de construção de um novo projeto de poder e de desenvolvimento nacional. É certo que, como afirma Sílvia Manfredi (1981, p. 14),

> A adoção do Sistema Paulo Freire de Educação não exprime apenas um intento de renovação dos procedimentos até então adotados com relação à educação de adultos; quando encarada à luz de processos político-ideológicos mais abrangentes, sua institucionalização só pode ser entendida quando analisada em função do conjunto de práticas políticas vinculadas a um modelo de desenvolvimento sócio-econômico específico (nacional-desenvolvimentista) e do estilo populista que caracterizava a relação entre os grupos dominantes, representados no poder, e as 'massas populares'.

Tudo isso cairia por terra com o golpe civil-militar de 1964. Dia 14 de abril, logo após o golpe de Estado, o Decreto nº 53.886, um dia antes de o marechal Castelo Branco assumir o poder, extinguiu o Programa Nacional de Alfabetização. Ranieri Mazzilli, presidente em exercício, por meio deste ato, afirma que extinguiu esse Programa considerando a necessidade de "reestruturar o Planejamento para a eliminação do analfabetismo no país" e para "preservar as instituições e tradições de nosso país". O presidente João Goulart havia marcado a inauguração oficial do Programa, simbolicamente, no dia 13 de maio na praça principal de cidade de Caxias (RJ)[41]. Nesta mesma data, o MEC, por meio da Portaria 237, "revogava todas as portarias anteriores e

41. "Tudo estava sendo preparado para a inauguração oficial do Programa, com a abertura de cerca de 300 Círculos de Cultura nos municípios escolhidos, num grande comício no dia 13 de maio (dia da libertação dos escravos) na praça principal de Caxias, com a presença do Presidente da República" (PAIVA, 2003, p. 285-286).



Trabalho gráfico de Claudius Ceccon, disponível no catálogo da exposição *Quixote do Humor*, que aconteceu no Sesc Santo Amaro (SP), em 2014

divulgava, pela imprensa, um levantamento do material usado na campanha de alfabetização, com o 'arrolamento de um vasto equipamento fotográfico, avaliado em vários milhões de cruzeiros e publicações de caráter subversivo' que seriam em seguida expostas à visitação" (BEISIEGEL, 1974, p. 171).

Anos mais tarde, em entrevista concedida a Claudius Ceccon e Miguel Darcy de Oliveira e publicada numa edição especial do jornal *O Pasquim* (Rio de Janeiro, nº 462, de 5 de maio de 1978) sobre o PNA, Paulo Freire disse que "o negócio era tão extraordinário que não poderia continuar (…). Pesava demais na balança do poder. Era um jogo muito arriscado para a classe dominante" (p. 13-14)[42].

Depois disso, a história é bem conhecida. Paulo Freire foi preso e passou 70 dias numa cadeia do quartel de Olinda, acusado de "subversivo e ignorante". Detalhe: na prisão, um dos oficiais responsáveis pelo quartel, sabendo que ele era professor, solicitou a Paulo Freire para alfabetizar alguns recrutas. Paulo explicou-lhe que foi exatamente porque queria alfabetizar que fora preso. Alguns de seus alunos também foram presos e passaram por outras dificuldades depois da Experiência de Angicos, considerada "subversiva" e mais tarde também extinta. Em setembro de 1964, Paulo Freire partiu para o exílio. Depois de uma rápida passagem pela Bolívia, não suportando a altitude, em novembro de 1964 embarca para o Chile para trabalhar no *Instituto de Capacitación y Investigación de la Reforma Agraria* (ICIRA), onde permaneceu até 1969. Retorna ao Brasil apenas no final de 1979, e, definitivamente, no ano seguinte.

A Experiência de Angicos deu-se num contexto contraditório e conturbado, com a queda de Jânio Quadros, dia 25 de agosto de 1961, seguida das negociações que levariam à posse do seu vice, João Goulart, dia 7 de setembro (FERREIRA, 2011). Ele assinou, no ano seguinte, o "Acordo Brasil-Estados Unidos sobre o Nordeste", no quadro dos propósitos da Aliança para o Progresso. Paulo Freire sabia de tudo isso e foi perguntado se achava que era possível, nesse contexto, fazer a revolução educacional com que sonhava. Dia 21 de maio de 1983, em entrevista à TV Universitária de Natal, Paulo Freire afirma:

42. "A chamada 'Revolução' exterminou com o mais bonito, competente e barato projeto de alfabetização. Os pedagogos criticaram porque os alfabetizados podiam escrever casa com esse ou com zê, sem levar em conta que o objetivo da alfabetização era alcançado: permitir a comunicação escrita. E com uma vantagem: como o processo é mágico, não havia analfabetismo regressivo, como nos métodos tradicionais. Pobres argumentos. Mas, no fundo, no fundo, o que determinou mesmo o fim do projeto não foram os Círculos de Cultura em lugar das salas de aula, não foi a valorização da cultura popular; menos ainda, as palavras geradoras. O notável silêncio que até hoje envolve Angicos e o método Paulo Freire, e o impedimento de retomá-lo foi um conceito só: a conscientização. Alfabetizado ainda vai, mas com consciência de cidadão também já é querer demais" (LOBO, 2013, p. 129).

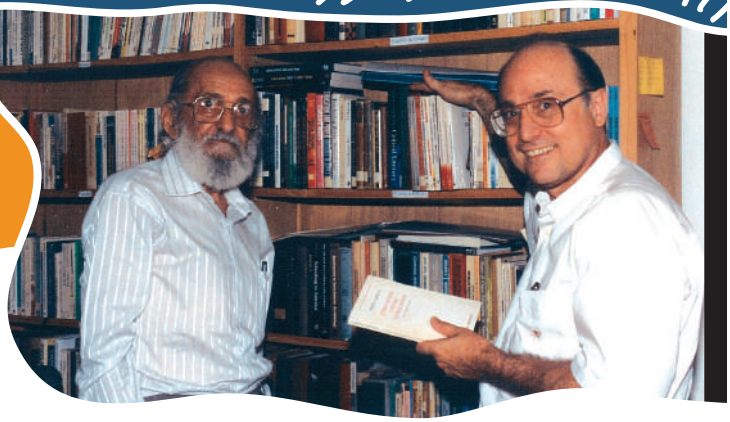
miolo_vfinal.indd 311 16/07/2014 12:44:13

> E uma das exigências que eu fazia era de que as nossas relações se travariam entre Universidade e Secretaria da Educação e não através de nenhum representante da *Aliança para o Progresso*. A minha tese era a seguinte: eu não aceito coisa alguma da *Aliança para o Progresso*, mas não tenho nada contra usar o dinheiro que ela pensa que é dela, mas que não é, porque no fundo o dinheiro da *Aliança para o Progresso* era o dinheiro que voltava ao Brasil, ainda mais em termos de favor, mas o dinheiro nosso, o dinheiro nosso, o dinheiro dessa área subdesenvolvida, que não é subdesenvolvida só porque é explorada, dominada. Então, por que não aproveitar esse dinheiro no retorno, desde que a gente pudesse assegurar o que fazer com ele? A minha posição era essa: se eu tenho autoridade sobre o que se vai fazer no projeto, eu não quero saber se esse dinheiro vem da *Aliança* ou vem do japonês. (In: LYRA, 1996, p. 182).

Desde o início, Paulo Freire não tinha nenhuma ilusão em relação aos objetivos da Aliança para o Progresso. Com muita lucidez política, ele afirmou, ainda em 1963, que a Aliança para o Progresso era "o resultado direto da revolução cubana". "Muitos a entendem como algo novo", dizia ele, como

> um capítulo inteiramente novo nas relações entre os EUA e a América Latina. Nós a entendemos apenas e simplesmente como uma sequência lógica da guerra fria, produto da luta pela hegemonia mundial entre as duas facções EUA e URSS. Perceberam os Estados Unidos, principalmente a partir da revolução cubana, que a América Latina representa uma importante força na estratégia daquela luta mundial. Esta percepção infelizmente é feita a partir da visão de sua sociedade e isto faz necessariamente com que os objetivos do programa de ajuda sejam os objetivos de quem dá e não os de quem recebe. (FREIRE, 1963, p. 10-11).

miolo_vfinal.indd 312 16/07/2014 12:44:13



Em sua biblioteca, Paulo Freire recebe Moacir Gadotti, em 1990, ocasião em que falaram da organização do livro *Paulo Freire: uma biobibliografia,* que seria publicado pela Cortez Editora em 1996

E se os interesses norte-americanos não fossem atingidos pelo apoio político, eles seriam, certamente, pela intervenção militar. É o que nos revelaram, 50 anos depois, os Arquivos da Ditadura[43] (www.arquivosdaditadura.com.br). Em conversa com o embaixador Lincoln Gordon, dia 7 de outubro de 1963, John Kennedy cogitou intervir militarmente no Brasil para depor João Goulart. Kennedy foi assassinado dia 23 de novembro e seu sucessor, Lyndon Johnson, seguindo a linha de Kennedy, deu apoio político ao golpe militar da madrugada de 1º de abril de 1964 que afastou João Goulart.

43. Trata-se de um site que apresenta documentos reunidos pelo jornalista Elio Gaspari.

4. Significado político-pedagógico de Angicos

Paulo Freire não gostava quando reduziam sua filosofia educacional a uma metodologia de ensino. Numa entrevista concedida em 1993 a Nilcéa Lemos Pelandré, para a sua tese de doutorado, ele afirma sobre essa questão:

> Eu preferiria dizer que não tenho método. O que eu tinha, quando muito jovem, há trinta anos ou quarenta anos, não importa o tempo, era a curiosidade de um lado e o compromisso político do outro, em face dos renegados, dos negados, dos proibidos de ler a palavra, relendo o mundo. O que eu tentei fazer e continuo fazendo hoje, foi ter uma compreensão que eu chamaria de crítica ou de dialética da prática educativa, dentro da qual, necessariamente, há uma certa metodologia, um certo método, que eu prefiro dizer que é um método de conhecer, e não um método de ensinar. (PELANDRÉ, 2002, p. 54-55).

miolo_vfinal.indd 313 16/07/2014 12:44:14

Como afirma Vanilda Paiva (2003, p. 279), "não era uma simples técnica neutra, mas todo um sistema coerente e no qual a teoria informava a prática pedagógica e os seus meios".

Para Paulo Freire, mais importante do que saber como ensinar é saber como o aluno aprende. Paulo Freire construiu um **método de conhecimento** e não um método de ensino. Por isso criou, desde seus primeiros escritos, o neologismo "Dodiscência" (FREIRE, 1997), docência+discência, para designar a relação dialógica entre o ato de ensinar e de aprender: "não há docência sem discência" (idem, p. 23); "quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender" (idem, p. 25), um não é objeto do outro. Numa perspectiva emancipatória, não é possível ensinar e aprender sem o diálogo, sem uma comunicação dialógica.

Desde o início, entretanto, seus colaboradores falavam de "Sistema Paulo Freire" e de "Método Paulo Freire", como parte daquele, e foi assim que ele ficou conhecido[44]:

> Este método dispensa o uso de cartilha. Começa com uma pesquisa junto ao grupo que se pretende alfabetizar, quando é feita a coleta de um universo vocabular que corresponda a situações sociológicas existenciais do grupo. Esse universo tem, em média, 400 palavras. A coleta é feita através de conversas informais, explicando aos futuros alunos que assim eles estão ajudando a fazer o programa das aulas, dando a eles um sentido de participação ativa. (SECERN, 1963a, p. 2).

Paulo Freire tinha razão ao se insurgir contra uma certa mitificação do seu método. Ele tinha pavor de reducionismos, porque eles estiolam a complexidade da realidade. Nada de dogmas metodológicos. Ele tinha aprendido com a fenomenologia que devemos "ir às coisas", à realidade, ler primeiro o mundo. Seu método deveria ser submetido ao crivo da práxis. Ele é sempre experimental. Mas, como guia da prática, existiam, sim, certas orientações metodológicas que foram utilizadas em Angicos e que podemos dividir, sem separar, em três momentos dialética e interdisciplinarmente entrelaçados[45]:

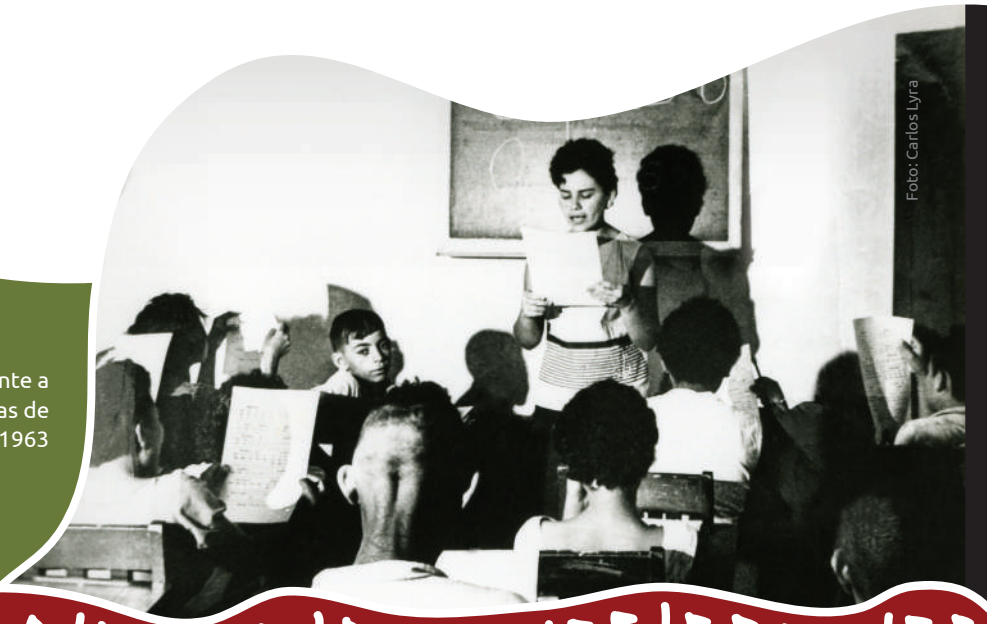
44. Sonia Couto Souza Feitosa, em sua dissertação de mestrado (FEITOSA, 1998), enumera uma série de trabalhos sobre o Método Paulo Freire, a começar pelo de Carlos Rodrigues Brandão, escrito em 1966 na cidade do México, para uma palestra no "Dia da Alfabetização" (reeditado em 1977 nos *Cuadernos del CREFAL*, nº. 3), ao que se seguiu, na mesma cidade, o texto de Jorge Gabriel Rodríguez, escrito em 1969 com o título *Notas para la aplicación del método psico-social de educación de adultos de Paulo Freire*, seguido pelo de Lauro de Oliveira Lima, publicado como apêndice (p. 173-203.) ao seu livro *Tecnologia, educação e democracia* (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965), com o sugestivo título: "Método Paulo Freire: processo de aceleração de alfabetização de adultos". O próprio Carlos Rodrigues Brandão, em 1981, retoma seus trabalhos sobre o método e publica, pela coleção "Primeiros Passos" da Brasiliense, *O que é o Método Paulo Freire*. E os trabalhos não param por aí, pelo número de teses e dissertações posteriormente escritas sobre o tema.

45. Inicialmente era assim que Paulo Freire apresenta as fases do seu método: a) levantamento do universo vocabular do grupo; b) seleção neste universo dos vocábulos geradores; c) criação de situações existenciais, típicas do grupo que vai se alfabetizar; d) criação de fichas-roteiro; e) feitura das fichas com a decomposição das famílias fonéticas correspondentes aos vocábulos geradores (FREIRE, 1963, p. 10-11).

miolo_vfinal.indd 314 16/07/2014 12:44:14

a) A **investigação temática**, pela qual o alfabetizador e o alfabetizando, juntos, buscam, no universo vocabular do aluno e da sociedade onde ele vive, as palavras e temas centrais de sua biografia. Esta é a primeira etapa da Leitura do Mundo, em que são levantadas palavras e Temas Geradores relacionados com a vida cotidiana dos alfabetizandos e do grupo social a que eles pertencem. Essas palavras geradoras são selecionadas em função da riqueza silábica, do valor fonético e principalmente em função do significado social para o grupo. A descoberta desse universo vocabular era efetuada através de encontros informais com os moradores do lugar, convivendo com eles, sentindo suas preocupações e captando elementos de sua cultura.

b) A **tematização**, pela qual professor e aluno codificavam e decodificavam esses temas; ambos buscam o seu significado social, tomando assim consciência do mundo vivido. Descobriam-se, assim, novos Temas Geradores, relacionados com os que foram inicialmente levantados. É nesta fase que são elaboradas as "fichas" para a decomposição das famílias fonéticas, dando subsídios para a leitura e a escrita. Paulo sustentava que não existiam analfabetos orais: todos podem descrever o que veem. Por isso as fichas, os desenhos, as figuras representando objetos da natureza e da cultura. O analfabeto pode vê-los e descrevê-los.



Círculo de Cultura durante a Experiência das 40 horas de Angicos (RN), em 1963

miolo_vfinal.indd 315 16/07/2014 12:44:15

c) A **problematização**, na qual eles buscam superar uma primeira visão mágica por uma visão crítica, científica, partindo para a transformação do contexto vivido. Nestas idas e vindas do concreto para o abstrato e do abstrato para o concreto, volta-se ao concreto problematizando-o. Descobrem-se assim limites e possibilidades existenciais concretas captadas na primeira etapa. Evidencia-se a necessidade de uma ação concreta, cultural, política, social, visando à superação de situações-limite, isto é, de obstáculos ao processo de hominização. A realidade opressiva é experimentada como um processo passível de superação. A educação para a libertação deve desembocar na *práxis transformadora*.

Lauro de Oliveira Lima, escrevendo sobra a Experiência de Angicos, chama o Método Paulo Freire de "processo de aceleração de alfabetização de adultos" (LIMA, 1965, p. 173) e conclui seu texto com o seguinte comentário: nessa experiência "toda a atividade oral é alternada com o processo de escrita: mas a escrita é feita, predominantemente, em casa, como exercício de fixação, mas sempre em situação de desafio: formar novas palavras. O coordenador, depois de apresentar a ficha da descoberta, entrega a cada aluno um pedaço de cartolina que reproduz a ficha para ser usada em casa, como material gerador de novas palavras. É a cartilha que ele usa. Não pode voltar ao Círculo de Cultura, no dia seguinte, sem ter feito novas palavras. Por ocasião da correção dos exercícios de casa, há amplas oportunidades de recapitular todo o estudo do dia anterior. Fazer os próprios participantes corrigirem-se mutuamente (LIMA, 1965, p. 195).

Comentando o Sistema Paulo Freire, Celso de Rui Beisiegel (2010, p. 64) afirma que

> Em seu método, o educador inegavelmente conseguira eliminar aquele caráter de 'superposição' do ensino à realidade vivida pelos educandos. O embasamento dos trabalhos na pesquisa dos modos de vida e do 'universo vocabular' das localidades, os critérios de seleção das 'palavras geradoras' e a orientação do desenvolvimento das atividades, sempre apoiadas naquilo que os participantes podiam afirmar a propósito 'do que estavam vendo' na figura projetada, garantiam o relacionamento entre tudo o que ocorria no interior dos 'Círculos de Cultura' e as vivências dos educandos. O método eliminava a rígida separação antes observada na educação de adultos entre a educação escolar e a vida real.

miolo_vfinal.indd 316 16/07/2014 12:44:15

No livro *As quarenta horas de Angicos: uma experiência pioneira de educação*, seu autor, Carlos Lyra (1996), um dos primeiros colaboradores de Paulo Freire, ao descrever o trabalho realizado nos Círculos de Cultura, mostra-nos a beleza da poesia existente quando homens e mulheres, "farrapos do mundo", encontram-se com a leitura da sua realidade e da palavra. Pelo relato de Carlos Lyra, somos capazes de imaginar o sorriso estampado nos rostos magros e sulcados pelas rugas criadas sob o sol escaldante, somos capazes de nos iluminar com a alegria e o brilho dos olhos daqueles que se descobrem capazes de ver além das aparências. Eis algumas falas dos alunos ditas durante os debates suscitados pelas palavras geradoras, registradas por Carlos Lyra, e que nos dão a pensar a **educação como cultura**: "A gente constrói a estrada, mas só como poeira; Só a terra não resolve, só se vier com assistência médica, sementes, dinheiro, arame para cercar a terra, o arado etc.; Voto é arma para se defender e não para vender; Massa, o que é enrolado. Povo é o que tem consciência do que vai fazer, sabe se dirigir e sabe os candidatos em quem vai votar; Foi muito pouco tempo, mas hoje já sei ler. Não uso mais o dedo, agora escrevo o meu nome. Como é que devo provar? É lendo".

O programa de educação de adultos marcou a história de Angicos e a vida dos que dele participaram. Em 2002, analisando os "efeitos a longo prazo do método de alfabetização" da Experiência de Angicos, Nilcéa Lemos Pelandré (2002), após entrevistar alunos que se alfabetizaram em 1963, passados 34 anos, evidenciou que os participantes aprenderam a escrever palavras isoladas e frases simples e curtas, e alguns escreviam seguindo regras próprias. A aprendizagem mais significativa foi a elevação da sua autoestima e a consciência de não se sentirem mais excluídos do mundo letrado. Nesta tese de doutorado em linguística, a autora conclui que o segredo da eficácia de Angicos foi a "promoção humana, professores preparados e motivados e imersão intensiva". Tempo curto, convívio intenso!

Até hoje, o **projeto político-ideológico** do grande educador brasileiro repercute nas políticas educacionais de milhares de educadores tanto da Educação Popular não escolar quanto da educação formal em seus diversos níveis e modalidades. Como nos lembra Carlos Alberto Torres (2012), conceber Angicos simplesmente como uma experiência de alfabetização de 300 trabalhadores rurais, ou como a aplicação de um novo e efetivo método "psicossocial" de alfabetização, não é entender Angicos. Angicos foi a fermentação de um processo de mudança pedagógica mais vasta e mais profunda, além de anunciar também a possibilidade de mudanças políticas e sociais também de ampla cobertura

miolo_vfinal.indd 317 16/07/2014 12:44:15

e de profundidades abissais no Brasil e na América Latina. Na turbulência social da época, em que a alfabetização de adultos aparecia como precondição para o desenvolvimento social, político e econômico, Angicos foi a voz dos nordestinos clamando por justiça social, por solidariedade, por democracia. Angicos supera Angicos. Angicos foi um projeto de cultura popular que imaginou e concebeu um projeto nacional de educação para a uma sociedade democrática com justiça social.

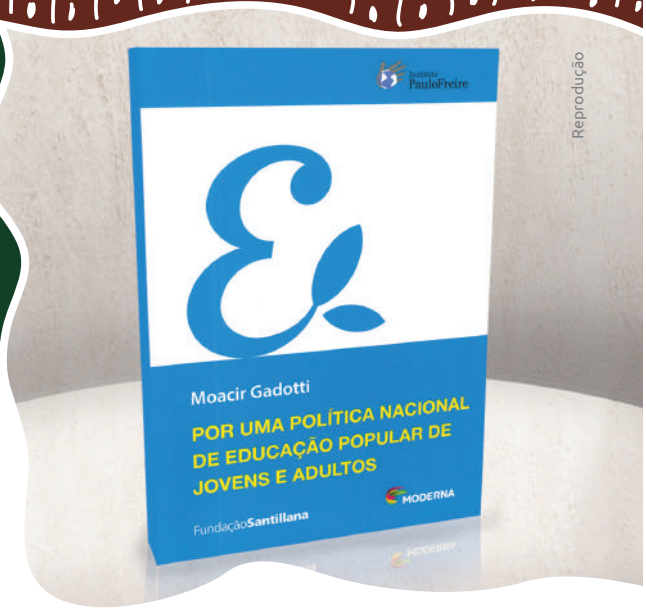
Considerando o significado histórico da experiência de Paulo Freire em Angicos, em setembro de 2005, o presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva esteve em Angicos na cerimônia de entrega de certificado de alfabetização de 3 mil alunos do Projeto MOVA-Brasil. O Projeto é uma parceria da Petrobras com a Federação Única dos Petroleiros e o Instituto Paulo Freire.[46]

Angicos não pode ser celebrado como algo do passado, mas como uma referência histórica neste momento em que a sociedade brasileira está buscando, por meio da Conferência Nacional de Educação (Conae), a construção de um Sistema Nacional de Educação. Angicos aponta para a defesa da educação pública de excelência, no contexto de um Estado democrático. Angicos não deve apenas ser celebrado. Deve ser retomado, **retomar o projeto freiriano** que representa muito mais do que um projeto de alfabetização de adultos. Angicos representa sobretudo um **projeto de nação**, um projeto de nação alfabetizada. Trata-se da retomada de uma filosofia e de uma política.

No dia 6 de novembro de 2012, o ministro da Educação Aloizio Mercadante cria a Comissão Organizadora do programa de comemorações *Paulo Freire – 50 anos de Angicos* para celebrar esse memorável experimento que deu origem ao Programa Nacional de Alfabetização. A Comissão estabeleceu como objetivo das **celebrações** "avançar nas políticas e ações de alfabetização, por meio do resgate do *ethos freiriano* da Educação de Adultos. As ações devem transcender o caráter meramente comemorativo, ganhando conteúdo pedagógico para dar continuidade ao *ethos freiriano* na educação brasileira". Entre as propostas e sugestões da Comissão para celebrar os 50 anos de Angicos, estão a **redefinição da**

46. Com atuação desde 2003, em dez anos, o Projeto MOVA-Brasil fez parte de dois programas da Petrobras: o Programa Petrobras Fome Zero (2003-2007) e o Programa Petrobras Desenvolvimento e Cidadania (2008-2012). O Programa e a parceria entre as entidades continuam em atuação, atendendo 11 estados brasileiros.

miolo_vfinal.indd 318 16/07/2014 12:44:15



Reprodução

Capa do livro *Por uma Política Nacional de Educação Popular de Jovens e Adultos,* no qual Moacir Gadotti trata da redefinição da política nacional de Educação de Jovens e Adultos

política nacional de Educação de Jovens e de Adultos, entendendo que a melhor homenagem que poderíamos prestar a Paulo Freire, na passagem dos 50 anos de Angicos, sintetiza-se num esforço nacional pela universalização da alfabetização no Brasil e a criação de um **Pacto pela Alfabetização de Jovens e Adultos**.

5. Melhor homenagem a Paulo Freire: eliminar o analfabetismo

Como nos lembrou Carlos Alberto Torres (2012), em sua proposta de celebração dos 50 anos de Angicos, Angicos representa um convite a um novo **pacto social**, em que a educação, exercida de comum acordo com os movimentos sociais e a sociedade civil, torna o Estado um instrumento de transformação social, um instrumento de gestão do desenvolvimento, um instrumento de luta contra a opressão, um instrumento de libertação, e não simplesmente de regulação e de "governança" da ação social, como querem os neoliberais.

Nesse sentido é que a Comissão criada pelo ministro Mercadante para celebrar os 50 anos da Experiência de Angicos sugeriu um "Pacto Nacional pela Alfabetização de Jovens e Adultos". As celebrações dos 50 anos de Angicos e do Programa Nacional de Alfabetização de Paulo Freire não podem ficar só em homenagens, seminários e publicações. Celebrar é manter viva a luta e anunciar conquistas. O contexto é propício ao anúncio de avanços significativos no campo da alfabetização de adultos. Uma homenagem à altura dos 50 anos de Angicos, que podemos prestar a Paulo Freire, é eliminar o analfabetismo no Brasil já.

miolo_vfinal.indd 319 16/07/2014 12:44:16

O ministro Mercadante, com o apoio direto da presidenta Dilma, criou um "Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa" – envolvendo estados, municípios e União –, um pacto pela infância que inclui também a construção de numerosas creches. Complementar a esta importante iniciativa, poderia ser o Pacto pela Alfabetização de Jovens e Adultos (ALFABETIZAÇÃO JÁ), o qual poderá mobilizar União, estados e municípios, por meio do Ministério da Educação e, com o apoio da Secretaria-Geral da Presidência da República, mobilizar também a sociedade civil, os movimentos sociais, as ONGs, estabelecendo parcerias com as organizações não governamentais que têm programas de alfabetização de jovens e adultos, num esforço conjunto para o fim do analfabetismo da vida de milhões de jovens e adultos brasileiros, como compromisso de um governo democrático e popular. Esta poderá ser uma marca fundamental de um "Brasil sem miséria", pois é sabido que o analfabetismo é fator e produto da miséria de um povo.

Não se trata de repetir o Programa Nacional de Alfabetização da década de 1960, mas de reinventá-lo no século 21, utilizando todos os avanços das redes sociais e das novas tecnologias da informação. Não é o caso de voltar às campanhas do passado, que não alcançaram os objetivos previstos por serem programas emergenciais e fragmentados. Trata-se de promover uma ação política articulada entre os três entes federados e a sociedade civil, com novos arranjos e com compromissos claramente definidos. Como dizia Paulo Freire, o Estado sozinho não conseguirá superar o nosso atraso no campo da alfabetização de adultos sem a participação da sociedade. Espera-se, com esse pacto, promover uma ação alfabetizadora nacional de adultos como etapa inicial de um processo formativo continuado, fortalecendo a articulação com os programas já existentes ("Brasil sem Miséria", "Brasil Alfabetizado") e constituindo equipes de mobilização para a superação do analfabetismo já, sem estabelecer um prazo como se fez no passado.

Em 2009, a Comissão da Anistia do Ministério da Justiça anistiou Paulo Freire com um "pedido de desculpas oficial pelos erros cometidos pelo Estado". Em 2012, a presidenta Dilma Rousseff declarou Paulo Freire "Patrono da Educação Brasileira". O Plano Nacional de Educação prevê, em sua meta 9, "erradicar, até 2020, o analfabetismo absoluto". O Pacto Nacional pela Alfabetização de Jovens e Adultos se constitui numa estratégia concreta para cumprir essa meta e não ficarmos novamente frustrados com metas não cumpridas.

Nossa história recente nos ensina lições que não podem ser esquecidas:

miolo_vfinal.indd 320 16/07/2014 12:44:16

primeiro, a Constituição de 1988, que previa, em suas disposições transitórias, o fim do analfabetismo em 10 anos, meta não alcançada. Em 2003, o MEC se propôs a "abolir" o analfabetismo em 4 anos, criando a Secretaria Nacional de Erradicação do Analfabetismo (hoje SECADI) e o programa "Brasil Alfabetizado". Os 50 anos do Programa Nacional de Alfabetização de Paulo Freire oferecem uma nova oportunidade para os analfabetos brasileiros que são hoje aproximadamente tantos quantos havia no país no dia em que ele deixou o Brasil, em 1964, seguindo para o exílio. Os esforços, articulações e cuidados deverão ser proporcionais ao tamanho da ousadia. Mas a causa tem força mobilizadora e podemos, juntos, chegar lá!

O governo e a sociedade brasileira já vêm trabalhando na construção da "Agenda Territorial" que identifica o número e o local onde se encontram os analfabetos. Hoje sabemos onde eles estão. Falta um esforço coletivo de mobilização, incluindo também a mídia, agregando forças, articulando programas diversos e dispersos, criando, formando alfabetizadores, repensando, em regime de colaboração, a corresponsabilidade em relação a esse desafio, que não é maior do que o tamanho do Brasil que queremos construir: sem entraves ao nosso desenvolvimento nacional, com justiça e sustentabilidade.

Precisamos trabalhar cada vez mais na articulação dos sistemas de ensino por meio de uma política de colaboração e corresponsabilização diante do nosso grande atraso educacional. Eliminar o analfabetismo no Brasil exigirá grande capilaridade dessa política colaborativa. Pouco adiantará termos mais recursos para a educação, como prevê o PNE, sem a construção de estratégias novas de superação da atual fragmentação dos sistemas de ensino. O desperdício de recursos continuará.

Todas as circunstâncias hoje conspiram em favor de um Pacto Nacional pelo fim do analfabetismo no Brasil. Como diria Paulo Freire: "é necessário, é urgente e é possível". Não podemos ficar indiferentes a esta nova oportunidade histórica!

miolo_vfinal.indd 321 16/07/2014 12:44:16

Analfabetismo como projeto de dominação

Existe no Brasil um analfabetismo programado que é parte de um projeto permanente de dominação política e discriminação social. A existência dessa programação é bem visível, sobretudo nas regiões Norte e Nordeste, onde lideranças políticas retrógradas e corruptas controlam com mão de ferro todo o setor público, impedindo que o povo conheça e veja a realidade. Utilizando coação e mistificação, os dominadores controlam o acesso aos serviços públicos essenciais, que, quando são oferecidos ao povo, aparecem como dádivas da benemerência dos dominadores. E assim controlam também o sistema eleitoral, pois a população pobre, que é maioria na região, vota nos seus exploradores, ou por medo de sofrer represálias e de não ter acesso aos serviços e empregos públicos, ou por gratidão, pois muitos estão convencidos de que todo serviço público é um favor prestado pelos políticos.

Um sistema viciado como esse, que impede a democratização da sociedade, a implantação da justiça social e o respeito pela dignidade da pessoa humana só se mantém graças ao bloqueio da educação. Isso foi percebido e claramente ressaltado por uma notável educadora brasileira do século dezenove: Nísia Floresta. Nascida no Rio Grande do Norte, ela sentiu os efeitos da discriminação política e social e teve olhos para ver a sonegação da educação como uma de suas principais causas, denunciando-a com veemência num pequeno e precioso livro, publicado em 1853 com o título sugestivo de *Opúsculo humanitário*.

Eis as palavras da lúcida e corajosa educadora: "Quanto mais ignorante é um povo, tanto mais fácil é a um governo absoluto exercer sobre ele o seu ilimitado poder".

No mesmo Nordeste brasileiro, palco crônico de muitas injustiças, surgiu um século depois Paulo Freire. Educador revolucionário, ele também teve sensibilidade e visão para perceber a presença de um forte aparato de dominação, apoiado em grande parte na imposição de férrea limitação à educação das camadas mais pobres, que constituem a grande maioria da população da região. Mas Paulo Freire foi mais longe, tendo a percepção de que o analfabetismo, sendo em si mesmo um fator de marginalização e dependência, era usada como instrumento de contenção do aperfeiçoamento intelectual e uma barreira ao desenvolvimento da consciência política.

A partir dessas percepções e considerando o conjunto das circunstâncias políticas e sociais, o notável educador imaginou um método alternativo, que, do ponto de vista prático, tornava possível a realização de um trabalho educativo rápido, de baixo custo, aproveitando os elementos do meio ambiente dos educandos e, por tudo isso, imediatamente aplicável a um número elevado de pessoas. E sob o aspecto pedagógico seu método oferecia a grande vantagem de proporcionar, concomitantemente, alfabetização, educação e conscientização política, promovendo a inserção social dos educandos e libertando-os como pessoas. Essa conjugação de elementos, rompendo as limitações convencionais da divisão em educação formal e informal e inserindo a alfabetização num processo de estímulo e valorização da capacidade intelectual das pessoas, é, em síntese, o chamado "Método Paulo Freire".

Dalmo de Abreu Dallari
In: Moacir Gadotti (Org.). *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez/Unesco/Instituto Paulo Freire, 1996, p. 571

Referências

BEISIEGEL, Celso de Rui, 1974. *Estado e educação popular*. São Paulo: Pioneira.

BEISIEGEL, Celso de Rui, 1982. *Política e educação popular: a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil*. São Paulo: Ática (Coleção Ensaios, 85).

BEISIEGEL, Celso de Rui, 2010. *Paulo Freire*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues, 2003. *O que é Método Paulo Freire*. São Paulo: Brasiliense. Primeira edição de 1991, 24ª reimpressão.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.), 2001. *De Angicos a Ausentes: 40 anos de educação popular*. Porto Alegre: MOVA /RS; CORAG.

BRITO, Jomard Muniz de, 1963. "Educação de Adultos e unificação da cultura". *Estudos Universitários*, Revista de Cultura da Universidade do Recife, nº 4, p. 61-70, abril-junho de 1963.

CARDOSO, Aurenice, 1963. "Conscientização e Alfabetização: uma visão prática do Sistema Paulo Freire". *Estudos Universitários*, Revista de Cultura da Universidade do Recife, nº 4, p. 71-80, abril-junho de 1963.

COIMBRA, Cecília Maria Bouças, 2000. *Educação pelo Diálogo e para o Diálogo: O Programa Nacional de Alfabetização no Rio de Janeiro*. Trabalho apresentado no Congresso Internacional: "Um Olhar Sobre Paulo Freire", realizado na Universidade de Évora, Portugal, de 20 a 23 de setembro de 2000. Disponível em: http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338387875_ARQUIVO_GovernoJoaoGoulartеMovimentosdeEducacao-NathaliaRodrigues.pdf.

DOMONT, Beatriz, 1997. *Um sonho interrompido*. São Paulo: Porto Calendário.

FÁVERO, Osmar, 1982. *Educação popular e cultura popular: memoria dos anos 60*. Rio de Janeiro: Graal.

miolo_vfinal.indd 323 16/07/2014 12:44:17

FEITOSA, Sônia Couto Souza, 1998. *Método Paulo Freire: princípios e práticas de uma concepção popular de educação.* São Paulo; FEUSP (Dissertação de Mestrado).

FERNANDES, Calazans; TERRA, Antonia, 1994. *40 horas de esperança: o método Paulo Freire, política e pedagogia na experiência de Angicos.* São Paulo: Ática.

FERRARO, Alceu Ravanello, 2004. "Analfabetismo no Brasil: desconceitos e políticas de exclusão". *Perspectiva*, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 111-126, jan./jun. 2004.

FERREIRA, Jorge, 2011. *João Goulart, uma biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

FISCHER, Tânia, 1979. *Entrevista com Carlos Lyra*. São Paulo: FEUSP. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/educar/40horas/a_pdf/40_horas_carlos_lyra_entrevista.pdf.

FREIRE, Ana Maria Araújo, 2006. *Paulo Freire: uma história de vida*. Indaiatuba: Villa das Letras.

FREIRE, Paulo e Sérgio Guimarães, 1987. *Aprendendo com a própria história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FREIRE, Paulo, 1963. "Conscientização e alfabetização: uma nova visão do processo". *Estudos Universitários*, Revista de Cultura da Universidade do Recife, nº 4, p. 5-23, abril-junho de 1963.

FREIRE, Paulo, 1963a. *Conscientização e alfabetização: uma nova visão do processo.* Brasília: MEC (Comissão Nacional de Cultura Popular), mimeo, 15 p.

FREIRE, Paulo, 1963b. *Discurso do Professor Paulo Freire, em Angicos, ao encerramento do Curso de Alfabetização de Adultos*. Angicos, RN, 2 de abril de 1963. (mimeo). 8 p. (Biblioteca IPF/SP).

FREIRE, Paulo, 1967. *Educação domo prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FREIRE, Paulo, 1980. *Conscientização: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Moraes.

FREIRE, Paulo, 1991. *Educação na cidade*. São Paulo: Cortez.

FREIRE, Paulo, 1997. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Cortez.

miolo_vfinal.indd 324 16/07/2014 12:44:17

FREIRE, Paulo, *Repercussão de seus primeiros trabalhos – 1962-1963*. 1998. São Paulo: IPF (Série "Textos Escolhidos", vol. 33, organizados pelo Instituto Paulo Freire).

FURTER, Pierre, 1963. "Alfabetização e cultura popular na politização do nordeste brasileiro". *Estudos Universitários*, Revista de Cultura da Universidade do Recife, nº 4, p. 103-114, abril-junho de 1963.

GADOTTI, Moacir e Paulo Abrão (Org.)., 2012. *Paulo Freire anistiado político brasileiro*. São Paulo: Instituto Paulo Freire/Comissão da Anistia, Ministério da Justiça.

GADOTTI, Moacir (Org.), 1996. *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire.

GERHARDT, Heinz Peter, 1982. "Angicos – Rio Grande do Norte – 1962/63". *Educação & Sociedade*, ano 4, nº 14, maio de 1983. São Paulo: Cortez/Unicamp (pesquisa realizada pelo autor em 1976).

GODOY, Josina M. L. e Norma P. C. Coelho, 1962. *Livro de leitura para adultos*. Recife: MCP.

GUERRA, Marcos, 2013. "Sobre as 40 horas de Angicos". *Em Aberto*, Brasília: MEC/INEP, v. 26, n. 90, p. 21-44, jul./dez. 2013.

KIRKENDALL, Andrew J., 2010. *Paulo Freire and the Cold War Politics of Literacy*. North Carolina: Green Press Initiative.

KREUTZ, Lúcio, 1973. *Os Movimentos de Educação Popular no Brasil de 1961-1964*. Rio de Janeiro: FGV (Dissertação de Mestrado).

LEVINSON Jerome e Juan de Onis, 1970. *The Alliance that lost its way: a critical report on the Alliance for Progress*. Chicago: Quadrangle Books.

LIMA, Lauro de Oliveira, 1965. "Método Paulo Freire, processo de aceleração da alfabetização de Adultos". *Tecnologia Educação e Democracia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 175-203.

LOBO, Luiz, 1963. "A hora e a vez de Angicos". Jornal *Tribuna do Norte*, Natal, 17 fev. 1963. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/educar/40horas/a_pdf/40_horas_luiz_lobo_hora_vez_angicos.pdf.

miolo_vfinal.indd 325 16/07/2014 12:44:17

LOBO, Luiz, "A experiência de Angicos". *Em Aberto*, Brasília: MEC/INEP, v. 26, n. 90, p. 123-129, jul./dez. 2013.

LYRA, Carlos, 1996. *As quarenta horas de Angicos: uma experiência pioneira de educação*. São Paulo: Cortez.

MACIEL, Jarbas, 1963. "A fundamentação teórica do Sistema Paulo Freire de educação". *Estudos Universitários*, Revista de Cultura da Universidade do Recife, nº 4, p. 25-59, abril-junho de 1963.

MANFREDI, Sílvia Maria, 1981. *Política e educação popular: experiências de alfabetização no Brasil com o Método Paulo Freire – 1960/1964*. São Paulo: Cortez.

MÉTODO PAULO FREIRE: manual do monitor. Angicos, RN, s. ed., 1963, 12 p.

MEYER, Celso dos Santos (Tenente-Coronel), 1965. *Inquérito Policial Militar Realizado no Programa Nacional de Alfabetização e no Movimento de Cultura Popular* (Relatório). Rio de Janeiro: MEC, 20 de maio de 1965, mimeo.

MOURA, Abdias, 1963. "Introdução à análise sociológica". *Estudos Universitários*, Revista de Cultura da Universidade do Recife, nº 4, p. 81-101, abril-junho de 1963.

PAIVA, Vanilda, 2003. *História da educação popular no Brasil: educação popular e educação de adultos.* São Paulo: Loyola (6ª edição revista e ampliada).

PELANDRÉ, Nilcéa Lemos, 2002. *Ensinar e aprender com Paulo Freire: 40 horas 40 anos depois*. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire (Biblioteca freiriana, v. 2).

PORTO, Dorinha de Oliveira e Iveline Lucena de C. Lage, 1994. *Ceplar, uma experiência de educação popular na Paraíba destruída pelo golpe de estado de 1964*. São Paulo: Cortez.

RODRIGUES, Jorge Gabriel, 1969. *Notas para la aplicación del método psico-social de educación de adultos de Paulo Freire*. Cidade do México (mimeo).

ROMÃO, José Eustáquio, 2001. "Paulo Freire e o pacto populista" (contextualização). In: Paulo Freire, 2001, *Educação e atualidade brasileira*. São Paulo: Cortez, p. XIII-XLVIII.

miolo_vfinal.indd 326 16/07/2014 12:44:17

ROSAS, Paulo (Org.), 2002. *Paulo Freire: educação e transformação social*. Recife: Centro Paulo Freire/UFPE.

SCOCUGLIA, Afonso Celso, 2001. *Educação popular: do Sistema Paulo Freire aos IPMs da ditadura*. São Paulo: Cortez/UFPB/Instituto Paulo Freire.

SECERN, 1963. *A experiência de Angicos*. Natal: SECERN.

SECERN, 1963a. *Angicos I: a experiência de Angicos*. Natal: SECERN.

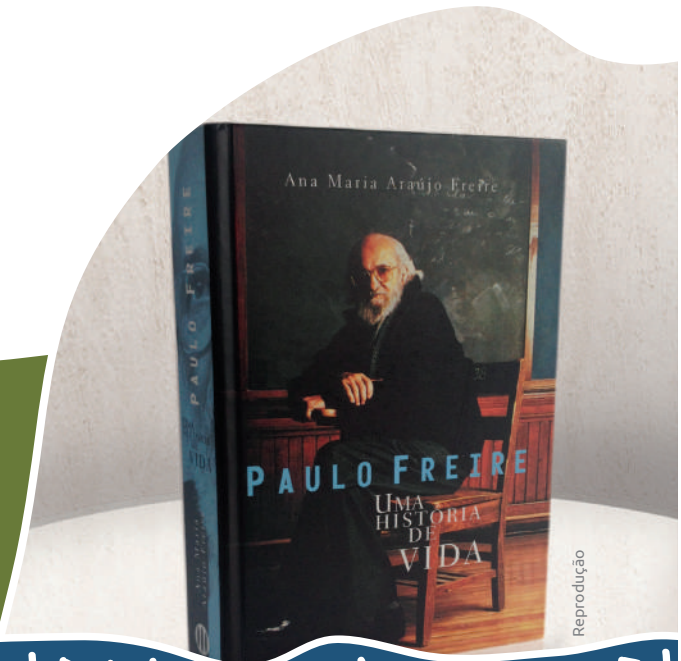
SOARES, Leôncio e Osmar Fávero (Orgs.), 2009. *I Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular*. Brasília: Unesco/MEC.

TORRES, Carlos Alberto, 2013. "Fifty Years After Angicos: Paulo Freire, Popular Educacion and the Straggle for a Better World that is Possible". *Revista Lusófona de Educação*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, p. 15-32.

TORRES, Carlos Alberto, 1975. *Lectura crítica de Paulo Freire: ontologia de ensayos Latinoamericanos sobre la pedagogia de Paulo Freire*. Buenos Aires: Tierra Nueva.

TORRES, Carlos Alberto, 2012. *50 Anos de Angicos: proposta da Secretaria de Educação de RGN em parceria com os Institutos Paulo Freire de Los Angeles e de São Paulo*. São Paulo: IPF, abril de 2012 (mimeo).

Em 665 páginas, Ana Maria Araújo Freire traz novas visões e contribuições ao debate e à compreensão da obra de Paulo Freire. Este livro, publicado em 2006 pela Editora Villa das Letras, recebeu em 2007 o Prêmio Jabuti, na categoria "Biografia"



Reprodução

6.2. De Angicos para o outro lado do Atlântico: os apelos portugueses ao pensamento e à práxis de Paulo Freire na década de setenta do século 20

Luís Alcoforado e Sónia Mairos Ferreira
Professores da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

Evocar Paulo Freire e assumir-se como conhecedor e seguidor de parte, ou da totalidade, da sua obra, tornou-se atualmente, em Portugal, no âmbito das reflexões teóricas e das práticas educativas da Educação e da Formação de Adultos, uma tranquila normalidade. Quer seja por convicção, quer seja pela necessidade de procura de credibilidade para o trabalho educativo em desenvolvimento, afirmar que as práticas se suportam no pensamento freiriano tornou-se uma necessidade recorrente, o que traduz, na verdade, o reconhecimento generalizado do valor inquestionável de um legado que, tendo assumido uma expressão significativa a partir de Angicos, pode ser, hoje em dia, considerado como verdadeiro património da humanidade. Se, no entanto, quisermos analisar com algum rigor histórico a relação entre a educação de adultos em Portugal e as propostas e as reflexões de Paulo Freire, perceberemos que ela se foi construindo através de avanços e recuos e de sucessos e equívocos, que foram contribuindo para momento um tanto contraditórios.

Em resultado desses períodos de entendimento mais antinómico, o nosso encontro com o pensamento e a prática educativa de Paulo Freire resultou de uma busca muito pessoal[47]. Ao longo do período de elaboração da dissertação de mestrado, e quando procurava refletir sobre a especificidade teórica dos modelos de Educação de Adultos, íamos constatando a importância que o grande educador brasileiro assumia em textos de autores de formações e latitudes muito diversas, construindo a convicção profunda de que se tratava do pedagogo

47. O essencial deste relato inicial corresponde à experiência pessoal do primeiro autor deste texto. A segunda autora foi uma das primeiras alunas a estudar Paulo Freire no programa de graduação, tendo depois, enquanto docente, partilhado algumas disciplinas sobre o seu pensamento e prática educativa, cooperando, igualmente, neste projeto de pesquisa.

miolo_vfinal.indd 328 16/07/2014 12:44:18

Paulo Freire recebe, em sua biblioteca, os educadores Donaldo Macedo e James Fraser, em agosto de 1996

de língua portuguesa mais traduzido, lido, debatido e respeitado em todo o mundo. É verdade que no âmbito da atividade profissional anterior, ligada às políticas públicas europeias e portuguesas de formação profissional, muitas vezes tínhamos encontrado referências elogiosas à utilidade do "Método", mas sempre com o cuidado de remeter a sua utilização para outros ambientes e objetivos. Estranhamos, muito em particular, que o nosso percurso acadêmico, ao nível da graduação e do mestrado, não tivessem incluído uma abordagem séria e circunstanciada à obra deste autor e, por isso mesmo, quando decidimos abraçar o início da carreira docente, definimos como prioridade, o estudo, tão exaustivo quanto possível, da sua herança teórica e das práticas desenvolvidas.

As primeiras leituras cativaram-nos, de imediato, pela beleza, ao mesmo tempo poética e militante da escrita e pelo sentido das propostas. Para quem estivesse envolvido em diferentes práticas educativas com pessoas adultas, facilmente perceberia que aquelas eram as questões certas e a procura mais ajustada. Retivemos, em particular, uma ideia de Paulo Freire, num livro partilhado com Donaldo Macedo, afirmando a impossibilidade de levar a cabo qualquer trabalho de Alfabetização ou compreender a Alfabetização separando a leitura da palavra da Leitura do Mundo. Ler a palavra e aprender como se escreve a palavra de modo que mais tarde a sua leitura seja precedida pela aprendizagem de como se escreve o mundo, isto é, ter a experiência de mudar o mundo e tocar o mundo, teria que constituir-se não só como proposta de qualquer processo de aprendizagem da leitura e da escrita, mas como a orientação principal de qualquer atividade educativa em diferentes alfabetizações. Entender a educação como uma ação cultural cujo fim último só poderia

miolo_vfinal.indd 329 16/07/2014 12:44:18

estar relacionado com a libertação das pessoas envolvidas, baseando-a em processos conducentes à sua conscientização para que elas próprias fossem capazes de transformar o seu mundo, tornando-o mais humanizado e tornando-se mais autónomas e responsáveis, em termos individuais e coletivos, surgia nas nossas convicções como a proposta mais evidente para a estabilização de uma especificidade para o campo de práticas e o debate teórico no quadro da educação de adultos.

Assim, o início deste século, que coincidia com a segunda edição das jornadas de educação de adultos e com o início de um novo mestrado de educação de adultos e intervenção comunitária, constituiu, para nós, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, o momento de convocarmos o pensamento e a obra de Paulo Freire para os nossos debates e pesquisas. Com a anuência e o envolvimento do Professor António Simões, responsável científico por esta área de pesquisa e ensino, bem como dos restantes membros da equipa docente e de pesquisa, convidamos os Professores Moacir Gadotti e José Eustáquio Romão a deslocarem-se a Coimbra, participando nas jornadas e ajudando-nos a compreender melhor as dimensões da obra freiriana. De seguida, criámos as primeiras disciplinas com preocupação de despertar nos nossos alunos o interesse por Paulo Freire e começámos a incluir nas nossas várias comunicações públicas sobre educação de adultos, a necessidade de repensarmos a utilidade dos seus contributos para as práticas que se desenvolviam em Portugal.

No final de uma dessas palestras, surgiu o confronto com uma descoberta surpreendente. O colega que moderava a mesa, prestigiadíssimo Professor da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, numa breve conversa privada, e ao mesmo tempo em que elogiava, de forma benevolente, a intervenção que acabava de ouvir, lançou a pergunta não esperada: sabia que aqui, em Coimbra, em 1970, desenvolvemos um conjunto de atividades educativas baseadas no pensamento de Paulo Freire? Não sabíamos, mas desde logo ficou claro que iríamos promover um trabalho de pesquisa sobre essas experiências. Era conhecida a tentativa de utilização do Método Paulo Freire no período pós-revolução, mas em pleno período da ditadura, na região rural próxima de uma cidade que tinha vivido uma crise por força da luta dos estudantes universitários e, por isso mesmo, nessa época, estava sob o olhar atento da polícia política, era uma prática que forçosamente deveria merecer a nossa atenção de pesquisadores da área da educação de adultos.

miolo_vfinal.indd 330 16/07/2014 12:44:18

Um primeiro resultado desse trabalho está submetido para publicação (ALCOFORADO; FERREIRA, no prelo), mas o material recolhido e as reflexões que esta busca motivou, vai ajudar a manter-nos por mais algum tempo focados na utilização das ideias de Paulo Freire nas práticas portuguesas de educação de adultos. No momento em que se comemoram 50 anos da Experiência de Angicos, pareceu-nos importante fazer uma revisão sinótica sobre essas experiências portuguesas da década de setenta do século 20. Em primeiro lugar, baseando-nos na informação recolhida e disponível vamos descrever a experiência da região rural do município de Coimbra, em 1970. De seguida, vamos recordar o apelo a Paulo Freire durante o período revolucionário de 1974 e 1975, refletindo sobre o sentido dessa utilização. Faremos, por fim, uma breve reflexão crítica sobre estas primeiras práticas e o impacto que delas resultou.

1. Primeiras experiências de utilização do Método Paulo Freire em Portugal

Como tem sido demonstrado pela generalidade dos historiadores da educação em Portugal, apesar das primeiras iniciativas políticas e legislativas, para a criação de um sistema de instrução primária, datarem de meados do século 18, sob iniciativa do Marquês de Pombal, apenas na segunda metade do século 20 se conseguiu que todas as crianças frequentassem a escola. Esta dificuldade, resultante de um continuado imobilismo de práticas, implicou um atraso progressivo de Portugal em relação aos países do centro e norte da Europa, o qual foi sendo recorrentemente utilizado como arma de arremesso nos diferentes momentos de mudança de sistema político. É pois já em pela década de cinquenta do último século, numa fase em que o Estado Novo português procurava associar-se, sem alterar o essencial da sua orientação política e ideológica, à nova ordem ocidental saída do segundo conflito mundial, que pela primeira vez se desenvolve uma campanha educativa, designada de "Plano de Educação Popular". Procurava-se, através desta iniciativa, enfrentar definitivamente a necessidade de garantir a

miolo_vfinal.indd 331 16/07/2014 12:44:18

efetividade da frequência escolar para todas as crianças e desenvolver um projeto educativo para pessoas adultas, capaz de as conduzir, principalmente às mais jovens, à realização dos exames de fim da instrução primária.

Esta ação, apesar de se ter desenvolvido no quadro típico das tentativas de estatização intensiva e extensiva da sociedade civil, acabou, nos seus quatro anos de duração, por ter alguns resultados não despiciendos, mas permitiu, em particular, a criação de condições para o aparecimento posterior de um conjunto de iniciativas, umas governamentais e outras não governamentais, que foram mantendo a preocupação de uma ação educativa de vocação mais comunitária, principalmente nas regiões rurais do interior, onde os efeitos da campanha apenas se tinham sentido de uma maneira muito ténue. De entre estas atividades, merecem destaque as práticas de alfabetização promovidas pelo Graal, um grupo internacional de jovens católicas progressistas, que após algumas experiências iniciais de alfabetização e trabalho comunitário desenvolvido nas regiões de Coimbra e de Portalegre, organizaram, no Verão de 1970, aproveitando as férias dos estudantes universitários, um programa de alfabetização, pós-alfabetização e animação social, na região rural do município de Coimbra, baseado no Método Paulo Freire.

A primeira questão que necessitamos aclarar é a de tentar compreender como foi possível utilizar as ideias de Paulo Freire, naquele momento, em Portugal. Uma parte da explicação poderá advir da ligeira abertura permitida pelo regime, após a morte do Presidente do Concelho de Ministros que tinha governado o país em ditadura

Foto: Patrícia Pacheco/IPF Portugal

Luiza Cortesão *(a 5ª da esq. para a dir.)* e equipe do IPF Portugal na celebração dos 50 anos de Angicos durante o II Seminário Internacional com Paulo Freire, patrocinado pelo SINTE-RN em parceria com a UFRN e IFRN Central, em Natal (RN), no dia 26 de abril de 2013

durante, praticamente, quatro décadas. A outra parte do esclarecimento possível, talvez possa ser atribuída à maior propensão para a tolerância, posteriormente não cumprida, que essa primavera política revelou com a ação dos grupos católicos, mesmo os mais progressistas, procurando cumprir os princípios da concordata, assinada com a Santa Sé. Foi assim que o Graal, que numa primeira fase tinha sido olhado com muita desconfiança, mesmo pela hierarquia católica, maioritariamente alinhada com o regime, acaba por se envolver militantemente neste programa educativo.

Interessa agora, ainda que muito brevemente, caraterizar este movimento. Nas suas próprias palavras, extraídas de um dos seus Boletins Informativos (*Boletim Mudar a Vida*, 19, julho/agosto de 1979, p. 1), o Graal afirma-se como "um movimento integrado por mulheres de diferentes culturas, idades e situações de vida, jovens e adultas, casadas e solteiras, trabalhadoras em meio rural e meio urbano, recém-alfabetizadas e intelectuais, capazes de se assumirem como uma nova força social, capaz de contestar, subverter e inovar, e de assim contribuir para a mudança qualitativa da vida em sociedade". Numa outra publicação, o Graal afirma que, desde o seu aparecimento e da sua atividade em Portugal, se "justifica para desafiar as mulheres a participar ativa e conscientemente na edificação da nova terra, prometida pela *Boa Notícia* ou *Boa Nova* que o Evangelho de Jesus Cristo veio trazer". O desafio para essa participação nunca ficaria completo sem uma tomada de consciência que as levasse a assumir "um compromisso sério e pessoal com os mais desfavorecidos, com os pobres e oprimidos da sociedade portuguesa". Daí a opção por uma abordagem "cada vez mais interveniente, motivada pela urgência de devolver ao povo a possibilidade de ser sujeito das suas próprias decisões, sujeito pleno da sua própria história" (GRAAL, 1983, p. 25).

As jovens do Graal afirmavam a necessidade inadiável de contribuir para uma maior humanização da sociedade portuguesa, avançando primeiro através de projetos concretos assentes em técnicas de desenvolvimento comunitário, já nessa altura muito divulgadas, acreditando na "ideia corrente na época de que a evangelização não é possível sem uma base de promoção humana" (p. 23). Esta convicção justificou a opção pela aposta em atividades de alfabetização de adultos, uma iniciativa que reunia, ao mesmo tempo, os talentos de jovens universitárias para o ensino da leitura e da escrita a pessoas que não tinham frequentado a escola, ou a tinham abandonado muito precocemente, por manifesta inadequação, ou falta de recursos, e procurava disponibilizar

miolo_vfinal.indd 333 16/07/2014 12:44:19

as ferramentas indispensáveis para uma maior participação social. Aproveitando alguns contatos que as estudantes universitárias de Coimbra mantinham com as populações das zonas rurais que lhes prestavam pequenos serviços e os apoios possíveis do clero mais sensível a estes desafios, no verão de 1970, foi desenvolvido o "momento mais alto" destas atividades de alfabetização, "envolvendo quarenta estudantes, divididos em três equipas, os quais animaram cerca de vinte grupos de adultos, a partir das aldeias do Dianteiro, Cabouco e Almalaguês" (GRAAL, 1983, p. 26). Foi este programa que, integrando iniciativas de alfabetização, pós-alfabetização e animação social, se constituiu como a primeira experiência educativa, desenvolvida em Portugal, com base no pensamento e nas experiências de Paulo Freire.

Faça-se, neste ponto do trabalho, uma procura um pouco mais circunstanciada sobre a aposta do Graal na educação de adultos e as razões para a suportarem nos contributos de Paulo Freire. Um quarto de século após o desenvolvimento deste programa, Maria de Lurdes Pintassilgo, uma das fundadoras e principal dirigente do movimento em Portugal, apontava uma explicação para a convicção que levou o movimento a apostar nestas atividades: "Nessa época… eu tinha a noção de que a educação de adultos era o ponto-chave (para a mudança) numa sociedade como a nossa" (TEODORO, 2002, p. 149). No entanto, a história da educação em Portugal, mormente da educação de adultos, e as experiências educativas desenvolvidas pelo Graal, ao longo da década de sessenta, aconselhavam a procura de novas soluções, impelindo à descoberta de respostas que associassem as dimensões social e educativa. Mais que aprender a ler e a escrever, ou criar condições para a elevação dos níveis de escolaridade das populações, era necessário que elas sentissem a importância que essas novas ferramentas podiam desempenhar na construção de uma vida melhor, a partir das necessidades que elas próprias sentissem.

Por outro lado, diversas jovens que integravam o Graal, em diferentes países, tinham mantido contatos com Paulo Freire em sessões de trabalho e práticas de alfabetização, tendo construído a convicção que as notas de leitura constantes dos documentos de apoio à preparação da equipa de Animadoras(es) que trabalhou no projeto de Coimbra, em 1970, traduzia da seguinte maneira: "uma das constatações das práticas pedagógicas de Paulo Freire é a de que toda a animação (ação cultural) coloca desafios ao homem, objetivando a sua situação existencial e […] na medida em que o homem responde aos desafios, ele produz a sua cultura (entendida como

miolo_vfinal.indd 334 16/07/2014 12:44:19

resultado de toda a ação humana) e transforma o mundo". Um dos coordenadores dessas atividades de preparação confirmava numa entrevista recente para este trabalho de pesquisa que "era conhecido que o Método Paulo Freire era muito mais adequado aos objetivos que nos moviam, de inclusão social e que fazia muito mais sentido com as pessoas que queríamos envolver que as outras metodologias usadas". Foi então este apelo à mudança, por via de um processo humanizador resultante de uma conscientização psicopedagógica, muito presente em *Educação como prática da liberdade*, que inspirou e acompanhou o programa desenvolvido.

Colocada em marcha nas três localidades já referidas, a ação educativa incluía um conjunto de atividades que, de acordo com os documentos preparatórios, se podiam agregar em três áreas diferentes, com os objetivos que se indicavam para cada uma:

- **Alfabetização** – utilizar a comunicação oral e escrita para uma participação mais responsável na sociedade;
- **Pós-alfabetização** – contribuir para desenvolver a consciência do caráter dinâmico e permanente da aprendizagem, bem como garantir a possibilidade de progressão nos níveis da educação formal;
- **Animação sociocultural** – introduzir nas tarefas diárias e nas experiências comunitárias, novas dimensões de conscientização e criação cultural.

O nosso interesse de pesquisa dirigia-se, particularmente, para reunir algumas memórias que ainda pudessem sobreviver, 42 anos depois, das práticas desenvolvidas, no caso particular da aldeia de Almalaguês. Dando primeiro voz às pessoas envolvidas, o que nos impressiona é a recordação de "uma escola" muito diferente. No dizer de uma antiga aluna, "para quem vinha da *Escola da porrada* a *Escola da Amizade* era uma festa! Aprendíamos muito e a sério, mas tudo era feito e decidido em conjunto". Ficámos, assim, a saber que aquelas práticas tinham sido batizadas de Escola da Amizade e que através daquela escola houve pessoas que aprenderam a ler e a escrever, que fizeram exames com enorme sucesso para elevação dos níveis de escolaridade e que tudo isto contribuiu, de forma decisiva para lhes mudar a vida. Através das palavras de um dos elementos da equipa de apoio às(aos) Animadoras(es) ficamos com uma ilustração precisa da eficácia do método: "pude comprovar emoções incríveis, por exemplo uma tecedeira que pouco mais de um mês depois já lia e tinha projetos claros sobre como continuar a dar utilidade a estas novas descobertas".

miolo_vfinal.indd 335 16/07/2014 12:44:20

Mas a Escola da Amizade foi só uma parte de um conjunto de atividades culturais desenvolvidas, que incluíram também teatro, debates, animação e ações conjuntas de melhoria das condições de vida das populações. Como o espaço nos aconselha contenção, deixemos uma breve síntese dos testemunhos que os(as) nossos(as) cinco entrevistados(as), ex-alunos(as) da Escola da Amizade, fizeram questão de nos deixar: "fazíamos bailes, cantávamos canções que só apareceram em público depois da revolução; elas iam connosco para o campo, fazíamos melhoramentos para a aldeia; formámos a associação Juventude Progressista de Almalaguês; toda a vida associativa de almalaguês teve origem nestas atividades; e depois Almalaguês mudou muito, foi a primeira terra a ter algumas coisas (olhe, por exemplo, a cooperativa do Jardim de Infância e da Educação Pré-Escolar) que se devem muito à ação que o Graal desenvolveu aqui". Como, de forma muito espontânea, afirmou uma das nossas entrevistadas, "semeamos, naqueles tempos, uma semente de democracia participativa".

2. Paulo Freire em tempos de revolução

Menos de quatro anos após estas atividades educativas[48], Portugal viveu um dos momentos mais esperançosos da sua história contemporânea, com a revolução de 25 de abril de 1974. Como em outros momentos de mudança política, os índices de analfabetismo, a impreparação política e as condições de vida do povo português, surgiam como labéu acusatório dos tempos do Estado Novo, entendidos como de obscurantismo e insensibilidade social e cultural. Também como em outras experiências revolucionárias, constituiu-se a convicção de que uma verdadeira mudança apenas poderia advir de uma transformação das pessoas adultas e isso implicava uma aposta em ações de promoção da saúde pública, de dinamização cultural e de alfabetização. Motivadas predominantemente por intenções de conversão ideológica e impulsionadas pelo voluntarismo de grupos de jovens estudantes,

48. Se os programas de alfabetização se concentraram em cerca de 45 dias do verão de 1970, as atividades de animação social tiveram continuidade e a Escola da Amizade prolongou-se pelo ano letivo seguinte, com atividades de pós-alfabetização.

miolo_vfinal.indd 336 16/07/2014 12:44:20

desenvolveram-se nos períodos de férias de verão dos anos de 1974 e de 1976 um conjunto significativo de iniciativas que, não tendo sido alvo até ao presente momento de estudos circunstanciados, motivaram alguns trabalhos de indiscutível rigor que nos ajudam a construir aqui uma breve síntese caraterizadora. Entre estas publicações destacamos os textos de Stoer (1999), de Pintassilgo e Mogarro (2009) e uma dissertação de Mestrado (COSTA, 1998), cuja elaboração acompanhámos de maneira muito próxima.

Sob o lema de "Unidade Estudantil com o povo trabalhador", um número significativo de estudantes, que procurava organizar-se numa estrutura sob forte influência da Juventude Comunista, designada de União Nacional dos Estudantes Portugueses (Pró-UNEP), propôs-se desenvolver uma forte campanha, anunciando num seu Boletim de junho de 1974 que a juventude portuguesa "vai colaborar na reconstrução do nosso país, onde a herança do fascismo deixou pesadas manchas que importa apagar. Um trabalho importante já foi avançado com as campanhas de educação sanitária. Vão iniciar-se também em breve, coordenados pelo Prof. Lindley Cintra[49], os cursos para alfabetizadores, seguindo o método de Paulo Freire, adaptado à situação específica portuguesa. Há que conquistar toda a massa estudantil para que massivamente se incorporem nas brigadas, que vão invadir os campos e aldeias da nossa terra".

Tanto quanto é possível concluir com os documentos disponíveis, foram constituídas brigadas de diversos tipos, envolvendo mais de mil estudantes em atividades de alfabetização e educação sanitária, que se alargaram a cerca de 112 localidades, em campanhas que se realizaram logo no verão de 1974, predominantemente no norte do país, numa opção que era justificada pelos seguintes motivos: a região tinha altas taxas de analfabetismo e considerava-se que as populações viviam em subdesenvolvimento económico e eram dominadas pelo obscurantismo e pelo conservadorismo políticos (PINTASSILGO; MOGARRO, 2009). Como referem os mesmos autores, esta opção geográfica foi, na verdade, muito mais

49. O Professor Lindley Cintra era um linguista muito reconhecido e um antifascista respeitado, que tinha colaborado com o Graal nas práticas de alfabetização de adultos atrás descritas.

miolo_vfinal.indd 337 16/07/2014 12:44:20

fundamentada em necessidades de combate político, uma vez que as razões invocadas poderiam, com igual propriedade, ser apontadas a outras regiões do país, com a única diferença que estas últimas eram consideradas como ideologicamente menos problemáticas.

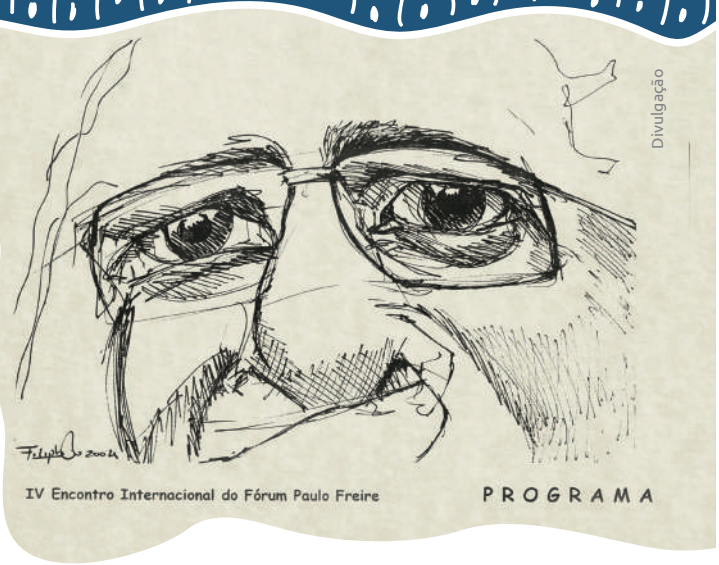
Se estamos muito longe de obter um consenso na avaliação possível destas iniciativas[50], oscilando as opiniões entre o balanço positivo dos organizadores e o completo fracasso com que alguns observadores as classificaram, o que é verdade é que na maioria das comunidades os estudantes confrontaram-se com uma firme oposição das populações, muitas vezes incentivadas pela Igreja, sendo acusados de arautos do comunismo e associados a comportamentos imorais. A estas dificuldades práticas vieram somar-se os confrontos políticos e as divisões no seio dos estudantes, limitando estas iniciativas exclusivamente a este período de férias de verão.

No ano seguinte, o próprio Governo teve a intensão de assumir este esforço educativo, tendo preparado o anteprojeto para um Plano Nacional de Alfabetização (PNA), empreendendo uma mal preparada tentativa de coordenar as possíveis iniciativas de alfabetização desencadeadas pela mobilização popular que o período revolucionário motivava. Mais uma vez se acreditava que o Método Paulo Freire adaptado à realidade portuguesa do momento podia ser o contributo necessário para a urgente revolução cultural, sendo certo que entre esta revolução desejada e um processo de inculcação ideológica a fronteira era, verdadeiramente, muito tênue (PINTASSILGO; MOGARRO, 2009). A verdade, no entanto, é que mesmo com a força ideológica que o motivava e a implicação do poder político que o preparou, o projeto nunca foi, sequer, aprovado, não passando, por isso mesmo, de mera intenção.

Uma última tentativa de organizar uma campanha de alfabetização, já numa fase pós-período revolucionário, foi consubstanciada pelo *Movimento Alfa*, uma iniciativa da União dos Estudantes Comunistas (UEC) nas áreas geográficas onde detinha maior influência política, com o intuito explícito de contribuir para a consolidação das conquistas revolucionárias

50. Justifica-se aqui uma nota pessoal do primeiro autor deste texto: ainda a iniciar a minha adolescência vi chegar à minha aldeia do nordeste português uma destas brigadas de alfabetização e educação sanitária; recordo-me de ter acompanhado com entusiasmo todas as atividades dessas férias de verão, numa localidade onde a recepção à equipa foi relativamente amigável, mas os resultados finais foram muito pouco significativos, quer no que respeita à alfabetização de adultos, quer em termos politico-ideológicos.

miolo_vfinal.indd 338 16/07/2014 12:44:20



Desenho utilizado para ilustrar o programa do IV Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire, organizado pelo IPF Portugal, na cidade do Porto, em 2004, com o tema *Caminhando para uma Cidadania Multicultural*

mais importantes, como a Reforma Agrária. Apesar de algumas referências a algum idealismo pouco aceitável presente no Método Paulo Freire, este movimento decidiu-se pela sua adoção nos processos de alfabetização, refletindo, no entanto, as palavras geradoras e os debates que elas proporcionavam a intenção indisfarçável de socialização político-ideológica que o movimento visava. Em jeito de avaliação poderemos dizer que, apesar de múltiplas críticas de que foi alvo e do suporte exclusivo da organização partidária que o enquadrava, o movimento acabou por gerar atividades bastante superiores, em número, às brigadas de alfabetização de 1974.

A estas campanhas organizadas devemos juntar outro conjunto de iniciativas desenvolvidas por associações culturais e de desenvolvimento local que, recorrendo em geral ao Método Paulo Freire, procuraram acompanhar as dinâmicas sociais do período revolucionário com uma generosidade genuína de interesse pelos analfabetos e pela garantia dos seus direitos.

Que poderemos dizer de todas estas iniciativas e do papel central que o pensamento e práticas freirianas acabaram por assumir em todas elas? Como nota Stoer (1999), o caso português representa um exemplo bem significativo do uso nítido das ideias de Paulo Freire num contexto revolucionário, sendo mesmo as suas pedagogias a "norma" e não apenas a "alternativa", ainda que apropriadas à maneira de um "slogan". Pintassilgo e Mogarro (2009) preferem destacar, nestas iniciativas, as intenções generosas dos estudantes que nelas participaram, sobrepondo esta dimensão a eventuais aspetos negativos que se possam apontar, secundando a opinião de Paulo Freire que, em declarações a um jornal português, em julho de 1976, sobre as iniciativas de 1974, afirmava que um dos possíveis

miolo_vfinal.indd 339 16/07/2014 12:44:22

erros que se devem ter cometido foi o de chegarem às áreas camponesas com uma certa atitude paternalista, sendo, no entanto e em sua opinião, muito mais importante destacar o impulso generalizado que despoletou aquela ação concreta.

Subscrevendo o essencial destas opiniões, também nos parece que as propostas freirianas acabaram por se dissolver num turbilhão de movimentos e iniciativas que, em geral, resultaram, no dizer de Silva e Rhodes (1998), numa aproximação a uma aposta de conversão ideológica, pouco eficaz, assente numa lógica de dinamização do Centro para a periferia.

3. Algumas notas conclusivas

Os ecos de Angicos e as posteriores "andarilhanças" americanas e europeias de Paulo Freire tiveram uma forte repercussão nas iniciativas de educação de adultos em Portugal na década de setenta. Se é verdade que em nenhuma das experiências portuguesas estiveram presentes alguns dos objetivos centrais das práticas brasileiras de 1963, entre as quais avultava a multiplicação de eleitores resultantes dos processos de alfabetização, não deixa de ser expressivo registar a maneira como o humanismo católico das jovens do Graal se ajustava às convicções iniciais de Paulo Freire, criando condições objetivas para uma conscientização de base psicopedagógica que permitiram o aparecimento de práticas de desenvolvimento comunitário tão surpreendentes, quanto adverso era o tempo político em que surgiram. Será particularmente importante realçar a eficácia do método de alfabetização, constatada por todos os intervenientes, e a sua adequação às pessoas e ao contexto que uma dimensão mais dialógica e política dos atos educativos e de animação foi revelando.

O caso do período revolucionário vem demonstrar duas ideias aparentemente antagónicas: por um lado, a consciência da importância das ideias de Paulo Freire, e do reconhecimento que elas mereciam em Portugal, que as levou a integrar aquele movimento de generosidade coletiva dos estudantes; por outro lado, ao ser apropriado e adaptado por tentativas políticas mais socializadoras acabou por comprometer um pouco a sua utilização futura. A tudo isto não será estranho, tal como nas experiências brasileiras, o combate político estratégico, caraterístico da guerra fria, que gerava tensões, divisões e antagonismos, em cada prática social e educativa.

Como lamentou Maria de Lurdes Pintassilgo, a face mais conhecida do Graal, numa entrevista, já na década de noventa (TEODORO, 2002), o aproveitamento político de que o Método Paulo Freire foi alvo no período revolucionário tornou muito difícil a sua

miolo_vfinal.indd 340 16/07/2014 12:44:22

utilização posterior, continuando nós (Portugal) a precisar muito dele. Se necessitávamos no final do século passado, continuamos a precisar ainda mais neste momento. Do Método e de toda a herança teórica. Ao vivermos situações económicas, sociais e culturais particularmente difíceis, temos que ter consciência que as soluções apenas poderão advir de um aprofundamento da democracia e da sua evolução para formas ascendentes de cariz progressivamente mais participativo. Como ele nos ensinou em *Cartas a Cristina*, "liberdade não é presente que recebemos, mas direito que ora conquistamos, ora preservamos, ora aprimoramos, ora perdemos". Esta luta precisa de suportar-se numa educação de todos/as, em todos os momentos e espaços da vida, que "aumente a capacidade para ser mais".

Referências

ALCOFORADO, L.; FERREIRA, S. M. *A primeira experiência do "Método Paulo Freire" em Portugal: história e memórias de um programa de alfabetização, pós-alfabetização e animação social na região rural do município de Coimbra, em 1970*. (no prelo)

COSTA, M. A. (1998). *Educação de Adultos em Portugal em Tempos de Revolução. Contributo para a sua história*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

GRAAL. (1983). *Graal, 25 anos de História*. Lisboa: Edições Graal.

PINTASSILGO, J.; MOGARRO, M. J. (2009). *Educação, Cidadania e Alfabetização em Contexto Revolucionário*. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/handle.

STOER, S. (1999). Apropriações políticas de Paulo Freire: um exemplo da Revolução portuguesa. *Educação, Sociedade e Culturas*, n.11, p. 67-81.

TEODORO, A. (2002). *As políticas de educação em discurso directo: 1955-1995*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

SILVA, A. S.; RHODES, L. A. (1998). Educação de Adultos. In: A. S. Silva. *A Evolução do Sistema Educativo e o PRODEP*. Lisboa: ME.

miolo_vfinal.indd 341 16/07/2014 12:44:22

6.3. Cinquenta anos depois de Angicos: Paulo Freire, a Educação Popular e a luta pela possibilidade de um mundo melhor

Carlos Alberto Torres
Diretor-fundador do Instituto Paulo Freire e professor na Escola de pós-graduação da Universidade da California (UCLA), em Los Angeles

"Revolução, entre você e eu um monte de contradições que, aliadas, me trazem medo suficiente para construir você com o suor do meu rosto."
Miguel Barnes, poeta cubano.

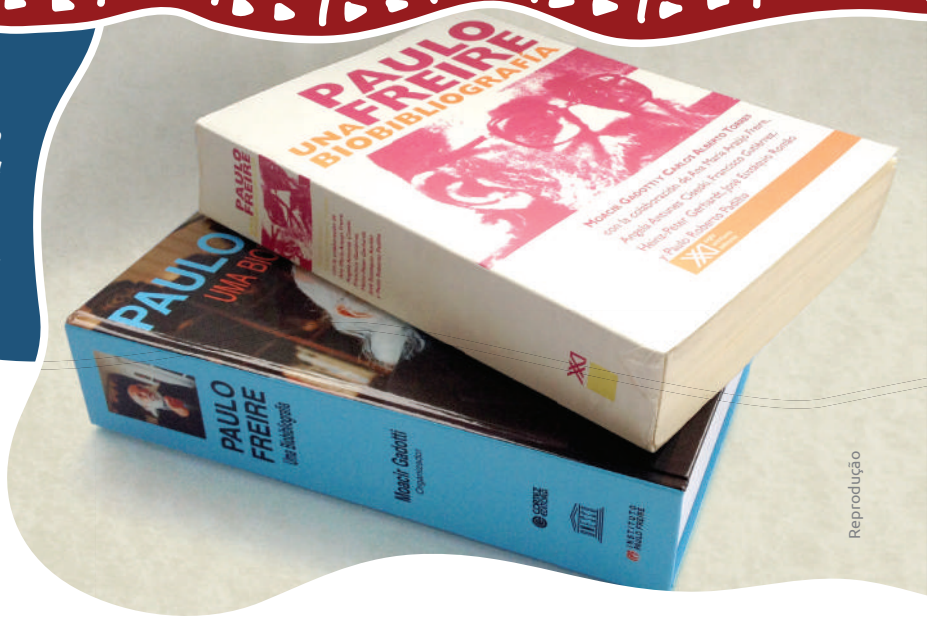
Este texto não tenta situar a figura gigantesca de Freire no contexto da América Latina ou da educação e pedagogia internacional. Alguns de nós já o fizeram anos atrás em uma Biobibliografia, editada em espanhol e português, que ainda se constitui até hoje como a mais oficial biografia e bibliografia da vida e obra de Freire[51].

Gostaria, então, de relembrar que foi há quase 50 anos, no pequeno e empobrecido município de Angicos, 178 km de Natal, no Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil, que aconteceram as primeiras experiências sistemáticas de alfabetização de Freire. Freire e um grupo de estudantes católicos, utópicos e de esquerda, no início do movimento da Teologia da Libertação, transformaram a prática da alfabetização, possibilitando que 300 trabalhadores rurais aprendessem a ler e a escrever em 40 horas, trabalhando à noite, depois de um tedioso, esgotante, exigente dia de trabalho de agricultor, debaixo do sol extenuante do Nordeste do Brasil.

Angicos precisa ser lembrada e celebrada. Lembrada não só como uma experiência bem-sucedida de alfabetização, mas também como uma tentativa de expandir a noção do 'público' e da educação pública, melhorando a esfera pública. Como a distinta analista política Nancy Fraser persuasivamente argumentou:

51. GADOTTI, Moacir (Org.). *Paulo Freire*: uma biobibliografia. São Paulo, Brasil: Instituto Paulo Freire/ UNESCO/ Cortez, 1996. Este é o estudo mais compreensivo do seu gênero no mundo, incluindo uma bibliografia internacional sobre Paulo Freire, e mais de cem curtas contribuições analíticas discutindo o trabalho de Freire e sua influência na pedagogia contemporânea. (Primeira edição em português). Edição espanhola, México: Siglo XXI editores, 2001.

miolo_vfinal.indd 342 16/07/2014 12:44:22



Reprodução

Exemplares do livro *Paulo Freire: uma biobibliografia*, em português e espanhol

> O conceito da esfera pública foi desenvolvido não apenas para entender os fluxos da comunicação empírica, mas para contribuir com uma teoria política normativa de democracia. Nesta teoria, uma esfera pública é concebida como um espaço para a geração comunicativa da opinião pública, de forma que deveriam garantir (pelo menos algum certo grau de) validade política-moral. Assim, é importante saber quem participa e em que termos. Além disso, se supõe que uma esfera pública seja um veículo para mobilização de opinião pública como força política. Ela deveria dar poder ao cidadão perante os poderes privados e o permitir a exercer influência sobre o Estado. Portanto, supõe-se que uma esfera pública deve se correlacionar com um poder soberano, a quem, em última instância, suas comunicações são dirigidas. (FRASER, 2005[52]).

Angicos precisa ser celebrada, pois constituiu um marco no processo da transformação social do Brasil, da criação de uma esfera pública, movendo-se de um capitalismo escravizador e ainda marcado por um distinto pré e feudal modo de dominação para um processo de transformação nacional e popular. Angicos também foi oportuna no contexto das transformações sociais da América Latina nos anos 1950 e 1960. Mas a Experiência de Angicos e seu possível resultado foi frustrada

52. Artigo disponível em: <www.republicart.net/disc/publicum/fraser01_en.htm>. Acesso em: 16 abr. 2014.

miolo_vfinal.indd 343 16/07/2014 12:44:27

pelo golpe de Estado da ditadura militar brasileira, que inaugurou o novo autoritarismo da América Latina, particularmente no Cone Sul (O' DONNEL, 1988; COLLIER, editor, 1979).

A conclusão desta experiência de alfabetização catapultou Freire para a fama nacional, e o presidente do Brasil, João Goulart, o nomeou presidente da Comissão Nacional da Cultura Popular, encarregado de desenvolver um rápido e maciço programa de alfabetização no Brasil. Uma vez que, naquela época, aqueles que não podiam ler e escrever não podiam votar, as experiências de Freire foram um verdadeiro exercício de construção de cidadania e, como tal, uma experiência de criação e recriação da esfera pública no Brasil. Se somente por isso Freire deve ser lembrado e estudado, há muito mais do que isso. Suas contribuições fizeram uma grande diferença na vida das pessoas em todo o mundo e, não surpreendentemente, o governo brasileiro do Partido dos Trabalhadores social-democratas decretou, em 2012, uma lei no Congresso que considera Freire o Patrono da Educação Brasileira.

1. Paulo Freire e a Educação Popular

Essas extraordinárias contribuições de Freire ajudaram a alimentar o paradigma da Educação Popular, que era tão importante nas lutas sociais do continente. Por isso, é apropriado que eu passe algumas páginas analisando as conexões entre Freire e a Educação Popular, ainda mais quando há um grande número de educadores populares trabalhando, particularmente, em programas para Educação de Adultos ao longo da vida nos Estados Unidos, inspirados pelo mesmo '*ethos* político-pedagógico' que Freire incorporou e ajudou a ampliar.

A Educação Popular nasceu a partir de modelos radicais de educação, muitos dos quais estavam ligados às experiências de Paulo Freire no Brasil na década de 1960. Características comuns à Educação Popular têm sido discutidas por vários analistas e sintetizadas em outros lugares (GADOTTI e TORRES, 1992, 1993, 1994). A Educação Popular surgiu de uma

miolo_vfinal.indd 344 16/07/2014 12:44:27

compreensão política e social das condições enfrentadas pelos pobres, como evidenciam os seus problemas mais visíveis, incluindo desnutrição, desemprego e doenças, com a intenção de lançar luz sobre essas condições em escala de individual e coletiva da consciência. Baseando práticas educativas na experiência individual e coletiva, a Educação Popular tomou conhecimento previamente adquirido sobre as pessoas muito a sério e trabalhou mais em grupos do que de forma individual. Esses projetos usaram uma educação intimamente relacionada a habilidades concretas que poderiam ser ensinadas aos pobres (tais como leitura, escrita e aritmética), mas como um processo mútuo de ensino-aprendizagem (GADOTTI, 2012).

A Educação Popular procurou inspirar um sentimento de orgulho, dignidade e confiança nos participantes, de forma que eles possam se tornar autônomos tanto política quanto socialmente. Esses projetos podiam ser integrados por governos no processo de desenvolvimento rural, como foi feito na Colômbia e na República Dominicana (TORRES, 1995a, 1995b); como foi feito pelo próprio Freire, de 1989 até 1991, quando ele foi secretário da Educação pelo Partido dos Trabalhadores (PT), no município de São Paulo (O' CADIZ, WONG E TORRES, 1998); assim como foi feito por coletivos de Educação Popular na Nicarágua (ARNOVE, 1994). Estes programas de Educação Popular podiam abranger todas as idades dos estudantes, desde crianças a adultos.

Para Freire, os principais problemas educacionais não são metodológicos ou pedagógicos, mas, pelo contrário, políticos. Programas educacionais inspirados por esse modelo haviam ganhado uma forte presença histórica no campo de Educação de Adultos e alfabetização, tentando se constituir dentro dos mecanismos político-pedagógicos de colaboração com setores socialmente subordinados. A Educação Popular é uma pedagogia para a mudança social, definida pela atividade educacional que formou uma "ação cultural", cujo objetivo central era a conscientização.

Na sua forma mais radical, a conscientização residia no desenvolvimento da consciência crítica, como conhecimento

miolo_vfinal.indd 345 16/07/2014 12:44:27

revelado durante o processo de transformação de orientação de classe social, aparecendo como parte das "condições subjetivas" desse processo. Em termos estritamente educacionais, a Educação Popular tinha a intenção de ser uma pedagogia não autoritária. O seu programa educacional poderia ser realizado tão facilmente em uma sala de aula, como em um "Círculo de Cultura", transmitindo ideias e conhecimento ao longo de um caminho de compartilhamento fornecido pelo "conhecimento do conhecimento prévio", como é conhecido pelos educandos (FREIRE, 1998).

Para Freire, dominação, agressão e violência eram partes intrínsecas da vida humana e social. Ele argumentava que alguns poucos momentos de encontros humanos estavam isentos da opressão de algum tipo, ou outro, uma vez que pela virtude de raça, classe social ou gênero, as pessoas tendiam a serem vítimas e/ou os perpetuadores da opressão. Um dos últimos livros escritos por ele, *Pedagogia da esperança* (2004), ofereceu uma apreciação das condições implementadas pelo seu livro precedente, *Pedagogia do oprimido* (2007).

Essa pedagogia libertadora forneceu um modelo diametralmente oposto à agenda neoliberal predominante na educação latino-americana, paradoxalmente, constituindo um acúmulo das posições mais conservadoras e capitalistas em todo o mundo e uma contradição flagrante contra a tradição liberal e o espírito público, obrigatório, e educação livre que predominou na história da educação no século 19 e início do século 20.

Foto: David Shankbone

Movimento *Occupy Wall Street*, que protestou contra a desigualdade econômica e social, corrupção e indevida influência das empresas no governo dos Estados Unidos, em setembro de 2011

Portanto, não é de surpreender que o trabalho de Freire e muitos daqueles que endossam sua agenda político-pedagógica tem sido associados a movimentos sociais ao redor do mundo que utilizam a educação para perseguir seus objetivos políticos desafiando o neoliberalismo. Existe uma extensa pesquisa das práticas contra-hegemônicas de novos movimentos sociais, através das lentes disciplinares da ciência política (ROCCO, 1990, 1997, 1999, 2002, 2010; ROCCO; GARCÍA SELGAS, 2006) e da sociologia política da educação (TORRES, 1989, 1991, 1995a, 1995b, 1996, 2009a, 2009b, 2011; TEODORO; TORRES, 2007) ou da teoria da sociologia e da aprendizagem (MAYO, 2005, MORROW; TORRES, 1995).

No entanto, uma área ainda relativamente pouco explorada é o papel da educação na criação, facilitando ou renovando a interação política entre os movimentos sociais e o Estado. Morrow e Torres (1995) têm teorizado em torno dessa questão e Paulo Freire, estendendo um exemplo bem pesquisado (O' CADIZ et al, 1998), na maneira em que ele criou laços entre o Ministério da Educação no Estado de São Paulo e iniciativas de alfabetização com os movimentos sociais regionais. Essas percepções, contudo, o papel extensivo que a educação tem desempenhado na criação e empurrando as agendas políticas dos movimentos sociais não têm sido pesquisados ou teorizados quase na medida em que sua penetração garante.

Os conceitos e teorias de Freire ainda estão sob a escrita de alguns dos mais inovadores processos contra-hegemônicos no mundo, incluindo os movimentos "Occupy Wall Street", os indignados, e outras experiências de luta social (BRYNE, 2012) na criação de uma esfera pública global e transnacional.

2. Minha última conversa com Paulo Freire

Eu estava viajando, no fim de abril de 1997, para Madri de Los Angeles, onde tenho morado por mais de duas décadas, para participar de uma conferência organizada pela Universidad Complutense e a University of California.

A caminho do aeroporto, tive um impulso repentino de ligar para Paulo Freire. Eu não consigo lembrar por que senti tal urgência, mas estávamos planejando escrever um livro juntos sobre novos desafios da educação no limiar do século 21. O livro tinha um títuloprovisório: *A educação e o sonho possível*.

Queríamos atualizar a discussão sobre algumas grandes teses de Paulo e pensar em implementá-las nas salas de aula no mundo capitalista avançado. Queríamos usar uma frase muito querida de Paulo, para "reinventar e não repetir Paulo Freire".

miolo_vfinal.indd 347 16/07/2014 12:44:32

Liguei para ele do meu telefone celular a caminho do aeroporto. Paulo atendeu o telefone na sua casa em São Paulo, e depois das habituais confraternizações, eu lhe disse que estava viajando para a Europa e queria saber quando e onde poderíamos nos encontrar para trabalhar no livro. Ele me disse que estaria dando um curso em Harvard naquele outono e talvez fosse mais fácil para mim viajar para Cambridge do que para São Paulo para trabalhar com ele. Cambridge nos ofereceria um ambiente de trabalho mais tranquilo do que São Paulo, sem as enormes demandas que a vida acadêmica, política e educacional do Brasil impunham na agenda de Paulo.

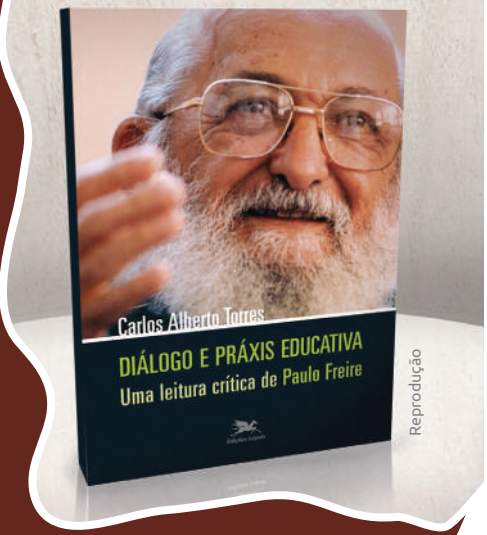
Eu lhe perguntei se ele estava pensando nos temas primordiais que estaríamos abordando. Sua resposta não foi só direta, mas parecia até um tanto lacônica: "Carlos, nós temos que criticar o neoliberalismo. É o novo demônio do mundo de hoje". Nesse momento, houve um silêncio do outro lado do telefone que me fez entender que tínhamos perdido nossa comunicação. Eu estava chegando ao Aeroporto Internacional de Los Angeles e o poder dos sistemas de comunicações da área deve ter interferido na nossa chamada.

Eu hesitei em ligar para ele novamente. Minha hora de embarque estava perto e, claro, uma chamada pelo celular é sempre muito cara. Decidi ligar para ele no meu retorno de Paris, onde eu ia trabalhar alguns dias depois da reunião em Madri. Comecei a pensar em uma reunião acadêmica de que tinha recentemente participado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com o antigo Cardeal de São Paulo, Dom Evaristo Arns, que fora um dos maiores representantes brasileiros da Teologia da Libertação, junto com Paulo Freire. O título dessa reunião era "*O diabólico e o simbólico*", e me pareceu um bom título – porque, teologicamente falando, o simbólico é a antítese do diabólico.

Paulo Freire e Dom Paulo Evaristo Arns no debate sobre o tema "O diabólico e o simbólico", no TUCA (Teatro da PUC-SP), em setembro de 1996

"Esta reedição de três livros de Carlos Alberto Torres sobre Paulo Freire é motivo de celebração por educadores e trabalhadores sociais que se inspiram no pensamento e na obra do mestre, legado deixado por ele aos que se dedicam à educação nos setores populares da sociedade. Representa, também, louvável iniciativa do Instituto Paulo Freire, que, com esta publicação, homenageia os 50 anos da Experiência de Angicos, marco histórico da Educação Popular, baseada na *Pedagogia do oprimido* de Freire, e que revolucionou a educação no Brasil e em outros países do terceiro mundo".

Depoimento de **Luiza Erundina**, deputada federal, publicado na orelha do livro de Carlos Alberto Torres, *Diálogo e Práxis Educativa: uma leitura crítica de Paulo Freire*. São Paulo, Loyola, 2014



Reprodução

A conversa interrompida com Freire ficou comigo enquanto eu ponderava sobre o tema.

Eu nunca poderia imaginar que, enquanto estava em Paris, eu receberia a notícia do seu falecimento repentino, no dia 2 de maio de 1997, de um ataque cardíaco logo após uma operação nas suas artérias coronárias. Paulo morreu sozinho enquanto se recuperava da operação na UTI do Hospital Albert Einstein, em São Paulo.

Um dos grandes mestres da América Latina, com seus gestos proféticos, barba branca e olhos que refletiam a autenticidade dedicada de seu enunciado, cativando leitores e ouvintes semelhantes à sua lógica e sua poesia, tinha morrido. Um enorme pedaço da história do nosso querido e conflitivo continente morreu com ele. Freire foi um dos mais importantes filósofos políticos da educação do século 20.

Eu quero terminar essas palavras prestando uma homenagem a Paulo Freire, consciência crítica da América Latina, com um poema que escrevi no primeiro ano de sua morte (escrito no Instituto Paulo Freire, em São Paulo, no dia 2 de maio de 1998).

miolo_vfinal.indd 349 16/07/2014 12:44:35

3. Um pouco mais de um ano atrás (Para Paulo Freire)

Um pouco mais de um ano atrás, sua mágica ainda estava passeando por essas ruas.
Como um trovador, você estava cantando canções de liberdade.
Os rostos de crianças, jovens, adultos e idosos ainda estavam praticando
Todas as combinações das vogais possíveis: be, bi, ba, bo, bu.
A curiosidade foi, de novo, a base da epistemologia
E a sua generosidade estava desafiando o poder.

Um pouco mais de um ano atrás, esperança e sabedoria ainda erguem o seu nome,
E a utopia também,
No meio de gritos rancorosos, linhas e conhecimentos populares
Molhados com a opressão mas temperado
Por encontros amorosos de intensidades desconhecidas.

Um pouco mais de um ano atrás, suas palavras ainda estavam modelando hinos,
Destruindo palácios, desintegrando templos,
Nos convidando para uma revolução imoderada,
E uma luta impacientemente paciente.

Um pouco mais de um ano atrás, a América Latina estava ainda cheia de otimismo contagiante,
Fronteiras, arame farpado e baionetas estavam sendo apagadas
Como os caracteres indistinguíveis de um passado extinto enquanto
Circos, carnavais e procissões estavam se aglomerando, no esplendor deles,
O legado de tradição e ruptura.
Homens e mulheres estavam procurando nos políticos
Para verdade, justiça e liberdade.

Um pouco mais de um ano atrás, nós ainda tínhamos você entre nós.
Hoje, na sua infinita e sufocante morte, você ainda vive entre nós.

Um pouco mais de um ano atrás, você ascendeu em um coro vocal sonoro de palavras repetidas
Mas também reinventado,
De tradicional mas não um ensino antiquado,
De profecias onde o amor é a medida justa para todas as coisas,
E onde a ética e os sorrisos são as bandeiras e escudos de uma batalha ancestral,
Como suas lições, professor, amigo que continua entre nós.

miolo_vfinal.indd 350 16/07/2014 12:44:35

Charge publicada no *Diário de Pernambuco,* em 3 de março de 1997, dia seguinte da morte de Paulo Freire

Referências

ARNOVE, Robert. *Education as Contested Terrain*. Nicaragua, 1979-1993. Bolder, Colorado: Westview, 1994.

BRYNE, J. (Ed.). *The occupy handbook*. New York: Back Bay Books, 2012.

COLLIER, David et al. *The New Authoritarism in Latin America*. Princeton: Princeton University Press, 1979.

FRASER, Nancy. *Transnationalizing the Public Sphere*, 2005. Disponível em: <http://www.republicart.net/disc/publicum/fraser01_en.htm>. Acesso em: 16 abr. 2014.

FREIRE, Paulo. *Politics and Education*. Los Angeles: Latin American Center, University of California, Los Angeles, 1998.

FREIRE, Paulo. *Pedagogy of Hope*. Reliving Pedagogy of the Oppressed. New York: Continuum, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogy of the Oppressed*. New York: Continuum, 2007.

GADOTTI, M.; TORRES, C. A. *Estado e educação popular na América Latina*. Campinas: Papirus, 1992.

miolo_vfinal.indd 351 16/07/2014 12:44:37

GADOTTI, M.; TORRES, C. A. (Eds.). *Educação popular:* Utopia latino-americana (ensaios). São Paulo: Cortez/Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

GADOTTI, M.; TORRES, C. A. (Eds.). *Educación popular:* Crisis y perspectivas. Buenos Aires: Miño y Dávila Editores, 1993.

GADOTTI, Moacir. *Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária, Conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum*. IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL UNICAMP, UNISAL, USP, PUC-SP, MACKENZIE, Campinas, 25 a 27 de julho de 2012.

MAFRA, J.; TORRES, C.A.; GADOTTI, M. *Reiventando Paulo Freire no século 21*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008.

MAYO, M. *Global citizens:* Social movements and the challenge of globalization. London, England: Zed Books, 2005.

MAYO, M. *Echoes from Freire for a Critically Engaged Pedagogy*. New York & London: Continuum (in press).

MORROW, R.; TORRES, C. A. *Social theory and education:* A critique of theories of social and cultural reproduction. Albany, NY: State University of New York Press, 1995.

O'CADIZ, Pilar; WONG, Pia; TORRES, C. A. *Education and Democracy:* Paulo Freire, Social Movements, and Educational Reform in São Paulo. Boulder, Colorado: Westview Press, 1998. (Portuguese translation, 2002, Venciano translation, 2003.)

O'DONNEL, Guillermo. Bureaucratic Authoritarianism Argentina, 1966–1973. *Comparative Perspective*. Guillermo O'Donnell Translated by James McGuire in collaboration with Rae Flory. Berkeley: University of California Press, 1988.

ROCCO, R. The theoretical construction of the 'Other' in post-modernist thought: Latinos in the new urban political economy. *Cultural Studies* 4(3): p. 321-330, 1990.

ROCCO, R. Citizenship, culture and community: Restructuring in southeast Los Angeles. In: FLORES, W.V. ; BENMAYOR, R. (Eds.). *Latino cultural citizenship:* Claiming identity, space, and rights. Boston, MA: Beacon Press, 1997.

miolo_vfinal.indd 352 16/07/2014 12:44:37

ROCCO, R. The comparative study of clientilism and the changing nature of civil society in the contemporary world. In: RONIGER, L. ; GUNES-AYATA, A. (Eds). *Democracy, clientelism, and civil society*. Boulder, CO: Westview Press, 1999.

ROCCO, R. Citizenship, civil society, and the Latina/o city: Claiming subaltern spaces, reframing the public sphere. In: VÉLEZ-IBÁÑEZ, C. ; SAMPAIO, A. (Eds.). *Transnational Latina/o communities:* Politics, processes, and cultures. Lanham, MD: Rowman and Littlefield, 2002.

ROCCO, R. *The structuring of Latino politics:* Neoliberalism and incorporation. NACLA Report on the Americas, 43(6): p. 40-43, 2010.

ROCCO, R.; GARCIA SELGAS, F. (Eds). *Transnationalism:* Issues and perspectives. Madrid: Editorial Complutense, 2006.

ROMÃO, José Eustáquio. Sociology of Education or the Education of Sociology. Paulo Freire and the Sociology of Education. In: TORRES, C. A.; TEODORO, A. (Eds.), *Critique and utopia:* New developments in the sociology of education. Lanham: Rowman and Littlefield Publishers, 2007, p.131-38

SCHUGURENSKY, Daniel. *Paulo Freire*. New York: Continuum, 2011.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. Origens e prospectiva do pensamento político-pedagógico de Paulo Freire. In: TORRES, Carlos Alberto (Org.). *Paulo Freire e a Agenda da Educação Latino-Americana no Século XXI*. Buenos Aires: CLACSO, 2001, p. 323-48.

TEODORO, A.; TORRES, C. A. Introduction. Critique and utopia in the sociology of education. In: TORRES, C. A.; TEODORO, A. (Eds.). *Critique and utopia:* New developments in the sociology of education Lanham: Rowman and Littlefield Publishers, 2007, p. 1–8.

TORRES, C. A. Estado, políticas públicas e educação de adultos. (The state, public politics and adult education). In: GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. *Educação de Jovens e Adultos. Teoria, prática e proposta* (The education of youth and adults. Theory, practice and a proposal), São Paulo: Cortez/Paulo Freire Institute, 1995b.

miolo_vfinal.indd 353 16/07/2014 12:44:37

TORRES, C. A. Fictional Dialogues on Teachers, Politics, and Power in Latin America. In: GINSBURG, M. *The Politics of Educators' Work and Lives*. New York: Garland Publishing, Inc., 1995a.

TORRES, C. A. Political culture and state bureaucracy in Mexico: The case of adult education. *International Journal of Educational Development*, 9(1), p. 53-68, 1989.

TORRES, C. A. The state, nonformal education, and socialism in Cuba, Nicaragua. *Comparative Education Review*, 39(1), p. 1-27, 1991.

TORRES, C. A. State and education revisited: Why educational researchers should think politically about education. *Review of Research in Education*, 21, p. 255-331, 1995a.

TORRES, C. A. Estado, políticas públicas e educação de adultos. In: GADOTTI, M. ; ROMÃO, J. E. (Eds.). *Educação de jovens e adultos*: teoria, prática e proposta. São Paulo: Cortez/Paulo Freire Institute, 1995b.

TORRES, C. A. Adult education and instrumental rationality: A critique. International *Journal of Educational Development*, 16(2), p. 195-206, 1996.

TORRES, C. A. *Globalizations and education*: Collected essays on class, race, gender, and the state. New York: Teachers College Press, 2009a.

TORRES, C. A. *Education and globalization*. New York: Routledge, 2009b.

TORRES, C. A. *Las secretas aventuras del orden. Estado y educación*. Buenos Aires, Argentina: Miño y Dávila Editores, 1996.

WALTER, P. Adult learning in new social movements: Environmental protest and the struggle for the Clayoquot Sound Rainforest. *Adult Education Quarterly*, 57(3), p. 248-263, 2007.

WELTON, M. Social revolutionary learning: The new social movements as learning sites. *Adult Education Quarterly*, 43(3), p. 152-164, 1993.

miolo_vfinal.indd 354 16/07/2014 12:44:37

6.4. Pedagogia do oprimido: do manuscrito à universidade popular

Jason Ferreira Mafra
Professor da Universidade Nove de Julho (Uninove)

> Ao recordar agora todo este trabalho tão artesanal, até com saudade, reconheço o que teria poupado de tempo e de energia e crescido em eficácia se tivesse contado, na oportunidade, com um computador, mesmo humilde como o de que dispomos hoje minha mulher e eu. (FREIRE, 1999, p. 59).

O trecho acima é um fragmento da história da *Pedagogia do oprimido* narrado por Paulo Freire no livro *Pedagogia da esperança*. Naquele momento, 1992, Freire, que acabara de deixar a Secretaria de Educação da cidade de São Paulo, não imaginava que a trajetória de sua obra-prima ainda teria outro capítulo. E, justamente, graças à ausência do tal equipamento foco de sua queixa que, inacessível na década de 1960, o obrigava a escrever sempre os seus textos à mão. Vale lembrar que, embora defensor por princípio do uso das modernas tecnologias na educação, mas nascido em 1921, ele nunca substituiu a prática de redigir seus textos manuscritamente.

1. Angicos e a *Pedagogia do oprimido*

Pedagogia do oprimido é, em grande medida, resultante da análise crítica de três grandes momentos da trajetória intelectual e educadora de Paulo Freire no percurso de duas décadas: o contexto pré-Angicos (1947-1959), o trabalho de alfabetização de Adultos no Nordeste (1960-1964) e a experiência no Chile (1964-1969). Isto é conhecido pelos estudiosos de Freire. O que muitos não sabiam é que as versões do livro seminal, em quaisquer das dezenas de idiomas para os quais a obra foi traduzida, não correspondem exatamente aos originais escritos à mão por Paulo Freire. É que, ao compararmos as várias edições do livro com os documentos manuscritos, verificamos

miolo_vfinal.indd 355 16/07/2014 12:44:37

que algumas partes do texto original, incluindo citações, desenhos e esquemas gráficos, foram totalmente suprimidas.

Uma das hipóteses levantada por José Eustáquio Romão, conhecido pesquisador da obra do educador, é de que as publicações tenham sido realizadas a partir de traduções do inglês, primeiro idioma em que esse trabalho foi editado[53], no ano de 1970. Freire escreveu o *Pedagogia do oprimido* entre 1967 e 1968. Em 1969, foi convidado a trabalhar na Universidade de Harvard. Os manuscritos já haviam sido datilografados. Antes de sair do Chile, porém, ele doou os originais a Jacques Chonchol, então ministro no governo de Eduardo Frei (1964-1970). Logo após a primeira publicação do livro, Paulo Freire deixou os Estados Unidos e foi trabalhar em Genebra, Suíça. Com o golpe militar que derrubou o presidente Salvador Allende (1970-1973), Chonchol, que havia assumido o Ministério da Agricultura, exilou-se na Venezuela e, nove meses depois, seguiu para a França. Sua biblioteca particular foi confiscada, porém os textos da *Pedagogia do oprimido*, reunidos em folhas avulsas numa pasta, não foram levados. Anos depois, sua mãe enviou os manuscritos para a França[54].

Exceto Chonchol, sua esposa Maria Edy e a quem eles, eventualmente, confiaram esta informação, ninguém mais tinha notícia desse documento. Em 2001, por ocasião da primeira edição do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre (RS), Lutgardes Freire, Moacir Gadotti e José Eustáquio Romão encontraram-se com o ex-ministro chileno, que lhes comunicou a posse desse material. Iniciaram-se ali as primeiras conversas com objetivo de acesso aos documentos originais. Naquele mesmo ano, Adriano Salmar Nogueira e Taveira foi ao Chile para receber das mãos do ex-ministro Jacques Chonchol uma cópia autenticada dos originais.

Desde então, Romão e Gadotti empreenderam intensos esforços para publicar, em versão fac-similada, esse precioso documento. Finalmente, em 2013, esta ideia se concretizou. No contexto das comemorações dos 50 anos de Angicos, exatamente no último encontro dos vários eventos que celebraram e discutiram o trabalho de Paulo Freire realizado em 1963, realizou-se o lançamento da publicação editorial

53. Em *Pedagogia da esperança*, todavia, Freire diz que a edição publicada no Brasil teve como fonte o material datilografado que ele enviou clandestinamente a Fernando Gasparian, diretor da Paz e Terra, por meio de Jean Ziegler, intelectual suíço que viera a trabalho ao Rio de Janeiro em 1971. A 1ª edição, porém, em português, só saiu em 1975, dadas as condições políticas pelas quais o país se encontrava naquele momento (FREIRE, 1999, p. 62-63).

54. A história dos manuscritos é contada pelo próprio Chonchol, numa entrevista concedida a Romão, em agosto de 2013, no Chile, por ocasião da organização da publicação do manuscrito (ROMÃO, 2013, p. 6-10).

miolo_vfinal.indd 356 16/07/2014 12:44:37

Exemplares do livro *Pedagogia do oprimido,* traduzido para diversos idiomas

Reprodução

fac-similada dos manuscritos. Numa cerimônia especial, em que foi também lançado o selo comemorativo em homenagem ao Cinquentenário de Angicos, Jacques Chonchol recebeu o livro do manuscrito das mãos do filho caçula de Paulo, Lutgardes Freire, e entregou a ele (na verdade ao Brasil) os originais da *Pedagogia do oprimido*. Com o apoio dos ministérios da Educação e da Cultura, decidiu-se que esse documento ficará sob a tutela do Governo Brasileiro e será exposto ao público em um monumento próprio, na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

Além desses ministérios, entre as instituições e pessoas que contribuíram para esta tarefa, vale destacar o apoio da família Freire que, gentilmente, autorizou a publicação dos originais, a Universidade Nove de Julho, na figura do Reitor Eduardo Storópoli e da Pró-Reitora da Universidade Nove de Julho, Maria Cristina Barbosa, que se dedicaram pessoalmente nessa tarefa, o Instituto Paulo Freire, no empenho de Moacir Gadotti e José Eustáquio Romão, que coordenaram todo esse processo.

2. Paulo Freire e a Educação Superior

Todos os que conhecem os momentos mais significativos da biografia de Paulo Freire sabem que o processo de alfabetização de adultos ocorrido em Angicos, em 1963, foi o episódio que projetou nacionalmente o educador brasileiro. Durante muitos anos, Freire esteve relacionado quase que estritamente à Educação de Adultos, mas, com o passar do tempo, sua teoria ultrapassou muito esse contexto, sem negá-lo, penetrando em diferentes modalidades da educação e para além dela. Isto pode ser notado tanto pelos inúmeros trabalhos

miolo_vfinal.indd 357 16/07/2014 12:44:39

produzidos sobre ele, quanto pela grande quantidade de grupos e movimentos sociais que, de formas distintas, incorporaram a práxis do pensador pernambucano.

Em relação à amplitude desse legado e a inserção de Freire no mundo acadêmico, vale aqui a narrativa breve de um episódio. No ano de 2004, quando participávamos do Colóquio Paulo Freire, em Recife, tive a oportunidade de apresentar o projeto político-pedagógico da UniFreire que havia sido aprovada no II Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire, realizado em Bolonha, no ano de 2002. Na ocasião, Carlos Rodrigues Brandão, com quem dividíamos uma das mesas naquele evento, afirmou que, se, de um lado, o ponto de partida do projeto pedagógico de Paulo Freire foi a alfabetização, de outro, o ponto de chegada seria a Universidade Popular. Para ele, que se manifestou entusiasmado pela proposta da UniFreire, o que se enxerga de forma mais profunda na teoria e na prática de Paulo Freire pode ser interpretado como um verdadeiro sistema educacional, que concebe a educação em todas as suas fases e ciclos.

Desde então, a discussão do ensino superior a partir das reflexões de Paulo Freire tem se ampliado bastante. Inspirados na orientação desse pensador que, por diversas vezes, chamou a atenção para a necessidade de reinventar e atualizar as suas ideias, pesquisadores vinculados à Cátedra do Oprimido[55] e aos programas de mestrado e doutorado em educação[56], da Universidade Nove de Julho (Uninove), de São Paulo, vem constituindo, há cerca de 15 anos, grupos de pesquisas sobre a teoria e a prática de Freire com vistas a compreendê-las em profundidade, consolidar e, sobretudo, dar continuidade ao legado freiriano na academia. Assim, além das teses e dissertações produzidas neste âmbito acadêmico, frequentes eventos têm sido realizados nesse contexto para disseminação e publicização da escola freiriana.

Um dos exemplos, nesse sentido, é a participação desses pesquisadores (cerca de 30 apenas na Uninove) em redes internacionais de pesquisa, como a Rede Ibero-americana de Investigação em Políticas de Educação (Riaipe). Constituída há mais de dez anos, a Riaipe desenvolve estudos e ações de intervenção

55. A Cátedra do Oprimido surgiu no início dos anos 2000, por iniciativa do professor José Eustáquio Romão, que tem reunido e coordenado, em diferentes contextos, especialmente acadêmicos, pesquisadores e demais estudiosos com o propósito de desenvolver estudos sobre as "razões oprimidas".

56. Na Universidade Nove de Julho há dois programas *stricto sensu* em educação: o Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), de natureza acadêmica, e o Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEGE), na modalidade do mestrado profissional.

miolo_vfinal.indd 358 16/07/2014 12:44:39

precisamente nos países da América Latina. O evento de encerramento das comemorações dos 50 anos de Angicos, realizado em novembro de 2013, na Universidade Nove de Julho, abrigou o IV Seminário Internacional de Educação, que encerrou o triênio de atividades de pesquisas. Nesta edição, o tema do seminário foi *Paulo Freire e a educação superior*.

Desenvolvido durante três anos (2010-2013) de trabalho, o programa de pesquisa dessa rede envolveu mais de 100 pesquisadores de 33 universidades de 19 países da América Latina e da Europa. Financiado pela Comissão Europeia para a Cooperação Exterior, no âmbito do Programa Alfa III, esses pesquisadores empreenderam seus esforços na realização do Programa Marco Interuniversitário para a Equidade e a Coesão Social nas Instituições de Ensino Superior na América Latina, a terceira edição de pesquisa denominada, nesta versão, Riaipe3[57].

Como se pode notar no título, o objetivo do programa foi explicitar, no contexto latino-americano, o quadro de inserção na Educação Superior, detectando as lacunas, problemas, políticas e experiências voltadas para a inclusão social nesse nível de ensino e, ao mesmo tempo, propor ações de intervenção com vistas a contribuir para equalização dessa questão nos diferentes países da América Latina. Nesse projeto, o grupo de pesquisadores da Uninove investigou as experiências das universidades brasileiras alternativas e, a partir dos aportes de Freire, debateu a construção teórica de uma Universidade Popular[58]. As equipes de cada país apresentaram e discutiram os resultados de seus trabalhos que, neste momento, estão sendo publicados em diferentes veículos, especialmente, livros e periódicos.

57. Para mais informações sobre o referido programa de pesquisa, acessar a página virtual no endereço: <www.riaipe-alfa.eu>.

58. Parte do resultado do trabalho desta equipe pode ser visto na obra *Universidade popular: teorias, práticas e perspectiva*, publicada pela editora Liber Livro (SANTOS; MAFRA; ROMÃO, 2013).

Foto: Filipa Lourenço

Grupo Riaipe3 no IV Seminário Internacional de Educação, na Uninove, em São Paulo, no dia 8 de novembro de 2013

miolo_vfinal.indd 359 16/07/2014 12:44:43

Esse trabalho prossegue agora a partir da criação do Observatório da Educação (Obeduc), que investiga temáticas relativas à Universidade Popular, nas instituições brasileiras de ensino superior que trabalham com propostas político-pedagógicas alternativas, isto é, contra-hegemônicas aos modelos clássicos de universidade.

Estudiosos costumam destacar que a contribuição mais original da América Latina no campo educacional mundial é a Educação Popular que, em grande medida, tem os seus fundamentos na *Pedagogia do oprimido*.

Como o legado de Freire é um processo vivo, que se reinventa no contexto das transformações sociais, as pesquisas nesse campo têm revelado que, também no âmbito da Educação Superior, emerge um grande número de iniciativas e propostas que pensam um novo projeto de universidade, em que a Leitura do Mundo do povo seja tão reconhecida e legítima quanto a leitura do mundo acadêmico, na construção de uma ciência pública para um outro mundo melhor e possível.

Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. *Pedagogia do oprimido*: o manuscrito. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2013.

PROGRAMA MARCO INTERUNIVERSITÁRIO PARA A EQUIDADE E A COESÃO SOCIAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR. Disponível em: <http://www.riaipe-alfa.eu/>. Acesso em: 3 de abr. 2014.

ROMÃO, José Eustáquio. Entrevista com Jacques Chonchol (20 de agosto de 2013). In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*: o manuscrito. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2013, p. 6-10.

SANTOS, Eduardo; MAFRA, Jason Ferreira; ROMÃO, José Eustáquio (Org.). *Universidade Popular*: teorias, práticas e perspectivas. Brasília: Liber Livro, 2013.

miolo_vfinal.indd 360 16/07/2014 12:44:44

6.5. De Angicos ao Programa Nacional de Alfabetização

Sílvia Manfredi

Professora Doutora Livre-Docente da Universidade de Campinas (Unicamp) e Presidente do Instituto Paulo Freire – Itália

Escrever hoje sobre o Programa Nacional de Alfabetização, tecendo os fios entre o passado e o presente, possui para mim pelo menos dois significados relevantes. Por um lado, retomar uma experiência importante e singular da nossa história da educação de adultos, em que Paulo Freire foi um dos protagonistas centrais. De outro, assinalar alguns pontos críticos, lacunas, sobre as atuais políticas públicas de Educação de Jovens e Adultos, que, a meu juízo, ainda merecem ser objeto de reflexão/intervenção.

O Programa Nacional de Alfabetização (PNA), de 1964, faz parte da história de todos aqueles/las que estiveram envolvidos com as lutas pela democratização do ensino público no Brasil, desde os anos 1940. Fora uma bandeira de Anísio Teixeira e de muitos outros intelectuais. Lembro-me, quando ainda estudante de Pedagogia, ao ler um de seus livros, *Educação não é privilégio,* e o de Maria José Garcia Werebe, *Grandezas e misérias da Educação brasileira*, esses educadores já pontuavam a prioridade da alfabetização. Em torno dela, bateram-se numerosas gerações de educadores, intelectuais, estudantes e administradores públicos. Naquela época, ainda não se usava a expressão "cidadania", mas tratava-se o fenômeno do analfabetismo como um mecanismo de exclusão dos processos de participação social e política. Ser analfabeto significava viver à margem de muitos dos direitos civis e de participação social e política. Nos dias de hoje, a falta de letramento parece ser cada vez mais excludente.

A questão do analfabetismo suscitava então, desde aquela época, acalorados debates em torno das diferentes concepções e projetos de alfabetização, tendo sido Paulo Freire um de seus protagonistas centrais, após o sucesso das experiências no Nordeste do Brasil, notadamente a de Angicos.

miolo_vfinal.indd 361 16/07/2014 12:44:44

Fazendo referência ao analfabetismo, assim se expressava Freire (1967, p. 18): "O analfabetismo não é nem uma 'chaga', nem uma erva daninha a ser 'erradicada', nem tão pouca uma 'enfermidade', mas uma das expressões concretas de uma situação social injusta". Na época, essa forma de injustiça social denominada analfabetismo atingia, com certeza, 1/3 da população de 10 anos ou mais no Brasil e 33,41% da população de 15-19 anos (em 1960).

Freire sempre teceu severas críticas à expressão analfabetismo e às concepções subjacentes a muitos dos programas de visavam o letramento das populações não escolarizadas. Em um texto de 1976, Freire denuncia o caráter ideológico das concepções/orientações hegemônicas relativas às campanhas de alfabetização latino-americanas durante os anos 1960-70.

> A concepção, na melhor das hipóteses, ingênua do analfabetismo o encara ora como "erva daninha"– daí a expressão corrente: "erradicação do analfabetismo" –, ora como uma "enfermidade" que passa de um para o outro, quase por contagio, ora como uma "chaga" a ser curada e cujos índices, estampados nas estatísticas de organismos internacionais, dizem mal dos níveis de "civilização de certas sociedades". [...] A primeira é a visão nutricionista, segundo a qual o analfabetismo seria uma situação de fome ou de sede, e os analfabetos, seres sedentos ou famintos, o que explicaria inclusive o caráter humanitarista de certas campanhas latino-americanas de alfabetização. Se milhões de homens e mulheres estão analfabetos, 'famintos de letras, sedentos de palavras', a palavra deve ser levada a eles e elas para matar a sua 'fome' e a sua 'sede', a segunda distorção aquela que vê o analfabetismo como uma vergonha. Não para o país, mas para o analfabeto. [...] A visão messiânica, segundo a qual o analfabeto seria um "homem perdido", que precisaria ser salvo e cuja "salvação" estaria "em que (ele) consinta em ir sendo 'enchido' por estas palavras, meros sons milagrosos, que lhe são apresentadas ou impostas pelo alfabetizador que, às vezes, é

miolo_vfinal.indd 362 16/07/2014 12:44:44

Educanda da experiência-piloto de Brasília (DF), em 1963

> um agente inconsciente dos responsáveis pela política da campanha de alfabetização [...] (p.16) e a terceira que se constrói a partir de uma suposta "natural inferioridade" dos analfabetos. (FREIRE, 1976, p. 53-54 e p. 16).

Segundo Freire, todas essas orientações/concepções nada mais são do que "mitos da cultura dominante", representações que têm um caráter ideológico, em que se mascara a realidade; mitos que desempenham uma função de dominação sobre os analfabetos (FREIRE, 1976, p. 59).

O conceito de analfabeto (FREIRE; MACEDO, 1990, p. 12) ressalta o caráter ideológico, dando cobertura para que os grupos poderosos simplesmente silenciem os pobres, os grupos minoritários, as mulheres, ou as "pessoas de cor". As diferentes visões não são erros, mas construções ideológicas que desempenham dupla função no jogo político: de um lado, a de ocultar ou dissimular a realidade social: de outro, a de silenciar e dominar as pessoas exploradas ou injustiçadas. Em contraposição, Freire defende uma concepção crítica de alfabetização, que vai muito além do letramento e que, historicamente, começa a ser construída em Recife, final dos anos 1950, colocada à prova com o PNA e reafirmada ao longo de sua andarilhagem pelos países da América Latina e da África.

miolo_vfinal.indd 363 16/07/2014 12:44:44

1. Um objeto de estudo

Recuperar a história do PNA foi o desafio que enfrentei durante os anos de "chumbo" na Universidade de São Paulo (USP), ao escrever minha primeira tese acadêmica. Era tudo muito difícil, ora porque se tratava de um primeiro trabalho de elaboração de tese e, também, porque foram momentos intensos de censura, proibição da livre manifestação de ideias e de vigilância sobre a produção acadêmica.

Opção complexa e tensionante para levar adiante numa conjuntura política tão repressiva. Era difícil reunir documentos, fazer entrevistas, recolher depoimentos. A maior parte das pessoas estava no exílio. Paulo Freire e a maioria das pessoas que haviam participado, no MEC do PNA estavam fora do Brasil, e os que aqui se encontravam não queriam se identificar como ex-membros de equipes nacionais e regionais. As recusas em fornecer material e conceder entrevistas eram muito naturais e compreensíveis. Em 1972, com a oportunidade de sair do Brasil, tive a possibilidade de levantar a bibliografia existente sobre Paulo Freire no exterior, e escrever-lhe solicitando material sobre o PNA. Ele respondeu à minha carta dizendo que já não dispunha mais desse material, tendo sido em parte queimado ou incorporado como "provas" em inquéritos policiais e militares. Por conta disso, tomei coragem e, apesar do medo, fui recolher material sobre os inquéritos na biblioteca do II Exército em São Paulo. Doidices da juventude... Lembro-me, também, de que, para trazer o livro *Pedagogia do oprimido*, publicado em espanhol, mas proibido no Brasil, desmontei o livro e escondi-o no meio dos meus pertences pessoais, para disfarçar, torcendo para que minhas malas não fossem controladas ao meu regresso.

Além da inexperiência no trato com a pesquisa acadêmica, os primeiros rascunhos não podiam ser discutidos à luz do sol e com protagonistas que gostaria de ter encontrado. Enfim, só consegui realizá-lo graças à colaboração do Prof. Dr. Celso de Rui Beisiegel e aos amigos que me ajudaram a recolher o material. Apesar de tudo e de todos, exceto, é claro, a colaboração

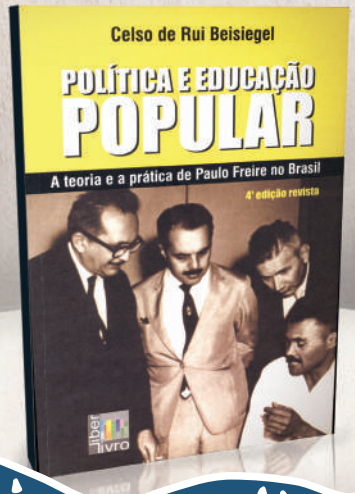
miolo_vfinal.indd 364 16/07/2014 12:44:44

de uns poucos, mas fundamentais, consegui concluir a tese em 1976, que foi publicada em 1978, com o título*: Política e Educação Popular*, Editora Símbolo, e depois reeditada pelos Editores Cortez e Autores Associados, alguns anos mais tarde.

Este livro e o de Vanilda Paiva – *História da Educação de Adultos no Brasil* – foram os primeiros a recuperar as experiências dos anos 1960. Mais tarde, em 1982, Beisiegel publicaria sua tese de livre-docência – *Política e Educação Popular (A teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil)*, que considero um dos melhores trabalhos sobre a obra de Freire e das experiências com o método de alfabetização no Brasil, antes do golpe militar.

Há muitos livros sobre Paulo Freire e sempre aparecem outros, reiterando perspectivas já exploradas ou reavivando-as para os dias atuais. Mas, sem nenhuma dúvida, este texto de Celso de Rui Beisiegel é o melhor livro sobre a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil, nos seus primeiros tempos – final dos anos de 1950 e início dos anos de 1960. Em primeiro lugar, pela competente análise do contexto desse período, fundamentada em obras clássicas da sociologia e da história, com destaque para o papel da educação no projeto de modernização da sociedade brasileira desde os anos de 1930. Em segundo, pela análise dos fundamentos e desdobramentos da proposta de Paulo Freire, surgida no bojo da ideologia nacional-desenvolvimentista elaborada no período pelos quadros do ISEB – Instituto Superior de Estudos Brasileiros, mas com raízes na miséria do Nordeste, em particular nos "mocambos" do Recife. Mostra que, embora experimentada em um inovador sistema de alfabetização, que ganhou fama a partir de Angicos, no Rio Grande do Norte, e planejada como um Programa Nacional de Alfabetização, essa proposta era mais ambiciosa: tratava-se de um processo de educação de adultos, cujo horizonte era a "conscientização" dos problemas da realidade brasileira e a "politização" para transformar essa realidade em uma sociedade realmente democrática. Estávamos no Governo João Goulart, momento de crise radical, quando se discutiam apaixonadamente as "reformas de base", e esse processo é violentamente interrompido com o golpe militar de 1964. Raramente encontra-se um texto que equilibre tão organicamente a exploração dos escritos disponíveis com a riqueza de entrevistas bem realizadas.

Osmar Fávero, em trecho extraído do livro de Celso de Rui Beisiegel: *Política e Educação Popular: a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil*. Brasília: Liber Livro, 4ª edição, 2008. – Quarta capa



Reprodução

Pessoalmente, não participei das ações prévias à implantação do PNA no Sudeste. Vim a conhecer os textos e propostas de Freire fora do curso de Pedagogia (USP), pois suas obras foram proibidas de circular por mais de 15 anos no Brasil. Em 1965, um grupo de estudantes da USP e da PUC havia organizado em São Paulo, por iniciativa da Associação Cristã de Moços, a Operação Ubatuba, uma experiência de alfabetização levada a efeito durante as férias escolares. Tomei conhecimento da experiência através de algumas colegas do "Centro Acadêmico da Faculdade de Educação da USP". Um pequeno grupo de estudantes que havia participado dessa Operação, concluídas as férias, resolveu dar continuidade aos trabalhos de alfabetização no Estado. Organizaram-se num movimento chamado MOVE – Movimento de Educação, grupo autônomo sem vínculos institucionais e partidários, que tinha por objetivos: fazer a formação de coordenadores, dentro da proposta de alfabetização de Freire, e desenvolver atividades de alfabetização durante o período das férias. O MOVE teve uma vida breve, de 1965 a 1969-70, até ser desmantelado pelas forças repressivas do regime militar. Possuía uma sede na capital de São Paulo e alguns subgrupos no interior, que desenvolviam as mesmas atividades, ou seja, a divulgação da proposta educativa de Freire e de seu método, colocando-o em prática. Antes de sermos silenciados, chegamos a realizar mais duas experiências de alfabetização: Operação Itariri e Cananeia, ambas no litoral sul do estado de São Paulo, algumas das regiões com maiores índices de analfabetismo. No interior, foram levadas adiante experiências de alfabetização nas regiões de Campinas e Ribeirão Preto, nos bairros de periferia.

A participação no MOVE deixou marcas profundas na minha carreira

Foto: Arquivo pessoal

Sílvia Manfredi no lançamento da primeira edição do livro *Política: Educação Popular*, na Livraria Brasiliense de São Paulo, em 1978

profissional e de muitos outros companheiros. Não posso afirmar que a prática com o método tenha sido tão eficiente na conscientização dos alfabetizandos, como o foi sobre minha pessoa. Realmente, abriu possibilidades para que muitos de nós fizéssemos uma Leitura do Mundo crítica sobre a sociedade brasileira. Uma experiência fortemente conscientizante e politizadora, que deixou marcas profundas para o resto da minha vida pessoal e profissional. Tanto é que, ao concluir o curso de Pedagogia, fui convidada para participar de um projeto de alfabetização que estava sendo implantado no Serviço de Educação de Adultos (SEA) da Secretaria de Educação e Cultura do Estado de São Paulo, por volta do final dos anos 1970. O projeto consistia em mapear e nuclear os principais focos de analfabetismo no Estado, para promover, através da rede pública estadual, um programa de alfabetização adotando a proposta de Freire. Não se podia falar que era o Método de Freire, havíamos camuflado o seu nome para não dar na vista, mas a proposta metodológica era *ipsis literis* a sua. Chegamos a fazer alguns cursos de formação de monitores de Círculos de Cultura e o levantamento do universo vocabular. Havíamos concluído o trabalho de levantamento e nucleação das áreas, quando o secretário de Educação, Prof. Dr. Mario Azanha, foi afastado do cargo e o programa suspenso. Outra onda de repressão, essa mais dura que a primeira, deu-se após o AI-5 (Ato Institucional nº 5) e durante toda a década de 1970. Contudo, não desistimos continuamos a usá-lo, recriando-o nos subterrâneos da ditadura, nos espaços populares não controlados...

Eis os motivos que explicam a necessidade de recuperar e refletir sobre uma experiência impregnada de personagens e significados sociopolíticos e educativos. Eis o motivo pelo qual resolvi fazer do PNA objeto de tese e agora, percorrendo meus escritos e de outros pesquisadores, Vanilda Paiva e Celso de Rui Beisigel, escrevo este texto para que fique mais uma vez gravado na memória de todos nós.

2. O Programa Nacional de Alfabetização (PNA) de 1964

Algumas palavras sobre o contexto histórico em que foi instituído. Final dos anos 1950, início dos anos 1960, momentos marcados pelo entusiasmo do desenvolvimento juscelinista, o Brasil vivia um grande momento de efervescência política e social. Conjunturas marcadas por expectativas de melhoria de vida para o conjunto da população e da superação da pobreza propiciaram as condições para uma crescente participação popular. Como atores principais, os diversos

miolo_vfinal.indd 367 16/07/2014 12:44:46

agentes e movimentos empenhados em influenciar as classes populares, principalmente os segmentos mais atingidos pela pobreza e marginalidade. Numa sociedade marcada pela extensão da pobreza e marginalidade típica dos países subdesenvolvidos do período pós-Segunda Grande Guerra, a atuação das diferentes lideranças políticas "populistas", dos partidos, dos sindicatos e associações de classe, dos agrupamentos "revolucionários", desencadeou um conjunto de forças sociais contestadoras das grandes e graves desigualdades existentes. Os programas de Educação de Adultos (educação de base, de alfabetização) patrocinados por entidades estatais e da sociedade civil inscreviam-se dentro de uma perspectiva designada "arranche para o desenvolvimento". Mas escondiam uma ambiguidade: ao mesmo tempo em que tais iniciativas foram estratégias para a legitimação e sustentação dos grupos políticos que detinham o poder (convém lembrar que até 1960 os adultos analfabetos, cerca de 40% da população, eram impedidos de votar), tais práticas foram conduzidas, em grande parte, sob a orientação de setores organizados de esquerda, virtualmente contestadores do sistema capitalista.

Essa breve passagem extraída de um depoimento de Brandão expressa com muita clareza o clima político-cultural daquela época:

> Era o começo dos anos sessenta. Costumávamos então usar alguns verbos e alguns adjetivos para tentar entender, entre nós mesmos, e para traduzir para os outros, quem nós éramos como nós e nosso mundo deveria ser o que achávamos que deveríamos fazer e o que fazíamos de fato. Palavras como: cultura, arte, educação, política, saltavam dos seus antigos usos e ora nos pareciam sérias de mais, pois podiam fazer "isto" através dos deserdados. Aqueles a quem dávamos o nome de "massa", quando ainda não haviam passado por nossas ações: ou de "povo", quando conscientes, organizados e mobilizados, deveriam se unir a nós para transformar conosco a ordem social do Brasil e, por extensão – pois por "lá" também se haveria de fazer alguma coisa, a América Latina e todo o mundo. (BRANDÃO, 2002, p. 230).

O PNA nasce, portanto, em um contexto histórico em que as experiências e práticas de educação e de alfabetização de adultos estão entrelaçadas com um conjunto de práticas e movimentos de valorização da chamada "cultura popular" (CPCs da UNE, o MCP, o MEB), tendo como

miolo_vfinal.indd 368 16/07/2014 12:44:46

protagonistas grupos políticos de diversas tendências ideológicas interessados em estimular uma mobilização que garantisse uma maior participação social e política das classes e setores populares.

O PNA foi instituído em 21 de janeiro de 1964, legitimando a adoção do método criado por Paulo Freire, após a sua utilização em vários estados do Nordeste. Em Pernambuco, em Angicos, e experiências iniciais junto ao Serviço de Extensão Cultural (SEC) e no município de São Lourenço da Mata, nas vizinhanças com Recife. Logo em seguida à sua constituição, a equipe do SEC da Universidade formou um grupo de jovens paraibanos, para aplicarem o método na Campanha da Ceplar, na Paraíba. Contemporaneamente à Experiência de Angicos, Paulo Freire também acertava com o prefeito Djalma Maranhão, de Natal, a instalação dos Círculos de Cultura no âmbito da Campanha *De pé no chão também se aprende a ler*. Em outros estados do Sul, a UEE de São Paulo programou e iniciou a experiências de alfabetização em Vila Helena Maria (Osasco, São Paulo). Em seguida iniciava-se a experiência-piloto de alfabetização em Brasília. Caminhava-se aceleradamente para o lançamento do Programa Nacional de Alfabetização e, com ele, a generalização do emprego do método em todo o território nacional.

A iniciativa coube aos ministros Paulo de Tarso e seu sucessor Júlio Sambaqui. Em 1963, Paulo de Tarso criara a comissão de Cultura Popular, junto a seu gabinete, "com o objetivo de implantar, em âmbito nacional, novos sistemas educacionais de cunho eminentemente popular, de modo a abranger áreas ainda não atingidas pelos benefícios da educação".

Em seguida, por intermédio de várias portarias, o mesmo ministro da Educação nomeia Paulo Freire presidente de tal Comissão, incumbida inicialmente de promover levantamentos e pesquisas sobre o analfabetismo e encarrega-o de empreender a realização do projeto-piloto de alfabetização pelo Método Paulo Freire em Brasília e promover a realização do I Encontro Nacional de Cultura Popular; cria as comissões regionais de Cultura Popular para incentivar a pesquisa nos setores ligados à promoção da "cultura popular" – teatro, cinema, folclore, música –, mas será na área da educação que se concentrarão os maiores esforços e recursos.

> A promoção de Paulo Freire para o âmbito nacional foi produto, primeiro, de que havia um consenso de que era fundamental uma campanha e um consenso político (no interior do grupo político AP, que compunha a assessoria do Ministro

miolo_vfinal.indd 369 16/07/2014 12:44:46

Paulo de Tarso) que Freire era o cara para isso e que o método era esse, e em decorrência de outro fator, pouco conhecido, a indicação de Júlio Sambaqui. O Sambaqui era um antigo funcionário do Ministério e que conhecia tudo... Ele era o orçamento do Ministério. Houve um contato nosso, da equipe, do próprio Paulo Freire, com o Sambaqui e falamos de cultura popular, do Programa Nacional de Alfabetização e ele se entusiasmou. Ele no prazo de uma semana somou todos os resíduos, as sobras de verba, daqui e dali e pós logo o dinheiro à disposição. Era muito dinheiro, e que não dependia de dotações e ou verbas especificas, dinheiro livre para fazer a campanha. Isso possibilitou o início imediato, do programa nacional de alfabetização – começando pela experiência-piloto de Brasília e depois iniciamos os trabalhos no Rio... Não houve falta de recursos, nem qualquer tipo de emperramento burocrático... era a campanha, encontrar as pessoas e começar a trabalhar... (BETINHO. In: BEISIEGEL, 1982, p. 229).

A partir do I Encontro Nacional de Cultura Popular desencadeou de um amplo movimento em prol da Educação de Adultos e, em especial, da alfabetização, que resultou na criação do Programa Nacional de Alfabetização, através do Decreto nº 53.436, de 21/01/1964, do Ministério da Educação e Cultura.

Artigo 1° Fica instituído o Programa Nacional de Alfabetização, nos termos do artigo anterior; o Ministro da Educação e Cultura constituirá uma Comissão Especial e tomará todas as providências necessárias.

Artigo 2° Para a execução do Programa Nacional de Alfabetização, nos termos do artigo anterior, o Ministro da Educação e Cultura constituirá uma Comissão Especial e tomará todas as providências necessárias.

miolo_vfinal.indd 370 16/07/2014 12:44:46

> Artigo 3° O Ministro da Educação e Cultura escolherá duas áreas no Território Nacional para o início da operação do Programa de que trata o presente decreto.
>
> Artigo 4° A Comissão do Programa Nacional de Alfabetização convocará e utilizará a cooperação de agremiações estudantis e profissionais, associações esportivas, sociedades de bairros, municipalidades, entidades religiosas, organizações governamentais, civis e militares, associações patronais, empresas privadas, órgãos de difusão, o magistério e todos os setores mobilizáveis.
>
> Artigo 5° A execução e o desenvolvimento do Programa Nacional de Alfabetização ficarão a cargo da comissão especial de que trata o Artigo 2°.

Paulo Freire é nomeado para exercer a coordenação da comissão especial, criada para implementar o Programa. Após a promulgação do decreto de fundação do PNA, outras portarias ministeriais foram baixadas para garantir a articulação da campanha nas várias unidades da federação e vincular as antigas Comissões Regionais de Cultura Popular à recém-criada Coordenação Nacional do Programa. Com o PNA, o Ministério Público assume a coordenação e gestão do programa, respondendo às expectativas daqueles grupos políticos e entidades estudantis (UNE, UME, UBES e AMES) que ansiavam por deflagrar um movimento de alfabetização em todo o território nacional.

Quando o PNA foi oficialmente instituído, já estavam em andamento dois planos-pilotos, nas duas regiões em que o país fora dividido, para depois estendê-lo a todo o país... O PNA previa a mobilização e o engajamento de grupos estudantis e sindicatos, mas a execução e a gestão ficaram a cargo do Ministério.

A partir dos estudos efetuados pela Comissão para diagnosticar a situação do analfabetismo, previram-se as metas a serem alcançadas pelo PNA, bem como os recursos orçamentários necessários à sua implantação. A partir de 1964, previa-se a instalação de 60.870 Círculos de Cultura, a fim de

miolo_vfinal.indd 371 16/07/2014 12:44:46

alfabetizar 1.834.200 adultos, atendendo assim a 8,9% da população iletrada (da faixa de 15 a 45 anos), que em 1963 era de 20.442.000.

Os dados da Tabela a seguir indicam as metas quantitativas e os recursos orçamentários disponíveis para a implementação do Programa, em 1964.

Metas e recursos financeiros previstos para a implementação do Programa Nacional de Alfabetização para o ano de 1964*

Unidades da Federação	Analfabetos (de 15 a 45 anos) em setembro de 1963)	Recursos para 1964 (em Cr$)	Número de Círculos	Analfabetos a serem atendidos
Brasília	41.000	20.173.000	134	4.020
Acre	56.000	20.173.000	167	5.010
Amapá	20.000	8.960.000	60	1.800
Roraima	4.000	4.032.000	27	810
Rondônia	4.000	9.408.000	63	1.890
Amazonas	225.000	100.800.000	672	20.160
Pará	433.000	195.328.000	1.302	39.060
Maranhão	1.131.000	506.688.000	3.378	101.340
Mato Grosso	274.000	122.752.000	819	24.570
Goiás	753.000	337.344.000	2.249	64.470
Piauí	492.000	220.416.000	1.470	44.100
Ceará	1.256.000	562.688.000	3.751	112.530
Rio Grande do Norte	419.000	187.712.000	1.251	37.530
Paraíba	736.000	329.728.000	2.198	65.940
Pernambuco	1.543.000	691.264.000	4.608	138.240
Alagoas	525.000	235.200.000	1.568	47.040
Sergipe	279.000	124.992.000	833	24.990
Bahia	2.191.000	981.568.000	6.544	196.320
Espírito Santo	401.000	179.648.000	1.198	35.940
Minas Gerais	3.112.000	1.394.264.000	9.295	227.850
Guanabara	363.000	162.624.000	1.084	32.520
São Paulo	2.543.000	1.139.264.000	7.595	227.850
Santa Catarina	451.000	202.048.000	1.347	40.410
Rio Grande do Sul	1.038.000	465.024.000	3.100	93.000
Paraná	1.326.000	594.048.000	3.960	118.800
Rio de Janeiro	826.000	370.048.000	2.467	74.010
TOTAIS	**20.442.000**	**9.166.106.000**	**60.870**	**1.834.200**

Fonte: *Correio da Manhã,* de 12 de janeiro de 1964. Artigo: *Brasil, vinte milhões não saber ler.*
(*) Leiam-se os valores da tabela em cruzeiros antigos.

Os Círculos de Cultura seriam implantados em quatro etapas sucessivas (cada uma com a duração de três meses) em todas as unidades da federação. A implementação do PNA

miolo_vfinal.indd 372 16/07/2014 12:44:46

efetivou-se a partir de projetos-pilotos localizados na região Sul e na região Nordeste. O Rio de Janeiro foi a sede da região Sul, escolheu-se a Baixada Fluminense e alguns outros, formando um anel em torno da Guanabara. Logo após a escolha da área, foram iniciados os cursos de treinamento para mil alfabetizadores. Os candidatos foram selecionados através de uma prova da qual participaram 5.000 pessoas (de 7.000 inscritos), realizada no Estádio do Maracanãzinho (PAIVA, 1973, p. 255).

À semelhança do que ocorreu no estado do Rio de Janeiro, em outras unidades da federação – Sergipe (sede da região Nordeste), Piauí (em Teresina) e vários municípios do estado de São Paulo –, os trabalhos chegaram apenas até a fase de organização e implantação dos Círculos de Cultura.

Tudo (a pesquisa do levantamento do universo vocabular, a compra de equipamentos, o trabalho de divulgação da abertura dos Círculos nos municípios escolhidos) estava sendo preparado para a inauguração oficial do programa – com a abertura de 300 Círculos de Cultura – num grande comício no dia 13 de maio, na praça principal de Caxias (RJ), com a presença do presidente João Goulart. Os cursos mal chegaram a ser implantados quando o PNA foi extinto a 14 de abril de 1964, pelo golpe militar. A Portaria Ministerial nº 237 revoga todas as portarias anteriores referentes às Comissões de Cultura Popular, ao Programa Nacional de Alfabetização, e o Ministério "fazia divulgar pela imprensa um levantamento de todo o material utilizado na campanha, sob a acusação de material e publicações de caráter subversivo".

E possível considerar que, na hipótese de continuidade, talvez não fossem alcançadas as ambiciosas metas quantitativas esperadas. Mas não há dúvida de que iria atingir um grande contingente de trabalhadores rurais e urbanos.

> Foi pouco tempo, mas deu para implantar em todo o país. O negócio era tão extraordinário que não podia continuar. Num Estado como Pernambuco, que tinha naquela época o número (pode não ser exato) de 800 mil eleitores, podia passar em um ano para 1 milhão e 300 mil. Um Estado

miolo_vfinal.indd 373 16/07/2014 12:44:46

como Sergipe, que tinha 300 mil eleitores, podia passar, em um ano, para 800 mil. E assim em todos os Estados do Brasil. O que poderia ocorrer é que, para a sucessão presidencial, nós poderíamos ter no processo eleitoral, já que a lei não admitia o voto do analfabeto, facilmente de 5 a 6 milhões de novos eleitores. Ora, isso pesava demais na balança do poder. Era um jogo arriscado para a classe dominante. Não que você pudesse afirmar categoricamente que esses seis milhões votariam na oposição. Mas era um risco... (FREIRE, 2005, p. 235).

O movimento estudantil e outros setores da intelectualidade de esquerda, mais do que os partidos políticos... a Igreja, o MEB, etc... tinham uma convicção profunda de que a organização consciente do povo era um fator revolucionário. Então aqui havia um elemento de convicção muito profundo. E é o que explica o imenso entusiasmo com que as pessoas se dedicavam... E o método aliava alfabetizar com conscientizar e, portanto, organizar crê que aí estava a expectativa e a esperança mais profunda. Os partidos e os líderes políticos pegassem somente a dimensão

Reprodução

Publicação que reúne trabalhos apresentados no I Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular, em 1963

eleitoral, que era também importante, você jogar massas e massas cada vez maiores no processo eleitoral, dado que o analfabeto era uma bandeira que não estava no horizonte. Eu diria que a nossa expectativa maior estava no primeiro elemento e que isto aqui vinha como consequência. Então não é que a gente tivesse feito uma análise invertida, nós precisamos de tantos milhões de eleitores, por isso vamos fazer um plano... não: vamos fazer o plano e em consequência vamos obter eleitores. Isto depois fazendo análise, você vai ver, isto vai afetar as bases do coronelismo, iria afetar as próprias bases do populismo... O voto ainda era a arma do povo... de modo geral prevalecia a ideia, ou projeto de transformação da sociedade "por meios pacíficos" e, acima de tudo, através do voto das massas populares... Era um país em movimento. Sua luta de classes, sua luta política, davam a sensação que algo era possível fazer, um processo revolucionário estava em curso. Estou convencido de que até 1963 um processo revolucionário era possível no Brasil. Possivelmente, não o socialismo. Mas uma democracia avançada era possível. E um desenvolvimento econômico mais nacionalista. (BETINHO. In: BEISIEGEL, 1982, p. 234-235).

3. Revisitando a experiência do PNA com os olhos no futuro da Educação de Jovens e Adultos no Brasil

Oficialmente, o PNA e seus principais idealizadores e dirigentes foram interditados, calados, aprisionados, mas lá onde tinham sido lançadas sementes, nos subterrâneos da resistência, o método continuou a ser divulgado e usado, mesmo depois de oficialmente proibido. Passou a fazer parte das práticas de resistência e revisitado nas experiências de Educação Popular em associações populares, sindicatos, paróquias, espaços de construção de novas formas de educação e solidariedade entre vastos setores das classes populares, de norte a sul do país.

miolo_vfinal.indd 375 16/07/2014 12:44:47

A esse respeito, Sader comenta:

> Durante o período da resistência, nos movimentos sindical e popular: "buscando ajudar num processo de fazer despertar a consciência crítica, o método de Paulo Freire esteve mais presente que os escritos de Gramsci, o *Que fazer*? do Lênin, os livrinhos de Mao ou a *Revolução na revolução* de Debray, em sua meteórica carreira. De um lado, porque um meio dominante de se "ligar ao "povo" foi através dos processos educativos, a começar pela alfabetização". A demanda era grande e a atividade era legal e aparentemente inocente – poderia ser desempenhada por estudantes avulsos ou militantes organizados. Os novos educadores se debruçaram sobre os livros de Paulo Freire e procuraram absorver suas orientações metodológicas para a alfabetização popular. De outro, porque através do método Paulo Freire abria-se um lugar para a elaboração crítica e coletiva das experiências de vida individual e social dos educandos. Afinal, deixando-se de lado as polêmicas filosóficas e ideológicas, os militantes encontravam orientações educacionais que não estavam muito distantes das formulações de Gramsci. (SADER, 1988. p. 167-168).

Decorridos 50 anos, persiste ainda o desafio de garantir a uma significativa porcentagem de brasileiros (9,7%, cerca de 13.570.000, segundo dados do IBGE) o direito constitucional de acesso à educação, através do letramento, ou seja, da alfabetização. Nesse sentido, que reflexões podem ser feitas sobre as concepções de alfabetização de jovens e adultos e as respectivas políticas públicas?

Em muitos programas de alfabetização, ainda persiste a concepção de que a alfabetização é uma questão de aprendizagem da língua padrão, com ênfase, novamente, no domínio das técnicas de leitura e das habilidades para a escrita.

Queremos enfatizar que, à luz da proposta freiriana e das experiências com o método de alfabetização realizadas no campo da Educação Popular dos últimos 50 anos, a alfabetização não

miolo_vfinal.indd 376 16/07/2014 12:44:47

pode ser restrita à aprendizagem da língua padrão, ainda que se utilizem os métodos e procedimentos mais inovadores do ponto de vista didático. Para além da dimensão individual e subjetiva do processo de aprendizagem, que é inegável, a questão da alfabetização deve ser vista como afirma Macedo (1990):

> Um meio que compõe e afirma os momentos históricos e existenciais da experiência vivida que produzem uma cultura subalterna ou vivida. Daí ser um fenômeno eminentemente político e deve ser analisada dentro do contexto de uma teoria das relações de poder e de uma compreensão da reprodução e da produção social e cultural. Por 'reprodução cultural' entendemos experiências coletivas que atuam no interesse de grupos dominantes, e não no interesse dos grupos oprimidos, objeto de suas políticas. Empregamos 'produção cultural' para nos referir a determinados grupos de pessoas que produzem, medeiam e confirmam os elementos ideológicos comuns que emergem de suas experiências vividas diariamente e que as reafirmam. Neste caso, essas experiências originam-se nos interesses da autodeterminação individual e coletiva.

Convém reafirmar que a pedagogia e a proposta freiriana de alfabetização, sendo informada pelos valores de solidariedade, responsabilidade social, criatividade, vigilância e espírito crítico, de valorização da cultura subalterna, deve orientar políticas e programas de alfabetização guiados por uma ideologia emancipadora, em que leitores se tornem sujeitos e não simples objetos. Desta feita, a questão da alfabetização precisa afastar-se das abordagens tradicionais que realçam a aquisição de habilidades mecânicas, enquanto separam a leitura de seus componentes ideológicos e históricos... (FREIRE, MACEDO; 1990, p. 104).

Com esses pressupostos, a alfabetização se alicerça numa reflexão crítica sobre o capital cultural dos oprimidos. Ela se torna um veículo pelo qual os oprimidos são equipados com os instrumentos necessários para reapropriar-se de sua história, de sua cultura e de suas práticas linguísticas. E, pois, de um modo de tornar os oprimidos capazes de reivindicar "aquelas experiências históricas e existências que são desvalorizadas na vida quotidiana pela cultura dominante, a fim de que sejam não só validadas, mas também compreendidas criticamente" (FREIRE; MACEDO, 1990, p. 105).

miolo_vfinal.indd 377 16/07/2014 12:44:47

4. Reinventando a proposta em função de novos contextos espaço-temporais

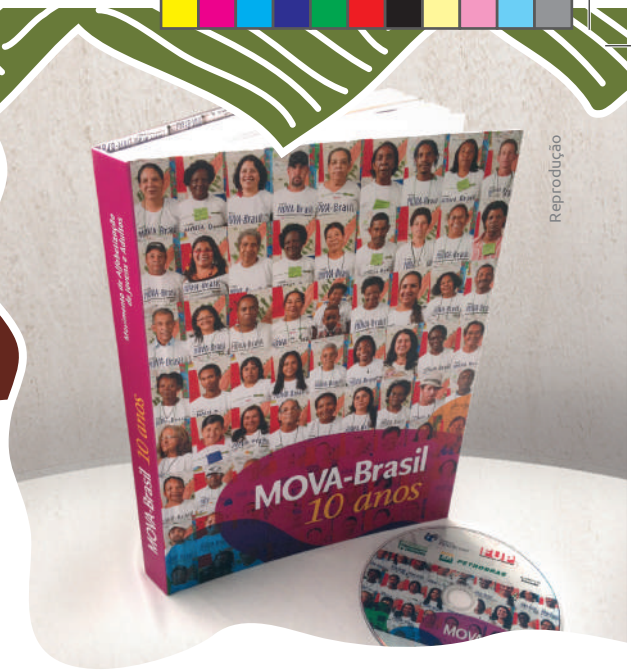
Aqui novamente recorro às palavras de Freire, em alguns de seus últimos escritos, no qual ele se refere à historicidade das experiências:

> Considerando que a alfabetização de adultos, por mais importante que ela seja, é um capítulo da prática educativa, minha indagação se orienta no sentido da compreensão de seus limites [...] pois não há prática que não esteja submetida a certos limites. A prática social é histórica, e se dá em um contexto tempo-espacial determinado e não só na cabeça das pessoas... Uma coisa, por exemplo, foi trabalhar em alfabetização e educação de adultos no Brasil dos fins dos anos cinquenta e começo dos anos sessenta [...] durante o regime populista, que por sua própria ambiguidade, ora continha as massas populares ora as trazia às ruas, às praças, o que determinava por lhes ensinar a vir às ruas por sua própria conta, outra foi trabalhar em plena ditadura militar com elas oprimidas, silenciadas e assustadas. Pretender obter no segundo momento o que se obteve no anterior na aplicação de certa metodologia revela falta de compreensão histórica, desconhecimento da noção de limite [...] outra coisa é trabalhar hoje num outro momento histórico da sociedade brasileira... Que a alfabetização tem que ver com a identidade individual e de classe, que ela tem que ver com formação da cidadania, tem. É preciso, porém, sabermos que ela não alavanca para tal formação. Ler e escrever não são suficientes para perfilar a plenitude da cidadania, segundo, é necessário que a tomemos e a façamos como um ato político, jamais como um quefazer neutro. (FREIRE, 2007, p. 49).

Partindo da premissa de que a alfabetização de adultos, por mais importante que seja, é um capítulo do processo da Educação de Jovens e Adultos, outros direitos e questões

miolo_vfinal.indd 378 16/07/2014 12:44:47

Continuando e reinventando Paulo Freire: o Projeto MOVA-Brasil comemora dez anos de existência. O livro está disponível para download no site movabrasil.org.br



Reprodução

decorrem da necessidade de inserir o processo de alfabetização no interior de percursos educativos que tenham certa continuidade no tempo e que possam se articular dentro de uma perspectiva de educação permanente (ou Educação Popular permanente como sugerem alguns autores). As perspectivas de uma educação permanente e ou continuada, dos setores populares, vão muito além da alfabetização e da possibilidade de acesso à escola básica, ou reposição da escolarização (ou elevação da escolaridade)[59]. Pensando numa perspectiva de educação das classes populares orientada para a produção cultural e de sujeitos protagonistas de participação social e política, como me parece ser a concepção cidadania, outras dimensões deveriam ser incorporadas, como a formação para o trabalho, organização e participação na construção e controle das políticas públicas.

Nesse sentido, pensando numa perspectiva de educação de adultos, em sintonia com as exigências sociopolíticas da atualidade, creio que as iniciativas não devam se restringir à alfabetização, sob a modalidade de campanhas e ou programas de emergência. O reconhecimento da EJA como modalidade de educação básica ganhou reconhecimento no plano formal, mas ainda estamos longe de ver a superação de déficits quantitativos e qualitativos da EJA nas redes públicas, bem como da necessária isonomia no que tange ao financiamento público das diversas modalidades e etapas da educação básica.

59. A expressão elevação de escolaridade, em minha opinião, possui uma conotação ideológica, que reforça a relação entre a escolarização e a pirâmide de *status* social.

miolo_vfinal.indd 379 16/07/2014 12:44:48

Além disso, considerando o contexto histórico em que vivemos de internacionalização da economia e da política e de reconstrução/ampliação da democracia, numa perspectiva da construção da hegemonia popular, há que se pensar em desenvolver políticas de educação de jovens e adultos que propiciem a universalização da educação básica, articuladas com outras políticas sociais (notadamente do trabalho) e que não se restrinjam às oportunidades de escolarização.

Para concluir, creio que ainda temos pela frente além de garantir uma educação pública para todos, o desafio de projetar/construir um sistema de Educação de Adultos, que incorporando algumas das propostas históricas do movimento de Educação Popular, no Brasil, articule percursos de escolarização (garantindo a possibilidade de continuar os estudos) com a formação para o trabalho e a cidadania. Um sistema de educação de jovens e adultos que, além de propiciar o acesso à escolarização, garanta ao mesmo tempo a possibilidade de ver reconhecidos outros percursos educativos (formais e informais) construídos ao longo das experiências de vida e trabalho, dos grupos populares. Um sistema em que as experiências, conhecimentos e "o saber de experiência feito" (como diria Freire) adquiridos ao longo da vida e do trabalho ganhem a mesma legitimidade daqueles certificados através dos percursos de escolarização.

Reprodução

Livro *Política: Educação Popular*, de Sílvia Manfredi, publicado em 1978 pela Editora Símbolo

miolo_vfinal.indd 380 16/07/2014 12:44:49

Referências

BEISIEGEL, Celso de Rui. *Política e educação popular* – A teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil. São Paulo: Ática, 1982.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A educação popular na escola cidadã.* Petrópolis (RJ): Vozes, 2002.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática para a liberdade.* Introd. de Francisco Weffort. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. *Alfabetização:* leitura do mundo, leitura da palavra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

FREIRE, Ana Maria Araújo. *Paulo Freire* – Uma história de vida. Indaiatuba (SP): Villa das Letras Editora, 2005.

FREIRE, Paulo. *Política e educação.* Indaiatuba (SP): Villa das Letras Editora, 2007.

MANFREDI, Sílvia Maria. *Política:* Educação Popular. São Paulo: Editora Símbolo, 1978.

PAIVA, Vanilda Pereira. *Educação popular e educação de adultos.* São Paulo: Loyola, 1973.

RUMMERT, S. M.; VENTURA, J. P. *Políticas públicas para educação de jovens e adultos no Brasil:* a permanente (re) construção da subalternidade – considerações sobre os Programas Brasil Alfabetizado e Fazendo Escola, Educar. Curitiba: Editora UFPR, n. 29, p. 29-45, 2007.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena* – experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo 1970-1980. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. *Educar para transformar* (Educação Popular, Igreja Católica e política no Movimento de Educação de Base). Petrópolis (RJ): Vozes, 1984.

miolo_vfinal.indd 381 16/07/2014 12:44:49

miolo_vfinal.indd 382 16/07/2014 12:44:56

Parte 7
A semente foi plantada

Dedicamos esta última parte a uma visão prospectiva. "Tudo vale a pena se a causa não é pequena", parafraseando Fernando Pessoa. A semente plantada germinou, mas ainda não se transformou numa grande floresta. Gerações de educadores e educadoras e profissionais de muitas outras áreas beberam na fonte do legado freiriano. O bastão segue de mãos em mãos, com resistência e persistência. Enganam-se aqueles que acham que o discurso de Angicos ficou no passado. Ele retorna revivido em múltiplas ações e práticas.

Fátima Freire Dowbor começa esta última parte mostrando como as intuições originais e precursoras de Paulo Freire, entendendo a educação como cultura, abrem caminho para repensar a formação do educador e a educação do futuro.

Já Cinara Ribeiro Damasceno Dantas, secretária de Educação do município de Angicos, retoma a importância da experiência ocorrida há 50 anos na cidade e a valiosa contribuição histórica para a mobilização da população no combate ao analfabetismo e reafirmação da cidadania.

Éder Jofre Marinho Araújo e Rita Diana de Freitas Gurgel analisam a atualidade da pedagogia de Paulo Freire na transformação da educação no semiárido norte-rio-grandense, destacando a construção do Memorial Paulo Freire em Angicos, um compromisso com a preservação da memória histórica e de fomento à cultura. Diversas ações mostram a pertença dos angicanos e dos norte-rio-grandenses com o projeto de alfabetização e de politização de adultos de Paulo Freire.

miolo_vfinal.indd 383 16/07/2014 12:44:56

De forma poética, como só ele sabe fazer, Carlos Rodrigues Brandão nos ensina a jogar juntos o Jogo das Palavras-Semente. Trata-se de um jogo compartilhado que pode entreter crianças, jovens e adultos, inspirado nas primeiras expressões do Método Paulo Freire de alfabetização.

A riqueza do cordel de Hailton Mangabeira nos lembra a nordestinidade de Freire, da qual, como cidadão do mundo, ele se orgulhava muito.

Por fim, para os que quiserem ter uma linha do tempo da Experiência de Angicos e do Programa Nacional de Alfabetização, concluímos o livro com uma cronologia organizada por Moacir Gadotti.

Ilustração representando as raízes do trabalho de Paulo Freire, por Claudius Ceccon

miolo_vfinal.indd 384 16/07/2014 12:44:57

7.1. Paulo Freire, um precursor

Fátima Freire Dowbor

Educadora/pedagoga formada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Atualmente, reside em São Paulo e atua como formadora de educadores ministrando cursos de formação e como assessora pedagógica em diversas escolas e instituições sociais

Para podermos entender a pedagogia de Paulo Freire, antes de tudo é importante que localizemos a sua origem, onde e quando ela surge. Paulo é nordestino, e desde cedo se sente compromissado com o sofrimento, a injustiça social e a miséria do seu povo. Surgiram neste meio gigantes como Josué de Castro, analisando o drama da *Geopolítica da fome*; Celso Furtado, um dos criadores mundiais da economia do desenvolvimento, e outros nomes diretamente vinculados ao drama da pobreza e da exclusão. O próprio Gilberto Freyre pode ter outros enfoques, mas contribuiu seguramente, com *Casa-grande e senzala*, para colocar a divisão social no centro das discussões.

Manter o povo privado de educação, limitar o seu acesso à cultura formal, à leitura e à escrita, foi elevado no Nordeste ao nível de política sistemática pelas tradicionais famílias que controlavam a política e a economia.

Nesse contexto, alfabetizar as classes populares não era uma tarefa meramente técnica.

Constituía, desde o início, uma atitude humanista de solidarização, e uma atitude política de desafio.

O famoso método de alfabetização que leva o nome de Paulo Freire surgiu no final da década de 1950, vinculado às primeiras experiências dos Círculos de Cultura, que eram vividos no interior do Movimento de Cultura Popular do Recife, conhecido como MCP. Os Círculos de Cultura eram grupos compostos por trabalhadores populares, que se reuniam sob a coordenação de um educador, com o objetivo de discutir assuntos temáticos, do interesse dos próprios trabalhadores, cabendo ao educador-coordenador tratar a temática trazida pelo grupo.

miolo_vfinal.indd 385 16/07/2014 12:44:57

Já naquele tempo, Freire descobre que é possível acrescentar aos temas apresentados pelos grupos, outros que ele os chama de "temas-dobradiça". Estes "temas-dobradiça", na verdade, constituem a contribuição do educador-coordenador, que introduz outros temas que podem auxiliar e enriquecer a compreensão do grupo. O resultado obtido com estes trabalhadores populares nos Círculos de Cultura foi muito bom, conseguindo-se um bom nível de compreensão, independentemente do fato de eles serem alfabetizados ou não. Isto leva Paulo a propor a mesma metodologia para o processo de alfabetização de adultos.

Este foi um momento importante no seu percurso, já que ele descobre de forma intuitiva a importância do aspecto metodológico no fazer pedagógico, sem desvalorizar, no entanto, o conteúdo específico que mediatiza este fazer. Este aspecto metodológico percorre e acompanha a sua obra ao longo de todos os seus anos de produção. Na verdade, esta é uma das grandes contribuições do Paulo Freire, sua metodologia de trabalho, que consiste em possibilitar a tomada de consciência do educando através do diálogo, que desvela a realidade e mostra as suas interligações culturais, sociais e político-econômicas. Nesse sentido, sua contribuição é extremamente atual e importante.

Interessante também é chamar a atenção para o fato de que Paulo traz com muita clareza e precisão a relação entre metodologia e concepção de educação. Não existe prática pedagógica sem uma metodologia que a define, como também não existe uma metodologia que não traga consigo uma prática específica. Portanto, não existe teoria sem prática e nem prática sem teoria. Ambas fazem parte de um mesmo pensar e fazer pedagógico.

Ele costumava dizer que não era suficiente unicamente ensinar a pensar. Nós, enquanto professores educadores, temos também como desafio ensinar a pensar bem, a pensar de forma certa. A primeira condição para ensinar a pensar bem é a convicção de que ensinar não é transferir conhecimento, mas sim construir com o educando, ou possibilitar que ele construa com os seus iguais, mas nunca construir por ele.

Traduzia o pensar bem e o pensar certo como aquele pensar que era gerado na relação entre a teoria e a prática, sempre sendo necessário um distanciamento da prática para poder se refletir sobre ela, e desta forma poder teorizá-la. É esta postura que gera a rigorosidade metódica. Sem esta rigorosidade, costumava dizer ele, não há pensar certo. O pensar certo é dialógico e não polêmico, porque tem como objetivo possibilitar

miolo_vfinal.indd 386 16/07/2014 12:44:57

a apreensão e compreensão por parte do educando do conteúdo que está sendo comunicado. Pensar certo é fazer certo.

Trazendo muito forte o respeito pelos direitos do ser humano, as concepções pedagógicas que embasam a filosofia de educação de Paulo Freire estão todas direcionadas para o processo de humanização e transformação, encharcadas de vida e amor pelo ser humano. Seu método de alfabetização de adultos traduzia muito forte a marca do seu compromisso com as camadas populares tão fortemente injustiçadas, sobretudo no Nordeste brasileiro.

O aspecto político do processo de educação era muito valorizado. Na sua pedagogia da libertação e transformação, podemos constatar muito claramente que o ato de educar é realmente um ato político, no sentido do compromisso assumido com o outro, para que este possa ser cada vez mais sujeito da sua história e do seu processo de aprendizagem. Paulo tinha uma forte convicção de que ninguém pode realmente ser, se impede que o outro seja. Como também ninguém se educa sozinho, mas sim os homens se educam entre si.

A dimensão político-social assume na pedagogia de Paulo Freire um lugar de destaque. Para ele era impossível pensar o sujeito desvinculado da sua realidade de vida, do seu contexto sócio-econômico-cultural-histórico. Aliás, foi esta preocupação

O artista Jefferson Vaniski, trabalhando em seu grafite de Paulo Freire, pintado em uma parede da PUC-SP

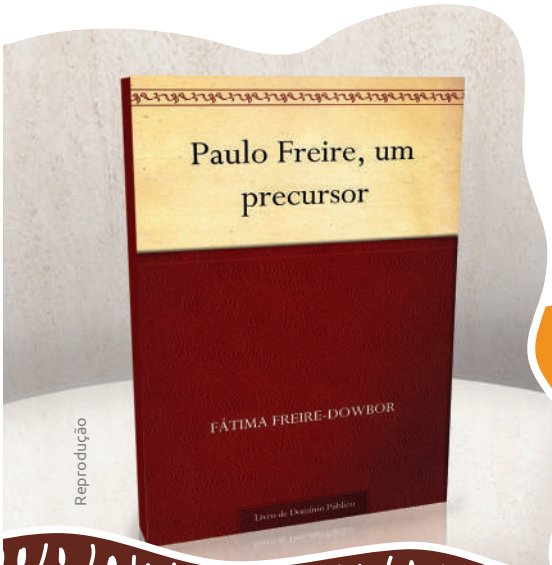
Foto: Victoria Azevedo

que o levou a fazer com que o seu método de alfabetização (designação que ele nunca apreciou) fosse mais que uma simples forma de aprender a ler e a escrever palavras, mas sim um instrumento de leitura do mundo e da realidade, depreendendo daí a sua força metodológica. Força esta que advém justamente da convicção de que toda leitura da palavra é precedida de uma certa Leitura do Mundo de quem lê.

Este ato de ensinar a desvelar a realidade é altamente político, porque exige uma escolha do sujeito que educa, escolha esta que só tem duas possibilidades, ou a opção pelo desvelamento da realidade, assumindo desta forma uma postura crítica frente ao mundo e com os educandos; ou a opção de ocultar a realidade que leva a uma postura acrítica e autoritária com os educandos.

Sempre foi muito claro na pedagogia de Paulo Freire a importância do diálogo enquanto elemento-chave na relação educador-educando. É através da postura dialógica na relação com o educando que o educador torna possível a construção de um modelo democrático de aprendizagem, que respeita o saber existente do aluno, não o considerando um ente vazio a ser preenchido unicamente pelo saber do professor/educador.

Freire tinha a compreensão da educação enquanto ato político, educação enquanto prática democrática que respeita o educando, a sua linguagem, a sua identidade cultural de



Reprodução

Capa do livro *Paulo Freire, um precursor,* de Fátima Freire Dowbor

classe, educação enquanto aquela que desvela, que desafia, que desoculta, enfim, uma educação comprometida com a necessária emancipação das classes oprimidas. Foi justamente o fato de pôr em prática uma educação deste tipo que o levou à prisão em 64 e em seguida ao exílio por mais de 16 anos.

Outro aspecto importante na filosofia de educação de Freire é a formação do professor. Isto porque para ele ninguém nasce educador ou marcado para ser. Nós nos fazemos educadores, nos formamos como educadores, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática. Uma das premissas básicas da metodologia freiriana é a de que o educador desafie os alunos a perceberem que aprender os conteúdos significa apreendê-los enquanto objeto de conhecimento.

Outro aspecto não menos importante na formação do professor é a familiaridade, ou não, com a qual ele circula entre os diferentes saberes que a prática educativa requer e exige dele. Para Freire, alguns saberes são indispensáveis na formação dos professores, tais como o de que ensinar exige rigorosidade metódica, exige pesquisa, exige respeito aos saberes do educando, exige criticidade, exige risco, exige reflexão crítica sobre a prática, exige pensar certo, exige liberdade e autoridade, exige humildade e amorosidade pelo outro.

Não poderia terminar este artigo sem chamar a atenção do leitor para um aspecto interessante no percurso de Freire enquanto educador nacional e internacional que foi: o fato de ter mantido até os seus últimos dias de vida uma coerência profunda entre o que dizia e o que fazia, uma humildade que só os grandes-pequenos homens possuem, uma profunda amorosidade pela vida e por tudo que é humano, uma capacidade intensa e arraigada de se indignar com injustiças ou qualquer falta de respeito ao ser humano.

Na verdade, acredito que Freire foi um grande precursor no que diz respeito a sua convicção de que é através da cultura que se pode gerar transformações no processo social de forma geral, e não só da educação. Ele já anunciava esta ideia há décadas, e só agora estamos vendo a cultura surgir como instrumento de transformação da sociedade.

miolo_vfinal.indd 389 16/07/2014 12:44:59

7.2. Quarenta horas de Angicos: a causa continua, renova-se

Cinara Ribeiro Damasceno Dantas
Secretária de Educação do município de Angicos (RN), (2013-2016)

É lacônico o reconhecimento de que, tão somente passados 50 anos para os angicanos, sobretudo nós educadores que labutamos nesta terra, nos conscientizássemos da importância da Experiência das 40 horas de Angicos para o Brasil, para o mundo.

Numa retrospecção do evento em alusão ao Cinquentenário das 40 horas de Paulo Freire em Angicos, matutando o acervo de fotos e de falas, relendo e-mails e artigos, hoje *(dia 23 de março de 2014)*, quase um ano depois, ainda contemplo a nobreza dos episódios daqueles dias 2 e 3 de abril de 2013, e a valiosa contribuição para o nosso município, principalmente para nossa educação.

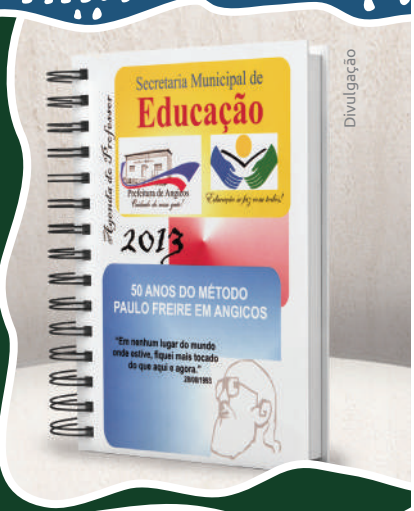
A chama da alfabetização dos jovens e adultos de nosso município foi reacesa, motivando a Secretaria Municipal de Educação a mobilizar a população da cidade e das comunidades rurais a sepultar definitivamente o índice de 28% de analfabetos. Já germinam as sementes plantadas naquela ocasião, como que atendendo os votos da ex-monitora Valquíria Felix, em um e-mail a nós enviado. Isso está sendo conseguido por meio da implantação de 14 novas turmas no Programa de Educação de Jovens e Adultos (Peja), sendo 8 na zona urbana e 6 na zona rural, totalizando 245 alunos devidamente matriculados e assistidos durante o ano de 2013. Acompanhando a evolução, desenvolvemos um projeto de ação substituindo as palavras geradoras da época, como tijolo e belota, por celular, computador, Internet, e ainda tendo como diferencial as noções de informática.

Este ano, ainda contagiados pelo despertamento, permanecemos lutando obstinadamente pela diminuição do analfabetismo. Ampliamos o

Foto: Arquivo pessoal

Cinara Dantas ao lado de um *outdoor* comemorativo da Experiência dos 50 anos de Angicos (RN), em 2013

Agenda comemorativa de Angicos – 2013
No ano de 2013, a Prefeitura de Angicos presenteou seus professores com uma agenda comemorativa em homenagem aos 50 anos do Método Paulo Freire na cidade. Elaborada pela Secretaria Municipal de Educação, a agenda traz diversas frases e ilustrações que fazem referência ao trabalho realizado por Paulo Freire em Angicos, tais como: a aula inaugural, ministrada em 18 de janeiro de 1963, e a visita dele à cidade, ocorrida em 28 de agosto de 1993, 30 anos mais tarde.



Divulgação

número de alunos para 345, assistindo-os em prédios públicos nas proximidades de suas residências, seja na zona urbana ou rural.

O sucesso do Cinquentenário instigou a população de maneira geral. Nas nossas escolas, desde a Educação Infantil, foi trabalhado *Paulo Freire e sua experiência em Angicos*, que, para nosso constrangimento, era desconhecida da grande maioria. Nossos professores, entusiasmados pelos testemunhos relatados e desejosos por mudança, redirecionaram suas práticas, desenvolvendo ações com mais amor e vigor.

O Pacto Paulo Freire pela Educação de Jovens e Adultos, assinado durante a abertura do evento, já apresenta como resultado a construção do Plano Municipal de Educação, por meio do apoio total da Secretaria Estadual de Educação.

Ao receber o título de Cidadã Angicana, em seu discurso, Valquíria Felix registrou que certa vez Paulo Freire disse a um repórter em 1993: "Angicos não mudou o mundo, mas marcou. No futuro próximo, Angicos será compreendida como o ponto de transformação da educação brasileira. Aqui vivi meu aprendizado da relação teoria e prática que mudaria a minha trajetória profissional".

Por ocasião de uma de suas visitas a Angicos, quando indagado sobre como gostaria de ser lembrado, respondeu: "Como alguém que amou muito as pessoas, os animais, as plantas, as pedras, a vida". Assim, desejamos ser lembrados como alguém que aprendeu com este povo anglicano, na oportunidade dessa frutífera convivência.

Em Angicos, regadas e cultivadas continuamente, as sementes do Cinquentenário estão germinando, e, abundantemente, serão colhidos os frutos da alfabetização e da cidadania dos nossos munícipes, fazendo jus ao legado do seu filho mais ilustre.

miolo_vfinal.indd 391 16/07/2014 12:45:02

7.3. A atualidade da pedagogia de Paulo Freire na transformação da educação no semiárido norte-rio-grandense

Éder Jofre Marinho Araújo e Rita Diana de Freitas Gurgel
Professores da Universidade Federal do Semi-Árido (Ufersa)

"Algo se move" pode ser a máxima da constatação das ações empreendidas em Angicos (RN), a partir da instalação da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa), Campus de Angicos, no sentido de reconstituir a importância da experiência pioneira do educador Paulo Freire, em 1963, conhecida como as 40 horas de Angicos. Dentre as ações, destaca-se a construção do Memorial Paulo Freire: Museu e Centro de Formação, que consiste em um empenho e comprometimento da Universidade no tocante à responsabilidade social, à preservação da memória histórica, de fomento à cultura e de melhoria dos indicadores sociais da região do Semiárido Brasileiro (SAB).

Neste texto, delinearemos acerca das ações empreendidas pela Ufersa (Memorial Paulo Freire e realizações de eventos) e de outras que estão em processo de construção (participação na elaboração dos planos estadual e municipal de alfabetização e comemorações dos 50 anos das 40 horas). São ações que constituem um amplo projeto que busca construir o senso de identificação e pertença dos angicanos e dos norte-rio-grandenses com o maior projeto de alfabetização e de politização de adultos com vistas à construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Poucos foram os movimentos de envergadura no campo da Educação de Jovens e Adultos e de Educação Popular de abrangência nacional, seja de expressão popular ou não, ao levar em consideração as altas taxas de analfabetismo que sempre existiram no nosso país de dimensões continentais. De meados do século 20 aos nossos dias, campanhas de combate ao analfabetismo se sucederam, sejam como movimentos, sejam como projetos, sem que com isso se tenha chegado

miolo_vfinal.indd 392 16/07/2014 12:45:02

a resultados relevantes, em virtude de fatores econômicos, políticos ou sociais, o que nos dá a impressão de uma inércia, fruto de uma impotência em mudar a realidade neste campo. Além desses fatores mencionados, acrescentamos outro preponderantemente: a metodologia. Muitos desses projetos falharam por terem empregado métodos tradicionais alienados e alienantes, sem levar em consideração a realidade do alfabetizando, jovem ou adulto. Das ações que não pecaram nesse quesito metodológico, a que mais se sobressaiu foi a do educador Paulo Freire.

Ao final da década de 1950 e início da década de 1960, teve início uma intensa mobilização da sociedade civil em torno das reformas de base, principalmente nos estados de Pernambuco e Rio Grande do Norte, as quais emergiram de um novo entendimento da relação entre a problemática educacional e a problemática social. Relevante neste cenário é a figura do educador popular Paulo Freire, por ter atuado em ambos os estados. Para compreender o cenário e situar o trabalho de Paulo Freire, serão apresentadas algumas experiências de alfabetização. Sem pecar por modéstia, podemos afirmar que, de todas elas, a que mais se destacou foi a deste educador, por isso é ainda hoje marco referencial quando se pensa em Educação de Jovens e Adultos e em Educação Popular. Prova disso é a própria permanência das práticas de

Pico do Cabuji, com 590 metros de altitude. Segundo fontes científicas, é o único vulcão extinto do Brasil, localizado no município de Angicos (RN)

miolo_vfinal.indd 393 16/07/2014 12:45:05

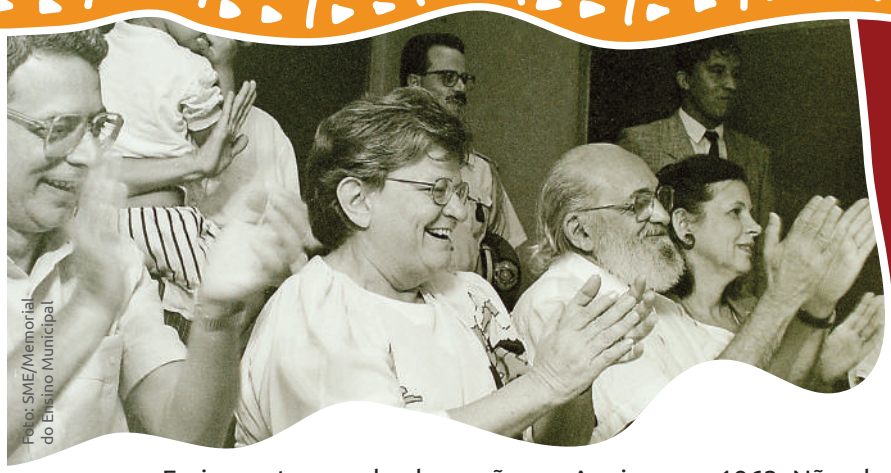


Foto: SME/Memorial do Ensino Municipal

(*Da esq. para a dir.*): Frei Betto, Luiza Erundina, Paulo Freire e Ana Maria Araújo Freire no Ato contra a Censura nas Escolas, em 1989

Freire no tempo desde a ação em Angicos em 1963. Não obstante terem existido tantos empecilhos, 50 anos depois o seu método é tão atual como fora no passado. Assim, um dos motores impulsionadores hoje das práticas de Freire na região é a Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa), Campus de Angicos. Nela se constituiu o Grupo de Pesquisa: Gnoseologia, Realidade e Educação, para perpetuar o eficaz trabalho desse educador e contribuir para a melhoria dos indicadores educacionais da região semiárida.

1. Breve contexto das campanhas de alfabetização de meados do século 20 aos dias atuais

No Brasil, a primeira campanha de Educação de Adultos se deu no ano de 1947. Ela foi instituída pelo governo federal e desenvolvida pelo Ministério da Educação, mas ainda nos "moldes de alfabetização tradicional que simplesmente desenvolviam o ensino da leitura, da escrita e do contar, sendo inteiramente alienante na sua metodologia" (GERMANO, 1989, p. 23). No entanto, com esse marco, abriu-se a discussão sobre o analfabetismo e a Educação de Adultos.

A partir do final da década de 1950, intensificou-se a criação de campanhas direcionadas ao combate ao analfabetismo. Assim, já em 1958, criaram-se as Escolas Radiofônicas[60], no Rio Grande do Norte (RN), que evoluíram para uma ação mais abrangente denominada de Movimento de Educação de Base[61] (MEB), em 1961; a Campanha *De pé no chão também se aprende a ler*[62] em Natal (RN), em 1961; as 40 horas

60. Data de 1948 – [...] – a ideia de uma Rádio-Escola ou da utilização do rádio para programas de educação de base das populações rurais. [...] Com a inauguração da Emissora no dia 10 de agosto de 1958, foram organizadas as primeiras *Escolas Radiofônicas*, dando-se início à primeira experiência, no Brasil, de educação de base pelo rádio (FERRARI, 1968, p. 85).

61. [...] Em 1961, foi assinado o Convênio entre a Presidência da República e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, fundando o Movimento de Educação de Base (MEB) e estendendo a experiência a outras áreas ubdesenvolvidas do Brasil. A partir desta data, o MEB passou a assumir o ensino radiofônico também na Arquidiocese de Natal, continuando, em entrosamento com o SAR (Serviço de Assistência Rural), o trabalho por este iniciado (FERRARI, 1968, p. 85).

62. Em ordem cronológica, o segundo movimento de cultura popular a emergir foi a Campanha *De pé no chão também se aprende a ler*, desenvolvido diretamente pela Secretaria Municipal de Natal (Rio Grande do Norte) na administração do prefeito Djalma Maranhão: fevereiro de 1961 (CUNHA; GÓES, 1985, p. 22).

miolo_vfinal.indd 394 16/07/2014 12:45:07

de Angicos[63], na referida cidade, interior do RN, em 1963; o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), de abrangência nacional, em 1967; o MOVA, criado por Freire em São Paulo em 1989, que evoluiu dando origem ao Projeto MOVA-Brasil, de abrangência nacional, em 2003. Neste mesmo ano, foi lançado também pelo MEC o Programa Brasil Alfabetizado (PBA).

As Escolas Radiofônicas, que faziam parte do Serviço de Assistência Rural (SAR), foram uma das ações sociais do Movimento de Natal, realizado pela Arquidiocese de Natal, que tinha a função de alfabetizar através do rádio, mas também desempenhava outras ações sociais, como: a conscientização e a politização das populações rurais, inicialmente em nível estadual, sob a responsabilidade do então bispo dom Eugênio Sales. Segundo Ferrari (1968, p. 85):

> O próprio método de alfabetização era um processo de conscientização e politização, partindo não das tradicionais cartilhas de alfabetização, mas de termos como povo, voto, liberdade, libertação, trabalho, salário, direito, dignidade, justiça [...].

Por ter tido bom êxito, logo tomou expressão nacional, transformando-se em Movimento de Educação de Base (MEB). Também em Natal vamos encontrar, a partir do início da década de 1960, a Campanha *De pé no chão também se aprende a ler*[64], ação de abrangência apenas municipal, no governo do então prefeito de Natal, Djalma Maranhão.

Já em 1963, ano marco não somente para a Educação de Jovens e Adultos no Brasil, mas também referência para o mundo, teve-se a campanha de alfabetização denominada 40 horas de Angicos, na cidade de Angicos, interior do Rio Grande do Norte. Esta foi uma experiência pioneira realizada pelo educador Paulo Freire, que começou a tomar corpo no final do mesmo ano, mas interrompida pelo golpe militar de 1964. Ela foi expressiva pela eficácia nos resultados e revolucionária quanto ao tempo empregado para alfabetizar um adulto. Apesar de interrompida, expandiu-se para outras nações, levada pelo seu mentor Paulo Freire quando no exílio.

63. Angicos foi o teste da realização do que parecia imponderável, mas que era o mais esperado. Em 40 horas, pela empolgação de jovens universitários aplicados em desvendar os mitos da alfabetização, homens, mulheres, crianças dos sertões sem escolas e sem professores aprendiam a ler, escrever e raciocinar nos princípios fundamentais da matemática. Aprendiam a descobrir o mundo, no encontro com sua cultura, no diálogo com sua problemática de vida adversa. [...] Na história da educação, Angicos foi a primeira experiência, no Brasil, divulgada e influenciadora de outras, que introduziu o conceito de que, na relação entre professor e aluno, é fundamental uma situação dialógica de aprendizagem (FERNANDES; TERRA, 1994, p. 8).

64. A Campanha *De pé no chão também se aprende a ler* deu origem não somente a uma nova rede escolar, mas também possibilitou a organização cultural do município de Natal. [...] significou, além das Escolinhas e Acampamentos, a criação de bibliotecas, de praças de cultura, do Centro de Formação de Professores, do Teatrinho do Povo, a edificação da Galeria de Arte, a construção de praças de esportes, a formação de círculos de leitura, a realização de encontros culturais, o estímulo e consequente reativação de grupos de danças folclóricas, exposições de artes plásticas, a criação do Museu de Arte Popular etc. o povo participava e não era somente assistia como mero espectador (GERMANO, 1989, p. 117).

miolo_vfinal.indd 395 16/07/2014 12:45:07

Em 1967, após terem sido fechados ou mutilados os denominados movimentos de educação e cultura popular, como os citados acima, sucederam-se as 40 horas de Angicos, em linha cronológica, mas não ideológica, o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral). Ação de alfabetização de abrangência nacional, de iniciativa do regime militar, sem a expressão dos Movimentos Populares[65]. Por não alcançar os objetivos almejados por seus idealizadores, não dispor de metodologia eficiente e da formação crítica, o Mobral teve o fim da sua existência em 1985, após longos tempos de agonia.

Somente após muitos anos, com o retorno de Paulo Freire do exílio, é que ele entra outra vez, pessoalmente, em cena retomando seu trabalho em São Paulo. Freire conseguiu mais uma vez mostrar que era possível mudar a realidade dos analfabetos. Em São Paulo, como secretário municipal de Educação, no governo da então prefeita Luiza Erundina, Paulo Freire criou o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA), e não obstante limitações, vence a inércia dos olhares céticos. Após sua morte, estando já consolidada a confiança no método e no seu criador, trabalhou-se o alargamento do Projeto MOVA, que passou a ser chamado de Projeto MOVA-Brasil, de abrangência nacional, que teve início em 2003 – coordenado pelo Instituto Paulo Freire (SP).

Também em 2003, por meio de iniciativa governamental, foi criado o Programa Brasil Alfabetizado (PBA) do MEC, com o objetivo de alfabetizar jovens, adultos e idosos. O PBA é desenvolvido em todos os estados da federação, mas com atendimento prioritário aos municípios que apresentam taxa de analfabetismo igual ou superior a 25%, como é o caso de Angicos.

2. Paulo Freire em Angicos

Muitas coisas concorreram para que o educador Paulo Freire chegasse até a cidade de Angicos, encravada no interior do estado do Rio Grande do Norte, onde realizou a experiência de alfabetização e conscientização de adultos, não mais em nível laboratorial, como ocorreu em Recife no ano de 1962, feita no MPC (FÁVERO, 2012), lugar onde sistematizou a sua prática, mas

65. A escalada repressiva desencadeada depois do golpe de 1964 atingiu duramente a educação. Os denominados movimentos de educação e cultura popular – CPC (Centro Popular de Cultura/UNE), MCP (Movimento de Cultura Popular), MEB, Ceplar (Campanha de Educação Popular), *De pé no chão também se aprende a ler* – foram todos fechados ou mutilados, e muitos de seus participantes foram presos e cassados. Em Natal, um capitão de corveta (Thomaz Edison Goulart do Amarante) assumiu a Secretaria de Educação, em substituição ao professor Moacyr de Góes, e a Campanha de *De pé no chão também se aprende a ler* foi acusada no IPM (Inquérito Policial-Militar) de "movimento educacional nitidamente subversivo", de "subversão educacional" (GERMANO, 1994, p. 106).

miolo_vfinal.indd 396 16/07/2014 12:45:07

como ação de mudança planejada para um público considerável, conseguindo alfabetizar 300 pessoas ao término da ação.

Sabe-se que o cenário político da época concorreu para que essa ação fosse realizada não em Pernambuco, mas no Rio Grande do Norte, não na capital, mas no interior deste. Tal deslocamento para o interior não se deu por estar Natal em melhor condição em relação aos demais municípios, quanto à multidão dos analfabetos, mas porque na Cidade do Sol já estava em andamento a campanha do prefeito Djalma Maranhão, *De pé no chão também se aprende a ler*, implementada pelo secretário de Educação, Moacyr de Góes, e também porque Aluizio Alves, ao reconhecer que o analfabetismo impedia que seus conterrâneos pudessem votar, empreendeu o início da experiência a partir da sua própria casa, Angicos, que tinha apenas 800 eleitores. Significativo foi o resultado, 300 pessoas alfabetizadas, ou seja, um incremento de mais 300 eleitores, o que fazia a diferença na balança eleitoral.

A presença de Paulo Freire no cenário norte-rio-grandense se deu por convite do governo estadual, por meio da Secretaria de Estado da Educação e da Cultura. Ele acolheu a indicação de Aluizio Alves para efetivar a experiência de alfabetização em Angicos, sua cidade, mas com a ressalva da não interferência política na sua ação, aceitava apenas os recursos para a ajuda de custo dos graduandos da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e alguns estudantes secundaristas que acreditaram e se dispuseram a colaborar com a ação. A ação foi custeada pelo Governo do Estado com o dinheiro da Aliança para o Progresso[66]. O trabalho ocorreu nos primeiros meses de 1963 e teve a conclusão em meados de março, mas foi oficializado somente em 2 de abril de 1963, com a presença do presidente João Goulart. Participaram da cerimônia de encerramento as maiores autoridade do país, que puderam constatar a sua eficiência e eficácia. O resultado foi fulgurante. Com o êxito, a Presidência da República planejou expandir a todo o território nacional. Para isso, em fins de 1963 foi elaborado o Programa Nacional de Alfabetização (PNA), visando alfabetizar

66. Programa de ajuda externa norte-americano, direcionado para a América Latina, idealizado nos primórdios da administração Kennedy e implantado nos anos subsequentes. O interesse americano no Brasil, particularmente dentro do esquema da Aliança para o Progresso, refletia a sua importante posição geopolítica e a relativa força de sua economia. Havia a consciência, dentro do governo americano e entre os teóricos da modernização, da crescente força de nosso aparelho produtivo e do valor do país como aliado na guerra fria, não só militar, mas também ideologicamente (RIBEIRO, 2006).

miolo_vfinal.indd 397 16/07/2014 12:45:07

5 milhões de jovens e adultos em dois anos. O PNA teve início no estado do Rio de Janeiro, mas foi interrompido logo após o golpe militar de 1964, pondo fim ao sonho de transformação do país por meio da alfabetização politizada e forçando o educador Paulo Freire ao exílio. Esse trabalho de Freire foi o único que, além da sua ação no território nacional, também foi levado e praticado com êxito em outros países, principalmente nos do hemisfério sul, América Latina e África.

Em Angicos, pós-golpe militar, a ideologia governamental atuou na intenção de cancelar a memória da experiência, aplicando aos atores do sucesso (coordenadores dos Círculos de Cultura e educandos) o terror da designação de subversivos e punindo-os com a imposição do silêncio obsequioso à sua força ostensiva. Todo o material encontrado da experiência foi destruído.

Passa, então, Angicos, novamente, a ser colocada entre os incontáveis municípios estatizados no tempo e no espaço. Paciente na inércia da ignorância imposta pelo obscurantismo dos que temiam perder o poder de dominar por meio da ignorância do povo. O tempo passa, as pessoas morrem, as letras desaparecem com o consumir-se do papel, os regimes mudam, mas os ideais de mudança não desaparecem, não morrem, são eternos. A pequena chama acesa por Freire no coração dos angicanos não sucumbiu ante a obscuridade dos tempos de treva a que ficaram sujeitos. Com a chegada da Ufersa – Campus de Angicos, o trabalho de resgate das ações de Freire é retomado.

Os pesquisadores da Ufersa são conscientes das preocupações que tinha Freire com o seu semelhante, com a forma de cegueira produzida pelo analfabetismo, que gera uma enorme massa de excluídos. Cegueira essa que inviabiliza a possibilidade de Leitura do Mundo codificado da escrita, por meio dos próprios olhos. Freire não suportava ver homens e mulheres oprimidos, alijados dos seus direitos e que, por natureza, deveriam ser sujeitos, mas que historicamente foram sujeitados aos ditames dos que teriam de primar pelo desenvolvimento deles, a fim de construir uma nação livre da ignorância do analfabetismo. Ele era convicto que a inércia imposta pelas dificuldades é mais fruto da opressão, e que não se apresenta como algo dado do céu nem impossível de ser superada.

Consideramos Paulo Freire o educador brasileiro mais conhecido em todo o mundo e, com certeza, dentro das práticas de Educação Popular, não se encontra referência mais expressiva, pois inúmeras escolas, associações, institutos e tantas outras instituições levam o seu nome em todo o mundo e lhe prestam homenagens. Ora, se em todos esses lugares houve empenho

miolo_vfinal.indd 398 16/07/2014 12:45:07

para manter viva a Pedagogia de Freire, importante seria a criação de um marco referencial na cidade de Angicos, lugar que foi palco das 40 horas da experiência de alfabetização de adultos, consolidada na prática com todas as suas nuanças. Nesta cidade, o contato das pessoas com o educador foi mais singular do que em qualquer outro lugar, a ponto de, na sua segunda vinda para receber o título de cidadão angicano, em 1993, expressou-se dizendo: "Em nenhum lugar do mundo em que estive me senti mais tocado do que aqui e agora".

3. Homem do mundo: da inércia à ação

A inércia é um estado caracterizado pela ausência de mudança. O *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* define inércia como o "estado de abatimento caracterizado pela ausência de reação, pela falta de energia física ou moral; apatia, indolência, prostração". Ela é menos incômoda nas realidades que primam pela preservação do seu estado primitivo e que sofrem a menor variação dentro de um maior tempo linear possível, mas se torna um problema para todas as outras realidades que apresentam variações constantes dentro de um espaço curto de tempo. Esta é a realidade Mundo-Homem.

Ao se observar o mundo, em toda a sua grandeza, tem-se a impressão de que é uma entidade inerte. Totalmente sujeito aos ditames dos homens, naturalmente passivo. Mas este mundo aparentemente passivo, quando agredido na sua ordem, sempre se rebela. E quando o faz, os homens tomam a consciência que não podem alterar de qualquer forma o estado das coisas. Isto porque é ele o primeiro a sofrer as consequências. Esse mesmo erro também cometem alguns homens ou grupos de homens em relação aos seus semelhantes. Esses homens ignoram que tudo cai dentro da lei da ação e reação, pois tudo está interligado.

Foto: Genilza Pereira

Abertura do I Encontro de Educação de Jovens e Adultos e de Educação Popular de Angicos (RN), em setembro de 2012

Esses, que querem ditar as mudanças e fazer valer os seus próprios interesses, parecem não perceber que alguns homens podem até optar, parcialmente, por ficar inertes diante deles como a eles lhes parecem o mundo, e que outros, devido à força ostensiva, também podem se curvar diante deles, mas se esquecem de que todos estão dentro de um mesmo mundo e que a mudança constante impelida pelo sistema como um todo, movimento existente na relação Homem-Mundo, leva sempre à existência de uma reação voltada à inversão da ordem ditada.

Certo é que a percepção nem sempre parte do próprio sujeito que está compreendido dentro da dinâmica do sistema. Ele, frequentemente, não se percebe como dominado pelo outro. É como uma aranha que, colocada em uma panela com água fria, permanece ali até morrer cozida, pois não vai percebendo a variação gradativa da temperatura da água enquanto esta é aquecida. Na maioria dos casos, é necessária a ajuda externa. É preciso que apareça alguém que tenha saído da caverna, que tenha visto a realidade verdadeira, e tenha tido a coragem de voltar para alertar o outro de que a realidade que ele vive não é real, pois não é a dele. Paulo Freire ousou e foi este homem, que tendo conhecido a realidade verdadeira, voltou para ajudar a libertar os outros das amarras da escravidão do analfabetismo. A permitir que ele se movesse por si só.

Freire, homem singular, quis e pôs muitos homens em contato com a realidade do mundo verdadeiro e com o homem justo, tirando-os do mundo fantasioso criado para eles com a intenção de dominá-los. Ele sabia que podia fazer a diferença.

> A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. (FREIRE, 2011, p. 60).

Mas sabe, também, que a mudança da realidade não pode ser feita na individualidade, ele precisa de outros. Precisa dos outros que possam compartilhar o mesmo sonho e fazer, se for o caso, até a inversão do sentido do mundo. O homem Freire e os que com ele sonharam e sonham, diante de realidades adversas não voltam atrás, senão para rever o que não deu certo, corrigir e continuar. Ele busca compreender a realidade que o circunda para poder agir mais eficientemente sobre ela e assim libertar mais oprimidos.

miolo_vfinal.indd 400 16/07/2014 12:45:07

Desse modo pensou e fez o educador Paulo Freire ao intervir no mundo com vistas à mudança da realidade de indivíduos privados do seu próprio estado de sujeito e da realidade física privada da sua forma mais natural, harmônica. Em uma visão profética, viu Freire que é possível mudar o sentido dessa realidade que se é apresentada, pois as suas mudanças não são de ordem natural, ou seja, não são advindas de leis eternas e imutáveis a que o homem está sujeito a subir como era a concepção de destino para os gregos. Freire sabia que devia fazer algo, sentia desde a sua infância. Sua trajetória de vida o colocou nesta linha sem que se lhe atribuam concepções mágicas ou dogmáticas de predestinação ou algo parecido.

Ao se fazer uma leitura histórica das ações de Freire, percebe-se uma linha condutora dos fatos na sua vida, que pode induzir o leitor a pensar em uma espécie de predestinação, de estar sujeito ao destino, mas isso é só uma interpretação *post factum,* o que não deve ser compreendida como a razão última do seu agir desta ou daquela forma. No entanto, sabemos que somos neste momento a soma do que fomos mais o que estamos sendo. Nesse sentido, os acontecimentos ocorridos em sua vida, que foram ser muito amado, ter passado por muitas dificuldades, ser alfabetizado com palavras do seu contexto, ter visto a coragem e disposição de sua mãe em busca de um colégio que o acolhesse (Colégio Osvaldo Cruz), ter sido acolhido pelo outro (Aluízio Araújo, diretor do Colégio Osvaldo Cruz), imprimiram uma forma particular de ser, ou seja, o tornaram um sujeito preocupado com os outros, sensível as suas necessidades, amoroso e pedagogo (condutor na estrada do conhecimento)[67].

Mudar a realidade para melhor pressupõe necessariamente uma motivação positiva e altruísta como o amor, a dedicação, o conhecimento etc. Quanto mais difícil for a realidade a que se deseja mudar, tirar da inércia, mais energia será exigida, o que por sua vez exigirá maior empenho do sujeito nesta obra. Isto é visto nas ações de Freire. Elas versam sobre o desejo de propiciar cidadania aos seus semelhantes, mas para isso esses deveriam ser sujeitos de direitos e deveres.

67. Paulo Freire não se formou em Pedagogia. Formou-se em Direito, mas logo descobriu sua vocação de educador. Sua primeira experiência foi no Serviço Social da Indústria (Sesi), onde trabalhou com famílias operárias nos *Círculos de Pais e Professores*; e experimentou o que ele mesmo chamou de *uma educação social.* No Sesi, Freire ficou de 1947 a 1957.

miolo_vfinal.indd 401 16/07/2014 12:45:08

Para isso, importante seria o domínio das habilidades da leitura e da escrita, já que vivemos em uma sociedade da informação. Logo, o registro dessas informações feito através da codificação escrita, seja em papel ou meio eletrônico, é imprescindível. Ou seja, o conhecimento dos sinais gráficos de registro da língua para se ter acesso às infinidades de informações. Ora, ser sujeito nessa sociedade pressupõe necessariamente acesso e compreensão dessas informações para que se possa buscar os direitos e se conhecer os deveres. Nesse cenário, Freire atua com a sua pedagogia. Observa enquanto educador que uma enorme parcela da população não tem acesso à informação, pois não sabe ler. Percebe que não são eles o motivo do atraso do país por serem analfabetos, mas é a ausência do compromisso político do Estado com a transformação o motivo do seu atraso. A inércia do analfabeto não é natural. É possível vencer esta condição oferecendo-lhe o que lhe foi negado, ou seja, as condições para que possa adentrar no mundo que deveria ser de todos, mas poucos os fizeram seu.

O homem a que Freire faz referência principal no seu trabalho é o ser ainda desprovido da sua condição de sujeito. Privado dos meios para estar com o mundo, ele apenas está no mundo, isso porque a sua condição de analfabeto o impede de se relacionar com a totalidade da realidade que o circunda. Esse homem é incapaz de ter acesso às informações geradas pelo mundo, fruto de uma sua codificação, e assim é impossibilitado de requerer seus direitos, conhecer seus deveres. Ele vira massa de manobra nas mãos

Foto: Genilza Pereira

Uma homenagem a Paulo Freire, em setembro de 2012, na rua Senador Georgino Avelino, em Angicos (RN), onde fica a Escola Estadual José Rufino: tendas culturais com produções populares da cidade

dos que se beneficiam com essa sua condição. Na opinião de Freire (2011, p. 59), "a massificação implica no desenraizamento do homem. Na sua acomodação. No seu ajustamento".

Mas a realidade é susceptível de mudança, pois, por mais oprimido que possa ser este homem, ele guarda dentro de si a semente da mudança, que é a própria inquietação do ser, o não estar nunca contente com a sua condição. Para isso, ele precisa sair da visão mágica de si e do mundo, e o faz na medida em que recebe orientação externa. É na solidariedade dos que percebem esta realidade e são comprometidos com a mudança que pode ocorrer a própria mudança.

Não importa de onde sejam esses excluídos. O homem jamais se contentará com os grilhões da escravidão impostos pelo analfabetismo, quando ele mesmo sente-se internamente impulsionado a vencer a inércia da sua condição. Assim provaram os alfabetizados da ação de Freire em Angicos. Os homens dessa cidade conhecem bem a realidade do semiárido, pois são crias do sertão central.

No semiárido são poucas as opções. A visão de quem é de fora é que naturalmente é um lugar desolador, desprovido de tudo, incapaz de oferecer algo substancial, dirá pior, oferecer apenas esse algo. Mas se do clima não é possível fazer muito para mudá-lo, já do homem não se pode dizer a mesma coisa. O nordestino é raçudo. Consegue viver onde naturalmente os outros sobrevivem, e sobrevive onde ninguém mais existiria. Sabe extrair do pouco que lhe é oferecido o necessário para a sua subsistência. Ele é paciente, sabe esperar, porque um dia há de vir o seu *Kairós*. Ele tem a consciência de que o seu tempo na terra está dentro do tempo que os gregos denominaram de *Kronos*, implacável, consumidor de tudo, que começa para cada ser com o seu nascimento/surgir e termina com a sua morte/desaparecer, mas dentro desse tempo implacável existe outro tempo, o *Kairós*. Este tempo é o tempo do aqui e agora. É o tempo que ele percebe como eternos no seu agir. É o tempo oportuno para a ação exigida no momento pontual e que ele não pode deixar passar. Sabe ele que, ou se faz naquele instante, período, ou não mais se fará. Esse tempo soube perceber o educador Freire e também os angicanos, ambos nordestinos. Freire percebia o tempo *Kairós* em todos os momentos da sua existência, como o foi em 1963, quando da sua chegada em Angicos para a ação de alfabetização, como também os angicanos souberam perceber naquele momento, pois, após um longo dia de trabalho sob o sol escaldante do semiárido, ainda tinham forças e disposição para se reunirem nos Círculos de Cultura em busca do alimento que saciasse a fome da cabeça.

miolo_vfinal.indd 403 16/07/2014 12:45:08

4. Processo de reconstrução da ação de Freire em Angicos

O Campus da Ufersa Angicos está encravado na região Central Potiguar, que possui uma população de aproximadamente 364 mil habitantes, distribuídos em cinco microrregiões e 37 municípios, marcada por indicadores sociais críticos (baixo IDH, baixo IDEB). Localizada na região Sertão Central do estado do Rio Grande do Norte, Angicos tem uma população de 11.549 habitantes (IBGE, 2010) e Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da ordem de 0,688 (PNUD, 2000). Na atualidade, o índice de analfabetismo em Angicos é da ordem de 26,34% (RIO GRANDE DO NORTE, 2012).

Dada a riqueza que foi a experiência de Paulo Freire para a educação em Angicos, para o Rio Grande do Norte, para o Brasil, e por ainda hoje ser um marco referencial na Pedagogia internacional, a Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa), através do seu primeiro campus de expansão, instalado em 2009, em Angicos, vem mobilizando-se no sentido de contribuir para que a memória da experiência de Freire não se tornasse letra morta, pois é grande o desejo de seu corpo docente, dos estudantes das licenciaturas e da pós-graduação, e até mesmo do povo angicano, de louvar aquele que trouxe a luz da escrita e da leitura aos que na escuridão do analfabetismo se encontravam.

Consciente do papel de Freire, desde 2011 um grupo de pesquisadores realiza estudos interdisciplinarmente com a finalidade de preservar e difundir o que perdura até hoje da experiência do educador nesta cidade. O Grupo de Pesquisa intitulado Paulo Freire: Gnoseologia, Realidade e Educação[68], cadastrado no CNPq, promove estudos e pesquisas com o intuito de disponibilizar para as gerações futuras o legado de Freire, notadamente, manter viva a memória da sua experiência de alfabetização de adultos.

Além das iniciativas de estudos e pesquisas, o grupo empreendeu a elaboração de um projeto que viesse a se tornar um marco referencial a Freire, no interior do campus,

68. Mais informações no site do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil: <http://goo.gl/m8sDgx>

miolo_vfinal.indd 404 16/07/2014 12:45:08

que pode ser sintetizado na construção de um Memorial, que colha, catalogue e apresente ao mundo a gênese do trabalho feito por esse educador junto aos homens e mulheres da região semiárida.

O Memorial Paulo Freire: Museu e Centro de Formação tem a missão de levar ao público os bens da cultura material e imaterial produzidos por Paulo Freire, bem como a cultura do povo que abriga a região semiárida (homens e mulheres), através da oferta de exposições permanentes (fotográfica e digital), exposições temáticas periódicas, cursos[69], oficinas, palestras, apresentações culturais, em parceria com instituições afins, seguindo as políticas públicas de incentivo à melhoria da educação e à cultura.

Nesse sentido, a Ufersa tem o compromisso de enriquecer intelectual, moral e socialmente os que a ela acorrem. Traz o que é novo, mas também trabalha as riquezas do local (ciência e cultura popular caminham de mãos dadas). Isto porque a universidade não é algo alienado da realidade, nem um transplante, pois foi gerada a partir do desejo do povo do Sertão Central, antes de ser estrutura física. Não veio pronta, mas se faz a cada dia da sua existência nas áreas tecnológica e humana.

4.1. Criação do Memorial Paulo Freire: Museu e Centro de Formação

A Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa), através do Grupo de Pesquisa Paulo Freire: Gnoseologia, Realidade e Educação elaborou o Projeto do Memorial Paulo Freire, no campus de Angicos, dada a relevância da efetividade da ação de alfabetização e conscientização empreendida pelo educador.

Dentre as razões para a criação do Memorial, destacamos a que diz respeito ao fato de que, em 50 anos transcorridos desde a experiência de Paulo Freire em Angicos, a comunidade angicana não despertou para a construção de um marco identificador de sua importância na história da educação norte-rio-grandense, brasileira e mundial. Valorizar a própria história é reconhecer-se protagonista e não mero espectador.

69. A partir da aprovação do projeto de construção do Memorial Paulo Freire: Museu e Centro de Formação pelo Ministério da Educação (MEC), foi constituída uma comissão para elaboração de um projeto do Curso de Pedagogia na Pedagogia Freiriana.

miolo_vfinal.indd 405 16/07/2014 12:45:08

Foto: Arquivo pessoal de Jailson Melo Morais

Reunião prévia ao I Encontro de Educação de Jovens e Adultos e de Educação Popular de Angicos (RN), realizada na sede da Secretaria de Educação do estado do Rio Grande do Norte, em 2012

Logo, a construção do Memorial Paulo Freire é, antes de tudo, um projeto identitário. Constituir-se-á um marco identificador que se utiliza da educação, da arquitetura, da história, da museologia, da arquivologia, da comunicação, da engenharia, do urbanismo, da cultura, dentre outros campos do saber, para narrar às gerações presentes e futuras a memória e história desse importante educador. A narrativa proporcionada pelo Memorial mostrará exemplos e constituirá o próprio *ethos* de uma comunidade, servindo para auxiliá-la na construção permanente de sua identidade.

Isto porque sem referências não só a história perde, mas também a própria memória e a identidade inexistem, tanto no sentido individual quanto no sentido coletivo. Além disso, trata-se de um elemento a mais para colaborar com a solidificação das relações entre a Ufersa e a comunidade do Sertão Central e do Semiárido Brasileiro (SAB). A criação de um espaço que se propõe a apresentar a vida e a obra de Paulo Freire, das suas ações no campo educacional e cultural, vem enfatizar sua importância junto à comunidade, seu papel no desenvolvimento da cidade de Angicos, além de evidenciar o significado de sua obra no combate ao analfabetismo e à cegueira da ignorância. Ele será sempre um marco que não cessará mais de ecoar a necessidade de trabalhar para que todos tenham dignidade e condições justas.

Nesse sentido, o conjunto arquitetônico que foi planejado será constituído a partir de 2014, composto por: salão de exposições permanente e temática; auditório; biblioteca; praça de eventos; sala de formação; sala de estudo; secretaria e administração, que proporcionarão a troca de saberes e de convivência dentro do campus de Angicos, servindo tanto a comunidade interna da instituição como os visitantes, pesquisadores(as), professores(as) da rede pública e privada de

miolo_vfinal.indd 406 16/07/2014 12:45:11

ensino e estudantes (Educação Básica e Ensino Superior).

Além de homenagear o maior educador brasileiro, declarado recentemente Patrono da Educação Brasileira (Lei nº 12.612, de 13 de abril de 2012), o Memorial se tornará lugar de encontro de cultura popular, de divulgação de resultados de pesquisas; de preservação da memória, vida e obra de Paulo Freire; história e memória da EJA e da Educação Popular. De toda forma, vai se constituir em um espaço de socialização do modo de vida do povo nordestino e da região do semiárido brasileiro, vítima da opressão histórica que Paulo Freire sempre combateu.

Assim sendo, o Memorial Paulo Freire, além de ser espaço de memória permanente da obra desse educador, também será espaço-símbolo que retratará a luta de homens e mulheres do semiárido brasileiro por cidadania, por educação de qualidade e por qualidade de vida.

4.2. Pacto pela universalização da alfabetização em Angicos

Conforme versa o Artigo 37 da Lei de Diretrizes e Bases (Lei nº 9.394/96), a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) é aquela "destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade própria" (BRASIL, 2012).

Ao longo da história da educação brasileira, observamos que essa modalidade de educação sempre foi tratada dentro da Educação Básica como algo secundário, e por muitas vezes negligenciada. Por ser algo preocupante nos países pobres ou em desenvolvimento, muitas iniciativas já foram empreendidas no sentido de nortear a construção de uma política de EJA.

A esse respeito, a Conferência de Hamburgo (Confintea V), realizada em 1997 e promovida pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), pode ser caracterizada como um marco de referência para estabelecer as políticas públicas de Educação de Adultos em diversos países. Desse encontro originou-se a Declaração de Hamburgo, que em seu Artigo 3º reconhece:

> Por educação de adultos entende-se o conjunto de processos de aprendizagem, formais ou não formais, graças aos quais as pessoas cujo entorno social considera adultos desenvolvem suas capacidades, enriquecem seus conhecimentos e melhoram suas competências técnicas ou profissionais ou as reorientam a fim de atender suas próprias necessidades e as da sociedade. (Confintea V, 1999).

miolo_vfinal.indd 407 16/07/2014 12:45:11

No Brasil, as políticas públicas nos últimos anos têm sinalizado para a melhoria da oferta dessa modalidade de ensino e inversão dos indicadores, pois ainda é alarmante o número de adultos analfabetos no país. Dados do Anuário Brasileiro da Educação demonstram que há 14,1 milhões de analfabetos (CRUZ; MONTEIRO, 2012). Isto porque bem sabemos que a EJA que temos é fundada em uma cultura escolar focada na educação formal, nos modelos de educandos e não no sujeito (histórico, cultural, bio-psico-social), bem como é marcada pela precária formação inicial dos educadores oferecida pelas Instituições de Educação Superior (IES) por meio de currículos dos cursos de Pedagogia descontextualizados com a EJA, o que leva os professores a aprenderem com a prática. Por fim, as diferenças entre as modalidades de ensino regular (Ensino Fundamental e Ensino Médio) e EJA acabam muitas vezes por ser um entrave na permanência do educando e posterior continuidade nos estudos ao longo da vida.

Para efeito de ilustração, segundo dados da Secretaria Municipal de Angicos, a taxa de matrícula inicial no Ensino Fundamental em 2011 foi da ordem de 1.480 alunos. Desse número, 163 abandonaram (11,01%); 16 (1,08%) repetiram o ano, 67 (4,52%) foram transferidos, sendo a taxa de aprovação de 70,33%, o que significa que 1.041 alunos conseguiram avançar para as séries seguintes (ANGICOS, 2011). Da matrícula inicial, 25,13% das crianças em idade escolar abandonam a escola ou repetiram a série. Resultado esse que pode engrossar a demanda por Educação de Jovens e Adultos no futuro.

Já em relação à Educação de Jovens e Adultos (EJA), o município de Angicos apresentou em 2011 uma matrícula inicial de 120 educandos, todavia, a matrícula final foi de apenas 50 educandos! (ANGICOS, 2011).

Por outro lado, a estrutura educacional em 2012 para Jovens e Adultos na cidade contou com 293 alunos matriculados no Programa RN Caminhando (Programa Brasil Alfabetizado, 2012); 113 alunos matriculados na EJA com avaliação no processo, na rede municipal de ensino e 127 na rede estadual. No campo da Educação Profissional, a cidade de Angicos, em 2012, contou com 200 alunos matriculados no Projovem e 75 matriculados no Projovem Trabalhador. Registramos, ainda, o trabalho do Projeto MOVA-Brasil, uma parceria entre o Instituto Paulo Freire (IPF), a Federação Única dos Petroleiros (FUP) e a Petrobras, que atendeu 50 jovens e adultos em 2012 (apenas duas turmas).

Passados 50 anos da experiência pioneira de alfabetização de adultos pelo educador Paulo Freire, o índice de analfabetismo em Angicos, na cidade e no campo, é preocupante! Diante

miolo_vfinal.indd 408 16/07/2014 12:45:11

dessa realidade, a Secretaria Municipal de Educação e a 8ª Diretoria Regional de Educação e Desporto (Dired), a Ufersa, via participação de membros do Grupo de Pesquisa, constituíram uma parceira com a Secretaria Municipal de Saúde para o mapeamento e a mobilização da população de Angicos, via agentes de saúde. O resultado desse trabalho de campo subsidiará o planejamento de metas de curto, médio e longo prazo do Plano Municipal de Educação de Jovens e Adultos.

4.3. Os 50 anos das 40 horas de Angicos

Em razão de um dos maiores marcos da contribuição de Freire à educação ter sido efetivado em Angicos, existem fatores de ordem social que justificam iniciativas como as da Ufersa em relação à criação do Memorial, realização de eventos, participação em comissões das comemorações do Cinquentenário das 40 horas (Comissão Nacional e Regional) e na elaboração dos planos estadual e municipal de educação.

Além do projeto do Memorial Paulo Freire, a Ufersa Angicos, em parceria com o Instituto Paulo Freire (SP), o Projeto MOVA-Brasil, a Secretaria Municipal de Educação de Angicos e a Secretaria de Estado de Educação e Cultura do RN, por meio da 8ª Diretoria Regional de Educação, Cultura e Desportos (Dired), mobilizaram-se para a construção de um sentimento de pertença da população da região do semiárido com a ação desse educador, que tanto trabalhou na elaboração de uma Pedagogia Libertadora. Nesse sentido, em setembro de 2012,

Foto: Eduardo Mendonça

Ex-alfabetizandos das 40 horas de Angicos

Foto: Eduardo Mendonça

Paulo Roberto Padilha e Carlos Rodrigues Brandão no I Encontro de Educação de Jovens e Adultos e de Educação Popular de Angicos: *Contribuição e Apropriação da Pedagogia de Paulo Freire no combate hodierno ao analfabetismo*, realizado na Ufersa, campus Angicos, em 2012

foi realizado o I Encontro de Educação de Jovens e Adultos e de Educação Popular de Angicos: *Contribuição e Apropriação da Pedagogia de Paulo Freire no combate hodierno ao analfabetismo*. Esse evento foi o pontapé inicial para a criação de uma agenda nacional alusiva às comemorações do Cinquentenário das 40 horas de Angicos.

Na abertura do evento, o representante do Instituto Paulo Freire (SP), professor Paulo Roberto Padilha, reforçou a importância do resgate de Angicos nas comemorações dos 50 anos do maior projeto de combate ao analfabetismo do Brasil. Para o professor, "essa é uma causa que continua e se renova", afirmou, acrescentando que "Angicos renova o futuro relançando o sonho de vários projetos sobre Paulo Freire". Na ocasião, o professor Carlos Rodrigues Brandão realizou a Conferência Paulo Freire e o seu legado pelo mundo, que abordou a importância da obra de Freire para a educação no cenário local, nacional e mundial.

Para começar as atividades em 2013, no dia 23 de fevereiro, o Grupo de Pesquisa realizou o Simpósio Internacional Múltiplas Visões de Paulo Freire na Contemporaneidade, com o objetivo de dar início à agenda de comemorações, no âmbito da Ufersa, dos 50 anos da experiência de alfabetização.

No Simpósio, foi realizado um Círculo de Cultura envolvendo 10 ex-educandos da Experiência de Angicos e três estudiosos internacionais, a saber: Alba Pereyra Lanzillotto (Argentina), Cármen das Dores de Jesus Cavaco (Portugal) e Mariano Alberto Isla Guerra (Cuba), sendo também aberto à participação de outros estudiosos do tema presentes no evento.

miolo_vfinal.indd 410 16/07/2014 12:45:12

5. Considerações finais

Em função da contribuição de Paulo Freire à educação na indicação do caminho possível de superação do cenário do analfabetismo, 50 anos depois não se pode poupar esforços em articular ações variadas que possam captar a essência da prática de alfabetização de adultos, expô-la e apresentar proposições factíveis com vistas a combater os altos índices de analfabetismo de jovens, adultos e idosos, que comprometem o desenvolvimento socioeconômico do país. Manter viva a memória de um povo no tocante às limitações que o analfabetismo impõe é uma exigência moral de todos os seres humanos, principalmente quando se é profissional da educação e quando se integra uma instituição de nível superior que tem o compromisso com a mudança do cenário social via ensino, pesquisa e extensão. Este é o tempo que não pode mais ser deixado que passe, como a água que escorre entre os dedos, para que em um futuro próximo se possa olhar para todos e não mais sofrer diante do sofrimento do irmão sujeito à ignorância trazida pelo analfabetismo, e poder se orgulhar por viver em uma nação que propicia dignidade aos seus.

Nesse sentido, alinhada às políticas públicas de melhoria da qualidade de vida do povo da região semiárida, a Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa) vem desenvolvendo ações para manter viva a memória de um povo. No que se refere às limitações que o analfabetismo impõe, é uma exigência moral de todos os sujeitos, principalmente das instituições. Nesse caso, cabe à Ufersa, que por sua própria natureza (pública) e por ser resultado de um amplo projeto de expansão universitária, ter o compromisso com a mudança do cenário social-econômico-cultural, por meio das atividades de ensino, pesquisa e extensão. Por isso, desde que se instalou em Angicos, em 2009, vem desempenhando ações que visam à melhoria dos indicadores da região, à melhoria da formação humana e, por sua vez, que contribuam para melhoria da qualidade de vida de homens e mulheres que habitam essa região.

miolo_vfinal.indd 411 16/07/2014 12:45:12

Referências

ANGICOS. Secretaria Municipal de Educação. *Censo da Rede Municipal de Ensino.* Angicos, 2011.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 1º nov. 2012.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE EDUCAÇÃO DE ADULTOS (Confintea, V). *Declaração de Hamburgo:* agenda para o futuro. Brasília: SESI; UNESCO, 1999. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001297/129773porb.pdf>. Acesso em: 1º nov. 2012.

CRUZ, Priscila; MONTEIRO, Luciano (Org.). *Anuário Brasileiro da Educação Básica 2012.* São Paulo: Moderna, 2012.

CUNHA, Luiz Antônio; GÓES, Moacyr de. *O golpe na educação.* 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

FÁVERO, Osmar. *Paulo Freire:* primeiros tempos. Disponível em: <http://www.ia.ufrrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2009-1/Educacao- MII/3SF/Primeiros_tempos.pdf>. Acesso em: 4 dez. 2012.

FERNANDES, Calazans; TERRA, Antonia. *40 horas de esperança.* São Paulo: Ática, 1994.

FERRARI, Alceu. *Igreja e desenvolvimento:* o Movimento de Natal. Natal: Fundação José Augusto, 1968.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade.* 14. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GERMANO, José Willington. *Lendo e aprendendo:* A Campanha de Pé no Chão. 2. ed. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989.

_____. *Estado militar e educação no Brasil.* 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

RIBEIRO, Ricardo Alaggio. *Aliança para o Progresso e as Relações Brasil-Estados Unidos.* Tese de Doutorado. 375 fls. Departamento de Ciência Política de do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2006.

RIO GRANDE DO NORTE. *Relatório do Programa RN Alfabetizado:* 2012. Natal, RN, 2012.

miolo_vfinal.indd 412 16/07/2014 12:45:12

7.4. O Jogo das Palavras-Semente: um jogo para jogar somente com palavras... e com a mente

Carlos Rodrigues Brandão
Professor colaborador da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e da Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Este jogo cooperativo foi criado a partir das ideias e das propostas e práticas de Paulo Freire. Na verdade, ele se inspira no que foram as primeiras experiências com o Método Paulo Freire de Alfabetização.

Partindo do "método", pensei em criar um jogo para se trabalhar com crianças, jovens (e mesmo adultos) em processo de alfabetização.

Além de ser um jogo cooperativo, como vocês verão – sobretudo do meio para o final dele –, é um jogo que possui a mesma simplicidade com que um dia, "lá em Angicos", uma primeira equipe começou a alfabetizar uma primeira turma que aprendia a ler com o que Paulo Freire e sua primeira equipe nordestina haviam criado e tratavam de colocar em prática.

Como todos os jogos do mundo, o JOGO DAS PALAVRAS-SEMENTE se divide em algumas partes. É só ir seguindo cada uma, ir preparando o jogo, ir jogando, ir passando de um momento do jogo ao outro, até ir... terminando o jogo (que sempre pode começar de novo).

Então, ele se divide em cinco partes. E elas são:

1ª. Começa assim
2ª. Vai indo assim
3ª. Continua assim
4ª. Vai seguindo assim
5ª. Acaba assim

miolo_vfinal.indd 413 16/07/2014 12:45:12

1ª. Começa assim

Este jogo começa com todos os participantes procurando as PALAVRAS-SEMENTE.

E isso não é nada difícil! Basta as pessoas que vão jogar o jogo saírem conversando umas com as outras. Conversem, conversem bem, batam um bom papo sobre qualquer assunto. E depois de um tempinho comecem anotar as palavras que vocês vão falando e de que gostam mais. As que vocês lembram mais do que falaram e ouviram. Nada de frases. De ideias. Apenas as palavras!

Tomem, então, algumas folhas de papel em branco e comecem a escrever nelas as palavras que vocês quiserem escolher dentre as que apareceram nas conversas. Escrevam com boa letra! Podem ser as palavras que apareceram mais vezes. Ou podem ser, também, as palavras que acharem as mais bonitas, as mais interessantes. As palavras que vocês acham as mais típicas "das conversas de vocês".

Vamos imaginar que as palavras anotadas foram estas:

ACAMPAMENTO
ALEGRIA
AMIZADE
BICICLETA
BOLA
BONECA
BRINQUEDO
CADERNO
CASA
CAMPO
CAMINHO
COMIDA
CRIANÇA
DIVERTIDO
DIFERENTE
ESCOLA
ESTRADA
FAMÍLIA
FUTEBOL
GRAMADO
HIP-HOP
INVENÇÃO
INVENTAR
JOGAR
LAVOURA
MÚSICA
MARAVILHA
MENINA
NATAÇÃO
NADA
NAMORO
PODEROSA
PAULADA
PROFESSORA
QUEBRADO
RECREIO
RISADA
RISONHO
ROÇADO
SAUDADE
SANDUÍCHE
SOFRIMENTO
SAÚDE
SOZINHO
TEMPO
TRABALHO
URUBU
VACA
VIDA
XADREZ
VOVÓ
VIZINHO
ZEBRA

miolo_vfinal.indd 414 16/07/2014 12:45:12

Aqui estão muitas palavras, não é mesmo?

Então agora vocês deverão escolher 20 *palavras-semente* dentre todas as da lista geral!

Atenção! Quando vocês forem escolher as suas *palavras-semente,* podem reservar mais de 20 palavras. Isto se as pessoas que forem jogar forem mais de cinco. Porque é bom que depois cada uma fique depois com quatro palavras. 4 x 5 dá 20, não é?

Mas se forem muitas e cada uma ficar só com três palavras ou com duas? Não faz mal. Podem ficar menos palavras para cada pessoa, se os participantes do jogo forem mais de 5 jogadores. Se forem muitos (8 ou 10) é só "dar uma olhada" nas palavras "levantadas das conversas" e imaginar quais são as que vão servir para formar outras novas palavras com as fichas de descoberta, que estão nos esperando adiante.

Bom, quando a *lista das palavras-semente* escolhidas ficar pronta, vocês podem fazer umas fichinhas de papel, mais ou menos do tamanho de uma carta de baralho. Isso pode ser feito cortando uma folha de papel branco, uma folha de papel sulfite comum. Ou uma folha de cartolina, melhor ainda.

Em cada ficha vocês vão escrever o nome de uma *palavra-semente.* Bem claro e com letra bem boa. Melhor se for em letra de imprensa. Cada ficha vai ficar mais ou menos assim:

Pronto. Se forem 20 palavras escolhidas, vocês irão ser 20 fichas. Vinte palavras = vinte fichas.

E aqui termina a primeira parte do nosso jogo, o: *começa assim.*

E vamos para a segunda parte. E ela se chama:

miolo_vfinal.indd 415 16/07/2014 12:45:13

2ª. Vai indo assim

Agora o nosso *JOGO DAS PALAVRAS-SEMENTE vai indo assim.*

Todos os que vão participar devem estar com uma folha de caderno, ou uma folha dessas de "papel almaço". É hora de todo mundo se preparar para ter boas ideias na cabeça e um lápis ou uma caneta na mão.

E agora as *FICHAS DAS PALAVRAS-SEMENTE* que foram escritas com palavras devem ser viradas de cabeça para baixo. E devem ser bem embaralhadas. Foram?

Então, está na hora de colocar todas elas num montinho só, de cabeça para baixo ainda, como num jogo de baralho. Certo?

E, então, uma de cada vez, cada participante do jogo vai tirando uma ficha do monte. E não precisa esconder dos outros. Se quiser pode até mostrar suas fichas com suas palavras para as outras pessoas. Antes de passar para o outro momento do jogo, se alguém quiser mesmo, pode até trocar uma *ficha de palavra-semente* como um outro participante do jogo. Só não pode se arrepender depois.

Pronto? Lá vai! Se forem 5 pessoas no jogo, cada uma ficou com 4 fichas. Já vimos isso, não é mesmo?

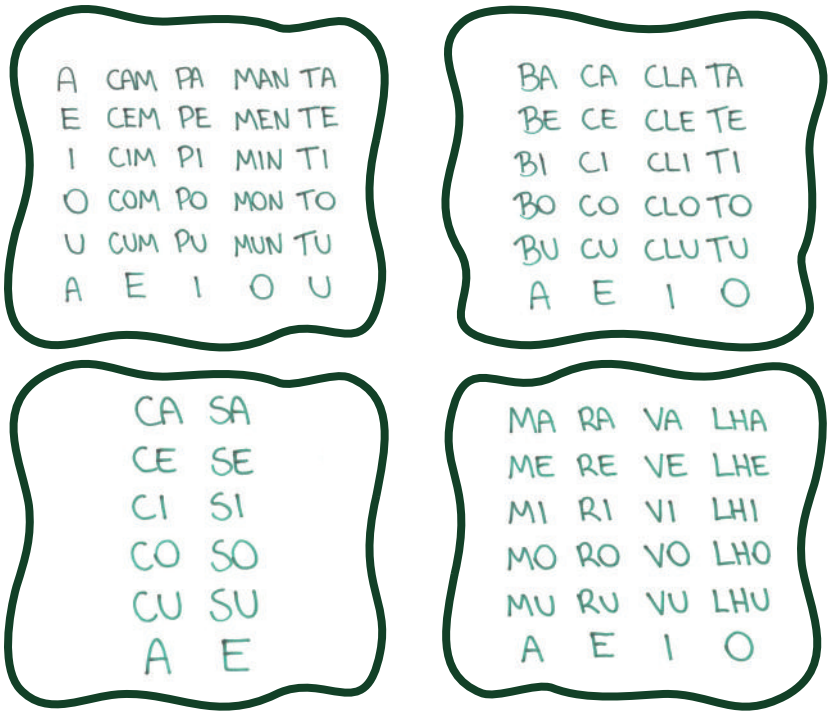
E agora vem uma parte do jogo muito interessante. Prestem bem atenção.

Cada participante do jogo, usando as ideias de sua cabeça e a sua criatividade, com o lápis na mão e as folhas de papel na sua frente, vai criar a sua *FICHA DE JARDINEIRO.* Porque é com ela que iremos semear palavras e criar frases.

Cada participante do jogo vai elaborar, vai criar as suas *FICHAS DE JARDINEIRO* com cada palavra que tirou do monte ou que trocou com alguém.

Por exemplo, se alguém ficou com as palavras *ACAMPAMENTO, BICICLETA, CASA e MARAVILHA,* vai desdobrar as suas FICHAS DE JARDINEIRO assim.

miolo_vfinal.indd 416 16/07/2014 12:45:13



Quando todo mundo do jogo tiver desdobrado as suas *palavras-semente,* vai fazer de novo um trabalho de tesoura. Primeiro, as folhas de papel ou de cartolina devem ser cortadas em uma porção de pequenas *cartas-semente*, do tamanho mesmo de cartas de baralho. Podem ser muitas mesmo.

E em cada *carta-semente* cada participante vai escrever um dos fonemas de cada uma das suas FICHAS DE JARDINEIRO. Por exemplo, com a palavra *BI-CI-CLE-TA* desdobrada, dá para formar 25 *cartas-semente*. Vejam se é isto mesmo. Assim, haveria cartas escritas assim, em cada uma, com boa letra de imprensa: *BA, CA, CLA, TA, BE, CE, CLE, TE, BI, CI, CLI, TI, BO, CO, CLO, TO, BU, CU, CLU, TU, A, E, I, O.*

Ora, com todas as palavras dá para desdobrar uma porção de fichas com os fonemas, as nossas *cartas-semente.* Vamos imaginar que depois de desdobradas as FICHAS DE JARDINEIRO, cortados os seus fonemas e escritos, cada um deles em uma *carta-semente,* cada participante ficou com uma porção de cartas em suas mãos. Por exemplo, quem desdobrou quatro palavras de quatro sílabas-fonemas, vai ter 4 vezes 25 = 100 *cartas-semente.* Muita coisa, não?

E aqui acaba a parte do jogo chamada: *vai indo assim.*

E começa a parte mais interessante.

E ela se chama: *continua assim.*

miolo_vfinal.indd 417 16/07/2014 12:45:16

3ª. Continua assim

Essa é a parte mais demorada e a mais divertida de nosso jogo. Até aqui estivemos preparando juntos e juntas o material de nosso trabalho. Agora vamos começar a jogar de verdade. Esta é a parte mais inventiva, a mais criativa de nosso jogo. E criar alguma coisa nova é sempre uma das brincadeira mais felizes de nossa vida!

Cada participante vai colocar de cabeça pra baixo, no meio do círculo de "todo mundo", uma porção de suas cartas-semente. É só contar. Cada um vai ficar na mão com 40 cartas-semente. E vai colocar todas as outras no monte comum, viradas de cabeça pra baixo.

E então, feito isto, e com cada participante-jogador, chega a hora de cada um começar a criar de verdade.

Como?

Assim, a começar pelo primeiro – vocês escolhem quem vai ser –, cada pessoa vai formando novas palavras juntando os fonemas de suas *cartas-semente*. É só ir juntando os fonemas escritos em cada *carta-fonema* e ir "baixando". Ir colocando diante de si – em cima de uma mesa ou mesmo no chão – as palavras que vão sendo formadas.

Pode ser palavra de duas letras, como: *SÓ, DA.*

Pode ser palavra de duas sílabas, como: *DADO, CLUBE*

Pode ser palavra de três fonemas, como: *SEMENTE, BOTECO*

E pode ser até palavra de mais de três ou quatro sílabas, como *"PAPELADA", "ESCONDERIJO", "BRINCADEJANDO"*

Vamos lá, pessoal!

Comecem formando palavras com os fonemas de cada *carta-semente*.

Vão combinando os fonemas de uma *carta-semente* com as das outras. Quanto mais palavras vocês forem criando, tanto melhor.

Assim, vejam só, da palavra *A-CAM-PA-MEN-TO* podem ir saindo essas palavras: *CAMPO, MANTA, EPA! MENTE,*

miolo_vfinal.indd 418 16/07/2014 12:45:16

COMENTO, MINTO, MONTE, TIPO, PATO, PATOTA, TOPO, TUCUM... e quantas mais?

E com os fonemas desdobrados da palavra BI-CI-CLE-TA, eu posso formar: *BICA, BOCA, BECO, CICLO, CLUBE, TECO, BOTECO*, *BEBIA, TABOCA*... e algumas outras mais.

E da pequenina palavra *CASA,* o que é que sai? O que é que pode ser formado?

Dela pode sair: *CASE, SECA, COSE, SUCO...* e quais outras palavras que existem e que não existem... mas que começaram a existir quando alguém inventou uma delas e explicou para os outros o que ela quer dizer.

E misturando pares ou trincas de letras juntas com letras sozinhas de uma ficha e das outras, quantas palavras vocês seriam capazes de formar?

Se vocês quiserem, podem jogar de tal maneira que não é preciso cada um esperar a sua vez na roda para "baixar" as palavras que formou. Isto pode ser feito ao mesmo tempo. Na medida em que alguém, combinando os fonemas das suas *cartas-semente,* formar uma palavra, pode ir baixando ao mesmo tempo em que as outras pessoas. E cada uma vai colocando diante de si – numa mesa ou mesmo no chão – as palavras que for formando.

Se acontecer de suas *cartas-semente* não servirem mais para formar palavras, você pode "pegar uma do monte". Pode ir pegando várias, mas sempre deixando as dos outros! O "monte" está aí pra isso mesmo!

E tem mais uma coisa. Se alguém quiser criar uma palavra, também pode, mesmo que os outros jogadores participantes achem que ela não existe. Pode mesmo, desde que depois ele explique para todas as outras pessoas do jogo como é essa palavra, o que ela quer mesmo dizer.

Por exemplo, da palavra *PALAVRA* eu posso resolver inventar o verbo *PALAVRAR.* Ele não existe no dicionário. No dicionário existe APALAVRAR, mas não existe *PALAVRAR.* Mas se eu inventar esta palavra e ela ficar bonita, e se souber bem explicar para os outros participantes o que *"palavrar"* quer dizer, tudo bem.

Às vezes, as pessoas adultas acham que tem palavra que não existe não existe mesmo. Palavra que não deve ser dita, nem escrita e nem lida. E nem pensada. Mas nesse jogo todo mundo pode inventar o que quiser. Pode mesmo, desde que quem inventou saiba dizer aos outros que palavra é aquela, como é que ela "soa" e o que ela quer dizer.

Pois bem, quem sabe alguém de vocês inventa alguma palavra, como: *PRIMAVERANDO?* Ou a palavra *MENINOVIDA?* Ou mesmo a frase:

ESTÁ PRIMAVERANDO NA PALAVRA-MUNDO DO MENINOVIDA!

miolo_vfinal.indd 419 16/07/2014 12:45:16

E agora termina (por agora) este momento de nosso jogo com palavras, e começa um outro momento. Uma outra parte do jogo.

4ª. Vai seguindo assim

Esta parte é um pouco mais difícil e é bem mais criativa! Se vocês prestarem atenção, verão que, juntando algumas palavras formadas, vão conseguir formar pequenas frases. Isto mesmo! Assim como letras formam *sílabas* e *fonemas*, e assim como com *sílabas* ou *fonemas* formamos *palavras*. Com *palavras* (das menorezinhas às maiores) nós podemos formar frases. Vejam só:

A BOLA BATE.
EU AMO VOCÊ.
O MENINO VIAJA NA BICICLETA.
O MENINO JOVELINO SEMEIA PALAVRAS!
A MENINA BONITA BRINCA DE BOLA E DE BONECA.
O LUGAREJO FAZ FESTA EM JANEIRO.
A TERRA DEVE SER DAS PESSOAS QUE SABEM SEMEAR O QUE COMEMOS.

Assim, cada participante vai procurar juntar as palavras que conseguiu formar, juntando os fonemas escritos nas *cartas-semente,* e vai procurar formar pequenas, médias ou mesmo grandes frases. Se com as suas palavras ainda não der para formar boas frases, tudo bem. Você pode com as que sobraram formar novas palavras. Não deu? Você pode tirar mais cartas do "monte", até ele acabar. Não deu ainda?

Vocês podem fazer uma coisa muito boa. Podem trocar cartas com fonemas. É que neste jogo ninguém precisa esconder nada de ninguém. Assim, você pode mostrar as cartas com fonemas que tem nas mãos ainda, e pode perguntar quem tem alguma carta com um fonema que ajude você a completar uma palavra que irá ajudar a completar uma frase.

Imagine que você tem as palavras *EU VIAJO MATA*. E tem ainda na sua mão uma carta com o fonema *PE*. Ora, com o fonema LA, você completaria a palavra *PELA*. E poderia formar a frase: *EU VIAJO PELA MATA*. Você que tem na mão o fonema *CI*, pode trocar com alguém que tem um *LA* e está precisando de um *CI*, para formar: *CINEMA*.

E assim, entre trocas de fonemas e combinações de palavras, quando cada um dos participantes tiver conseguido formar tantas frases quanto der para inventar, esta parte do jogo está concluída.

Como eu disse logo no começo, este não é um jogo de competir contra outros, mas de criar junto com os outros. Mas se por acaso vocês quiserem somar os pontos de cada participante, é muito fácil.

miolo_vfinal.indd 420 16/07/2014 12:45:16

Uma palavra vale o quanto elas tem de letras.

Uma frase vale o dobro do quanto ela tem de palavras.

Os resultados podem ser comparados. Não para ver quem ganhou e quem "ficou em último", mas para saber quantos pontos cada um conseguiu. Cada uma conseguiu. E o quanto cada pessoa conseguiu somar é o quanto ela ganhou.

E vocês pensam que o nosso *JOGO DAS PALAVRAS-SEMENTE* acabou? Pois ainda não! Ainda falta a parte: *acaba assim!*

5ª. Acaba assim

Pode parecer que este é um jogo de competição. E de fato seria, se ganhasse aquela pessoa que conseguiu formar mais palavras usando os fonemas desdobrados das suas *FICHAS DE JARDINEIRO* e criadas a partir da reunião dos fonemas escritos em cada *carta-semente.*

Terminada a parte *e vai seguindo assim,* o novo momento de nosso jogo continua com um trabalho em equipe. Isto mesmo!

Pois agora vem a hora de todo mundo esquecer quantos pontos cada um ganhou. Pois o que vale no *JOGO DAS PALAVRAS-SEMENTE* é quantas palavras e frases reunidas no final das contas todo mundo junto vai conseguir criar com as palavras formadas e com as frases construídas.

Isso é o que vamos chamar aqui de: "um trabalho de equipe".

Quando vocês tiverem formado as palavras e frases da reunião de seus fonemas e suas palavras, podem começar um momento de "todos juntos". Vamos lá!

O desafio é que todas as pessoas participantes consigam juntar suas palavras, suas frases, e construam em equipe algo bem maior.

Então, este é o momento de juntar todas as palavras "descobertas", "criadas" e "inventadas" a partir das ideias e das lembranças de cada uma de vocês e de todos e todas.

E a equipe de "todos juntos" vai construir" o quê?

Vai juntar palavras e frase já feitas, e que podem ser agora modificadas com novas palavras, e vai criar qualquer coisa maior e mais criativa do que uma boa e longa frase.

miolo_vfinal.indd 421 16/07/2014 12:45:16

Esta "coisa maior e mais criativa" reunindo palavras e frases de "todo mundo" pode ser uma narrativa, uma mensagem, uma estória, uma descrição de alguma coisa, uma poesia.

Vamos ver como é que isso pode acontecer.

Cada uma de vocês e cada um de vocês formou as suas palavras e as suas frases a partir das suas *palavras-semente* e do desdobramento vocabular delas nas *fichas de jardineiro* , e, depois, juntando os fonemas das fichas, escritos em uma das muitas *cartas-semente*. Não foi assim?

Vocês até podem ter se ajudado, trocando cartas com os fonemas que vocês precisavam para formar palavras. E, com as palavras, frases.

Então, cada pessoa do nosso jogo tem diante dela, e defronte dos outros participantes, algumas ou uma porção de palavras já formadas. E todo mundo ou quase todo mundo já conseguiu juntar palavras e formar frases. Somando as palavras e as frases de todos os participantes, elas devem ser muitas. Certo?

Pronto, agora chegamos no tal momento mais coletivo, mais difícil e mais criativo. Afinal, tudo o que é criativo de verdade precisa ser primeiro algo difícil.

Agora é a hora de ir juntando as palavras e as frases que vocês criaram. Podem fazer isso estudando cada palavra, cada frase completa, e vendo como é que elas se completam para ir formando frases maiores. Depois, frases que formam parágrafos. Ou no caso de uma poesia, palavras e frases que vão virando os versos (cada linha) de um poema.

É o momento de todo o mundo trabalhar. De dar palpites, de tentar combinar palavras e frases. Se por alguns momentos tudo parecer uma grande confusão – principalmente se houver uns 8 ou 10 participantes –, não tem problema algum. Sigam em frente! Aos poucos vocês aprenderão a colaborar e a construir juntas e juntos.

Uma boa ideia é colocar uma fita colante no verso das fichas e palavras escritas. Na medida em que forem chegando a um acordo, comecem a colar na ordem as fichas em uma cartolina. Se para completar uma frase faltar uma palavra que não tem na lista de todas as que vocês formaram, não faz mal nenhum.

miolo_vfinal.indd 422 16/07/2014 12:45:16

O que vocês vão criar juntos pode ser algo muito simples. Vejam um exemplo.

A casa de Zeca é azul.
Tem parede, porta e janela.
Ela fica na cidade de Cachoeira do Sul.
Zeca gosta muito dela e cuida do jardim da casa com cuidado e com carinho!

Outro exemplo simples. Uma pequena poesia que escrevi um dia para crianças e jovens:

Num lugar
Bem profundo
A semente
Guarda isto:
Um mundo.

A semente
Escondida
Esconde um ser
Pequenino:
A vida.

Você já pensou
(e pensou por quê?)
Que uma semente
Algum dia
já foi... você?[70]

Se as palavras e frases forem muitas, elas podem dar para formar uma estória bem maior e mais completa, quando estiverem todas juntas. Vejam uma ideia:

70. Este pequeno poema está no livrinho dedicado a crianças "sem-terrinha", do MST. O livro-caderno *História do menino que lia o mundo* foi publicado com este mesmo nome em 2001 (publicação do MST, da *Coleção Fazendo História*, 3ª edição, nº 7). Saiu também no livro ***FURUNDUM!,*** da Editora Autores Associados, de Campinas, em 2005, e pela Editora Unesp, também em 2005.

miolo_vfinal.indd 423 16/07/2014 12:45:16

Era um dia de sol e de céu claro.
Um amigo da nossa escola falou assim:
"Vamos lá no riacho dos fundos da chácara brincar de bola?" "Vamos!".
E fomos todos.
E pelo caminho fomos vendo as árvores, os pássaros, os bichos e tudo o que é da natureza. E Tereza, uma das amigas, disse isso: "O riacho e a terra, as plantas e os bichos são da natureza.
A casa onde eu moro e a roupa que eu uso são da cultura. E nós, gente do mundo? Nós somos 'coisa' da natureza ou da cultura?"
E lá fomos nós, indo a pé até no riacho atrás da chácara, falando e pensando de onde é que nós somos.
Até que um papagaio veio voando e gritou lá do alto: "E que tal pensar que vocês são ao mesmo tempo da natureza e da cultura?"

Vocês podem até criar uma estória maior e mais completa do que esta. Palavras, frases e ideias vocês vão ter e vão poder criar à vontade. Pois além das que vocês formaram nas outras partes do nosso jogo, vocês podem agora "trazer novas palavras" para completar uma frase sempre que for preciso.

E, então, o nosso *JOGO DAS PALAVRAS-SEMENTE* pode acabar com vocês escrevendo juntos uma ideia boa de se inventar, boa de se saber e boa de se viver.

Por exemplo, vejam o que podem escrever as pessoas que moram em uma comunidade rural, lá no campo, lá na roça.

A nossa vida aqui na comunidade onde nós moramos é feita por todas nós e por todos nós.
Somos nós que fazemos cada dia dela, cada momento, cada pedacinho de cada dia, de cada semana, de cada mês e de cada ano.
Se a vida aqui vai ser boa ou não vai, depende de todos nós. Depende do que a gente sonhar, do que a gente pensar e do que a gente fizer, todos juntos.
Se nós queremos aprender a conviver com amizade e com solidariedade, isso também depende de todos nós: das mulheres e dos homens, da gente grande e das meninas e dos meninos também.
Ela é como uma roça de milho plantada com as mãos de bastante gente.
Cada um faz a sua parte. E depois todos colhem juntos os frutos da terra que todos ajudaram a semear e a cuidar.
Assim deve ser a vida aqui onde nós vivemos.

Quando vocês tiverem conseguido escrever uma poesia, uma estória ou uma proposta com as palavras e as frases do *JOGO DAS PALAVRAS-SEMENTE,* se vocês acharem que é uma boa ideia, escrevam ela em uma

miolo_vfinal.indd 424 16/07/2014 12:45:16

cartolina. Bem bonita! E vocês podem também fazer uns desenhos. Vamos lá, sejam criativos!

Se tiver muita gente jogando, fica difícil escrever alguma coisa juntos, com 8 ou 10 pessoas. Então vocês podem dividir a equipe em duas ou três. Cada uma fica com menos gente e fica mais fácil.

E assim acaba o *JOGO DAS PALAVRAS-SEMENTE.*

Mas... ***atenção:*** se vocês gostaram, então podem começar tudo de novo!

E, se quiserem, podem até "entrar neste jogo", modificar alguma coisa. Fazer ele ficar mais "parecido com a gente". Vamos lá, não custa tentar.

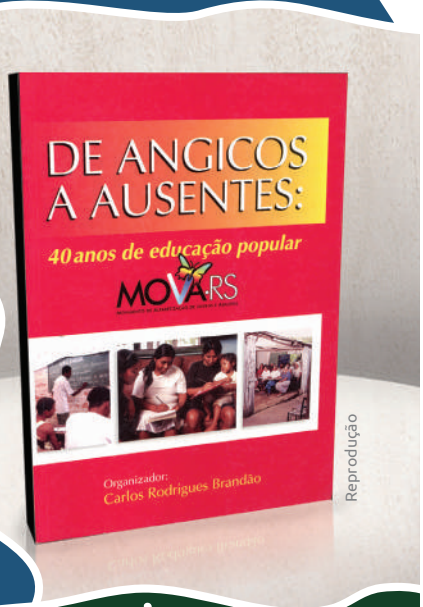
E a gente bem que poderia terminar este nosso primeiro jogo com uma ideia que eu li uma vez. Não sei quem escreveu nem onde, mas sempre me lembro dela, quando penso o que podemos fazer juntos, quando aprendemos a cooperar solidariamente, ao invés de competir solitariamente.

Ela é assim:

Nenhum de nós é melhor e nem mais inteligente do que todos nós!

Se o Círculo de Cultura foi o nome da experiência pioneira da Educação Popular dos primórdios dos anos 1960, o círculo da cidadania deve ser um dos nomes do lugar onde pessoas aprendem ensinando a ler-escrever palavras, com pessoas que ensinam a reler e a reescrever a vida, aprendendo a soletrar palavras. A soletrar sílabas com as pontas dos dedos, com os lábios indecisos, mas também com o coração aceso e o espírito consciente, aberto e cheio de perguntas.

Carlos Rodrigues Brandão, em seu livro *De Angicos a Ausentes: 40 anos de educação popular*. Porto Alegre: MOVA-RS; CORAG, 2001. – Quarta capa



Reprodução

7.5. Angicos 40 horas, 50 anos depois
Cordel nº 113

Hailton Mangabeira
Professor, cordelista e violeiro

Na década de sessenta,
Houve uma revolução,
Diferente até então,
Não se pode comparar,
Você pode pesquisar,
Refletiu pelo Brasil,
Foi singela e foi sutil,
A grande badalação,
Por essa situação,
Diante do seu perfil.

Angicos que sempre foi,
Uma cidade pacata,
E até por essa data,
Era até desconhecida,
Mas serviu como partida,
Uma luz para o caminho,
Com entrega, com carinho,
Base pra revolução,
Do alfabeto em ação,
É a flor vencer espinho.

Angicos, eu vou falar,
Sua localização,
Fica bem na região,
É na Central Potiguar,
Se no mapa reparar,
O Pataxó tem destaque,
O povo tem no sotaque,
A cultura do lugar,
Emociona só olhar,
Como se fosse decalque.

Reprodução

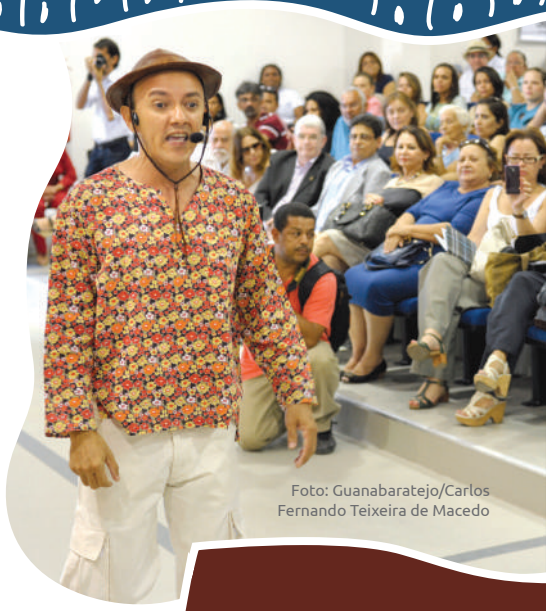


Foto: Guanabaratejo/Carlos Fernando Teixeira de Macedo

Hailton Mangabeira, cordelista nordestino, durante apresentação no Cinquentenário de Angicos

Quarenta horas de Angicos,
Fato que é bom lembrar,
Para conclusões tirar,
Para aprumar o caminho,
Transformar torto em alinho,
Libertar da ignorância,
De sublime substância,
Para tal libertação,
Pra sair da contramão,
Teve nobre relevância.

Para possibilitar,
Efetivar essa ação,
O Brasil fez a união[71],
Com os Estados Unidos,
Com a Sudene[72] e munidos,
De todo material,
Paulo Freire, genial,
Sua metodologia,
Fez a sua teoria,
Transcender para o real.

Darcy Ribeiro Ministro, (set./1962)
O da nossa educação,
E no RN a ação,
Começou se desenhar,
Em Recife foi falar,
Pois foi lá e conseguiu,
Onde a porta se abriu, (Meados set./1962)
Calazans Fernandes[73] foi,
Igual a pega de boi,
Na SEC/UR[74] se reuniu.

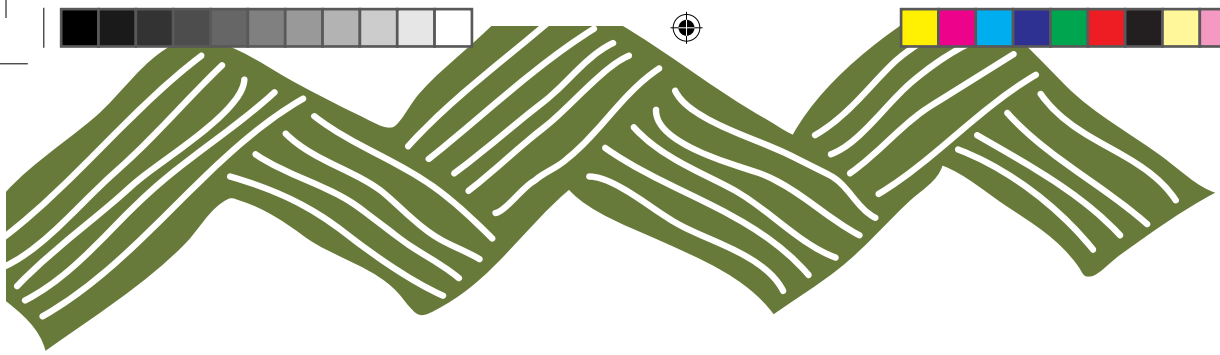
71. Aliança para o Progresso

72. Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

73. Secretário de Educação do RN

74. Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife

miolo_vfinal.indd 427 16/07/2014 12:45:21



Foi Calazans e Aluizio[75],
Nosso então governador,
Outro grande sonhador,
Maria José Monteiro[76],
Num endereço certeiro, (Final set/1962)
Em Recife o lugar,
Na casa[77] de Paulo entrar,
Mas Paulo quis condições:
Autonomia nas ações,
Interferência, nem pensar!

Foi Marcos Guerra[78] escolhido,
Por Paulo pra coordenar,
Monitores pra atuar,
No programa em Angicos,
E nos dados estatísticos,
Veio a comprovação,
Grande mal da região,
Era a falta da leitura,
Falta escrita na mistura,
Da fome nesse torrão.

Os quinze universitários,
Tiveram preparação
Pra tirar da "escuridão"
Aquela gente querida,
E de forma aguerrida,
Mostraram que o valor,
Das letras e seu sabor,
Agradaria por certo,
Pro mundo ficar aberto,
Ficando ao seu favor.

Toda grandiosidade,
Dos jovens lá de Natal,
Na busca dum ideal,
As férias sacrificaram,
Do conforto, nem pensaram,
Pois queriam ajudar,
Realidade mudar,
Vencer a miséria e a fome,
Conhecendo qualquer nome,
Poderiam transformar.

Bem no início de janeiro, (1963)
Teve então a seleção,
Era da coordenação,
Dos Círculos de Cultura,
Desenhava-se a moldura,
Tinha Madalena Freire,
Carlos Lyra, Elza Freire,
Uma bela formação,
Para alfabetização,
Juntada por Paulo Freire.

E os Círculos de Cultura,
Traria nova esperança,
E foi tempo de bonança,
Que tornou-se inesquecível,
Duma forma tão visível,
Essa tal revolução,
Que causou repercussão,
Até lá no exterior,
Imaginem o fervor,
Lá pras bandas do sertão.

75. Aluizio Alves, governador do RN da época

76. Ex-aluna de Paulo Freire

77. Rua Alfredo Coutinho, 79

78. Marcos Guerra, estudante de Direito e presidente da União Estadual dos Estudantes/RN

miolo_vfinal.indd 428 16/07/2014 12:45:21

Levaram lápis, caderno,
Lampião de querosene,
Conhecimento perene,
Daquela população,
Houve investigação,
Universo vocabular,
Começaram se integrar,
Ouvindo os seus problemas
Mudariam os emblemas,
Esperança pra mudar.

Pois a "fome da cabeça",
Maior do que da barriga,
Entrave que falta liga,
Pra sorrir, para vencer,
E buscar é só querer,
E trabalhar o concreto,
O palpável objeto,
Encurtava o caminho,
Ainda mais com carinho,
Diferença do projeto.

Instalaram salas de aula,
Foram nas casas maiores,
E gente dos arredores,
Vieram para estudar,
Começaram se empolgar,
Com a forma de ensino,
Construir outro destino.
Com aquilo que conhecia,
Agora já aprendia,
Era quase que divino.

Sendo a primeira palavra,
Trate logo de anotar,
BELOTA pra começar,
E tinha a silabação,
Da palavra em questão,
Tida como geradora,
E também transformadora,
Para o povo desse chão,
Serviu de motivação,
Por que não libertadora?

Além de alfabetizar,
Tinha a politização,
Criando compreensão,
Sendo o povo consciente,
Pois abrindo a sua mente,
Podiam então perceber,
Que o problema pra valer,
Não seria a sequidão,
Mas sim, aquela prisão,
Não saber ler e escrever.

Outro fato destacado,
Era quem só poderia,
Exercer cidadania,
E poder então votar,
E poder participar,
No dia da eleição,
Verdadeiro cidadão,
Se soubesse então ler,
Saber também escrever,
Teria essa condição.

miolo_vfinal.indd 429 16/07/2014 12:45:21

Foram trezentos alunos,
Participantes na ação,
Que alfabetização!
Com o silêncio rompido,
Causou-se um alarido,
Do milagre iminente,
Alegria recorrente,
Novamente habitaria,
Para sempre ficaria,
Depositada na mente.

Junto com Aluizio Alves,
O presidente do Brasil[79],
No dia dois de abril, (1963)
Em Angicos estiveram,
Muita gente que vieram,
Da imprensa nacional,
Local e internacional,
Prestigiar o evento,
Que era um advento,
Numa escala mundial.

A quadragésima hora,
No dia do encerramento
Tenha o conhecimento,
João Goulart quem ministrou,
E quem viu, presenciou,
Marcado pela memória,
Diante da trajetória,
Era o chefe da nação,
Mostrando disposição,
Entrando para história.

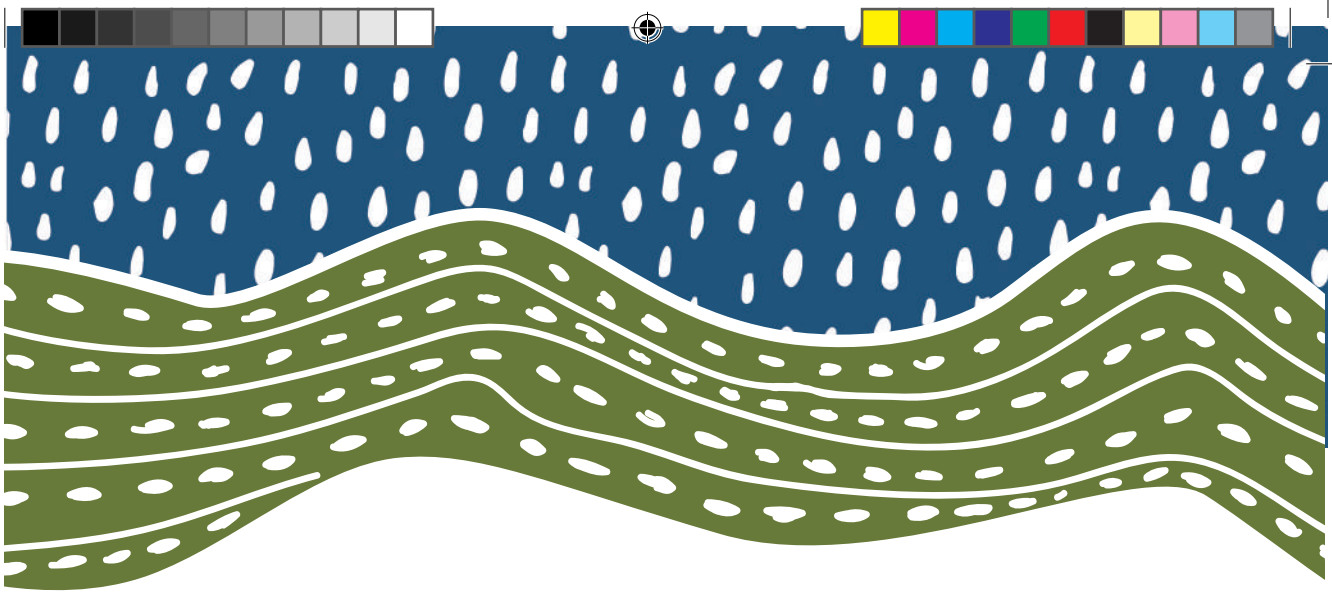
Terminada a experiência,
Fizeram a avaliação,
Então a comprovação,
Aparecia evidente,
Mas o povo sorridente,
Seria melhor que a prova,
O sertão de cara nova,
Agora politizado,
Graças ao aprendizado,
Presente que se renova.

O sucesso foi tão grande,
Que John Kennedy viria, (Dez./1963)
Ao sucesso se rendia,
Para Angicos visitar,
E conhecer o lugar,
Que já tava tão falado,
O sucesso irradiado,
Mas mataram o presidente, (Nov./1963)
E foi em Dallas justamente, (EUA)
O mundo ficou parado.

O projeto foi levado,
Para o plano nacional,
Angicos se torna tal,
Como letra é pra canção,
Causando até emoção,
Na hora do versejar,
Como não se emocionar,
Angicos, muito obrigado!
Paulo Freire admirado,
Estrela sempre a brilhar.

79. João Goulart

miolo_vfinal.indd 430 16/07/2014 12:45:22



7.6. Cinquenta anos de Angicos e do Programa Nacional de Alfabetização (cronologia)

Moacir Gadotti
Presidente de Honra do Instituto Paulo Freire e professor aposentado da Universidade de São Paulo (USP)

O analfabeto político
O pior analfabeto é o político.
Ele não ouve, não fala,
nem participa dos acontecimentos políticos.
Ele não sabe que o custo de vida, o preço do
feijão, do peixe, da farinha, do
aluguel, do sapato e do remédio
dependem das decisões políticas.
O analfabeto político é tão burro que
se orgulha e estufa o peito dizendo
que odeia a política.
Não sabe o imbecil que, da sua ignorância
política, nasce a prostituta, o menor
abandonado, o assaltante e o pior
de todos os bandidos, que é o
político vigarista, pilantra, corrupto
e lacaio das empresas
nacionais e multinacionais.
Bertolt Brecht (1898-1956)

miolo_vfinal.indd 431 16/07/2014 12:45:22

1947 Paulo Freire assume a direção do setor de Educação e Cultura do Serviço Social da Indústria (Sesi). Em contato com adultos e trabalhadores analfabetos, convenceu-se de que o país não se desenvolveria sem equacionar primeiro a questão da alfabetização de jovens e adultos.

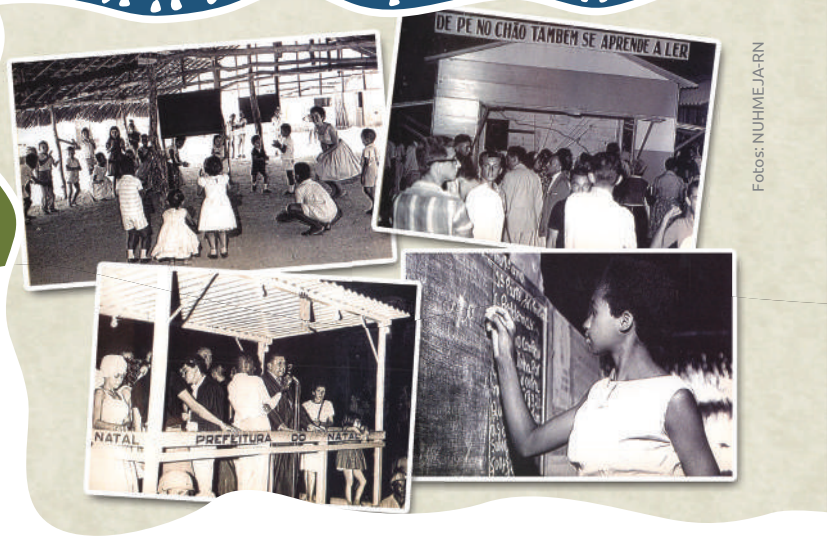
1958 **9 a 16 de julho** – Paulo Freire apresenta as bases teóricas de seu sistema de alfabetização de adultos no II Congresso Nacional de Educação de Adultos, realizado no Rio de Janeiro, como coordenador do relatório do grupo de trabalho *A Educação de Adultos e as populações marginais: o problema dos mocambos*. Este relatório "é o germe de toda a literatura ético-político-crítica de Paulo da educação para a transformação" (FREIRE, 2006, p. 126).

1959 Paulo Freire apresenta sua tese de concurso para a cadeira de História e Filosofia da Educação na Escola de Belas-Artes de Pernambuco, com o título *Educação e atualidade brasileira*. Trata-se da "primeira elaboração sistemática" de seu pensamento, cujos "eixos e categorias iriam perpassar toda sua obra" (ROMÃO, 2001, p. XIII).

1960 **13 de maio** – Fundação do Movimento de Cultura Popular (MCP) em Recife, na gestão do recém-empossado prefeito Miguel Arraes com 90 sócios-fundadores, tendo Germano Coelho como um de seus idealizadores e Paulo Freire como um de seus membros mais atuantes. Os ideais do MCP se espalharam rapidamente por diversos estados do Nordeste. O MCP associava a cultura popular à luta política, conscientizando as massas e alfabetizando por meio de Círculos de Cultura. Sediou a primeira experiência do Sistema Paulo Freire no Centro Dona Olegarinha, em 1962, e o I Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular, promovido pelo MEC, em 1963.

Paulo Freire, em 1949, durante atividade do setor de Educação do Sesi

Campanha *De pé no chão também se aprende a ler*, que matriculou 17 mil alunos, aliando alfabetização, valorização cultural e iniciação profissional, em 1961



Fotos: NUHMEJA-RN

1961 **31 de janeiro –** Aluizio Alves toma posse como governador do estado do Rio Grande do Norte.

Fevereiro – Lançamento, em Natal, da Campanha *De pé no chão também se aprende a ler*, pelo secretário de Educação Moacyr de Góes (na gestão do prefeito Djalma Maranhão), entendendo a educação e a cultura como instrumentos de libertação.

21 de março – Por iniciativa da Igreja Católica, foi criado o Movimento de Educação de Base (MEB), por meio do Decreto nº 50.370. Trata-se de uma parceria entre o governo federal e a CNBB (Conferência Nacional de Bispos do Brasil) para contribuir com o processo de alfabetização de adultos, utilizando a rede de emissoras católicas, promovendo a valorização do ser humano e o desenvolvimento das comunidades.

Abril – A União Nacional dos Estudantes (UNE) cria o Centro Popular de Cultura (CPC), abrindo caminho para a politização das questões sociais. Seu objetivo era produzir e divulgar uma arte popular revolucionária, defendendo o engajamento político do artista para superar a alienação e a consciência ingênua das massas. Para isso, promovia a encenação de peças críticas de teatro em portas de fábricas, nas ruas e em sindicatos.

25 de agosto – Jânio Quadros deixa a presidência da República, que exercia desde o dia 31 de janeiro daquele ano.

7 de setembro – Posse do presidente João Goulart, que exerceu o mandato até o dia 1º de abril de 1964 (golpe militar).

miolo_vfinal.indd 433 16/07/2014 12:45:31

1962 **Janeiro –** Paulo Freire cria o Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife (SEC/UR) e, junto com sua equipe, assessora a Campanha de Educação Popular da Paraíba (Ceplar), estabelecida em João Pessoa por estudantes universitários e profissionais recém-formados para a alfabetização de adultos.

13 de abril – João Goulart assina, em Washington, o *Acordo Brasil-Estados Unidos sobre o Nordeste*.

18 de setembro – Darcy Ribeiro assume o Ministério da Educação, exercendo o mandato até 23 de janeiro de 1963.

Setembro (meados do mês) – Calazans Fernandes, secretário de Educação do estado do Rio Grande do Norte e coordenador do Serviço Cooperativo de Educação do Rio Grande do Norte (SECERN), e Maria José Monteiro, ex-aluna de Pedagogia de Paulo Freire, encontram-se com ele no Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife para falar sobre o projeto de alfabetização de adultos em Angicos.

Setembro (final do mês) – Na casa de Paulo Freire (Rua Alfredo Coutinho, 79, Recife), Aluizio Alves, Calazans Fernandes e Maria José Monteiro se reúnem com ele, dando o aceite para participar do projeto, com duas condições: autonomia para contratar coordenadores e alfabetizadores e não interferência político-pedagógica e ideológica (Paulo Freire temia que o fato de os recursos virem do programa Aliança para o Progresso pudessem interferir no seu trabalho).

"O Estudante Face A Realidade Brasileira": Curso Começa A 23

Serviço De Extensão Cultural Realizará Curso - Experiência

Atividades Do Serviço De Extensão Cultural Foram Muitas Em 1962

Reprodução

Repercussão na imprensa das atividades do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife (SEC/UR), dirigido por Paulo Freire

Uma das raras fotos de Paulo Freire em sala de aula, em 1963

Dezembro – Marcos Guerra, estudante de Direito e presidente da União Estadual dos Estudantes do RN, a pedido de Paulo Freire, forma a equipe de alfabetizadores (monitores) para o Programa de Alfabetização de Angicos, uma parceria entre o Serviço Cooperativo de Educação do Rio Grande do Norte (SECERN) e o Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife (SEC/UR), do qual Paulo Freire era diretor. O trabalho se inicia com o levantamento do número de analfabetos de Angicos e com a pesquisa do "universo vocabular" (palavras e Temas Geradores).

3 de dezembro – Celebração do convênio entre o MEC, a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), o estado do Rio Grande do Norte e a USAID (United States Agency for International Development), dentro dos propósitos da Aliança para o Progresso.

1963

Janeiro – Seleção dos 21 coordenadores (alfabetizadores) dos Círculos de Cultura, entre eles Madalena Freire, Marcos Guerra e Carlos Lyra. Formação da equipe, com a colaboração de Elza Freire.

18 de janeiro – Lançamento do projeto, com a aula inaugural da *Experiência de Angicos* e a presença de Aluizio Alves: 380 moradores começam a sua alfabetização.

24 de janeiro – Primeira aula regular do projeto, sobre o tema "Conceito antropológico de cultura", iniciando a primeira das 40 horas de Angicos.

miolo_vfinal.indd 435 16/07/2014 12:45:37

Fotos: Carlos Lyra

Educandos em Círculo de Cultura durante a Experiência das 40 horas em Angicos (RN), no ano de 1963

28 de janeiro – Primeira aula de alfabetização, começando pela palavra geradora "belota". Belota era "uma corruptela local da palavra borlota e designava um enfeite usado em redes e nos rebenques de couro, muito comuns na região" (BEISIEGEL, 2010, p. 51).

Fevereiro e março – As aulas foram sendo dadas ao mesmo tempo em que aconteciam as reuniões de Formação Continuada dos coordenadores dos Círculos de Cultura, refletindo sobre a sua prática.

2 de abril – Cerimônia de entrega de certificados aos que haviam se alfabetizado (300 pessoas), com a presença do presidente da República João Goulart, de vários governadores do Nordeste e de representantes da Aliança para o Progresso, na qual também falou Aluizio Alves, Paulo Freire e o ex-analfabeto Antônio Ferreira. A aluna mais idosa, Maria Hermínia, entregou cartas escritas pelos participantes do curso ao presidente. Formava-se, assim, a primeira turma de Angicos. Nessa ocasião, foi notada a presença do marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, fardado, comandante da Região Militar no Recife, que, ao final da aula, teria dito a Calazans Fernandes: "Meu jovem, você está engordando cascavéis nesses sertões" (FERNANDES; TERRA, 1994, p. 18).

Abril – Com o término da experiência, saem os resultados da avaliação do aprendizado da Experiência de Angicos: 300 participantes são considerados alfabetizados, com 70% de aproveitamento no "Teste de alfabetização", e 87% no "Teste de politização" (LYRA, 1996, p. 171).

Abril-junho – A revista *Estudos Universitários*, da Universidade do Recife (nº 4), publica os primeiros estudos sobre o Sistema Paulo Freire, com ensaios de Jarbas Maciel, Jomard Muniz de Britto, Aurenice Cardoso, um artigo de Pierre Furter e outro de Paulo Freire sobre "Conscientização e Alfabetização", no qual ele rebate críticas da imprensa conservadora que o acusava de confundir alfabetização com politização.

miolo_vfinal.indd 436 16/07/2014 12:45:41

Maio – A cidade de Angicos teve sua primeira greve. Os proprietários rurais chamam a experiência de Paulo Freire de "praga comunista" (FERNANDES; TERRA, 1994, p. 126).

29 de maio – Em carta a Aluizio Alves, o embaixador norte-americano Lincoln Gordon recomenda que o "programa de Angicos para a eliminação do analfabetismo" seja adotado em todos os estados brasileiros.

Junho – Lançamento do filme *As 40 horas de Angicos*, de Luiz Lobo. A produção do Serviço Cooperativo de Educação do Rio Grande do Norte (SECERN) mostra a Experiência de Angicos, uma "primeira fase" do programa de alfabetização por meio de um "método simples, claro e eficiente" que, "matando a fome da cabeça" e "transformando Angicos numa comunidade forte, consciente e empreendedora", forma pessoas para "contribuir com as magnas decisões da Pátria".

2 de junho – Repercute a reportagem do jornal *The New York Times* sobre a Experiência de Angicos. Deslocaram-se para Angicos representantes de outras publicações, entre elas *Herald Tribune, Sunday Times, Le Monde, Time Magazine, United* e *Associated Press.*

18 de junho – Paulo de Tarso Santos assume o Ministério da Educação, exercendo o mandato até 21 de outubro de 1963. Darcy Ribeiro, seu antecessor, recomenda chamar Paulo Freire a Brasília, para conceber um Programa Nacional de Alfabetização (PNA) baseado na Experiência de Angicos.

16 de julho – A Portaria Ministerial nº 195 institui, junto ao gabinete do ministro da Educação, a Comissão de Cultura Popular, "com o objetivo de implantar, em âmbito nacional, novos sistemas educacionais de cunho eminentemente popular, de modo a abranger áreas ainda não atingidas pelos benefícios da educação". Paulo Freire é nomeado presidente desta Comissão. Sua primeira tarefa foi fazer um levantamento nacional do número de analfabetos para subsidiar o futuro Programa Nacional de Alfabetização. O número de analfabetos de 15 a 45 anos, em setembro de 1963, era de 20.442.000.

Julho – Celso Beisiegel, docente do Centro Regional de Pesquisas Educacionais (CRPE) de São Paulo, juntamente com Walter Esteves Garcia e Luiz Pereira, viaja a Angicos para conhecer a experiência de alfabetização de adultos na cidade, observando o funcionamento dos Círculos de Cultura para realizar estudos com o mesmo método no município paulista de Osasco. Na Vila Helena Maria (Osasco), tal prática foi uma iniciativa dos estudantes da Ação Popular (AP), que lideravam a União Estadual de Estudantes (UEE) e contataram diretamente Paulo Freire (BEISIEGEL, 1974, p. 171-172).

miolo_vfinal.indd 437 16/07/2014 12:45:41

15 a 21 de setembro – Realização, em Recife, do I Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular, convocado pelo MEC, com a participação de educadores, artistas, políticos, estudantes, trabalhadores, sindicalistas, religiosos, entre outros atores, que se uniram com o objetivo de transformar a sociedade brasileira por meio da educação e da cultura.

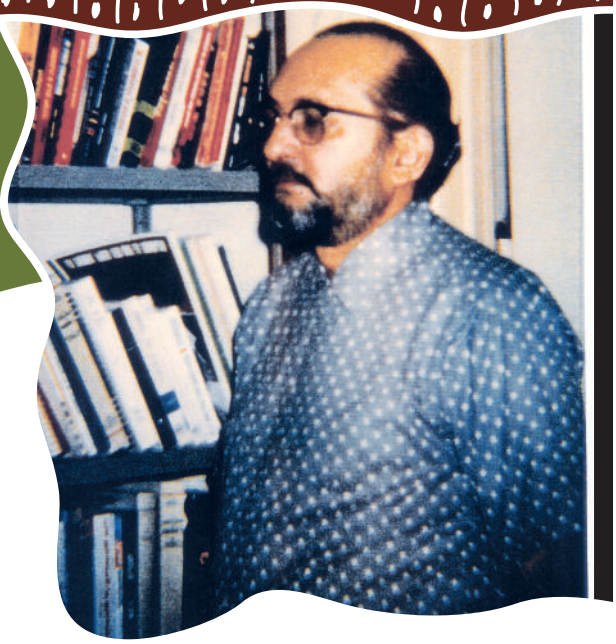
Outubro – Um grupo da embaixada norte-americana visita o governador Aluizio Alves, em Natal, para preparar a visita do presidente John Kennedy a Angicos, programada para dezembro daquele ano (Kennedy seria assassinado em Dallas, no dia 22 de novembro).

21 de outubro – Júlio Furquim Sambaqui assume o Ministério da Educação, exercendo o mandato até 6 de abril de 1964.

Segundo semestre – Paulo Freire se torna membro do Conselho Municipal de Educação de Recife e presidente da Comissão Nacional de Cultura Popular (MEC), em Brasília. A Experiência de Angicos é levada para algumas cidades: Quintas, Mossoró, Caicó, Macau, Osasco, Belo Horizonte, Goiânia, Brasília, Aracaju, Porto Alegre, entre outras, como "projeto-piloto" do Programa Nacional de Alfabetização (PNA). Paulo Freire percorre o país estruturando o Programa Nacional de Alfabetização, que seria iniciado oficialmente na Baixada Fluminense (RJ), e em Sergipe, no início de 1964. Antes mesmo do decreto de criação do PNA, o Sistema Paulo Freire de Alfabetização já estava sendo aplicado em várias capitais e na zona rural de Alagoas, pela Campanha de Educação Popular da Paraíba (Ceplar). Antes mesmo da criação formal do PNA (1964), Paulo Freire já havia iniciado a sua implantação. Foi assim com o Círculo de Cultura de Gama (Distrito Federal), inaugurado com a presença do ministro da Educação, Paulo de Tarso, em setembro de 1963. Ao lado de Angicos, a experiência de Brasília se constituiu no ponto de partida para a implementação do Sistema Paulo Freire de Alfabetização em todo o país.

Paulo de Tarso, ministro da Educação, e Paulo Freire, durante visita ao Círculo de Cultura em Gama (DF), em setembro de 1963

miolo_vfinal.indd 438 16/07/2014 12:45:44



Paulo Freire na biblioteca da Universidade de Harvard (EUA), em 1969

1964 **21 de janeiro –** O Decreto nº 53.465, de 21 de janeiro de 1964, institui o Programa Nacional de Alfabetização, consagrando o "Sistema Paulo Freire para alfabetização em tempo rápido". O Programa Nacional de Alfabetização previa a "cooperação e os serviços" de "agremiações estudantis e profissionais, associações esportivas, sociedades de bairro e municipalistas, entidades religiosas, organizações governamentais, civis e militares, associações patronais, empresas privadas, órgãos de difusão, o magistério e todos os setores mobilizáveis". Desde seus primeiros escritos, e na sua práxis político-pedagógica, Paulo Freire preconizava a necessidade da participação popular na luta contra o analfabetismo. O programa previa a criação de 60.870 Círculos de Cultura, cada um com duração de três meses, em todas as unidades da Federação, para alfabetizar, em 1964, 1.834.200 analfabetos na faixa entre 15 e 45 anos. A sua implantação efetivar-se-ia por meio de projetos-piloto nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste. O PNA representava um salto qualitativo em relação às campanhas de alfabetização anteriores.

27 de janeiro – O MEC designa Paulo Freire e outros membros para a Comissão Especial do Programa Nacional de Alfabetização, sob a presidência do próprio ministro (Portaria nº 72, de 27 de fevereiro de 1964). A Portaria nº 92, de 16 de março, designa Paulo Freire para exercer as funções de substituto eventual do presidente da Comissão Especial.

miolo_vfinal.indd 439 16/07/2014 12:45:48

10 de março – A polícia do estado da Guanabara (no Rio de Janeiro) apreende a cartilha didática de pós-alfabetização *Viver é Lutar* do Movimento de Educação de Base (MEB), publicada em 1963.

14 de abril – Logo após o golpe de Estado de 1º de abril de 1964, o Decreto nº 53.886, de 14 de abril de 1964, extingue o Programa Nacional de Alfabetização. Ranieri Mazzilli, presidente em exercício, por meio deste ato afirma que extinguiu esse Programa considerando a necessidade de "reestruturar o planejamento para a eliminação do analfabetismo no país" e para "preservar as instituições e tradições de nosso país". O presidente João Goulart havia marcado a inauguração oficial do Programa, simbolicamente, no dia 13 de maio, na praça principal de cidade de Caxias (RJ). Nesta mesma data, o MEC, por meio da Portaria nº 237, "revogava todas as portarias anteriores e divulgava, pela imprensa, um levantamento do material usado na campanha de alfabetização, com o 'arrolamento de um vasto equipamento fotográfico, avaliado em vários milhões de cruzeiros e publicações de caráter subversivo' que seriam, em seguida, expostas à visitação" (BEISIEGEL, 1974, p. 171).

15 de abril – Posse do marechal Humberto de Alencar Castelo Branco na presidência da República.

16 de junho – Paulo Freire foi preso e passou 72 dias em uma cadeia do quartel de Olinda, acusado de "subversivo e ignorante". Detalhe: na prisão, um dos oficiais responsáveis pelo quartel, sabendo que ele era professor, solicitou a Paulo Freire alfabetizar alguns recrutas. Paulo Freire lhe explicou que foi exatamente porque queria alfabetizar que fora preso. Alguns de seus alunos também foram presos e passaram por outras dificuldades depois da Experiência de Angicos, considerada "subversiva" e, mais tarde, também extinta.

Setembro – Paulo Freire partiu para o exílio. Depois de uma rápida passagem pela Bolívia, não suportando a altitude, em novembro de 1964 embarca para o Chile para trabalhar no *Instituto de Capacitación y Investigación de la Reforma Agraria* (Icira), no qual permaneceu até 1969. Retorna ao Brasil apenas no final de 1979 e, definitivamente, no ano seguinte.

1969 Leciona na Universidade de Harvard (USA) por 11 meses.

1970 Transfere-se para Genebra (Suíça), para trabalhar no Conselho Mundial de Igrejas.

miolo_vfinal.indd 440 16/07/2014 12:45:49

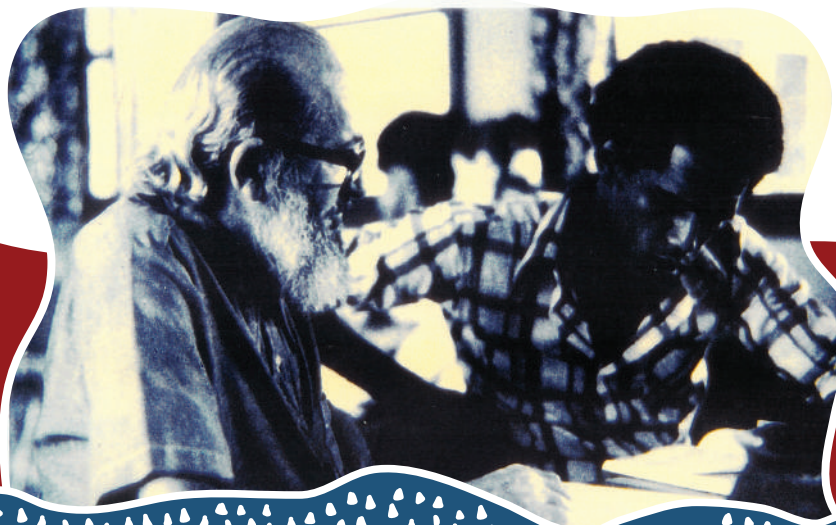
1971 Funda, com outros exilados, o Instituto de Ação Cultural (Idac), em Genebra. Dedica-se, de modo especial, ao trabalho com educação em alguns países africanos.

1975-1979 Atua, com a equipe do Idac, nos programas de educação e alfabetização de Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola e São Tomé e Príncipe, na África.

1979 Obtém o seu primeiro passaporte e visita São Paulo, Rio de Janeiro e Recife.

1980 Retorna definitivamente ao Brasil, depois de 16 anos de exílio.

1983 **21 de maio** – Em entrevista à TV Universitária de Natal, Paulo Freire afirma: "Uma das exigências que eu fazia era de que as nossas relações se travariam entre universidade e Secretaria da Educação, e não através de nenhum representante da Aliança para o Progresso. A minha tese era a seguinte: eu não aceito coisa alguma da Aliança para o Progresso, mas não tenho nada contra usar o dinheiro que ela pensa que é dela, mas que não é, porque no fundo o dinheiro da Aliança para o Progresso era o dinheiro que voltava ao Brasil, ainda mais em termos de favor, mas o dinheiro nosso, o dinheiro dessa área subdesenvolvida, que não é subdesenvolvida só porque é explorada, dominada. Então, por que não aproveitar esse dinheiro no retorno, desde que a gente pudesse assegurar o que fazer com ele? A minha posição era essa: se eu tenho autoridade sobre o que se vai fazer no projeto, eu não quero saber se esse dinheiro vem da Aliança ou vem do japonês" (LYRA, 1996, p. 182).



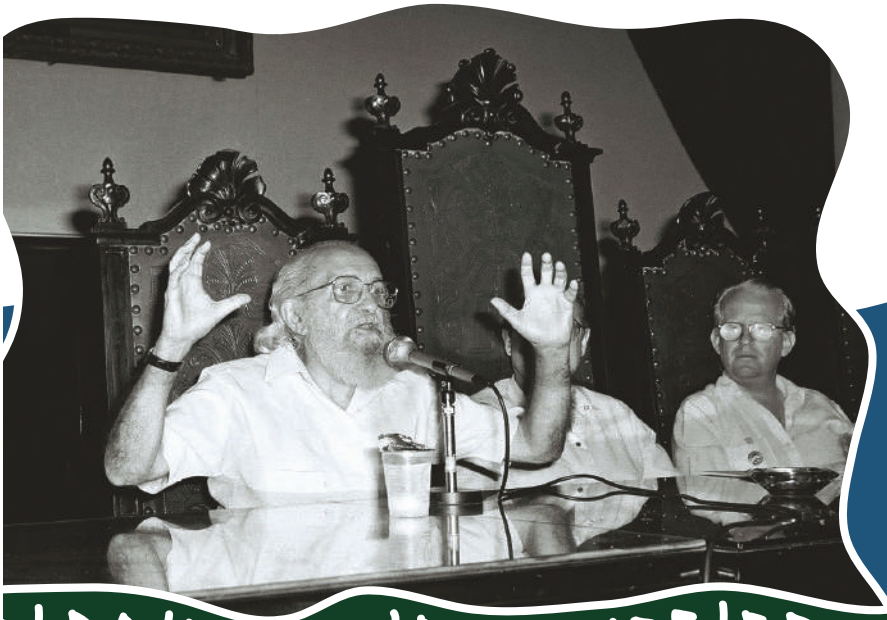
Paulo Freire e o coordenador de alfabetização do Ministério da Educação da República de Guiné-Bissau, em 1976

miolo_vfinal.indd 441 16/07/2014 12:45:50

1989 Pela primeira vez na história brasileira, uma mulher nordestina, das classes populares, foi eleita por um partido de esquerda (PT) para governar a cidade de São Paulo, a maior metrópole da América do Sul, no período de 1989 a 1992. Rompendo com a tradição brasileira centralizadora e excludente, ela propõe a gestão democrática. Durante o governo de Luiza Erundina, Paulo Freire assume o cargo de secretário de Educação e cria, juntamente com representantes dos movimentos populares, o Programa MOVA-SP (Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos da Cidade de São Paulo), com o objetivo de promover um amplo movimento de alfabetização em parceria com a sociedade civil (Decreto nº 28.302, de 21 de novembro de 1989).

1991 Paulo Freire se afasta da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo e participa da criação do Instituto Paulo Freire (IPF).

1993 Encerra-se a gestão de Luiza Erundina na Prefeitura de São Paulo. Quando assume Paulo Maluf, eleito por um partido de direita, há um retrocesso em relação aos avanços conquistados na gestão anterior, retomando a gestão centralizada, sem participação popular. O prefeito eleito rompe os convênios de apoio ao Projeto MOVA-SP. No entanto, o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos, mesmo enfrentando muitas dificuldades e lutando para sobreviver com recursos próprios, resiste bravamente e se propaga Brasil afora.



Lançamento do Programa MOVA-SP, criado por Paulo Freire enquanto secretário municipal da Educação de São Paulo, em 1989

Reunião, em 1994, no Instituto Paulo Freire. (*Da esq. para a dir.*): Sonia Couto, José Eustáquio Romão, Paulo Freire, Ângela Antunes, Paulo Roberto Padilha e Moacir Gadotti

28 de agosto – 30 anos depois, Paulo Freire e sua esposa Ana Maria Araújo Freire, acompanhados por Carlos Alberto Torres e Moacir Gadotti, fundadores do Instituto Paulo Freire (1991), visitam Angicos, reencontrando-se com antigos alunos e monitores. Entre eles, estavam Marcos Guerra e o ex-analfabeto Antônio Ferreira, que, na histórica visita de João Goulart a Angicos, discursou em nome dos colegas.

1996 Fernando Henrique Cardoso cria o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (Fundef) e golpeia fortemente a Educação de Jovens e Adultos (EJA), com o veto ao inciso II do artigo 2º, que permitia aos estados e municípios a inclusão dos alunos matriculados no Ensino Supletivo como alunos regulares do Ensino Fundamental, para efeito da distribuição dos recursos do referido Fundo, contrariando a garantia do direito explicitado nos incisos do art. 4º da LDB (Lei de Diretrizes e Bases) – Lei nº 9.394/96.

1997 **22 de abril** – Paulo Freire dá sua última aula na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo. Falece no Hospital Albert Einstein (SP) no dia 2 de maio, vítima de um infarto agudo do miocárdio.

2001 **Janeiro** – A prefeita Marta Suplicy (PT) assume o governo da cidade com propostas de gestão democrática e participativa. A parceria entre o MOVA-SP e a Prefeitura de São Paulo é retomada, por meio do Decreto nº 41.109/2001 e regulamentada pela Portaria nº 5.327, de novembro de 2001. Numa atividade organizada pelo Instituto Paulo Freire na primeira edição do Fórum Social Mundial, discute-se a criação de uma Rede de MOVAs e a criação do Fórum Mundial de Educação. Até 2012, foram realizados 11 encontros nacionais dos MOVAs.

miolo_vfinal.indd 443 16/07/2014 12:45:56

2002 O Instituto Paulo Freire é contemplado pelo Programa *Petrobras Social: Geração da Paz* com o Projeto JOV*em*PAZ: construção intercultural da paz e da sustentabilidade, tratando de temáticas como sustentabilidade e cultura da paz, Carta da Terra e Agenda 21, cultura, política e comunicação, formando os jovens por meio de Círculos de Cultura (virtuais e presenciais), de oficinas sobre rádio comunitária, jornal escolar e grêmios estudantis, para atuarem como educadores sociais nas comunidades em que viviam. O colegiado da Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora do Brasil (RAAAB) e a coordenação nacional dos MOVAs se reúnem no IPF para escrever um manifesto em defesa dos compromissos do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva para erradicar o analfabetismo, tomando como proposta o MOVA-Brasil.

2003 É criada, no MEC, a Secretaria Nacional de Erradicação do Analfabetismo, hoje Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi). Desde que foi criada, a Secadi manteve um diálogo permanente com os Fóruns Estaduais da EJA e tem apoiado os Encontros Nacionais de Educação de Jovens e Adultos (Enejas), bem como os Encontros da REDE MOVA BRASIL.

Inspirado no Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos da cidade de São Paulo (MOVA-SP), existente desde 1989, o Instituto Paulo Freire (IPF), em parceria com a Petrobras e a Federação Única dos Petroleiros (FUP), consegue concretizar a ideia do Projeto MOVA-Brasil, como parte do Programa Fome Zero do governo federal, concentrando-se, principalmente, na Região Nordeste – que apresenta o maior índice de analfabetismo do País.

Foto: Pedro Leite

Educanda Carmem Silva dos Santos durante a formatura do Projeto MOVA-Brasil em Aracaju (SE), no ano de 2006

Divulgação

Agosto – Aconteceu o 3º Encontro Nacional de MOVAs, em Goiânia. Cria-se a Rede dos Movimentos de Alfabetização do Brasil (REDE MOVA BRASIL). Naquele momento, já existiam MOVAs municipais, intermunicipais, estaduais e interestaduais. Assim, o IPF apoiou a iniciativa de criar uma rede nacional de MOVAs, com a finalidade de fortalecer o movimento em nível nacional, estabelecer um espaço de diálogo entre as diferentes experiências dos MOVAs e, ainda, contribuir para a ampliação de políticas públicas voltadas à Educação de Jovens e Adultos. A REDE MOVA BRASIL, incluindo o Projeto MOVA-Brasil, está organizada hoje em todas as regiões do país, como entidade própria, reunindo movimentos, projetos e programas de MOVAs como movimento autônomo da sociedade civil.

2005 **3 de setembro** – O então presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva esteve presente na cerimônia de entrega de certificados de alfabetização de 3 mil alunos do Projeto MOVA-Brasil em Angicos (RN), acompanhado pelo presidente da Petrobras, José Sérgio Gabrielli.

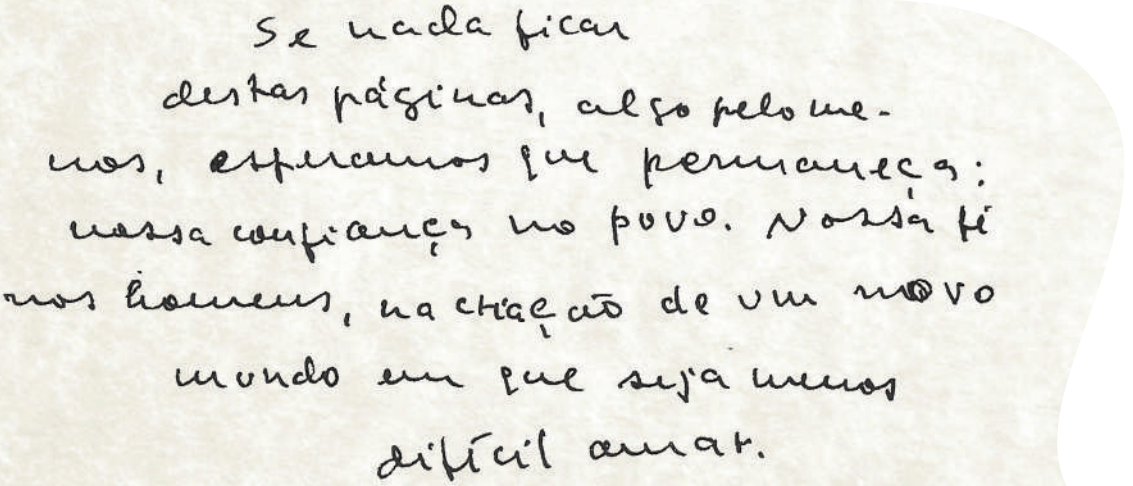
2009 **Dezembro** – Belém (Pará). Pela primeira vez, a Conferência Internacional de Educação de Adultos (Confintea), da Unesco, foi realizada em um país da América do Sul. Ela teve como ênfase central o papel da educação e da aprendizagem de adultos nos programas internacionais de desenvolvimento, especialmente aqueles relativos ao desenvolvimento sustentável. Participaram mais de 1.500 convidados, incluindo representantes de 156 países, de organizações internacionais, da sociedade civil e do setor privado, bem como estudantes adultos de várias partes do mundo.

miolo_vfinal.indd 445 16/07/2014 12:46:00

2012 Paulo Freire é declarado "Patrono da Educação Brasileira" pela Lei nº 12.612, de 13 de abril, assinada pela presidenta Dilma Rousseff. No dia 6 de novembro de 2012, o ministro da Educação Aloizio Mercadante cria a Comissão Organizadora do programa de comemorações *Paulo Freire – 50 anos de Angicos*.

2013 **2 de abril** – Celebração, em Angicos (RN), dos 50 anos da histórica entrega de certificados aos alfabetizandos da primeira turma da notável experiência de Paulo Freire naquele município, que teve a presença do então presidente da República João Goulart. O *Cinquentenário das 40 horas de Angicos*, com a participação do filho de Paulo Freire, Lutgardes Freire, foi lembrado no novo campus da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa), com debates e encontros com ex-alfabetizandos e ex-monitores do projeto.

Trecho final do livro *Pedagogia do oprimido (o manuscrito)*


Se nada ficar
destas páginas, algo pelo me-
nos, esperamos fique permaneça:
nossa confiança no povo. Nossa fé
nos homens, na criação de um novo
mundo em que seja menos
difícil amar.

miolo_vfinal.indd 446 16/07/2014 12:46:00

Referências

BEISIEGEL, Celso de Rui, 1974. *Estado e educação popular.* São Paulo: Pioneira.

BEISIEGEL, Celso de Rui, 1982. *Política e educação popular; a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil.* São Paulo: Ática (Coleção Ensaios, 85).

BEISIEGEL, Celso de Rui, 2010. *Paulo Freire*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana.

FERNANDES, Calazans; Antonia Terra, 1994. *40 horas de Esperança:* o Método Paulo Freire, política e pedagogia na experiência de Angicos. São Paulo: Ática.

FREIRE, Ana Maria Araújo, 2006. *Paulo Freire:* uma história de vida. Indaiatuba: Villa das Letras.

GADOTTI, Moacir (Org.), 1996. *Paulo Freire:* uma biobibliografia. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire.

GERHARDT, Heinz Peter, 1982. "Angicos – Rio Grande do Norte – 1962/63". *Educação & Sociedade*, ano 4, nº 14, maio de 1983. São Paulo: Cortez/Unicamp.

LYRA, Carlos, 1996. *As quarenta horas de Angicos:* uma experiência pioneira de educação. São Paulo: Cortez.

MANFREDI, Sílvia Maria, 1981. *Política e educação popular:* experiências de alfabetização no Brasil com o Método Paulo Freire – 1960/1964. São Paulo: Cortez.

PELANDRÉ, Nilcéa Lemos, 2002. *Ensinar e aprender com Paulo Freire:* 40 horas 40 anos depois. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire (Biblioteca freiriana, v. 2).

ROMÃO, José Eustáquio, 2001. "Paulo Freire e o pacto populista" (contextualização). In: Paulo Freire, 2001, *Educação e atualidade brasileira*. São Paulo: Cortez, p. XIII-XLVIII).

ROSAS, Paulo (Org.), 2002. *Paulo Freire:* educação e transformação social. Recife: Centro Paulo Freire/UFPE.

miolo_vfinal.indd 447 16/07/2014 12:46:00

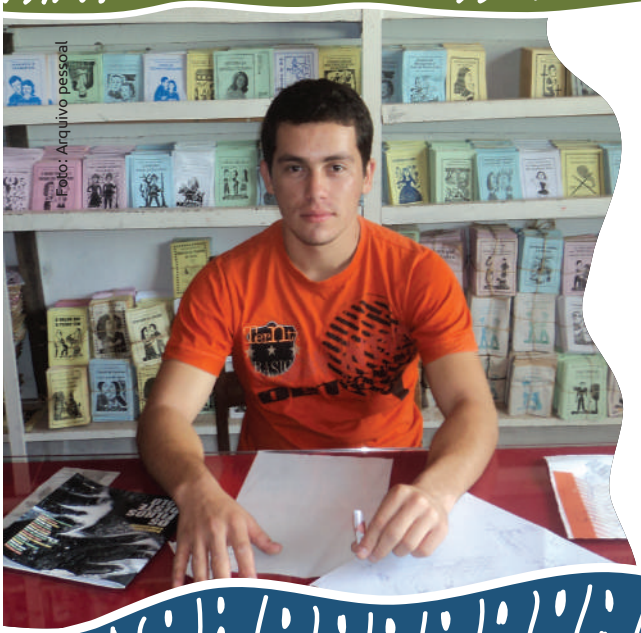


Foto: Arquivo pessoal

Autor da capa

Pablo Borges, nascido em 5 de março de 1994, desde os 7 anos de idade acompanha seu pai (J. Borges) na arte da xilogravura. Sobre a capa deste livro, gentilmente cedida ao Instituto Paulo Freire, Pablo explica:

"A xilogravura *Chuva no sertão* foi criada em 2009, para retratar a vida e a crise por água no sertão e no Nordeste do país. Quando sentei num canto e peguei a madeira para desenhar, pensei no sertão, no seu povo e no que lhes deixaria feliz. Decidi que a chuva lhes trazia felicidade, bons frutos e oportunidades".

miolo_vfinal.indd 448 16/07/2014 12:46:03